



Ana Márcia Santana de Oliveira

**A Compassividade e a Misericórdia de Deus.
Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon Sobrino**

Tese de Doutorado

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Teologia.

Orientador: Prof. Paulo Fernando Carneiro
de Andrade

Rio de Janeiro
30 de março de 2022



Ana Márcia Santana de Oliveira

**A Compassividade e a Misericórdia de Deus.
Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon
Sobrinho**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Orientador

PUC-Rio

Maria Clara Lucchetti Bingemer

PUC-Rio

Waldecir Gonzaga

PUC-Rio

Luís Carlos de Carvalho Silva

Congregação Redentoristas

Roberto Marcelo Silva

FCN

Rio de Janeiro, 30 de março de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Ana Márcia Santana de Oliveira

É natural de Tucano-BA. Leiga. Bacharelou-se em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1999. Especializou-se em Assessoria Bíblica no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da EST, no Rio Grande do Sul, em parceria com o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), no período de 2003-2005. Foi tutora do Curso de Teologia à Distância da PUC-RJ no período de 2000-2003. Foi professora auxiliar de Antropologia Teológica I e II na Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro entre 2001-2003. Participou do *Global Course for Lay Leadership Training: Peace building and conflict transformation Skills* promovido pela *Oikosnet* em junho de 2002 na Síria e em *Ayia Napa*, Ilha de Chipre, onde foi conferencista, conduzindo o Estudo Bíblico: *Retreat “to be instruments for Peace” – Ex 24, 1-18*.

Ficha Catalográfica

Oliveira, Ana Márcia Santana de

A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon Sobrino/ Ana Márcia Santana de Oliveira; orientador: Paulo Fernando Carneiro de Andrade. – 2022.

410 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Reino de Deus. 3. Princípio misericórdia. 4. Realidade. 5. Ética. 6. Opção pelas vítimas. 7. Profecia. 8. Mística. 9. Mistagogia. 10. Martírio. 11. Teologia da Libertação. I. Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD:200

Às vítimas da história, “o grande
relato” aos olhos de Deus.
Aos que assumem a causa do Reino de
Deus para descer da cruz os Povos
Crucificados.

Agradecimentos

A Jesus Cristo, Crucificado-Ressuscitado, que por sua vida e seu caminho, imbuído da força do Espírito, revelou a Misericórdia e Compaixão do Pai no serviço à causa do Reino de Deus.

À PUC-Rio, ao Capes e à Faperj, pelo necessário apoio financeiro neste longo período de estudo, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu orientador Professor Paulo Fernando Carneiro de Andrade, por sua amizade, dedicação e paciência para a realização deste trabalho.

Aos Professores Maria Clara L. Bingemer, Waldecir Gonzaga, Luis Carlos S. de Souza e Roberto Marcelo da Silva, membros da Banca Examinadora, pela disponibilidade em analisar esta pesquisa.

A toda humanidade, a todas as vítimas da globalização e da sociedade de hiperconsumo, que se deixam conduzir pelo Deus da Vida e da Esperança.

A meu pai, Eurico Nunes (*in memoriam*) e à minha mãe, Ana do Carmo (*in memoriam*), que no amor terno me geraram. Às minhas irmãs Diana S. Oliveira (*in memoriam*) e Eliane S. de Oliveira (*in memoriam*), que perdi nesta etapa de doutorado. A meus irmãos e irmãs que compartilham com alegria desta nossa conquista. Que a formação cristã e orientação no caminho da justiça e da solidariedade que recebemos de nossos pais se fortaleçam cada vez mais.

À Congregação Franciscana de Dillingen, na qual fui membro ativo por 30 anos, por todos os momentos de convivência e partilha.

A Ir. Cláudia Schmid (*in memoriam*), que com seu espírito entusiástico e libertador, muito contribuiu em meu percurso teológico, animando-me sempre a persistir e avançar.

Às Comunidades Eclesiais de Base, onde pastoreei, pois todas me proporcionaram o crescimento e o desejo de prosseguir na profissão teológica.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC-RJ, pela acolhida e transmissão dos conhecimentos adquiridos.

Às professoras Kelly Cominotti e Marise Conrado, pela insigne ajuda na revisão e formatação dos textos.

Aos meus familiares, amigas e amigos que, de uma forma ou de outra, me estimularam, me ajudaram e torceram para que eu alcançasse esta etapa.

Resumo

Oliveira, Ana Márcia Santana de; Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. **A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon Sobrino.** Rio de Janeiro, 2021. 412p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Deus de Jesus Cristo nos convoca sempre a optar pelas vítimas deste mundo. À luz da experiência vivenciada, é uma decisão responsável refletir a Compassividade e a Misericórdia de Deus para com as vítimas da história que, pondo em jogo de forma engajada toda a vida, permite assumir a carga da realidade, carregá-la e encarregar-se de sua transformação libertadora. Significa que “fazer teologia a partir de testemunhas enriquece e aprofunda a teologia de textos”. Portanto, torna-se relevante crer para entender, bem como entender para crer. Esta Tese de Doutorado, cujo tema versa *A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon Sobrino*, concentra-se na esperança das vítimas e na promessa de resgatá-las como chave de leitura hermenêutica teológica. Reconhecemos e afirmamos que na Teologia de Jon Sobrino existe uma urgente necessidade do zelo teológico centrado no Mistério da presença misericordiosa de Deus na história. Neste sentido, amplia-se o olhar para os novos rostos de vítimas ao redor do mundo.

Palavras-Chave

Jon Sobrino; Misericórdia; Vítimas; Realidade; Testemunho; Teologia da Libertação; Igreja; Pobres; Ética; Profecia.

Abstract

Oliveira, Ana Márcia Santana de; Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. **God's Compassion and Mercy. An ethical-mystic-prophetic dimension of Jon Sobrino's**. Theology. Rio de Janeiro, 2021. 368p. Doctoral Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The God of Jesus Christ always calls us to stand for the victims of this world. In light of the empirical experience, it is a responsible decision to mirror God's Compassion and Mercy towards the victims of history, which, in an engagingly life, allows us to take on the burden of reality, carry it and take charge of its liberating transformation. This means, "making theology from witnesses enriches and deepens the theology of texts". Therefore, it becomes relevant to believe in order to understand, as well as to understand in order to believe. This Doctoral Thesis, "God's Compassion and Mercy. An ethical-mystic-prophetic dimension of Jon Sobrino's Theology" focuses on their hope and the promise to rescue them as a key to theological hermeneutic reading. We recognize and affirm that in Jon Sobrino's theology there is an urgent need for theological zeal centred in the mystery of the merciful presence of God in history. In this sense, it broadens his gaze to the new faces of victims around the world.

Key-Words

Jon Sobrino; Mercy; Victims; Reality; Testimony; Liberation Theology; Church; Poor; Ethics; Prophecy.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1 Introdução geral | 17 |
| 2 A realidade impregnada do mistério de Deus: o cenário atual da teologia latino-americana e suas interpelações | 53 |
| 2.1 A Teologia da Libertação Latino-Americana e seus desafios na contemporaneidade | 55 |
| 2.1.1 A Teologia da Libertação Latino-Americana e suas interpelações | 56 |
| 2.1.1.a. Uma Teologia radical, integral e distinta | 56 |
| 2.1.1.b. Desafios da atual Teologia Latino-Americana | 57 |
| 2.1.1.b.1. Manter-se numa postura lúcida e solícita | 57 |
| 2.1.1.b.2. Manter-se na fé que busca a inteligência | 58 |
| 2.1.1.b.3. Legitimidade do uso de uma mediação sociológica no interior do método teológico | 59 |
| 2.1.2 Indignação Ética e Direitos Humanos | 61 |
| 2.1.2.a Dom Hélder Câmara e o Pacto das Catacumbas | 63 |
| 2.1.2.b Na ação libertadora de Jesus, o pobre é critério para a profecia | 68 |
| 2.1.2.c. A intrínseca relação entre a opção pelos pobres e a misericórdia de Deus | 71 |
| 2.1.2.d. Ética da Vida: A caminho de um novo paradigma civilizatório | 72 |
| 2.1.2.e. Correntes críticas ao sistema imperante | 73 |
| 2.1.2.f. A corrente ecológica na sua dimensão social | 74 |
| 2.1.3 A TdL, uma ética e uma espiritualidade libertadora | 75 |
| 2.1.3.a. A TdL no contexto atual: De volta ao fundamento | 77 |
| 2.1.3.b. A TdL, uma espiritualidade de resistência | 78 |
| 2.1.3.c. A modo de conclusão | 79 |
| 2.2. A atualização do método da Teologia da Libertação latino-americana | 80 |
| 2.2.1. A autocomunicação de Deus como Imersão contemplativa e misericordiosa no sentido da compaixão | 82 |
| 2.2.1.a. A TdL e seu Método | 82 |
| 2.2.1.b. Ciência e Teologia: uma relação diferente | 83 |

| | |
|--|-----|
| 2.2.1.c. O reconhecimento da pluralidade de ordens | 84 |
| 2.2.1.d. A presença generosa e solidária de Deus | 85 |
| 2.2.1.e. Jesus Cristo, ápice da Revelação | 86 |
| 2.2.1.f. A modo de conclusão | 88 |
| 2.2.2. O ser humano, lugar onde a natureza se compreende como criação, alteridade de alteridade | 89 |
| 2.2.2.a. Um enfoque ao Método de Integração-O <i>crente</i> e o <i>outro</i> ante o Mistério de Deus na dinâmica e lógica de sua autorevelação | 90 |
| 2.2.2.b. O método de integração protege a transcendência de Deus e a racionalidade e liberdade do sujeito | 91 |
| 2.2.2.c. O ser humano é um sujeito irrepetível | 93 |
| 2.2.2.d. Assentimento à revelação divina: alteridade absoluta da sabedoria | 94 |
| 2.2.2.e. A modo de conclusão | 95 |
| 2.2.3. O ser humano em busca e à espera de um “Tu” a quem agradecer e com quem se reconhecer | 96 |
| 2.2.3.a. A Epistemologia do saber teológico: princípios teológicos fundamentais | 96 |
| 2.2.3.a.1. O ato <i>kenótico</i> de Deus e recepção do ser humano | 96 |
| 2.2.3.b. A pessoa de Jesus de Nazaré: comunicação única e definitiva de Deus | 98 |
| 2.2.3.c. No Mistério Trinitário, o ser humano se realiza. O cosmo, lugar de epifania e salvação | 98 |
| 2.2.3.d. Criados, ser humano e mundo são compartípes da vida de Deus | 99 |
| 2.2.3.e. O destino do cosmo e do ser humano é a ‘Salvação’ | 100 |
| 2.2.3.f. A modo de conclusão | 102 |
| 2.3. A ação quenótica (<i>kenosis</i>) do Mártir Jesus de Nazaré e dos Mártires Jesuânicos de ontem e de hoje e sempre | 104 |
| 2.3.1 A mística dos mártires jesuânicos e do povo crucificado | 106 |
| 2.3.1.a. O rosto humano de Deus nas vítimas: A relevância do Reino de Deus | 109 |
| 2.3.2 A realidade martirial centro-americana, impregnada do Mistério do Reino de Deus | 111 |

| | |
|--|-----|
| 2.3.2.a. O Mártir Jesus de Nazaré | 112 |
| 2.3.2.b. A Igreja necessita dos mártires | 114 |
| 2.3.2.c. Os Mártires Jesuânicos da UCA e os Povos crucificados | 117 |
| 2.3.2.d. A modo de conclusão | 119 |
| | |
| 3. O Deus da compaixão que se inclina sobre as vítimas: a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da igreja hoje | 120 |
| 3.1. De Medellín a Aparecida: uma postura ética, mística e profética | 123 |
| 3.1.a. Uma inteligência impregnada do Mistério | 127 |
| 3.1.b. Da realidade, irrompem os clamores das vítimas | 130 |
| 3.1.c. Interpelações da realidade atual | 132 |
| 3.1.d. A indignação ética | 133 |
| 3.1.2. A TdL latino-americana, marco geral de referência | 135 |
| 3.1.2.a. Jon Sobrino, um teólogo profeta | 137 |
| 3.1.2.b. O contexto vital do “fazer teológico” | 140 |
| 3.1.2.c. O tema das vítimas | 141 |
| 3.1.2.d. Sua vida, seu itinerário teológico | 143 |
| 3.1.2.e. O labor teológico de Jon Sobrino na perspectiva das vítimas desde a realidade | 145 |
| 3.1.2.f. Uma teologia trinitária que se inclina sobre as vítimas | 149 |
| 3.2. A teologia como <i>Intellectus amoris</i> , <i>Intellectus misericordiae</i> | 151 |
| 3.2.1. O Deus revelado em Jesus Cristo | 151 |
| 3.2.1.a. Jesus Cristo: O rosto humano de Deus nas vítimas | 152 |
| 3.2.1.b. Jesus Cristo, o Deus Crucificado-Ressuscitado que traz esperança às vítimas | 156 |
| 3.2.1.c. O anúncio do Reino de Deus: dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas | 161 |
| 3.2.1.d. Via nocional: a esperada utopia no meio da miséria humana | 164 |
| 3.2.1.e. Via do destinatário: Reino de Deus das vítimas | 166 |
| 3.2.1.f. Via da prática de Jesus | 168 |
| 3.2.2. A postura ética, mística e profética no labor teológico de Jon Sobrino | 170 |

| | |
|---|-----|
| 3.2.2.a. Sentir a indignação ética para contemplar o rosto de Deus nas vítimas | 171 |
| 3.2.2.b. A teologia como “ <i>intellectus amoris</i> ” e o “Princípio Misericórdia | 173 |
| 3.2.2.c. Mística do re-encantamento no mundo das vítimas | 185 |
| 3.2.2.d. Mística do Povo Crucificado | 185 |
| 3.2.2.e. Mística do seguimento | 188 |
| 3.2.2.f. Mística da cruz e do martírio | 191 |
| 3.2.3. Profecia e Testemunho no despertar da inumanidade para as não vítimas | 197 |
| 3.2.3.a. Profecia diante do clamor das vítimas | 199 |
| 3.2.3.b. Profecia e misericórdia: a reação de Deus | 202 |
| 3.2.3.c. Profecia e capacidade para carregar a realidade | 204 |
| 3.2.3.d. A perspectiva das vítimas ‘com olhos fixos em Jesus’ (Hb 12,2) | 206 |
| 3.2.3.e. A modo de conclusão | 208 |
| | |
| 4. Utopia e profetismo desde a América Latina ao mundo da Globalização: a <i>Ética</i> e a <i>Compaixão-Opção</i> pelas vítimas da história | 210 |
| 4.1. A ética e a compaixão solidária de Deus na esperança de mulheres e homens novos | 212 |
| 4.1.1.a. A TdL como força ética e espiritual numa “cultura de amnésia” | 213 |
| 4.1.1.b. A principal tarefa atual da Teologia Latino-Americana da Libertação | 215 |
| 4.1.1.c. A ética da vida como valor absoluto | 216 |
| 4.1.1.d. A consciência de uma ética socioambiental | 216 |
| 4.1.2. Grandeza da ética: coragem de assumir riscos | 217 |
| 4.1.2.a. Encarar a <i>ingenuidade impiedosa</i> e precaver-se da <i>candura irrefletida</i> | 217 |
| 4.1.2.b. Agir eticamente diante da <i>pavorosa máscara do mal</i> | 218 |
| 4.1.2.c. Agir com justiça e responsabilidade para com o próximo | 220 |
| 4.1.2.d. Ética e realidade: Real é o amor | 221 |

| | |
|--|-----|
| 4.1.2.e. Agir com empatia e Compassividade | 222 |
| 4.1.3. A Revelação como um risco tremendo: <i>Incompletude</i> divina e humana | 223 |
| 4.1.3.a. Misericórdia-Compaixão (<i>esplagknizoma</i>): Uma “memória que grita por justiça”. | 227 |
| 4.1.3.b. O <i>Sentido</i> como resgate da Utopia e do Profetismo | 227 |
| 4.1.3.c. A misericórdia-compaixão-opção pelas vítimas da história | 229 |
| 4.1.3.d. Recordar com urgência o “Pacto da Catacumbas”. | 229 |
| 4.1.3.e. A importância central do <i>co-sentir</i> para a <i>ação</i> e para a <i>fé</i> | 230 |
| 4.1.3.f. A modo de conclusão | 233 |
| 4.2. A compaixão solidária de Deus na esperança de Mulheres e Homens Novos | 234 |
| 4.2.1. Breve contextualização da Teologia Feminista da Libertação | 236 |
| 4.2.1.a. Uma Teologia radical e integral | 236 |
| 4.2.1.b. Uma Teologia que privilegia as vítimas da história | 236 |
| 4.2.1.c. Origem histórica em dois cenários: mundo protestante e mundo católico | 237 |
| 4.2.1.d. O desígnio da Teologia Feminista e sua metodologia | 238 |
| 4.2.1.e. Uma contribuição para a teologia da integralidade | 238 |
| 4.2.1.f. Uma teologia que recupera a <i>feminilidade de Deus</i> | 239 |
| 4.2.2. <i>Aquela que É</i> : o tratado crítico de Deus e releitura do sofrimento de Deus à luz da Teologia Feminista | 240 |
| 4.2.2.a. Um olhar sob as <i>lentes da promoção feminina</i> | 241 |
| 4.2.2.b. Um olhar para outras formas de linguagem sobre Deus | 241 |
| 4.2.2.c. Um olhar ao sentido profético | 242 |
| 4.2.2.d. Um olhar para o método | 243 |
| 4.2.2.e. Um olhar para o critério e a finalidade | 244 |
| 4.2.2.f. Um olhar para o modelo e para a linguagem em relação a Deus | 244 |
| 4.2.3. Releitura da <i>kenosis</i> de Deus à luz da Teologia Feminista | 245 |

| | |
|--|-----|
| 4.2.3.a. Deus é afetado pelo sofrimento das vítimas | 245 |
| 4.2.3.b. Crítica ao símbolo religioso do Deus sofredor | 246 |
| 4.2.3.c. Mulheres, imagens do Crucificado | 247 |
| 4.2.3.d. O amor está vinculado ao sofrimento em Deus | 247 |
| 4.2.3.e. A comunhão, fonte de energia e solidariedade | 248 |
| 4.2.3.f. A solidariedade de Deus aponta para o futuro de esperança | 248 |
| 4.2.3.g. A perspectiva da libertação feminista | 249 |
| 4.2.3. h. Um Deus comprometido com o <i>humanum</i> | 250 |
| 4.2.4. A Compaixão Solidária de Deus na Esperança das Mulheres | 250 |
| 4.2.4.a. O evento Jesus de Nazaré | 250 |
| 4.2.4.b. Jesus Cristo, ponte que conduz Deus e o mundo | 251 |
| 4.2.4.c. Reflexão de Gênero | 252 |
| 4.2.4.d. Em Jesus Cristo, o Amor de Deus inclui “tudo e todos” | 252 |
| 4.2.4.e. A modo de conclusão | 253 |
| 4.2.5. Maria no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos: Uma esperança ecumênica | 254 |
| 4.2.5.a. Demonstração da realidade e seus desafios | 256 |
| 4.2.5.b. Maria, no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos | 258 |
| 4.2.5.c. Reconfiguração da Pessoa de Maria na Esperança Ecumênica | 260 |
| 4.2.5.d. A modo de conclusão | 261 |
| 4.3. Recordar, refletir e revivificar a compaixão-opção pelas vítimas da história | 264 |
| 4.3.1. Protestar é declarar amor às vítimas | 266 |
| 4.3.1.a. Recordar um ato político como bem-estar na cultura | 265 |
| 4.3.1.b. Refletir a crueldade humana como fonte do prazer | 266 |
| 4.3.1.c. A modo de conclusão: revivificar a teologia para curar as feridas das vítimas | 272 |
| 4.3.2. Universalidade da Misericórdia, do Martírio e da Compaixão- | |

| | |
|---|-----|
| Opção | 273 |
| 4.3.2.a. O irromper de uma nova conjuntura eclesial: A autorrevelação de Deus no testemunho das Comunidades | 273 |
| 4.3.2.b. Os sinais de uma Igreja Pobre e para os Pobres: A Revelação de Deus e sua dimensão sócio-comunitária | 274 |
| 4.3.2.c. A evangélica opção preferencial pelos pobres e vítimas da história: eixo dinamizador do diálogo inter-religioso | 275 |
| 4.3.2.c.1. Deus se revela como Misericórdia | 275 |
| 4.3.2.c.2. Jesus Cristo, Amor Incondicional de Deus | 276 |
| 4.3.2.c.3. Traços básicos das Cristologias da libertação | 278 |
| 4.3.2.c.4. O Cristo negro: enfoques da cristologia africana negra | 279 |
| 4.3.2.c.5. Recepção de Cristo e cristologias no contexto indiano | 281 |
| 4.3.2.c.6. Recepção de Jesus e enfoques cristológicos no contexto chinês | 283 |
| 4.3.2.c.7. Tarefa e método: orientação hermenêutica fundamental | 284 |
| 4.3.2.c.8. A encarnação do Filho de Deus, início da humanização do ser humano: Deus se faz o ser humano que nos torna mais humanos | 290 |
| 4.3.2.c.9. Tarefas da Pneumatologia hoje: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5:5) | 294 |
| 4.3.2.c.10. A doutrina da Graça: Graça é a criadora chegada do eterno amor de Deus no centro do eu do ser humano | 296 |
| 4.3.2.c.11. A Igreja é a missão de Deus para o serviço em prol da conciliação da humanidade | 300 |
| 4.3.2.c.12. Sacramentos, fontes de vida | 303 |
| 4.3.2.c.13. Escatologia | 306 |
| 4.3.2.c.14. Em Jesus Cristo, Deus se tornou “um de nós”. | 308 |
| 4.3.2.c.15. Proposta universal do Cristianismo: <i>olhos</i> e <i>ouvidos</i> abertos para um Cristianismo da Compaixão | 310 |
| 4.3.2.c.16. Onde está a Profecia? | 316 |

| | |
|--|-----|
| 5. Conclusão geral | 320 |
| 5.1 Excurso 1: a recepção do tema da Misericórdia e da evangélica opção pelos pobres no Pontificado de Francisco | 339 |
| 5.1.a. <i>Mysterium Misericordiae</i> : Papa Francisco e a atualidade do “evento Medellín” | 339 |
| 5.1.b. Perspectivas teológico-pastorais do Papa Francisco | 353 |
| 5.1.c. <i>Fratelli tutti</i> : uma forma de vida com sabor do evangelho | 356 |
| 5.2. As palavras não de ser como “emendas de ouro”, porque o verdadeiro Espírito de Misericórdia é o Espírito de Deus! | 362 |
| 5.2. a. As palavras não de ser como “emendas de ouro”. | 362 |
| 5.2.b. O verdadeiro Espírito de Misericórdia é o Espírito de Deus! | 382 |
| Referências bibliográficas | 405 |

1

Introdução geral

A perspectiva das vítimas é necessária para a teologia, pois os privilegiados de Deus e destinatários primeiros de sua revelação, os pobres e as vítimas, não podem fazer teologia (no sentido em que se entende convencionalmente). Quanto a nós, que podemos fazer teologia, somos os não-pobres, não-vítimas. Então, poderemos nós, as não-vítimas, fazer teologia cristã na perspectiva das vítimas?¹

A perspectiva da opção preferencial pelos pobres como lugar teológico vem ganhando espaço privilegiado na Igreja e, de modo especial, na América Latina e é um dos traços do rosto da nossa Igreja. A questão “o que significa, no mundo de hoje, fazermos a opção pelos pobres?” é retomada com vigor neste novo século.² Percebemos o “lugar teológico” como “realidade”, como “lugar social”. Melhor dizendo, o mundo dos pobres e dos oprimidos como lugar da revelação do Deus Bíblico, lugar da fé (práxis teologal) e de sua inteligência (teoria teológica).³ E, portanto, lugar fundamental da revelação, da fé e da teologia.⁴ Neste sentido, o lugar teológico é a realidade histórica na qual se crê que Deus e Cristo continuam fazendo-se presentes, pois a “teofania” se dá na “teopraxia”⁵ e a ação fundante da revelação de Deus é “uma ação libertadora das vítimas”.⁶

Na conjuntura atual da Igreja Católica Latino-Americana, percebe-se a necessidade de revigorar e cumprir seu compromisso evangélico com a causa da Justiça e o respeito aos Direitos Humanos. Destaca-se a centralidade da evangélica opção preferencial pelos pobres, “realidade que perpassa o Documento de Medellín e é reafirmada em Puebla, Santo Domingo e Aparecida”.⁷

¹ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 18-19.

² OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. (Org.). *A opção pelos pobres no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

³ AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*, p., 260.

⁴ AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*, p., 263.

⁵ ELLACURÍA, Ignacio. *Historicidad de la salvación Cristiana*. In: *Escritos Teológicos*. Tomo I. San Salvador: UCA, 2000, p., 535-596.

⁶ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 128.

⁷ Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.; LIBÂNIO, J. B. *Conferências gerais do episcopado latino-americano: Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Direitos Humanos e Doutrina Social da Igreja*. Rio de Janeiro, 02 de maio de 2011, p., 15.; PÁDUA, Lúcia Pedrosa. *A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla*. Em: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, set./dez. 2019, p., 1479-1502.

A Ética da Compassividade compreende o conceito da *Misericórdia* como propriedade de Deus e, como tal, se reflete na teologia da memória, cujo grito compassivo por justiça, é o outro que sofre. O método teológico latino-americano da TdL (Teologia da Libertação) como *Intellectus amoris*,⁸ permite-nos afirmar que volver o rosto para o outro é a única face da compaixão como resposta ao desespero dos sofredores, das vítimas da história de todos os tempos. E no mundo da globalização e da humanidade ferida atual, urge reafirmar que a postura ética do ‘co-sentir’ fortalece o ser humano na experiência da ação salvífica de Deus, mediada historicamente pela experiência de justiça e misericórdia divinas e pela experiência de empatia pelo próximo, especialmente, pelo próximo que sofre; e capacita-o a uma fé autêntica no Crucificado-Ressuscitado e a dialogar na alteridade.

Reavivar e reafirmar a reflexão sobre os pobres, “os povos crucificados”, as vítimas da história, continua pertinente e relevante. Neste sentido, recordamos a frase de J. B. Metz: “está se difundindo uma pós-modernidade cotidiana dos corações que arruma a pobreza e a miséria do assim chamado Terceiro Mundo em local sempre mais distante, sem rosto”.⁹ Urge uma “mística de olhos abertos” e da misericórdia. Uma mística¹⁰ que é participação no ser de Jesus. Melhor dizendo, uma mística jesuânica que, para nós, os seguidores e crentes, é única cristã. Portanto, esta pesquisa se concentra na esperança das vítimas deste mundo e na promessa de resgatá-las à luz da ética, da mística e da profecia como chave de leitura hermenêutica da tarefa teológica. O tema em questão – *A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética na Teologia de Jon Sobrino* – será articulado à luz das principais obras deste autor, bem como alguns textos do mesmo ou de outros autores, que contribuirão no aprofundamento.

⁸ SOBRINO, J. *A Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 2020.

⁹ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 15.; METZ, J. B. “Teología europea y teología de la liberación”. Em: COMBLIM, J. GONZÁLEZ-FAUS, J.I. SOBRINO, J. (eds.). *Cambio social y pensamiento Cristiano en América Latina*. Madrid, 1993, p., 268.

¹⁰ FAUS, José Ignacio González. Mística de La compasión: mística de ojos abiertos. Proporciones sobre La mística jesuánica. In: *Revista Latinoamericana de Teología*. Mayo-agosto/1999, Año XVI, p., 135-150.

A realidade¹¹ agracia a teóloga e o teólogo. A realidade suscita a responsabilidade ética e proporciona um desafio teológico radical. Sabemos que, desde o princípio, a irrupção do pobre e de Deus neles tornou-se central na Teologia da Libertação. Isso significa que a teologia deve carregar a realidade, mas uma realidade que também está agraciada e, portanto, pode conduzir a teologia. Reconhecemos que na Teologia de Jon Sobrino existe uma urgente necessidade do “zelo teológico”, centrado no Mistério da presença misericordiosa de Deus na história das vítimas e na experiência cristã como solidariedade efetiva com as mesmas. Por isso, o tema central se compõe na relação entre o Deus revelado em Jesus Cristo e o Deus em favor da vida das vítimas. Melhor dizendo, uma Mistagogia¹² do Crucificado-Ressuscitado. Sobrino utiliza muito o termo *Mistagogia* em seus textos. Esta palavra é de origem grega, composta do substantivo *mystes* (mistério), que talvez derive do verbo *myo* (“fechar os lábios, estar fechado”) e do verbo *ago* (“conduzir”). Etimologicamente, significa a ação de introduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa. Aquele que introduzia era chamado *mistagogo*; a pessoa introduzida e iniciada era chamada *mystes*. No Cristianismo, a mistagogia tem nova importância. Jesus introduziu os discípulos no mistério do Reino de Deus com símbolos e parábolas ricas. Ele era, ao mesmo tempo, mistério e mistagogo de seus seguidores (cf. Mt 11,25-27). Aqui, se perscruta e contempla o Deus crucificado que torna acreditável o Deus que dá a vida aos mortos, porque se revela como um Deus de Amor e, por isso, como Esperança para os crucificados da história.¹³

Percebemos que a teologia de Sobrino está permeada de “ética, mística e profecia”, através de seu profetismo teológico. E concordamos que o profetismo enfatiza o elemento ético do divino, isto é, do ‘santo’, e nele se dá a síntese equilibrada de mística e profecia, posto que no profeta se junta a experiência do *fascinsum et tremendum* com os elementos éticos, sociais e políticos. “Jesus é a suprema mediação histórica de Deus, também a suprema síntese de mística e profecia. A experiência místico-profética que Jesus tem de Deus é também a

¹¹ SOBRINO, J. *Teologia e Realidade*. In: SUSIN, L. C. (Org.) *Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes, 2001, p., 307.

¹² PESENTI, G. G. *Mistagogia*. In: *Dicionário de Mística*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p., 702-703.

¹³ SOBRINO, Jon. *O Ressuscitado é o Crucificado*. In: Ameríndia (Org.) *Globalizar a esperança*. São Paulo: Paulinas, 1998, p., 71.

experiência que o homem pode ter de Deus em Jesus”.¹⁴ À luz de uma teologia ética, mística e profética, é possível reavivar o testemunho da opção pela vida das vítimas. O CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) afirma que “a Igreja é morada dos povos irmãos e casa dos pobres” (DA 8, 188, 272), e deve ser “Igreja samaritana” (DAp 26, 176). Isto remete ao pacto ético-libertador que revela seu alcance teológico, suas dimensões evangelizadoras e de compromisso social.

Ciente de que “todo pensamento se acha situado em algum lugar e nasce de algum interesse; tem uma perspectiva, um lugar de onde e um para onde, um para que e um para quem”,¹⁵ a escolha do tema das vítimas (do pobre, dos povos crucificados) como lugar teológico,¹⁶ surgiu de várias experiências.

Primeiro, surgiu de uma experiência pessoal com Jesus Cristo no encontro com as vítimas da seca nos anos de 1982 a 1984, no sertão da Bahia. Aqui, recordo que nestes anos, eu atuava no grupo de coral da paróquia (*Escolla Cantorum*) e no Grupo de Jovens. Como grupo, éramos motivados pela espiritualidade de São Francisco de Assis. Fazíamos muitas caminhadas na região periférica de Tucano, cidade do Sertão de Tocós, para visitarmos as famílias e nos confrontarmos com esta realidade. Lembro-me do ano de 1983, por ocasião do Dia das Crianças, levamos alimentos e presentes. Havia famílias que não tinham o que comer. Eu testemunhei lágrimas nos olhos de tantas faces marcadas pela fome, bem como a gratidão transbordante destas pessoas. Esse episódio marcou minha vida.

Um outro episódio, experienciei com minha mãe, Ana do Carmo Santana de Oliveira, que me convidou para ir com ela levar duas bolsas (no Sertão chamamos *bocapiu*, cesta de palha de ouricuri usada para carregar compras nas feiras.) para uma senhora que, naqueles dias, havia ficado viúva com cinco filhos, num dos bairros periféricos de nossa cidade, chamado Bebedouro. Quando chegamos lá, as crianças e a mãe estavam todos de cócoras, almoçando ‘farofa de tripas fritas’ ao redor de uma pequena fogueira. A senhora nos convidou para almoçar com eles. Lembro-me que não tinham pratos nem talheres. Todos comemos em cuias e com as mãos. Minha mãe pediu para não comentar com ninguém sobre o ocorrido. Recordo este episódio com muito carinho, porque ali comprovei o quanto minha mãe era

¹⁴ GUERRA, Santiago. *Mística. Em: Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p., 577.

¹⁵ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*. p., 13.

¹⁶ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*. p., 291.

simples e afetuosa com todas as pessoas. Muitos foram os encontros com os pobres na periferia de nossa cidade. Estas experiências suscitarão jovens a desejarem ‘fazer algo mais’ pelos pobres, pelas pessoas sofridas. Nesta ocasião, houve um grande despertar para a vida religiosa consagrada.

Todos queríamos ir para regiões desafiadoras! Este motivo, trouxe-me à Baixada Fluminense em 1985 (mesmo contra a vontade de meus pais e alguns familiares), onde o encontro com as vítimas da miséria e da violência desafiou-me. Aqui se deu o despertar para a missão no serviço à causa do Reinado de Deus como Religiosa Consagrada. No discernimento da escolha de ser teóloga e de, atualmente, estar refletindo esta temática, contribuíram também: o interesse pela reflexão comunitária, orante e encarnada da Palavra de Deus, o estudo de graduação em Teologia, o serviço em assessorias de formação cristã nos colégios, nas paróquias. Especialmente, as assessorias nas Semanas Teológicas promovidas por um dos grandes ‘artesãos’ da teologia, Frei Clodovis Boff, na Igreja Nossa Senhora das Dores do Rio Comprido, no Rio de Janeiro entre os anos 1996-2000. Experiência que gerou em mim grande responsabilidade para com uma Formação Cristã Integrada e Sólida. Também atuei muito nas CEBs,¹⁷ em regiões urbanas e rurais. Desde a Baixada Fluminense, a participação no CEBI¹⁸ expandiu-me e conduziu-me a percorrer regiões periféricas do Rio de Janeiro e regiões do interior das Minas Gerais. Muito contribuiu minha inserção no Curso do Rio,¹⁹ curso promovido pelo Iser Assessoria,²⁰ assim como nos vários cursos ecumênicos de formação pastoral. Especialmente os CLLTs (Cursos para Lideranças Leigas em Treinamento)

¹⁷ As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são comunidades ligadas principalmente à Igreja Católica que, incentivadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), se espalharam principalmente nos anos 1970 e 1980 no Brasil e na América Latina. Consiste em comunidades reunidas geralmente em função da proximidade territorial, compostas principalmente por membros das classes populares, vinculadas a uma Igreja, cujo objetivo é a leitura bíblica em articulação com a vida.

¹⁸ O CEBI é um Centro de Estudos Bíblicos que, em nível local, desenvolve uma série de atividades com lideranças populares, agentes de pastoral e assessores/as. Para um melhor conhecimento, sugere-se o acesso ao site: <http://www.cebi.org.br>. Acessado no dia 16 de dezembro de 2010.

¹⁹ O *Curso do Rio* é um espaço de formação popular de caráter ecumênico, massivo, participativo e de amplitude regional. Seu objetivo é fornecer formação teológico-pastoral e sociopolítica a lideranças e animadores de comunidades a cristãos engajados nas pastorais e movimentos populares; bem como, articular estudo teórico e experiência pastoral e social, fé e prática, fortalecendo o laicato do estado do Rio de Janeiro. Disponível no site: <http://www.iserassessoria.org.br>. Acessado no dia 16 de dezembro de 2010.

²⁰ O Iser Assessoria é uma associação sem fins lucrativos, uma organização não governamental, cuja missão é fortalecer a democracia participativa nos campos político e eclesial, com vistas à superação das desigualdades sociais, à ampliação da esfera dos direitos e à afirmação da cidadania. Para um melhor conhecimento, sugere-se o acesso ao site: <http://www.iserassessoria.org.br>. Acessado no dia 16 de dezembro de 2010.

motivados pela *Redconosur*²¹ e pela *Oikosnet*,²² os quais despertaram um maior compromisso e ‘honradez com o real’ diante das vítimas da história.

Segundo, surgiu da conjuntura sociocultural e religiosa atual que interpela a perceber qual o amor que impulsiona as lideranças religiosas na solidariedade e compaixão para com as pessoas mais necessitadas, possibilitando a convivência na diversidade. Tudo isso, tendo sempre em vista a realidade, pois confirmo que “honrar a realidade” é dar ouvido, afinar a sensibilidade, estar atenta aos sinais que os pobres emitem desde o reverso da grande História. L. C. Susin considera que esta seja a lição mais original de Jon Sobrino, a forma mais profunda de entender, de aprender da realidade: “deixar-se levar pela realidade”, dimensão de discipulado e de graça.²³ Deus nos convoca sempre a optar pelas vítimas deste mundo. Nesta reflexão, a expressão “opção preferencial pelos pobres” será substituída por “opção pelas vítimas deste mundo”, com o propósito de seguir o pensamento de Jon Sobrino. Ele mesmo comenta:

Dito com simplicidade, e nas palavras de Ignacio Ellacuría, quanto à mudança de época, à ‘realidade’ em que vivemos: continuo pensando que muda ‘a forma de crucificação’, mas o principal sinal dos tempos sempre é ‘o povo ‘crucificado’’. Noto que se transforma a linguagem. Antes se falava de ‘pobres’. Eu, pessoalmente faz anos que falei de ‘vítimas’. Agora se fala de ‘excluídos’. (...) Eu creio que a realidade mais real continua sendo a extrema dificuldade de sobreviver para a maioria e a proximidade da morte lenta com a pobreza e a indignidade. É interessante afinar o conceito, expressando em novas linguagens, mas seria grave trivializar o comum a todos eles, o *nudum factum* do sofrimento humano generalizado, infligido por seres humanos.²⁴

As vítimas deste mundo é lugar de onde falamos. Eis a perspectiva parcial, concreta e interessada. Tudo é estabelecido pela revelação de Deus e também pela realidade do mundo atual, embora isto sempre se decida dentro de um círculo hermenêutico. Vivemos num contexto em que se difunde um ambiente psicossocial, cultural e filosófico, que na hora da verdade, não dá um lugar central às vítimas

²¹ A *Redconosur* é uma Rede Ecumênica de Centros Laicos na região da América Latina, criada com o intuito de fortalecer o laicato que frente a diversos contextos, enfrenta os novos desafios. Disponível em: <http://www.redconosur.com>. Acessado em 09 de janeiro de 2011.

²² A *Oikosnet* é uma rede ecumênica global de centros cristãos leigos, academias e movimentos de interesse social que apoia e reforça o trabalho da rede mundial por meio de atividades realizadas através das associações regionais e do Conselho Mundial de Igrejas. Disponível em: www.oikosnet.org. Acessado em 09 de janeiro de 2011.

²³ SUSIN, L. C. A Boa-Notícia aos pobres: um critério de identidade cristã. Em: SOARES, Afonso M. L. *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 165.

²⁴ SOBRINO, J. *Teologia e Realidade*, p., 278.

como tais, de modo que estas continuem sendo “o grande relato” aos olhos de Deus.²⁵ Portanto, acolher o chamado de Deus é fazer uma experiência grávida de sentido e permeada de Mistério. Principalmente, neste contexto de vítimas (povos crucificados, pobres),²⁶ que remetem ao silêncio repleto de uma Palavra que expressa solidariedade e compaixão: “Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores” (Ex 3,7).

A finalidade é reafirmar que muitos homens e mulheres são os privilegiados de Jesus pelo fato de serem pobres. Desta forma, amplia-se o olhar para os novos rostos de vítimas na realidade Latino-Americana e Caribenha que emergem da globalização. E com a convicção de que “fazer teologia a partir de testemunhas enriquece e aprofunda a teologia de textos”,²⁷ o ensejo é registrar e aclamar “*A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética na Teologia de Jon Sobrino*”.

Restaurar as vítimas na história é uma categoria essencial neste teólogo. As vítimas deste mundo são o lugar de onde brota sua teologia e, ao mesmo tempo, os seus destinatários privilegiados. Diante da realidade cruel, elas sinalizam de que precisamos ter “olhos novos para ver a verdade da realidade, a verdade dos seres humanos; a verdade de Deus; e coragem para reagir com um coração repleto de misericórdia”.²⁸ Em uma de suas obras, *A Fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas* (2001), Sobrino afirma que as expressões “as vítimas deste mundo” ou “os povos crucificados”,²⁹ são sinônimos da palavra “pobre”, mas que querem resgatar a dramaticidade atual do mundo da pobreza e a responsabilidade histórica diante dela.³⁰ Ele enuncia que algo está mudando na humanidade e que existe uma maior preocupação por elas,³¹ pois trazem luz à teologia para que os conteúdos possam ser vistos adequadamente. Vale dizer, “a perspectiva das vítimas ajuda a conhecer

²⁵ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 15.

²⁶ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 13.

²⁷ SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p., 12-13. (Grifos do autor).

²⁸ SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p., 16-27.

²⁹ As expressões ‘povo crucificado’ e ‘descer da cruz’ os ‘povos crucificados’ foram criados por Ignacio Ellacuría. Em nota, Sobrino afirma que como teólogo, I. Ellacuría foi pioneiro em teologizar os povos do Terceiro Mundo como ‘povos crucificados’. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador: I - A História de Jesus de Nazaré*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996, p., 366.

³⁰ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. p., 13.

³¹ SOBRINO, J. *Humanizar una civilizacion enferma*. In: *Concilium*/329 – Febrero, 2009, p., 78.

melhor a Jesus Cristo, que conhecido, ajuda a conhecê-las e, sobretudo, a trabalhar em sua defesa”.³²

A irrupção do rosto de Deus da vida presente no mundo se reveste da figura do Deus dos ‘pobres, dos povos crucificados, das vítimas’. Eis o “lugar teológico” a partir de onde se tratam e se interpretam os “temas fundamentais” e os diversos “domicílios de argumentos” da teologia,³³ ou seja, o “lugar social” mais adequado da fé (práxis teológica) e de sua inteligência (teoria teológica). Presente em vários escritos de teólogos da libertação,³⁴ recebe sua elaboração mais acabada na teologia de Jon Sobrino. A partir da fé cristã, há uma “correlação transcendental entre Deus e os pobres”.³⁵ Vale dizer, a relação do Deus bíblico com os pobres é algo primário, essencial e fundamental: “Nos pobres vemos quem é Deus”. Eles são o fracasso de Deus Pai e devem acabar sendo o triunfo de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. Em seu sentido global, afirmar que os pobres são o ‘lugar’ de Deus ou ‘presença’ de Deus ou ‘sacramento’ de Deus, etc., é algo cristãmente indiscutível, embora não signifique que esteja claro como Deus se descobre, torna-se vida e salvação entre os pobres. Também é algo para ser elucidado teologicamente. O importante é que tudo isso seja feito de forma dolorosa e escandalosa, definitivamente, em forma de mistério. Neste sentido, o âmbito da fé se sobreporá ao âmbito da razão, reservando sua racionalidade, inclusive teológica, para se abrir à revelação inesperada e insólita do Deus cristão.³⁶

Ciente de que Jesus é a suprema mediação histórica de Deus, também a suprema síntese de mística e profecia, afirmamos que a experiência místico-profética que Jesus tem de Deus é também a experiência que o homem pode ter de

³² SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. p., 19.

³³ AQUINO JR., Francisco de. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. Inaugural Dissertation zur Erlangung der theologischen Doktorwürde an der Katholisch-Theologischen Fakultät der Westfälischen Wilhelms—Universität Münster in Westfalen. Dezembro, 2008, p., 251.

³⁴ BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador. Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1985, p., 15-25; ARAYA, Victorio. *El Dios de los pobres: El Misterio de Dios em la TdL*. San José DEI, 1985, p., 48-54; GONZÁLEZ, Antonio. *Trinidad y liberación: La teología trinitaria considerada desde la perspectiva de la TdL*. San Salvador: UCA, 1994, p., 75-82; TAMAYO, Juan José. *Presente y futuro de la Teología de la Liberación*. Madrid: San Pablo, 1994, p., 31-42, 92-96; SUSIN, Luiz Carlos. *O privilégio e o perigo do ‘lugar teológico’ dos pobres na Igreja. Em: VIGIL, José Maria (Org). Descer da cruz os pobres: Cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 322-329.

³⁵ SOBRINO, J. *Teología desde la realidad*. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org). *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p., 153-170; 161-170.

³⁶ ELLACURÍA, I. *Pobres*. In: FLORISTÁN SAMANES, Casiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José (ed.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p., 628.

Deus em Jesus.³⁷ Eis a nossa hipótese: “À luz da Compassividade e da Misericórdia de Deus numa perspectiva teológica ético-místico-profética, é possível reavivar o testemunho da opção pela vida das vítimas da história e propor uma ‘reconfiguração e ressignificação’ da expressão da Fé Cristã?”

Retomando as Fontes da Palavra de Deus, do Evangelho vivo de Jesus Cristo e da Tradição na perspectiva de uma ‘Igreja pobre e para os pobres’, confirmamos que é possível a reconfiguração e ressignificação da expressão da Fé Cristã, pois o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) afirma que “a Igreja é morada dos povos irmãos e casa dos pobres” (DAP 8, 188, 272), e deve ser “Igreja Samaritana” (DA 26, 176). Isto remete ao pacto ético-libertador que revela seu alcance teológico, suas dimensões evangelizadoras e de compromisso social. O Documento de Aparecida configura essa questão de forma clara e sem rodeios (cf. 65, 128, 257, 334, 337, 338, 354, 362, 372, 391, 395, 396, 397, 398, 399, 409, 491), retomando o espírito revigorador de Medellín. Além disso, falar da importância do pobre e da solidariedade com os pobres tem origem no Evangelho. E a missão da Igreja é “anunciar o Reino de Deus a todos, com ênfase especial na periferia do mundo”.³⁸

Institui-se, portanto, uma reflexão teológica a partir dos pobres, preferidos por Deus, com o intuito de considerar a autonomia da disciplina econômica e, simultaneamente, ter em mente a sua relação com o conjunto da vida dos seres humanos. Tal exigência ética nos impõe a um acesso contínuo à realidade dos perversos mecanismos que geram a exclusão de uma grande parte da humanidade do circuito econômico e dos chamados benefícios da civilização contemporânea.³⁹

A opção pelas vítimas é teocêntrica. Em Jesus de Nazaré, Deus mostrou-se como Pai, origem e futuro absoluto, mistério salvífico e escandaloso que permanece mistério; como Filho, encarnado na história de Jesus; como Espírito, interiorizado nos homens e na história, que continua produzindo verdade e vida.⁴⁰ Jesus revela a realidade de Deus mediante suas palavras e ações. Nele, Deus aparece como parcial e defensor dos oprimidos, pobres e fracos, agindo contra a injustiça que os produz

³⁷ GUERRA, S. Mística. In: *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p., 577.

³⁸ Gutierrez, G. *Francisco me lembra o Papa João XXIII*. Disponível em: <http://ihu.unisinos.br>. Publicado em: 11 de setembro de 2013. Acessado em: 11 de setembro de 2013.

³⁹ GUTIERREZ, G. *Os preferidos de Deus*. Disponível em: <http://ihu.unisinos.br>. Publicado em: 05 de setembro. Acessado em: 11 de setembro de 2013.

⁴⁰ SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a Cristologia*. São Paulo-Petrópolis: Loyola-Vozes, 1985, p., 84.

e com promessa de uma utopia de que vida e justiça são possíveis.⁴¹ Proferir que Deus é Pai é dizer que Deus é fonte de vida, é companheiro de caminhada que nos faz viver e que se revela em gestos de profunda gratuidade e proximidade.⁴² Narrar que Deus é Filho implica o acolhimento do fato histórico de Jesus de Nazaré. Ou seja, confessar que o Ressuscitado é, portanto, Jesus de Nazaré, que anunciou o Reino de Deus aos pobres, denunciou os poderosos, foi perseguido e injustiçado e manteve em tudo isso uma radical fidelidade à vontade de Deus e uma radical confiança nesse mesmo Deus, que chamava de Pai.⁴³

Este trabalho acadêmico pretende analisar a reflexão teológica de Jon Sobrino,⁴⁴ na qual, as vítimas deste mundo são o ‘lugar’ teológico e, simultaneamente, seus destinatários privilegiados. As expressões “as vítimas deste mundo” ou “os povos crucificados”,⁴⁵ sinônimos da palavra ‘pobre’, querem resgatar a dramaticidade atual do mundo da pobreza e a responsabilidade histórica diante dela.⁴⁶ Tal perspectiva está abalizada na predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo.⁴⁷ As vítimas da história são o sinal dos tempos, a realidade cruel, diante da qual precisamos ter “olhos novos para ver a verdade da realidade”,⁴⁸ ouvidos atentos para escutar a verdade dos seres humanos;⁴⁹ os sentidos aguçados para auscultar a verdade de Deus;⁵⁰ e coragem profética para reagir com um coração cheio de misericórdia.⁵¹

A compassividade e a misericórdia de Deus para com as vítimas da história requerem uma inteligência impregnada do mistério da realidade e do Mistério de Deus. Aqui, compreendemos por vítimas tanto as grandes massas de pobres e oprimidos, as quais são mortas lentamente, como todas as pessoas que são

⁴¹ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*. p., 203.

⁴² SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. p., 198.

⁴³ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*. p., 134.

⁴⁴ AQUINO JR., Francisco de. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der theologischen Doktorwürde an der Katholisch-Theologischen Fakultät der Westfälischen Wilhelms-Universität Münster in Westfalen. Dezembro, 2008, p., 295-316.

⁴⁵ As expressões ‘povos crucificados’ e ‘descer da cruz os povos crucificados’ foram criados por Ignacio Ellacuría. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador* p., 366.

⁴⁶ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 13.

⁴⁷ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 16.

⁴⁸ SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p., 16-19.

⁴⁹ SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p., 19-22.

⁵⁰ SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p., 22-25.

⁵¹ SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p., 25-27.

humilhadas, perseguidas e mais, assassinadas por denunciar a injustiça e buscar ativamente a justiça.⁵²

A realidade de vítimas é dolorosa, mas testemunha seus eventos carregados de sentido. Ela transcende em todo momento conduzindo-nos ao Mistério. É necessário, portanto, tomar a sério este Mistério, assumindo o caminho mistagógico, pois “somente uma inteligência impregnada do Mistério de Deus e do Mistério da Realidade em que vivemos e na qual mora Deus, enriquece a análise exegética e teológica, bem como, as determinações magisteriais”.⁵³

Sobrino descreve a riqueza e a profundidade do prólogo joanino, evidenciando o significado e a relevância do Mistério do Deus-Homem, encarnado na plenitude do tempo (Gl 4,4). “Jesus é a palavra, a Verdade e a Boa-Notícia que se faz carne na história humana, para oferecer dignidade de vida, misericórdia e redenção ao homem dilacerado pela miséria, pela opressão e pelo pecado”. Aqui, elege as vítimas deste mundo como ponto de partida hermenêutico e com o compromisso de descê-las da cruz, porque só um Deus encarnado e crucificado pode ser verdadeiro alento para as multidões que também pendem nas cruzes do sofrimento humano: “A cruz na qual está o próprio Deus é a forma mais clara de dizer que Deus ama as vítimas deste mundo. Nela seu amor é impotente, mas é crível”.⁵⁴

O Mistério da Realidade significa a “honradez com o real” no sentido de que a estrutura formal da inteligência é um “apreender a realidade e enfrentá-la”. É preciso, portanto, considerar a realidade numa ‘dimensão intelectual’, de origem zubiriana, responsabilizando-se por ela numa ‘dimensão ética’, encarregando-se

⁵² SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*. p., 151.; IHU-ONLINE. Gênero e violência – Um debate sobre vulnerabilidade de Mulheres e LGBTs. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. N. 507. Ano XVII /19/6/2017.; IHU-ONLINE. Violência e suas múltiplas dimensões. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. N. 518. Ano XVIII /26/3/2018.

⁵³ SOBRINO, J. O Reino de Deus e Jesus: compaixão, mesa compartilhada. *Em: Concílium*, 326 – 2008/3, p., 69.

⁵⁴ CATALFO, Carlos Eduardo. A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino. *Em: SOARES, Afonso M. L. Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 63-65.

dela numa ‘dimensão praxica’⁵⁵ e deixando-se conduzir por ela numa ‘dimensão da graça’.⁵⁶

O tema da ‘realidade’ é constante na teologia de Sobrino. Algumas vezes, ele fala de ‘lealdade com o real’, outras, de ‘fidelidade com o real’, e nos últimos tempos, vem falando de ‘honradez com o real’. Todas as expressões querem dizer o mesmo que ‘encarregar-se da realidade’, ‘deixar-se carregar pela realidade’.⁵⁷ A partir das vítimas, a reflexão cristológica torna-se mais praxica, mistagógica e existencial, pois os pobres e as vítimas deste mundo são, pelos valores que têm – muitas vezes – e pelo que são – sempre sacramentos de Deus e presença de Jesus Cristo entre nós.⁵⁸ Foi na primeira fase⁵⁹ da Teologia da Libertação que ele conheceu o pensamento de Ellacuría. O que mais lhe causou impacto foi o êxtase deste em encarregar-se da realidade a tal ponto de definir a teologia como momento da práxis, cuja finalidade era a maior realização possível do Reino de Deus na História. Ou seja, a subordinação da teologia à práxis do reinado de Deus é tanto uma necessidade epistemológica e social quanto um ideal teológico. Primeiro, porque se trata de uma necessidade epistemológica e social. Segundo, porque diz respeito a um ‘ideal’ teológico. Portanto, o que seja a TdL e qual seja seu método, dependem tanto do que seja a práxis do reinado de Deus, quanto do que seja a atividade intelectual desse reinado.⁶⁰

Foi aí que Sobrino retomou a intuição e definiu a teologia como *Intellectus amoris (justitiae, misericordiae)*, além de *Intellectus fidei*, proveniente de

⁵⁵ O pensamento filosófico de Ignácio Ellacuría tem grande influência do filósofo e teólogo Xavier Zubiri Apalategui. Zubiri nasceu em San Sebastián no ano de 1898 e faleceu em Madrid no de 1983. Conquistou o doutorado em Teologia em Roma, em 1920, e láurea em filosofia em Madri, em 1923, com uma tese intitulada *Ensayo de una teoría fenomenológica del juicio*. Em dezembro de 1926, conquistou a cadeira e História da Filosofia na Universidade de Madri. Entre suas principais obras, encontram-se: *Ensayo de una teoría fenomenológica del juicio*, Madrid, 1923; *Naturaleza, Historia, Dios*, Madrid, 1945; *Sobre la esencia*, Madrid, 1962; *Cinco lecciones de filosofía*, Madrid, 1963; *Scritti Religiosi*, Padova, 1976; *Inteligencia sentiente*, Madrid, 1980; *Inteligencia y logos*, Madrid, 1982; *Ensayos de Antropología Filosófica*, Bogotá, 1982; *Inteligencia y razón*, Madrid, 1983; *El hombre y Dios*, Madrid 1984; *Sobre El hombre*, Madrid, 1986; *Estructura dinámica de la realidad*, Madrid, 1989. Na obra de Zubiri é evidente a influência de Heidegger e tem por objetivo encontrar uma saída para o método fenomenológico, que permita fundar uma filosofia que vá além do realismo clássico e do idealismo moderno. Para Zubiri, a fé é “o entregar-se a uma realidade pessoal enquanto verdadeira”. GRACIA, Diego. Zubiri, Xavier. *Em: Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p., 1054-1057.

⁵⁶ SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 18.

⁵⁷ SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 18.

⁵⁸ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. p., 17-18.

⁵⁹ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991. p., 57-59.

⁶⁰ AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como intelecção do reinado de Deus*. p., 217-234.

Agostinho,⁶¹ e do *Intellectus spei*, como Jürgen Moltmann o reformulara em 1978 na sua obra *Teologia da Esperança*.⁶² Ao comentar sobre a TdL latino-americana como “*Intellectus amoris*”, ele faz questão de precisar que a teologia, enquanto momento e reflexo da prática primária, se concretizará também como *Intellectus justitiae* e *Intellectus liberationis*. E acrescenta que a novidade metodológica de maior interesse da TdL latino-americana é que ela se compreende primária e formalmente a si mesma não como *Intellectus fidei*, mas *Intellectus amoris*. Isto significa que a TdL se autoconcebe como inteligência do amor histórico pelos pobres, vivido como tentativa privilegiada de corresponder existencial e historicamente àquele Deus que, em Jesus Cristo, se revelou como Amor.

A TdL latino-americana seria, então, expressão desse esforço, fruto de um profundo encontro espiritual, tendo por fim deixar-se configurar pela própria realidade de Deus. Neste sentido, a razão última e definitiva pela qual a TdL se define formalmente como *Intellectus amoris* provém da própria compreensão de Deus que emerge a sua revelação histórica e escriturística.⁶³ O *Intellectus fidei* é “o *intellectus*, enquanto função originária e originante do pensar, que está em operação no campo da fé. [...] Este, testemunha que a fé possui sua evidência, sua luz e inteligência específicas. A fé tem seus olhos próprios”.⁶⁴

Na parte introdutória de sua obra *Teologia da Esperança*, Moltmann⁶⁵ argumenta acerca do *esperar e pensar*:

⁶¹ Aurélio Agostinho (em latim: *Aurelius Augustinus*), dito de Hipona, conhecido como Santo Agostinho nasceu em Tagaste, 13 de novembro de 354 e faleceu em Hipona, 28 de agosto de 430. Foi um bispo, escritor, teólogo, filósofo e é um Padre latino e Doutor da Igreja Católica. É uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Escreveu inúmeras obras (mais de 600), entre as quais se sobressaem suas *Confissões*, o *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, as *Narrações sobre os Salmos*, *Sobre a Cidade de Deus*, estudo sobre o Evangelho de São João, etc. Seu pensamento filosófico-teológico tem um enfoque existencialista. Nele predomina a primazia do amor. É o autor mais citado nos documentos do Concílio Vaticano II. PEDRO, Aquilino de. *Dicionário de termos religiosos e afins*. Aparecida: Santuário, 1993, p., 14.

⁶² SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*. p., 18-19.

⁶³ TAVARES, S. S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo: a contribuição da Teologia da Libertação latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2002. p., 183-184.

⁶⁴ BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998. p., 67.

⁶⁵ Jürgen Moltmann é um dos principais teólogos Luteranos contemporâneos. Nasceu no ano de 1926 em Hamburgo na Alemanha. Desde 1967, foi professor de teologia sistemática na Universidade de Tubinga. Moltmann é um escritor prolífico, centrado integralmente em “olhar a teologia sob um ponto de vista particular: a esperança”. É o criador da 'Teologia da Esperança', na qual, desenvolve as ideias da realização do Reino, como promessa fundamental de Deus. Ele também destaca muito a importância do mistério da cruz. Suas principais obras são: *Teologia da Esperança*; *O Deus Crucificado*; *A Igreja na Força do Espírito*; *Conversão ao Futuro*. <http://teologia-contemporanea.blogspot.com/2008/02/jurgen-moltmann-1926.html>. Acessado em 25 de dezembro de 2010.

Na Idade Média, Anselmo de Cantuária, estabeleceu o princípio, desde aquela época, normativo e fundamental para a teologia; *fides quaerens intellectum – credo ut intelligam* [fé que examina o intelecto – creio para que entenda]. Esse princípio fundamental vale também para a escatologia e, hoje, talvez seja de decisiva importância para a teologia cristã o estabelecer como princípio básico: *spes quaerens intellectum – spero ut intelligam* [esperança que examina o intelecto – espero para que entenda]. Não é a esperança que conserva a fé em vida, a sustenta e impele para frente? Não é a esperança que introduz o crente na vida de amor? Portanto, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé – o conhecimento e a reflexão sobre o ser do ser humano - da história e da sociedade.⁶⁶

No que diz respeito ao ‘fazer teológico’ cotidiano, não há dúvida de que o caráter prático deste trabalho teológico seja o interesse fundamental de revelar que a ‘salvação’ é momento de ‘realização’. Pois concordamos com Ellacuría, que a revelação é um momento da comunicação real de Deus com os homens e só adquire seu sentido subordinada à salvação. Melhor dizendo, só os fazedores da palavra são bons ouvintes e intérpretes.⁶⁷ Daí a importância de um esforço tremendo de historicização da Teologia como inteligência de uma realidade prático-salvífico;⁶⁸ da insistência no caráter prático da historicização da Teologia;⁶⁹ da busca constante de um *logos* que faça justiça ao caráter histórico-prático do reinado de Deus e o expresse de uma forma mais adequada;⁷⁰ e a importância fundamental-categórica do lugar social dos pobres, das vítimas da história no fazer teológico.⁷¹

⁶⁶ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica, 2005, p., 50.

⁶⁷ ELLACURÍA, I. *El método de la teología latinoamericana*. In: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 219-234.

⁶⁸ ELLACURÍA, I. *Relación teoría y praxis em la teología de la liberación*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 235-245.

⁶⁹ ELLACURÍA, I. *La teología como momento ideológico de la praxis eclesial*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo I. Páginas 163-185. Id. *El compromiso político de La Iglesia em América Latina*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo II. p., 667-682.

⁷⁰ ELLACURÍA, I. *Historia de la salvación*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 597-628; Id. *Carácter político de La misión de Jesús*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo II. p., 13-31; Id. *Tesis sobre posibilidad, necesidad y sentido de una teología de la liberación*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 271-301; Id. *Hacia una fundamentación del método teológico latinoamericano*. In: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 187-218.

⁷¹ ELLACURÍA, I. *La historización do concepto de propiedad como principio de desideologización*. Em: *Escritos Políticos*. Tomo I. Páginas 587-627. Id. *El reino de Dios y el paro em el tercer mundo*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo II. p., 295-305. Id. *Nueva propuesta de diálogo del FMLN-FDR: los dieciochopuntos*. In: *Escritos Políticos*. Tomo III. p., 1425-1448. Id. *Universidad y política*. Em: *Escritos Universitarios*. Páginas 195-202. Id. *Universidad, derechos humanos y mayorías populares*. Em: *Escritos Universitarios*. p., 203-219. Id. *Los pobres, “lugar teológico” em América Latina*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 139-161. Id. *Pobre*. In: *Escritos Teológicos*. Tomo II. p., 171-192. Id. *Espiritualidad*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo IV. Páginas 47-57. Id. *La teología como momento ideológico de la praxis eclesial*. Em: *Escritos Teológicos*. Tomo I. p., 163-185.

O tema sobre a Compassividade e a Misericórdia para com as *vítimas da história* é relevante em muitas dimensões: antropológica, teológica, cristológica, eclesiológica e transcendente. No Evangelho de Jesus, a existência das vítimas é o pecado básico da humanidade. Neste sentido, nossa reflexão teológica aprofundará no *ethos*, na ‘mística’ e na ‘profecia’. Ela seguirá os apelos dos sinais visíveis e dos dados alarmantes que nos chegam através da realidade, principalmente, pelos meios de informação, que nos permitem percebê-la no âmbito global, de forma comprometedora e desafiadora. É uma decisão responsável, refletir a ‘Compassividade’ e a ‘Misericórdia de Deus para com as vítimas da história’, que pondo em jogo de forma engajada toda a vida, permite assumir a carga da realidade, carregá-la e encarregar-se de sua transformação libertadora.⁷² Contemplando a vida de Jesus que, “sendo rico se fez pobre para enriquecer-nos com sua pobreza” (2 Cor 8,9), compreende-se esta opção como um processo de caráter quenótico-salvífico encarnatório ou de identificação, que deve ser realizado por todos aqueles que, não sendo pobres de origem, escolhem livremente ser pobres.

O contexto eclesial atual influencia o ‘labor teológico’, a ‘missão’ e o ‘testemunho’. Remete-nos à unção do Espírito que revitalizou a Igreja no alvorecer do Concílio Vaticano II (1962-1965) e nos anos que transcorreram após a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín (1968). De fato, um período inesquecível que impregnou a realidade de Mistério,⁷³ pois “sem Medellín caímos na irrealidade do atual mundo de pobres e vítimas”⁷⁴. O lugar teológico de Sobrino, testemunha esta verdade. Pois o mesmo recorda:

A realidade salvadorenha nos deu muito que pensar e nos ajudou também a pensar sobre Jesus Cristo... Tanta tragédia e tanta esperança, tanto pecado e tanta graça oferecem um poderoso horizonte hermenêutico para compreender Cristo e fazem o Evangelho ter o sabor da realidade.⁷⁵

Este trabalho pretende reafirmar a centralidade e o caráter totalizante do Reinado de Deus na TdL, ou seja, a TdL como uma “*basiléia-tou-teo logia*” – intelecção (*logos*) do reinado de Deus (*Basiléia tou Theou*). Portanto, uma teologia

⁷² LOIS, J. *Opção pelo pobre*. In: *Ética Teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p., 581.

⁷³ SOBRINO, J. *Teologia desde la realidad*. p., 168-169.

⁷⁴ SOBRINO, J. *Teologia desde la realidad*. p., Terremoto, terrorismo, barbárie y utopia: *El Salvador, Nueva York, Afganistán*. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p., 208-209.

⁷⁵ SOBRINO, J. *Teologia desde la realidad*. p., *Jesus o libertador 1 – A história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996, p., 21.

que trata de todas as questões e de todos os temas (dos mais históricos aos mais transcendentais) a partir e em função da realização histórica do Reinado de Deus e de sua Misericórdia. Vale dizer, há uma visão ampla no que diz respeito às questões e aos aspectos a serem abordados e elaborados teologicamente (cristologia, trindade, eclesiologia, sacramentos, escatologia, liturgia, questões sociais, políticas, econômicas, culturais, raciais, ambientais, gênero, religiões, etc.) quanto no que diz respeito à perspectiva de sua abordagem: realização do Reinado de Deus.⁷⁶

O mundo dos pobres (povos crucificados, vítimas da história) atualiza o escândalo da revelação de Deus na cruz de Jesus e impede a adequação de Deus à lógica desse mundo. Também permite que Deus seja encontrado tal como Ele é e se revelou em Jesus: um Deus dos pobres e oprimidos, “um Deus crucificado e impotente”, Vítima, nas vítimas dos poderes deste mundo. Um Deus que se permite encontrar como vítima deste mundo, como um Deus que, na carne de seu Filho e na carne de seus filhos e filhas, é rejeitado e crucificado pelos poderes terrenos.⁷⁷ O intuito é ratificar que a opção pelas vítimas, “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (Cf. 2 Cor 8,9)”.

Esta Tese de Doutorado, cujo tema versa “A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon Sobrino” será estruturada em três partes, acompanhada de uma introdução e uma conclusão, ambas, gerais. E agora,⁷⁸ com excursão. A primeira parte contemplará a realidade impregnada do Mistério de Deus, destacando o cenário atual da Teologia da Libertação latino-americana e suas interpelações. Composta de três capítulos, na qual se refletirá “A Teologia da Libertação Latino-Americana e seus desafios na contemporaneidade” (2.1.); “A atualização do método da Teologia da Libertação Latino-Americana” (2.2.); e “A ação quenótica (kenosis) do Mártir Jesus de Nazaré e dos Mártires Jesuânicos de ontem, hoje e sempre” (2.3). A segunda parte revelará o Deus da Compaixão que se inclina sobre as vítimas, focalizando a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje. Será apresentada em

⁷⁶ SOBRINO, J. *Centralidad del reino de Dios em la teología de la liberación*. In: SOBRINO, Jon – ELLACURÍA, Ignacio. *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la liberación I*. San Salvador: UCA, 1993, p., 467-510.

⁷⁷ AQUINO JUNIOR, Francisco. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. p., 269.

⁷⁸ Porque após todas as adversidades que vivenciamos, nosso Trabalho necessitou de uma reconfiguração e atualização.

três capítulos. O primeiro trará destaques da CELAM, desde Medellín a Aparecida pontuando a postura missionária ética, mística e profética da Igreja dos pobres (2.1); o segundo destacará a teologia como *Intellectus amoris*, *Intellectus misericordiae* (2.2); o terceiro apresentará potencialidades e limites na obra teológica de Jon Sobrino (2.3). A terceira parte, também em três capítulos, apresentará a utopia e o profetismo desde a América Latina ao mundo da Globalização focando na ética e na Compaixão-Opção pelas vítimas da história. O primeiro manifestará a ética e a compaixão solidária de Deus na esperança de Mulheres e Homens novos (4.1); o segundo recordará, refletirá e revivificará a Compaixão-Opção pelas vítimas da história (4.2); e o terceiro abordará a universalidade do Martírio, da Misericórdia e da Compaixão-Opção numa Igreja Pobre e para os Pobres (4.3). Ressaltamos que nossa conclusão geral será laureada com dois excursos. Um sobre a recepção do tema da Misericórdia⁷⁹ e da evangélica opção pelos pobres sob o Pontificado do Papa Francisco⁸⁰ em suas Exortações Apostólicas e *Encíclicas*; e outro sobre o dinamismo de minha trajetória de vida, cujo item versará que as palavras hão de ser como “emendas de ouro”, porque o verdadeiro Espírito de Misericórdia é o Espírito de Deus.

Os conceitos que nortearão a evolução desta tese serão: Misericórdia, Compaixão-Opção pelas vítimas da história, Realidade, Testemunho (Ética, Mística, Profecia, Política, Sabedoria, Mistagogia), Teologia da Libertação, Igreja pobre para os pobres.

⁷⁹ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.

⁸⁰ TRIGO, Pedro. *Papa Francisco: expressão atualizada do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019.; SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

2

A realidade impregnada do mistério de Deus: o cenário atual da teologia latino-americana e suas interpelações

Não vos contenteis em serdes pesquisadores que dilaceram o dado teológico com pulso firme e mão fria. (...) Não gasteis o melhor de vosso tempo neste trabalho negativo. Tomai em vossas mãos algumas verdades sólidas e de tal modo elas vos possuam, se insiram em vós, sejam vosso sopro e vossa vida, que chegueis a ser alguém que no meio das dúvidas seja fé encarnada, audível, tangível.⁸¹

Ato corajoso é deixar-se impregnar pelas palavras de um dos “santos padres da América Latina”, Dom Helder Câmara, enquanto nos entranhamos numa teologia encarnada e definida como “recordação perigosa” com o intuito de apalpar as “verdades sólidas” do Verbo da Vida. Ao iniciarmos falando do cenário atual da teologia latino-americana e suas interpelações, urge recordar o nosso “Dom”. Este homem totalmente apaixonado pela sua missão e inteiramente aberto aos outros de qualquer religião ou cultura. Um profeta, mas também um místico e um poeta; porta-voz dos pobres de nossa Nação. Profeta identificado com as esperanças do povo que encarnou aos olhos do mundo a resistência aos regimes políticos autoritários e arbitrários da América Latina.⁸²

Consideramos as fadigas da reflexão e do trabalho intelectual,⁸³ pois à medida que se ruma as leituras e os debates, acende o interesse numa teologia para se viver a existência cristã com honestidade intelectual e honradez com o real, no nível do espírito teológico.⁸⁴ No que diz respeito a uma produção teológica ‘viva e vivificadora’ é exigido do teólogo e da teóloga, um banhar-se continuamente na experiência do Espírito vivificador, para sair daí gotejando, ciente de que, “o que dá a experiência da fé à razão da fé é o ‘frêmito da vida’”.⁸⁵ Tal postura solicita o testemunho de uma fé encarnada, audível, tangível perante o mal, a crueldade e a violência. Contemplaremos aqui, a realidade impregnada do Mistério de Deus,

⁸¹ CÂMARA, Dom Helder. In: Grande sinal, n. 8, outubro, 1970, p., 624. Apud., BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 142; CIRANO, Marcos. *Os caminhos de dom Hélder. Perseguições e censura*. Recife: Guararapes, 1983.

⁸² COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008 p., 203-243; p., 224-228.

⁸³ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo, 1989, p., 5.

⁸⁴ IHUONLINE. Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo-RS, N. 446, Ano. XIV, 16/06/2014.

⁸⁵ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 152. Recomendamos uma leitura aprofundada e meditada de todo o capítulo 6, p., 129-156.

destacando o cenário atual da Teologia Latino-Americana e seus desafios na contemporaneidade.

Esta primeira parte, diz respeito à indignação ética e os direitos humanos como ponto de partida à uma releitura da Teologia da Libertação e suas interpelações. Motiva-nos a reflexão na perspectiva das vítimas e na relevância que a Teologia da Libertação Latino-Americana possui hoje.⁸⁶ Diante de um processo de secularização, multifacetado e complexo, focalizaremos a irrupção dos clamores das vítimas do sistema capitalista cruel; demonstraremos a importância do sentido e do significado de fazermos a opção pelos pobres, que é retomada com vigor neste século;⁸⁷ bem como de nos comprometermos para realizar uma autêntica reconfiguração e ressignificação da Igreja e suas Instituições.⁸⁸

Sabemos que “das Escrituras e do Ensino Social Cristão a Comunidade hauriu a norma fundamental da ‘opção preferencial pelos pobres’”. E estamos cientes de que essa opção implica, no contexto latino-americano, fazer o duplo movimento. Ou seja, por um lado, buscar colocar-se no lugar social do pobre, isto é, de procurar ‘ver o mundo como os olhos dos pobres’, identificando-se com suas necessidades, demandas e modo próprio de compreender a vida, e de outro, criar condições para que os pobres se transformem em sujeitos eclesiais, evangelizadores e transformadores da história.⁸⁹ Também visualizaremos na conjuntura atual da Igreja Católica Latino-Americana, a existência da necessidade de revitalizar e desempenhar seu compromisso evangélico com a causa da Justiça e o respeito aos Direitos Humanos.

Destacaremos com vigor, a centralidade da opção evangélica e preferencial pelos pobres,⁹⁰ “realidade que perpassa o Documento de Medellín e é reafirmada em Puebla, Santo Domingos e Aparecida”.⁹¹ Neste sentido, a Indignação Ética e os

⁸⁶ CONCILIUM. *La globalización y la Iglesia de los pobres*. N. 361/Junio -2015.

⁸⁷ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. (Org.) *A opção pelos pobres no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Opción por los pobres em el magisterio. Pensamiento social católico desde el Vaticano II hasta la Conferencia de Aparecida*. Em: CONCILIUM. *La globalización y la Iglesia de los pobres*. N. 361/Junio -2015, p., 31-41.

⁸⁸ IHUONLINE. E sopra um vento de ar puro... Os dois anos de Papa Francisco em debate. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo-RS, N. 465, Ano. XV, 18/05/2015.

⁸⁹ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Possibilidades da Relação Fé e Política em uma Era Secular*. Texto apresentado no Seminário Internacional “Secularização e Novos Desafios” no dia 19 de outubro de 2011, p., 1-18. Aqui, p., 1.

⁹⁰ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Possibilidades da Relação Fé e Política em uma Era Secular*, p., 15-16.

⁹¹ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Direitos Humanos e Doutrina Social da Igreja*. Rio de Janeiro. Texto trabalhado em aula no dia 02 de maio de 2011, p., 15; Id. *Opción por los pobres em*

Direitos Humanos manifestam-se na Justiça, que é um dos conceitos-matriz em torno do qual pode estruturar-se todo o Cristianismo.⁹² E o centro de todas as prioridades é a vida humana e cósmica. A defesa da vida que se faz na luta pelos Direitos Humanos é também o centro e o ponto de partida de toda a ação evangelizadora e de toda a pastoral social. Sobretudo, quando se fala dos direitos econômicos, sociais e culturais, onde se desenvolve a vida humana das pessoas e dos povos.⁹³

À luz deste cenário, queremos refletir sobre o paradigma da TdL Latino-Americana, considerando seu contexto, seus aspectos metodológicos e sua práxis libertadora. Pois a TdL está cada vez mais viva e retorna como uma exigência da realidade e da fé, com uma força especulativa, bem como com a maturidade de uma fundamentação de indiscutível solidez.⁹⁴ E mesmo com sua pluralidade e a complexidade prático-teóricas, é possível articular “um núcleo de ideias ou intuições que inspira e configura”, de diversas maneiras, a produção teológica atual.⁹⁵ Destarte, contemplar a TdL Latino-americana e seus novos desafios, é uma forma de recordar o debate desde suas origens até hoje, o qual, mesmo com enfoques e níveis distintos, revigoram o fazer teológico na dinâmica do caminhar.

2.1

A Teologia da Libertação Latino-Americana e seus desafios na contemporaneidade

Eis a estrutura metodológica deste capítulo que tratará sobre a Teologia da Libertação Latino-Americana e seus desafios na contemporaneidade (2.1). O primeiro versará o cenário atual da TdL Latino-Americana e suas interpelações (2.1.1); o segundo refletirá a indignação ética e os direitos humanos, contemplando a intrínseca relação entre a opção preferencial pelos pobres e a misericórdia (2.1.2);

el magistério. Pensamiento social católico desde el Vaticano II hasta la Conferencia de Aparecida. Em: CONCILIUM. *La globalización y la Iglesia de los pobres.* N. 361/Junio -2015, p., 31-41.

⁹² GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *Justiça.* In: FLORISTÁN SAMANES, Casiano e TAMAYO-ACOSTA, Juan José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo.* São Paulo: Paulus, 1999, p., 389-394. Aqui, p., 394.

⁹³ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização.* São Paulo: Paulinas, 2006, p., 118.

⁹⁴ TABORDA, Francisco. Prefácio. Em: AQUINO JUNIOR, Francisco. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría.* São Paulo: Loyola, 2010, p., 13-14.

⁹⁵ AQUINO JUNIOR, Francisco. *A teologia como inteligência do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría.* São Paulo: Loyola, 2010, p., 17.

o terceiro, demonstrará que a TdL Latino Americana contribui para a Ética da Vida, promovendo uma espiritualidade libertadora, solidária e plena de esperança (2.1.3). E a modo de conclusão, a relevância desta reflexão na perspectiva das vítimas e na esperança da vida dos povos e de todos os seres viventes.

2.1.1

A Teologia da Libertação Latino-Americana e suas interpelações

2.1.1.a

Uma Teologia radical, integral e distinta

Articulada em nível mundial, a TdL revela-se como uma teologia ‘radical’ e ‘integral’, pois na raiz do seu método reside o compromisso concreto com o pobre real, compromisso esse vivido espiritualmente como um ver a Deus no pobre e ao pobre em Deus; e dá uma ênfase particular à dimensão social da fé.⁹⁶ Enquanto memória, na Igreja e na esfera teológica em particular, dessa exigência constitutiva do Cristianismo, que é a evangélica preferência pelos pobres e, enquanto realça essa exigência em contextos sociais e históricos específicos, como na periferia da sociedade e do mundo, mantém-se ‘distinta’.⁹⁷ Seu gênero literário ilumina os caminhos e descaminhos da história, privilegiando a forma do ‘ensaio’.⁹⁸

É uma teologia ‘específica’, pela dimensão que privilegia; e ‘integral’, pela sua referência ao plano total da salvação. Reflete tanto questões teológicas, explicitando seu potencial libertador, como questões sociais, colocando-as sempre sob a ótica estimuladora e crítica da fé.⁹⁹ Abaliza para a práxis da fé, desperta as comunidades cristãs para o compromisso de justiça, acompanha-as de modo estimulante e crítico, incluindo e convocando a todos à tarefa libertadora. Privilegia os pobres como seus interlocutores e destinatários especiais, na medida em que são sujeitos protagônicos de sua própria libertação.¹⁰⁰ Em relação às suas mediações culturais, utiliza-se de todas as ciências que lhe auxiliem na compreensão da

⁹⁶ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, pág. 637. Neste livro, que exhibe o *órganon* da produção teológica, C. Boff apresenta na parte II, questões complementares acerca do método teológico. Entre elas, destacamos o capítulo 22, que trata dos modelos históricos da prática teológica, inclusive, o modelo particular da Teologia da Libertação.

⁹⁷ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 637.

⁹⁸ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 637.

⁹⁹ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 639.

¹⁰⁰ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 639.

sociedade, inclusive, a contribuição crítica do marxismo, contanto que todas sejam submetidas à fé como à sua instância judicial mais elevada.¹⁰¹

Enfim, solicita teólogos e teólogas comprometidos (as) e solidários (as) com a caminhada dos pobres, aos quais procuram servir na ótica do Reino e que, além da Academia, contemplem também a Comunidade a caminho como lugar de reflexão. Seu nome representativo desta Teologia na América Latina é G. Gutiérrez. A celebração dos 40 anos de Teologia da Libertação marca uma parte importante da história da Igreja. Portanto, é imprescindível, abordar “a linguagem atualizada da Teologia na realidade social de hoje”. A seguir, alguns desafios para a serem considerados e refletidos.

2.1.1.b

Desafios da atual Teologia Latino-Americana

2.1.1.b.1

Manter-se numa postura lúcida e solícita

Dentre os desafios que assistimos no cenário da Igreja Latino-Americana, destacam-se o escândalo da desigualdade, a anomalia de um catolicismo sem evangelhos, a cessação da transmissão ambiental do cristianismo, o fetichismo de mercado e o multiculturalismo da região— que exige dela uma postura lúcida e solícita.¹⁰² Urge, portanto, auscultá-los como clamores que emanam dos diversos recantos da Terra. E com o entusiasmo do Espírito de Jesus Cristo, fazemos surgir uma rede de teologias que se conectem entre si e fortaleçam a TdL Latino-Americana a ser sempre de novo, uma teologia afetada pela realidade das vítimas.

O escândalo da desigualdade solicita uma ‘teologia profética’, que se comprometa em enfrentar a situação de desigualdade, refletindo-a e realizando-a em uma lição salutar com o propósito de revertê-la. A anomalia de um catolicismo sem evangelhos estabelece uma ‘teologia evangélica’ para que Jesus seja Boa Nova para os crentes sinceros. A cessação da transmissão ambiental do cristianismo determina uma ‘teologia querigmática’, que conduza ao seguimento de Jesus. Aqui, a Teologia deve concentrar-se no essencial e, sobretudo, assumir um tom

¹⁰¹ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 639.

¹⁰² TRIGO, Pedro. *Desafios para a Teologia da América Latina*. Em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/ler_conteudo.asp?id=917. Publicado em: 16/09/2010. Acessado em: 28 de setembro de 2011.

querigmático, de forma que propicie um encontro pessoal com Jesus de Nazaré, a fim de transformar a vida. Deve ser, portanto, uma teologia referencial que contenha o peso, a densidade, a substância do que ela transmite conceitualmente.

O fetichismo de mercado pede uma ‘teologia libertadora’ que proclame e contenha a liberdade do Espírito, para que propicie a constituição de sujeitos humanos. A Teologia deve teorizar o problema da idolatria e do fetichismo como mais radical do que o secularismo; deve mostrar como a relação com Deus e com Jesus desencadeia a liberdade das pessoas e as tornam capazes de manter essa liberdade diante de qualquer pressão e de ajudar, para que os demais sejam libertados.

O multiculturalismo da região pede uma ‘teologia sensível’ aos sinais dos tempos que faça ver como desígnio de Deus a aceitação do pluriculturalismo e propicie a inculturação do Evangelho e a implantação da Igreja em cada cultura na comunhão católica. A Teologia deve mostrar que é o Espírito do Ressuscitado Crucificado quem impele nossa história nessa direção e que, quem resiste, vai ficar contra o Deus de Jesus. E nesta missão, deve acolher as vozes daqueles que em cada uma dessas culturas vivem com profundidade cristã, porque somente elas podem inculturar o cristianismo a suas culturas e expressá-lo de forma inovadora. Uma vez enfrentados todos os desafios, a Teologia renascerá entre nós com vitalidade sem precedentes.

2.1.1.b.2

Manter-se na fé que busca a inteligência

Fazer Teologia hoje na América Latina exige um maior compromisso com as vítimas do sistema capitalista cruel, bem como uma maior dedicação, aprofundamento e lucidez na produção teológica, pois se prevê uma pluralidade de teologias.¹⁰³

Confrontamo-nos diante de cenários para a fé com perspectivas teológicas diversas, dentre os quais, destacam-se: a ‘morte da teologia’ como extinção radical do Cristianismo histórico e, com ele, desaparece o Cristo da fé; a ‘teologia do Cristianismo anônimo’, ou seja, de sua dissolução na cultura ocidental; a ‘teologia

¹⁰³ LIBÂNIO, J. B. *Desafios para a Teologia da América Latina*. Disponível em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/ler_conteudo.asp?id=917. Publicado em: 16/09/2010. Acessado em: 28 de setembro de 2011.

da restauração' como reação aos dois cenários anteriores. Aqui, o Cristianismo enceta forte reação numa dupla linha: busca no passado, o modelo para restaurá-lo hoje, com toque naturalmente moderno, mas persiste na rigidez das verdades de fé, da moral e da disciplina eclesial. Por fim, uma 'teologia profética', que possua qualidades da fé futura: mística, querigmática, hospitaleira, misericordiosa e carregada de esperança.¹⁰⁴ Melhor dizendo, cabe a nós, teólogos e teólogas, “ver tudo à luz de Deus” e sentir “Cristo nos pegar pela mão e nos levar pelo mundo, fazendo-nos ver as coisas como ele as vê”¹⁰⁵, com o propósito de cumprir a missão de anunciar a Boa Nova, considerando o “lugar teológico” e o “lugar teologal” onde realizamos nossa tarefa teológica.

É importante persistir na história guiada pelo Espírito de Jesus com Cristo que, por seu Espírito, nos impele sempre de novo, a anunciar e a experimentar que “a história e os seres humanos dão mais de si, com o que, apesar de tudo, se pode nomear o mistério da realidade e chama-la de Abba, Pai”.¹⁰⁶ Neste sentido, se poderá contemplar que, com Cristo, haverá sempre seres humanos que, como Jesus, persistem no peregrinar com Deus e com Ele, rumo a seu mistério.

2.1.1.b.3

Legitimidade do uso de uma mediação sociológica no interior do método teológico

No início dos anos 70, a TdL propõe um novo modo de fazer teologia. Uma teologia que parte da realidade histórico-social, cujo método está na escolha do novo lugar teológico do qual se parte (as lutas de libertação) e no uso da mediação sociológica para interpretar em primeira mão este lugar teológico, em substituição ao instrumental filosófico. Seu instrumental sociológico possui uma tendência majoritária, que opta por uma sociologia que privilegia a leitura conflitual e o nível econômico chamada análise marxista (Gutiérrez, H. Assmann); e uma tendência minoritária, que opta pela Teoria de Dependência de caráter culturalista não conflitual (Galilea, Juan Luis Segundo). E já neste período, surgem reações adversas à tendência chamada “análise marxista”.¹⁰⁷

¹⁰⁴ BOFF, C. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

¹⁰⁵ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 45.

¹⁰⁶ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes. p., 498.

¹⁰⁷ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 62.

A partir de 1975, surge uma nova fase marcada pela Exortação Apostólica de Paulo VI, *Evangelii nuntiandi* e a produção da TdL orientada para o método teológico.¹⁰⁸ Neste período, destaca-se a posição de I. Ellacuría e de Leonardo Boff. Estes teólogos representam o espírito vivido pela teologia latino-americana de vertente libertadora que prossegue buscando a fundamentação da identidade própria desta teologia.¹⁰⁹ No Brasil, houve um consenso na reflexão acerca do método teológico para a TdL feita por C. Boff e J. B. Libânio.¹¹⁰ Houve também, a reflexão do teólogo argentino J. C. Scannone que indica uma proposta de método distinta das anteriores.¹¹¹ A reflexão acerca do método da TdL tem reforçado o consenso interno de que ela constitui um novo modo de fazer Teologia, bem como, da legitimidade do uso de uma mediação sociológica no interior do método teológico.¹¹² No alvorecer dos anos 80, a TdL foi norteadada por alguns questionamentos. Primeiro, se a TdL constituía uma novidade no campo da Teologia do Político (C. Boff) ou se era um novo sistema teológico (G. Gutiérrez)? Segundo, se a TdL poderia dispensar o recurso explícito à mediação filosófica (C. Boff) ou não (Ellacuría, Scannone). Perguntou-se também, acerca do objeto da TdL, ou seja, era a TdL, luta dos oprimidos? Dos cristãos? Da nação? O debate prosseguiu. E o questionamento acerca da escolha do instrumental sociológico de que se deve fazer uso da análise marxista na TdL suscitou vários debates.¹¹³

Após dez anos de Medellín, o Continente da Esperança acolheu a Conferência de Puebla. Aqui, surgiu mais uma nova fase de debate sobre a TdL. Em janeiro de 1979, na cidade de Puebla (México), inaugurava-se a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano.¹¹⁴ A recepção do Documento foi favorável por parte de Teólogos da Libertação. Questões alusivas ao método da TdL e ao uso do Marxismo como metodologia de análise social, ocuparam o primeiro plano do debate teológico latino-americano nos anos que se seguiram a Puebla.¹¹⁵

No debate teológico pós-Puebla, buscou-se um melhor entendimento acerca da TdL e de seu método. Recordou-se que a Teologia Tradicional responde

¹⁰⁸ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 70.

¹⁰⁹ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 75.

¹¹⁰ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 80.

¹¹¹ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 81.

¹¹² ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 84.

¹¹³ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 85.

¹¹⁴ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 92-93.

¹¹⁵ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*, p., 93-95.

perguntas sobre a essência das coisas; a Teologia Moderna, responde a perguntas de caráter mais existencial e a TdL responde à interrogação de como ser cristão num continente marcado pela opressão. Ao responder à luz da fé, a TdL recorreu ao método ver-julgar-agir.¹¹⁶

A reflexão teológica de C. Boff foi uma das contribuições mais decisivas para a elucidação desta delicada questão. Em sua tese de doutorado sobre o tema da *teologia e prática*: teologia do político e suas mediações veio aprimorar o rigor metodológico da reflexão teológica latino-americana, que em sua opinião, carecia de uma instrumentação teórica mais pertinente, ocasionando em casos específicos alguns desvios epistemológicos.¹¹⁷

2.1.2

Indignação Ética e Direitos Humanos

A indignação ética e os direitos humanos conduzem-nos a contemplar e refletir sobre a ação libertadora de Jesus e a intrínseca relação entre a opção pelos pobres e a misericórdia de Deus. Comprovamos que na fé cristã há uma “correlação transcendental entre Deus e os pobres”¹¹⁸ e afirmamos que a perspectiva das vítimas ajuda a conhecer melhor a Jesus Cristo, que conhecido, ajuda a conhecê-las e, sobretudo, a trabalhar em sua defesa.¹¹⁹ Asseguramos também, que a relação do Deus bíblico com os pobres é algo primário, essencial e fundamental: “Nos pobres vemos quem é Deus”. E mais, “os pobres são o fracasso de Deus Pai e devem acabar sendo o triunfo de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo”.¹²⁰

O termo “opção pelos pobres” constitui-se um dos pontos centrais da Igreja latino-americana e da TdL.¹²¹ Desde os primórdios e na Idade Média, encontra-se uma densa experiência de proximidade e efetivo cuidado para com eles.¹²² A questão da ‘pobreza’, foi destacada e assumida por quarenta padres conciliares,

¹¹⁶ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Fé e eficácia. p., 95-96.

¹¹⁷ BOFF, C. *Teologia e prática*. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

¹¹⁸ SOBRINO. *Teología desde la realidad*. Em: SUSIN, Luiz Carlos (org). *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p., 153-170; aqui, p., 161, 170.

¹¹⁹ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 19.

¹²⁰ ELLACURÍA, I. *Pobres*. In: FLORISTÁN SAMANES, Casiano – TAMAYO-ACOSTA, Juan-José (ed.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p., 628.

¹²¹ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*. Em: OLIVEIRA, Pedro A. R. de. *A opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011 p., 157-179. Aqui: p., 157.

¹²² ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 158.

entre todos, D. Helder Câmara, que participavam do Concílio Vaticano II e se reuniram após uma celebração eucarística nas Catacumbas de Santa Domitila, em 16 de novembro de 1965, onde firmaram seu compromisso com os pobres e um modo de vida simples. O documento conhecido como *Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre*, expressa uma vertente do espírito do Concílio. O mesmo espírito conduziu muitos a viver em meios populares compartilhando condições de moradia com os pobres, “testemunhando o sofrimento cotidiano dos marginalizados e explorados”.¹²³

Ratificamos que a opção pelos pobres feita pela Igreja latino-americana e assumida nos documentos do episcopado latino-americano, de Medellín a Aparecida, possui dois significados particulares: o primeiro é o da mudança de lugar social; o segundo, indissociável do primeiro, é o de que tal opção conduza a criar condições para que o pobre seja o sujeito das necessárias transformações sociais, bem como um sujeito eclesial pleno. Importa colocar-se ao lado dos pobres na caminhada e nas lutas.¹²⁴ A expressão “opção preferencial pelos pobres” foi corroborada pelo Papa João Paulo II em suas últimas encíclicas sociais [*Sollicitudo Rei Socialis*, n. 42; *Centesimus Annus*, n. 57].¹²⁵ Portanto, encerra-se a polêmica em torno da chamada “opção pelos pobres” ou “opção preferencial pelos pobres” que se faz a partir da fé.¹²⁶ Eis a legitimação do uso da expressão “opção preferencial pelos pobres”:

[...] a opção ou amor preferencial pelos pobres. Trata-se de uma opção, ou de uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Ela concerne a vida de cada cristão, enquanto deve ser imitação da vida de Cristo (*Sollicitudo Rei Socialis*, n. 42).¹²⁷

A crítica à opção pelos pobres feita na Igreja Latino-americana ressurgiu com a pretensão de opor uma opção pelos pobres feita por motivações sociais e pessoais àquela feita a partir da fé, isto é, como cumprimento de um mandato. Colocou-se em questão a concepção da ética cristã e da relação entre a ‘fé’ e seu conteúdo ‘ético’, bem como ‘a lei natural’, pois desde sempre, o Magistério da Igreja e a grande tradição teológica acentuaram a relação entre o conteúdo ético da ‘fé’ cristã

¹²³ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 158.

¹²⁴ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 158-159.

¹²⁵ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 159.

¹²⁶ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 160.

¹²⁷ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 160.

e a ‘lei natural’. À luz da lei natural, a opção pelos pobres revela um dos valores éticos mais básicos: a ‘solidariedade efetiva com o que sofre e é afetado em sua vida digna’.¹²⁸ A fé autêntica suscita uma permanente opção pelos pobres e, por causa da fé, todos são convocados à solidariedade com os pobres.

2.1.2.a

Dom Hélder Câmara e o Pacto das Catacumbas

“Não deixe cair a profecia!”. Esta foi a última mensagem do grande profeta da América Latina.¹²⁹ Dom Hélder Câmara era da geração dos bispos de Medellín e de Puebla. Neste tempo de profecia, desde os anos 50 do século XX, houve um apoio firme e uma verdadeira iluminação por ocasião do Concílio Vaticano II. Aqui, os bispos da América Latina marcaram presença e estavam atentos aos debates conciliares. Dom Hélder estava com Dom Manuel Larraín, bispo de Talca, no Chile, com quem fundou o CELAM. Com seu estilo entusiasta, animava os colegas e, sobretudo, o grupo “dos pobres”, que no final do Concílio assinou o Pacto das Catacumbas.

A mensagem profética de Medellín nasceu na Catacumba de Santa Domitila, no dia 16 de novembro de 1965, quando quarenta bispos de todos os continentes assumiram o compromisso de fazer da libertação dos pobres a prioridade absoluta do seu ministério. O documento de Medellín fez ressoar uma das palavras-chave da profecia que correspondeu à expectativa dos pobres. A profecia na América Latina recordou aos pobres que eles são seres humanos com direito à justiça.¹³⁰

¹²⁸ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 60.

¹²⁹ BARROS, Marcelo. *Dom Hélder Câmara. Profeta para os nossos dias*. Goiás: Editora Rede da Paz, 2006, p., 20.

¹³⁰ COMBLIN, José. *O pobre: critério para a profecia*. Em: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *A opção pelos pobres no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.,181-201. Aqui: p., 182 (Cf. nota de rodapé número 1). Aqui, José Comblin recomenda a leitura de quatro livros para um melhor conhecimento da Teologia Latino-Americana e ajudam a entender a figura de Jesus e seu anúncio do Reino de Deus sob uma luz esclarecedora para os dias de hoje. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulus, 1992; MOINGT, Joseph. *Dieu qui vient à l homme*. Paris, 2002-2006; SEGUNDO, Juan Luis. *La história perdida y recuperada de Jesús de Nazaret*. Santander: Sal Terrae, 1991. E, discretamente, Comblin menciona os dois tomos da cristologia de Jon Sobrino: *Jesucristo liberador*. Madrid: Trotta, 1991; e *La fe em Jesucristo*. Madrid, Trotta, 1999. Pensando em Jon Sobrino, ele lembra das palavras do Cardeal Marty, arcebispo de Paris, que tinha sido encarregado de comunicar ao Padre Congar a condenação romana – proibição de ensinar e até de residir na França -, porque só a presença física dele já podia contaminar toda a França: “Meu padre, não fique aflito demais. Daqui a dez anos todo mundo pensará como você”.

O decreto do Concílio Vaticano II *Unitatis redintegratio* fala da crítica profética da Igreja pelos que estão dentro ou fora (nº 4) da necessária reforma contínua da Igreja pelo fato de ela ser uma instituição humana (nº 6). A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* alude a uma necessidade de perscrutar os sinais dos tempos à luz do evangelho (nº 4). E, neste sentido, a Igreja necessita da iluminação de pessoas que têm uma lucidez especial para entender os apelos que estão nos sinais dos tempos (nº 44).¹³¹ Quem possui o dom da profecia, possui a sensibilidade para perceber o que está acontecendo e o sentido dos acontecimentos, onde está o pecado e por onde vem a salvação aqui e agora.¹³²

Na história do povo de Deus, sempre apareceram profetas verdadeiros. Destacaremos aqui, momentos importantes da história da profecia, para que ela nos ajude a reconhecer profetas e profetisas que Deus pode suscitar no nosso mundo nesta época da história. O Concílio Vaticano II, através da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, afirma que “o povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo” (LG 12).

O povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo: quando lhe dá testemunho vivo, especialmente por uma vida de fé e de caridade, e quando oferece a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que glorificam o seu nome (cf, Hb 13,15). A totalidade dos fiéis, que receberam a unção que vem do Espírito Santo (cf. 1Jo 2,20 e 27), não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade característica através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando “desde os bispos até aos fiéis leigos”, exprime o seu consenso universal a respeito das verdades de fé e costumes. Graças a este sentido da fé, que é suscitado e amparado pelo Espírito de verdade, o povo de Deus, sob a orientação do sagrado magistério e na fiel obediência ao mesmo, recebe, não uma palavra humana, mas o que realmente é, a palavra de Deus (cf. 1 Ts 2,13), adere indefectivelmente à fé, transmitida aos santos de uma vez para sempre (cf. Jd 3), penetra-a mais profunda e convenientemente, e transpõe-na para a vida com maior intensidade. Além disso, o mesmo Espírito Santo não se limita a santificar e dirigir o povo de Deus por meio dos sacramentos e dos ministérios, e a orná-lo com as virtudes, mas também, nos fiéis de todas as classes, “distribui individualmente e a cada um, como lhe apraz”, os seus dons (1Cor 12,11), e as graças especiais, que os tornam aptos e disponíveis para assumir os diversos cargos e ofícios úteis à renovação e maior incremento da Igreja, segundo aquelas palavras: “A cada qual, se concede a manifestação do Espírito para utilidade comum” (1Cor 12,7), Devem aceitar-se estes carismas com ação de graças e consolação, pois todos, desde os mais extraordinários aos mais simples e comuns, são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não devemos pedir temerariamente estes dons extraordinários, nem esperar deles com presunção os frutos das obras apostólicas; é aos que governam a Igreja que pertence julgar da sua

¹³¹ BARROS, Marcelo. *Dom Hélder Câmara. Profeta para os nossos dias*. Goiás: Editora Rede da Paz, 2006, p., 10.

¹³² BARROS, Marcelo. *Dom Hélder Câmara. Profeta para os nossos dias*, p., 11.

genuinidade e da conveniência do seu uso, e cuidar especialmente de não extinguir o Espírito, mas tudo ponderar, e reter o que é bom (1Ts 5,12; 19-21).

Síntese da melhor tradição espiritual da América Latina, em Dom Helder Câmara, encontramos o profetismo e a veia literária de Pedro Casaldáliga, a intrepidez e o senso político de Ivo Lorscheiter, a atenção aos pobres e a capacidade de conciliação de Dom Luciano Mendes de Almeida, a bondade e a intuição teológica de Aloisio Lorscheider, a coragem e a defesa intransigente dos direitos dos pequenos de Evaristo Arns.

Dom Helder Pessoa Câmara (1909-1999) é considerado expoente da profecia, figura exemplar de bispo-pastor e símbolo mundial da não violência ativa, juntamente com Gandhi e Martin Luther King. Paulo VI o via como um místico e um poeta, um grande homem para o Brasil e para a Igreja. João Paulo II chamava-o de “Irmão dos pobres, meu Irmão”.¹³³ Fundou a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). A Conferência nasce por obra de um místico.¹³⁴ Criou uma Conferência de Bispos engajados nos problemas sociais do Brasil.¹³⁵ Jornalistas do *O Cruzeiro*¹³⁶ chamava-o carinhosamente “o São Vicente de Paulo das favelas”.¹³⁷

Dom Helder desenvolveu um intenso trabalho na CNBB, colocando em primeiro lugar a luta para transformar a sociedade, promovendo a justiça.¹³⁸ Ele intensificou sua mística, experiência, capacidade de articular lideranças e vontade política a serviço de um projeto de redenção das populações pobres e marginalizadas diante dos bens econômicos.¹³⁹ Pois, para Dom Helder, “a Igreja não se atrela às situações de injustiças, mas se coloca ao lado das vítimas das injustiças, para cooperar com estas, numa tarefa de recuperação e redenção”.¹⁴⁰

¹³³ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 13.

¹³⁴ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 92.

¹³⁵ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 93.

¹³⁶ “D. Helder – o São Vicente de Paulo das favelas”. *O Cruzeiro*, 5-1-1957. Citado em: Cf. RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 96.

¹³⁷ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 113.

¹³⁸ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. p., 118.

¹³⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. p., 119.

¹⁴⁰ “Foi a Igreja, mediante a liderança de Dom Helder, que articulou a criação da SUDENE (Câmara, H. *Le conversioni di um vescovo*, 93-94). Citação de rodapé. Em: RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 119.

Sua contribuição na Educação Fundamental e Superior foi notável. Importava-se em formar humanos, desenvolver o espírito humano, ampliar a visão, alargar o coração, vencer o egoísmo. Sua imersão nas favelas proporcionou o encontro com a dura miséria; o estudo dos problemas sociais do povo da América Latina lhe fez descobrir as exigências de uma verdadeira educação.¹⁴¹

Dom Helder Câmara viveu intensamente uma mística pastoral fundamentada no diálogo com todos, mas tendo um amor especial pelos pobres.¹⁴² Ao invés dos símbolos de “bispo-príncipe”, preferia os de “bispo-pastor”. Ele configurava-se a Cristo Bom Pastor, que conhece suas ovelhas e busca vida digna para todas. Alimentava-se espiritualmente por meio das Vigílias, da Santa Missa e da missão pastoral.¹⁴³ Ele viveu uma profunda experiência de Deus. A forte experiência de Deus vivida pelo Pastor foi captada pelo povo, que o compara a São Vicente de Paulo e a São Francisco de Assis, e o chamava de “Dom” porque, de fato, ele revelou-se um presente de Deus que transmitia amor, paz, proteção, gentileza, esperança, alegria... Ele comunicava, por gestos e palavras, o próprio Cristo Bom Pastor.¹⁴⁴

Experiência decisiva na vida de Dom Helder Câmara foi o Concílio Vaticano II. Na percepção helderiana, o Concílio foi além de um evento: foi um espírito, um programa de vida, uma concepção eclesial. Helder Câmara foi uma das dez mais importantes lideranças da Assembleia. Sua ação se destacava na articulação da CNBB e do CELAM, em grupos informais, como “Ecumênico”, “Igreja dos Pobres” e “*Opus Angeli*”. Contribuiu para manter o Concílio na linha inspirada por Deus ao Papa João XXIII. Com Dom Larraín, mudou as estratégias iniciais do Concílio, promovendo uma melhor experiência de colegialidade episcopal. Graças a seu espírito entusiasta e motivador que Vaticano II assumiu a renovação litúrgica, o espírito ecumênico, a aproximação entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido, a sacramentalidade do Episcopado e moveu-se em direção do Governo Colegiado da Igreja. Procurou conduzir a Igreja aos “perdidos caminhos

¹⁴¹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 125.

¹⁴² RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 190.

¹⁴³ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 191.

¹⁴⁴ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 191.

da pobreza”. Na sucessão petrina, ajudou o amigo Paulo VI no itinerário místico da prece e da ação. E nos momentos de angústias e desilusões, animou a esperança de Padres Conciliares, destacando-se um dos principais signatários do Pacto das Catacumbas.¹⁴⁵

Sua atuação no Concílio Vaticano II ocorreu em espaços informais. Aí ele ocupou espaço de relevo. Em seus registros, ficam patentes sua mística, espiritualidade, pensamentos, meditações, orações, alegrias, tristezas, angústias, esperanças, capacidades, diálogos sinceros e “rasgados”, doação à Igreja, amor pelos pobres, abertura ao Espírito Santo.¹⁴⁶

Helder é o “Dom”, “o Dom da Paz”, “o Irmão dos Pobres”, “o Pastor da Liberdade”, “o Profeta da Libertação”.¹⁴⁷ Para ele, o Concílio Vaticano II tornou-se uma missão:

Quanto a mim, se me fosse pedido um programa de vida, uma incumbência, uma missão, não vacilaria em dizer: procuremos ser testemunhas do Vaticano II; exemplos vivos de cristianismo aberto, arejado, construtivo, confiante, corajoso; cristãos de nome e de fato; cristãos adultos (CÂMARA, 1977, p. 25, apud RAMPON, 2013, p. 238).

Um “Dom” para a Igreja e uma das melhores concretizações de um Bispo configurado ao modelo proposto pelo Vaticano II, Dom Helder Câmara muito se empenhou para que este Concílio fosse colocado em prática.¹⁴⁸ Ele criou, renovou e orientou as estruturas eclesiais pelo “espírito do Concílio”¹⁴⁹ e percebeu que o “espírito do Concílio” foi captado, vivido e estimulado de modo exemplar na Conferência de Medellín. Aqui, os Bispos foram sábios e proféticos nas decisões de como aplicar o Concílio no Continente:

A Igreja de Cristo que se acha na América Latina, ao tentar aplicar ao nosso Continente as conclusões do abençoado Concílio Ecumênico Vaticano II, adotou claros e indiscutíveis compromissos de assumir a defesa dos Pobres.¹⁵⁰

¹⁴⁵ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 193.

¹⁴⁶ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 207.

¹⁴⁷ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 237.

¹⁴⁸ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 239-240.

¹⁴⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 241.

¹⁵⁰ CÂMARA, Helder. *A Igreja na América Latina: Hoje*. In: CÂMARA, Utopias peregrinas, 85. Apud. RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 242.

Fiel à meta de manter o Concílio na linha inspirada por Deus a João XXIII, Dom Helder Câmara defendeu: a sacramentalidade e a colegialidade episcopal; a liturgia renovada e vivificada; o diálogo ecumênico; o diálogo entre o mundo subdesenvolvido e o desenvolvido; um novo modelo de Igreja alicerçado na pobreza e no serviço; a figura do Bispo-Pastor; a importância de dar atenção aos “sinais dos tempos” como fez a *Gaudium et Spes*.¹⁵¹ Com sabedoria e maestria, soube aplicar seu bom humor, sua mística, seu sorriso e a sua total confiança no Espírito Santo nos momentos mais árduos do Concílio, com o propósito de dissipar toda situação de desânimo e reacender a fé, a esperança e a caridade. Neste sentido, o Concílio Vaticano II foi decisivo e lhe deu fundamentos para propagar um Cristianismo aberto, libertador, promotor da justiça e da paz.¹⁵²

A consagração aos pobres, que Dom Helder iniciou em 1955, chegou ao seu ápice em Medellín. Sua participação foi marcante, especialmente porque atuou na Comissão “Paz”.¹⁵³ A Conferência de Medellín – real, simbólica, espiritual e formalmente – significou, para a Igreja na América Latina, a passagem da tarefa de sustentar a ordem estruturalmente injusta à missão de colaborar na libertação dos oprimidos.¹⁵⁴ Medellín ajudou a Igreja no continente a fazer uma nova leitura da sua história e missão. Através de suas “conversões”, espiritualidade, testemunho de vida, meditações e atuação de profeta e pastor, Dom Helder muito contribuiu para a nova visão.¹⁵⁵

Dom Helder participou da III Conferência do Episcopado Latino-Americano. Na redação do Documento de Puebla, procurou garantir a autêntica tradição profético-espiritual latino-americana.¹⁵⁶

2.1.2.b

Na ação libertadora de Jesus, o pobre é critério para a profecia

Jesus e seu anúncio do Reino de Deus são referências para iluminar os dias de hoje.¹⁵⁷ Seu anúncio profético refere-se ao Reino de Deus, ou seja, é libertação

¹⁵¹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 242.

¹⁵² RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 242.

¹⁵³ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 457.

¹⁵⁴ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 459.

¹⁵⁵ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 459.

¹⁵⁶ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 464.

¹⁵⁷ COMBLIN, José. *O pobre: critério para a profecia*, p., 183.

do reino da dominação, da injustiça, da opressão.¹⁵⁸ Com o anúncio deste Reino, Ele veio para inaugurar um mundo novo.¹⁵⁹ Por isso, em pouco tempo, foi condenado à morte. Assim ocorre com os profetas que se atrevem a levantar a voz para criticar o sistema de dominação em nome da religião.¹⁶⁰ Após Jesus, suscitaram novos profetas e apareceram em todas as épocas da história da Igreja. Onde predomina o Deus dos Evangelhos, os pobres terão um lugar privilegiado. No Evangelho de Marcos, o mais antigo, revela-se uma profecia, uma obra de defesa do verdadeiro Jesus. Nesta, o autor dá-se conta de que já se estava mudando a mensagem de Jesus reintegrando o Judaísmo. E ao perceber o perigo, recorda o que Jesus realmente proferiu e realizou com todo o rigor o distanciamento da religião judaica. Este Evangelho explicita claramente que a mensagem do Reino é para os pobres, os pecadores, os oprimidos. Os Evangelhos posteriores seguiram o caminho assim aberto, atentos ao contexto e ambiente em que foi escrito.¹⁶¹

Embora tenha tido vários desvios na história, a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus jamais foi esquecida. De tempos em tempos, sempre surgem testemunhas lúcidas e fiéis. A obra de Jesus continua sendo a norma oficial da Igreja. Trata-se de seguir Jesus tomando como exemplo a sua vida terrestre. Dentre da mensagem de Jesus e da sua obra, os pobres estão no centro. Eles ocupam o lugar de maior visibilidade. O Pai escolheu os pobres para realizar o seu Reino na terra. A criação de um mundo novo tem como centro a libertação de todos os oprimidos. Por isso Jesus busca os oprimidos e lhes anuncia com gestos e com palavras a salvação, não no céu, mas aqui na terra. O amor do Pai consiste em libertar os oprimidos. Seu amor é prático e real dentro da vida terrestre, tal como é na sociedade atual.¹⁶²

Afirmamos que Jesus nasceu e cresceu no meio dos pobres, falou para os pobres, curou os pobres, escolheu os seus apóstolos entre os pobres, morreu como o mais pobre despojado de tudo o que é humano. O Evangelho de Marcos, que é o mais antigo, é também o mais contundente. Foi a obra de um profeta cristão já consciente da inclinação de muitos para o religioso, esquecidos da vida de Jesus.¹⁶³

¹⁵⁸ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013, p., 183.

¹⁵⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 184.

¹⁶⁰ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 185-186.

¹⁶¹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 187.

¹⁶² RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 195.

¹⁶³ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 195.

Por ser opção pelos pobres, a vida de Jesus foi eminentemente conflitiva, especialmente com as elites de Israel. A preocupação de Jesus era a opressão. Por isso, ele elege os pobres. Neste sentido, os pobres foram escolhidos porque eram oprimidos. E o Reino de Deus que Jesus anunciava, era o fim da opressão e o advento da justiça e do perdão das dívidas. Os antigos profetas já haviam ensinado querer de todos, justiça e misericórdia.¹⁶⁴

No Cristianismo manifesta-se a revelação de Deus, pois o Cristianismo é, em primeiro lugar, a tradição da revelação Dele. Deus revela-se na vida de Jesus. Ele mostra o que é de modo muito compreensível, porque se trata de uma vida humana com todos os seus gestos e atos até a morte, que revela o aspecto mais fundamental de Deus. Este Deus de Jesus é o Pai que se revela no Filho. Quem vê Jesus, vê o Pai.¹⁶⁵

Em Jesus, o Pai fez a experiência de uma vida humana no meio dos oprimidos. Em Jesus, o Pai descobriu o que é ser oprimido, rejeitado, maltratado, condenado e crucificado. Tudo fica claro olhando a vida de Jesus. O poder do Pai se manifestou na ressurreição de Jesus. Aqui, o Pai revela-se como Amor.¹⁶⁶

O Pai é conflitivo. Eis o que é difícil de reconhecer nas religiões estabelecidas, institucionalizadas. As instituições têm horror aos conflitos. Jesus esteve metido em conflitos e sabia que assim fazendo, realizava a vontade do Pai. Jesus provocou o conflito. Sua mensagem básica era conflitiva. O conflito básico era entre os ricos e os pobres. Os ricos são os que tem poder, os que podem impor a sua vontade aos outros. Graças ao seu poder, concentram nas suas mãos as riquezas, o prestígio, os privilégios. Submetem os pobres, que devem trabalhar para eles por um salário miserável, o que os mantém num estado permanente de dependência e de humilhação. Na época de Jesus, a divisão era muito clara. E assim o é também hoje.¹⁶⁷

O Reino de Deus que Jesus anuncia é a inversão da situação social estabelecida. Sua mensagem é o advento de um novo modelo de sociedade. Os ricos seriam rebaixados e os pobres promovidos; e haveria um mundo novo de justiça e de compaixão, assim como tinham anunciado os profetas. Aqui, Jesus revela a

¹⁶⁴ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 196.

¹⁶⁵ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 196.

¹⁶⁶ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 197.

¹⁶⁷ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 198.

pobreza do Pai, totalmente desarmado. Jesus é um dos pobres e desperta a esperança dos pobres. A missão de Jesus é uma missão política. Em Jesus, o Pai quer libertar o seu povo da dominação dos ricos sobre os pobres. Em Jesus, o Pai quer um mundo novo, uma nova criação, na qual, haverá vida para todos.¹⁶⁸ A morte de Jesus na cruz inscreve-se neste contexto. Jesus morreu porque anunciou o Reino de Deus, o que ameaçava tanto o reino de César como o reino das autoridades religiosas de Israel. Era um ato político. Jesus viveu e morreu no conflito fundamental da história humana: a dominação de uma grande massa humana por uma elite que se atribuiu todos os direitos e todos os bens. Com Jesus, o Pai entrou no mesmo conflito, pois o Pai estava com Ele e Nele. Onde estava o Filho, estavam o Pai e o Espírito Santo. Deus revelou-se em Jesus: pela sua vida, pelos seus atos, pelas suas opções. Jesus fez exatamente o que o Pai queria e desse modo nos revela como é o Pai. O projeto do Pai é realizar neste mundo uma humanidade de justiça e solidariedade, uma humanidade de amor. E o fundamento desta humanidade serão sempre os pobres, os dominados, os explorados, os marginalizados das sociedades humanas, as vítimas deste sistema cruel e perverso. Na figura de Deus que Jesus nos revela, os pobres ocupam um lugar central. Tudo gira ao redor deles. A história humana é o objeto da revelação de Deus, e é nessa história que podemos conhecer o verdadeiro Deus, nosso Pai. Porque na revelação de Deus, os pobres são a esperança do mundo. É pelos pobres, é pelas vítimas da história, que se constrói o Reino de Deus. Aqui está a verdadeira Igreja. O seu lugar é um dom gratuito de Deus – a Graça. Nossa missão, como cristãos, é proclamar essa mensagem no mundo inteiro para que todas as vítimas da história colaborem.¹⁶⁹

2.1.2.c.

A intrínseca relação entre a opção pelos pobres e a misericórdia de Deus

Há uma intrínseca relação entre a “opção pelos pobres” e a misericórdia de Deus. A indissociabilidade entre a dimensão social e religiosa desta opção é estabelecida nos Evangelhos Sinóticos. Na época de Jesus, os pobres, além de sofrerem a falta de bens materiais, eram social e religiosamente marginalizados. E

¹⁶⁸ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 199.

¹⁶⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 200-201.

sob o prisma da teologia de retribuição, eram identificados como pecadores.¹⁷⁰ A conduta de Jesus para com os marginalizados era inaceitável. Acusado de comilão e beberrão, amigo de pecadores e publicanos (Mt 11,19; 9,10-13; Lc 5,29-32; 7,34; Mc 2,15-17), Jesus justificava seu comportamento como expressão do amor de Deus.¹⁷¹ No Evangelho de Lucas, encontram-se três parábolas de Jesus sobre a graça de Deus como resposta às críticas feitas a Ele. São as parábolas conhecidas como “a ovelha perdida”, “a dracma perdida” e “o pai misericordioso (filho pródigo)” (Lc 15,11-32).

A solidariedade concreta com os pobres é a condição prévia para colocar-se no seguimento de Jesus, que só é possível com o amor de Deus, o Espírito, a Graça incriada que cria no ser humano o amor, a compaixão que conduz a acolhida às necessidades dos outros, à solidariedade concreta com os pobres. Portanto, colocar-se no seguimento de Jesus é ater-se no seguimento do amor misericordioso de Deus.¹⁷² Deus ama os necessitados de um modo próprio pela sua situação de carência. Em Jesus de Nazaré, Ele os busca e identifica-se com eles. Este amor é revelado na solidariedade concreta com os pobres e na acolhida em deixar-se “mover pela compaixão”. Destarte, a compaixão inscreve-se na humanidade. Na fé, os cristãos encontram elementos fundamentais sobre a especial relação entre Deus e os pobres que devem determinar o agir solidário, a caminhada em direção dos pobres e a incondicional tomada de posição a favor dos irmãos “mais pequenos”.¹⁷³

2.1.2.d.

Ética da Vida: A caminho de um novo paradigma civilizatório

Refletir a questão ética no cenário atual é pensar igualmente as tendências da discussão ecológica,¹⁷⁴ que se dá em quatro formas de realização da ecologia: ambiental, social, mental e integral.

A ‘ecologia ambiental’ preocupa-se com o meio ambiente, para que não sofra excessiva desfiguração, visando à qualidade de vida, à preservação das espécies em

¹⁷⁰ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 161.

¹⁷¹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 162.

¹⁷² RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 170-173.

¹⁷³ RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p., 177.

¹⁷⁴ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,11.

extinção e à permanente renovação do equilíbrio dinâmico, urdido em milhões e milhões de anos em evolução.¹⁷⁵

A ‘ecologia social’ insere o ser humano e a sociedade dentro da natureza como partes diferenciadas dela e procura combater a injustiça social, que significa violência contra o ser humano. Ela luta por um desenvolvimento sustentável.¹⁷⁶

A ‘ecologia mental’, também nomeada de ecologia profunda, sustenta que as causas do déficit da Terra encontram-se no tipo de sociedade que atualmente temos, bem como no tipo de mentalidade que vigora cujas raízes remontam a épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a modernidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica. Propõe trabalhar numa política da sinergia e numa pedagogia da benevolência e exige um novo perfil de cidadãos, com outra mentalidade, mais sensível, mais cooperativa, e mais espiritual.¹⁷⁷

A ‘ecologia integral’ parte de uma nova visão da Terra em que os cosmólogos nos advertem que o inteiro universo se encontra na cosmogênese, ou seja, que está ainda em gênese, constituindo-se e nascendo, formando um sistema aberto, sempre capaz de novas aquisições e novas expressões.¹⁷⁸ Também o ser humano se encontra em processo de antropogênese. A ecologia integral procura acostumar o ser humano com a visão global e holística.

2.1.2.e.

Correntes críticas ao sistema imperante

Todas as crises (econômica, energética, social, educacional, moral, ecológica e espiritual) pelas quais o ser humano padece, têm a ver com a crise fundamental, que é global. E o primeiro sinal visível¹⁷⁹ que a caracteriza é o fenômeno da desigualdade social, pobreza e miséria de um lado, e riqueza e acumulação de outro. Muitas são as críticas que denunciam as causas dessa situação.¹⁸⁰ As primeiras são as críticas ao modelo da sociedade atual e à ecologia. Aqui, há três linhas de crítica.

¹⁷⁵ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,12.

¹⁷⁶ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,12-13.

¹⁷⁷ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p., 14-15.

¹⁷⁸ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,16-17.

¹⁷⁹ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,21.

¹⁸⁰ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,22.

A primeira linha crítica é feita pelos movimentos de libertação dos oprimidos¹⁸¹, os quais proferem que o núcleo desta sociedade não está construído sobre a vida, o bem comum, a participação e a solidariedade entre os humanos. O seu eixo estruturador está na economia de corte capitalista que proclama a economia do crescimento ilimitado, no tempo mais rápido possível, com o mínimo de investimento e a máxima rentabilidade.¹⁸² Para esse tipo de economia, a natureza é degradada a condição de um simples conjunto de recursos naturais ou ‘matéria-prima’, disponível aos interesses humanos particulares. Os trabalhadores são considerados ‘recursos humanos’, ou pior, ‘material humano’, em função de uma meta de produção.¹⁸³ Tal crítica constata que este modelo social gera desenvolvimento econômico, produzindo exploração social nacional e internacional.¹⁸⁴ A segunda linha crítica decorre dos grupos pacifistas e da não violência ativa. Estes notam que o tipo de sociedade de desenvolvimento desigual produz muita violência e conflitos de classe, de etnias, de gênero e de religião. É um modelo que favorece a concorrência, a disputa e a luta de todos contra todos.¹⁸⁵ A terceira linha crítica são os movimentos ecológicos, os quais constatarem que os tipos de sociedades existentes geram riqueza, produzindo simultaneamente, degradação ambiental.¹⁸⁶

Aprofundaremos as correntes críticas ao sistema imperante, com o objetivo e a esperança de fazer emergir um novo paradigma de civilização e de sociedade, onde haja participação de todos e onde imperem relações mais benevolentes para com o meio ambiente.

2.1.2.f.

A corrente ecológica na sua dimensão social

Na sua dimensão social, o grande desafio da corrente ecológica origina-se da pobreza e da miséria. Estas são questões sociais produzidas pela forma como se organiza uma sociedade. Hoje, há uma grande consciência de que o social é parte do ecológico. Portanto, a ecologia social pretende estudar as conexões que as

¹⁸¹ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,23.

¹⁸² BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,22.

¹⁸³ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,22-23.

¹⁸⁴ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p., 23.

¹⁸⁵ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,24.

¹⁸⁶ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,25.

sociedades estabelecem entre seus membros e as instituições e a de todos eles para com a natureza envolvente.¹⁸⁷ Daí a necessidade de uma adequada ecologia social que saiba articular a justiça social com a justiça ecológica: “Pobreza e miséria são questões ecossociais que devem encontrar uma solução ecossocial” (BOFF, 2009, p. 28).

O atual sistema social é antiecológico e gerador de miséria.¹⁸⁸ Neste contexto, emerge a consciência de uma ética socioambiental,¹⁸⁹ uma nova consciência planetária da responsabilidade para com o destino comum de todos os seres.¹⁹⁰ E para se chegar a raiz de todos os males, importa uma nova cosmologia espiritual, isto é, uma reflexão que compreenda o planeta como um grande sacramento de Deus, como templo do Espírito, o lugar da criatividade responsável do ser humano, a morada de todos os seres criados no amor.¹⁹¹ Diante da política de ajustes, em vista do mercado mundial, percebe-se que aumentou a miséria e, simultaneamente, a falta de esperança.

O Cristianismo de libertação, na sua crítica capitalista e por sua atitude, comete uma heresia, na perspectiva do mercado: faz uma opção pelos pobres. E a partir das vítimas do mercado, faz-se um questionamento básico ao mercado atual, como excludente, perverso, inimigo da vida das grandes maiorias da humanidade, negador do projeto de Deus na história.¹⁹² Urge, portanto, uma nova economia política globalizada, um novo sonho coletivo para a humanidade. Para uma atitude ética responsável são relevantes a humanização, a cidadania, a justiça societária, o bem-estar humano e ecológico, o respeito às diferenças culturais, a reciprocidade e a complementaridade cultural.¹⁹³

¹⁸⁷ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,26.

¹⁸⁸ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,31.

¹⁸⁹ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,34-35.

¹⁹⁰ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,37.

¹⁹¹ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p., 39.

¹⁹² BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p., 54.

¹⁹³ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro, Record, 2009, p.,56-57.

2.1.3

A TdL, uma ética e uma espiritualidade libertadora

A TdL é, fundamentalmente, uma ética libertadora, na qual a defesa da vida é um absoluto.¹⁹⁴ Ela foi e é, em essência, uma espiritualidade libertadora que nasce do encontro com o Deus da vida no interior de um sistema profundamente idólatra.¹⁹⁵ Sua prática é a resistência ética e espiritual no interior de uma globalização excludente.¹⁹⁶

Apresenta dois tempos históricos: um tempo de nascimento e maturação (1962-1989) e outro, de redefinição, fortalecimento e expansão (desde 1989). O ano de 1989 é uma referência para assinalar uma mudança de período: a queda do Muro de Berlim, símbolo da derrocada dos socialismos históricos e fim da Guerra Fria. Impõe-se a hegemonia total de uma economia de mercado e de uma globalização de inspiração neoliberal. No contexto eclesial latino-americano, são significativos nessa mudança os fatos ocorridos no dia 16 de novembro de 1989: assassinato de seis jesuítas em El Salvador; 25 de fevereiro de 1990: a derrota eleitoral da frente Sandinista na Nicarágua; e janeiro de 1994: a insurreição zapatista em Chiapas, México.¹⁹⁷

No primeiro período da TdL (1962-1989), destacam-se quatro elementos fundadores e constitutivos: a opção preferencial pelos pobres: raiz e estrutura básica e permanente de toda a TdL; a prioridade da práxis: a TdL, como segundo ato, ou seja, o ponto de partida da TdL, foi sempre a práxis da libertação; a espiritualidade, porque a TdL é uma teologia com Espírito; e o profetismo, porque a TdL é a Palavra de Deus.¹⁹⁸

A opção preferencial pelos pobres é raiz e estrutura básica permanente de toda a TdL. Nela, os pobres são sujeitos do Reino de Deus na construção de uma

¹⁹⁴ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 11.

¹⁹⁵ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 12.

¹⁹⁶ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 13.

¹⁹⁷ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 21-22.

¹⁹⁸ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 25-27.

sociedade alternativa.¹⁹⁹ O ponto de partida da TdL foi sempre a práxis da libertação, com toda sua densidade teórica, estratégica e orgânica.²⁰⁰ Definida como uma teologia que nasce do encontro com o Deus dos pobres no interior de uma prática de libertação, a TdL nutre sua espiritualidade vivida na oração, na mística, na arte, no canto, na poesia e, sobretudo, no testemunho, que muitas vezes conduziu ao martírio.²⁰¹

2.1.3.a.

A TdL no contexto atual: De volta ao fundamento

Atualmente, a TdL quer retomar a sua raiz fundadora e seus elementos constitutivos. A exigência de fidelidade à raiz da TdL é dupla: a experiência de Deus na opção preferencial pelos pobres, bem como uma exigência de criatividade para responder aos novos desafios.²⁰² Na atual conjuntura eclesial e social, a necessidade da TdL é cada vez maior, especialmente para os pobres, que são cerca de 60% da humanidade; para a credibilidade, visibilidade, identidade e dimensão profética da Igreja no mundo moderno, especialmente para os pobres e excluídos. Enfim, o futuro do Cristianismo, pelo menos no Terceiro Mundo, está em grande medida ligado ao futuro da TdL.²⁰³ E para recriar a TdL, bem como, para construir um novo modelo de Igreja, necessita-se da fidelidade criativa à reforma da Igreja iniciada pelo Vaticano II, Medellín e Puebla com uma estratégia de crescimento, espiritualidade, santidade, testemunho e criatividade teológica.

Urge, portanto, redefinir os elementos constitutivos da TdL, especialmente diante do atual sistema de mercado que em sua racionalidade neoliberal, exclui a vida humana e destrói a natureza. Daí a importância da opção pelo excluído e por

¹⁹⁹ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 25.

²⁰⁰ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 26.

²⁰¹ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 26-27.

²⁰² RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 35.

²⁰³ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 37.

uma sociedade alternativa onde todos sejam incluídos.²⁰⁴ A opção pelos pobres é uma opção por pessoas concretas e uma opção contra a própria lógica do sistema.²⁰⁵ E na reconstrução atual da TdL, esta opção radicaliza-se por várias razões: primeiro, opta-se não somente pelos pobres, mas especificamente pelos excluídos. Segundo, opta-se pela defesa da natureza.²⁰⁶ Os novos espaços e os novos sujeitos responsáveis pela reconstrução da TdL implicam, portanto, uma mudança radical de esquemas e paradigmas; mudança qualitativa na própria maneira de ser Igreja, de fazer teologia; bem como, de buscar, encontrar e viver Deus na experiência obscura, mas prazerosa da fé.²⁰⁷

2.1.3.b.

A TdL, uma espiritualidade de resistência

A definição constitutiva da TdL como espiritualidade de encontro com o Deus dos pobres na prática de libertação ainda vigora. É uma espiritualidade de resistência no interior do sistema atual, uma ética e espiritualidade da vida como valor absoluto, do ser e do compartilhar. É um profetismo que adquire formas mais apocalípticas, ou seja, resistência à dominação imperial, importância do testemunho e do martírio, reconstrução da consciência, da memória histórica, da esperança, da visão de um mundo alternativo. E como movimento profético, a TdL está presente na radicalização da opção preferencial pelos pobres, nos novos espaços da práxis de libertação na sociedade civil e nos movimentos sociais.²⁰⁸

Tais tarefas adquirem um contexto mais secular e universal em espaços como o Fórum Social Mundial, a mobilização continental: grito dos excluídos, o diálogo inter-religioso global ou os movimentos continentais pelos Direitos Humanos, contra a guerra e por uma sociedade onde caibam todos e todas.

²⁰⁴ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 39-41.

²⁰⁵ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 43.

²⁰⁶ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 45-46.

²⁰⁷ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 48.

²⁰⁸ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 50.

2.1.3.c.

A modo de conclusão

Uma reflexão à luz da perspectiva, da esperança dos pobres e das vítimas, possibilita a integralidade de todas as dimensões da realidade: a dimensão econômica, social e política, bem como a dimensão ética, teológica e espiritual. Importa valorizar todos os espaços eclesiais possíveis, especialmente aqueles que oferecem o modelo que faz a opção preferencial pelos pobres, pelos povos crucificados, pelas vítimas da história. Neste sentido, a Igreja e a Teologia contribuirão no nível da esperança como no nível dos objetivos críveis e possíveis no médio prazo. E mesmo que os paradigmas e as críticas surjam e ressurjam, a TdL latino-americana continuará sendo uma corrente profunda e sólida, sempre em processo de transformação, fortalecimento e expansão. Ela crescerá sob os avanços intelectuais, assim como à luz do testemunho de profetisas e profetas mártires.

A avaliação crítica da TdL, de seus fundamentos e dos processos históricos que a tornaram possível, recordam as conquistas, as esperanças e a utopia que suscitou entre os pobres e oprimidos; em todos os movimentos espirituais e eclesiais inspirados nela. Os movimentos espirituais e eclesiais continuam vivos e em pleno desenvolvimento de reconfiguração e ressignificação.

A Indignação Ética, os Direitos Humanos e a Justiça suscitam a compaixão e a solidariedade. Elas nos remetem à morte de Jesus na cruz, doação-serviço, expressão máxima do amor divino, pois a solidariedade com o sofrimento das vítimas, dos povos crucificados, permite uma melhor humanização. Na verdade, fortalece a espiritualidade e promove uma esperança plena, assim como um olhar atento e crítico diante da realidade que circunda.

A opção pelos pobres numa Igreja pobre e para os pobres possibilita fazer uma experiência de Deus nomeada ‘experiência mística e emoção efervescente’, gerando sempre a responsabilidade ética de deixar-se conduzir pela Realidade de Deus, Graça Libertadora que conduzirá mulheres e homens novos a uma melhor ‘honradez com o real’ e a um compromisso com a vida, pela vida e para a vida, Vida Plena.

2.2

A atualização do método da Teologia da Libertação latino-americana

Só a aposta numa posição autônoma que se recusa a assumir um papel instrumental permite ao *sujeito* manter a posição criatural e abrir-se à *fé*, buscando no difícil discernimento diário ser fiel ao *Deus Criador e Salvador*, Princípio sem Princípio, Alteridade fundante de toda alteridade, aquele que nunca pode ser domesticado.²⁰⁹

A tríade ‘sujeito-fé-Deus’ da frase acima convoca a inclinarmo-nos diante da Teologia que sempre se considerou como a “ciência da fé” (*fides quaerens intellectum*). Sabemos que o teólogo e a teóloga procuram compreender a verdade além da verdade histórica ou verdade humana, ou seja, a verdade revelada, a verdade da fé, que só se pode compreender no interior da fé.²¹⁰ Portanto, ao entrarmos numa teologia encarnada²¹¹ para “pensar o Mistério”,²¹² não dispensamos as fadigas da reflexão e do trabalho intelectual,²¹³ pois queremos apalpar as “verdades sólidas” do Verbo da Vida,²¹⁴ porque “a verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força de verdade, que penetra nos espíritos, ao mesmo tempo suave e fortemente” (DH, 1).

Neste dinamismo, a fé que persevera em ‘recordar, refletir e revivificar a Compaixão-Opção pelas vítimas da história’ deseja “deixar Deus ser Deus” (SOBRINO, 2000, p. 498), deseja ‘caminhar’ com Deus e no seguimento de Jesus, experimentar “uma *mystagogia* para adentrar-se no Mistério de Deus”.²¹⁵ No “ir e vir” da vida pessoal, comunitária e eclesial, as interpelações pelo ‘sentido’ último do “ser cristão”, são ininterruptas. O “hoje” da Revelação irrompe e convoca esta

²⁰⁹ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *A religião no espaço público*. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. DE MORI, Geraldo. (Orgs.) *Mobilidade Religiosa: linguagens, juventude, política*. São Paulo: Paulinas/Soter, 2012, p., 55-73. Aqui: p., 73.

²¹⁰ LA POTTERIE, Ignace de. *Verdade*. In: LATOURELLE, René. FISICHELLA, Rino. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Op. Cit., p., 1049-1053. Aqui: p., 1053.

²¹¹ A Teologia encarnada que aqui denominamos é a TdL. Aquela cuja “reflexão crítica que parte de uma prática libertadora da fé” (Gustavo Gutierrez). Ou seja, cujo ‘lugar teológico e sujeito’ são os pobres. Uma Teologia que “quer ser indutiva, passando da realidade vivida para a reflexão, de uma prática libertadora para o ato teológico”. DUPUIS, Jacques. *Teologia da Libertação*. In: LATOURELLE, René. FISICHELLA, Rino. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-RJ-Aparecida/SP: Vozes/Santuário, 1994, p., 972-978. Aqui: p., 973-974.

²¹² GUTIÉRREZ, Gustavo. *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job*. Peru-Lima: RIMAC/CEP, 1986, p., 11.

²¹³ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989, p., 5.

²¹⁴ D. HELDER CÂMARA. *Em: GRANDE SINAL*, n. 8, outubro, 1970, p., 624. Apud. BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 142.

²¹⁵ SOBRINO, Jon. *Ser Cristiano hoy*. *Em: Concilium/340*, abril, 2011, p., 253-264. Aqui: p., 262.

fé a “fortalecer em nosso coração a *macrothymia*, a capacidade divina de ‘sentir magnanimamente’, de ler a história e ver a humanidade com amor e esperança”²¹⁶.

Tudo isso é de suma importância para a Teologia.

E assim, enquanto a fé é um caminhar com uma práxis para descer da cruz as vítimas, a teologia é *intellectus amoris*. Enquanto a fé é um caminhar com a esperança de que Deus faça justiça e o carrasco não triunfe sobre a vítima, a teologia é *intellectus spei*. Enquanto a fé é um não poder deixar de caminhar porque algo, anterior a nós, nos move a isso (“havia em meu coração algo como um fogo ardente, preso a meus ossos, e embora eu me esforçasse por abafá-lo, não podia”, Jr 20,9), a teologia é *intellectus gratiae*. Mas tem importância, sobretudo, para a identidade cristã.²¹⁷

A Doutrina do Método Teológico, nosso instrumento essencial, expõe os fundamentos e os pressupostos do conhecimento teológico para evidenciar o valor das afirmações sobre a reflexão teológica em geral e empenhada nos conteúdos específicos da fé.²¹⁸ Antes, se impõe na pré-compreensão do estatuto epistemológico de teologia e, junto a este, no papel e função do teólogo e da teóloga e no mútuo relacionamento entre as diversas disciplinas teológicas. Além disso, põe em jogo os elementos articuladores da teologia e as regras de como esses elementos se articulam. Ciente de que o conteúdo transcendente da fé requer, em sua concretude, a “preferência pelos pobres”, afirmamos que o método deverá necessariamente vir marcado por essa inflexão particular. Neste sentido, exige-se todo um trabalho de renovação do fazer teológico.²¹⁹

Este item, cuja pretensão é a atualização do método da Teologia da Libertação latino-americana, será desenvolvido à luz da experiência da autocomunicação de Deus numa “imersão contemplativa e misericordiosa, no sentido da compaixão”²²⁰; da afirmação de que o ser humano é “o lugar onde a natureza se compreende como criação, isto é, como alteridade de alteridade”; e como “emergência da busca e da espera de um ‘Tu’ a quem agradecer a existência e com quem se reconhecer na e diante da natureza”. Enfim, constataremos que o grande Outro é a humanidade e

²¹⁶ SCATENA, S.; QUEIRUGA, A.T.; SUSIN, L. C.; WILFRED, F. (eds.). Editorial. *Em: Concilium*/340, abril, 2011, p., 159-162. Aqui: p., 160.

²¹⁷ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, *Op. Cit.*, p., 488-500. Aqui: p., 498.

²¹⁸ POZZO, Guido. *Método*. *Em: LATOURELLE, René. FISICHELLA, Rino. (orgs.) Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-RJ-Aparecida/SP: Vozes/Santuário, 1994, p., 607-619. Aqui: p., 607.

²¹⁹ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, *Op. Cit.* p., 13-24. Aqui: p., 19-20.

²²⁰ HAMMES, Érico João. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*. *Em: CRUZ, Eduardo R da. (Org.). Teologia e Ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011. p., 210-230. Aqui: p., 221.

que o “hoje” da palavra da salvação proclamada por Cristo permanece atual, ininterruptamente dirigindo-se a cada ser humano.

2.2.1

A autocomunicação de Deus como Imersão contemplativa e misericordiosa no sentido da compaixão

2.2.1.a

A TdL e seu Método

A TdL provém do esforço por dar sentido ao sofrimento humano quando aqueles que sofrem são vítimas de uma opressão e exploração organizada, quando são mutilados e tratados como seres inferiores ao que são: pessoas humanas, criadas à imagem do Deus trino, redimidas por um só Salvador Jesus Cristo e santificadas pelo Espírito Santo.²²¹ ‘Epistemologia original’ compreendida como teoria do conhecimento, a TdL explicita o relacionamento entre sujeito e objeto no ato da produção de um determinado conhecimento.²²² Na TdL, o teólogo e a teóloga são o sujeito e a fé acolhida e transmitida pela Igreja ao longo da história é o objeto. Esta reflexão sistemática se constrói sobre a opção fundamental pelos pobres e sobre a práxis libertadora, de um lado, e do outro, sobre a articulação recíproca das três mediações: sócio analítica, bíblico-hermenêutica e prático-pastoral.²²³

Todo método teológico possui dois momentos, o *auditus fidei* e o *intellectus fidei*, que acoplados, constituem a Teologia.²²⁴ Na TdL o *auditus fidei* realiza-se a partir do *locus* dos pobres, pois é ele verdadeiramente um *locus theologicus*.²²⁵ No que diz respeito à recordação, reflexão e revivificação da Compaixão-Opção pelas vítimas da história, almejamos realizar o *intellectus fidei* como *intellectus amoris*.²²⁶ Pois se trata de um método dialético na “mútua interpelação” (EN 29).

²²¹ GUTIÉRREZ, G. *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job*. Peru-Lima: RIMAC/CEP, 1986, p., 19.

²²² DUPUIS, Jacques. *Teologia da Libertação*. In: LATOURELLE, René. FISICHELLA, Rino. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-RJ-Aparecida/SP: Vozes/Santuário, 1994, p., 972-978. Aqui: p., 973-974.

²²³ *Ibid.*, p., 975-976.

²²⁴ POZZO, Guido. Método. *Em*: LATOURELLE, René. FISICHELLA, Rino. (orgs.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. p., 607-619. Aqui: p., 610-611.

²²⁵ POZZO, Guido. Método, p., 974.

²²⁶ SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p., 70-75. Sobrino defende que a TdL é *intellectus amoris*, porque é antes de tudo, *intellectus iustitiae*, prática da justiça a partir da parcialidade dos pobres.

E neste “círculo metodológico”, o novo *intellectus amoris* se compõe ao clássico *intellectus fidei*. E a teologia poderá ser chamada de *intellectus fidei amore formatae* (a inteligência da fé informada pelo amor), ou melhor, nos termos paulinos e agostinianos, *intellectus fidei quae per caritatem operatur* (a compreensão da fé que opera pela caridade).²²⁷

A seguir, acenaremos para a contribuição das leis da física nas diversas áreas do conhecimento, contemplaremos o mistério divino em relação com o mundo configurado por evolução e demonstraremos o ser humano como ser em relação e para a relação. Arremataremos com o foco no ‘método de integração’.

2.2.1.b

Ciência e Teologia: uma relação diferente

Antes de constituir-se com base nos critérios e nas normas operativas comuns às outras ciências, a elaboração do método em teologia deve observar os princípios normativos derivados do saber da fé, assumindo as contribuições e os meios críticos próprios das formas do saber metafísico, histórico, hermenêutico, etc. A teologia tem condições de atender tanto à exigência de organicidade, sistematicidade, logicidade e unitariedade do pensamento, quanto às exigências do saber da fé.²²⁸

O Método Teológico em diálogo com a Física²²⁹ revela que as metodologias, os instrumentos e as linguagens nos seus respectivos campos de pesquisa são distintos. Contribui na urgência de se buscar uma articulação entre as áreas do saber, bem como configurar-se com a afirmação genuína de que todas as ciências ‘naturais’ são direta ou indiretamente ‘antropologia’ e que todas dizem algo sobre o ser humano.²³⁰ Tal compreensão revela humildade teológica, reconhecimento do pluralismo e convicção de que a teologia deve buscar a articulação.

As leis da física vêm produzindo consequências imensas na evolução da humanidade, pois procuram descrever com precisão todos os fenômenos naturais em seu nível mais fundamental. As análises profundas de Richard Feynman²³¹ em

²²⁷ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p., 282-296. Aqui: p., 288.

²²⁸ POZZO, Guido. Método. Em: LATOURELLE, René. FISICHELLA, Rino. (orgs.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. p., 607-619. Aqui: p., 610.

²²⁹ A Ciência dos fenômenos físicos: movimento, peso, pressão, calor, luz, som, eletricidade, etc. Assim compreendida, a física e a química são reunidas sob o nome de ciências físicas (por oposição às ciências biológicas, também chamadas ciências naturais). LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p., 419.

²³⁰ RAHNER, Karl. *Sollicitudine per la Chiesa*, Nuovi Saggi [vol. 8], San Paolo: Edizioni. p., 73.

²³¹ FEYNMAN, Richard. *Sobre as leis da física*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ editoras, 2012.

Sobre as leis da física contribuem para uma melhor compreensão acerca da Ciência que “só é útil se nos diz algo sobre os experimentos que ainda não foram feitos”. *Sobre as leis da física* interessa a todos os saberes do conhecimento, (inclusive à teologia), porque suscita reflexões sobre conceitos muito importantes e gerais.

O debate entre Ciência e Teologia concerne aos problemas de ‘epistemologia’. Teorizar sobre Deus e teorizar sobre o mundo diz respeito à verdade, ao conhecimento e ao ser.²³² A Ciência se esforça por explicar, de forma ampla, todos os fenômenos naturais. Ela tem, portanto, uma relação diferente com a Teologia, conforme sejam consideradas como complementares ou como contraditórias e segundo a ideia que se tiver da relação entre hipótese, observação, teoria e interpretação.²³³

2.2.1.c

O reconhecimento da pluralidade de ordens

A articulação “ciência-filosofia-fé” é considerada na perspectiva global. O ser humano se compromete inteiramente com estes procedimentos e, através dos mesmos, tenta instaurar, de maneira satisfatória, suas relações com o mundo e consigo mesmo. Neste sentido, apreende que a ciência é um modo de conhecimento e uma atitude do espírito; que a fé é uma experiência espiritual e um modo de conhecimento; e a filosofia pretende explicar-se a propósito de determinantes últimos da existência humana.²³⁴ Insiste-se aqui em considerar as respectivas características destes diferentes procedimentos de espírito no âmbito do conhecimento para que não haja confusão metodológica. Também, que se conscientize de que a síntese, legítima e fecunda, é de natureza escatológica. Melhor dizendo, o caminho da síntese passa pelo reconhecimento da pluralidade de ordens.²³⁵

A ideia de conhecimento racional está presente na ciência e na filosofia. Nelas, destacam-se três aspectos. O primeiro é um saber que opera sobre si, ou seja, uma exigência crítica que se traduz como questionamento e dissolução das evidências (forma negativa). O segundo é a vontade de sistema, uma exigência

²³² PUDDEFOOT, John C. *Ciências da Natureza*. Em: LACOSTE, Jean-Yves (org). Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004. p., 384-386. Aqui: p., 385.

²³³ PUDDEFOOT, John C. *Ciências da Natureza*, p., 384.

²³⁴ LADRIÈRE, Jean. *A articulação do sentido*. São Paulo: EPU, 1977, p., 157.

²³⁵ LADRIÈRE, Jean. *A articulação do sentido*, p., 158.

crítica positiva. Este sistema visa a completude. E o terceiro é a ideia de sistema da exigência crítica que faz surgir o método. No método, a exigência só é crítica na medida em que consegue controlar seus próprios passos e organizá-los conforme imperativos que decorrem de sua própria essência. O método é a determinação da exigência crítica, porque permite substituir a flutuação das intenções originárias pelo concreto de uma estratégia definida por planos precisos e rigorosos.²³⁶

Vale dizer, a elaboração do método é inseparável de sua atuação, porque é necessariamente afetado de historicidade. E o esforço de invenção do mesmo conduz à descoberta da pluralidade dos métodos. Daí a importância do reconhecimento e da articulação e de um ‘método de integração’.

2.2.1.d

A presença generosa e solidária de Deus

A nova história do universo e da vida configurada pela teoria da evolução nos conduz a debruçarmo-nos no Mistério de Deus e do ser humano considerando as principais reações tanto do lado das ciências como do lado da fé. Do lado das ciências, há uma independência diante da questão de Deus na forma de agnosticismo e ateísmo; e do lado da fé, há uma tentativa inicial de negar a consistência da teoria, reduzindo-a a simples hipótese.²³⁷

Na medida em que integra o diálogo com o mundo moderno e as ciências, o Concílio Vaticano II representou um passo à frente na aceitação geral da teoria evolutiva.²³⁸ Cientes de que o conhecimento adequado de Deus e de sua criação é obra do Espírito, percebemos que sua presença se dá de forma generosa e solidária, numa imersão contemplativa e misericordiosa, no sentido da compaixão.

Neste universo de amor, o ser humano é o lugar onde a natureza se compreende como criação, como alteridade de alteridade e emergência da busca e da espera de um “Tu” a quem agradecer a existência e com quem se reconhecer na e diante da natureza.²³⁹ Aqui, a fé em Deus depende da autocomunicação livre e

²³⁶ HAMMES, Érico João. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*. Em: CRUZ, Eduardo R da. (Org.). *Teologia e Ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011, p., 210-230. Aqui: p., 159-160.

²³⁷ HAMMES, Érico João. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*, p., 212.

²³⁸ HAMMES, Érico João. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*, p., 215.

²³⁹ HAMMES, Érico João. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*, p., 210-230. Aqui: p., 221.

gratuita do próprio Deus. Na origem da fé está uma experiência do Transcendente que se faz presente e encontra o mundo do ser humano, no qual se torna participante.²⁴⁰

2.2.1.e

Jesus Cristo, ápice da Revelação

Nossa tarefa específica é entender e interpretar a credibilidade da auto-revelação de Deus ocorrida definitivamente em Jesus Cristo. Esta autocomunicação divina na história do ser humano atingiu seu ápice no Mistério Pascal e no envio do Espírito Santo, que é espírito de amor. A natureza e a credibilidade da auto-revelação de Deus e a ressurreição de Cristo dentre os mortos são iluminadas pelo tema do Amor.²⁴¹

Deus manifestou-se no universo e por meio deste. O ato da criação pode ser visto exatamente como o primeiro sinal revelador da divina benevolência. O amor é aceitação que significa querer o bem dos outros e trabalhar por ele. O Deus revelado no ato da criação é um Deus que reconhece bons os seres humanos e seu mundo e, com poder divino, diz: “Eu quero que vocês existam”.²⁴² Portanto, o ser humano e todo o mundo criado existem em relação e para a relação. Neste sentido, prosseguimos ao próximo item.

Com sua palavra, Deus introduz progressivamente o ser humano no conhecimento de seu ser íntimo, até o dom supremo de sua Palavra feita carne. Deus se manifesta com sua ação na história: uma ação que é promessa e realização, palavra eficaz que opera a salvação que promete. E tal promessa corresponde a uma ‘fé obediente’.²⁴³ A revelação cristã, portanto, é histórica. Com a encarnação, Deus entra na história e, para manifestar-se, assume o que existe de mais diferente Dele, a saber, o corpo e a carne do ser humano, com todos os riscos e os limites da linguagem, da cultura, da instituição.²⁴⁴

²⁴⁰ HAMMES, Érico João. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*. p., 227-228.

²⁴¹ O’COLLINS Gerald. *Amor*. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-RJ-Aparecida/SP: Vozes/Santuário, 1994 p., 45-46. Aqui: p., 45.

²⁴² O’COLLINS Gerald. *Amor*. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis-RJ-Aparecida/SP, Vozes/Santuário, 1994, p., 45-46. Aqui: p., 45.

²⁴³ LATOURELLE, R. *Revelação*. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 816 -852. Aqui: p., 818.

²⁴⁴ LATOURELLE, R. *Revelação*, p., 838.

A encarnação é, em sua realização concreta, a revelação do próprio Deus em pessoa. A obscuridade da carne torna-se o meio privilegiado com que Deus quer manifestar-se e doar-se definitivamente a nós, numa revelação que nunca passará. Ao revelar-se, Deus se doa; e doando-se na encarnação, Deus se revela.²⁴⁵

Com a encarnação, se dá uma verdadeira “humanização” de Deus. Daí segue que todas as dimensões do ser humano são assumidas e utilizadas para servirem de expressão à pessoa divina. Além das palavras e pregação de Cristo, também os atos, as atitudes, o comportamento em relação aos pequenos, aos pobres, aos marginalizados, a todos os que a humanidade ignora, despreza ou rejeita, a paixão e a morte e toda a existência de Jesus são um modo perfeito de revelar-nos seu mistério de filhos. Cristo envolve-se inteiramente na revelação do Pai e de seu amor. Deve-se dizer, portanto, que o amor de Cristo é o amor de Deus tornado visível e que os atos e as palavras de Cristo são os atos e as palavras humanas de Deus.²⁴⁶

O Concílio Vaticano II inspira-se tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento ao descrever a revelação de Deus que, “no seu grande amor”, nos fala como amigos e nos admite à comunhão com Ele (DV 2). Esta autocomunicação de Deus (DV 6) tende à nossa salvação, através de uma estrutura sacramental de palavras e acontecimentos (DV 2).²⁴⁷

Jesus Cristo, com os eventos de sua vida, morte e ressurreição, é auge da autocomunicação divina. O cerne desta comunicação divina revelada em Cristo foi formulado pela comunidade joanina na expressão “Deus é amor” (1 Jo 4,8.16). Na Encíclica *Redemptor Hominis*, de 1979, como na *Dives in Misericórdia*, de 1980, João Paulo II afirma que a “revelação de amor” de Deus é também “descrita como misericórdia”. E que “na história humana, esta revelação do amor e da misericórdia assumiu uma forma e um nome, o de Jesus Cristo” (RH 9). Portanto, o que Cristo traz é, antes de tudo, a presença visível, tangível e crível do “Emanuel, Deus conosco” (Mt 1, 23). Em Jesus Cristo, Deus é revelado como tripessoal. O Pai é conhecido como a fonte última da vida e do amor divinos; o Filho é a presença perceptível deste amor; o Espírito Santo é experimentado como dom de amor (Rm 5,5), que conduz à plena realização escatológica.²⁴⁸

²⁴⁵ LATOURELLE, R. Revelação, p., 838.

²⁴⁶ LATOURELLE, R. Revelação, p., 838.

²⁴⁷ O’COLLINS Gerald. Amor. In: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 45-46. Aqui: p., 45.

²⁴⁸ O’COLLINS Gerald. Amor, p., 46.

Os evangelhos sinóticos, ao apresentarem o ministério de Jesus, descrevem uma auto revelação do amor muito implícita, mas extremamente real nas palavras e nos fatos. Jesus obedeceu ao Pai, serviu aos irmãos e às irmãs e sofreu por eles, curou-os, deu-se a si mesmo com ilimitada generosidade e no fim morreu na cruz entre dois incrédulos, aos quais deu a compaixão e a misericórdia divinas. Jesus foi o amor personificado. A real e definitiva revelação do amor de Deus é a ressurreição de Jesus crucificado. Aqui, a amorosa automanifestação de Deus atingiu o ápice.²⁴⁹

2.2.1.f

A modo de conclusão

O item acima demonstrou a contribuição das leis da física nas diversas áreas do conhecimento; considerou o mistério divino em relação com o mundo configurado por evolução e ratificou-se o ser humano como ser em relação e para a relação. Ratificou a importância de uma relação aberta entre ciência natural e teologia; reafirmou que todas as ciências naturais são direta ou indiretamente antropologia, por dizerem algo sobre o ser humano e confirmou que uma antropologia das ciências naturais tem seu direito de existir e deve ser reconhecida pelo teólogo e pela teóloga. Portanto, a ciência natural e a teologia devem coexistir e escutar-se mutuamente. E, diante da incapacidade de se integrar, o ser humano, mesmo cristão, deverá lidar com um pluralismo inevitável da ciência.

O conceito de “origem” na ciência é completamente diferente do conceito de “origem” na filosofia e na teologia. Na ciência, essa “origem” se chama origem “epistemológica” e, como tal, não implica um salto para uma busca de uma origem filosófica e teológica, como o Deus das lacunas frequentemente invocado pelas pessoas. Este nada tem a ver com o Deus amoroso e solícito que conhecemos das Escrituras cristãs.²⁵⁰

Na teologia, a criação é uma relação em que Deus cria o Universo através do *Logos*, a segunda pessoa da Trindade, numa relação de amor, que é o Espírito Santo, com seu Filho. Para uma pessoa de fé, a harmonia que se encontra no Universo é

²⁴⁹ O'COLLINS Gerald. Amor, p., 46.

²⁵⁰ GIONTI, Gabriele. *O universo como manifestação de um Deus Criador benevolente*. Disponível em: IHU-online/405, 22/10/2012. Acessado em: 25/10/2012.

uma manifestação, mas não uma prova, da beleza e bondade de um Deus criador benevolente. Ciência, teologia e filosofia: elas se influenciam mutuamente na medida em que as questões científicas inspiram as questões filosóficas e teológicas e vice-versa. Contudo, as metodologias, os instrumentos e as linguagens de seus respectivos campos de pesquisa ainda permanecem distintos. Deste modo, urge produzir uma Teologia focada no método de integração.

2.2.2

O ser humano, lugar onde a natureza se compreende como criação, alteridade de alteridade

O Concílio Vaticano II reconhece que os crentes têm uma parcela de responsabilidade na incredulidade dos ateus, na medida em que são incoerentes em seu modo de viver a religião (GS 19). Neste reconhecimento, inclui no âmbito do Reino de Deus, quem vive uma vida correta, mesmo sem atingir uma afirmação teórica explícita do ato religioso, pois sua honestidade moral não existe sem a graça divina e os elementos de verdade e de justiça, presentes nesta forma de vida, constituem uma verdadeira “preparação ao evangelho” (LG 16). Importa, pois, assegurar que Deus, dada a sua vontade salvífica universal, pode levar à fé, de modo misterioso, todos os que, sem culpa própria, ignoram o evangelho (AG 7).²⁵¹

Significativa é a doutrina conciliar sobre a Revelação Divina na qual se propõe o Mistério do Deus da revelação e da fé, que quis revelar-se a si mesmo e manifestar seu projeto de salvação, movido por sua sabedoria e por sua bondade. Afirma-se a fé num Deus invisível e misericordioso, que fala aos seres humanos, convidando-os a uma participação misteriosa em sua vida e em sua beatitude infinita. A manifestação do mistério e do desígnio de Deus acontece nas palavras e nos fatos da história da revelação e da salvação, que culminará em Cristo, mediador e plenitude da mesma revelação salvífica escatológica (DV 1). Através das obras criadas, o Deus da criação oferece um perene testemunho de si mesmo. Aos que perseveram na prática do bem, o Deus da salvação oferece a vida eterna. Através da história de eleição e da aliança com o povo da promessa, o Deus da revelação

²⁵¹ PASTOR, Félix-Alejandro. *Deus. Em*; LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) Dicionário de Teologia Fundamental. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 212-226. Aqui: p., 225.

manifestou-se à humanidade, como único Deus vivo e verdadeiro, criador benévolo do mundo e juiz justo da história universal (DV 2-3).

Sob esta perspectiva, este item será desenvolvido com o intuito de focar o método de integração e comprovar que o ser humano é um sujeito irrepetível para que se adquira uma visão global do fenômeno que garanta, simultaneamente, a exigência de salvar a transcendência de Deus e a racionalidade e liberdade do sujeito

2.2.2.a.

Um enfoque ao Método de Integração - O *crente* e o *outro* ante o Mistério de Deus na dinâmica e lógica de sua auto revelação

O discurso sobre o método se impõe, porque, como disciplina teológica, constitui uma epistemologia para toda a estruturação do saber da fé. Enquanto disciplina teológica, a Teologia Fundamental está plenamente inserida na metodologia própria, que regula o saber da fé; portanto, segundo os caracteres gerais que desembocam no *auditus fidei* e no *intellectus fidei*. E com referência ao conteúdo, tem por objeto o evento da ‘revelação’ e sua ‘credibilidade’. A revelação, como evento histórico que culmina na singularidade e definitividade de Jesus de Nazaré, é compreendida como decisão da intervenção livre e gratuita de Deus na história. Além disso, o princípio para sua credibilidade é intrínseco e dado com o próprio evento; é a própria pessoa de Jesus Cristo, que não necessita de nenhum outro testemunho do Pai (Jo 5, 31-32; 8,13-18).²⁵²

O objeto de investigação é, antes de tudo, o Mistério de Deus na dinâmica e lógica de sua auto revelação.²⁵³ O evento da revelação é dado a conhecer antes de tudo por parte de um ato kenótico de Deus que, no mistério de sua encarnação, assume a categoria da historicidade, além disto, através da mediação da comunidade dos discípulos, que transmite tudo o que o mestre fez e disse, permitindo, assim, às gerações futuras se encontrarem com o Senhor (cf. DV 7).

No que tange à dimensão da historicidade da revelação, afirmamos o atingimento da consciência histórica que um sujeito como “Jesus de Nazaré” teve e exprimiu sobre sua pessoa. Importa compreender tudo o que ele revelou sobre sua

²⁵² FISICHELLA, R. *Método*. In: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.); Dicionário de Teologia Fundamental. Petrópolis-RJ; Aparecida- SP; 1994, p., 619.

²⁵³ FISICHELLA, R. *Método*, p., 620.

missão, sobre o papel que desempenhou e sobre as determinações que deixou a seus contemporâneos e, sobretudo, sobre sua tomada de posição diante de sua morte. Este evento, portanto, constitui o cenário para o qual é possível fazer convergir o sentido último dado por ele a sua missão e à consciência de ser portador de uma revelação que provinha do próprio Deus. A historicidade comporta inevitavelmente a compreensão de como este evento chegou até nós: transmitido e mediado por pessoas que, transformadas pela fé, tornaram universal, o núcleo central de sua mensagem e as linhas básicas de sua pessoa, superando as barreiras territoriais e temporais.²⁵⁴

Esta Teologia possui dois destinatários: o crente e o “outro”. Ao primeiro, dá as razões por que crê; ao segundo, dá os motivos para que possa pelo menos tomar em consideração o desafio da fé. O crente, por força da fé, é habilitado a indagar seu conteúdo com uma inteligência crítica que provenha, antes de tudo, do interior do ato de crer que, como tal, já comporta uma atividade intelectual do sujeito. Ao “outro”, deve-se evidenciar que, já no interior da estrutura ontológica do sujeito, o “crer” é componente determinante para a auto realização; e, além disto, que no crer se apresenta uma série de “razões” ou um “acúmulo de probabilidades” que podem tornar a vida plenamente humana.²⁵⁵

2.2.2.b.

O método de integração protege a transcendência de Deus e a racionalidade e liberdade do sujeito

Na busca de um método de integração, é importante dedicar-se à sua problemática. O método de imanência de Blondel, o método transcendental no projeto de Rahner, o método psicológico na tentativa de Neyman, ou o da correlação proposto por Tillich, inserem-se significativamente neste horizonte como metodologias diversas e complementares, para oferecer uma leitura apologética da revelação.

Para Blondel, a vida é uma práxis. O ser humano age e não pode deixar de agir. A dialética posta em ação por Blondel evidencia, em nós, uma “rachadura aberta” que só pode ser preenchida por Alguém diferente de nós. Para poder dar um

²⁵⁴ FISICHELLA, R. *Método*. In: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.); Dicionário de Teologia Fundamental. Petrópolis-RJ; Aparecida- SP; 1994, p., 620.

²⁵⁵ FISICHELLA, R. *Método*, p., 621.

sentido à própria vida, o ser humano precisa manter-se aberto à possibilidade de um dom divino que, para o crente, é obviamente a revelação cristã: ela é a resposta esperada.²⁵⁶

Rahner estruturou e concebeu a doutrina da graça em chave teológico-fundamental à luz da *potentia obedientialis*, o conceito basilar da “autocomunicação de Deus exprime isto inequivocamente. Rahner destacou-se por sua abertura para a orientação primária para a práxis, para as dimensões políticas da teologia ou para a perspectiva latino-americana sobre a libertação.”²⁵⁷

No projeto de Newman, encontra-se uma “dialética existencial” que, por seu método indutivo, obriga a refletir sobre a fé de nossa condição humana. A primeira característica é determinada pelo fato de que o sujeito se torna de novo parceiro do discurso teológico. É, portanto, o ser humano que enfrenta o tema definitivo do sentido. Newman conseguiu enxergar o componente universal da fé cristã, assumindo a experiência como leitura psicológica, mas não se limitando a ela. Em Newman, a fé é considerada como um ato global, um conjunto de sentimento, de razão e de práxis. A fé como resposta e necessidade para todos os seres humanos, pois a universalidade é característica da própria revelação.²⁵⁸

O sistema teológico de Paul Tillich (1886-1965) é pensado segundo o esquema de “uma elipse bifocal”. Os dois focos são a razão crítica e extática, que interroga e contempla, e a revelação da teonomia e do mistério, que responde às questões últimas do ser humano, através dos grandes “símbolos religiosos” do Cristianismo. A correlação teológica fundamental é ser humano e Deus.²⁵⁹

O termo “integração” indica a possibilidade de tornar inteiro o que ainda não o é, mediante o aporte de elementos necessários e úteis. Com este método de integração, assume-se no mistério, o evento histórico que o revela e que uma comunidade transmite mediando, e que, portanto, necessita ser estudado com seu método próprio.²⁶⁰

A ‘integração’ no mistério não humilha o evento histórico, pois o mistério – ainda que por força de seu ato kenótico – tornou-se cognoscível na expressão histórica e não pode prescindir da própria estrutura histórica, se quiser dirigir-se à

²⁵⁶ FISICHELLA, R. *Método. Em: Dicionário de Teologia Fundamental.* p., 108-113. Aqui: p., 108.

²⁵⁷ NEUFELD. *Dicionário de Teologia Fundamental.* p., 726-728.

²⁵⁸ FISICHELLA, R. *Método,* p., 680.

²⁵⁹ PASTOR, Félix-Alejandro. *Deus,* p., 1010.

²⁶⁰ FISICHELLA, R. *Método,* p., 622.

humanidade e ser entendido e acolhido por ela. Somente com a integração na leitura teológica se poderá ter uma visão global do fenômeno que garanta, ao mesmo tempo, a exigência de salvar a transcendência de Deus e a racionalidade e liberdade do sujeito.²⁶¹

Mediante o ‘método de integração’, também o ‘destinatário’ é plenamente respeitado. A Teologia deve estar sempre em condições de ter que avaliar o sujeito histórico individual, carregado de toda a pregnância de sua época e permanecer com todos os meios naquele estado de atenção, de expectativa e de “pergunta”, para não deixar escapar nenhuma provocação que, eventualmente, possa surgir do “outro”. Esta situação põe a Teologia em alerta e a estimula a fazer-se, ela mesma, provocadora de pergunta, a fim de que, maieuticamente, cada um redescubra o desejo de Deus e a compreensão de seu mistério. Isto comporta a capacidade de reportar-se às diversas disciplinas que estão em condições de exprimir mais cientificamente as mudanças socioculturais.²⁶²

2.2.2.c.

O ser humano é um sujeito irrepitível

Em seu delineamento e método, a antropologia teológica opera como as demais disciplinas da área, revelando as conexões, múltiplas e íntimas, que acontecem entre como a fé testemunha, tendo acolhido como decisivo para o ser humano, e a compreensão que o ser humano foi elaborando de si; entre aqueles dados que as fontes bíblicas oferecem e seu modo atual de pensar, de se interrogar, valorizar e agir.²⁶³

A condição de uma pessoa ou de uma coletividade autônoma determina ela mesma a lei à qual se submete.²⁶⁴ Capacitado para a liberdade, o ser humano autoconfigura-se de acordo com suas próprias opções. O ser humano é irrepitível,

²⁶¹ FISICHELLA, R. *Método. Em: Dicionário de Teologia Fundamental.* p., 108-113. Aqui: p., 623.

²⁶² FISICHELLA, R. *Método. Em: Dicionário de Teologia Fundamental.* p., 623.

²⁶³ ELIZONDO, Felisa. *Antropologia. In: FLORISTÁN SAMANES, Casiano. TAMAYO-ACOSTA, Juan José. Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo.* São Paulo: Paulus, 1999, p., 23-32. Aqui: p., 29.

²⁶⁴ LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 1993, p., 115.

porque é liberdade. E mesmo subordinado a evidentes condicionamentos, possui uma autêntica capacidade de autodeterminar-se.²⁶⁵

Como ser pessoal e livre, o ser humano mantém-se em abertura ao mundo e aos outros, exerce sua liberdade e exprime sua transcendência. Inserido no mundo, transcende, porque está centrado na pessoa de Jesus, o Ser Humano perfeito. Ao capacitar sua liberdade, ou seja, ao deixar-se libertar pelo Espírito de Jesus Cristo, rompe as amarras do pecado e do egoísmo, para viver na liberdade dos filhos de Deus, que é a de Jesus, que opta em fazer o bem e se entrega até a morte por amor. Insistir na liberdade humana é afirmar simultaneamente, que diante de Deus e para Deus, o ser humano permanece sempre um “autêntico sujeito”, um “verdadeiro tu”.²⁶⁶

2.2.2.d.

Assentimento à revelação divina: alteridade absoluta da sabedoria

A última vocação do ser humano que interessa à teologia cristã é a íntima comunhão com Deus, a que Cristo nos dá acesso, e a plena comunhão com os irmãos, com os quais vivemos na Igreja, “instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1), congregada pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (LG 4).²⁶⁷ É em Deus mesmo que a fé tem sua fonte originária. A fé implica, pois, a iniciativa criadora e reestruturadora de Deus: é em Deus que o espírito se apoia, como num fundamento primeiro e absoluto. Correlativamente, Deus, quando se entrega para além do trâmite da analogia, só pode contar consigo mesmo. A verdade absoluta, para impor-se como tal ao espírito criado, só pode depender de si mesma.²⁶⁸

A fé possui um caráter de globalidade, pois a Deus que revela é devida a *obediência da fé* (Rm 16,26; ref. Rm 1,5; 2Cor 10,5-6), com o que o ser humano se entrega todo a Deus, prestando livremente ‘o pleno obséquio da inteligência e da vontade de Deus que revela’ e consentindo voluntariamente na revelação dada por ele (Cf. DV 5). A entrega plena envolve a inteligência, o coração, o comportamento

²⁶⁵ LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*. São Paulo, Loyola, 2005, p., 66-71. Aqui: p., 70.

²⁶⁶ LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*, p., 70.

²⁶⁷ LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*, p., 71.

²⁶⁸ LANGEVIN, Gilles. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 319-324. Aqui: p., 321.

e o gesto: atinge o ser humano em todas as dimensões. E o assentimento à revelação divina exprime antes de tudo a alteridade absoluta da sabedoria. As palavras e os gestos da revelação procedem do mistério de Deus e, portanto, do outro, naquilo que tem de mais radical. Ora, temos acesso à alteridade só através da inteligência, faculdade do não-eu ou do outro percebido justamente como outro.²⁶⁹ A fé encontra sua unidade viva na pessoa de Cristo Jesus. Em Cristo, dom absoluto de Deus à família humana, a fé encontra seu fundamento, seu objeto e seu fim. A fé funda-se em Cristo, único mediador da plenitude da revelação. Deus reconcilia-nos consigo enquanto nos une a seu Filho querido; e a alegria que solicita o crente é participação na condição de Cristo ressuscitado.²⁷⁰

2.2.2.e.

A modo de conclusão

Este item focalizou o ‘método de integração’, que protege a transcendência de Deus, bem como a racionalidade e liberdade do sujeito; afirmou que o mistério de Deus na dinâmica e lógica de auto revelação abarca o crente e o outro. O ser humano, sujeito irrepitível e capacitado à liberdade, é conduzido ao assentimento à revelação divina e na atitude de entrega, exprime a alteridade absoluta da sabedoria.

A revelação de Deus culminou na manifestação de seu Filho eterno, Palavra divina encarnada para nossa iluminação e salvação, bem como, na missão do Espírito divino, testemunho da presença da graça, que nos liberta do mal e nos dá a vida eterna, na comunhão consumada como o amor infinito (DV 4). Ao Pai que se revela em seu Filho Jesus Cristo, o crente, movido pela luz e pela graça do Espírito Santo, deve prestar um assentimento total e livre da inteligência e da vontade (DV 5).²⁷¹

Na comunicação de si mesmo e de sua vontade de salvação universal, revela-se o projeto misterioso de Deus. Por isto, a revelação divina oferece ao crente um conhecimento religioso universal e fácil, infalível e certo, sobre Deus mesmo como princípio e fim do universo, fundamento do ser e do sentido da realidade

²⁶⁹ LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*, p., 322.

²⁷⁰ LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*, p., 324.

²⁷¹ PASTOR, Félix-Alejandro. Deus. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 226.

contingente e histórica (DV 6). E sobre a fé em Cristo, “Parábola aberta do Pai”, caminhando com Jesus de Nazaré o humano, seu sentido e o futuro se abrem sempre mais. Então, desse Jesus se pode dizer que é mais que o homem de Nazaré. É o Sacramento de Deus”.²⁷²

2.2.3.

O ser humano em busca e à espera de um “Tu” a quem agradecer e com quem se reconhecer

Nosso intuito é recordar, de modo especial, os dois elementos que constituem o evento revelador: a revelação de Deus e o sujeito que crê. O que constitui o específico da fé cristã é a identificação da revelação com a pessoa de Jesus de Nazaré, enquanto expressão última e definitiva da manifestação de Deus. Esta identificação afirma que a figura da revelação está no mistério da encarnação, em que, na historicidade de um sujeito, a natureza divina é plenamente compartilhada.²⁷³

Prosseguiremos com a seguinte metodologia: primeiro apresentaremos os princípios teológicos fundamentais. Em seguida, demonstraremos o cosmo como lugar de epifania e salvação. Depois, o cosmo será contemplado como espaço de paixão e compaixão. E a modo de conclusão, destacaremos que Deus e seu mistério impulsionam o ser humano para o ‘sempre maior’.²⁷⁴

2.2.3.a.

A Epistemologia do saber teológico: princípios teológicos fundamentais

2.2.3.a.1.

O ato kenótico de Deus e recepção do ser humano

Existem alguns “princípios” que são fundamentais na Epistemologia do saber teológico: o ‘crer’ é uma forma peculiar do saber humano quando é posto diante da revelação de Deus; a “novidade” radical para a existência humana é constituída pelo

²⁷² SOBRINO, J. *Ser Cristiano hoy*. In: Concilium/340, abril, 2011, p., 253-264. Aqui: p., 263.

²⁷³ FISICHELLA. Sentido. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 886-889. Aqui: p., 886.

²⁷⁴ FISICHELLA. Sentido, p., 889.

evento revelado; a historicidade de Jesus de Nazaré é princípio essencial e constitutivo do saber da fé; a eclesialidade é a dimensão formal do saber da fé.²⁷⁵

Crer implica reconhecer que já no interior do ato de fé há componentes que tornam o sujeito capaz de pensar a si mesmo como livre e capaz de perceber a verdade. Crer, neste sentido, é essencialmente, uma relação interpessoal que vem a criar-se com a pessoa de Jesus de Nazaré, mediada por uma comunidade viva. Ao crer, o sujeito se coloca naquela situação antropológica que coloca seu ato entre os mais significativos, porque nele a forma de risco e de doação de si ao outro está entre as mais elevadas. Diante da fragmentariedade do conhecer humano, o crer se coloca como aquela forma de conhecimento global que acolhe em si o outro, para poder iniciar-se e progredir no conhecimento de si mesmo.²⁷⁶

Antes de tudo, a revelação deve trazer consigo o componente de um “radicalmente novo” que é dado. A mesma é percebida por força de um movimento externo, que lhe vem ao encontro e que é capaz de conduzi-lo à consciência de uma existência percebida como devedora para com o outro. A possibilidade de conhecimento é fornecida pelo ‘ato kenótico de Deus’, que se revela e que claramente se encontra com uma criatura que, como tal, é chamada à consciência de sua abertura à recepção da revelação.²⁷⁷

A historicidade de Jesus de Nazaré não é confinável somente a seu ter existido; indica algo mais, vale dizer, seu autocompreender-se e a explicitação de sua consciência pessoal. O Mestre da Galiléia determinou, com sua presença e com seu comportamento, a vida de seus contemporâneos; entre estes, homens e mulheres deixaram tudo e o seguiram, por haverem crido nele e em sua palavra, vendo que se cumpriam as promessas em que haviam esperado. Esta sua fé inicial permitiu transmitir até nossos dias, a mais genuína consciência de Jesus sobre sua missão, seu relacionar-se com Deus e o sentido de sua morte salvífica.²⁷⁸

A Igreja é depositária da revelação e sua mediação ao longo dos séculos. Na respectiva consciência do ser sujeito ministerial, o bispo, teólogo e teóloga devem fazer referência a esta matriz comum para permitir um “*aggiornamento*” real do dado revelado. Neste sentido, reencontrar a dimensão do sentido objetivo da

²⁷⁵ FISICHELLA, R. Sentido. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 886-889. Aqui: p., 888.

²⁷⁶ FISICHELLA, R. Sentido, p., 888.

²⁷⁷ FISICHELLA, R. Sentido, p., 888.

²⁷⁸ FISICHELLA, R. Sentido, p., 889.

revelação equivale a fazer descobrir e sublinhar um componente de antropologia bíblica que considera o ser humano sempre como um “chamado” por Deus e por este amado por primeiro. A revelação é dada a cada ser humano para que “compreenda” e “creia” (Jo 20,31); portanto, é dom gratuito do livre agir de Deus.²⁷⁹

2.2.3.b.

A pessoa de Jesus de Nazaré: comunicação única e definitiva de Deus

A forma de revelação é dada ao conhecer humano através do mistério que, para sua compreensão, impõe a dialética de um constante e recíproco “velamento e desvelamento” da própria figura. A pessoa de Jesus de Nazaré, portanto, é esta comunicação última e definitiva de Deus à humanidade, depois da qual não se deve esperar nenhuma ulterior revelação de Deus (DV 4). Sua pessoa revela-se como uma relação ininterrupta com o mistério trinitário; pois ele revela uma consciência de estar em dependência do Pai e do estar repleto do Espírito; isto faz dele o *logos*, isto é, a primeira expressão efetiva “pública” do mistério de Deus.²⁸⁰

Na morte de cruz, a revelação que Jesus faz do Pai é total, porque nesta morte, a obediência a sua vontade atinge o clímax (Fl 2, 8) e o conteúdo revelado se torna, em consequência, transparente. O ser do Filho é obediência total e recebimento total do Pai. Nisto consiste sua liberdade, pela qual ele pode afirmar que dá “sua vida por nós, para depois retomá-la de novo” (Jo 10, 17-18); porque entre ele e o Pai existe identidade de natureza. Este é o amor trinitário que constitui a relacionalidade pessoal que os faz serem Pai e Filho no infinito e ininterrupto dar e receber, atestado pela expiração do Amor como terceira pessoa. Este dar e receber total torna-se humanamente exprimível na morte de cruz, porque na morte do Filho, e somente nela, Deus revela o clímax de seu movimento, o de ir até o fim.²⁸¹

E o que torna “humanamente” sensato é que este amor é dado “para aqueles que ainda estavam no pecado” (Rm 5, 6). Deus não se entrega à morte pelos inocentes, mas toma o Inocente pra que os pecadores possam ser resgatados. Na morte de Jesus de Nazaré, portanto, o sentido é dado como transparência da

²⁷⁹ FISICHELLA, Rino. Sentido. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 886-889. Aqui: p., 889.

²⁸⁰ FISICHELLA, R. Sentido, p., 887.

²⁸¹ FISICHELLA, R. Sentido, p., 888.

natureza divina e como assunção, nesta, da natureza humana, porque Deus, crucificado pela humanidade, introduz a carne martirizada na vida de ressurreição do amor trinitário.²⁸²

2.2.3.c.

No Mistério Trinitário, o ser humano se realiza. O cosmo, lugar de epifania e salvação

No mistério do Verbo encarnado, o mistério do ser humano encontra verdadeira luz (cf. GS 22). Cristo é a grande presença que ilumina tudo e interpreta tudo. Verbo de Deus encarnado entre nós, Ele é a plenitude do sentido num mundo que está em busca do sentido perdido. Sua mensagem atinge o ser humano na mais profunda intimidade de seu ser, inacessível à psicologia e à psicanálise, lá onde a ciência e o discurso se calam e desaparecem como diante de uma galáxia que nos escapa constantemente. Cristo é a chave do enigma humano, a retomada e a superação de toda antropologia. Na verdade, o mistério de Cristo e o mistério do ser humano formam um só mistério.²⁸³

O ser humano será revelado a si mesmo por Cristo através da revelação daquilo que existe de íntimo e de mais profundo no mistério de Cristo, o mistério da filiação. O amor de Deus protege o ser humano. Ele é amado e salvo pelo Pai em Cristo e no Espírito. Na descoberta deste mistério, o ser humano poderá ser plenamente revelado a si mesmo, em sua grandeza: objeto de complacência de Deus, destinado a acolher o amor do Pai que se revela em Jesus Cristo. Nesta participação e nesta comunhão no mistério trinitário o ser humano “realiza-se”.²⁸⁴

Deus quer em Jesus Cristo voltar a gerar em cada ser humano um filho e ‘inspirar-lhe’ o Espírito de amor que é um espírito filial. A encarnação do Filho projeta luz sobre a dignidade do ser humano, enquanto com a redenção nos é revelado o preço de cada ser humano. Por isso, a revelação está de tal modo, relacionada ao mistério que sem ela o ser humano não poderia encontrar sua identidade.²⁸⁵

²⁸² FISICHELLA, Rino. Sentido. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 886-889. Aqui: p., 888.

²⁸³ FISICHELLA, Rino. Sentido, p., 891.

²⁸⁴ FISICHELLA, Rino. Sentido, p., 892.

²⁸⁵ FISICHELLA, Rino. Sentido. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 886-889. Aqui: p., 892.

2.2.3.d.

Criados, ser humano e mundo são compartíipes da vida de Deus

Na perspectiva cristã, refletir o tema da criação é tocar no âmago do mistério que o anima e lhe dá consistência e que se revela – hoje como sempre – enquanto mistério de salvação.²⁸⁶ Hoje, mais que em outras épocas na teologia cristã, a teologia da criação é uma área de primeira grandeza.²⁸⁷ O caminho teológico cristão é contemplar o Deus da revelação judeu-cristã, de quem a criatura humana é imagem e concidadã humildemente posterior de uma comunidade de seres vivos que o antecede em seu emergir das mãos do Criador. O caminho teológico é reorientar-se para Aquele que “se revela pela vinda humilde em direção a sua criação para ali revelar-se, fazer morada, conhecer e ser conhecido”.²⁸⁸

“Ser criado é, já e inseparavelmente, participar do próprio ser e da própria vida de Deus”.²⁸⁹ Criados, ser humano e mundo são compartíipes dessa vida. No Cristianismo, esta criação digna de reverência, lugar e morada da vida, é considerada como grandeza dividida, conflitiva, sofrida, porque atravessada e “submetida” pelo mal. Aqui, todas as criaturas participam desta condição e juntas gemem e esperam pela libertação (cf. Rm 8, 19-22). Só a passagem pelo crivo messiânico da nova criação, inaugurada com a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, permite dizer, afinal, que o mundo é graça.

Contemplar o cosmo e com ele relacionar-se, significa despertar da preocupação ética primeira, que consiste em dar ou restituir ao homem ou à mulher despossuídos e espoliados o cosmo, que é seu lugar. Este é o gesto redentor e salvador primeiro e fundamental, parâmetro do julgamento escatológico no final dos tempos (cf. Mt 25,31-46).²⁹⁰

²⁸⁶ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*. Em: CRUZ, E. R da. (Org.). Teologia e Ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2011. Páginas 63-75. Aqui: 68.

²⁸⁷ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*, p., 63.

²⁸⁸ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação* p., 65.

²⁸⁹ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação* p., 66.

²⁹⁰ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*. Em: CRUZ, E. R da. (Org.). Teologia e Ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2011. Páginas 63-75. Aqui: p., 66.

2.2.3.e.

O destino do cosmo e do ser humano é a ‘Salvação’

A verdade fundamental do Cristianismo é de que o Verbo de Deus se fez carne, veio ao mundo e aí habita e encontra sua morada. O mundo se entrega ao experimentar e ao conhecer outros das criaturas. Deus mesmo, expondo-se a estar no mundo, assume na carne vulnerável de Jesus de Nazaré as consequências da interação bela, porém, tantas vezes sofrida, com as coisas e o cosmo. São de Deus e nosso, os sofrimentos causados pela perplexidade das calamidades não controláveis que se abatem sobre a natureza.²⁹¹

A encarnação do Verbo remete à criação realizada por Deus Pai a partir do ‘nada’ (*creatio ex nihilo*) e na origem dos tempos. Algumas correntes da teologia contemporânea em diálogo com tendências do pensamento judaico veem nessa criação o primeiro gesto de despojamento de Deus, que para criar o céu e a terra, um mundo “fora” de si mesmo, abre “dentro” de si mesmo um espaço à finitude. É nesse espaço aberto e “capaz” de finitude, que vai eclodir o cosmo “capaz” por sua vez de receber Deus como presença vivificadora e vulnerabilidade apaixonada e salvadora.²⁹²

A proposta cristã procura recuperar e resgatar – ‘salvar’ – o sentido do cosmo e do ser humano, fazendo acontecer uma nova criação que é o desígnio originário do Deus Pai Criador e Salvador que passa necessariamente por este mundo e pela luta para transformá-lo.²⁹³ O destino do cosmo e do ser humano é a salvação. O cosmo, no espaço soteriológico, é o lugar onde o ser humano pode experimentar e ser experimentado pelo Espírito de Deus que habita a criação a partir de dentro como dom e vulnerabilidade amorosa e redentora. E o ser humano é responsável pelo futuro do cosmo, com a vocação de construir uma história e um ‘devir’ para seu próprio conhecimento e progresso, bem como, de cuidar e garantir a habitualidade e a sobrevivência plena de todo ser vivo, de toda a criação.²⁹⁴

O objeto da revelação cristã é o próprio Deus, que se dá a conhecer por intermédio de Cristo, Verbo encarnado, para que os homens, no Espírito Santo, através do próprio Cristo, tenham acesso ao Pai (cf. DV 2). O ser humano é o

²⁹¹ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*, p., 67.

²⁹² BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*, p., 67.

²⁹³ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*, p., 68.

²⁹⁴ BINGEMER, M. C. L. *Deus: segredo escondido em sua criação*, p., 68.

destinatário da revelação e da salvação que esta anuncia e realiza. E o conhecimento de Deus e da salvação oferecida em Cristo, revela a definitiva vocação do ser humano. Neste sentido, o ser humano como destinatário da revelação divina, se transforma também em seu objeto.²⁹⁵

2.2.3.f.

A modo de conclusão

Apresentamos a epistemologia do saber teológico com seus princípios fundamentais. Comprovamos que o ato kenótico de Deus é revelado no encontro com uma criatura, chamada à consciência de sua abertura à recepção da revelação e que a comunicação definitiva de Deus é a pessoa de Jesus de Nazaré.

Em seguida, expomos o cosmo como lugar de epifania e salvação e como espaço de paixão e compaixão de Deus e seu mistério que no dinamismo do amor, impulsionam o ser humano a uma plena humanização. Demonstramos, portanto, que no Mistério Trinitário, o ser humano se realiza e que, ao serem criados, mundo e ser humano são copartícipes da vida de Deus. Para o ser humano e para os problemas de sua condição, Cristo permanece um mistério iluminador, fonte de sentido sempre borbulhante.

Quando o ser humano toma consciência de que o mistério de Cristo faz eco a seu próprio mistério e atinge-o na parte íntima de seu ser, para iluminá-la e aquecê-la até o ponto de fusão e de fissão, então a revelação, além de ser “plausível”, por colocar harmonia no ser humano, apresenta-se como “acreditável”. Com sua vida e mensagem, Jesus Cristo é mediador do sentido, único exegeta do ser humano e de seus problemas. Nele, o ser humano consegue situar-se, compreender-se, realizar-se e também, superar-se. A luz que Cristo projeta sobre a condição humana é penetrante porque, Filho do Pai Deus-entre-nós, sentido de Deus e do ser humano, ‘dom do sentido’, pois é em si mesmo Palavra do Pai.²⁹⁶

Em forma de decálogo, recordamos e apresentamos algumas afirmações proeminentes:

²⁹⁵ LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro*, São Paulo, Loyola, 2005, p., 66-71. Aqui: p., 66.

²⁹⁶ LATOURELLE, Rino. Sentido. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, op. cit., p., 889-892. Aqui: p., 892.

1. O objeto de investigação do Método Teológico é, antes de tudo, o ‘Mistério de Deus’ na dinâmica e lógica de sua auto revelação.
2. O evento da Revelação é dado a conhecer por parte de um ato kenótico de Deus que, no Mistério de sua encarnação, assume a categoria da historicidade.
3. O ‘método de integração’ no Mistério não humilha o evento histórico, pois o Mistério – ainda que por força de seu ato kenótico – tornou-se cognoscível na expressão histórica e não pode prescindir da própria estrutura histórica, se quiser dirigir-se à humanidade e ser entendido e acolhido por ela. À luz deste método, se poderá ter uma visão global do fenômeno que garanta, concomitantemente, a exigência de salvar a transcendência de Deus e a racionalidade e liberdade do sujeito.
4. Ser pessoal e livre, o ser humano mantém-se em abertura ao mundo e aos outros, exerce sua liberdade e exprime sua transcendência. Inserido no mundo, o ser humano transcende, porque é de sua natureza transcender.
5. As palavras e os gestos da revelação procedem do Mistério de Deus e, portanto, do Outro, naquilo que tem de mais radical. Temos acesso à alteridade através da inteligência, faculdade do não-eu ou do outro percebido justamente como Outro.
6. A possibilidade de conhecimento é fornecida pelo ‘ato kenótico de Deus’ que se revela e que claramente se encontra com uma criatura convocada à consciência de sua abertura à recepção da revelação.
7. Verbo de Deus encarnado entre nós, Cristo é a plenitude do sentido num mundo que está em busca do sentido perdido. Sua mensagem atinge o ser humano na mais profunda intimidade de seu ser, inacessível à psicologia e à psicanálise, lá onde a ciência e o discurso se calam e desaparecem como diante de uma galáxia que nos escapa constantemente. Cristo é a chave do enigma humano, a retomada e a superação de toda antropologia. Na verdade, o Mistério de Cristo e o mistério do ser humano formam um só Mistério.
8. Na perspectiva cristã, refletir o tema da Criação é tocar no âmago do Mistério que o anima e lhe dá consistência e que se revela – hoje como sempre – enquanto Mistério de Salvação.
9. A ‘verdade’ do Cristianismo é que o Verbo de Deus se fez carne, veio ao mundo e aí habita e encontra sua morada. O mundo se entrega ao experimentar e ao conhecer outros das criaturas. Deus mesmo, expondo-se a estar no mundo, assume na carne vulnerável de Jesus de Nazaré as consequências da interação bela, porém

tantas vezes sofrida, com as coisas e o cosmo. São de Deus e nosso, os sofrimentos causados pela perplexidade das calamidades não controláveis que se abatem sobre a natureza.

10. A proposta cristã procura recuperar e resgatar – salvar – o sentido do cosmo e do ser humano, realizando uma ‘nova criação’, desígnio originário do Deus Pai Criador e Salvador que passa necessariamente por este mundo e pela luta para transformá-lo. O destino do cosmo e do ser humano é a Salvação.

2.3

A ação quenótica (*kenosis*) do Mártir Jesus de Nazaré e dos Mártires Jesuânicos de ontem e de hoje e sempre

Que ardor não devemos ter por esta fé na qual todo bem tem seu fundamento e encontra sua firmeza! Mas se a fé é a origem de todo o bem, o conhecimento é sua comunicação e perfeição. Lancemo-nos, pois, em direção à perfeição e, por toda a série de progressos possíveis, avancemos apressadamente da fé para o conhecimento. Façamos todos os esforços possíveis para compreender aquilo que cremos (*ut intelligamus quod credimus*). [...] É um mérito, assim o cremos, estarmos cheios de entusiasmo nessa busca, mesmo se os resultados não respondem totalmente aos nossos desejos.²⁹⁷

Após articular alguns princípios teológicos, dentre eles, o ‘Sujeito’, a ‘Fé’ e o ‘Deus Criador-Salvador’, recordamos a tese da ‘incompletude’ de Deus e do Ser Humano, elaborada por Slavoj Žižek, o qual argumenta que a ‘incompletude’ é uma plena “humanização” do sujeito e da divindade.²⁹⁸ O sujeito do amor é ‘para sempre incompleto’. Nisso está sua virtude, que, aliás, é correlata à ‘incompletude divina’. O sujeito cristão é incompleto porque o Deus Cristão também o é.²⁹⁹ A fórmula “O Messias chegou” mostra que a ‘Revelação’ é um risco tremendo. Deus se expõe...

A *kenosis* de Deus se traduz como rebaixamento, fragilidade, impotência, incompletude. O silêncio de Deus nos projeta para a ‘Revelação’. O que é a Revelação? O Concílio Vaticano II, o Magistério e toda a Tradição nos respondem: ‘Revelação’ é um termo reservado à manifestação e à comunidade histórica de Deus em Jesus Cristo. Somente a manifestação histórica de Deus na encarnação do Verbo

²⁹⁷ RICARDO DE SÃO VÍTOR. *De Trinitate*, Prólogo: PL 196, 889-890; e Col. Sources Chrétiennes 63, Cerf, Paris, 1959, p., 50-59. Apud. BOFF, C. *Teoria do Método Teológico, Op. Cit.*, p., 23-24.

²⁹⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro. Figuras da ética na ficção de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p., 352.

²⁹⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 351.

encarnado recebe o nome de ‘Revelação’ (cf. DV 3). O conteúdo da teologia é a ‘Revelação de Deus em Jesus Cristo’ ou, em outros termos, o mistério global da encarnação. A teologia é a “concretização do *logos*”, que comporta a globalidade do dogma cristão fundamento e centro da Teologia que como objetivo peculiar, a compreensão crítica do conteúdo da fé para que a vida de fé possa ser plenamente significativa.³⁰⁰

Ao longo deste trabalho, nosso intuito tem sido focalizar a realidade do ser humano e sua relação com o Deus Criador e Salvador. Admitimos que a ‘recordação, reflexão e revivificação da Compaixão-Opção pelas vítimas da história’ se ratifica à luz da experiência da autocomunicação de Deus numa “imersão contemplativa e misericordiosa, no sentido da compaixão”; da afirmação de que o ser humano é “o lugar onde a natureza se compreende como criação, isto é, como alteridade de alteridade”; e como emergência da busca e da espera de um ‘Tu’ a quem agradecer a existência e com quem se reconhecer na e diante da natureza”. Constatamos de fato, que o grande Outro é a humanidade e que a ‘Revelação de Deus em Jesus Cristo’, Testemunha e Mártir por excelência, é o fundamento de toda a Teologia.

No AT, Israel era chamado para testemunhar que *Iahweh* é o único Deus (cf. Is 43, 10-12). (...) No NT, Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a testemunha por excelência. Diante de Pilatos, ele afirmou: “Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade” (Jo 18,37; cf. At 1,5; 3,14) e selou seu testemunho com a morte na cruz. Na paixão e morte de Jesus, Lucas sublinha o modo que assinalou os *mártires*: a coragem e a firmeza em testemunhar a verdade, a ajuda divina na angústia, a mansidão nos ultrajes, o esquecimento de si, a inocência reconhecida pelos juízes, o perdão dos perseguidores. (...) O *mártir*, tornado conforme a Cristo, testemunha de modo radical a santidade de Deus e a dignidade do homem; e a sua morte realiza paradoxalmente, acima do tempo e da história, a vitória definitiva do bem sobre o mal. Oferecendo livremente sua vida em união com Cristo, o *mártir* é sinal vivo da comunhão dos santos e fonte de vida nova, porque, participando do mistério da cruz, se insere na dinâmica do poder do ressuscitado e, experimentando a união mística com as Pessoas divinas, continua a construir a Igreja, trazendo salvação ao mundo (RAVA, 2003, pp. 680-681).

Neste item, lidaremos com a palavra grega *mártys*, utilizada na língua clássica principalmente em sentido jurídico de ‘testemunha’. Ou seja, daquela pessoa que presta testemunho do que viu ou do que sabe, e também daquela pessoa que atesta uma verdade da qual está convencida. Prosseguimos tecendo este texto

³⁰⁰. FISICHELLA, Rino. Teologia. Em: LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 934.

numa postura contemplativa e respeitosa, bem como, numa atitude de reverência e despojamento diante da realidade de mulheres e homens novos que se deixaram imbuir pelo Espírito de Jesus Cristo, o Mártir por excelência, e com coragem, assumiram a causa do Reino de Deus até as últimas consequências.

2.3.1

A mística dos mártires jesuânicos e do povo crucificado

No dia 16 de novembro de 1989, no jardim da comunidade jesuíta da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador. Na madrugada daquela quinta-feira, Ignacio Ellacuría, reitor da UCA; o vice-reitor, Ignacio Martín-Baró; o diretor do Instituto de Direitos Humanos da UCA, Segundo Montes; o diretor da biblioteca de teologia, Juan Ramón Moreno; o professor de teologia Amando López; o fundador da universidade, Joaquín López y López, todos jesuítas; a funcionária Elba Ramos e sua filha Celina foram fuzilados a sangue frio no campus da UCA. Paramilitares do Exército salvadorenho invadiram a residência dos jesuítas deliberadamente para matar àqueles que incomodavam a ditadura, no rastro do assassinato de outro jesuíta, Pe. Rutilio Grande, amigo próximo de Dom Óscar Arnulfo Romero, arcebispo da capital, San Salvador, que também foi fuzilado enquanto celebrava a missa.³⁰¹

Por ocasião do 20º ano do assassinato dos seis jesuítas e duas mulheres, a reflexão do povo crucificado foi aprofundada.³⁰² Aqui se destaca uma das mulheres, Júlia Elba. Na mesma situação que ela, há centenas de homens e mulheres em nosso mundo. São imensas maiorias que perpetuam uma história de séculos. Mulheres e homens sofrem a morte rápida da violência e da repressão, e, sobretudo, a morte lenta da pobreza e da opressão. Sem comparação possível, sofrem mais que ninguém as consequências dos desmandos de quem os oprime.³⁰³ Denunciamos que atualmente, há mais riqueza na Terra, porém, há mais injustiça. Segundo a FAO, são 2,500 milhões de pessoas que sobrevivem na Terra com menos de 2 euros ao dia e 25,000 pessoas que morrem diariamente de fome:³⁰⁴ “Tantas testemunhas e mártires, tantos cristãos e cristãs que se parecem com Jesus dão o que pensar sobre Jesus e ajudam a pensar em Jesus”.³⁰⁵

³⁰¹ SOBRINO, J. *Mártires em El Salvador: uma memória que continua forte 20 anos depois*. Revista IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos/314: 09 de novembro de 2009. Acessada em 27 de fevereiro de 2011.

³⁰² SOBRINO, J. Los mártires de La UCA. Exigencia y gracia. *Em: Revista Latinoamericana de Teología/78*, Septiembre-Diciembre, 2009, p., 227-239.

³⁰³ SOBRINO, J. Los mártires de La UCA. Exigencia y gracia. *Em: Revista Latinoamericana de Teología/78*, Septiembre-Diciembre, 2009, p., 231.

³⁰⁴ SOBRINO, J. Los mártires de La UCA. Exigencia y gracia, p., 232.

³⁰⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré, Petrópolis, Vozes, 1996, 2ª edição*, p., 22.

A reflexão sobre os mártires jesuânicos³⁰⁶ e o povo crucificado é pertinente em nossos dias. “Povos crucificados” é linguagem útil e necessária no nível factual-real, porque ‘cruz’ significa pobreza e também, morte; no nível histórico-ético, ‘cruz’ expressa com toda clareza que não se trata de qualquer morte, mas de um tipo de morte ativamente infligida por estruturas injustas; e no nível religioso, ‘cruz’ é o tipo de morte que Jesus sofreu, e para o crente, tem a força de evocar o fundamental da fé, do pecado e graça, da condenação e salvação. De modo especial, ‘cruz’ é uma linguagem útil e necessária na cristologia, pois são os povos crucificados, mulheres e homens, que completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo. Eles são a presença atual de Cristo crucificado na história.³⁰⁷

Os mártires jesuânicos e o povo crucificado³⁰⁸ despertam a trabalhar arduamente para reverter a história e salvar uma civilização que está gravemente enferma. Mulheres e homens, mártires jesuânicos e povo crucificado de ontem e de hoje, nos confrontam conosco mesmos sem escapatória, iluminam as realidades mais profundas de nosso mundo e o que há de fazer com ele.³⁰⁹ Elas e eles nos movimentam no seguimento de Jesus e melhor, nos introduzem no Mistério de seu Deus.³¹⁰

Esta afirmação se comprova à luz da experiência de inserção na realidade dos inumeráveis mártires da Baixada Fluminense, bem como das vítimas do peso da vida cotidiana que resistem a todos os males que lhes afetam. No Memorial dos Mártires da Baixada, em postura de oração e meditação, o Mistério convoca a ser ouvinte da Palavra e à encarnação na realidade mistagógica da cruz de Jesus. A experiência cristã conduz ao silêncio de Deus em seu Mistério.³¹¹

À luz do Mistério Pascal, o coração se move para celebrar o memorial da vida, paixão, morte e ressurreição do Mártir por excelência, Jesus Cristo. Por Ele, com Ele e n’Ele, insiste-se em recordar o rosto dos mártires – e das vítimas – do Continente Latino-Americano e Caribenho. E como a cruz de Jesus, a palavra

³⁰⁶ SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*. Em: Concilium/299, 2003/1, p., 16.

³⁰⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré, Petrópolis, Vozes, 1996*, p., 367-368.

³⁰⁸ Sobre estes dois termos, ‘mártires jesuânicos’ e ‘povos crucificados’, os quais, são muito utilizados pelo nosso autor, dedicaremos melhor atenção mais adiante.

³⁰⁹ SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p., 227.

³¹⁰ PIMENTEL, Spensy. *Mães da Baixada Fluminense lutam para vítimas não serem culpadas por violência*. Em: www.agenciabrasil.gov.br. 12 de setembro de 2006 - 19h22. Acessado em: 27 de abril de 2010. Disponível em: www.boonic.com.br. Acessado em: 20 de dezembro de 2010.

³¹¹ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 69.

‘mártir’ deve ser revigorada sempre e cultivada como referencial cristão e social insubstituível para humanizar este continente e este mundo,³¹² pois a consciência crítica permite perceber o real:

Aparecida empenhou um grande esforço, com bons resultados, para dar nome aos pobres do continente em suas múltiplas manifestações. Do mesmo modo, coloca os mártires em relação com os pobres, com a promoção da justiça e dos direitos humanos (129-135). Não obstante, não explica com clareza, e de maneira determinante, o que são os mártires e a razão está no fato de não mencionar que Jesus, por tomar a defesa dos pobres, entrou em conflito com os poderes de seu tempo e foi assassinado por eles (SOBRINO, 2008, p. 145).

Muitos mártires jesuânicos foram assassinados por defender os povos crucificados. Jamais se conseguirá compreendê-los sem recordar as vítimas. Seria “como pretender entender a cruz de Jesus sem recordar os pobres desgraçados que ampararam Jesus em sua prostração e a quem Jesus defendeu dos fariseus, escribas, herodianos e sumo-sacerdotes”.³¹³

É importante, pois, manter a perspectiva das vítimas no labor teológico, formular linguagens religiosas e teológicas que possibilitem uma melhor compreensão crítica da realidade, da experiência de fé, da indignação ética e do compromisso em defesa da vida das vítimas,³¹⁴ uma vez que, para a teologia, real é a sociedade, a Igreja e também a fé que capacita o pensar daquele que como um profeta nos serve.³¹⁵ Alude-se o ser profético ao próprio Sobrino, que com simplicidade, tece uma teologia cristã atento ao “recorda Israel” (Dt 6,4) e o “façam isto em minha memória” (Lc 22,19; 1Cor 11,24), convicto de que recordar é: “voltar a passar pelo coração, para encontrar um fundamento naquele que foi verdadeiramente ‘fundador’ e continuar gerando dinamismos positivos de humanização”.³¹⁶

³¹² SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p., 228.

³¹³ SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p., 233.

³¹⁴ SUNG, Jung Mo. *Sujeito e defesa da vida das vítimas. Em: Luiz Carlos SUSIN. Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes, 2001, p., 229.

³¹⁵ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 286.

³¹⁶ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 285.

2.3.1.a.

O rosto humano de Deus nas vítimas: A relevância do Reino de Deus

As vítimas deste mundo são o lugar do conhecimento de Deus, mas o são sacramentalmente. Dão a conhecer Deus porque o fazem presente. [...] Estar ao pé da cruz de Jesus e estar ao pé das cruzes da história é absolutamente necessário para conhecer o Deus crucificado.³¹⁷

Interpretamos o mistério do Verbo Encarnado a partir do texto de João: “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14a), a qual exprime a vontade de realidade do próprio Deus, de fazer-se real no débil da carne dos pobres e das vítimas:³¹⁸ “A humanidade de Jesus é aquilo que a fé cristã pode hoje oferecer, para que o humano tenha futuro”.³¹⁹ De acordo com o Novo Testamento, a humanidade de Jesus é evidente e insiste que voltar a Jesus é tarefa perene e nunca se deve dar por suposta.³²⁰ Em sua vida, Jesus sempre caminhou com o Deus-Mistério, praticando continuamente o Deus do Reino. Vale dizer, “praticando o direito, amando com ternura e caminhando humildemente com Deus” (Mq 6, 8). Destarte, Jesus sempre confia numa ‘realidade última’, a qual chama de Pai, Deus mesmo. Jesus se revela como Filho de Deus Pai por suas palavras, orações, práticas libertadoras, morte e ressurreição na força do Espírito Santo. Em Jesus, revela-se o Espírito Santo que o envia para anunciar a Boa Nova aos pobres. Em Jesus, a Palavra de Deus vem ao mundo e por ela, o acesso dos homens a Deus.³²¹ Sobrino abraça o modelo trinitário grego, onde a Trindade é compreendida da seguinte forma: “O Pai é a origem sem origem dentro de Deus; o Filho é a Palavra que o Pai se diz dentro de si; o Espírito é o amor que une o Pai e o Filho” (p. 178).

Dizer que Deus é Pai, é dizer que Deus é fonte de vida, é companheiro de caminhada que faz viver e que se revela em gestos de profunda gratuidade e proximidade.³²² Dizer que Deus é Filho implica o acolhimento do fato histórico de Jesus de Nazaré. Ou seja, confessar que o Ressuscitado é Jesus de Nazaré, que anunciou o Reino de Deus aos pobres, denunciou os poderosos, foi perseguido e injustiçado, e manteve em tudo isso uma radical fidelidade à vontade de Deus e uma

³¹⁷ SOBRINO, Jon *Jesus, o libertador*, p., 364.

³¹⁸ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 429.

³¹⁹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 430.

³²⁰ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 408.

³²¹ SOBRINO, Jon. *Deus, onde estás?* p., 177.

³²² SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 198.

radical confiança nesse mesmo Deus, que chamava de Pai.³²³ Jesus é o Filho amado de Deus, unido a Deus e obediente a Deus. Ele assume a postura de servo. É Filho agradável a Deus porque é o servo, compreendido em sua totalidade: aquele que realiza a sua missão na terra e está disposto a sofrer o destino da cruz.³²⁴

Em Jesus Cristo, a Palavra de Deus torna-se carne. Em Jesus, encontram-se todos os atributos salvíficos de Deus. Nele, Deus é conhecido de modo mais íntimo e pessoal, pois Ele O trata de meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.³²⁵ É o Espírito Santo quem nos leva à experiência e ao conhecimento de Deus-Pai e de Deus-Filho. Para Sobrino, é Ele que nos permite conhecer, reconhecer e viver em Cristo. É o Espírito Santo que remete sempre de novo ao que Jesus escreveu com sua vida para que se possa escrever àquela que corresponde a cada um.³²⁶

Durante a sua vida, Jesus despertou expectativas, esperanças e entusiasmo e, conseqüentemente, foi capaz de desencadear as perguntas sobre quem era Ele.³²⁷ Seus seguidores foram testemunhas de algo especial na relação de Jesus com Deus e com o Reino.³²⁸ Por isso, o Reino de Deus pregado por Jesus deve ser tema central e analisado com o olhar fixo em Jesus de Nazaré, levando em conta a história real do mundo.³²⁹ Isto requer uma fé e uma espiritualidade mais jesuânicas; uma Igreja mais parecida com Jesus e, na realidade do Terceiro Mundo, uma plêiade de profetas da verdade, desmascaradores dos ídolos e de mártires da compaixão e da justiça.³³⁰

O Deus revelado por Jesus é um Deus compassivo e descentrado de si mesmo.³³¹ Diante dessa realidade, Ele faz – primordialmente – a opção pelos pobres e vítimas.³³² Jesus de Nazaré acreditou num Deus que reina em favor dos pobres, a serviço do qual deve estar o próprio povo. Foi essa a sua esperança e sua utopia e, por essa causa, ele trabalhou.³³³ Jesus revela Deus também em sua morte na cruz.

³²³ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 134.

³²⁴ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 272.

³²⁵ SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p., 93.

³²⁶ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 305.

³²⁷ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 162.

³²⁸ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 163.

³²⁹ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 67-78.

³³⁰ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 67.

³³¹ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 69.

³³² SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 70.

³³³ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 74.

A vida e a cruz de Jesus manifestam o amor de Deus aos homens. Um Amor revelado e tornado o mais real possível.³³⁴

A palavra final do Novo Testamento sobre a cruz de Jesus é que nela se expressou o Amor de Deus. O Amor salva e a cruz, é expressão do Amor de Deus.³³⁵ O reconhecimento de Deus presente na cruz requer silêncio. Na fé, aceitamos que Deus está aí. Na fé e pela fé, estaremos ‘dispostos à encarnação ao pé da cruz e a baixar os crucificados de suas cruzes’.³³⁶ Jesus Cristo é a Parábola Viva.³³⁷ Ele é o Caminho de Deus para este mundo de vítimas e de mártires. Jesus é o Caminho para o Pai e o Caminho para os seres humanos, sobretudo para os pobres e as vítimas deste mundo.³³⁸

Marcado pela realidade salvadorenha, banhada pelo sangue dos mártires e irrigada pela luminosidade de um povo criativo que resiste a todos os sinais de morte; Sobrino pode, portanto, proclamar que esta realidade está impregnada por Deus e seu Mistério e que muito se pode aprender das vítimas, dos mártires e de uma Igreja que soube fixar o olhar em Jesus Cristo e assumir a sua causa.

2.3.2

A realidade martirial centro-americana, impregnada do Mistério do Reino de Deus.

Em El Salvador, existiu uma tradição magnífica: a entrega e o amor aos pobres, o enfrentamento aos opressores, a firmeza no conflito, a esperança e a utopia que passavam de mão em mão. Nessa tradição, ‘resplandecia o Jesus do evangelho e o mistério de seu Deus’. [...] Não podemos dilapidar essa herança e devemos fazer com que ela chegue aos jovens.³³⁹

Para a teologia, é possível conceber o martírio como objeto de reflexão. Situados no contexto Latino-Americano, numa Igreja que convoca a celebrar sempre de novo o Memorial do Mistério Pascal, a realidade a ser refletida é a realidade dos mártires.³⁴⁰ Recordar significa auscultar a história e celebrá-la, tendo sempre em vista o passado, o presente e o futuro. Sabe-se que o Reino pelo qual Jesus viveu e morreu continua agindo interpelando a buscá-lo continuamente,

³³⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p., 335.

³³⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p., 335-336.

³³⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p., 364.

³³⁷ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

³³⁸ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

³³⁹ SOBRINO, Jon. *Mártires em El Salvador: uma memória que continua forte. 20 anos depois.* Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em: 25 de novembro de 2009.

³⁴⁰ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 283.

acompanhado de sua justiça. Estes mártires também foram testemunhas de Jesus de Nazaré, o Mártir Supremo, a Testemunha Fiel que assumiu as causas e os conflitos do Reino até a morte de cruz.

Às questões: por que lembrar os Mártires? O que motiva recordá-los? Qual é o objetivo? O próprio Sobrino responderá em sua carta intitulada *Carta a Ellacuría – Romero e Tu*. Eis o último parágrafo, no qual ele ressalta a importância de recordar os mártires jesuânicos e os povos crucificados:

Minha intenção é ajudar as novas gerações, àqueles que não sobram orientação cristã e salvadorenha. Que saibam que uma vez houve um país e uma Igreja extraordinária: a de Dom Romero. [...] E tu és um mistagogo de luxo para introduzir-nos em sua pessoa. Por isso, vou recordar como vocês dois se relacionaram. As pessoas sabem que os dois foram eloquentes profetas e mártires. Mas gosto de lembrar outra semelhança importante sobre como começaram. Os dois receberam uma tocha cristã e salvadorenha e, sem discernimento algum, fizeram a opção fundamental de mantê-la ardendo [...].³⁴¹

2.3.2.a.

O Mártir Jesus de Nazaré

A revelação de Deus em Jesus Cristo na perspectiva das vítimas revela que a vida dos mártires está relacionada com a vida do Mártir por excelência, Jesus de Nazaré. O Revelador de Deus é atualizado em cada momento do contexto histórico, próximo dos Povos Crucificados e em favor da vida das vítimas e dos mártires. Fixar o olhar no rosto humano de Deus, Jesus de Nazaré, requer uma postura atenta à realidade circundante. Somente nela poderá crescer em cada pessoa, um autêntico compromisso libertador de reflexão acadêmica, de anúncio e de presença na perspectiva das vítimas da história.

Em espírito de oração no Memorial dos Mártires da Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires,³⁴² a reflexão teológica insiste em contemplar a Igreja Latino-americana que possibilita celebrar a memória de todos os que deram ou dão suas vidas pela causa do Reino de Deus, para que sempre reacenda a mesma tocha que neles e nelas arderam, bem como das vidas das vítimas, dos pobres, dos povos

³⁴¹ SOBRINO, Jon. *Dom Romero e tu: Carta de Jon Sobrino a Ignacio Ellacuría*. Publicada no sítio Religião Digital, 27-10-2009. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em: 25 de novembro de 2009.

³⁴² Letra e música de QUEIROZ, Márcio Roberto Alves de. *Nossa História*. Em: Panfleto da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada. Paróquia São Simão, Diocese de Nova Iguaçu, 1998. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=J8c4B7jwMXc>. Criado em 21/06/2007. Acessado em: 03 de maio de 2011.

crucificados, entrelaçadas na vida dos mártires de ontem e de hoje e na vida de Jesus de Nazaré, que é para nós o Mártir por excelência.³⁴³

Imbuído do Espírito do Deus das vítimas, Jesus anunciou um Reino de vida e justiça para elas, e por isso sofreu e foi assassinado.³⁴⁴ Também foi por causa do Nome de Deus, que os mártires foram testemunhas da verdade e da justiça; testemunhas fiéis do Deus da vida. Sobrino (2008) deseja que a Igreja e os crentes recordem os mártires como testemunhas da Testemunha por excelência, Jesus misericordioso com os desvalidos. Que os recordem como homens da justiça – atual versão da misericórdia – e como homens da fé no Deus da vida em presença da morte – atual tradução da fidelidade.³⁴⁵ À luz da intrínseca relação entre mártires jesuânico e povos crucificados, Sobrino expressa de forma decisiva que só há mártires porque antes há vítimas:³⁴⁶

Os mártires latino-americanos foram mortos por defender os pobres inocentes e indefesos que sofriam a morte lenta da opressão e a morte violenta da repressão. Houve mártires porque antes houve vítimas. E se houve muitos e generosos mártires, é porque muitas eram as vítimas que deviam ser defendidas; e grande a crueldade da qual tinham que libertá-las (SOBRINO, 2008, pp.11-12).

Os mártires jesuânico expressam melhor a decisão e a liberdade para arriscar a vida. Já a morte das maiorias assassinadas, dos povos crucificados, expressa mais a inocência histórica. Elas nada fizeram para merecer a morte e, por isso, são as que melhor expressam o ingente sofrimento do mundo. Sem pretendê-lo e sem sabê-lo, “completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo”.³⁴⁷ Analisando-os no seu conjunto, ‘com os Jesuítas e as duas mulheres, Jesus e seu Deus passaram por este mundo carregando a cruz’. Recordando a frase que Ellacuría escreveu com rigor científico: “contra toda aparência, neles e nelas passou o Deus da Salvação”,

³⁴³ SOBRINO, J. *De una teología solo de la liberación a una teología del martirio*. Em: COMBLIN, J. GONZÁLEZ-FAUS, J. I. SOBRINO, J. (Orgs.). *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*. Madrid: Trotta, 1993, p., 101-102. Apud TAVARES, Sinivaldo S. *O martirio cristão: expressão da misericórdia consequente*. Em: SOARES, A. M. L. *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 135.

³⁴⁴ SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador. Depoimento de Jon Sobrino*. São Paulo: Loyola, 1990, p., 63.

³⁴⁵ SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, p., 66.

³⁴⁶ SOBRINO, Jon. *La causa de los mártires. Agradecimiento a Pedro Casaldáliga*. In: *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 25, 2008-1, p., 12.

³⁴⁷ SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p., 233.

Sobrino acrescenta profeticamente: “De minha parte, tenho escrito que fora dos pobres e das vítimas não há salvação”.³⁴⁸

Sobrino vê as vítimas como lugar teológico, porque elas labutam por justiça e vida com muita resistência, se esforçam na busca do necessário para a sobrevivência e em gerar a fraternidade e a celebração. As vítimas esperam no único necessário dom de Deus: a Vida.³⁴⁹

2.3.2.b.

A Igreja necessita dos mártires

Os mártires foram humanos, misericordiosos, verazes, justos, amorosos e crentes, e que foi isso que nos deixaram: humanidade, misericórdia, verdade, justiça, amor e fé.³⁵⁰

Aqui, nos deteremos no aspecto subjetivo do testemunho da Igreja, ou seja, de sua santidade na promoção objetiva da vida justa. Interessa oferecer uma análise teológica da perseguição e do martírio e apresentá-los como a forma mais típica e acabada da santidade da Igreja, precisamente porque está dando testemunho em favor da vida justa.³⁵¹ A Igreja precisa dos mártires para fazer emergir em plenitude a realidade do amor que se faz livremente aceitação da morte e se torna perdão para o perseguidor. O mártir pertence à Igreja, porque constitutivamente ela mesma é mártir. Em sua constituição ontológica, é-lhe impressa uma vez por todas, de modo indelével, a forma Christi, que se exprime na *kenosis* do Filho até o momento culminante da paixão e morte de cruz.³⁵² Refletir Jesus de Nazaré, revelador de Deus, permite uma conexão com a história que é mestra da vida.

Na cruz de Jesus o próprio Deus está crucificado. O Pai sofre a morte do Filho e assume em si toda a dor da história. Nesta última solidariedade com o homem revela-se como o Deus de amor, que a partir do mais negativo da história abre um futuro e uma esperança. A existência cristã não é, então, outra coisa que participar desse mesmo processo do amor de Deus ao mundo e, desta forma, participar da própria vida de Deus.³⁵³

³⁴⁸ SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p., 234.

³⁴⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 131.

³⁵⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 251.

³⁵¹ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Edições Loyola, 1982, p., 178.

³⁵² FISICHELLA, Rino. Martírio. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/ Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p., 569.

³⁵³ SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p., 190.

Na América Latina, “as vítimas são, antes de tudo, uma realidade coletiva e massiva”³⁵⁴. Diante da realidade histórica do Terceiro Mundo, “é bom falar do ‘Deus crucificado’, mas é tanto ou mais necessário falar do ‘povo crucificado’”. Ellacuría elevava a realidade dos povos do Terceiro Mundo à “realidade teologal”: persegue-se a Igreja quando o povo é oprimido estruturalmente e, mais ainda, quando é reprimido por lutar por sua vida. Então, não só se perseguem os que fomentam o Reino de Deus, mas aniquila-se o próprio Reino de Deus. A Igreja é perseguida quando defende a vida das maiorias pobres, denuncia a vida aniquilada injustamente e fomenta a prática histórica da justiça.³⁵⁵ O ponto de partida para compreender o que é a perseguição da Igreja é o Reino de Deus. E, portanto, a perseguição da Igreja dá-se de maneira formal e num sentido material.³⁵⁶ Para Sobrino, “a Igreja é perseguida enquanto é uma comunidade que defende eficazmente a vida e a justiça; por isso é perseguida pelo *odium justitiae*. [...] São perseguidos aqueles que optaram como Jesus pela vida e justiça do Reino dos pobres”.³⁵⁷

A perseguição e repressão ajudam a Igreja a recuperar sua própria essência, gerando uma série de atitudes, dentre as quais, o empobrecimento, a solidariedade com o povo pobre, a fortaleza no sofrimento e a esperança contra esperança, culminando com o maior dos testemunhos: o martírio.³⁵⁸ ‘Martírio’ é concretude de vida de uma existência plenamente humana, porque exprime a plena liberdade do homem diante da morte. O ‘martírio’ pertence à própria essência da vocação cristã, que constitui o caso sério da vida de cada um. Perguntar se hoje existem mártires e quais são eles, é perguntar se, também hoje, a Igreja é capaz de apresentar o imutável e fiel Amor trinitário de Deus. A coragem dos mártires exorta a coragem de criar sempre, incessantemente, novas formas e estilos de vida que anunciem a força vitoriosa da pessoa de Cristo vivo ainda hoje em meio aos seus, que o proclamam Senhor e Testemunha fiel, como os primeiros crentes.³⁵⁹ O ‘martírio’ é a forma mais acabada de santidade, não só por razões teológicas gerais, mas

³⁵⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 366.

³⁵⁵ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p., 179-180.

³⁵⁶ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p., 182.

³⁵⁷ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p., 181.

³⁵⁸ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p., 183.

³⁵⁹ FISICHELLA, R. *Martírio*, p., 576-577.

também por razões históricas atuais, que fazem dele uma possibilidade real e não remota e o apresentam claramente como a demonstração do amor maior.³⁶⁰

A vida do ‘mártir’ revela o testemunho pleno daquele que internalizou o sofrimento alheio e que decide curar o ferido. O ‘mártir’ reage com amor eficaz à situação do povo crucificado. O ‘mártir’ trabalha em prol desse povo para fazê-lo descer da cruz, expresso na caridade-reativa que leva à implantação da Justiça e do Direito. Ali, onde há morte como a de Jesus, na cruz, por defender as vítimas deste mundo, e com um grande grito, também há ressurreição. Uma palavra continua ressoando e os crucificados permanecem na história. Sobrino proclama:

Os *mártires* da UCA (Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas), Inácio Ellacuría, Segundo Montes, Inácio Martín Bar Amado López, Juan Ramón Moreno, Joaquim Lopéz, Júlia Elba e Celina Ramos, junto com Monsenhor Romero e tantos milhares e milhares de salvadorenhos, morreram como Jesus na cruz, e por isso têm de continuar vivos como Jesus. Se assim não fosse, vã seria a fé na ressurreição de um crucificado.³⁶¹

A TdL se relaciona nomeadamente com as massas, porque recolhe a verdadeira realidade das maiorias populares, sua pobreza, seu sofrimento e sua esperança, bem como muitas reflexões das teologias das comunidades. Relevante é esta frase de Ellacuría que Sobrino recorda “só se faz teologia num gabinete, a partir dos pobres. E a eles se devolve a verdade teológica a partir deles descoberta”.³⁶²

Deus é um Deus dos pobres. Jesus anunciou um Reino de vida e justiça para eles. Por esta causa, sofreu o destino dos pobres e foi assassinado. Se as maiorias populares sentem um pouco mais de ânimo para trabalhar e lutar generosa e nobremente para que a vida alcance a todos, então, mesmo sem ter ouvido uma palavra de TdL, ela já os terá alcançado.³⁶³ Há fé e evangelização com a encarnação. E num povo crucificado há encarnação com a cruz,³⁶⁴ pois um grande amor produz uma grande esperança. Vinculados ao amor dos ‘mártires’, encontram-se os rostos das vítimas nas quais o próprio Deus está oculto, mas bem presente, solicitando que se prossiga o itinerário, nas pegadas da história dos pobres e prosseguindo a história de Deus.³⁶⁵ Caminhar e recordar é preciso! Especialmente, no que diz respeito a

³⁶⁰ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p., 183.

³⁶¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 251.

³⁶² SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, p., 60-61.

³⁶³ SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, p., 63.

³⁶⁴ SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, p., 67.

³⁶⁵ SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, p., 67.

uma produção teológica que insiste em rever a história da Igreja dos Pobres no sentido de reconfigurar o que mais importa. Recordando os mártires jesuítas de El Salvador, Sobrino afirma:

Eles fizeram a opção de viver na verdade pela realidade salvadorenha, uma opção fundamental pelos pobres, exigida cristãmente pelo evangelho e exigida eticamente pela realidade histórica. Sobretudo, uma opção primordialmente humana – ‘metafísica’, para poder tornar-se eles mesmos simplesmente reais e humanos.³⁶⁶

Os mártires jesuítas se encarnaram na realidade e testemunharam uma Igreja encarnada nos problemas do povo. Consequentemente, se eles sofreram a morte mais real em El Salvador, é porque viveram a realidade mais real de El Salvador.³⁶⁷ Sabe-se que para auscultar os clamores das vítimas, dos pobres, dos povos crucificados, basta apenas estar atento à realidade que circunda. Sobrino ‘testemunha’ que os mártires eram acadêmicos e estavam na Universidade. Seu principal trabalho e a maior parte de seu tempo transcorreram na UCA, embora à UCA chegassem também fisicamente os clamores dos pobres. E vários dos mártires se aproximaram assiduamente da realidade da pobreza. Trabalharam na UCA, mas a partir de e para a realidade dos pobres. Esta realidade guiou suas ações e suas opções. O ‘desde’ e o ‘para’ de todo o seu trabalho foi a realidade salvadorenha empobrecida e esperançosa. O fato de serem intelectuais numa universidade e religiosos numa Ordem, não lhes impediu de se encarnarem como Jesus, na realidade de nosso mundo.³⁶⁸

2.3.2.c.

Os Mártires Jesuânico da UCA e os Povos crucificados

Os mártires jesuítas em El Salvador encarnaram-se na realidade de todo um povo crucificado e dedicaram sua vida a curar os feridos. E da mesma forma que o samaritano da parábola, em presença de um povo crucificado, deixaram-se mover pela misericórdia. Eles internalizaram o sofrimento de todo um povo e reagiram.³⁶⁹ Como seres humanos de compaixão e misericórdia, trabalharam e serviram na Universidade, na Companhia de Jesus e na Igreja.³⁷⁰ Seguidores de Jesus, os

³⁶⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 252.

³⁶⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 253.

³⁶⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 253-254.

³⁶⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 254.

³⁷⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 255.

mártires da UCA reproduziram de forma real, a vida de Jesus. Fixaram o olhar nos pobres reais e moveram-se pela compaixão. Colocaram ciência, talentos, tempo e descanso a serviço da verdade e da justiça. Lutaram contra os demônios de fora, os opressores, oligarcas, governos, forças armadas e defenderam os pobres.³⁷¹ Segundo Sobrino, “Morreram como Jesus e, portanto, são os ‘mártires jesuânicos’, referência essencial para os cristãos e para qualquer um que queira viver humana e decentemente no mundo. Seu batismo foi de Espírito, de Sangue e seguiram a Jesus”.³⁷²

O labor teológico torna-se profético na medida em que é suscitado pelos clamores da realidade. São milhares de pessoas que sofrem em guerras e invasões: Afeganistão, Iraque, Palestina; no manuseio da medicina e farmácia: malária, AIDS; em péssima ecologia: inundações, desertificação, perdas na agricultura; nas catástrofes naturais: a imensa maioria daqueles que morrem nos terremotos não podem construir casas com aço inoxidável suficiente, vivem nas ladeiras dos montes e nas ribeiras dos rios, ou junto às vias do trem.³⁷³ Sobrino nomeia estas pessoas de ‘Servo sofredor de *Iahweh*’ em nossos dias, povos crucificados, vítimas da história.³⁷⁴ Os povos crucificados morrem cruelmente, com grande frequência depois de uma vida de grandes sofrimentos. É o Povo de Deus que vive e morre anonimamente. Os ‘mártires’ foram mortos por defender os pobres indefesos que sofriam a morte lenta da opressão e a morte violenta da repressão. Houve ‘mártires’ porque antes houve vítimas. E, se houve muitos e generosos mártires, é porque muitas eram as vítimas que deviam ser defendidas; e grande a crueldade da qual tinham que libertá-las.³⁷⁵ Celebrar os mártires Jesuânicos implica recordar os povos crucificados. Estes conduzem aqueles em sua fé, daquela que se pode ter alguma notícia, ainda que seja ‘caminhando em silêncio e na ponta dos pés’.

³⁷¹ SOBRINO, Jon. *Los mártires de la UCA. Exigencia y gracia*, p., 229.

³⁷² SOBRINO, Jon. *Los mártires de la UCA. Exigencia y gracia*, p., 229.

³⁷³ SOBRINO, Jon. *Los mártires de la UCA. Exigencia y gracia*, p., 231.

³⁷⁴ SOBRINO, Jon. *Los mártires de la UCA. Exigencia y gracia*, p., 233.

³⁷⁵ SOBRINO, Jon. *La causa de los Mártires*, p., 11-12.

2.3.2.d.

A modo de conclusão

Neste primeiro item que foi tecido à luz de algumas questões, sinalizaram-se as interpelações da realidade atual; apresentou-se o perfil da vida de Jon Sobrino e a hermenêutica de seu labor teológico iluminado pelo Mistério de Deus e pelo Mistério da Realidade, na qual ele atualiza a proposta do Evangelho de Jesus Cristo. Por último, refletiu-se a realidade martirial centro-americana impregnada do Mistério do Reino de Deus.

Percebeu-se que à luz da reflexão teológica latino-americana é importante insistir na memória da vida dos ‘mártires’ para que reacenda em cada pessoa a mesma tocha do ardor pela causa do Reino de Deus que neles arderam. Inspirando-se neles e com os olhos fixos no rosto humano de Deus, Jesus de Nazaré, a finalidade foi persistir no compromisso libertador de reflexão acadêmica, de anúncio e de presença na perspectiva das vítimas da história.

No próximo capítulo descrever-se-á sobre a importância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no mundo. Enfatizar-se-á que é uma teologia tecida à luz da ética de compaixão; possui no seu âmago a mística e o re-encantamento no mundo das vítimas; e é sinal de profecia e testemunho no despertar da inumanidade para as não-vítimas.

3

O Deus da compaixão que se inclina sobre as vítimas: a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da igreja hoje

O lugar privilegiado para Jesus é o amor serviçal ao pobre, ao pequeno, ao oprimido. Estes são o seu rosto privilegiado na história, e estes são os que entendem o Reino.³⁷⁶

Em um dos capítulos de sua obra *Teoria do Método Teológico*, Clodovis Boff fala magistralmente do verdadeiro teólogo. Ele afirma que o “teólogo é iluminado pelo Espírito e feito capaz de ver tudo banhado na luz divina”.³⁷⁷ A frase a ser citada, encaixa perfeitamente para dizer a importância da obra de Jon Sobrino e, por sua vez, de tudo o que ele expressa à luz de sua experiência de vida, de sua ‘honradez com o real’ e de seu itinerário teológico:

Só uma pessoa ‘iluminada’ é capaz de ver tudo ‘à luz da fé’. Quem não é misticamente iluminado não pode ser verdadeiro teólogo. O teólogo é antes de tudo ‘alguém que viu’, uma testemunha, um contemplativo. Pois só assim possui ele o sentido do divino, o ‘senso de Cristo’ (1 Cor 2,16). Enquanto teólogo, ele nada mais se faz senão elaborar de maneira crítico-científica aquilo mesmo que ele intuiu previamente através da percepção da fé (BOFF, 1998, p. 50).

Refletir o Deus da Compaixão que se inclina sobre as vítimas, requer uma atitude reverente e contemplativa, assim como a coragem de admitir a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje. Também é um convite para retornar à uma ‘Igreja pobre para os pobres’ e renovar o pacto de uma autêntica Compaixão-Opção pelos povos crucificados, os Pobres da Terra.

Neste capítulo, portanto, confirmar-se-á que sua teologia é tecida à luz do Deus revelado em Jesus Cristo, que ungido e conduzido pelo Espírito, anuncia o Reino de Deus às vítimas da história. Comprovar-se-á que é uma teologia impregnada pela ética de compaixão, justiça e solidariedade; que possui no seu âmago a mística do reencantamento no mundo das vítimas; e é sinal de ‘profecia’ e testemunho no despertar da inumanidade para as não-vítimas.

³⁷⁶ SOBRINO, Jon. *O seguimento de Jesus como discernimento cristão*. Em: *Concilium*/139, 1978/9, p., 20.

³⁷⁷ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 55.

A 'ética' teológica é compreendida como a teoria da orientação da vida sob as exigências da fé. A realidade da fé cristã deve tornar-se de maneira nova, tema no seio da ética. O que requer a vinculação da ética às instituições fundamentais da teologia bíblica e sistemática (conversão religiosa, [*metanóia*], seguimento; doutrina da criação, cristologia, soteriologia), bem como, uma ligação positivamente crítica da mensagem cristã da liberdade com a moderna história da liberdade.³⁷⁸

O termo solidariedade, oriundo do campo jurídico (*in solidum obligari*= responder pelo todo), significa a central dimensão ético-social de orientação dos esforços em prol de vida em comum e justa na sociedade. A solidariedade obtém sua qualidade ética mais forte quando abrange atos de representação em situações de desigualdade. Ou seja, quando se estende precisamente a pessoas dependentes, oprimidas, necessitadas ou em estado de miséria. Solidariedade como identificação e comprometimento em favor dos membros mais fracos de uma sociedade pode, em consequência, ser dolorosa, enquanto pode estar vinculada com custos, sacrifícios pessoais e sujeições às finalidades do todo social. Sua finalidade é agir para o bem dos outros. Sua base é o reconhecimento de uma comunitariedade.

Teologicamente, a solidariedade, como prática tanto de indivíduos como de grupos no horizonte da esperança de uma nova humanidade, na qual todos possuam os mesmos direitos e experimentem realização em suas necessidades, funda-se no agir de Jesus (Cf. GS 23-32). A tradição bíblica dá testemunho de seu voltar-se para os pobres e marginalizados sociais como sua característica. Neste agir solidário e em sua paixão, Jesus manifesta a vontade salvífica de Deus e a justiça do seu amor. Sua existência e seu destino todo é expressão da solidariedade de Deus para com os homens necessitados de redenção. O conteúdo da solidariedade é concebido nas figuras do amor do próximo, da reconciliação ativa (Rm 5,10; 2 Cor 5,18s; Cl 1,20-22), da representatividade (2Cor 5,21), da libertação (Rm 8,2s), da renúncia (2 Cor 8,9), do fazer-se igual no sofrimento e na tentação (Hb 2,17s; 4,15), da participação (1 Cor 10,16; Gl 3,14), etc.³⁷⁹

³⁷⁸ HILPERT, Konrad. Ética social/Solidariedade. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 252.

³⁷⁹ HILPERT, Konrad. Ética social/Solidariedade. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 267-270.

Etimologicamente, ‘mística’ provém do verbo *myô*, que significa o procedimento de fechar os olhos e olhar para o interior. Daí se deriva o tipo de mística do mergulho no divino. Historicamente, são constatadas uma associação linguística e uma conexão objetiva com os cultos mistéricos: *myéô* significa iniciar-se nos mistérios; *mystês* era o iniciado nos mistérios. A história da mística cristã é história teológica da encarnação. O ‘Crucificado’ (mística da paixão) e o ‘Ressuscitado’ (mística da luz) são parte dela. Mística cristã é, pois, experiência de Cristo, não importando seja descrito no paradigma da visão contemplativa ou do nascimento de Deus no coração. É, também, mudança da vida prática e pode ser portadora de traços de referência ao mundo por razões teológicas, pois, partindo-se da unidade e teologia da criação e da encarnação, o mundo surge como campo da santificação e como sinal em que se inclui toda a metafórica de Deus como o mistério do mundo, podendo ser desvelada.³⁸⁰

A profecia é mensageira e porta-voz de determinada divindade, com a qual ela trata intuitivamente, ou seja, comunica sua mensagem divina (oráculo) espontaneamente a outros ou a pedido deles. Profetisas e profetas contemporâneos do século XX e XXI encontram-se entre “grandes mulheres e homens” que se destacam na vida política, religiosa e espiritual.³⁸¹

Compaixão é a capacidade de com-partilhar a própria paixão com a paixão do outro. É um sentimento que busca construir comunhão a partir dos que mais sofrem, ou dos que, por incontáveis razões, são penalizados pela vida. No judeu-cristianismo existe a *rahamim*, a compaixão sob a forma de misericórdia. Em hebraico, significa ter entranhas e por elas sentir a realidade do outro, particularmente daquele que sofre. Quer dizer, com-sentir mais do que entender, mostrar a capacidade de identificação e de com-paixão com o outro.³⁸²

A misericórdia é considerada a característica básica da experiência espiritual de Jesus, o qual unia a paixão de Deus à compaixão pelos pobres. O Deus que Jesus chama Pai tem características de Mãe que perdoa e acolhe em seu seio. As parábolas do bom samaritano (Lc 10,30-37) e do filho pródigo (Lc 15,11-32) mostram o

³⁸⁰ MIETH, Dietmar. *Mística* In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 268-269.

³⁸¹ LANG, Bernhard. *Profecia*. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 723-727.

³⁸² BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 15-17.; SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994, p., 31-80.

movimento da misericórdia divina: sair de si e ir ao encontro do outro. À luz de sua experiência de Deus Pai-Mãe misericordioso, Jesus fundamenta sua ética na misericórdia. É por ela que os seres humanos se apropriam da salvação, pois, ‘no momento supremo da vida, o que conta, é a misericórdia’. Sem *misericórdia e compaixão* não existe vida eterna para ninguém (Cf. Mt 25,36-41).

As questões a seguir, nortearão este capítulo: Qual a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no Caribe? Como ele desenvolve o Deus revelado em Jesus Cristo e como o anúncio do Reino de Deus ilumina a teologia e a prática pastoral na realidade das vítimas? Onde se percebe a postura ética, mística e profética no labor teológico de Jon Sobrino?

3.1

De Medellín a Aparecida: uma postura ética, mística e profética

Será uma Igreja em que todos se levem mutuamente, mas neste levar-se compete aos pobres a função privilegiada de converter os outros, de levá-los em sua fé. E como Igreja dos pobres, ela é sacramento de libertação a serviço do Reino de Deus.³⁸³

O fator decisivo da articulação do pensamento de Sobrino está em conexão com a realidade latino-americana, com a qual toda a sua teologia busca transformar. Influenciado pelas Cristologias progressistas,³⁸⁴ ele analisa alguns autores europeus na sua primeira obra cristológica, para em seguida, mostrar a peculiaridade de seu pensamento teológico desde a realidade latino-americana.³⁸⁵

Em suas reflexões, suscita questões sobre os seres humanos, sobre Deus e sobre a salvação. Concentra-se em torno da graça e do pecado, de liberdade e justiça, encobrimento e agravo comparativo, mentira e vontade de verdade,

³⁸³ SOBRINO, Jon. *O seguimento de Jesus como discernimento cristão*, p., 26.

³⁸⁴ São as Cristologias surgidas na Europa durante o século XX. Elas representam uma ruptura com os métodos escolásticos, incorporando os resultados das ciências bíblicas, operando um retorno às fontes e aceitando a problemática científico-filosófico-teológica do ser humano a quem se dirigem. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 12-16. HAMMES, Érico João. “*Filii in Filio*”. *A divindade de Jesus como Evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino*. Dissertatio ad Doctaratum in Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregoriana (PUG), Roma: 1995, p., 27.

³⁸⁵ Sobrino analisa as cristologias de Karl Rahner, W. Pannenberg e Jürgen Moltmann. Cf. SOBRINO, Jon. *Cristologia na América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p., 19-29. Para um aprofundamento maior do influxo europeu na formação de Sobrino, sugere-se a leitura do primeiro capítulo da primeira parte da tese doutoral de E. J. Hammes. HAMMES, E. J. *Filii in Filio*, p., 27-60.

santidade primordial e bondade contracultural, pobreza e utopia.³⁸⁶ E conceituando-as à luz da tradição bíblico-cristã, historiada fundamentalmente pela teologia da libertação, reflete-as desde El Salvador. Deste modo, suas cogitações mesmo tendo um caráter específico de impotência, são impregnadas de muita esperança.³⁸⁷

Apreende-se em sua reflexão teológica, a capacidade e o empenho de unir teoria e práxis, contribuindo, deste modo, a liberar a realidade da sua miséria, transformando esta última e realizando, assim paralelamente, a mudança da realidade e o resgate do sentido da fé.³⁸⁸ Além disso, sua teologia questiona o significado de Jesus para a fé e a realidade, apresentando-o como libertador para baixar da cruz os crucificados deste mundo, as vítimas da história. Tal postura permitiu Jon Sobrino interpretar o papel da teologia tanto como *intellectus fidei*, bem como *intellectus liberationis*, *intellectus amoris*, *intellectus misericordiae*, *intellectus iustitiae*. Daí o motivo dele visualizar o povo de Deus, pobre e crente, como uma carta de Deus hoje à América Latina sobre sua vontade e realidade. Uma carta que continuamente, sob o impulso do Espírito de Deus deve ser lida, para saber de Deus.³⁸⁹

Sobrino enfatiza a realidade e a fé dos pobres da América Latina afirmando que sem estas duas colunas, “não teria sido possível o acontecimento doutrinal de Medellín”. E sem o Magistério de Medellín, muito provavelmente não se teria articulado e proposto um novo ensinamento³⁹⁰. Por isso confirma que Episcopado e pobres crentes atuaram conjuntamente na elaboração do mesmo.³⁹¹ Diante da renovada percepção que houve desde o Vaticano II, de que todos os membros da Igreja são chamados ao ministério em suas muitas formas,³⁹² ele tem desenvolvido a ideia do ministério como um serviço profético na e à Igreja, e acentuado que o mesmo tem uma responsabilidade fundamental de responder aos pobres e às vítimas da violência e da injustiça no mundo.

³⁸⁶ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 24.

³⁸⁷ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 24.

³⁸⁸ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Edições Loyola, 1982, p., 35.

³⁸⁹ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus. Em: Concilium/173*, 1982/3, p., 66.

³⁹⁰ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p.,66-67.

³⁹¹ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p.68.

³⁹²Para um melhor aprofundamento e atualização do tema *Ministérios na Igreja*, conferir *Concilium/334*, 2010/1.

Sobrino concentra-se naquilo que, em sua opinião, é fundamental no ministério em qualquer uma de suas formas, independentemente da maneira como são conferidos. Aqui, ele parte de dois pressupostos: 1. ‘Ministério’ é serviço, e na Igreja a essência de qualquer serviço deve estar configurada segundo Jesus; 2. O serviço – ou antisserviço – é exercício num mundo que é, estrutural e antagonicamente, Norte-Sul, e isso ele também deve configurar.³⁹³ Ele diz que o Documento de Medellín é o símbolo mais notável do Magistério latino-americano, que analisou à luz da revelação divina, da doutrina do Vaticano II, de João XXIII e de Paulo VI, a situação do Continente latino-americano e a resposta cristã da Igreja a essa situação. O que confirma que a novidade e o núcleo central de Medellín dão dinamismo específico a todos os seus documentos: “É a apresentação e a análise do clamor das maiorias pobres que sobe até ao céu e do seu anseio de libertação de todas as escravidões como fruto do Espírito”.³⁹⁴

Paulo Fernando Carneiro de Andrade afirma que Medellín é na verdade uma antecipação e um salto profético feito pelos representantes do episcopado latino-americano e seus assessores em direção a um compromisso social transformador. O mesmo, destaca o período entre 1966 e 1968 como um momento de grande mudança na sociedade e na Igreja latino-americana. Segundo ele, neste Documento percebemos uma preocupação acurada pelo povo pobre e notamos um progressivo afastamento dos esquemas desenvolvimentistas com uma opção pelas teorias da dependência/opressão.³⁹⁵

O documento final de Medellín, intitulado *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, compõe-se de dezesseis documentos que se dividem em três seções: Promoção Humana, Evangelização e Crescimento na Fé e A Igreja Invisível e suas Estruturas. Dos dezesseis documentos, três particularmente foram feitos dentro de uma ótica que pressupõe um entendimento da estrutura social a partir da Teoria da Dependência. Trata-se dos documentos ‘Justiça’, ‘Paz’ e ‘Educação’, todos pertencentes à seção ‘Promoção Humana’.³⁹⁶

³⁹³ SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério. Serviço aos pobres e vítimas num mundo Norte-Sul. Em: Concilium/334*, 2010/1, p., 11-23.

³⁹⁴ Sobrino diz que, além de discernir os sinais dos tempos, Medellín coloca em palavra doutrinal o que já antes é realidade histórica e teológica, valoriza seu destinatário, o Povo de Deus, e sente obrigação ética e necessidade teórica de remeter-se ao mesmo. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 60-61.

³⁹⁵ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991, p., 52-56.

³⁹⁶ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*, p., 55.

Sobrino lembra que “a miséria que marginaliza grandes grupos humanos como fato coletivo, é uma injustiça que clama ao céu” (Medellín, Justiça. 1, 1968), e “a situação de humana pobreza em que vivem milhões de latino-americanos” (Puebla, n. 29, 1979), é o que caracteriza a América Latina³⁹⁷. E ao afirmar que em nosso mundo existem povos crucificados, insiste que eles trazem salvação³⁹⁸ e “oferecem valores a todos que se dedicam em descê-los da cruz”.

As vítimas da história oferecem uma ‘esperança ativa que as protagoniza’ e ‘um grande amor que é oferta de humanização’. Oferecem ‘uma fé e uma forma de ser Igreja’ mais relevante para o mundo atual. Enfim, oferecem ‘luz e salvação’.³⁹⁹ Por isso, a teologização fundamental na América Latina consiste em “considerar o povo crucificado como a atualização de Cristo crucificado”, verdadeiro servo de Javé, de modo que, povo crucificado e Cristo, servo de Javé, se remetem e se expliquem um ao outro. Sua hermenêutica, “consiste em buscar horizontes comuns de compreensão cultural entre presente e passado; e, além disso, horizontes comuns de realidade”. A hermenêutica desta teologização é feita a partir do servo de Javé e, para captá-la, importa ler os cantos do servo de Javé, com o texto na mão e os olhos voltados para os povos crucificados.⁴⁰⁰

Aqui, insistimos na importância do ministério num mundo Norte-Sul. Uma reflexão atual, presente na doutrina social. O “Sul crucificado” é o sinal dos tempos. “Tirá-lo da cruz” é o ministério fundamental na nossa Igreja hoje. Porém, é importante levar em conta de que o ministério eclesial configurado a partir do “Sul” será mais parecido com o ministério de Jesus.⁴⁰¹ Ao redor de Medellín, surgiu um *ministério convertido*. Também o ministério dos bispos. Tal conversão, consistiu em servir mais e melhor a pobres e vítimas, em enfrentar seus opressores e assassinos para defendê-los. Sobrino declara: “O ‘Sul’, ‘Medellín’, exigiu e

³⁹⁷ SOBRINO, Jon. *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. À memória de Ignacio Ellacuría*. Em: *Concílium*/232, 1990/6, p., 119.

³⁹⁸ SOBRINO, Jon. *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. À memória de Ignacio Ellacuría*. Em: *Concílium*/232, 1990/6, p., 123.

³⁹⁹ SOBRINO, Jon. *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. À memória de Ignacio Ellacuría*. Em: *Concílium*/232, 1990/6, p., 125-126.

⁴⁰⁰ SOBRINO, Jon. *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. À memória de Ignacio Ellacuría*. Em: *Concílium*/232, 1990/6, p., 120.

⁴⁰¹ SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério. Serviço aos pobres e vítimas num mundo Norte-Sul*. Em: *Concílium*/334, 2010/1. Aqui: p., 12.

facilitou essa conversão, e ela ocorreu. Seis bispos foram assassinados por fidelidade ao novo ministério”.⁴⁰²

3.1.a.

Uma inteligência impregnada do Mistério

Somente uma inteligência impregnada do Mistério de Deus e do Mistério da realidade em que vivemos e na qual mora Deus, enriquece a análise exegética e teológica, bem como, as determinações magisteriais.⁴⁰³

A percepção do Deus⁴⁰⁴ da Compaixão que se inclina sobre as vítimas⁴⁰⁵ requer uma inteligência impregnada do Mistério da realidade e do Mistério de Deus. Afirmamos que a partir das vítimas, a reflexão cristológica se torna mais prática, mistagógica e existencial, pois os pobres e as vítimas deste mundo são, pelos valores que têm – muitas vezes – e pelo que são – sempre sacramentos de Deus e presença de Jesus Cristo entre nós.⁴⁰⁶ Cremos e professamos que esta realidade em si mesma ilumina o que é o divino e o que é o humano e o Cristo que os unifica.⁴⁰⁷

O mistério da realidade expressa a honradez com o real, a ‘lealdade com o real’, a ‘fidelidade com o real’. Todas estas expressões significam o mesmo que ‘encarregar-se da realidade’, ‘deixar-se carregar pela realidade’.⁴⁰⁸ Em suas obras, Sobrino explica que Ignacio Ellacuría compreendia a estrutura formal da inteligência como ‘apreender a realidade e enfrentá-la’.

E às três dimensões desdobradas por Ellacuría – ‘levar em consideração a realidade’ (dimensão intelectual), de origem zubiriana⁴⁰⁹, à qual acrescentou ‘responsabilizar-se pela realidade’ (dimensão ética) e ‘encarregar-se da realidade’ (dimensão prática) –, Sobrino acrescentou uma quarta dimensão – mas por experiência e intuição que por reflexão teórica – ‘deixar-se levar pela realidade’ (dimensão da graça).⁴¹⁰

⁴⁰² SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério. Serviço aos pobres e vítimas num mundo Norte-Sul*. Em: *Concilium*/334, 2010/1. Aqui: p., 13.

⁴⁰³ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus: compaixão, mesa compartilhada*. Em: *Concilium*, 326 – 2008/3, p., 69.

⁴⁰⁴ CATALFO, C. E. *A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino*. Em: SOARES, Afonso M. L. *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 63-65.

⁴⁰⁵ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 151.

⁴⁰⁶ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 17-18.

⁴⁰⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p., 21.

⁴⁰⁸ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 18.

⁴⁰⁹ GRACIA, D. Zubiri, Xavier. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/ Santuário, 1994, p., 1054-1057.

⁴¹⁰ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 18.

Sobrino relata que quando conheceu o pensamento de Ellacuría, no início da TdL,⁴¹¹ o que mais lhe causou impacto foi o êxtase dele em encarregar-se da realidade a tal ponto de definir a teologia como momento da práxis, cuja finalidade era a maior realização possível do Reino de Deus na história. Foi aí que retomou a intuição e definiu a teologia como *intellectus amoris (justitiae, misericordiae)*, além de *intellectus fidei*,⁴¹² proveniente de Agostinho, e do *intellectus spei*,⁴¹³ como Jürgen Moltmann o reformulará em 1978 na sua obra Teologia da Esperança.⁴¹⁴ O *intellectus fidei* é “o *intellectus*, enquanto função originária e originante do pensar, que está em operação no campo da fé. [...] Este, testemunha que a fé possui sua evidência, sua luz e inteligência específicas. A fé tem seus olhos próprios”.⁴¹⁵

Na segunda parte do sexto capítulo de sua tese de doutorado, ao comentar a teologia como intelectão do reinado de Deus em Ignácio Ellacuría, Francisco de Aquino confronta diretamente com a problemática teológica específica da intelectão do reinado de Deus, no que tem de atividade propriamente intelectual. Ele procura explicitar o caráter de “momento” da teoria teológica, tanto em sua respectividade a práxis teologal (momento ‘de’), quanto em sua especificidade frente a outros momentos dessa práxis (‘um’ momento) e enfatizar seu caráter sócio-histórico. Enfim, procura mostrar como esse caráter de momento da teoria teológica determina seu lugar/função e importância no conjunto do método teológico: um momento irreduzível, mas em respectividade estrutural a outros momentos. Ele diz que a subordinação da teologia à práxis do reinado de Deus é tanto uma necessidade epistemológica e social quanto um ideal teológico. Portanto, trata-se, em primeiro lugar, de uma necessidade epistemológica e social e em segundo lugar, de um ‘ideal’ teológico. De modo que, o que seja a TdL e qual seja seu método, dependem tanto do que seja a práxis do reinado de Deus, quanto do que seja a atividade intelectual desse reinado.⁴¹⁶

A teologia, enquanto momento reflexo da prática primária, se concretizará também como *intellectus iustitiae* e *intellectus liberationis*. A novidade

⁴¹¹ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991, p., 57-59.

⁴¹² BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 67.

⁴¹³ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo, Editora Teológica: Edições Loyola, 2005, p., 50.

⁴¹⁴ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 18-19.

⁴¹⁵ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 67.

⁴¹⁶ AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como intelectão do reinado de Deus*, p., 217-234.

metodológica de maior interesse da TdL latino-americana é que ela se compreende primária e formalmente a si mesma não como *intellectus fidei*, mas *intellectus amoris*. Isto significa que a TdL se autoconcebe como inteligência do amor histórico pelos pobres, vivido como tentativa privilegiada de corresponder existencial e historicamente àquele Deus que, em Jesus Cristo, se revelou como Amor. A TdL latino-americana seria, então, expressão desse esforço, fruto de um profundo encontro espiritual, tendo por fim deixar-se configurar pela própria realidade de Deus. Neste sentido, a razão última e definitiva pela qual a TdL se define formalmente como *intellectus amoris* provém da própria compreensão de Deus que emerge a sua revelação histórica e escriturística.⁴¹⁷

Na parte introdutória de sua obra *Teologia da Esperança*, Moltmann argumenta acerca do ‘esperar e pensar’:

Na Idade Média, Anselmo de Cantuária, estabeleceu o princípio, desde aquela época, normativo e fundamental para a teologia; *fides quaerens intellectum – credo ut intelligam* [fé que examina o intelecto – creio para que entenda]. Esse princípio fundamental vale também para a escatologia e, hoje, talvez seja de decisiva importância para a teologia cristã o estabelecer como princípio básico: *spes quaerens intellectum – spero ut intelligam* [esperança que examina o intelecto – espero para que entenda]. Não é a esperança que conserva a fé em vida, a sustenta e impele para frente? Não é a esperança que introduz o crente na vida de amor? Portanto, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé – o conhecimento e a reflexão sobre o ser do ser humano - da história e da sociedade.⁴¹⁸

Para compreender a realidade, é imprescindível levar em conta o seu peso. Lamentamos que isso não seja muito valorizado hoje. O assassinato de Ellacuría desempenha o papel de símbolo do responsabilizar-se pela realidade, pois ele pensou e se responsabilizou por ela até o fim. Assim, “não é por acaso que a teologia salvadorenha foi pioneira em fazer da perseguição e do martírio, temas centrais,

⁴¹⁷ TAVARES, S. S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo: a contribuição da Teologia da Libertação latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2002, p., 183-184

⁴¹⁸ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3ª ed. São Paulo, Editora Teológica: Edições Loyola, 2005, p., 50. Jürgen Moltmann é um dos principais teólogos Luteranos contemporâneos. Nasceu no ano de 1926 em Hamburgo na Alemanha. Desde 1967, foi professor de teologia sistemática na Universidade de Tubinga. Moltmann é um escritor prolífico, centrado integralmente em “olhar a teologia sob um ponto de vista particular: a esperança”. É o criador da *Teologia da Esperança*, na qual, desenvolve as ideias da realização do Reino, como promessa fundamental de Deus. Ele também destaca muito a importância do mistério da cruz. Dentre suas obras, destacam-se *Teologia da Esperança*; *O Deus Crucificado*; *A Igreja na Força do Espírito*; *Conversão ao Futuro*.

também enquanto teóricos”.⁴¹⁹ O ‘responsabilizar-se pela realidade’ causou grande impacto sobre Sobrino:

Vindo de outros lares, supunha uma novidade total ouvir - e percebê-lo na pessoa de Ellacuría - que a inteligência ‘não foi dada ao ser humano para ele fugir de seus compromissos reais, mas para responsabilizar-se pelas coisas como realmente elas são e pelo que realmente exigem’.⁴²⁰

3.1.b.

Da realidade, irrompem os clamores das vítimas

Quando mantemos as vítimas no centro da teologia, queremos ser honestos para com a realidade e responsáveis diante dela. Queremos ser cristãos que apresentam uma boa notícia: Deus e seu Cristo estão presentes em nosso mundo, e estão ali onde disseram que estariam: nos pobres e nas vítimas deste mundo.⁴²¹

A realidade é Deus que ausculta todos os clamores, sente todas as dores, vibra com entranhas de misericórdia e age com a ternura da mãe que fixa o olhar para os diversos rostos da Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires da Baixada Fluminense⁴²² desprovidos de pão, de chão, de compaixão e de perdão. Os múltiplos rostos são identificados hoje, numa Comunidade Eclesial situada na Baixada Fluminense. Esta possui a marca do martírio e da violência. No entanto, faz a experiência de Deus numa atitude reverente e atenta aos sinais e apelos da vida cotidiana. Ela tem uma história de vida e resistência.

A Comunidade de Nossa Senhora dos Mártires da Baixada está localizada em um bairro de Duque de Caxias-RJ, completamente esquecido pelas autoridades. Nela encontramos o Centro de Formação e Espiritualidade Encarnada, o Memorial dos Mártires e a Igreja onde celebramos o Mistério Pascal. A inserção nesta realidade de mártires, de pobreza e de vítimas de catástrofes, faz compreender melhor, os traços relevantes da teologia de Jon Sobrino e seu despertar teológico.

Um dos motivos principais que nos conduzem a escrever na perspectiva das vítimas deste mundo é a importância de redescobrir que o discurso sobre Jesus de Nazaré não se reduz à sua extraordinária pessoa, à sua misteriosa natureza de

⁴¹⁹ IHU-Online. “Ignacio Ellacuría, um reitor assassinado. Vinte anos depois”. Entrevista especial com Francisco das Chagas. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em: 25 de dezembro de 2010.

⁴²⁰ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 19.

⁴²¹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 19.

⁴²² CEB - Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires da Baixada Fluminense Disponível em: www.paroquiasaosimao.org. Acessado em: 27 de abril de 2010.

homem-Deus, mas inclui o destino de cada ser humano, o motivo e o apelo de toda a adesão a Ele. Redescobrir também a importância de um retorno mais evangélico a Jesus, de olhar para Ele, mais uma vez, do lado dos pobres, aos quais Ele se dirigiu e a quem chamou de bem-aventurados e luz do mundo. Deste modo, pode vir àquela renovação da Igreja que reencontra a sua íntima essência de ser luz para o mundo.⁴²³

A realidade revela situações graves de urgência alimentar devido às catástrofes naturais, como as inundações, a seca ou os terremotos em todos os recantos da Terra e particularmente na América Latina e no Caribe. Todos os anos, os conflitos armados expulsam de suas casas e de suas terras a milhões de pessoas, que nessas condições correm perigo de morrer de fome e mais de milhões de pessoas subsistem com menos de um dólar ao dia. Levar em consideração a realidade supõe “um estar ‘real’ na realidade das coisas”.⁴²⁴ Portanto, a experiência confirma que a realidade se insere no mais íntimo de nosso ser, conduz ao deserto do coração, coloca-o numa postura de escuta, fala intimamente e confirma que os sinais guardam consigo os desejos e anseios mais profundos. Estes irrompem pela força do Espírito de Deus que dá vida a todas as coisas e impele a anunciar a Boa Nova que sempre de novo, acaba de chegar:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor (Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2).

Felice Scalia diz que a cristologia de Sobrino é uma reflexão sobre o Deus humanado, o qual, “sendo rico, se fez pobre por vossa causa, para vos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9). E suas afirmações sobre os pobres como lugar teológico suscitam cinco ensinamentos do Novo Testamento: os pobres são os destinatários privilegiados do ‘plano de Deus’ (“deles é o Reino”: Lc 6,20). O encontro com o pobre é o lugar decisivo do encontro com Deus. As palavras “foi a mim que fizestes” foram ditas àqueles que deram de comer ao faminto, que visitaram o prisioneiro e o enfermo, etc. (Mt 25,31ss.). Os sinais para o reconhecimento do enviado de Deus são a Boa Nova para os pobres e a esperança para aqueles que creem nela (“coxos”, “cegos”, “surdos”, na linguagem messiânica

⁴²³ SCALIA, Felice (org.). *La teologia scomoda. Il “caso Sobrino”*. Molfeta, Edizioni La meridiana, 2008, p., 11-12

⁴²⁴ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 19.

de Isaías (Mt 11,2ss)). Pobres e oprimidos da terra constituem, hoje, a face do Cristo crucificado, segundo o ensinamento da Assembleia Episcopal de Puebla, inaugurada por João Paulo II em 1979.⁴²⁵

Os anseios mais profundos ecoam e advertem que ninguém pode prendê-los ou impedi-los. Eles são sorrateiros, vêm com toda força, envolvem e revigoram. Tomam pela mão e conduzem ao chão da vida, onde os corações se unem e celebram na Justiça, na Solidariedade e na Esperança. Aqui, novamente focaliza-se a Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires da Baixada, a qual permite oportunidade de silenciar, orar e meditar profundamente para ouvir os sentimentos das lideranças, dos pobres, das vítimas, dos mártires, da humanidade, da Criação, do Cosmos, de Deus. Esta CEB, localizada no Jardim Amapá, é retrato da exclusão e do abandono em que os pobres deste país são obrigados a viver. Lá, na noite de 3 de maio de 1988, Elizete (5 anos), Elionete (7 anos) e Eliete (9 anos) foram barbaramente assassinadas junto com a mãe Maria das Neves (grávida de sete meses) e o seu pai Sebastião. No dia 5 de junho de 1988 foi realizada a celebração ecumênica: 'Clamor dos Mártires'. Em outubro de 1989 foi comprada a casa onde tinha acontecido o martírio e no Natal do mesmo ano foi inaugurada. Em 1993, foi comprado o terreno ao lado com o intuito de construir um Centro de Espiritualidade e Formação. Com o apoio e incentivo do Bispo Dom Mauro Morelli, da diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, foi projetado em 1994 e inaugurado em 17 de julho de 1999.⁴²⁶

3.1.c.

Interpelações da realidade atual

O homem (ou a mulher) que quer conhecer Deus deve ser antes de tudo ouvinte da Palavra, deve procurar o lugar da revelação de Deus, deve contar com a possibilidade de que Deus tenha escolhido seu próprio lugar específico da revelação, e deve aceitar que este é privilegiadamente o mundo dos pobres.⁴²⁷

A verdade de Deus é assegurada ambientalmente como boa notícia, salvífica e humanizadora, desencadeando uma ativa esperança e uma prática de libertação.⁴²⁸

⁴²⁵ SCALIA, Felice. *La teologia scomoda*, p., 39-41.

⁴²⁶ DIAS, Adriano. *Mártires da Baixada. Uma história de sangue e esperança*. Disponível em: <http://www.comcausa.org.br.martiresdabaixada>. Acessado em: 14 de março de 2010.

⁴²⁷ SOBRINO, Jon. *Deus. Em: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA J. (Orgs.). Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, 1999, p., 174.

⁴²⁸ SOBRINO, Jon. *Deus*, p., 173.

Muitos cristãos pobres e os que com eles se solidarizam, transformam, de fato, em mistério santo, o que incontestavelmente existe de problemas em sua própria vida, em seu mundo circundante e na história, pois “o mundo dos pobres nos coloca diante de um mistério, e eles mesmos exprimem um mistério”.⁴²⁹ O fundamental disso consiste na Mistagogia, em introduzir o Mistério de Deus, deixando que Ele mesmo se revele. Portanto, os pobres remetem a Deus porque Deus está neles, ao mesmo tempo escondido e manifesto.⁴³⁰ Esta Verdade se manifesta na própria autorevelação de Deus e compete essencialmente a Ele.⁴³¹ Destarte, importa refazer a estrutura fundamental da fé como resposta à revelação de Deus e mostrar na história atual, o lugar concreto e as realidades que favoreçam a percepção e a escuta da manifestação de Deus.⁴³²

3.1.d.

A indignação ética

Nos seres humanos há sempre reservas e redutos de bondade, muitas vezes, adormecidos, mas que podem ser ativados pelo sofrimento dos outros.⁴³³

As catástrofes ocorridas no mundo nos últimos tempos possibilitam perceber onde, afinal, encontra-se o Deus da Vida e como Ele se revela. O mundo atual, embora conhecido em sua realidade, interdependência e unidade, convoca à corresponsabilidade diante da gravíssima crise que o atinge. A destruição ecológica ameaça o mundo inteiro; e a pobreza massiva, além de ser ameaça, é realidade que vai aumentando para a maioria da humanidade.⁴³⁴ Emergencial é o cenário da fome. A crise mundial já revela os rostos de um bilhão de famintos. Mais de cinquenta e três milhões de pessoas estarão sofrendo com a fome na América Latina e Caribe nos próximos anos.⁴³⁵ Segundo as estimativas da FAO (Organização das Nações

⁴²⁹ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 116.

⁴³⁰ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 120.

⁴³¹ SOBRINO, Jon. *Deus*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA J. (Orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, 1999, p., 174.

⁴³² SOBRINO, Jon. *Deus*. Em: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA J. (Orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, 1999 p., 175.

⁴³³ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2007, p., 37.

⁴³⁴ SOBRINO, Jon. *Identidade cristã*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA, J. (Orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, 1999, p., 349.

⁴³⁵ FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). *Um bilhão de famintos no mundo*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2009, p., A2 e A3.; Ver também: Fome, pobreza e reflexos para 2022. Em: <https://exame.com/colunistas/regina-esteves/fome-pobreza-e-os-reflexos-para-2022/>. Acessado em 14 de março de 2022;

Unidas para Agricultura e Alimentação), baseadas em um estudo do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, “a maioria das pessoas subnutridas vive em países em desenvolvimento”. Diante das emergências atuais, percebe-se que no mundo, mais de dois milhões de pessoas necessitam de ajuda humanitária e há um número superior de nove milhões de pessoas refugiadas que são vulneráveis à fome. Mais de quatro milhões de pessoas já morreram devido à pobreza, as enfermidades e a desnutrição.⁴³⁶

A realidade desse mundo tomou a palavra e se expressou em forma de clamor, como Medellín e Puebla afirmam na América Latina; sua realidade é, pois, inocultável. À grande pergunta de Deus: “O que fizeste de teu irmão?” confirma que a própria criação de Deus, o ideal da vida, está em crise.⁴³⁷ Mas não se deve esquecer: “O Deus do cristianismo é um Deus criador de uma realidade distinta dele mesmo, e deseja o bem de sua criação. Mantendo sua transcendência, Ele mesmo se compromete com este desígnio de bondade”.⁴³⁸ Afirmamos que o rumor da miséria e o clamor de morte escorrem pelas entranhas da indiferença, mas ainda se escutam algumas vozes proféticas e vozes de esperança.⁴³⁹

As interpelações são diversas e ecoam de todas as partes do mundo e da realidade que nos cerca. Todas elas dizem respeito às vítimas e seus diversos rostos que transparecem o rosto humano do Deus da Vida. Este mesmo Deus se revela e fala hoje, denuncia a cegueira, a surdez e a indiferença diante do sofrimento das vítimas (Cf. Êx 3). As notícias testemunham:

Um bilhão de pessoas no mundo, - sendo cinquenta e três milhões (53) na América Latina e Caribe, 642 milhões na Ásia-Pacífico, duzentos e sessenta e cinco milhões (265) na África Subsaariana, quarenta e dois milhões (42) no Oriente Médio e África do Norte e quinze milhões (15) nos países em desenvolvimento - expande-se no quadro mundial.⁴⁴⁰

Estes múltiplos rostos pedem um olhar compassivo, afetuoso e comprometido. Elas convocam a “promover uma globalização marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos” (DA 64).

⁴³⁶ Disponível em: www.fao.org. Acessado em: 27 de abril de 2010.

⁴³⁷ SOBRINO, Jon. *Identidade cristã*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA, J. (Orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, 1999, p., 349.

⁴³⁸ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 68.

⁴³⁹ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p., 11-12.

⁴⁴⁰ FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). *Um bilhão de famintos no mundo*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2009, p., A2 e A3.

Atualmente, em tempos de Covid19, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura anuncia um aumento da população que passa fome por causa da pandemia. A FAO estima que 10% da população global, cerca de 768 milhões de pessoas, passaram fome em 2020, um aumento de 118 milhões em relação a 2019. O relatório de 2021, “O Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo”,⁴⁴¹ sustenta que a pandemia provocou recessões brutais e prejudicou o acesso aos alimentos. Mais de 2,3 bilhões de pessoas não tiveram alimentação adequada durante todo o ano. Este indicador – conhecido como prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave – saltou em um ano tanto quanto nos cinco anteriores somados. As crianças pagaram um preço alto: em 2020, mais de 149 milhões de menores de cinco anos sofriam de atraso no crescimento. No Brasil, quase a metade das pessoas ouvidas disseram que os hábitos alimentares mudaram durante a pandemia. Esse número sobe para 58% entre famílias com crianças e adolescentes abaixo dos 17 anos. O estudo também mostra a desigualdade na qualidade das dietas no Brasil: pessoas mais pobres, as que perderam os empregos, e moradores do Nordeste relataram um aumento no consumo de alimentos processados em lugar dos produtos frescos. Segundo a FAO, é necessário promover políticas para uma dieta saudável e para ampara as populações mais vulneráveis. A FAO afirma também que é preciso um esforço enorme para o que mundo possa cumprir a promessa de acabar com a fome até 2030.

3.1.2

A TdL latino-americana, marco geral de referência

A TdL Latino-Americana serve de marco geral de referência para outras Teologias da Libertação e é a primeira sistematização do novo método teológico.⁴⁴² Ela configurou uma nova identidade aos cristãos latino-americanos,⁴⁴³ conduzindo-os à convivência no mundo dos pobres e dando um novo sentido à teologia e ao

⁴⁴¹ FAO. *SOFI 2021: Relatório da ONU destaca impactos da pandemia no aumento da fome no mundo*. Conferir em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1415747/>. Publicado em 12 de julho de 2021. Acessado em 13 de julho de 2021.

⁴⁴² TAMAYO-ACOSTA J. *Teologias da Libertação*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. - TAMAYO-ACOSTA J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p., 820.

⁴⁴³ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A crise da modernidade e as possibilidades de uma nova militância cristã*. Em: SUSIN, Luiz Carlos. *Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes, 2001, p., 213.

modo de ser cristão em um continente de pobres⁴⁴⁴ e de vítimas. A ótica do pobre permitiu a transformação tanto no âmbito eclesial como político-social.⁴⁴⁵

A realidade convoca a sempre de novo, contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre os diversos rostos, destacam-se os das comunidades indígenas e afro-americanas, das mulheres excluídas em todos os sentidos, dos jovens, dos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal, dos meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual, das crianças vítimas do aborto. Enfim, de milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e passam fome. O olhar se fixa também nos dependentes das drogas, nas pessoas com limitações físicas, nos portadores e vítimas de enfermidades graves, nos sequestrados, nas vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; nos anciãos excluídos do sistema produtivo, nos presos, nos excluídos explorados, supérfluos e descartáveis (Cf. DA 65).

Nos últimos tempos, diversos países da América Latina e do Caribe têm sofrido com as catástrofes. Daí milhares de rostos e corações sofridos tem-se desencadeado, aumentando de forma assustadora o número dos flagelados, das vítimas. Assiste-se à mobilidade humana por todo o planeta, em busca de alternativas de sobrevivência, bem como o crescimento de uma subclasse excluída, sintoma do sistema universal do capitalismo global tardio. Este, por sua vez, mascara-se com sua ideologia hegemônica, a tolerância multicultural que nada mais é do que uma forma de racismo denegada, invertida, auto referencial, um racismo com distância.⁴⁴⁶

E ao fixar o olhar nos rostos que a mídia globalizada apresenta e daqueles que a realidade cotidiana revela, percebe-se que é necessário deixar-se impregnar pelo mistério da realidade onde habitam as vítimas e de onde ecoam os seus gritos abafados no silêncio da dor e muitas vezes da morte súbita e cruel de tantos mártires do sistema capitalista cruel.⁴⁴⁷ As vítimas não podem ser ignoradas e desprezadas.

⁴⁴⁴ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A crise da modernidade e as possibilidades de uma nova militância cristã*, p., 215.

⁴⁴⁵ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *A crise da modernidade e as possibilidades de uma nova militância cristã*, p., 215.

⁴⁴⁶ ZIZEK, Fredric Jameson S. Multiculturalismo o la lógica cultural Del capitalismo multinacional. *In: Estudios Culturales. Reflexiones sobre El multiculturalismo*. Buenos Aires/ Barcelona: Paidós, 1998, p., 175-178.

⁴⁴⁷ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 284.

À luz da Teologia de Sobrino, cujo eixo principal, nos últimos anos, tem sido o ‘martírio’, focalizamos novamente a Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires, localizada no Jardim Amapá, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Após seus 30 anos de existência, esta comunidade carrega até hoje, ‘o peso da realidade’ com ‘coração e entranhas eclesial’ impregnada e grávida de esperança:

Entre cânticos e orações, o padre Costanzo Bruno fez pregações de cunho social durante a missa de páscoa na igreja da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires. Ele citou a falta de saneamento básico na região, a luta por ações de prevenção na área da saúde e desrespeito aos direitos das crianças e dos adolescentes”. (...) “Devemos fazer com que todo sinal de morte se transforme num sinal de vida e de esperança. Muita gente já encontrou a força de redescobrir o sentido da vida depois de uma tragédia. A roseira foi o símbolo nos chamando para superar todas as dificuldades.⁴⁴⁸

Sabemos, portanto, que os mártires têm a capacidade de interpelar e sacudir, de desmascarar interesses espúrios, também da teologia, e têm a capacidade de iluminar os conteúdos fundamentais da fé (Deus e Seu Cristo). Além disso, podem conseguir – melhor que outras coisas – que a fé do teólogo, da teóloga seja uma fé “real” e remeta ao “real” da fé.⁴⁴⁹ Esta é uma das interpelações mais relevantes ao tema em questão.

3.1.2.a.

Jon Sobrino, um teólogo profeta

Foi-te declarado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor pede de ti; tão só que defendas o direito e ames a lealdade, e que caminhes humildemente com teu Deus (Mq 6,8).⁴⁵⁰

Afirmamos que é possível alguém ser teólogo e, simultaneamente, profeta. O profeta é ‘homem inspirado’ – sua inspiração vem do contato pessoal com Deus, que começa no momento da vocação. Quando ele fala e escreve, seu único ponto de apoio, sua força, sua fraqueza, é a Palavra que o Senhor lhe comunica pessoalmente, quando quer, sem que ele possa se negar a proclamá-la. Palavra que, às vezes, assemelha-se ao rugido do leão como indica Amós (Am 1,2), e em certos

⁴⁴⁸ LESSA, Hévio. *Páscoa de Fé e de esperança*. Jornal O DIA. Rio de Janeiro, 9 de abril. 2007. Geral p., 3. Para consulta acerca deste assunto, conferir também: Id. *A fé que supera a tragédia*. Jornal O DIA. 8 de abril. 2007, Geral p., 10-11. Id. *Uma esperança contra o crime*. Jornal O DIA. 8 de abril de 2007, p., 11. Id. *Atraída pela esperança*. Jornal O DIA. 11 abril. 2007, p., 7.

⁴⁴⁹ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 285.

⁴⁵⁰ Em vários textos de Sobrino, encontramos-nos com esta citação bíblica. O que significa que está entranhada em seu ser e pela qual, ele se deixa conduzir.

momentos é “contentamento e alegria de meu coração” (Jr 15,16). Palavra frequentemente imprevista e imediata, mas que, em momentos cruciais se retira (Jr 42,1-7). Palavra dura e exigente em muitos casos, mas que se transforma em “fogo devorador encerrado nos ossos”, que é preciso continuar proclamando (Jr 20,9). Palavra da qual muitos desejariam fugir, como Jonas, mas que termina se impondo e triunfando. O lugar do profeta é a estrada e a praça pública, onde as pessoas se reúnem, onde a mensagem é mais necessária e a problemática mais estimulante. Ele se encontra em contato direto com o mundo que o rodeia: conhece as maquinações dos políticos, as intenções do rei, o descontentamento dos camponeses pobres, o luxo dos poderosos, a despreocupação de muitos sacerdotes. No destino dos profetas é prefigurado Jesus de Nazaré. Enfim, sua profecia é ‘carisma’ – rompe todas as barreiras.⁴⁵¹

No livro *A Profecia na Igreja*, Comblin cita alguns teólogos⁴⁵² como profetas. Entre eles, Jon Sobrino. Comblin conclui que teologia e profecia são dois dons, dois carismas bem diferentes; ou seja, a teologia é trabalho intelectual e a profecia é testemunho dado na praça pública. Mas ele declara: “há casos em que é possível unir os dois carismas”.⁴⁵³ A seguir, alguns testemunhos que comprovam o dito acima.

Luís Carlos Susin testemunha que Sobrino é “um teólogo muito bem articulado do pensamento cristão que sobe dos clamores e das esperanças dos pobres a partir da América Latina”.⁴⁵⁴ Pablo Richard declara que o que mais lhe chama atenção em Sobrino, é “sua fé e firme convicção na plena e total humanidade de Jesus e a fé de Jesus”, assim como “sua teologia totalmente inspirada numa espiritualidade libertadora, cheia de esperança e misericórdia”.⁴⁵⁵ Ronaldo Muñoz (2007) também testemunha a respeito da valiosa contribuição para a América Latina

⁴⁵¹ SICRE, José Luis. *Profetismo*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. - TAMAYO-ACOSTA, J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p., 654-655.

⁴⁵² Comblin apresenta três teólogos e suas respectivas obras, testemunhando que estes exerceram e exercem simultaneamente os carismas da teologia e da profecia. São eles: CONGAR, Yves. *Pour une Église servante et pauvre*. Paris: Cerf, 1963. GUTIERREZ, Gustavo. *La fuerza histórica de los pobres*. Lima: CEP, 1979; *Em busca de los pobres de Jesucristo*. Salamanca: Sigüeme, 1993. SOBRINO, Jon. *El principio-misericordia. Bajar de La cruz a los pueblos crucificados*. Santander: Sal Terrae, 1992; *La Fe em Jesucristo Ensayo desde las víctimas*. Madrid: Trotta, 1999. In: COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 266.

⁴⁵³ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p., 266.

⁴⁵⁴ SUSIN, L. C. *O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja*. In: *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 322.

⁴⁵⁵ RICHARD, Pablo. *Em qual Jesus a Igreja crê?* In: *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 238.

da obra cristológica e evangelizadora de Sobrino: “(...) com profundidade de fé, profética e martirial, com amor apaixonado por Jesus Cristo e pelos pobres, com clareza de pensamento e rigor sistemático”.⁴⁵⁶

Vera Ivanise Bombonato (2007), insigne pesquisadora de Sobrino, ressalta que a reflexão teológica que une rigor científico à coerência de vida e ao compromisso solidário com os pobres, solidificou sua fé e firmou seus passos no prosseguimento da prática de Jesus.⁴⁵⁷ Por isso, o eleva: “Jon Sobrino é, sem dúvida, um dos maiores expoentes do cenário teológico atual” (BOMBONATTO, 2007, p. 38). Ela destaca que a proximidade do sofrimento dos pobres, a sensibilidade à dor da humanidade e a docilidade ao Espírito, o conduziram a orientar o tempo, as forças físicas, a ternura de seu coração e a agudez de sua inteligência em favor das vítimas deste mundo.⁴⁵⁸

Lee Cormie (2007) acrescenta que Jon Sobrino “tornou-se amplamente venerado por suas intuições em relação ao mundo dos pobres”, por sua “dedicação em reler a Bíblia, a vida e a morte de Jesus” na perspectiva das vítimas, por sua criatividade em “re-marcas a cristologia e a espiritualidade nesses termos”, e por sua “insistência escandalosa de que a justiça é possível” (pp. 94-95). Ele aponta as contribuições fundamentais deste Autor em discernir as dimensões transcendentais da esperança e da fé do pobre que luta na história. Cabe aqui enfatizá-las: Sobrino tem ajudado a abrir a teologia para incluir o vasto mundo dos pobres; a reler a Bíblia a partir da perspectiva das vítimas; a refletir o martírio de milhares de salvadorenhos pobres à luz da misteriosa morte transcendental da práxis histórica de Jesus. Tem também insistido em reformular a cristologia e a missão da Igreja em continuidade com a sua fidelidade a Jesus na história, em termos plenamente trinitários.⁴⁵⁹ Diego Irrázaval (2007) profere: “Um teólogo tenaz e frágil provocou o pensar Cristo a partir da América Latina e no coração da Igreja, com disciplina intelectual e alento profético” (p. 180). Ele também testemunha que Jon Sobrino tem refletido “sobre o

⁴⁵⁶ MUÑOZ, Ronaldo. *A notificação a Jon Sobrino*. In: *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 216.

⁴⁵⁷ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres*. In: *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 37. Vale a pena conferir também, sua excelente obra que no dizer de J. B. Libânio, “ao ler-se, sai-se com o fio condutor da compreensão do seguimento de Jesus na cristologia do teólogo salvadorenho”: BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

⁴⁵⁸ *Ibidem*.

⁴⁵⁹ CORMIE, Lee. *O Jesus da história*, p., 96-97.

Cristo do Evangelho, a partir da população empobrecida e crente”. E que sua proposta de pensar com amor (*intellectus amoris*) enriqueceu a caminhada eclesial. Portanto, ressalta que sua lucidez crente e sua coerência conduzem a pensar o Amor de Deus (*intellectus amoris*) no concreto da América Latina.⁴⁶⁰

Leonardo Boff (2007) afirma: “Expressamos nossa fraternidade fazendo o que Jon Sobrino sempre fez com seriedade e compaixão: pensar a fé em Cristo no contexto dos povos crucificados” (p. 9).

3.1.2.b.

O contexto vital do “fazer teológico”

Coube a mim ser testemunha de muitas coisas: o negrume da pobreza e da injustiça, de grandes e terríveis massacres, e também a luminosidade da esperança, da criatividade e generosidade sem conta dos pobres.⁴⁶¹

No atual cenário teológico, contempla-se o perfil da vida de Jon Sobrino, teólogo que compreende o contexto vital de seu fazer teológico como um pensar, refletir, ruminar a realidade tal como ela o afetou. Insiste que, para fazer teologia, o fundamental não é o exercício de uma profissão, mas uma forma de ser, não é algo que lhe tenha nascido, formalmente, por ser cristão, mas por ser humano (ainda que este humano nele tenha incluído desde o princípio, o cristão); não é, num primeiro momento, um serviço a outros, à Igreja, senão uma necessidade para ele mesmo. Com paz ou em crise, com gozo ou em desolação, aí está o impulso a dizer a si mesmo que é isso de Jesus, que é pecado, gratuidade, Deus, esperança, libertação... Todas as “ideias” expressas em textos, inclusive sagrados e revelados, são ideais que antes de tudo, pertencem ao âmbito de realidade. E por isso, pretende fazer teologia com sentido de realidade.⁴⁶² Quando ele fala do trabalho da teologia na realidade concreta do mundo, toma como referência iluminadora a realidade martirial centro-americana.⁴⁶³ Ele mesmo declara:

Tocou-me viver numa realidade de uma intensidade tal que fez com que tenha dado prioridade ao real na tarefa teológica (ainda que me remeta também a ‘textos’, a

⁴⁶⁰ CORMIE, Lee. *O Jesus da história*, p., 182.

⁴⁶¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 16.

⁴⁶² SOBRINO, Jon. Teologia desde La realidad. Em: SUSIN, L. C. (Org.) *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p., 153-154.

⁴⁶³ SOBRINO, Jon. Teologia desde La realidad. Em: SUSIN, L. C. (Org.) *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*, p., 152.

Escritura, os textos de teologia e de outras ciências e ver a óbvia necessidade de mediações). Essa realidade é a da graça e do pecado (SOBRINO, 2000, p. 152).

Pelo modo de ser, de fazer teologia e pela realidade em que lhe tocou fazê-la, El Salvador,⁴⁶⁴ Sobrino dedicou-se ao momento mais explicitamente teológico. Consagrou-se a analisar os sujeitos históricos de libertação, aprofundando em “como vê, o que diz e o que faz Deus com nosso mundo”; também, em “como vê, o que diz e o que faz nosso mundo com Deus”.⁴⁶⁵

3.1.2.c.

O tema das vítimas

No meio de tantas vítimas, a América Latina é o lugar por antonomásia de se perguntar por Deus, como Jó e como Jesus na cruz, e tanto mais quanto simultaneamente ele é confessado como Deus de vida. [...] Nessa situação, a única coisa que o crente pode fazer é aceitar que Deus está na cruz, impotente como as vítimas, e interpretar esta impotência como o máximo de solidariedade com elas.⁴⁶⁶

De fato, Sobrino é um dos poucos teólogos que se deixa impregnar pelo tema das vítimas⁴⁶⁷ (pobres, povos crucificados), trabalha por elas e por causa delas, é vítima de perseguições, pois sobreviveu a um massacre. Ele recorda que é o “mártir sobrevivente”, porque se estivesse em casa, junto a seus companheiros da Comunidade Religiosa dos Jesuítas, teria sido também assassinado no dia 16 de novembro de 1989. Ele estava em Hua Hin, a uns 200 quilômetros de Bangkok, na Tailândia, dando um breve curso de Cristologia.⁴⁶⁸

Por sua consagração a Deus em seu Mistério, dedica extremamente sua missão à vida das mesmas. Ele declara que a realidade mais densa, histórica e transcendente que se lhe fez presente, foi a realidade dos mártires.⁴⁶⁹ O seu grande

⁴⁶⁴ “El Salvador, ou apenas Salvador, é um pequeno país da América Central, limitado a norte e a leste pelas Honduras, a leste pelo Golfo de Fonseca, a sul pelo Oceano Pacífico e a oeste pela Guatemala. Sua população gira em torno de 6,2 milhões de pessoas. Cerca de 90% é mestiça, uns 9% são brancos, e somente 1% são indígenas puros. Poucos ameríndios mantiveram seus costumes, tradições e línguas. A língua espanhola é virtualmente falada por todos os habitantes. A maioria da população salvadorenha é católica romana (83% da população), apesar do crescimento dos grupos protestantes (atualmente em 15%). A capital do país, San Salvador, tem cerca de 2,1 milhões de pessoas. Cerca de 42% da população do país vive em áreas rurais”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/El_Salvador. Acessado em: 16 de abril de 2010. Ver também: <https://capiremov.org/analises/el-salvador-contra-o-bitcoin-a-pobreza-de-muitos-e-a-economia-para-poucos/>. Acessado em 14 de março de 2022.

⁴⁶⁵ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 277.

⁴⁶⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 23-24.

⁴⁶⁷ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 278.

⁴⁶⁸ SOBRINO, Jon. *Compañeros de Jesus. El asesinato-martirio de los jesuítas salvadoreños*. Espanha, Editorial Sal Terrae, 1989, p., 6.

⁴⁶⁹ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 282.

mérito está no fato de ter contribuído de modo decisivo e eficaz para a elaboração de uma cristologia da libertação, com novas balizas interpretativas que articulam teoria e práxis, história e transcendência.⁴⁷⁰

A intuição fundamental de Sobrino é a redescoberta do pobre como lugar teológico e como lugar teologal. A expressão “lugar teológico” tem uma longa tradição na teologia e ganhou muita relevância no contexto da teologia pós-conciliar, particularmente na TdL. Aquino Junior diz que, quando Ellacuría ou Sobrino fala de “lugar teológico”, trata-se do “lugar social” no qual o Deus bíblico se revelou e continua se revelando e, conseqüentemente, o “lugar social” mais adequado da fé (práxis teologal) e de sua inteligência (teoria teológica) – o lugar a partir de onde se tratam e se interpretam, inclusive, os “temas fundamentais” e os diversos “domicílios de argumentos” da teologia. O “lugar social” tem, pelo menos, três características fundamentais: 1. “é o lugar pelo qual se optou”, mais ou menos conscientemente; 2. “é o lugar a partir do qual se pode e para o qual se fazem as interpretações teóricas e os projetos práxicos”; 3. “é o lugar que configura a práxis que se leva e ao qual se dobra ou se subordina a própria práxis”. Quando fala de “lugar”, Sobrino fala como Ellacuría, de “realidade”, de “lugar social”.⁴⁷¹ O ‘lugar teologal’ fundamental nestes dois teólogos é o mundo dos pobres e oprimidos. É o lugar privilegiado da salvação ou da realização histórica do reinado de Deus. Num duplo sentido: lugar da revelação salvífica do Deus bíblico e da fé e do seguimento.⁴⁷²

Sua reflexão metodológica privilegia as vítimas⁴⁷³ e as atualiza constantemente em seu labor teológico. Ele mesmo testemunha que a razão pela qual a realidade do Mistério de Deus se fez central em seu itinerário, se devia ao modo como ia impactando sua vida concreta. De tal modo, declara que o mais profundo de sua realidade – e de toda realidade humana – se fazia “mistério”. Por expressá-lo desde o princípio, crê que aprendeu e que lhe ensinaram a historiar o mistério e a vê-lo no povo crucificado e esperançado.⁴⁷⁴ Sua teologia está permeada

⁴⁷⁰ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres*, p., 43.

⁴⁷¹ AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, p., 257-259.

⁴⁷² AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, p., 265.

⁴⁷³ Segundo Vera Ivanise Bombonato, a proximidade do sofrimento dos pobres, a sensibilidade à dor humana e a docilidade ao espírito levaram Sobrino a orientar o tempo, as forças físicas, a ternura de seu coração e a agudez de sua inteligência em favor das vítimas deste mundo. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres*, p., 38.

⁴⁷⁴ SOBRINO, Jon. *Teologia desde La realidad*, p., 158-159.

do Mistério Pascal e da experiência de um encontro autêntico com Jesus de Nazaré. Ele está convencido de que a importância de Jesus de Nazaré consiste em que, definitivamente, nos deixa uma estrutura de vida que podemos refazer para introduzirmos em ser acolhidos pelo Mistério de Deus: encarnação, práxis de misericórdia e justiça; carregar com o oneroso da realidade, a cruz; deixar-se levar pela realidade, a graça; que culmina em vivermos já como ressuscitados na história.⁴⁷⁵

Ele é um dos sobreviventes do extermínio de seis jesuítas da Universidade Centro-Americana (UCA – San Salvador), ocorrido a mando de grupos políticos e paramilitares que a qualquer custo desejavam reprimir, com sangue, a exigência de justiça de um povo inteiro oprimido pelas “doze famílias” e seus “esquadrões da morte”. Inserido numa realidade de sofrimento e morte, age em favor da vida das vítimas como mártir sobrevivente⁴⁷⁶ e como testemunha da cruel pobreza e da injustiça de grandes massacres. Enfim, é um teólogo que se autoafirma pela sua opção pelas vítimas, pensa a fé em Jesus Cristo no contexto dos povos crucificados, centra seu labor teológico no Mistério imbuído de misericórdia, de mística e de profecia. E também, do desejo de testemunhar em favor das vítimas e de resgatar as não-vítimas para um despertar da inumanidade em vista de um compromisso autêntico e comprometido para que os povos tenham Vida. Neste sentido, cabe aqui o testemunho de Leonardo Boff: “Jon Sobrino ensinou-nos como as Igrejas podem colaborar na ressurreição desses crucificados”.⁴⁷⁷

3.1.2.d.

Sua vida, seu itinerário teológico

Aprendi que a fé em Deus é, definitivamente, fazer a vontade de Deus, seguir Jesus com o espírito de Jesus na causa do Reino de Deus. E o mais importante é que em El Salvador vi muito claramente essa fé, e dela deram claro testemunho inumeráveis mártires.⁴⁷⁸

Jon Sobrino nasceu em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938. Optou pela Consagração Religiosa na Companhia de Jesus, em 1956, e

⁴⁷⁵ SOBRINO, Jon. *Teologia desde La realidad*, p., 165.

⁴⁷⁶ SCALIA, Felice. *La teologia scomoda*, p., 7.

⁴⁷⁷ BOFF, Leonardo. *Prólogo. Descer da cruz os pobres*, p., 10.

⁴⁷⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 25.

recebeu a ordenação presbiteral em 1969.⁴⁷⁹ Desde 1957, reside em El Salvador, onde se radicou,⁴⁸⁰ pertencendo à Província dos Jesuítas da América Central. No ambiente teológico latino-americano, sua reflexão cristológica é referência essencial, e suas obras são amplamente difundidas também nos países do Primeiro Mundo.

Com ampla formação acadêmica, licenciou-se em Filosofia e Letras pela *Saint Louis University* (Estados Unidos) no ano de 1963 e, na mesma Instituição, obteve, em 1965, o mestrado em Engenharia Mecânica. Sua formação teológica abrange o período do contexto pré-conciliar, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, no ano de 1968. Doutorou-se em Teologia na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt, na Alemanha, em 1975. Sua tese versa sobre o *Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de Wolfhart Pannenberg y Jürgen Moltmann*, dois eminentes teólogos protestantes. Recebeu o título de doutor *honoris causa* pelas Universidades de Lovain, na Bélgica, e de Santa Clara, na Califórnia, no ano de 1989.⁴⁸¹

Desde a década de setenta, ele tem se dedicado à docência teológica na Universidade Centro Americana (UCA) e publicado diversas obras nas áreas de cristologia e espiritualidade. Atualmente, compartilha seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centro Americana; de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero; de diretor da Revista Latino-Americana de Teologia e do Informativo; *Cartas a las Iglesias*, além das tarefas pastorais e inúmeras solicitações para palestras e congressos provindos de todas as partes do mundo.⁴⁸²

Sobrino distingue-se na literatura da teologia da libertação, sobretudo pela reflexão cristológica, desenvolvida na perspectiva dos pobres do Terceiro Mundo. Sua primeira obra teológica publicada entre os anos 1976-1977, a qual foi traduzida também para o português, tem como título *Cristologia a partir da América Latina*:

⁴⁷⁹ BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*, p., 21.

⁴⁸⁰ Ao escrever sua autobiografia, Sobrino declara que vive em El Salvador desde 1957, contando com duas grandes interrupções: cinco anos em St Louis, nos Estados Unidos, e sete anos em Frankfurt, na Alemanha. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 12.

⁴⁸¹ *Revista On-Line do Instituto Humanitas Unisinos*. Teologia da Libertação. São Leopoldo, 02 de abril de 2007. Edição 214. Disponível em: www.unisinos.br/IHU. Acessado em: 29/11/2009.

⁴⁸² BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p., 22.

esboço a partir do seguimento do Jesus histórico (1983). Esta obra apresentada como uma ‘cristologia eclesial, histórica e trinitária’, insere Jon Sobrino entre os teólogos da libertação e é identificada como “o projeto cristológico mais elaborado na perspectiva da teologia da libertação”.⁴⁸³

Outras significativas obras foram publicadas em português: *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia* (1982); *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia* (1985); *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdo* (1992); *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados* (1994); *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré* (1996); *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das Vítimas* (2000); *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia* (2007); *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos* (2008).

A propósito de seu itinerário teológico e contexto vital, Sobrino diz que foi muito bom conhecer o contexto de Ellacuría para compreender seus textos teológicos. Entre eles, um texto escrito, pouco antes de Puebla (1979), intitulado *O povo crucificado. Ensaio de soteriologia histórica*, o qual devia muito ao ‘ambiente vital’, pois foi gerado por um coração afetado pela opressão e repressão que sofriam os pobres, bem como pela luz e salvação que encontrava neles.⁴⁸⁴ Este texto teve grande repercussão em sua vida e daí por diante, em seu labor teológico.

3.1.2.e.

O labor teológico de Jon Sobrino na perspectiva das vítimas desde a realidade

Além disso, pessoalmente tocou-me viver numa realidade de uma intensidade tal que fez com que tenha dado prioridade ao real na tarefa teológica (ainda que me remeta também a ‘textos’, a Escritura, os textos de teologia e de outras ciências, e ver a óbvia necessidade de mediações). A realidade mais densa, histórica e transcendente, se fez presente a mim nos mártires.⁴⁸⁵

A realidade salvadorenha marcou profundamente a vida de Jon Sobrino. Ele tem testemunhado os terríveis massacres e terremotos, a pobreza e a injustiça. Por outro lado, tem percebido a luminosidade, esperança, criatividade, solidariedade e generosidade sem conta das vítimas de El Salvador. O contexto eclesial também

⁴⁸³ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2ª edição. São Paulo: Loyola. p., 364.

⁴⁸⁴ SOBRINO, Jon. *Teologia desde La realidad*, p., 153.

⁴⁸⁵ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p., 289.

influenciou seu labor teológico, sua missão e seu testemunho. Daí a importância que ele dá a este período inesquecível que impregnou a realidade de Mistério.

Sua sabedoria teológica ressalta o coração pulsante de Medellín que reorientou o Cristianismo no caminho de Jesus, como ele mesmo comprova: “Sem Medellín caímos na irreidade do atual mundo de pobres e vítimas”.⁴⁸⁶ Eis um de seus testemunhos: “Eles, pobres e vítimas - mulheres, sobretudo, com seus filhos pequenos -, ainda no meio da catástrofe e no impossível dia-a-dia, cumprem notavelmente e põem em prática o chamado de Deus para viver e dar vida aos outros”.⁴⁸⁷

Ronaldo Muñoz diz que desde os inícios de sua *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, até o recente ensaio “*Extra pauperes nulla salus*” (“Fora dos pobres não há salvação”), tem havido, por parte de Sobrino, longa busca e enorme realismo histórico de comunhão ampla e explícita com a fé da Igreja, de serviço teológico claro e responsável ao discipulado de Jesus à causa do Reinado de Deus nas terras da América Latina.⁴⁸⁸ E ao acrescentar que as obras de Sobrino não estão isoladas, Comblin (2007) afirma: “Historicamente, elas são parte de um debate que permeou todo o século XX, especialmente a segunda metade” (p. 80).

Sinivaldo Tavares afirma que Sobrino pôs em evidência a importância dada pela TdL Latino-Americana ao lugar sob o prisma em que ela é elaborada. E neste mesmo contexto, se fez referência às ramificações deste lugar teológico e se falou, então, de “lugar social” e de “lugar epistêmico”, como também de “lugar categorial” próprios desta teologia, chegando à conclusão que, independentemente do lugar institucional em que é elaborada, a TdL latino-americana está consciente de ter de inserir-se na realidade substancial do “mundo dos pobres” na sua dupla experiência histórica e atual de sofrimento e de esperança.⁴⁸⁹

Segundo Sobrino, na epistemologia teológica, o lugar (a realidade histórica concreta) faz com que a fonte da Revelação (a Escritura) dê de si um *ubi* categorial e um *quid* substancial; a realidade, a *sarx*: “Estando na *sarx* se pode ver melhor a realidade, e se torna possível a honradez com o real – também para a teologia. Não

⁴⁸⁶ SOBRINO, Jon. *Terremoto, terrorismo, barbárie y utopia*, p., 208-209.

⁴⁸⁷ SOBRINO, Jon. *Terremoto, terrorismo, barbárie y utopia*, p., 206.

⁴⁸⁸ MUÑOZ, Ronaldo. *A notificação a Jon Sobrino*, p., 217.

⁴⁸⁹ TAVARES, Sinivaldo S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*, p., 164.

é fácil ‘ver’ a realidade, pois ambiental ou ideologicamente caímos no estado de hibernação”.⁴⁹⁰ Destarte, ao confirmar a eficácia da fé no Mistério, faz-se necessária a percepção do uso da sociologia na teologia da libertação.

Lembramos aqui a obra de Paulo Fernando C. de Andrade, que apresenta a evolução da teologia latino-americana, aprofundando as questões epistemológicas da relação entre a sociologia e a teologia e sua recepção pelo Magistério. Seu objetivo é verificar o uso prático da sociologia na elaboração teológica latino-americana e suas consequências pastorais. Aborda o processo de definição e evolução do uso da sociologia pela teologia, ressalta a dificuldade da escolha de um instrumental teórico sociológico com as principais questões temáticas e as interpretações dadas pela doutrina católica. Assim o faz, definindo o método e o objeto de sua argumentação e recorrendo à sua relação com o magistério ordinário não-falível.⁴⁹¹ Ele afirma que desde o início esta Teologia que se autocompreendia como uma ‘teologia que parte da práxis’ trará consigo a questão do uso de um instrumental sociológico de análise da realidade no interior do método teológico.⁴⁹²

A seiva teológica de Jon Sobrino é o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado.⁴⁹³ Em sua autobiografia, ele relata sobre a transformação de sua vida desde El Salvador: “[...] Por isso procurei explicar em que consiste essa mudança fundamental, vista de El Salvador, comparando-a com outra que está na base da assim chamada civilização ocidental moderna”.⁴⁹⁴ Em tom biográfico, ele descreve os eventos mais significativos de sua vida, fazendo referência às mudanças que o fizeram ver a verdade da realidade (‘verdade dos seres humanos e verdade de Deus’).

A uma “etapa prévia” de sua vida, sucederam-se dois momentos⁴⁹⁵ significativos. Um duplo despertar. ‘Despertar do sono dogmático’, ou seja, ‘libertação da razão de qualquer tipo de sujeição a uma autoridade’, o que levou a proclamar como dogma que a libertação fundamental do ser humano consiste na liberdade da razão e em todo tipo de liberdade.⁴⁹⁶ ‘Despertar do sono da cruel

⁴⁹⁰ SOBRINO, Jon. *Teologia e realidade*, p., 221.

⁴⁹¹ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*, Op. Cit., p., 28-29.

⁴⁹² ANDRADE, Paulo Fernando C. de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*, 258.

⁴⁹³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, Op. Cit., p., 11-28.

⁴⁹⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 11.

⁴⁹⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 12-16.

⁴⁹⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 11.

inumanidade’, ou seja, ‘despertar para a realidade de um mundo oprimido e subjugado, e fazer de sua libertação a tarefa fundamental de todo ser humano para que, deste modo, este possa se tornar humano’.⁴⁹⁷

O despertar do sono dogmático foi sua primeira “conversão”, que o levou a profundos questionamentos. O contato com os Filósofos da Ilustração (grandes mestres da suspeita: Kant e Hegel, Marx e Sartre), o desenvolvimento da exegese histórico-crítica, a desmitologização de Rudolf Bultmann (1976) e a desabsolutização da Igreja marcaram este primeiro despertar durante seus estudos de Filosofia e teologia. Karl Rahner foi sua principal referência nessa época de grandes sacudidas: “A teologia de Rahner [...] acompanhou-me durante aqueles anos, e suas páginas sobre o mistério de Deus continuam me acompanhando até o dia de hoje”.⁴⁹⁸

Vera I. Bombonato diz que, explicitamente, Sobrino nada escreveu sobre o mistério, mas essa descoberta teve consequências decisivas para sua trajetória teológica, constituindo uma espécie de substrato teológico. E mais, para ele, todo o conhecimento teológico participa do mistério, e a razão mais profunda do seu interesse pela cristologia reside na certeza de que Jesus de Nazaré remete-nos ao mistério de Deus e do ser humano: na relação desses dois mistérios aparece o mistério total.⁴⁹⁹ O despertar do sono da cruel inumanidade, (sono do egocentrismo e do egoísmo) foi a segunda mudança em Sobrino. Isso ocorreu quando ele retornou a El Salvador, após a conclusão de seu doutorado em Teologia. Para sua surpresa, alguns companheiros jesuítas já falavam de pobres, de injustiça e de libertação:⁵⁰⁰

Encontrei jesuítas, sacerdotes e religiosas, leigos, camponeses e estudantes, inclusive alguns bispos, agindo em favor dos pobres e se metendo em sérios conflitos por causa disso. Eu era recém-chegado e estava surpreso, e não sabia com o que podia contribuir. Mas desde o princípio ficou bem claro para mim que a verdade, o amor, a fé, o evangelho de Jesus, Deus, o melhor que os crentes e os seres humanos temos, passava por aí, pelos pobres e pela justiça.⁵⁰¹

Ao despertar deste sono, os pobres, as vítimas e o Deus dos pobres passaram a ocupar definitivamente o novo horizonte de sentido da sua teologia. Esta nova perspectiva colocou em destaque o vínculo de solidariedade entre Deus e os pobres

⁴⁹⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 12.

⁴⁹⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 13.

⁴⁹⁹ BOMBONATTO, Vera I. *Seguimento de Jesus*, p., 23.

⁵⁰⁰ BOMBONATTO, Vera I. *Seguimento de Jesus*, p., 14.

⁵⁰¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 14.

deste mundo e em certo sentido exigiram-lhe uma transformação relevante em seu pensar teológico.

Nesta situação tive a dita de encontrar outros que já haviam despertado do sono da inumanidade: Ignacio Ellacuría e, depois, Monsenhor Romero, para citar só dois grandes salvadorenhos, cristãos e mártires, grandes irmãos e amigos. Porém, além destes encontros bem-aventurados, pouco a pouco fui me encontrando com os pobres reais, e creio que eles acabaram de me despertar.⁵⁰²

A respeito de seu processo de transformação pessoal, Sobrino declara em atitude concentrada: “[...] despertamos de um sonho de inumanidade para uma realidade de humanidade. Aprendemos a ver a Deus desde este mundo de vítimas e aprendemos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria e sentido da vida”.⁵⁰³ Este grande processo de mudança o conduziu a discernir se mudava o modo de fazer teologia ou o abandonava por completo. Porém, os novos impulsos provocados pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e pela II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em 1968, foram delineando seu pensamento e seu fazer teológico impregnando-os da realidade salvadorenha,⁵⁰⁴ banhada de tragédia e esperança, pecado e graça. Esta realidade, muito cooperou para um maior aprofundamento acerca da pessoa de Jesus Cristo:

A realidade salvadorenha nos deu muito que pensar e nos ajudou também a pensar sobre Jesus Cristo. [...] Tanta tragédia e tanta esperança, tanto pecado e tanta graça oferecem um poderoso horizonte hermenêutico para compreender Cristo e fazem com que o evangelho tenha o sabor de realidade.⁵⁰⁵

3.1.2.f.

Uma teologia trinitária que se inclina sobre as vítimas

Seja nessa linguagem teológica - de fé -, seja em qualquer outra linguagem, é decisivo ver as vítimas com respeito, devoção e veneração, pois nos colocam diante do mistério último da realidade. Talvez possam remeter-nos também ao mistério de Deus, o impensado, que – em sua abscondidade e ocultação – continua sendo fonte de dignidade e de esperança.⁵⁰⁶

O labor teológico de Sobrino é fundamentado no seguimento a Jesus, em sua constante relação com o Pai. Sua vida, suas práxis, é o ambiente por excelência da revelação do Espírito que nos retorna ao Jesus histórico e nos impulsiona a seguir

⁵⁰² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 15.

⁵⁰³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 28.

⁵⁰⁴ BOMBONATTO, Vera. I. *Seguimento de Jesus*, p., 23.

⁵⁰⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p., 21.

⁵⁰⁶ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*, p., 54.

em frente com fidelidade atualizando a práxis libertadora. De acordo com ele, em Jesus de Nazaré, Deus revelou-se como Pai, origem e futuro absoluto, mistério salvífico e escandaloso que permanece mistério; como Filho, encarnado na história de Jesus; como Espírito, interiorizado nos homens e na história, que continua produzindo verdade e vida.⁵⁰⁷

Para o cristão, Deus se manifestou definitivamente a partir de Jesus de Nazaré, de sua vida, morte e ressurreição, de modo que a partir de Jesus se conhece a Deus. Com esse ‘a partir’, porém, quer-se dizer duas coisas: que Deus se manifestou a Jesus em sua carne mortal, sendo este ‘pioneiro e consumidor da fé’ (Hb 12,2), e que Deus se manifestou definitivamente em Jesus – ‘nessa etapa final nos falou pelo Filho’ (Hb 1,2) – como Pai, Filho e Espírito.⁵⁰⁸

Para Jesus, Deus é um Deus dos pobres. E sua grande ação é a proximidade do Reino aos pobres. Deus se aproxima como o Deus de vida, embora parcial e libertador. Daqui a correlação entre boa notícia e Reino de Deus (cf. Mc 1,15) e a correlação entre boa notícia e libertação dos pobres (cf. Lc 4,18-19). Desta forma, Jesus acolhe *in actu*, em sua apresentação de Deus, as tradições do Êxodo e dos profetas.⁵⁰⁹ É do lugar das vítimas deste mundo que brota a reflexão teológica de Sobrino e, ao mesmo tempo, elas são seus destinatários privilegiados. As expressões as vítimas deste mundo ou os povos crucificados, bem como, “descer da cruz os povos crucificados” foram criados por Ignácio Ellacuría.⁵¹⁰ Sinônimos da palavra ‘pobre’ querem resgatar a dramaticidade atual do mundo da pobreza e a responsabilidade histórica diante dela.⁵¹¹ Tal perspectiva está abalizada na predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo.⁵¹²

A opção pelas vítimas da história é teocêntrica, porque o Cristo que lhes dá Vida, passa pela cruz, é o Crucificado-Ressuscitado. Ou seja, fundamenta-se em Deus mesmo, no ser de Deus.⁵¹³

⁵⁰⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a Cristologia*. São Paulo/Petrópolis: Loyola/Vozes, 1985, p., 84.

⁵⁰⁸ SOBRINO, Jon. *Deus. Onde estás?* p., 174.

⁵⁰⁹ SOBRINO, Jon. *Deus. Onde estás?* p., 175.

⁵¹⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 366.

⁵¹¹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 13.

⁵¹² SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 16.

⁵¹³ G. GUTIÉRREZ, “El Dios de la Vida”, *Christus* 47(1982)53-54, G. GUTIÉRREZ, *La fuerza histórica de los pobres*, Lima, 1980, págs. 261-262. Apud VIGIL, José María. *A opção pelos pobres é opção pela justiça, e não é preferencial. Para um reenquadramento teológico-sistemático da opção pelos pobres*. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org>. Acessado em: 28 de dezembro de 2010. Ver também: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/614412-gustavo-gutierrez-servidor-dos-pequenos-e-teologo-da-libertacao-artigo-de-jose-oscar-beozzo>. Acessado em 14 de março de 2022.

Jon Sobrino estabelece um círculo hermenêutico que conduz a uma reflexão sobre a teologia em defesa das vítimas e a introduzir as mesmas no âmbito da realidade teológica: “[...] de um lado, a perspectiva das vítimas ajuda a entender os textos cristológicos e a conhecer melhor Jesus; de outro, Jesus conhecido desta forma ajuda a compreender melhor as vítimas e a defendê-las”.⁵¹⁴

3.2

A teologia como *Intellectus amoris*, *Intellectus misericordiae*

3.2.1

O Deus revelado em Jesus Cristo

Toda teologia deve dizer que Jesus é Deus, e aquilo que Deus é só o sabemos a partir de Jesus.⁵¹⁵

O Deus revelado em Jesus Cristo e o anúncio do Seu Reino iluminam a teologia e a prática pastoral na realidade das vítimas. Observamos que os temas fundamentais desta teologia são a verdade sobre Jesus Cristo e o significado do Jesus histórico na cristologia latino-americana. A pergunta que Jesus dirigiu a seus discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,29), sempre esteve presente na história da Igreja. Jesus, aquele a quem confessamos como o Cristo, o Senhor morto e ressuscitado, persiste com sua presença contínua. E seu questionamento, continuará ressoando ao longo da história.⁵¹⁶

Neste item, apresentar-se-á a Jesus Cristo como o rosto humano de Deus nas vítimas e como o Deus crucificado que traz esperança às mesmas. Em seguida, vislumbrar-se-á o anúncio do Reino de Deus como dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas, onde descrever-se-á as três vias que caracterizam o mesmo no pensamento de Jon Sobrino.

⁵¹⁴ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 18.

⁵¹⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p., 23.

⁵¹⁶ *Ibid.*, p., 15.

3.2.1.a.

Jesus Cristo: O rosto humano de Deus nas vítimas

Jesus é a presença definitiva de Deus na história.⁵¹⁷

Nas vítimas da história “aparece o rosto de Deus, a divindade escarnecida”. Nelas, Deus se faz presente, “silencioso e escondido, mas enfim Deus”. Ele acrescenta: “Muitas vezes, acontece que nós, seres humanos, podemos ver que algo de Deus neles não é programável, mas acontece. Alguns só parecem exprimir o não ter figura humana, o não entesourar sua condição divina, que lhes vem com a criação”.⁵¹⁸

A revelação comunica a verdade e faz Deus presente. “Jesus é a presença definitiva de Deus na história”.⁵¹⁹ Jesus é a máxima expressão histórica da realidade de Deus, e em sua própria vida aparece a estrutura de todo discernimento.⁵²⁰ À luz do evangelho de Marcos, Jesus é o Cristo. E o Cristo é o Messias, o Filho de Deus, e não é outro, senão Jesus.

Nosso autor recolhe os dados fundamentais do Novo Testamento e do Magistério da Igreja, bem como a realidade da fé em Cristo dos cristãos na América Latina, a reflexão teológica sobre ela e as declarações sobre Jesus Cristo do Magistério latino-americano para aprofundar a compreensão deste dado fundamental da fé cristã. Ele cita algumas cristologias sistemáticas que reelaboraram a pergunta do próprio Jesus, nas quais teve acesso, e acrescenta que a Igreja conta com o Novo Testamento, a Tradição e as afirmações dogmáticas conciliares, e com uma nova situação histórico-cultural e uma manifestação do Espírito nos sinais dos tempos. Diz também que na América Latina, Medellín supôs uma mudança, recolhendo o que já estava no ambiente cristão e fazendo algumas afirmações que orientaram para uma nova compreensão pastoral e teológica sobre Cristo. Suas várias afirmações repercutiram a compreensão de Cristo e a posterior elaboração de cristologias na América Latina.⁵²¹ Ele destaca alguns pontos importantes de Medellín.

O ‘Mistério de Cristo’ é apresentado a partir de seu aspecto salvífico e introduzindo na soteriologia a salvação também histórica, cujo tema fundamental é

⁵¹⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 304.

⁵¹⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 290.

⁵¹⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 304.

⁵²⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 305.

⁵²¹ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p., 16.

retomado como modo de realizar o desígnio salvífico do Pai.⁵²² É o mesmo Deus quem, na plenitude dos tempos, envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens de todas as escravidões a que os têm sujeitos o pecado, a ignorância, a fome, a miséria e a opressão, numa palavra, a injustiça e o ódio que têm sua origem no egoísmo humano (Justiça, n. 3). Cristo é representado como verdadeiro homem.⁵²³ “Cristo nosso Salvador não só amou os pobres, mas “sendo rico fez-se pobre”, viveu na pobreza, centralizou sua missão no anúncio aos pobres de sua libertação e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens”. (Pobreza na Igreja, n. 7).

A realidade transcendente de Cristo é afirmada a partir de sua relação transcendente com Deus.

Em Cristo “manifesta-se o mistério do homem” (Introdução n. 1); que Cristo é “a meta que o desígnio de Deus estabelece ao desenvolvimento do homem” (Educação, n. 9); que “todo crescimento em humanidade nos faz reproduzir melhor a imagem do Filho”.⁵²⁴

Para Sobrino, Medellín desenvolve o tema do acesso real a Cristo. E além de apresentar sua presença na liturgia e na Comunidade dos fiéis que dão testemunho, acrescenta outros dois lugares de acesso que são a presença de Cristo na história e nos pobres. Ele diz que aqui, o tema é tratado com vigor: “onde se peca contra o pobre, marginalizando-o e oprimindo-o, ‘há uma rejeição do dom da paz do Senhor; mas ainda, uma rejeição do próprio Senhor” (Paz, n. 14). A fundamentação bíblica aduzida é a clássica passagem de Mt 25,31-46, na qual se diz onde, em última instância, se pode realmente encontrar a Cristo”.⁵²⁵ Ao citar Puebla e a cristologia do Jesus histórico,⁵²⁶ afirma que toda cristologia deve dizer que Jesus é o Cristo. Mas o que a Cristologia da Libertação sublinha é que o Cristo não é outro senão Jesus.⁵²⁷ Segundo ele, Puebla dedicou expressamente um capítulo a Cristo, afirmando que existe a cristologia descendente, que apresenta Cristo a partir da encarnação do Filho (cf. n. 188s.), e também a cristologia do Jesus histórico, do qual se mencionam seu anúncio do Reino, suas palavras e atos, a convocação para

⁵²² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 18.

⁵²³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 18.

⁵²⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p.,

⁵²⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p., 19.

⁵²⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p., 20.

⁵²⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p., 23.

o seu seguimento, a proclamação das bem-aventuranças e sermão da montanha como a nova lei do Reino, sua própria interioridade que inclui a disponibilidade à rejeição dos homens e à sua tentação, sua entrega à morte como Servo de Javé e sua ressurreição (cf. n. 190-195). Além de outros parágrafos que sublinham os traços do Jesus histórico, sobretudo sua pobreza (cf. n. 1141), sua exemplaridade de bom pastor para exercer o ministério (cf. n. 682s.), seu caráter libertador (cf. n. 1183, 1194). Ele evidencia que a novidade teológica que surge com Jesus é a realidade trinitária de Deus, bem como, que este “novo” Deus oferece uma escandalosa subversão da realidade: o divino se faz real no humano e no humano abaixado (cf. Fl 2,6-8; Hb 5,7s).⁵²⁸ “Noutras palavras, não só é mistério, como costuma pressupor-se, que Cristo esteja em Deus *desde sempre*, mas é igualmente mistério que Cristo esteja em Deus – ou que Deus esteja com Jesus – *sempre*, também durante sua vida e na cruz”.⁵²⁹

Toda a vida de Jesus revela Deus. A *kenosis* expressa que Jesus assume a “condição humana” naquilo que esta tem de frágil e oneroso. O servo, todavia, exprime a condição de “vítima”. O conceito de “vítima” um conceito histórico-dialético que responde à realidade de ser ativamente aniquilado por outros. Por isso, o servo não só participa na condição humana do sofrimento, mas carrega os nossos pecados (pecados históricos, na interpretação latino-americana), que o destroçam e o deixam sem figura humana (não já sem figura divina).⁵³⁰ Na *kenosis* Jesus se despoja, enquanto o servo é despojado.⁵³¹ “Se aproximação é já uma realidade salvífica, o abaixamento o é mais para as vítimas”. Para reconhecer Jesus, é preciso estar em sintonia com Deus, amar como Deus e ainda estar disposto a dar a vida por esse amor. Pois o Deus de Jesus, é um Deus que continua trabalhando, cuida amorosamente de suas criaturas, sobretudo das necessitadas.⁵³² “O Filho que faz Deus presente é abaixado e o que fica à mercê dos seres humanos. É vítima ele mesmo porque vem a um mundo real, de antirreino”.⁵³³ Jesus está com Deus e nele Deus aparece à maneira humana, como bom e como mistério, como presença e

⁵²⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 182.

⁵²⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 183.

⁵³⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 277.

⁵³¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 278.

⁵³² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 281.

⁵³³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 281.

como ocultamento.⁵³⁴ “A aproximação de Deus em Jesus é parcial em favor do fraco deste mundo, os pobres, os desprezados, os marginalizados de diversas formas, os vistos como pecadores, em favor de daqueles para quem viver é uma pesada carga”.⁵³⁵

O próprio Deus, para aproximar-se salvificamente dos seres humanos, proporcionou para si uma expressão histórica dessa aproximação (que é Jesus e que, em princípio e analogamente, poderão sê-lo todos os seres humanos), e teve que proporcioná-la para poder aceder aos seres humanos em sua história e historicidade.⁵³⁶

Ora, a aproximação histórica da aproximação de Deus continua sendo necessária. Ele se autodeterminou a continuar aproximando-se e, por isso, continua necessitando de expressões históricas dessa aproximação: “É possível porque é possível ao longo da história que os seres humanos prossigam a Jesus e refaçam a vida de Jesus”.⁵³⁷ E o caminho principal a percorrer no prosseguimento, é “assumir a crucificação pelo Reino de Deus”, carregar o peso do “antirreino” e tomar a cruz de cada dia em comunhão com Jesus e os crucificados da terra,⁵³⁸ com o olhar fixo no rosto de Deus que traz esperança às vítimas da história.

3.2.1.b.

Jesus Cristo, o Deus Crucificado-Ressuscitado que traz esperança às vítimas

Deus em Jesus continua sendo Deus, e por isso nem sequer a história de Jesus o priva de seu caráter de mistério, com o que tem de bem-aventurado e com o que tem de imanipulável.⁵³⁹

À luz de sua experiência em El Salvador, Sobrino afirma que as vítimas, atualmente, creem e esperam em um Deus poderoso e salvador.⁵⁴⁰ Esse Deus que creem Libertador por ser o Deus da Vida, misteriosamente, escondidamente, pode, também, trazer esperança quando Ele mesmo aparece sujeito ao sofrimento, quando se mostra como um Deus crucificado. As vítimas não usam formulações como a de um “Deus crucificado”, mas alegram-se em um Deus que, se sofre, está perto delas. Compreendem bem que, se a cruz exprime proximidade, então “algo de bom” há

⁵³⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 282.

⁵³⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 199-200.

⁵³⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 201.

⁵³⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 201.

⁵³⁸ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p., 570.

⁵³⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 442.

⁵⁴⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 402.

também na cruz.⁵⁴¹ De acordo com ele, a ‘cruz’, em si mesma, diz já proximidade a sua própria realidade. E as vítimas, além de pobres e oprimidas, são as distanciadas e marginalizadas. Tudo o que seja proximidade já traz consigo algo de salvação.⁵⁴²

Pela específica relação que nele se dá entre o divino e o humano, ‘Cristo é expressão irrepetível e suprema da realidade’.⁵⁴³ Em Jesus, o humano continua sendo humano, tanto com as limitações, assim como com as possibilidades próprias, através das quais humaniza e salva:⁵⁴⁴ “Na humanização de Deus, tal como se deu, o humano é o fraco e pequeno, é a *sarx*”.⁵⁴⁵ Aquilo que é ‘último’ em Cristo, é divino⁵⁴⁶ bem como que a realidade total chamada Cristo é ‘iniciativa’ de Deus.⁵⁴⁷ Confirmamos que a cruz como história expressa um modo de ser e de viver e uma forma de relacionar-se com os seres humanos: o amor.⁵⁴⁸ Jesus salva enquanto nos mostra que há um amor proveniente, iniciativa irrevogável de Deus, enquanto mostra o caminho de uma vida para responder e corresponder a esse amor, e enquanto oferece a força para percorrê-lo. Este modelo salvífico de exemplaridade também inclui – e muito essencialmente – a ‘cruz’.⁵⁴⁹ Vale dizer, como história, cruz e ressurreição revelam um Deus que é Amor.⁵⁵⁰ Este amor de Deus é inaudito. “Em Jesus ‘crucificado-ressuscitado’, Deus *está* conosco, só pensa *em* nós, sofre *como* nós, morre *para* nós”.⁵⁵¹

Comprovamos também que a ressurreição de Jesus é uma resposta cristã a uma eterna pergunta humana: a pergunta pela justiça às vítimas, a pergunta pelo

⁵⁴¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 404.

⁵⁴² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 404-405.

⁵⁴³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 442.

⁵⁴⁴ “Deus, para sempre, aproximou-se do humano e ficou também à mercê do humano que para sempre é o assumível e assumido por Deus, por mais fraco e pequeno que seja”. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo, Op. Cit.*, p., 442-443.

⁵⁴⁵ “Não haverá outro caminho senão o humano para ir a Deus, e também que todo o verdadeiramente humano não deixará de ser caminho para Deus”. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 443.

⁵⁴⁶ Sobrino lembra a afirmação de Calcedônia, a qual diz que o humano de Jesus Cristo subsiste no Filho e tem sua existência no fato da doação de Deus ao homem. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 444.

⁵⁴⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 445.

⁵⁴⁸ “A cruz como história é a história da cruz, e esta é bem conhecida: Jesus defende os fracos contra seus opressores, entra em conflito com eles, mantém-se fiel nisso e é eliminado porque estorva. A cruz acontece, assim, por defender os fracos, e é por isso expressão de amor. Pode-se então dizer que na cruz há salvação, que a cruz é *eu-aggelion*, boa notícia. O amor salva e, em última instância, o amor – com suas diversas expressões – é a única coisa que salva”. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 451-452.

⁵⁴⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 453.

⁵⁵⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 453

⁵⁵¹ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p., 517.

sentido ou pelo absurdo. Para captá-la, é necessário ter esperança, é necessário ter consciência de missão⁵⁵² que deve ser “vívda” no seguimento fiel do Crucificado-Ressuscitado. Afirmamos que quem tem uma radical esperança para as vítimas deste mundo, quem não se convence à resignação como última palavra nem se consola com a afirmação de que essas vítimas já serviram para algo positivo, este poderá incluir em sua experiência uma esperança análoga àquela com que se apreendeu a ressurreição de Jesus e poderá orientar sua vida para descer as vítimas da cruz.⁵⁵³ “A ressurreição de Jesus revela quem é Deus, quem é Jesus e o que somos nós, os seres humanos”.⁵⁵⁴ É, portanto, uma ação de Deus revelada.⁵⁵⁵

Aqui apresentamos a revelação de Deus no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Vale dizer que, no Antigo Testamento, as ações históricas vão se deslocando em direção ao futuro. “Deus se vai revelando de maneira cada vez mais universal, estendendo seu senhorio no tempo (a partir da criação até a plenificação final) e no espaço (a todas as nações), mas permanece como constante a parcialidade da ação fundante libertadora”.⁵⁵⁶ No primeiro, Deus se revela através de uma ação histórica, que é libertadora das vítimas. A ação de Deus inicia-se no credo de Israel: “Eu sou Javé teu Deus, que te tirei do Egito da casa da servidão (Dt 5,6; cf. Ex 20,2; Dt 26, 5-9)”.⁵⁵⁷ No segundo, também a revelação acontece através de uma ação, e começa com uma ação fundante e definitiva enquanto não acontecer os fins dos tempos: a ressurreição de Jesus que se torna o núcleo central do novo credo.⁵⁵⁸

A ressurreição de Jesus é uma ação libertadora, porque o Ressuscitado é uma Vítima, e a razão para ressuscitar essa Vítima é a de lhe fazer justiça, livrá-la da opressão da morte violenta e injusta.⁵⁵⁹ Tal ação libertadora de Deus é uma reação: “Deus reage à aflição, aos clamores, aos sofrimentos, à opressão de um povo, com tudo aquilo com que Ele está relacionado de maneira transcendental”.⁵⁶⁰ A ‘ressurreição de Jesus’ é um acontecimento escatológico, a irrupção do último na

⁵⁵² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 126. Aqui, Sobrino recorda a afirmação de J. Moltmann acerca da ressurreição que “funda história [...], abre um futuro escatológico”. MOLTSMANN, J. *Teologia de la esperanza*. Salamanca, 1989 (3ª ed.), p., 237.

⁵⁵³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 126.

⁵⁵⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 127.

⁵⁵⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 128.

⁵⁵⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 129.

⁵⁵⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 128.

⁵⁵⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 129.

⁵⁵⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 130.

⁵⁶⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 132.

história.⁵⁶¹ Mas, para que ela mantenha sua identidade e relevância, é necessário adotar uma nova perspectiva que, resgatando a novidade da teologia pós-conciliar, vá além dela. Confirmamos que esta nova perspectiva deve incluir duas coisas: a primeira, que a ressurreição de Jesus seja, de alguma maneira, uma realidade que afete eficazmente a história no seu presente, o que supõe a possibilidade de se viver já como ressuscitados na história e a possibilidade de se refazer a experiência de ultimidade implícita nas aparições, com todas as analogias do caso. A outra, e mais fundamental no Terceiro Mundo, é compreender a ressurreição de Jesus em sua relação essencial com as vítimas, de modo que a esperança por ela desencadeada seja, antes de tudo, esperança para as vítimas.⁵⁶² O que pressupõe que o Ressuscitado se pode fazer vitoriosamente presente no seguimento do Crucificado, de modo que o seguimento pode estar penetrado já agora daquilo que na ressurreição de Jesus há de triunfo. Ou seja, um reflexo histórico da sua ressurreição com dois elementos essenciais: “aquilo que na ressurreição há de plenitude, mesmo no meio das limitações da história, e aquilo que na ressurreição há de vitória contra o escravizador da história”.⁵⁶³

De acordo com Sobrino, no querigma primitivo, a ressurreição é anunciada junto com a cruz de Jesus (cf. 1 Cor 15,3s) tanto no sentido de justaposição lógico-cronológica, como num sentido mutuamente explicativo; “aquele que matastes, Deus o ressuscitou” (At 2,23s). E esta relação se mantém no Novo Testamento, na identificação do Ressuscitado com o Crucificado (cf. Jo 20, 25-28). Vale dizer, a ressurreição (realidade histórico-escatológica) significa relação essencial com a morte (realidade histórica). E como o Novo Testamento não fala só de morte, mas de cruz de Jesus, os crucificados da história serão o lugar mais apropriado para compreender a ressurreição de Jesus.⁵⁶⁴ Portanto, manter a relação transcendental entre cruz e ressurreição é decisivo para a compreensão do mistério pascal e aquilo que tem de revelação e de salvação. A cruz é o lugar teológico privilegiado para se compreender a ressurreição, e outros lugares o serão na medida em que analogamente reproduzirem a realidade da cruz.

⁵⁶¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 23.

⁵⁶² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 24-25.

⁵⁶³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 26-27.

⁵⁶⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 28.

Sobrino compara El Salvador à Galileia. El Salvador é a realidade concreta que suscita as perguntas importantes em torno da ressurreição, tais como: que possibilidades há hoje de se compreender e refazer a experiência dos primeiros cristãos, embora de forma análoga; que possibilidade existe de viver já como ressuscitados na história e o quê da dimensão de triunfo, tal como aparece na ressurreição de Jesus, pode fazer-se realidade na história; que esperança – e com que realismo – tem um povo crucificado de ser também um povo ressuscitado; que há de verdade na fé que Deus é um Deus da vida, que fez justiça a uma vítima inocente ressuscitando-a da morte e que, no final, Deus será tudo em todos.⁵⁶⁵ Tais questionamentos surgem do mundo das cruzes. Trata-se do problema humano da esperança das vítimas.⁵⁶⁶

Insistimos na importância de poder viver como ressuscitados – na caducidade da história – no seguimento de Jesus, e ter a esperança das vítimas de que Deus triunfará sobre a injustiça.⁵⁶⁷ Analisando a ressurreição de Jesus no Novo Testamento, percebemos como ação de Deus em que o escatológico irrompe na história e onde começa a manifestar-se a verdadeira realidade de Jesus. Conseqüentemente, a ressurreição de Jesus deve ser descrita como acontecimento que se percebe na história e que afeta, decisivamente, a história. Sobrino diz que compreender os textos neotestamentários que atualmente são imperativos, necessita-se determinar os pressupostos, levando em conta que os mesmos sejam exigidos pelos próprios textos que falam da ressurreição de Jesus; que de alguma forma apareça neles a dimensão cristológica e que possam ser realizados hoje pelo leitor.⁵⁶⁸

Principalmente na América Latina, onde a tradição de Jesus Cristo ressuscitado facilitou, ao menos em parte, que se gere esperança no compromisso, que se formulem utopias, que se afirme que a última palavra quem a dirá será a vida, a justiça, a verdade, o amor.⁵⁶⁹ Quando Sobrino fala da ressurreição de Jesus, frisa fundamentalmente a ação de Deus:

A ressurreição declara que Deus confirmou a verdade da vida de Jesus, deu-lhe definitividade para sempre e o exaltou. Jesus é vítima inocente - é o Crucificado -

⁵⁶⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 29.

⁵⁶⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 29.

⁵⁶⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 30.

⁵⁶⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 31-32.

⁵⁶⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 32.

sua ressurreição exprime não só o poder sobre a morte, mas, diretamente, o poder de Deus sobre a injustiça que produz vítimas.⁵⁷⁰

A ressurreição refere-se a Jesus, mas diretamente revela e manifesta a realidade de Deus. A linguagem da ressurreição nos remete por sua natureza à vida histórica de Jesus e à sua cruz como ponto de referência do que, ao mesmo tempo, se mantém e se supera com a ressurreição: ‘o Ressuscitado não é outro senão o Crucificado’; a linguagem da exaltação tem a vantagem de recordar algo específico do Deus bíblico: subverter a realidade, abaixar o poderoso, exaltar o oprimido e a vítima. “Humilhou-se a si mesmo e se fez obediente até a morte e morte de cruz, e por isso Deus o exaltou” (Fl 2, 8; cf. At 2,22-36; como atitude mais universal, cf. Lc 1,52: o *Magnificat*; 6,20-26: as bem-aventuranças e mal-aventuranças); a linguagem da vida tem a vantagem de exprimir que a morte e a negatividade não têm a última palavra sobre a história, e sim que esta pertence à positividade e à vida, sobretudo quando se diz de Jesus não só que está vivo, mas que ‘vive para sempre’ (Hb 7,24s).⁵⁷¹

Importa refletir a ressurreição à luz de um círculo hermenêutico trinitário, pois, com a ressurreição de Jesus, o Novo Testamento anuncia uma novidade plurivalente em três dimensões:⁵⁷² a novidade do próprio Deus, que ressuscita Jesus; a novidade de Jesus, ou seja, do que aconteceu a ele se passará a refletir sobre a sua própria realidade, e daí se chegará à proclamação de sua indissolúvel união com Deus; e a novidade dos seres humanos.

Conhecer a novidade em Jesus aparece, respectivamente, com a novidade do ser humano possibilitada pelo novo Deus.⁵⁷³ Em linguagem trinitária, o Pai ressuscita Jesus e derrama o seu Espírito sobre nós. Este é, de fato, o acontecimento total e, a partir dele, poderemos compreender a ação de Deus que ressuscita Jesus. Pois o Espírito está em nós, dando-nos a conhecer.⁵⁷⁴

Antes de analisar que tipo de hermenêutica as vítimas exigem e possibilitam, Sobrino recorda as posições de alguns autores clássicos europeus e as de teólogos latino-americanos. Ele diz que os teólogos clássicos ensinam duas coisas: a necessidade de abordar o tema e a ajuda que oferecem para isso – por aceitação,

⁵⁷⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 34.

⁵⁷¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 37.

⁵⁷² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 39.

⁵⁷³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 38.

⁵⁷⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 39.

negação e superação. A outra é que os pressupostos hermenêuticos que elaboram são realidades antropológicas (seriedade diante da existência, práxis, esperança...), com as quais captar a ressurreição é já uma forma de viver.⁵⁷⁵ Ele analisa quatro dos clássicos europeus: Bultmann, Marxsen, Pannenberg e Rahner e o teólogo latino-americano Leonardo Boff. E conclui que os autores europeus, os quais integram a geração dos mestres da suspeita, ao descobrirem a necessidade da hermenêutica, puseram a teologia em um novo paradigma. Profere que a Teologia da Libertação muito aprendeu com as teologias europeias a necessidade da hermenêutica e incorporou alguns dos seus pressupostos, mas também os modificou, radicalizou e ampliou. Ao apresentar o enfoque de Leonardo Boff, aprofunda na perspectiva das vítimas, o que fica esboçado neste teólogo: esperança de justiça para o fraco e uma vida para a justiça, como princípios hermenêuticos, mais a indubitável dimensão popular-coletiva da esperança.⁵⁷⁶ Assim sendo, oferece sua visão do problema hermenêutico, apresentando as perguntas que todo ser humano explícita ou implicitamente faz no que diz respeito à ressurreição de Jesus: que saber, que práxis, que esperança. A estas, ele acrescenta uma quarta: o que podemos celebrar na história. Estas questões são necessárias para se entender do que se está falando quando se ouve que Jesus ressuscitou dos mortos.⁵⁷⁷ Daí a importância do Reinado de Deus e seu dinamismo na realidade das vítimas deste mundo. Preferimos o termo ‘Reinado de Deus’, porque expressa a ação de Deus na realidade.⁵⁷⁸

3.2.1.c.

O anúncio do Reino de Deus: dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas

O Reino de Deus se realiza dinamicamente como o mínimo que se torna o máximo para os pobres: a vida.⁵⁷⁹

⁵⁷⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 39.

⁵⁷⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 39-58.

⁵⁷⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 60-61.

⁵⁷⁸ A respeito deste tema, conferir os capítulos V (Reinado de Deus – Realidade a ser inteligida pela TdL) e VI (A TdL como inteligência do Reinado de Deus) da tese de doutorado Francisco de Aquino Paulino. PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, p., 136-235.

⁵⁷⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 133.

A pessoa, práxis e destino de Jesus permanecem, implicitamente, como referentes da experiência.⁵⁸⁰ Neste mundo de pobres e vítimas, é preciso retomar o contato vivo com o Crucificado-Ressuscitado e seu compromisso com a causa do Reino de Deus. E, com Ele, aprender a buscar um Deus que tem entranhas de compaixão e misericórdia. O Reino de Deus é o centro referencial da vida de Jesus e assim deverá ser para todos à luz do seguimento. Isto implica: pôr no centro de nosso olhar e de nosso coração os pobres. Situar-nos na perspectiva dos que sofrem. Fazer nossos seus sofrimentos e aspirações. Assumir sua defesa.

Sobrino fala da importância de voltar ao Reino. Ele diz que para Jesus a realidade última foi uma unidade dual: ‘o Reino de Deus’, de modo que Reino explica *in actu* que Deus é *Abba*, bom para os pobres; e Deus dá fundamento e razão de ser ao Reino. Ele lembra que a Teologia da Libertação colocou o “Reino de Deus” no centro, insistindo em seus destinatários primários: os pobres.⁵⁸¹ Afirma que durante séculos, nem a cristologia nem os conflitos levaram em conta o Reino de Deus pregado por Jesus.⁵⁸²

Com “o olhar fixo em Jesus de Nazaré”,⁵⁸³ levando em conta a história real do nosso mundo, ressalta que, para a fé e para uma existência humana decente, é essencial mantê-lo vivo. Isso requer uma fé e uma espiritualidade mais jesusânicas; uma igreja mais parecida com Jesus e, entre nós e em todo o Terceiro mundo, uma plêiade de “profetas da verdade”, desmascaradores dos ídolos, e de “mártires da compaixão e da justiça”.⁵⁸⁴ Ele lembra que é preciso manter a centralidade do Reino diante da tentação de espiritualizar e privatizar a fé; esquecer e encobrir e, sobretudo, criar pobres e vítimas, produtos do antirreino.⁵⁸⁵ E diz que o tema do Reino não deve deixar-nos em paz, porque à luz da cruel realidade de nosso mundo que retrata uma sociedade “gravemente enferma”, estão em jogo a honra de Deus e a decência de nosso ser e agir. Portanto, somos impulsionados a fazer crescer o Reino, para que, ao vê-lo, “seu nome seja glorificado”.⁵⁸⁶

⁵⁸⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 118.

⁵⁸¹ SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério*, p., 14-15.

⁵⁸² SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 67-78.

⁵⁸³ SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério*, p. 15.

⁵⁸⁴ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 67.

⁵⁸⁵ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 68.

⁵⁸⁶ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 68

A ação de Deus transforma uma realidade histórico-social injusta em outra justa, na qual reina a solidariedade e na qual já não há pobres (cf. Dt 15,4). Sobrino cita alguns elementos essenciais: a compaixão primordial – libertação da escravidão e da morte –, a passagem de um Deus libertador; a parcialidade – Reinado a favor de pobres e de vítimas;⁵⁸⁷ Reino de Deus e Povo de Deus;⁵⁸⁸ Mediadores da passagem de Deus pela história;⁵⁸⁹ a *eutopia* da mesa compartilhada.⁵⁹⁰ Ele diz que na história, onde a vida de uns, maioria, é ameaçada e aniquilada por minorias, o Reinado de Deus será benéfico, mas formal e centralmente libertador: “Deus passa pelo mundo para libertar da opressão e morte um povo para que tenha vida. Este Deus é um Deus compassivo e descentrado de si mesmo”.⁵⁹¹ Diante dessa realidade, Deus faz – primordialmente – a opção pelos pobres e vítimas.⁵⁹²

Falar de Jesus e do Reino urge recordar as palavras de Pedro: “Jesus passou fazendo o bem a todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com eles” (At 10,38). Ele orava pela vinda do Reino, e, portanto, concretizou a paternidade de Deus.⁵⁹³ Sobrino lembra que Jesus declarou que os seres humanos devem buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça (cf. Mt 6,33). Jesus de Nazaré acreditou num Deus que reina em favor dos pobres, a serviço do qual deve estar o próprio povo. Foi essa a sua esperança e sua utopia, e por essa causa ele trabalhou.⁵⁹⁴ Analisando o ser e o fazer de Jesus a serviço do Reino de Deus, diz que Ele foi anunciador e realizador definitivo do Reinado de Deus. Mas, seu fazer, seus milagres são ‘sinais’ do Reino, não a totalidade do Reino. Jesus aparece relacionado com o Reino, mas essa relação não é identificação total. Reinado de Deus e Jesus de Nazaré, cada um por sua vez, são centrais no Novo Testamento e estão em mútua relação, mas não são o mesmo.⁵⁹⁵

Sobrino propõe três vias de averiguação para a compreensão da categoria Reino de Deus no Evangelho:⁵⁹⁶ a) Via nocional, que consiste em averiguar a noção de Reino que Jesus teve, cotejando-a com as noções prévias em Israel; b) Via do

⁵⁸⁷ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 69.

⁵⁸⁸ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 71.

⁵⁸⁹ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 72.

⁵⁹⁰ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 72.

⁵⁹¹ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 69.

⁵⁹² SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 70.

⁵⁹³ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 73.

⁵⁹⁴ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 74.

⁵⁹⁵ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 74.

⁵⁹⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 108-159.

destinatário, que demonstra que, ao anunciar explicitamente a mensagem, Jesus relaciona o Reino e seus destinatários, os pobres; c) Via da prática, que percebe que palavras e atos de Jesus pressupõem sua atividade a serviço do anúncio do Reino. Ele determina o destinatário para compreender a mensagem de Jesus e do Reino e saber de que boa-nova se trata.

A seguir, serão descritas as três vias que caracterizam o Reino de Deus com mais proeminência.

3.2.1.d.

Via nocional: a esperada utopia no meio da miséria humana

Esta via é compreendida sob o prisma das noções do Reino de Deus no Antigo Testamento (AT), ou seja, a expectativa do Reino no tempo de Jesus e as noções de Jesus sobre o Reino de Deus. O específico e original da religião de Israel consiste na historicização da noção de Deus-rei, segundo a fé fundamental de que Javé intervém na história. A realeza de Javé perpassa toda a Bíblia, configurando os períodos da história de Israel.⁵⁹⁷ A expressão ‘Reino de Deus’ significa: o agir de Deus, para transformar a realidade histórico-social má e injusta em realidade boa e justa.⁵⁹⁸

Preferimos o termo ‘Reinado de Deus’, porque expressa a ação de Deus na realidade.⁵⁹⁹ O Reinado de Deus é esperado por Israel em três etapas:⁶⁰⁰ Primeiro: o Reino, como realidade histórica, incide na vida do povo de Israel e corresponde à esperança e a fé histórica deste povo num Deus capaz de transformar a realidade má e injusta, em boa e justa. Segundo: o Reino designa formalmente a utopia de Deus, a esperança popular de e para todo o povo e visa à transformação da sociedade, sem menosprezar as exigências individuais de conversão. Terceiro: o Reino, como realidade dialética e conflituosa, contradiz e exclui o antirreino. Surge como boa notícia diante da situação de opressão. Corresponde à esperança ativa e lutadora contra as expressões do antirreino.

⁵⁹⁷ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 110-111.

⁵⁹⁸ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., p., 111.

⁵⁹⁹ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 111.

⁶⁰⁰ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p., 112-113.

Constatando a história da teologia em geral, Sobrino evidencia a descontinuidade da história de Jesus, ao relegar em segundo plano o aspecto da continuidade histórica. Ou seja, Jesus, ao participar das esperanças do povo, situa-se na encruzilhada do tempo e na continuidade da história de Israel.⁶⁰¹

A pessoa e a mensagem de João Batista exerceram grande influência no tempo de Jesus e também no próprio Jesus. Os Evangelhos narram que Jesus se deixou batizar por João Batista. Do ponto de vista histórico-religioso, Jesus se subordinou ao movimento profético-escatológico deste profeta.⁶⁰² Jesus é solidário com a esperança da humanidade oprimida. Ele conserva do Antigo Israel a tradição de esperança do povo oprimido e continua consciente desta realidade humana, mas introduz sua descontinuidade.⁶⁰³ Ele revela a verdade de Deus e do ser humano na vida cotidiana. No seu amor sem limites até a cruz, identifica a totalidade da continuidade e da descontinuidade em relação aos seres humanos. A continuidade de Jesus com a tradição israelita revela sua participação na expectativa do Reino de Deus e do Deus do Reino. Jesus participa nas esperanças utópicas da humanidade e crê na possibilidade da justiça e na superação da miséria, pois pertence à corrente solidária com os sofrimentos dos oprimidos.⁶⁰⁴

Jesus anuncia a proximidade do Reino de Deus e declara: “Em verdade eu vos digo, dentre os que aqui estão, alguns não morrerão antes de ver o Reinado de Deus vindo com poder” (Mc 9,1) Nas parábolas, assegura a maturidade da colheita (cf. Mt 9,37), a brancura dos campos (cf. Jo 4,35), o vinho novo (cf. Mc 2,22) e lembra que na presença do noivo não se jejua (cf. Mc 2,18-20; Mt 9,14-16; Lc 5,33-35). Mostra que o Reino irrompe quando se expulsa os demônios (cf. Mt 12,28; Lc 11,20). E, à pergunta dos fariseus sobre quando chegaria o Reino, Jesus responde: “o Reinado de Deus está entre vós” (Lc 17,21). Estes anúncios da proximidade do Reino revelam o despertar da aurora da salvação. Jesus espera o Reino de Deus e testemunha sua aproximação. O Reino se faz iminente não apenas como objeto de esperança, mas na certeza constatável. Jesus proclama a superação do antirreino e mantém viva essa esperança através de seus sinais. A vinda do Reino é repleta de

⁶⁰¹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 112-113.

⁶⁰² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 115-116.

⁶⁰³ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 117.

⁶⁰⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 119.

gratuidade: Deus vem por amor puro e gratuito, não como resposta à ação dos homens. Essa gratuidade não se opõe à ação dos homens.⁶⁰⁵

O novo do Reino anunciado por Jesus se manifesta na graça de Deus, como uma surpreendente boa-notícia – *eu-aggélion*. Jesus traz a relevante notícia: Deus se aproxima dos homens e assim manifesta-se como o Deus de bondade.⁶⁰⁶ O termo *eu-aggélion* e a categoria Reino de Deus se correlacionam. Nos Evangelhos, boa-notícia ou boa-nova significa o próprio Jesus. Com prioridade lógica, boa-notícia consiste no que Jesus traz: o Reino de Deus.⁶⁰⁷

3.2.1.e.

Via do destinatário: Reino de Deus das vítimas

Os pobres, as vítimas, destinatários do Reino de Deus, compreendem o conteúdo do Reino como boa-notícia.⁶⁰⁸ Nos Evangelhos, o Reino é dos pobres de fato e de direito, pois se baseia na misericórdia de Deus, manifestada a eles desde o Antigo Testamento.⁶⁰⁹ E nos Sinóticos, os pobres caracterizam-se, descritivamente, por dois aspectos:⁶¹⁰ econômico-social. Os pobres, os povos crucificados, as vítimas da história de ontem, hoje e sempre, são os que gemem sob algum tipo de necessidade básica: os famintos, os sedentos, os nus, os forasteiros, os enfermos, os prisioneiros, os que choram, os oprimidos pelo peso real (cf. Lc 6,20-21; Mt 25,35-36). São aqueles que vivem curvados (*'anawim*) sob o peso de alguma carga ou opressão.⁶¹¹ São os desprezados pela sociedade, os chamados pecadores, os coletores de impostos, as prostitutas (cf. Mc 2,16; Mt 11,19; 21,32; Lc 15,1-2), os simples, os pequenos, os menores – as crianças – (cf. Mt 10,42; 11,25; 18,10.14; 25,40.45; Mc 9,36-37), os que exercem profissões desprezadas (cf. Mt 21,31; Lc 18,11). A eles é negada a sociabilidade, as relações inter-humanas fundamentais, o mínimo de dignidade.⁶¹²

⁶⁰⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 119-120.

⁶⁰⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 121.

⁶⁰⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 122.

⁶⁰⁸ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 123.

⁶⁰⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 125.

⁶¹⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 125-126.

⁶¹¹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 125.

⁶¹² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 126.

No Novo Testamento se faz presente a compreensão da pobreza como estado de opressão injusta. Entendemos que o Reino de Deus pertence aos pobres, àqueles que não possuem o fundamental da vida. Para ele, Jesus anuncia aos pobres: salvaguardem a esperança, porque Deus não compactua com as promessas dos opressores; o fim das calamidades se aproxima; o Reino de Deus lhes pertence e está próximo.⁶¹³

A origem da parcialidade do Reino de Deus está no Antigo Testamento. Sobrino redescobre esta parcialidade sob o prisma do êxodo, acontecimento fundante desta etapa. Deus se mostra parcial para com o povo oprimido, a ele se revela e o liberta. As reivindicações dos direitos dos pobres entram no culto, nas liturgias de Israel. Invoca-se um Deus que mostre a verdadeira justiça. Paralelamente, as súplicas dos pobres atingem outras dimensões que não procederiam exclusivamente da pobreza material, mas de enfermidades, perseguições, murmurações, adversidades.⁶¹⁴ E verifica que, se de forma apocalíptica Jesus acentua o caráter escatológico e a vinda iminente do Reino de Deus, profeticamente sublinha a parcialidade de Deus como Deus dos pobres. Nota-se que a utopia em Israel e também nos povos vizinhos se expressava em termos de realidade: salvar os oprimidos da injustiça. No Antigo Testamento é clara a parcialidade do Reino de Deus em defesa ativa do pobre pelo fato de ser pobre.⁶¹⁵

Conforme Sobrino, Jesus, ao continuar esta tradição, causa escândalo e conflito. A parcialidade do Reino de Deus para com os pobres e com as vítimas da história perpassa toda a Revelação⁶¹⁶ e manifesta-se dialeticamente: os que aceitam e os que rejeitam. Não se duvida da consciência transparente de que Jesus opta pela parcialidade do Reino de Deus, sobretudo nas parábolas.⁶¹⁷ Com a pobreza, a criação de Deus se manifesta como violentada.⁶¹⁸

Para Sobrino, quando Jesus se refere à *Torah*, exprime a vontade última de Deus. Ou seja, Jesus se concentra nos mandamentos em relação ao próximo, que asseguram a vida como vontade primeira de Deus. No cumprimento dos mandamentos, Jesus mostra o ser humano primariamente necessitado e que precisa

⁶¹³ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 128.

⁶¹⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 129.

⁶¹⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 130.

⁶¹⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 130.

⁶¹⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 131.

⁶¹⁸ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 131.

de ajuda (cf. Mc 7,10; Mt 15,4; Lc 10,30). A radicalidade de Jesus ao defender a vida torna-se ainda mais firme na crítica à interpretação da Lei elaborada pelos escribas, a *Halakah*. Ele condena a criação de tradições humanas que vão contra a vontade primigênia de Deus (cf. Mc 7,8-13; Mt 15,3. 9). Ele dá centralidade ao símbolo primário de vida: a comida e o pão. Ele come com os coletores de impostos (cf. Mc 2,15-17); desconsidera as abluções rituais antes da comida (cf. Mc 7,2-5; Mt 15,2); multiplica os pães no intuito de dar comida ao faminto (cf. Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 15,32-39); no juízo escatológico (cf. Mt 25,35.40) quem dá de comer ao faminto experimenta Deus; na oração ensina a necessidade de pedir o pão (cf. Mt 6,11; Lc 11,3).⁶¹⁹ O pão da vida e o pão terreno não se contrapõem. O Reino de Deus se realiza dinamicamente como o mínimo que se torna o máximo para os pobres: a vida. O fato de o Reino de Deus oferecer esse mínimo – a vida – aos pobres e isso tornar-se realidade adverte para a necessidade de falar da escatologia plenificante, sem esquecer a protologia da criação, e de falar da vida em plenitude, sem descuidar da vida básica.⁶²⁰

3.2.1.f.

Via da prática de Jesus

Historicamente Jesus anunciou o Reino e fez coisas relacionadas com o Reino.⁶²¹ Os Sinóticos apontam o sumário do anúncio do Reino e também os sumários da atividade de Jesus. “Jesus percorreu toda a Galileia; pregava em sinagogas e expulsava os demônios” (Mc 1,39); “Jesus curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,34; cf. Mt 8,16; Lc 4,40-41).⁶²²

Em At 10, 38 se diz que Jesus “passou fazendo o bem, curava a todos que o diabo mantinha escravizados, pois Deus permanecia com ele”. Desta forma, o Reino não contém só o conceito de esperança ou de sentido, mas inclui também a exigência da práxis para que ele tenha início. Logo, quando se constrói ou se faz o Reino, a existência real do antirreino se dá a conhecer. Nesse sentido são entendidos os milagres, a expulsão de demônios, a acolhida aos pecadores, as parábolas do

⁶¹⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 132.

⁶²⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 133.

⁶²¹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 136.

⁶²² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 136

Reino de Deus e a celebração da vinda do Reino: traços da pregação e da práxis de Jesus que mostram a força do Reino e a caducidade do antirreino.⁶²³

De acordo com Sobrino, as narrações evangélicas confirmam que Jesus se aproximou, durante a sua vida, de pecadores, publicanos, de enfermos, de leprosos, de pobres, de samaritanos, de pagãos e de mulheres favorecendo-os.⁶²⁴ Este fato, em sua globalidade, é reconhecido como uma característica histórica da práxis de Jesus. O conteúdo concreto do Reino surge do seu ministério e de sua atividade, considerados como um todo. Sua relação com os pobres e marginalizados recobra fundamental importância.⁶²⁵ Eis a verdade: “Jesus anuncia o Reino como boa-nova para os pobres (Lc 4,18; cf. 1. 7,22; Mt 11,5) e declara que o Reino é dos pobres (Lc 6,20; cf. Mt 5,3)”.⁶²⁶

Os pobres, os pecadores, os desprezados são os seus destinatários, porque “se encontram mais privados de vida em seus níveis mais elementares”.⁶²⁷ A forma como ele denuncia, demonstra sua defesa do pobre e sua prática social;⁶²⁸ e seu serviço concreto em prol do Reino de Deus, mostra que este versa na libertação dos pobres e marginalizados, que deve ser proclamada e concretizada na história como “a vontade de Deus para o mundo”.⁶²⁹ Melhor dizendo, Jesus realiza sua missão na realidade histórica concreta, “que conduz, inevitavelmente, à privação de sua segurança, de sua dignidade, de sua própria vida, isto é, em um molde histórico de empobrecimento”, assumindo a “carne humana”, bem como “a solidariedade com os pobres e marginalizados”.⁶³⁰

Se é difícil delimitar concretamente os momentos particulares em que isto ocorre, o ambiente geral das narrações evangélicas o mostra e, de qualquer forma, sua morte na cruz o demonstra. Jesus foi privado de sua dignidade como deduzimos dos insultos dirigidos a ele e das cenas teologizadas em que querem enxotá-lo da sinagoga e do templo, verdadeira excomunhão. Jesus foi provado de sua segurança como aparece claramente na perseguição próxima à sua morte, recuada para os

⁶²³ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 136.

⁶²⁴ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*. Em: Concílium/150, 1979/10, p., 18.

⁶²⁵ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*. Em: Concílium/150, 1979/10, p., 21.

⁶²⁶ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 21.

⁶²⁷ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 22.

⁶²⁸ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 23.

⁶²⁹ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 24.

⁶³⁰ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 26.

começos de sua vida pelos evangelistas (Mc 3,6; l.c. 4,28), no sentido de insistir no ambiente persecutório contra ele. E finalmente, Jesus foi privado de sua própria vida, verdadeiro e supremo empobrecimento.⁶³¹

Sobrino fala de um “Messias com um Reino para os pobres”.⁶³² Fala que este Jesus que o Novo Testamento apresenta nos evangelhos, expressa o centro das esperanças messiânicas dos pobres no Antigo Testamento.⁶³³

3.2.2

A postura ética, mística e profética no labor teológico de Jon Sobrino

O ministério deve ser encarnado entre pobres e vítimas, impregnado de compaixão para propiciar vida, de profecia para desmascarar a injustiça, de esperança de que os pobres tenham vida e de que às vítimas se devolva existência, nome e dignidade.⁶³⁴

Para Sobrino, “mártir vivo”, “inspirador teológico de dom Oscar Romero e alma gêmea dos mártires da UCA”,⁶³⁵ as vítimas da história recuperam dois importantes pressupostos da revelação de Deus na Bíblia e de sua adequada leitura: a revelação de Deus se dirige e tem como finalidade a criação de todo um povo. De acordo com Sobrino, torna mais fácil falar de Deus seguindo a tradição bíblica: um Deus de ‘pobres’ e ‘vítimas’. Ele diz que Monsenhor Romero deu um passo a mais: ‘*glória Dei vivens pauper*’ (‘a glória de Deus é que o pobre viva’). E Casaldáliga: ‘*gloria Dei manducans esuriens*’ (‘a glória de Deus é que o faminto coma’).⁶³⁶

A Bíblia é Tradição, “ontem, hoje e sempre”. Temas tão capitais para a fé como o Êxodo, os profetas, o Reino de Deus, o evangelho como boa-notícia para os pobres, o Jesus pobre, misericordioso, profeta e libertador, o Deus da vida, defensor e advogado dos pobres e, por outro lado, a conversão, a libertação, o espírito das bem-aventuranças, a esperança que é ao mesmo tempo histórica e transcendente, a supremacia do amor, o serviço, o compromisso na luta pela justiça, a disponibilidade à perseguição e ao martírio, etc., constituem o centro de suas reflexões e de sua doutrina.⁶³⁷ Ele testemunha que o Deus revelado em Jesus de

⁶³¹ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 25.

⁶³² SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 139.

⁶³³ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p., 140.

⁶³⁴ SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério*, p., 14.

⁶³⁵ SOLS, José. Teologia do martírio. In: *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 302-303.

⁶³⁶ SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério*, p., 13.

⁶³⁷ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 63.

Nazaré anuncia a boa notícia aos pobres (Lc 4,18) e admite que o Reino de Deus lhes pertence (Mt 5,3; Lc 6,20). Isto constitui em sinal principal de sua messianidade (Mt 11,5; Lc 7,22). Daí ser lógico o júbilo de Jesus por serem os pequenos e não os sábios e prudentes que compreenderão os mistérios do Reino (Mt 11,25).⁶³⁸ Sua experiência proclama que as vítimas deste mundo são insubstituíveis para se conhecer o Deus de Jesus. “Deus está de modo oculto, mas real e decisivo (Mt 25), “com ternura especial” (Puebla, 196), nos pobres deste mundo”.⁶³⁹ Por isso afirma: “se a correlação entre Deus e pobres é verdadeira, então para conhecer os pobres, deve-se conhecer a Deus, mas para conhecer a Deus deve-se conhecer os pobres”.⁶⁴⁰

3.2.2.a.

Sentir a indignação ética para contemplar o rosto de Deus nas vítimas

No rosto do pobre conhecemos melhor a Jesus Cristo, que conhecido, ajuda a conhecê-las e a trabalhar em sua defesa.⁶⁴¹

Bernard Haering (1973) diz que uma autêntica salvaguarda da tradição só é possível com uma plena consciência dos pressupostos históricos, em um contínuo contato com o ser humano histórico e suas relações interpessoais num mundo histórico concreto. Isto é, na abertura ao ‘tu’ e aos nós, humanos, está sempre a abertura ao totalmente outro, ao ‘tu’ divino.⁶⁴² O contexto atual convoca à ética e à preocupação em dizer e anunciar aquilo que é mais importante para a vida. Os novos paradigmas da Ética Cristã reafirmam o projeto de Jesus Cristo: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida plena” (Jo 10,10); e confirmam à luz das tradições que o mais importante é a vida para todos os povos, para todas as vidas neste grande corpo de Deus que é o mundo.

Valorizando esta premissa, eis o decálogo ético mencionado por Juan J. Tamayo, no Fórum Mundial de Teologia e Libertação, em 2006:

Ética da libertação em um mundo dominado por múltiplas opressões. Imperativo moral: Liberta o pobre, o oprimido! Ética da justiça em um mundo estruturalmente injusto. Imperativo moral: Age com justiça nas relações com teus semelhantes e

⁶³⁸ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 64.

⁶³⁹ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 64-65.

⁶⁴⁰ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 65.

⁶⁴¹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 19.

⁶⁴² HAERING, Bernard. Moral y religion em uma perspectiva Cristiana. *Em: El Ateísmo Contemporáneo*. Ediciones Cristiandade:Madrid, 1973, Vol. IV. p., 216-217.

trabalha na construção de uma ordem internacional justa! Ética da gratuidade em um mundo onde impera cálculo, o interesse, o benefício, o negócio. Imperativo moral: Sê generoso! Tudo o que tens recebeste gratuitamente. Não faças negócio com o gratuito! Ética da compaixão em um mundo onde impera o princípio da insensibilidade diante do sofrimento humano e ambiental. Imperativo moral: Sê compassivo! Tem misericórdia com os que sofrem. Colabora para aliviar seu sofrimento! Ética da alteridade, da acolhida e da hospitalidade para com os estrangeiros, os refugiados e os indocumentados. Imperativo moral: Reconhece, respeita e acolhe o outro como outro, como diferente! A diferença te enriquece! Ética da solidariedade em um mundo onde impera a endogamia. Imperativo moral: Sê cidadão do mundo! Trabalha por um mundo onde caibamos todos e todas! Ética comunitária fraterno-sororal em um mundo patriarcal onde predomina a discriminação de gênero em todos os campos da vida. Imperativo moral: Colabora na construção de uma comunidade de homens e mulheres iguais, não clônics! Ética da vida, de todas as vidas, dos seres humanos e também da natureza, que tem o mesmo direito à vida que o ser humano; da vida dos pobres e oprimidos, constantemente ameaçada. Imperativo moral: Defende a vida de todo ser vivente. Vive e ajuda a viver! Ética da incompatibilidade, entre Deus e o dinheiro em um mundo onde se combinam, facilmente, a fé em Deus e a crença aos ídolos, a adoração à divindade e ao outro do bezerro. Imperativo moral: Compartilha os bens! Tua acumulação gera o empobrecimento daqueles que vivem ao teu redor!⁶⁴³

Visualiza-se na teologia de Jon Sobrino, a atitude profética que o revela como uma pessoa preocupada com a realidade reconciliada para possibilitar relações de fraternidade. Tal atitude é permeada de esperança, pois segundo ele, a erradicação do mal que desumaniza abre espaço para a vida humana digna: “O pecado leva à morte do pecador, mas, antes disso, o pecado causa a morte de outros”.⁶⁴⁴ Ele diz que resistir contra o pecado significa denunciá-lo profeticamente, desmascará-lo por ser a mais grave ofensa contra Deus. Nessa luta se destroem, objetivamente, os ídolos que matam e, concretamente, as estruturas de opressão e violência. Entretanto, nessa luta, novas estruturas de justiça são construídas, a conscientização é propiciada, além da organização política, social e pastoral. Trata-se de defender as vítimas, os milhões de seres humanos que vivem na miséria.⁶⁴⁵ Ele insiste na ética do perdão-acolhida cristão da realidade, que consiste na “encarnação no mundo de pecado, no mundo das vítimas, em deixar-se afetar por elas, por sua pobreza e participar de sua fraqueza”. É uma encarnação que promove conversão, conduz à solidariedade e compaixão para com a vida das mesmas, abrindo-se à realidade, captando sua verdade e suas exigências.⁶⁴⁶ O perdão-acolhida ao pecador

⁶⁴³ TAMAYO, Juan José. Teologia para outro mundo é possível. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 451-452.

⁶⁴⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p., 99.

⁶⁴⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p., 101-102.

⁶⁴⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p., 102.

“reproduz o gesto de benignidade de Deus”⁶⁴⁷ e desvenda sua iniciativa salvadora. Sua espiritualidade integra a tensão entre amor e destruição: “Pelo amor e pela defesa das vítimas, Jesus diz a verdade aos opressores e oferece-lhes salvação. Seu amor se realiza no perdão-acolhida à pessoa do opressor. Esse amor regenera e recria. Jesus acolhe, perdoa, liberta e salva o pecador”.⁶⁴⁸

Sobrino recorda que Dom Oscar Romero viveu plenamente a espiritualidade do perdão-acolhida. Impregnado pelo Mistério do Amor e da Realidade, profeticamente, denunciava e exortava os opressores em nome de Deus a deixarem o caminho da opressão e da repressão, “pelo bem das vítimas e deles mesmos”. Afirmo que somos chamados a vivenciar a essência e a finalidade do perdão-acolhida para que haja reconciliação, comunidade, e Reino de Deus.⁶⁴⁹ Por isso insiste na necessidade do testemunho da boa notícia,⁶⁵⁰ pois crê que esta “só dará esperança às vítimas deste mundo se for e agir como Jesus”.⁶⁵¹

3.2.2.b.

A teologia como “*intellectus amoris*” e o “Princípio Misericórdia”

Quando o pobre não está no centro, tampouco a misericórdia está no centro. E sem ela, desaparece o humano.⁶⁵²

O Reino de Deus se torna presente onde as pessoas atuam com misericórdia.⁶⁵³ O Princípio Misericórdia nos desafia a assumir atitudes práticas inspiradas na ética da misericórdia do bom samaritano (cf. Lc 10,33-36). Ou seja, assumir o compromisso afetivo e efetivo em relação às Vítimas deste mundo; tomar a atitude misericordiosa como princípio configurador da vida e missão cristãs; trabalhar pela justiça em favor do pobre oprimido como expressão de amor.⁶⁵⁴ A ética misericordiosa requer o despertar do sono da inumanidade para a realidade de humanidade, aprender a ver Deus a partir do mundo das vítimas e vice-versa; essa ação misericordiosa produz alegria e sentido da vida.⁶⁵⁵

⁶⁴⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p., 106.

⁶⁴⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p., 107-108.

⁶⁴⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p., 109.

⁶⁵⁰ “Jesus olha a vida com os olhos das vítimas necessitadas de ajuda. Para ele, a melhor metáfora de Deus é a compaixão para com um ferido. PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, p., 174.

⁶⁵¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 155.

⁶⁵² SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p., 124.

⁶⁵³ PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, p., 174.

⁶⁵⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 26.

⁶⁵⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 28.

Diante de um contexto mundial religiosamente plural, culturalmente diverso e sofredor, Sobrino percebe que a teologia está consciente da necessidade de se mostrar relevante deste mundo no qual se realiza a atividade teológica.⁶⁵⁶ Ele afirma que a teologia que mais se confronta com o mundo sofredor é a TdL⁶⁵⁷ e “o fato maior”, para esta é a “irrupção dos pobres”.⁶⁵⁸ Os pobres, os povos crucificados, as vítimas da história tomaram inocutavelmente a palavra, como palavra da realidade; e de uma dupla forma: com seu sofrimento e com sua esperança.

Sobrino afirma que “o fato maior” tem um conteúdo objetivo: a pobreza, que corresponde ao sujeito. Para a TdL, portanto, confrontar-se com a realidade é confrontar-se com essa pobreza e que esse confronto é inevitável.⁶⁵⁹ A irrupção dos pobres “está presente na TdL, como princípio, como aquilo que continua atuante no processo da teologia, dirigindo seu pensar e motivando sua finalidade”. Sobrino faz esta afirmação mediante uma dupla razão: a primeira corresponde à própria noção do que é fazer TdL. Melhor dizendo, porque os pobres continuam irrompendo, continua sendo válido o princípio que deu origem à TdL. E a segunda, para evitar o mal-entendido de que a TdL já teria tido o seu *kairós*.⁶⁶⁰

De acordo com Sobrino, determinar o fato maior de nosso mundo como a irrupção dos pobres é uma opção humana e crente; e é também uma opção que exerce o papel de pré-compreensão para a teologia. Segundo Sobrino, ‘a irrupção dos pobres’ exige e possibilita uma nova pré-compreensão e uma conversão fundamental da atividade teológica. Além disso, é questionamento primário a toda atividade humana e cristã – e também à teológica –, que exige uma resposta: é preciso erradicar o sofrimento dos pobres. Nessa resposta, a teologia vai se configurando como a inteligência do amor.⁶⁶¹ A formalidade salvífica da mensagem cristã acontece num mundo privado ativamente de salvação e sujeito a algum tipo de escravidão – o antirreino contrário ao Reino de Deus. Por isso, para que a mensagem positiva da teologia tenha sentido, é essencial analisar a negatividade.⁶⁶²

⁶⁵⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 47.

⁶⁵⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 48.

⁶⁵⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 48.

⁶⁵⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 49.

⁶⁶⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 49-50.

⁶⁶¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 66.

⁶⁶² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 51.

Ele assegura que a pobreza dos povos do Terceiro Mundo é massiva, é a pobreza-morte que mais divide o mundo e contrapõe empobrecedores e empobrecidos, violentadores e violentados, verdugos e vítimas. Tende a se impor como fato maior por sua realidade concreta. O que significa estar perto da morte lenta produzida pelas estruturas injustas e opressoras, e da morte violenta originada pela repressão contra os pobres e pelas guerras que são produzidas em países pobres, justamente quando estes querem se libertar de sua pobreza.⁶⁶³ A pobreza-morte gera empobrecimentos de tipo cultural, psicológico, espiritual e agrava os sofrimentos provenientes de outras raízes estruturais: raça, cultura, sexo, religião.⁶⁶⁴

E por isso, a pobreza é interpelação ética, ou seja, expressa em si mesma o maior dos males morais, o pecado fundamental objetivo como aquilo que causa morte e desmascara o pecado fundamental subjetivo, o egoísmo estrutural ou a estruturação dos egoísmos que a produzem.⁶⁶⁵ A pobreza é interpelação de uma práxis, pois clama objetivamente por sua erradicação e exige a mobilização de todas as forças do espírito humano para realizá-la, para reorientar, transformar e revolucionar a realidade deste mundo na direção da vida.⁶⁶⁶ A pobreza é interpelação ao sentido da vida pessoal e coletiva, portanto, exige que se tome posição frente à pergunta sobre se a história tem solução ou não, se a esperança ou a resignação é mais sábia, se a supremacia é do amor ou do egoísmo”.⁶⁶⁷

Religiosamente, questiona pela verdadeira divindade e pelo último, pelo Deus da vida ou os ídolos da morte. É a mediação atual da eterna pergunta da teodicéia, quer dizer, se a história não é só absurda, pela presença da pobreza-morte, mas também escandalosa, por afirmar-se a existência de um Deus; e de antemão põe as condições fundamentais para que possa haver algum tipo de resposta a essa pergunta última.⁶⁶⁸ Também assegura que a relação de Deus com as vítimas deste mundo aparece como uma constante de sua revelação. Ela é resposta aos clamores dos pobres:⁶⁶⁹ “para conhecer a revelação de Deus, é necessário conhecer a realidade dos pobres”. E acrescenta: “Existe uma correlação transcendental entre

⁶⁶³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 52-53.

⁶⁶⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 53.

⁶⁶⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.

⁶⁶⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.

⁶⁶⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.

⁶⁶⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.

⁶⁶⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 55.

revelação de Deus e clamor dos pobres; e por isso, embora a revelação de Deus não se reduza a responder ao clamor dos pobres, sem introduzir essencialmente essa resposta na revelação cremos que não é compreendida”.⁶⁷⁰

Sobrino afirma que a TdL, pelo fato de existir em massa, por seu conteúdo e por sua base escriturística, pode – e está convencida de que deve – basear-se na irrupção, hoje, dos povos oprimidos e crucificados. Sem atender a esse fato maior, a teologia se mutila quantitativamente e degenera qualitativamente, tanto de um ponto de vista histórico atual como bíblico revelatório. E positivamente, implica a possibilidade de organizar conceitualmente melhor a teologia como um todo.⁶⁷¹ Portanto, observar a totalidade da realidade a partir dos pobres sofredores como o fato maior é, em último termo, uma opção⁶⁷² que é redescoberta dentro do círculo hermenêutico, na Escritura. Sobrino diz que fazer uma opção prévia à atividade teológica compete, consciente ou inconscientemente, a toda teologia, e é ela que guia sua leitura dos textos e sua reflexão sistemática. Apresenta em dois pontos o significado da opção concreta da teologia da libertação para a atividade teológica: primeiro, considerar a opção como pré-compreensão da teologia, (tarefa normalmente refletida por muitas teologias); segundo, considera a opção como conversão da teologia, (tarefa menos realizada e muitas vezes nem sequer prevista). “A opção por ver nos pobres sofredores o fato maior desempenha o papel de pré-compreensão para a teologia, tanto para poder compreender os textos da Escritura como para compreender o texto da realidade de hoje”.⁶⁷³ Segundo Sobrino, a necessidade de alguma forma de pré-compreensão não é originalidade da TdL. Esta ficou estabelecida desde Bultmann.

Para transpor a distância histórica e cultural entre o presente e os textos do passado necessita-se uma pré-compreensão existencial, sem a qual não pode ser compreendido o *kerygma* pascal (Bultmann); para compreender os textos sobre o Reino de Deus e a ressurreição de Cristo necessita-se uma abertura confiante ao futuro (Pannenberg) ou uma esperança contra esperança (Moltmann); para compreender qualquer texto como possivelmente revelatório necessita-se a ativa disponibilidade a ser ouvinte da palavra (Rahner), etc.”.⁶⁷⁴

⁶⁷⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.

⁶⁷¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.

⁶⁷² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 56.

⁶⁷³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 56.

⁶⁷⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 57.

A TdL partilha e, em grande parte, assume as reflexões antropológicas precedentes, mas acrescenta outros elementos ao que é a pré-compreensão. Ou seja, além da dimensão de abertura e esperança do sujeito e da afirmação de que o dom e a graça são possíveis, deve-se estender a sua dimensão praxica e a compreender os textos (do passado) da revelação de Deus e Sua palavra através deles, bem como para ler o texto da realidade atual e a possível manifestação de Deus através dela. “Isso inclui primariamente o modo de ‘ver’ a realidade desde uma determinada ótica”.⁶⁷⁵ De acordo com Sobrino, para a TdL, ‘pré-compreensão’ significa “ver a realidade a partir dos pobres, disponibilidade e agir sobre ela para mudá-la e releitura dos textos da revelação a partir das duas coisas”. Por ser algo ‘criatural’, possibilidade e necessidade conatural ao ser humano, “a pré-compreensão usada por uma teologia deveria ser partilhada por muitos seres humanos”.⁶⁷⁶

Na opinião de Sobrino, não se pode duvidar da capacidade da TdL de ser entendida por muitos seres humanos. Esta teologia foi entendida por outras teologias em outras partes do mundo: pelas teologias católicas e de outras confissões, por teologias de outras religiões (as abraâmicas, certamente, mas também as antigas teologias de religiões asiáticas) e inclusive por ideologias que prescindem do religioso.⁶⁷⁷ A razão do potencial humano-ecumênico desta teologia está em sua opção prévia, ou seja, em ver o mundo a partir dos pobres e na opção pelos pobres que essa visão desencadeia.⁶⁷⁸ Para ele, a pré-compreensão pretende capacitar a reler e compreender os textos da revelação, inclusive para descobrir o que estava encoberto e desvelar o que estava oculto.

Sobrino diz que os pobres são uma realidade concreta, diferente e oposta a outras e, por isso, o fato de Deus se ter revelado aos pobres introduz o princípio de parcialidade na revelação e na teologia. Os pobres desempenham o papel da alteridade radical para os que não são pobres, e daí surge o princípio de descentramento.⁶⁷⁹ Daí que a TdL revalorizou o princípio da parcialidade no tratamento dos conteúdos teológicos. Ela está movida e guiada pelo princípio de parcialidade que a possibilita e exige sua pré-compreensão. Fala-se de um Deus da vida para os pobres, de Jesus Cristo libertador dos pobres, de uma Igreja dos pobres,

⁶⁷⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 57.

⁶⁷⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 58.

⁶⁷⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 58.

⁶⁷⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 58-59.

⁶⁷⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 60.

etc. Ela o redescobriu a partir de sua opção, a qual permite compreender a correlação transcendental entre revelação de seus conteúdos com os pobres. Compreende a encarnação de Jesus de Nazaré como encarnação do fraco e oprimido deste mundo; compreende sua missão como boa-nova diretamente para os pobres deste mundo; sua perseguição e morte como resposta dos poderosos a sua defesa dos pobres.⁶⁸⁰

Segundo Sobrino, a TdL revalorizou o princípio de descentramento. Quer dizer, para chegar a ser é preciso passar pelo esquecimento do que é próprio.⁶⁸¹ Através deste, o ser humano chega ao centro de si mesmo e determina a pobreza como fato maior. Este princípio de descentramento é essencial na revelação e na fé, e está presente na escritura. A TdL os redescobriu e revalorizou por uma opção: ter levado a sério a irrupção dos pobres. Os pobres deste mundo, por sua concreção irreduzível e por sua imperiosa necessidade de salvação, são os que têm a força para desmascarar a precipitada universalidade e o precipitado centrar-se em si mesmo. E, positivamente, os que abrem os olhos a estas duas dimensões essenciais da revelação e da fé.⁶⁸²

Tal postura supõe uma conversão.⁶⁸³ Ele parte do prisma de que na atividade teológica deve estar presente, acima de tudo, a honestidade intelectual ante a realidade na tendência a subjugar a sua verdade. Esta é exigida na atividade teológica, tanto ante a verdade de alguns textos, assim como ante a verdade da realidade. Sobrino diz que ao analisar concretamente essa honestidade fundamental, é importante pensar que determinar o sofrimento dos pobres como fato maior foi um ato de honestidade e de conversão. “São eles que melhor oferecem a verdade da realidade e os que têm a força para que essa verdade seja reconhecida, não escravizada pela teologia”.⁶⁸⁴ Sobrino fala da misericórdia como reação primária ante o mundo sofredor, e que é o amor primário:

As mediações históricas da misericórdia são necessárias. Ela oferece a vantagem de mostrar a estrutura da reativação básica perante o mundo sofredor, sua primariedade e ultimidade. Ela significa reagir perante o sofrimento alheio, uma vez interiorizado em si mesmo.⁶⁸⁵

⁶⁸⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 61.

⁶⁸¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 62.

⁶⁸² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.63.

⁶⁸³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 54.64.

⁶⁸⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 65.

⁶⁸⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 66.

Na teologia, a misericórdia tem de estar presente como conteúdo que a ela deve esclarecer e propiciar; e deve estar presente nesse mesmo exercício de atividade teológica, de modo que este seja também expressão da misericórdia ante o mundo sofredor. Sobrino diz que na revelação, ela é a reação correta ante o mundo sofredor, reação necessária e última para haver uma melhor compreensão de Deus, de Jesus Cristo, da verdade do ser humano, da realização da vontade de Deus e da essência humana.⁶⁸⁶

Neste sentido, a teologia deve ser *intellectus misericordiae*. A atividade teológica deve estar imbuída de misericórdia; “e porque essa misericórdia é reação—ação, portanto –, tem de estar imbuída de ação, de práxis, na linguagem atual. Ou seja, uma teologia baseada na irrupção dos pobres tem uma finalidade praxica, e que práxis configura sua própria atividade.⁶⁸⁷ Ele profere que teoria e práxis, *intellectus* e misericórdia devem ser concebidas como dimensões relacionadas uma à outra.⁶⁸⁸ E é isso que a TdL acentua, principalmente, “porque é uma teologia que se origina ante um mundo sofredor, e por isso, sua pergunta primária é como deve ser seu *logos* para que esse sofrimento seja erradicado”.⁶⁸⁹ A TdL estabelece dois modos distintos, embora relacionados, na interação entre teoria e práxis, entre teologia e exercício da misericórdia. Sobrino diz ainda que a teoria deve ser para a práxis, o que o *intellectus* da teologia deve ser para o exercício da misericórdia.⁶⁹⁰ Esta teologia compreende a si mesma conscientemente como um *intellectus* cuja finalidade direta é dar forma e figura a uma práxis, orientando-a, animando-a, de modo que a teologia se converta em *intellectus* de uma práxis.⁶⁹¹

A finalidade da TdL é diretamente a erradicação do mundo sofredor e a construção do Reino de Deus.⁶⁹² Por essa razão, concebe a si mesma como *intellectus* de uma práxis; no *intellectus* de uma misericórdia primordial adequada ao sofrimento do mundo. Sobrino diz que é esta finalidade que faz a TdL reformular seu conteúdo fundamental como o “Reino de Deus”, introduzir a práxis na compreensão das duas magnitudes desta unidade dual: Reino e Deus. Portanto, este

⁶⁸⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 67.

⁶⁸⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 67.

⁶⁸⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 67.

⁶⁸⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 68.

⁶⁹⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 68.

⁶⁹¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 69.

⁶⁹² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 69.

é compreendido tanto como objeto de conhecimento e esperança, bem como objeto de uma práxis, como aquilo que deve ser feito contra o antirreino – o mundo sofredor –, cuja direção e caminhos devem ser iluminados pela teologia.⁶⁹³

Desta forma, Deus é compreendido como a suma alteridade e mistério. A Deus se deve responder (em fé e esperança) deixando-o ser Deus, mas deve-se compreendê-lo, promovendo na história, o divino de sua realidade (misericórdia, justiça, amor, verdade, graça) e, assim, estar em afinidade com ele.⁶⁹⁴ O aspecto prático da TdL e sua autocompreensão como momento ideológico de uma práxis, tem raiz última nas duas opções explicitadas: a determinação do mundo sofredor como fato maior e a misericórdia como reação primária perante ele.⁶⁹⁵ Melhor dizendo, a TdL é, antes de tudo, um *intellectus amoris*, inteligência da realização do amor histórico pelos pobres deste mundo e do amor que nos torna afins à realidade do Deus revelado; e sob esse prisma, pode ser definida como *intellectus justitiae* ou *intellectus liberationis*.⁶⁹⁶

Sobrino insiste na estrutura formal da teologia como *intellectus amoris* – diferente do *intellectus fidei* –, no que consiste a maior novidade da TdL⁶⁹⁷ e diz que a fé cristã foi desde o começo, acompanhada de um *logos* explicativo, argumentativo, apologético. Segundo Sobrino, essa tendência tomou um rumo preciso com Agostinho, que no contexto das heresias trinitárias, assumiu que a formulação trinitária concreta é coisa adquirida: também terá grande estima pela inteligência – *intellectum vero valde ama* – pois as mesmas Escrituras sagradas que nos levam a crer coisas superiores, antes de as podermos entender, não te serão de nenhuma utilidade se não as entenderes retamente.⁶⁹⁸

Ele garante que na própria ação de fazer teologia, decide-se *in actu* a compreensão concreta que se tem de Deus, pois é ela que guia essa atividade e o significado da mesma. Central da revelação de Deus, é que o próprio Deus chega a se comunicar e se dar a si mesmo, ou seja, que sua vontade para este mundo chegue a ser real. Por isso, a revelação consiste na doação de sua própria realidade. E a resposta a essa revelação consiste na acolhida real desse Deus, tornando

⁶⁹³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 70.

⁶⁹⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 70.

⁶⁹⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 71.

⁶⁹⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 71.

⁶⁹⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 72.

⁶⁹⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 72.

historicamente real sua realidade transcendente. No cerne da revelação do Deus cristão está a prioridade da comunicação real de Deus sobre o mero saber a respeito dela; a prioridade da vontade de Deus de que o mundo chegue a ser de uma maneira determinada.⁶⁹⁹

Sobrino propõe que a teologia, enquanto *intellectus*, compreenda a si mesma a partir da totalidade da tríade fé-esperança-amor, e que, dentro dela, dê prioridade ao amor. O que em Deus há de promessa e nos seres humanos de esperança; mas, sobretudo o que em Deus há de amor e nos seres humanos de possibilidade e necessidade de realizar o amor, como o mais alto nível de realização de sua essência e de sua salvação.⁷⁰⁰ Ele diz que é absolutamente racional que uma teologia que surge como resposta ao sofrimento ingente no Terceiro Mundo se conceba a si mesma como *intellectus amoris*, o que é uma universalização em terminologia bíblica do *intellectus misericordiae*, e exhibe, por sua vez, uma concreção histórica como *intellectus iustitiae*: isso não elimina que seja também uma inteligência dos conteúdos da fé e uma inteligência da esperança, mas implica que os dois momentos se subordinam logicamente à inteligência do amor; e se crê que nessa subordinação lógica também se potenciam.⁷⁰¹ Portanto, ao definir a teologia como *intellectus amoris*, está em jogo sua relevância histórica e sua identidade cristã.⁷⁰²

‘Conceber a teologia como *intellectus amoris*’ é a consequência última para a atividade teológica de levar a sério o mundo sofredor, os povos crucificados, as vítimas do Terceiro Mundo. Sobrino crê que nisso consiste a maior novidade teórica da teologia da libertação no que toca à própria atividade teológica. O que torna a teologia mais bíblica e relevante historicamente. Em sua opinião, a primazia dada ao *intellectus fidei*, afastou a teologia de suas raízes bíblicas e a encaminhou para a irrelevância e alienação históricas, com males para a realidade do mundo e para a própria teologia.⁷⁰³

No que diz respeito ao *intellectus amoris*, a TdL deseja aprofundar o entendimento da fé e o mais central dela: “Deus e o Reino de Deus” porque, a verdade desses conteúdos propicia a melhor prática do amor. Aqui, Jon Sobrino admite que entender o que Deus é em sua própria realidade (o mistério do amor da

⁶⁹⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 73.

⁷⁰⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 74.

⁷⁰¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 74.

⁷⁰² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 76.

⁷⁰³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 75.

Trindade), o que é o Reino de Deus (um mundo segundo o amor de Deus), é tarefa perene de toda teologia e especificamente necessário e frutífero para uma teologia que quer propiciar a prática do amor.⁷⁰⁴ E em relação ao *intellectus fidei*, a TdL é clara por princípio, principalmente por valorizar, reconhecer e acumular conhecimentos dogmáticos, exegéticos, históricos, teológicos, filosóficos, das ciências sociais, etc., para melhor entender e aprofundar as verdades da fé.⁷⁰⁵

Sobrino diz que a prioridade que se dá ao *intellectus amoris* configura também a compreensão do *intellectus fidei*,⁷⁰⁶ porque é na prática do amor que o ser humano se vê confrontado com maior radicalidade com a pergunta pela verdade da fé. Afirma que na realidade do mundo sofredor e na presença do que ocorre à prática do amor surgem inevitavelmente as perguntas últimas teológicas: é verdade que a esperança é o mais sensato? Não será mais sensata a resignação ou o desespero? É verdade que a fé é *obsequium rationabile*? Não será mais racional o agnosticismo ou o ateísmo de protesto? Segundo ele, estas questões que podem surgir em várias situações, surgem com maior força na prática do amor-justiça, porque nela aparece o questionamento mais radical da verdade de Deus e de seu Reino: os pobres, inocentes e privilegiados de Deus, são vítimas do antirreino, os ídolos da morte parecem ter mais poder do que o Deus da vida.⁷⁰⁷

Sobrino certifica que a TdL enquanto *intellectus amoris* é a teologia que mais radicalmente se vê confrontada com a pergunta pela verdade. Precisamente, porque proclama a realidade de Deus como Deus da vida. Esta teologia está mais estimulada a responder pela verdade do que afirma.⁷⁰⁸ Quando o amor é praticado, a realidade comprova que a esperança é primigênia e revela o que nela existe de promessa; que o próprio amor é o último e o que mantém a esperança.⁷⁰⁹ Ele crê que na América Latina ocorre a prática do amor que existencialmente mantém a aceitação da fé. O que, para a atividade teológica, tem algumas consequências: “esclarecer a verdade da fé e aceitar a verdade da fé que se realizam simultaneamente”. Dentro da prática do amor, a verdade da fé é esclarecida de forma mais cristã, pois então a fé se converte em vitória (João), contra a tentação

⁷⁰⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 76

⁷⁰⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 76-77.

⁷⁰⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 77.

⁷⁰⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 77.

⁷⁰⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 77.

⁷⁰⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 78.

de abandoná-la, e a esperança é contra esperança (Paulo), contra a tentação da desesperança; o esclarecimento da fé se faz, em último termo, como Mistagogia.⁷¹⁰

Segundo G. G. Pesenti (2003), nos escritos de Paulo emerge o conceito de grande mistério, de dimensão soteriológica cósmica: Deus, desde a eternidade, em sua sabedoria, preordenou a salvação dos homens (cf. Rm 16,26), com plano de ação secreto. Essas coisas permaneceram ocultas a todos (cf. 1 Cor 2,7), até que aprouve a Deus revelá-las e realizá-las, com modalidades superiores a toda previsão humana. Com efeito, o evento da encarnação, a preferência de Cristo pelos pobres e pelos pecadores, a loucura da cruz, a ressurreição de Jesus, a defecção temporária e parcial de Israel e o chamamento dos pagãos para o novo povo de Deus são claramente fatos imprevisíveis. A revelação do mistério cristão foi feita de maneira mistagógica aos discípulos (cf. Mc 4,11), enquanto aos outros era oferecida de maneira enigmática. O mistério do chamamento dos pagãos à Igreja foi revelado a Paulo, que se tornou seu mistagogo por excelência. A revelação do mistério global da salvação compreende o conhecimento e o início da fruição dos bens salvíficos, já presentes em Cristo. São bens soteriológicos e escatológicos, oferecidos por Deus a todos, para se livrarem de satanás, do pecado e da morte eterna, a fim de viverem na paz e na alegria de Jesus, com amor a Deus e aos irmãos, e entrarem na vida gloriosa de Deus, ao lado de Cristo, que está sentado à direita do Pai.⁷¹¹

A este processo, ele dá o nome de *Mistagogia*, ou seja, a iluminação originada pelo contato com a própria realidade do mistério.⁷¹² Sem Mistagogia sempre fica na penumbra o que é aquilo que se quer esclarecer; e na atualidade, uma teologia que não for mistagógica acaba não esclarecendo nada.⁷¹³ Uma Teologia que se concebe como *intellectus amoris*, procura ser também mistagógica; oferece o caminho do amor como o caminho primário da Mistagogia, em último termo porque é o amor que nos torna semelhantes a Deus e, a partir dessa semelhança, se decide se tem ou não sentido a afirmação de Deus. Sobrino explica que o mistério de Deus irá se esclarecendo ou obscurecendo a partir de dentro. Ele resume esta ideia parafraseando as palavras de misericórdia de Miquéias 6,8: defender o direito e amor a lealdade é o que se precisa realizar, é a exigência primária do amor e da

⁷¹⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 78.

⁷¹¹ PESENTI, G. G. Mistagogia. In: *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2003, p., 702-703.

⁷¹² SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 78.

⁷¹³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 78.

justiça. Mas essa prática se converte também em Mistagogia. Assim se caminha humildemente com Deus na história.⁷¹⁴

Segundo Sobrino, com os pobres sofrendores irrompeu o servo de Javé em totalidade: servo sofredor e servo que oferece luz e salvação. E esta irrupção tem a estrutura de boa notícia, a estrutura da graça: algo que nos foi dado inesperada e imerecidamente.⁷¹⁵ Uma teologia baseada nessa irrupção tem de ser também *intellectus gratiae*, tem de ser reflexão sobre o que foi dado enquanto dado. Aqui, Sobrino lembra que desde o princípio a teologia da libertação insistiu na dimensão de gratuidade da irrupção dos pobres, interpretada como encontro com Deus, mais exatamente, ser encontrados por Deus.⁷¹⁶

Intellectus amoris e intellectus gratiae são duas formas específicas em que se configura uma teologia que toma como sinal dos tempos a irrupção dos pobres sofrendores e esperançosos. Levar a sério estas duas formas implicam em mostrar que a teologia responde à totalidade da revelação e da fé; é uma forma de unificar, ao mesmo tempo, a afinidade de Deus e a alteridade de Deus. Bem como, uma forma de unificar o transcendente e o histórico.⁷¹⁷

Sobrino crê que esse é o programa e essa é a novidade teórica que a TdL assume em sua atividade e oferece à teologia. Para ele, ‘povos crucificados’ é a linguagem útil e necessária no nível fatural-real, porque ‘cruz’ significa morte, e morte é aquilo a que estão submetidos de mil maneiras os povos latino-americanos;⁷¹⁸ no nível histórico-ético porque ‘cruz’ exprime um tipo de morte ativamente infligida;⁷¹⁹ dentro do âmbito religioso porque ‘cruz’ evoca pecado e graça, condenação e salvação, ação dos homens e ação de Deus. De um ponto de vista cristão, o próprio Deus se faz presente nessas cruces, e os povos crucificados se convertem no principal sinal dos tempos.⁷²⁰

Em seus escritos, especialmente na obra *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*, Sobrino revela profunda sensibilidade ética diante da realidade latino-americana, marcada pela dor e pelo sofrimento das vítimas. Sua intenção é “mostrar a imperiosa necessidade da misericórdia diante dos povos crucificados”, das vítimas da história.

⁷¹⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 79.

⁷¹⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 79.

⁷¹⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 80.

⁷¹⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 80.

⁷¹⁸ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 85.

⁷¹⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 85.

⁷²⁰ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p., 86.

3.2.2.c.

Mística do re-encantamento no mundo das vítimas

Ao falar a respeito da fé de um povo oprimido no Filho de Deus, Sobrino apresenta a realidade e o significado da fé em Cristo a partir da opressão:⁷²¹ “Toda teologia cristã que se considera fiel à sua origem bíblica e é, por isso, histórica, deve levar absolutamente a sério, os sinais dos tempos na sua reflexão”.⁷²²

Um destes sinais perpassa toda a história: ‘o Povo Crucificado’. Explicitando-se melhor, este sinal é sempre o povo historicamente crucificado, que junta à sua permanência a sempre distinta forma de crucifixão. Esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de Javé, sempre de novo despojado de tudo pelo pecado do mundo que lhe arrebatava até uma vida, principalmente a vida.⁷²³ Outros sinais destacados e que estão presentes na Teologia de Sobrino são ‘o seguimento’, a ‘mística da cruz e do martírio’.

3.2.2.d.

Mística do Povo Crucificado

A partir da opressão, crê-se no Filho de Deus devido à semelhança que existe entre um Povo Crucificado e o Filho de Deus como servo. “O Povo Crucificado” são as maiorias pobres que morrem lentamente devido à opressão da injustiça estrutural ou morrem rapidamente devido à repressão da violência institucionalizada. Esse povo em seu conjunto é o povo que, historicamente, “completa o que falta à paixão de Cristo” (Cl 1,24).⁷²⁴ “Encontramos em Cristo o modelo do libertador, o homem que se identifica com o povo, a tal ponto que os intérpretes da Bíblia não conseguem saber se o Servo de Javé, proclamado por Isaías é o povo sofredor ou se é Cristo que vem redimir-nos.”⁷²⁵

A fé no Filho de Deus é mediada antes de tudo pela semelhança com Deus Pai (*Theou*) de que fala o Novo Testamento (Cf. Mt 12,13; At 1, 13-26; 4, 27.36) e que é a tradução de *ebed Jahwe*, tal como apresenta Isaías nos cantos do servo.⁷²⁶

⁷²¹ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 35-45.

⁷²² SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 35.

⁷²³ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 35.

⁷²⁴ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 36.

⁷²⁵ Homilia feita por D. Oscar Romero em 21 de outubro de 1979. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 36.

⁷²⁶ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 36.

Ele recorda que Cristo tem um corpo que o torna presente na história e, por isso, é preciso perguntar se esse corpo está crucificado, que parte desse corpo está crucificada e se a crucifixão desse corpo é a presença de Cristo crucificado na história.⁷²⁷ Diante da realidade histórica do Terceiro Mundo, é melhor falar do “Deus crucificado”,⁷²⁸ e mais necessário, falar do “Povo Crucificado”, que eleva a realidade dos povos do Terceiro Mundo à realidade teologal. Nesta realidade, algo vai mal e, por essa razão, fala de “povos crucificados”. Esta linguagem é útil e necessária também na cristologia, pois os Povos Crucificados são os que completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo. Eles são a presença atual de Cristo crucificado na história.⁷²⁹

Recordando as palavras de Monsenhor Romero aos camponeses, sobreviventes de um massacre: “Vocês são a imagem do divino transpassado”, Sobrino afirma que estas são palavras estritamente cristológicas. Elas expressam que nesse Povo Crucificado, Cristo toma corpo na história e que o Povo Crucificado é que o incorpora à história enquanto crucificado.⁷³⁰ Nosso autor compara o povo crucificado como o servo sofredor de Javé e descreve que a cristologização do povo crucificado foi realizada na América Latina ao analisar a coincidência do povo crucificado e de Cristo crucificado com a figura do servo sofredor de Javé. Do servo se diz que “deram-lhe sepultura em meio aos ímpios, um túmulo com os malfeitores” (53,9). Do servo se diz que “ele se humilhava e não abria a boca, como cordeiro conduzido para o matadouro” (53,7). Do servo se diz que “foi eliminado por um julgamento violento” (53,8), em total impotência ante a arbitrariedade e a injustiça. Finalmente, do servo se diz que é inocente: “embora não tivesse praticado a violência nem houvesse falsidade em sua boca” (53,9). Ele afirma que esta é a realidade do povo crucificado. É a realidade das vítimas da história.⁷³¹

Sobrino recorda e cita frases dos dois mártires salvadorenhos, Monsenhor Romero e Ignacio Ellacuría. O primeiro dizia que Jesus Cristo, o libertador, tanto “se identifica com o povo, ao ponto de os intérpretes da Escritura não saberem se o servo de Javé que Isaías proclama é o povo sofredor ou é Cristo que vem nos remir”.

⁷²⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 366.

⁷²⁸ Para um melhor aprofundamento sobre a Teologia de Ignacio Ellacuría, sugere-se a respectiva tese de doutorado: PAULINO, Francisco de Aquino. *A Teologia como inteligência do reinado de Deus*.

⁷²⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 367.

⁷³⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 368.

⁷³¹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 371.

O segundo profetiza: “Esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de Javé, do qual o pecado do mundo continua tirando toda figura humana, o qual os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe até a vida, sobretudo a vida”.⁷³²

Sobrino conclui que a teologização do Povo Crucificado como ‘servo sofredor de Javé’ se impôs na América Latina ante duas realidades fundamentais do servo: o que o servo tem de vítima histórica e o que tem de mistério salvífico.⁷³³ Aqui, a importância de debruçar-se na “soteriologia histórica” que é específica ao povo crucificado. Com o texto de Isaías na mão e com os olhos fixos na realidade salvadorenha, tece magistralmente, uma meditação sobre o povo crucificado em relação ao Servo de Javé.⁷³⁴

Refletindo sobre o mistério do Povo Crucificado, Sobrino diz que o servo é o escolhido por Deus para a salvação.⁷³⁵ Este servo, misteriosa e paradoxalmente, é o eleito de Deus (42,1; 49,3.7). Os povos pobres crucificados,⁷³⁶ as vítimas da história são princípio de salvação. São os portadores da “soteriologia histórica”, e nisso consiste a especificidade e a maior novidade da análise teológica do ‘servo’ que se faz na América Latina. Destarte, Deus escolhe as vítimas da história e faz delas o instrumento principal de salvação, como o é Jesus em sua dupla dimensão de anunciador do Reino e de vítima na cruz. Trata-se do mistério de que a salvação vem “de baixo”, ou seja, o que é fraco e pequeno neste mundo foi escolhido para salvar.⁷³⁷

Sobrino profere que os cânticos de Isaías, além de descreverem a realidade e destino do servo, refletem também sobre o mistério, sobre as causas e consequências de seu destino.⁷³⁸ O ‘servo’ é morto por estabelecer o direito e a justiça;⁷³⁹ é o escolhido por Deus para a salvação;⁷⁴⁰ carrega o pecado do mundo;⁷⁴¹ é luz das nações⁷⁴² e traz salvação.⁷⁴³ Em sua origem, o ‘servo’ é escolhido por

⁷³² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 368.

⁷³³ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 368.

⁷³⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 369-370.

⁷³⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 373.

⁷³⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 374.

⁷³⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 373-375.

⁷³⁸ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 372.

⁷³⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 372.

⁷⁴⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 373.

⁷⁴¹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 374.

⁷⁴² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 376.

⁷⁴³ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 377.

Deus para “levar o direito aos povos” (42,1. 4) e implantar a “justiça” (42,6). Na linguagem que depois Lucas usará, para “abrir os olhos dos cegos, tirar do cárcere os presos e da masmorra os que moram na escuridão” (42,7). Essa é a origem do ‘servo’ e a finalidade de sua missão, e nisso se empenhará ativamente: “Ele não esmorecerá nem se deixará abater até estabelecer na terra o direito” (42,4).⁷⁴⁴ O servo total reproduz tanto a missão como o destino de Jesus.⁷⁴⁵

3.2.2.e.

Mística do seguimento

O ‘seguimento’ remete ao canal da vida real configurado pela vida de Jesus. O ‘com espírito’ remete à força para o caminhar real. E o ‘pro’ remete à necessidade perene de atualização e à abertura à novidade do futuro.⁷⁴⁶

A tese de Sobrino é formulada assim: “o seguimento de Jesus é o canal que se deve percorrer (dimensão cristológica), e o Espírito é a força para percorrê-lo atualizadamente (dimensão pneumatológica)”.⁷⁴⁷ Seguimento e Espírito são realidades convergentes que respondem a diferentes âmbitos de realidade. O seguimento é a estrutura de vida, o canal marcado por Jesus para se caminhar. O Espírito é a força que capacita para caminhar real e atualizadamente por esse canal ao longo da história. Por isso, mais do que seguimento, deve-se falar de pró-seguimento, e a partir daí a totalidade da vida cristã pode ser descrita como ‘pró-seguimento de Jesus com Espírito’.⁷⁴⁸ O Espírito dá força para o seguimento, mas o seguimento é o seu lugar próprio. “O caminho que leva ao conhecimento de Jesus Cristo é o ‘seguimento com espírito’, mas não a ação do Espírito independente do seguimento”. Sobrino explica em nota que escreve “Espírito” ou “Espírito de Deus” (com maiúscula), para se referir ao Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade. E escreve “espírito” com minúscula, para se referir a suas manifestações concretas na história.⁷⁴⁹

Sobrino descreve que os Sinóticos mostram que a vida de Jesus está penetrada por uma força especial, é uma ‘vida penetrada pelo Espírito de Deus’, e por isso seguir a Jesus na história será seguir alguém que, em vida, esteve cheio do Espírito,

⁷⁴⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 372.

⁷⁴⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p., 372-373.

⁷⁴⁶ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 483.

⁷⁴⁷ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 482.

⁷⁴⁸ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 482-483.

⁷⁴⁹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 484.

e o seguimento desse ‘Jesus com “espírito” incluirá no seguidor a disponibilidade a deixar-se afetar pelo que seja “espírito”. Que Jesus viveu, atuou e morreu ‘com espírito’ é inegável. Sua vida de modo algum aparece como coisa mecânica, mas sim sabe lidar com a realidade de um mundo determinado, original e sempre por fazer.

De acordo com Sobrino, as manifestações do Espírito em Jesus são de novidade, de verdade e vida e de êxtase para o Pai. Em relação ao Espírito de novidade, Jesus se põe como criatura diante de Deus. Sua vida está perpassada de espírito de discernimento e de liberdade. Em relação ao Espírito de verdade e vida, é importante perceber que para o próprio Jesus viver significou propiciar a vida, defender aqueles a quem tinha sido arrebatada a vida, e ao propiciar a vida dos pobres o próprio Jesus vive. Sua vida está impregnada do espírito de vida e perpassada pelo Espírito de verdade. A misericórdia – que define o ser humano cabal (o bom samaritano) e o Pai celestial, que, “movido de misericórdia, saiu ao encontro do filho” – é também o que define o próprio Jesus, que age movido pela súplica “tem misericórdia de mim”. A vida de Jesus está perpassada pelo espírito de amor e misericórdia. Em relação ao Espírito de êxtase, vale dizer que a vida de Jesus está perpassada pelo espírito de oração e impregnada pelo espírito de gratuidade. E nisto consiste o verdadeiro êxtase de Jesus, seu descentramento fundamental, seu sair de si mesmo.⁷⁵⁰

O seguimento é o lugar de historizar as manifestações do Espírito de Deus. E, a partir daí, o lugar de reconhecer – doxologicamente – que é o Espírito que nos ensina quem é Jesus, que é a força de Deus para fazer coisas maiores ainda:⁷⁵¹ Jesus de Nazaré nos introduz na história de maneira mais adequada se nos capacita a vivê-la de maneira mais humana, a descentrar-nos para sermos para os outros, a caminhar com esperança para um futuro absoluto, desconhecido, misterioso e utópico, a caminhar com Deus e para Deus. O caminho para se fazer essa experiência é o ‘seguimento de Jesus’, sempre historizado ‘com espírito’ e sempre atualizado pelo ‘Espírito de Deus’. “É isto que significa o seguimento de Jesus como princípio epistemológico”.⁷⁵²

⁷⁵⁰ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 484-486.

⁷⁵¹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 487.

⁷⁵² SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 487.

Sobrino explica que a partir de Jesus Cristo, a fé cristã tem como conteúdo central uma boa notícia: Jesus anuncia e inicia a boa notícia do Reino de Deus, ele mesmo – por seu destino, modo de ser e fazer – é boa notícia, sua ressurreição traz esperança às vítimas e, através delas, a todos.⁷⁵³ Ele também insiste no seguimento de Jesus e em sua estrutura fundamental – que se tem que refazer com espírito e no Espírito – e em que esse seguimento é o caminho para Deus.⁷⁵⁴ Para ele, o seguimento cristão tem alguns elementos. São eles: encarnação conscientemente parcial, prática da libertação, a vontade de Jesus manifestada nas bem-aventuranças.

Segundo Sobrino, encarnar-se é colocar-se no lugar correto que, por sua própria realidade, permite ir optando cristãmente diante das alternativas que se apresentam a todo homem, ao realizar sua própria existência, riqueza ou pobreza, vanglória ou humilhação, poder ou serviço.⁷⁵⁵ Uma prática entendida a partir de Jesus como libertação, como anúncio do Reino de Deus aos pobres e as diversas formas de serviço para que se torne realidade esse anúncio. Uma prática que requer que se firme a esperança como motor que a mantém e o amor como motivação formal.⁷⁵⁶ A seguidora/o seguidor de Jesus deve possuir entranhas de misericórdia na própria luta necessária pela justiça. Deve possuir olhos límpidos para a verdade de Deus que não trivializa ou relativiza por igual todos os projetos históricos dos oprimidos, mas julga-os para que possam dar mais de si. Deve trabalhar pela paz, fazer do pacífico o ingrediente da luta pela justiça, mesmo quando a luta pela justiça, realizada justa e nobremente, implicar alguma forma de violência inevitável que pode chegar, em casos limites, a ser até legítima luta armada. Deve, sobretudo, estar disposto à perseguição, a manter-se com fortaleza dentro dela, até chegar a dar a vida, demonstração do maior amor e verificação do que o seguimento é realmente pró-existência.⁷⁵⁷

Na opinião de Sobrino, um Povo Crucificado que, simultaneamente, mantenha o Deus libertador do Êxodo e o Deus da Cruz, está dizendo que crê em Deus e que entende por esse Deus em quem crê.⁷⁵⁸

⁷⁵³ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 487.488.

⁷⁵⁴ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 487.

⁷⁵⁵ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*. Concilium, n. 173, 1982, p., 35[279]-43[287]. Aqui: p., 39.

⁷⁵⁶ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 40.

⁷⁵⁷ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p., 40-41.

⁷⁵⁸ SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, 42.

3.2.2.f.

Mística da cruz e do martírio

Essencial para a fé em um Deus a partir das vítimas é ‘o não poder deixar de caminhar’. Nas vítimas, existe a exigência absoluta de trabalhar sempre para descê-las da cruz. E a partir delas se recebe a graça e a luz de que, apesar de tudo, é bom continuar caminhando a seu serviço. A postura de ‘não poder deixar de caminhar’, é a tradução histórica do ‘deixar Deus ser Deus’.

Constatamos que esse caminhar, cheio de obscuridade e sofrimento, produz também sentido da vida e alegria. “Nesse caminhar se experimenta que a história e os seres humanos dão mais de si, com o que, apesar de tudo, se pode nomear o mistério da realidade e chamá-la de Abba, Pai”.⁷⁵⁹ Deste modo, “haverá seres humanos que – como Jesus – caminham com Deus e caminham rumo ao mistério de Deus”.⁷⁶⁰

Caminhar na história tem importância para a teologia e, sobretudo, para a identidade cristã. Pois, “enquanto a fé é um caminhar com uma práxis para descer da cruz as vítimas, a teologia é *intellectus amoris*. Enquanto a fé é um caminhar com a esperança de que Deus fará justiça e o carrasco não triunfe sobre a vítima, a teologia é *intellectus spei*. Enquanto a fé é um ‘não poder deixar de caminhar’ porque algo, anterior a nós, nos move a isso,⁷⁶¹ a teologia é *intellectus gratiae*”.⁷⁶²

Confirmamos, portanto, que o cristianismo é uma religião da *ágape*, animado de esperança e questionado pela própria existência das vítimas.⁷⁶³ As mesmas, fazem com que a *ágape* seja histórica e transformadora da história.⁷⁶⁴ Neste sentido, o Cristianismo oferece luz nesse caminhar e é exímio “no saber como caminhar na história, como caminhar sempre e apesar de tudo e como caminhar humanizando os outros, as vítimas e a si mesmo”.⁷⁶⁵

De acordo com Sobrino, o caminhar está envolto no mistério da origem e do fim, mistério anterior a nós, do qual provimos que move a fazer o bem e nos atrai a esperar a vida definitiva:

⁷⁵⁹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 498.

⁷⁶⁰ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 498.

⁷⁶¹ “Havia em meu coração algo como um fogo ardente, preso a meus ossos, e embora eu me esforçasse por abafá-lo, não podia” (Jr 20,9).

⁷⁶² SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 498.

⁷⁶³ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 499.

⁷⁶⁴ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 499.

⁷⁶⁵ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 499.

Nesse caminhar histórico, sem sair da história, mas encarnando-se e aprofundando nela, pode ocorrer que a realidade dê mais de si, e pode crescer (ou decrescer) a convicção de que caminhar é um nascer, que existe uma origem última na qual se dá a iniciativa para todo o bem (a protologia) e de que caminhamos para um fim último plenificante (a escatologia). Este é um saber de fé, não mais histórico, mas transcendente: o caminhar está envolto no mistério da origem e do fim, mistério ulterior a nós, do qual provimos, que move a fazer o bem e nos atrai a esperar a vida definitiva.⁷⁶⁶

Tal mistério é graça. E as vítimas deste mundo são a mediação dessa graça. Das vítimas da história, portanto, provém o dinamismo para a práxis do caminhar e da teimosia de esperar contra toda a esperança. Elas exigem uma religião do caminhar e oferecem a direção desse caminhar e a graça para continuar caminhando.⁷⁶⁷

À luz da identidade cristã em nosso tempo, somos convocados a caminhar com a teimosia da esperança, correspondendo com uma resposta pessoal à parábola viva que é Jesus Cristo.⁷⁶⁸ De onde proverá o ânimo? Respondemos: “Daqueles que animam a vida real, aqueles que hoje parecem em vida e em morte com Jesus”.⁷⁶⁹ De fato, Jesus Cristo é o caminho de Deus para este mundo de vítimas e de mártires. Jesus Cristo é o caminho para o Pai. Jesus Cristo é o caminho para os seres humanos, sobretudo para os pobres e as vítimas deste mundo.⁷⁷⁰

Inúmeros são aqueles que, no altar da mãe Terra, oferecem sua vida por amor ao pobre, ao oprimido e desprezado, e com esperança de que sua entrega geraria vida, justiça e dignidade. Estas pessoas “são conseqüentemente misericordiosas até o final”.⁷⁷¹ Tal atitude magistral, nos impele a sempre de novo, “repensar o martírio”. Inúmeras são as pessoas que chegam a dar a vida pelos mais fracos, que reagem com misericórdia para defender as vítimas da ordem econômica, e por isso, são assassinadas violenta, injusta e indefesamente.⁷⁷² Vale dizer, as mortes dos mártires são, antes de tudo, expressão do amor ao pobre e à vítima, e sua excelência provém desse amor.⁷⁷³

⁷⁶⁶ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

⁷⁶⁷ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

⁷⁶⁸ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

⁷⁶⁹ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

⁷⁷⁰ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p., 500.

⁷⁷¹ OKURE, T; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio*. Em: *Conclium*/299, 2003/1, p., 7.

⁷⁷² OKURE, T; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio*, p., 7.

⁷⁷³ OKURE, T; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio*, p., 7.

A realidade deste mundo marcado pela crueldade que gera morte de milhões de seres humanos faz pensar e repensar o martírio.⁷⁷⁴

Em nível de memória cruel, eis uma das barbáries ocorridas, mas por ‘honradez com o real’, tornou-se sinal de vida e esperança: “Fazendo um paralelo entre a Baixada e Kosovo, o jornalista diz que os bombardeios da Otan não mataram tanta gente quanto a guerra silenciosa da Baixada Fluminense. Entre 24 de março e 09 de junho de 1999, enquanto durou a ofensiva da Otan sobre os Balcãs, os 12 municípios da Baixada somaram 647 mortos, contra 606 registrados na guerra. ‘A fé no lugar da dor. Uma Igreja foi construída na mesma casa em que família foi chacinada há 11 anos. Na noite do dia 3 de maio de 1988, no jardim Amapá, cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, o terror passou pela casa do comerciante Sebastião, a mulher, Maria das Neves, grávida de quatro meses, e as filhas, Eliete, de 9 anos, Elionete, de 7, e Elizete, de 5. Estupraram Maria das Neves, um de cada vez, num ritual de sadismo. As três garotas assistiram a tudo. Depois, mataram a facadas o que restou da mulher. Em seguida, foi a vez das meninas. Foram mortas a golpes de faca diante do pai. Amordaçado, ele assistia a tudo. Foi o último a ser assassinado. Morreu enforcado, com uma corda no pescoço. Paraibano, radicado há dez anos na Baixada, Sebastião, 30 anos, tinha um pequeno bar no bairro e não permitiu que os traficantes da área vendessem drogas para seus fregueses. Os bandidos encararam isso como um desafio. Era uma família honesta, trabalhadora. As meninas frequentavam a catequese e ele estava construindo a casa em que sua família foi assassinada’, lembra padre Bruno Costanzo, pároco do Jardim Amapá. Onze anos depois, o crime segue impune. Nenhum dos matadores foi identificado. A resposta à barbárie veio dos moradores. Ergueram a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires da Baixada na mesma casa em que a família foi assassinada. A igreja foi inaugurada em 11 de agosto. O quarto da tragédia virou uma capela. ‘Hoje é lugar de encontros religiosos’, diz a cozinheira Jorgina Alves. Um cartaz na entrada confirma. Com uma foto de Eliete, Elionete e Elizete, ali está escrito: ‘Este lugar é sagrado. Aqui foram sacrificados nossos mártires e Jesus espera por você’”.⁷⁷⁵

⁷⁷⁴ OKURE, T; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio*, p., 9.

⁷⁷⁵ MEDEIROS, Alexandre. *A violência como rotina*. Revista *Época*, n. 67, p., 60-63, agosto. 1999.

A realidade é inegável, mas as vítimas nem nome têm eclesial ou teológico, e muito menos ainda se concebe algum tipo de dignidade à sua morte.⁷⁷⁶ É importante insistir que diante deste ‘mundo cruel’, torna-se urgente ‘repensar o martírio’, bem como assumir uma postura atenta à realidade social, eclesial e teológica. A existência da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada que continuamente acolhe o povo de Deus para celebrar o memorial da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, comprova que houve e há sensibilidade, ‘misericórdia’ e ‘honradez com o real’ por parte das lideranças eclesiais das Igrejas Diocesanas de Duque de Caxias e São João de Meriti e de Nova Iguaçu. Estas abraçam e acolhem o ‘Memorial dos Mártires’ e os nomeia.

O martírio é ‘eixo central da teologia de Sobrino’. José Sols se surpreende que na Notificação da Congregação para a Doutrina da fé sobre as obras de Jon Sobrino, não aparece as palavras “mártir”, “martírio”; nem tampouco um verbo ou adjetivo com esta raiz: “martirial”, “martirizar”. Ele diz que é incompreensível tamanho descuido após seis anos de estudo destas duas obras de Sobrino,⁷⁷⁷ pois esse, bem como toda a comunidade jesuíta de El Salvador, esteve ameaçado de morte por grupos vinculados ao exército salvadorenho (União Guerra Branca, major [Roberto] D’ Aubuisson, esquadrões da morte etc.) desde 1977 até, aproximadamente, 1991.⁷⁷⁸

Sobrino é “mártir sobrevivente”. Entre os anos 1977-1991, Sobrino “se levantava todo dia com o temor de que uma bala ou uma bomba acabasse com sua vida, mas possuía a convicção de que estava onde tinha que estar. A Universidade Centroamericana (UCA), de El Salvador, onde é professor de Teologia, foi alvo, durante aqueles anos, de 25 bombas. As ameaças não eram brincadeiras de mau gosto: o pe. Rutilio Grande, sj, foi assassinado em 1977; o arcebispo dom Oscar Romero, em 1980; quatro missionárias norte-americanas, em 1980; seis jesuítas da UCA, em 1989 e uma multidão de agentes da Palavra, catequistas e educadores católicos foram assassinados por anunciar que o Deus da Vida que se mostrou em Israel e em Jesus Cristo condenava aquelas injustiças e aquela opressão” por uma grande causa.⁷⁷⁹ Com Sols, afirmamos que Jon Sobrino é uma testemunha viva do

⁷⁷⁶ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio*. In: Concílium/299, 2003/1, p., 10.

⁷⁷⁷ SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 298.

⁷⁷⁸ SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 298.

⁷⁷⁹ SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 298.

Cristo que deu sua vida pelos demais até morrer na cruz; felizmente, ele continua vivo, mas sua teologia, sua fé, é a mesma dos seis mártires da UCA, que são o grande símbolo das 75 mil pessoas que morreram em El Salvador durante aqueles anos, e das mais de 200 mil pessoas que morreram na vizinha Guatemala, para não citar outros países do Subcontinente. Os padres Jon Sobrino e Rodolfo Cardenal, únicos membros da comunidade dos jesuítas que não estavam em casa naquela noite, ficaram como testemunhas vivas daquelas Testemunhas Vivas que foram os seis mártires da UCA e as duas mulheres, Elba e Celina Ramos.⁷⁸⁰

A “opção livre e evangélica” de Sobrino continua junto às maiorias sofredoras da terra. Inesquecível é o papel que o martírio teve na fundação da Igreja, assim como ao longo de sua história. Dado central da fé cristã é a morte de cruz do Senhor, assim como a morte martirial da maioria dos doze apóstolos, do apóstolo Paulo e de centenas de cristãos das primeiras comunidades cristãs.⁷⁸¹ “O cristianismo é ininteligível sem seu nervo martirial”.⁷⁸²

A teologia de Sobrino é igualmente ininteligível sem aludir à figura do arcebispo dom Oscar Romero. A pastoral do arcebispo Romero em sua diocese, desde 1977 (quando foi nomeado Arcebispo da capital, concretamente a partir do dia do assassinato de seu bom amigo, o pe. Rutilio Grande, sj, em 12 de março) até 1980 (quando foi assassinado), constitui uma das mais brilhantes transparências do Reino de Deus na Igreja contemporânea. Suas homilias, seus textos pastorais e seus discursos serão estudados e rezados na Igreja durante séculos.⁷⁸³

Romero teve em Jon Sobrino seu principal teólogo e por ele foi consultado em múltiplas ocasiões. A teologia de Romero⁷⁸⁴ era a teologia de Sobrino.⁷⁸⁵

No artigo intitulado *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, Sobrino recorda frases pronunciadas por Ignacio Ellacuría sobre a pessoa de Romero e confirma-o como “Pai da Igreja”, pois “foi um enviado de Deus para salvar seu povo”.⁷⁸⁶ Aqui, descreve o itinerário de “conversão” para gerar uma “nova” Igreja.

⁷⁸⁰ SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 301.

⁷⁸¹ SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 299.

⁷⁸² SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 299.

⁷⁸³ SOLS, José. *Teologia do martírio*, p., 299.

⁷⁸⁴ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. In: *Concílum*/333, 2009/5, p., 85-95.

⁷⁸⁵ SOLS, José. *Teologia do martírio*, 300.

⁷⁸⁶ ELLACURIA, I. *Monseñor Romero: um enviado de Dios para salvar a su mundo*. Em *Sal Terrae*, 81, (1980), 825-832. Apud. SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. *Concílum*, 333-2009/5, p., 85-95. Aqui: p., 85.

Padre de uma Igreja profética e martirial a serviço de Deus e da libertação, Dom Romero caminhou com maior decisão como seguidor de Jesus. Durante três anos, serviu ao Reino de Deus, sempre consciente de lutar contra o antirreino. Neste sentido, pôs a Igreja a serviço do Reino. Sobrino testemunha que Dom Romero fez uma opção total pelos pobres. E, portanto, aos pobres anunciou a boa notícia da libertação e de um Deus libertador. Dom Romero viu nos pobres, o Cristo crucificado. Nos pobres, escutou a voz de Deus e neles encarnou-se.⁷⁸⁷

E assim era, porque a Igreja que ele servia era uma ‘Igreja de mártires’. Sobrino relata que durante os três anos do ministério de D. Romero, muitos sacerdotes, delegados da palavra, leigas e leigos morreram assassinados. “Era o martírio de Jesus em nossos dias. E houve massacres de camponeses. Era o “servo sofredor de Javé”.⁷⁸⁸ Sobrino diz que ao falar de um sacerdote assassinado, D. Romero explicou com clareza as razões do martírio: “Mata-se a quem estorva..., como mataram a Cristo” (23 de setembro de 1979). E pronunciou palavras de causar calafrios: “Alegro-me, irmãos, de que nossa Igreja seja perseguida” (15 de julho de 1979). “Seria triste se numa pátria em que se está assassinando tão horrorosamente não contássemos entre as vítimas também os sacerdotes”. Eles são o testemunho de uma Igreja encarnada nos problemas do povo” (4 de julho de 1979).⁷⁸⁹ Ele mesmo animou a Igreja a ser Igreja de Jesus e Igreja salvadoreña, e por esta razão alegrou-se de ser uma Igreja martirial. Morreu como seu povo pela causa da libertação.⁷⁹⁰

Neste mundo de pobres de vítimas, urge recordar e retornar, portanto, à Dom Romero e à Igreja de mártires. Dom Romero deve continuar sendo referência de uma Igreja que quer parecer-se com Jesus, num mundo que gera tantas mortes.⁷⁹¹ Para isso, necessita-se urgentemente de profecia e testemunho no seguimento para anunciar a boa notícia da libertação e de um Deus libertador.

⁷⁸⁷ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. Concilium, 333-2009/5, pp.85-95. Aqui: p., 85-86.

⁷⁸⁸ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. Em: Concilium/333, 2009/5, pp. 85-95. Aqui: p., 92.

⁷⁸⁹ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, p., 92.

⁷⁹⁰ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, p., 93.

⁷⁹¹ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, p., 93.

3.2.3

Profecia e Testemunho no despertar da inumanidade para as não vítimas

De acordo com Sobrino, as vítimas necessitam urgentemente da mediação: um Reino de Deus que satisfaça plenamente suas esperanças messiânicas.⁷⁹² Elas são a imensa maioria da humanidade e necessitam de utopias para tornar possível a vida.⁷⁹³ O Terceiro Mundo continua esperando que apareçam “líderes com coração de carne” que lhes deem esperança e ofereçam caminhos de vida.⁷⁹⁴ Ele diz que tanto em El Salvador, bem como em outros países latino-americanos, as vítimas tomaram a palavra e se puseram a produzir suas esperanças que encontraram eco em pastores como Dom Romero e em intelectuais como Ignacio Ellacuría, os quais foram testemunhas proféticas numa Igreja martirial.⁷⁹⁵ Sobrino testemunha que Dom Romero serviu ao Reino de Deus durante três anos, sempre com a consciência de ter de lutar contra o antirreino e pôr a Igreja a serviço do Reino. Pregava com a Bíblia em uma das mãos e com a realidade na outra, e estando imerso nela. Sua prece, na véspera de seu assassinato, configura sua vida profética e martirial: “Peço ao Senhor, durante toda a semana, enquanto vou recolhendo o clamor do povo e a dor de tanto crime, a ignomínia de tanta violência, que me dê a palavra oportuna para consolar, para denunciar, para chamar ao arrependimento” (Homilia do dia 23 de março de 1980).⁷⁹⁶

De acordo com Francisco de Aquino Paulino, Ignacio Ellacuría é “contado entre os teólogos da libertação e como tal é conhecido e reconhecido; ele mesmo se considerava um teólogo da libertação; é um mártir do reinado de Deus, do povo salvadorenho”.⁷⁹⁷ “Como um ‘mártir teólogo’, fez do seu quefazer teológico uma forma privilegiada de testemunho da Verdade, do Evangelho”.⁷⁹⁸ Em El Salvador, os pobres e as pessoas de bem, ‘nunca haviam sentido Deus tão perto, o Espírito tão

⁷⁹² SOBRINO, Jon. *Messias e messianismos*, p., 144.

⁷⁹³ SOBRINO, Jon. *Messias e messianismos*, p., 133.

⁷⁹⁴ SOBRINO, Jon. *Messias e messianismos*, p., 133.

⁷⁹⁵ SOBRINO, Jon. *Messias e messianismos*, p., 133.

⁷⁹⁶ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. In: *Concílum*/333, 2009/5, p., 85-95. Aqui: p., 91.

⁷⁹⁷ PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, p., 86-87.

⁷⁹⁸ PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, p., 86-87.

operante, o Cristianismo tão verdadeiro, tão cheio de sentido, tão cheio de graça e de verdade.⁷⁹⁹

O “martírio” é um conceito histórico. Para “repensá-lo”, será preciso analisar a realidade que o faz existir e por que o leva a efeito. Nesta análise, é importante incluir também as imensas maiorias, vítimas de uma morte injusta, violenta ou lentamente. Nesta reflexão acerca do martírio, Sobrino se baseia no que sucedeu nas últimas décadas no Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina, onde o “martírio” foi originado por razões históricas, sociais, militares, políticas e econômicas. E está conceitualizada, fundamentalmente, a partir da tradição bíblico-jesuânica, da experiência latino-americana e de situações semelhantes na Ásia e na África.⁸⁰⁰

Sobrino diz que há um mundo de vítimas e vitimários. A globalização contribuiu no acúmulo dos ‘excluídos’ e por isso é preciso falar de vitimários. Estes são responsáveis pelos milhões de seres humanos que continuam sofrendo, injusta e inocentemente, mortes violentas em repressão, guerras e massacres. Bem como, pelo incontável número daqueles que sofrem uma morte lenta, por causa da pobreza, sobretudo mulheres e crianças, além da morte de sua dignidade, de suas culturas. Sobrino lembra que conforme os dados da atualidade, 1,300 milhões têm que viver com menos de um dólar por dia; na República Democrática do Congo, nos últimos quatro anos, morreram em torno de três milhões de seres humanos numa guerra provocada pelos países poderosos para conseguir o controle dos minérios. A maioria dessas mortes tem causa históricas. Por ação, quando são infligidas por instituições e estruturas; ou por omissão, quando muitas dessas tragédias não são eliminadas, podendo sê-lo.⁸⁰¹

Ele ressalta que ante o mundo cruel, encontra-se um mundo de compaixão que conduz ao amor supremo. Nele, encontram-se pessoas que, diante das vítimas, reagem e procuram defendê-las de diversas formas e às vezes o fazem até o fim.⁸⁰² Inclusive, há mortes (torturas físicas e psicológicas) por fidelidade à fé, a uma

⁷⁹⁹ SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. In: *Concílium*/333, 2009/5, p., 85-95. Aqui: p., 94.

⁸⁰⁰ SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*. Em: *Concílium*/299, 2003/1, p., 12.

⁸⁰¹ SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*. Em: *Concílium*/299, 2003/1, p., 13.

⁸⁰² SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p., 13.

religião ou Igreja. É a morte sofrida no testemunho da fé. Aqui está a compreensão normal e canônica do martírio.⁸⁰³

Profetizar na sociedade ou na Igreja significa recordar a morte dos mártires para descer da cruz os Povos Crucificados. A “eles, devemos mostrar-lhes dor, compaixão, reverência”.⁸⁰⁴ Vale dizer, os mártires são mestres e ensinam uma grande lição: “Viver é aprender a sofrer com a graça, elegância, generosidade; a lutar, sim, mas aceitando ao mesmo tempo o sofrimento e a tragédia sem ódio e sem perder a esperança”.⁸⁰⁵

É necessário contemplar este mundo cruel à luz da compaixão e resgatar a memória dos mártires das diversas religiões, demonstrando que têm um traço em comum: “aceitaram sofrer a morte violenta por uma fé e/ou uma causa”. Segundo Sobrino, nas diversas religiões e ideologias humanitárias, ortoga-se as suas mortes uma especial “dignidade”, e “excelência”, independentemente dos termos que se usam para designá-la.⁸⁰⁶

3.2.3.a.

Profecia diante do clamor das vítimas

Jesus foi um ‘iluminado’ em relação à verdade de Deus e um ‘mestre da suspeita’ em relação ao uso que se faz de Deus.⁸⁰⁷

Sobrino apresenta Jesus Cristo como uma ‘parábola aberta’, e diz que de nós depende aceitar ou não o que ela significa.⁸⁰⁸ Ele recorda que Jesus de Nazaré foi homem de misericórdia e de fidelidade, de boa notícia para os pobres e de denúncia dos opressores, de esperança na vinda do Reino e de fortaleza até a cruz.⁸⁰⁹ “Jesus foi honrado com a realidade e desmascarou a mentira que a oprime”.⁸¹⁰ A finalidade de Jesus em suas práxis consistia em desideologizar, ou seja, libertar os seres humanos da armadilha de justificar situações injustas e inumanas na consciência

⁸⁰³ SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p 13

⁸⁰⁴ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio. Em: Concílium/299, 2003/1*, p., 10.

⁸⁰⁵ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio*, p., 11.

⁸⁰⁶ SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p., 12.

⁸⁰⁷ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 70.

⁸⁰⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 12.

⁸⁰⁹ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 70.

⁸¹⁰ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 70.

social.⁸¹¹ Para Jesus, “os seres humanos têm dificuldade em manter a honradez com a realidade de Deus e a manipulam”.⁸¹² Ele diz que junto com a injustiça estrutural e a violência institucionalizada existe o encobrimento, a mentira institucionalizada e que é importante deixar a realidade falar. Alerta que “oprimir a verdade com a injustiça” é pecado fundamental e que tem consequências profundas tal como ele as destaca: “a realidade perde sua transparência e sua capacidade de ser sacramento (de Deus); o coração do ser humano entenebrece e fica entregue a todos os vícios (Romanos 1, 18-32)”.⁸¹³ Recorda a expressão de Karl Rahner:⁸¹⁴ ‘a realidade quer tomar a palavra’. E se ‘a palavra se fez realidade (carne, *sarx*), a realidade quer fazer-se palavra’. Portanto, afirma que a realidade deixa de ser realidade factual, silenciosa, oprimida e tergiversada, tornando-se realidade “real”, realidade falante e liberada.⁸¹⁵ Afinal, “a realidade que se aborda é o sofrimento”, e este, deve ser lembrado ‘não somente por razões de humanidade, mas porque é necessário para constituir o pensamento’.⁸¹⁶

Importa lembrar que a origem histórica da revelação acontece quando Deus escuta a palavra da realidade, palavra que toma forma de um ‘clamor’ de seres humanos sofredores (Êxodo 3,7). E que a origem da palavra ‘clamor’ é uma ajuda hermenêutica de singular importância para buscar e escutar a palavra que a realidade pronuncia ao longo da história.⁸¹⁷ Para escutar a palavra verdadeira da realidade, é necessário levar a sério tanto a ‘época histórica’ quanto a ‘geografia’ onde se escuta a palavra da realidade, pois a história mostra que não se escutam nem se discernem ‘as mesmas coisas’ em um lugar ou em outro.⁸¹⁸

Sobrino tem afirmado que a tradição latino-americana de Medellín e Puebla está sendo ignorada. Tanto Medellín quanto Puebla veem a irrupção do pobre como o grande sinal dos tempos, o que, por um lado, descreve adequadamente a realidade e, por outro, mostra o lugar da presença de Deus.⁸¹⁹ Medellín e Puebla compreendem a palavra da realidade como clamor e, com isso, retornam à tradição

⁸¹¹ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 70

⁸¹² SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 72.

⁸¹³ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 74.

⁸¹⁴ RAHNER, K. *Para uma teologia Del símbolo. Escritos de teologia*. Madri: Taurus, 1962. V. IV, pp. 283-321. Apud. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 76.

⁸¹⁵ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 76.

⁸¹⁶ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 80.

⁸¹⁷ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 76-77.

⁸¹⁸ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 77.

⁸¹⁹ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 78.

do Êxodo. O “evento Medellín”, em 1968, analisava a realidade do continente: “Essa miséria, como fato coletivo, é uma injustiça que clama aos céus” (Justiça 1). Puebla, em 1979, dizia: “Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não chega a eles de lugar nenhum” (Pobreza da Igreja, n. 2). “O clamor pode ser crescente, impetuoso e, em certas ocasiões, ameaçador” (n. 88s).

Sobrino diz que é importante dar voz à realidade, pois se ela fala e Deus pode falar nela, especialmente na forma de clamor, então temos que escutá-la. Nesta postura, manifesta-se, pois, a essência do ser humano: ser “ouvinte da palavra” e inicia-se sua própria humanização. Portanto, “chegar a ser humano é, definitivamente, dar voz e palavra à realidade, quando esta é silenciada e oprimida, colaborar com sua balbúcia para que se transforme em palavra clara – ao mesmo tempo exigente e portadora de uma promessa”.⁸²⁰

Em relação à tradição de Jesus, apresenta a grande verdade de que existe a realidade dos pobres, massificada, cruel e injusta. E disso tiram-se as consequências: a denúncia daqueles que causam a pobreza e a defesa dos pobres.⁸²¹ “Jesus aparece em relação constitutiva com o Reino de Deus, e que este Reino é, diretamente, para os pobres. Esse fato fundamental faz dos pobres – *a priori*, se preferir – algo central nos evangelhos”.⁸²² Ele ressalta:

Digamos, em tese, que se os pobres desaparecessem dos evangelhos (não somente quando são mencionados com o nome de ‘pobres’, mas de muitas outras maneiras), o texto evangélico ficaria notoriamente reduzido. Mas mais importante do que o fato quantitativo é o qualitativo: sem a realidade dos pobres deixariam de ter sentido a pessoa, as palavras e a práxis de Jesus. Também sua oração ao Pai e seu destino na cruz.⁸²³

Recordando a realidade de seu fazer teológico, Sobrino diz que El Salvador é um país vulnerável porque é pobre devido à injustiça.⁸²⁴ E acrescenta que ‘não podemos falar do El Salvador real sem falar de injustiça e de injustiça estrutural’. E mais, que a injustiça crucifica; e ‘a diferente forma de crucificação’ dependerá das circunstâncias.⁸²⁵ Para ele, a realidade é aterrorizante.⁸²⁶ Viver é uma carga

⁸²⁰ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 78.

⁸²¹ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 98.

⁸²² SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 98.

⁸²³ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 98.

⁸²⁴ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 85.

⁸²⁵ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 89.

⁸²⁶ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 95.

pesada sempre, e os pobres estão mais desvalidos para suportá-la. Eles são sempre os mais vulneráveis diante dos ricos e das pragas sociais.⁸²⁷

A tradição bíblica cristã nos diz que a redenção vem dos pobres e dos desprezados da terra.⁸²⁸ O símbolo central da redenção é o Crucificado e Ressuscitado. O povo crucificado poderá redimir a globalização superando a “civilização dos ricos” através de sua “civilização da pobreza”.⁸²⁹ A revelação de Deus é reação ao sofrimento que alguns seres humanos infligem a outros: o sofrimento das vítimas. Sobrino nomeia esta reação de “misericórdia”. Para Sobrino, a misericórdia deve ser historizada segundo a vítima e quando esta, é todo um povo oprimido, a misericórdia se torna necessariamente justiça.⁸³⁰ Portanto, urge compreender a misericórdia como princípio que permanece presente e atuante ao longo de todo o processo, dando-lhe rumo e conteúdos fundamentais, ou seja, como princípio que principia realidades importantes e duradouras.⁸³¹ É o que se verá no item a seguir.

3.2.3.b.

Profecia e misericórdia: a reação de Deus

O Ressuscitado é Jesus de Nazaré, aquele que anunciou o Reino de Deus aos pobres, denunciou os poderosos, foi perseguido e injustiçado, e manteve em tudo isso uma radical fidelidade à vontade de Deus e uma radical confiança nesse mesmo Deus, que chamava de Pai.⁸³² A ressurreição de Jesus, como ação fundante do Novo Testamento, é também uma ação libertadora: fazer justiça a uma vítima.⁸³³ A ressurreição de Jesus transmite que Deus é o Deus libertador de vítimas.⁸³⁴ A ressurreição diz ‘alteridade’ com relação às vítimas e a cruz diz ‘afinidade’. A ressurreição diz que em Deus há radical alteridade com relação aos seres humanos, que Ele pode conseguir o que para estes é afinal de contas impossível: a libertação e a salvação absolutas. Na ressurreição – a ‘alteridade’ de Deus – apareceu a

⁸²⁷ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 91.

⁸²⁸ SOBRINO, Jon; WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema. Em: Concilium/293, 2001/5, p., 13.*

⁸²⁹ SOBRINO, Jon; WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema, p., 13.*

⁸³⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo, p., 132.*

⁸³¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo, p., 133.*

⁸³² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo, p., 134.*

⁸³³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo, p., 133.*

⁸³⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo, p., 134.*

‘eficácia’ do amor. A cruz, por seu lado, diz ‘afinidade’ de Deus com as vítimas: nada na história pôs limites à proximidade de Deus. O libertador e salvífico de um Deus crucificado está em que as vítimas possam superar a solidão e orfandade radicais, possam superar a indignidade total.⁸³⁵

Sobrino afirma que na experiência das vítimas, o Deus ressuscitador-libertador exprime a eficácia do amor e da salvação, e o Deus crucificado-solidário exprime a credibilidade, a graça e a ternura. O Deus libertador exprime a alteridade, e o Deus crucificado, a afinidade. Para ele, é importante enfatizar a realidade do Deus menor, pois algo existe neste Deus que atrai as vítimas. Por isso é necessário recordar sempre o Deus crucificado superando o reducionismo da cruz. Portanto, importa manter a dialética que dá a Deus o novo e definitivo nome: “Deus é amor” (1 Jo 4,8.16): a ação libertadora de Deus na ressurreição e a passividade solidária na cruz.⁸³⁶

Deus se mostra como parcial para com as vítimas, e a partir daí como Deus universal; mostra-se como amor ativo-libertador e passivo-solidário; e se mostra como o Deus do futuro, Deus a caminho. Se o Mistério de Deus exige como coisa central caminhar na história, terá que ver não só como Jesus é Sacramento do Pai, mas também como é Caminho para o Pai. Portanto, a fé em Jesus Cristo assume em sua realidade existencial, na *fides qua*, essa dupla dimensão de crer em Cristo como o Filho que faz presente o Pai, descendentemente e como o Caminho que leva ao Pai ascendentemente. O seguimento de Jesus será elemento da constituição dessa fé diante do e no Mistério de Deus.⁸³⁷ E que a identidade cristã pode ser compreendida como o modo de caminhar na história respondendo e correspondendo a esse Deus e confirma que é uma forma de compreender o humano a partir do Deus que se revela na páscoa de Jesus.⁸³⁸

Caminhar humildemente com Deus na história é concreto e exige o deixar Deus ser Deus, com o que se mantém o seu Mistério. Sobrino afirma que esse caminhar produz também alegria e sentido da vida, nele se experimenta que a história e as pessoas dão mais de si, e deste modo se pode dar a esse mistério o nome de *Abba*, Pai. E enquanto isso ocorrer, haverá seres humanos que, como Jesus,

⁸³⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 140.

⁸³⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 141.

⁸³⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 147.

⁸³⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 148.

caminham rumo ao Mistério de Deus. E Deus se lhes converte em mistério de graça.⁸³⁹ Com a ressurreição fica reformulado de maneira nova o Mistério da *fides quae*, mas permanece, e até em maior grau, a *fides qua*: a entrega ao Mistério.⁸⁴⁰

De acordo com Sobrino, a ressurreição de Jesus pode ser descrita como uma ação em princípio histórica enquanto acontecida na história, como uma afirmação querigmática, enquanto esta ação é atribuída a Deus na fé, e como uma afirmação doxológica enquanto afirma algo de Deus em si mesmo: Deus ressuscitador, é o Deus das vítimas. É importante frisar que na passagem da afirmação histórica à afirmação querigmática e à doxológica, não só está em jogo uma nova formulação da *fides quae*, mas um novo exercício da *fides qua*.⁸⁴¹ Com isso, conclui que a ressurreição de Jesus é uma ação a partir da qual e, atribuindo-a a ele, Deus se revela em sua realidade-conteúdo. E, por isso, é uma afirmação de tipo querigmático, até certo ponto controlável. Por ser afirmação querigmática, desemboca em uma afirmação doxológica de realidade-mistério diante da qual só fica a entrega do eu, o deixar Deus ser Deus. Tal entrega pode ser compreendida segundo o modelo do culto ou segundo o caminhar humildemente. O importante é que Deus continue permanecendo mistério.⁸⁴²

Para Jesus, Deus é Pai, mas o Pai continua sendo Deus. Jesus descansa em um Deus que é Pai, mas esse Pai não o deixa descansar porque é Deus. De modo semelhante, a partir da ressurreição podemos dizer que Deus é o libertador das vítimas em quem podemos confiar, mas esse libertador continua sendo Deus, a quem devemos entregar-nos.⁸⁴³

3.2.3.c.

Profecia e capacidade para carregar a realidade

Muitos devem ser os ídolos em nosso mundo, pois milhões de seres humanos são as vítimas.⁸⁴⁴

O que torna eficaz qualquer ideal humanizador e libertador pelo qual se trabalha e se luta, é “o ‘carregar a realidade’, que expressa o Mistério do Amor

⁸³⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 148.

⁸⁴⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 148-149.

⁸⁴¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 150.

⁸⁴² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 151.

⁸⁴³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 152.

⁸⁴⁴ SOBRINO, Jon, *Onde está Deus?* p., 21.

como resposta ao enigma da iniquidade. Na linguagem tradicional, o *mysterium salutis* (o amor) é a outra face – misteriosa – do *mysterium iniquitatis* (a maldade)”.⁸⁴⁵

O Mistério não explica as coisas. Entretanto, sem o Mistério, não sabemos o que fazer com realidades tão profundas como o amor, a reconciliação, o perdão, a salvação. Todas estas realidades profundas são necessárias para que este mundo seja humano, especialmente em tempos de barbárie e terrorismo.⁸⁴⁶ Neste sentido, testemunhamos e afirmamos que quem carrega a realidade até o final são os mártires.

Mártires são os que vivem e morrem como Jesus porque defendem os pobres e oprimidos. São chamados de ‘mártires jesuânicos’. E são mártires – e aqui temos uma novidade importante, quase nunca levada em consideração – as maiores massacradas de maneira inocente ou sem defesa, inclusive independente de sua religião.⁸⁴⁷

A universalidade do ‘martírio’ pode servir como princípio utópico e como eixo sobre o qual gire uma globalização humana de solidariedade.⁸⁴⁸ Se considerarmos os mártires especificamente, a partir da tradição bíblico-cristã, queremos chamá-los de mártires jesuânicos, porque morrem como Jesus por terem vivido, trabalhado e lutado como ele.⁸⁴⁹

A mística dos mártires provém de um profundo amor ao pobre, no amor de Jesus, e uma defesa do oprimido, como a de Jesus. Os mártires apontam para uma esperança de que haverá justiça para as vítimas.⁸⁵⁰ Tratando-se de cristãos, são mártires na Igreja, mas não são, formalmente falando, mártires da Igreja. Igualmente, a partir da tradição bíblico-cristã, o martírio aparece como uma realidade universal e ecumênica. Aqueles que agiram e agem profeticamente inseridos na realidade, com capacidade para carregá-la com humildade e sempre a caminho são mártires da humanidade.⁸⁵¹

⁸⁴⁵ SOBRINO, Jon, *Onde está Deus?* p., 22.

⁸⁴⁶ SOBRINO, Jon, *Onde está Deus?* p., 23.

⁸⁴⁷ SOBRINO, Jon, *Onde está Deus?* p., 23.

⁸⁴⁸ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio. Em: Concílium/299, 2003/1, p., 8.*

⁸⁴⁹ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio, p., 8.*

⁸⁵⁰ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio, p., 8.*

⁸⁵¹ OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. *Repensar o martírio, p., 8.*

A esperança surge da compaixão e do amor. No momento atual, esta esperança surge da reconciliação, do perdão, da imensa reserva de santidade primordial que existe no Terceiro Mundo. A esperança também surge da solidariedade de pessoas e grupos que, vivendo no mundo da abundância, não se deixam vencer por sua lógica e encontram o sentido da vida ao ao solidarizar-se com as vítimas deste mundo.

Na opinião de Sobrino, há poucas teologias que registram adequadamente reflexões cristãs sobre pecado e vítimas, salvação e redenção. Por isso ele cita Ignacio Ellacuría frequentemente, pois este pensou sobre todas estas questões e de maneira exemplar. E assim o fez, com sua excepcional inteligência, bem como, por “estar na” realidade da tragédia e da compaixão.⁸⁵²

3.2.3.d.

A perspectiva das vítimas ‘com olhos fixos em Jesus’ (Hb 12,2)

A priori deve-se dizer que toda afirmação sobre Jesus Cristo, se é verdadeira, algo de importante terá a dizer sobre seu povo crucificado e, reciprocamente, algo iluminará este acerca daquela.⁸⁵³

A necessidade de adotar a perspectiva das vítimas vai além da fidelidade formal à TdL. Essa perspectiva é uma exigência para qualquer forma de pensar em um mundo que é de vítimas, e o é, certamente, se esse pensar é cristão.⁸⁵⁴ A partir da perspectiva das vítimas se pode dar melhor resposta ao tema do ‘universalismo cristão’.⁸⁵⁵ É muito importante revalorizar a realidade de Jesus de Nazaré, recordando-a e compreendendo-a formalmente como história e buscando sua presença atual.⁸⁵⁶ As cruces da história são mediação da cruz de Jesus. Elas, por serem reais, levam ao real.⁸⁵⁷

De acordo com Sobrino, o “de olhos fixos em Jesus” (Hb 12,2) é o chamado ao princípio realidade, a partir do qual se poderá desdobrar a total realidade de Jesus também conceitualmente. Em suma, se compreende e se tem acesso a Jesus como

⁸⁵² SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p., 26.

⁸⁵³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 335.

⁸⁵⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 334-335.

⁸⁵⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 336.

⁸⁵⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 344.

⁸⁵⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 344.

realidade, a partir de realidades.⁸⁵⁸ Aqui, apresentamos quatro significados de pobreza para revelar a situação do mundo atual. Em primeiro lugar, pobreza quer dizer a realidade em que vive grandíssima parcela de seres humanos esmagados sob o peso da vida: sobreviver é a sua maior dificuldade e a morte lenta, um destino mais próximo. Na situação de dificuldade grave para subsistir como espécie humana, se acham cerca de três bilhões de criaturas humanas.⁸⁵⁹ Em segundo lugar, pobreza é a desigualdade dentro da espécie, o que impede de que se use a linguagem metafórica, mas essencial na fé cristã, de família. Em terceiro lugar, as raízes fundamentais desta pobreza são históricas: a injustiça estrutural.⁸⁶⁰ E por fim, pobreza é a forma de violência mais duradoura e também a violência cometida com maior impunidade.⁸⁶¹

Ao refletir sobre que papel desempenha a cruz – não só na ressurreição de Jesus – mas na fé posterior, Sobrino afirma que, para uma fé teológica que introduzirá Jesus no Mistério de Deus, a integração da cruz nessa fé significa introduzi-la no próprio Deus.⁸⁶² É importante que o mistério de Deus seja pensado de maneira nova, ou seja, a partir da cruz.⁸⁶³ “A práxis, o seguimento é o que exprime primigênica e essencialmente que Jesus de Nazaré, Crucificado e Ressuscitado, ‘faz uma diferença’, e nele ‘apostam’ seres humanos que ‘contagiam’ seu entusiasmo e se constituem como ‘povo’”.⁸⁶⁴ A partir da Ressurreição, os cristãos aprofundam a ‘verdade, a exaltação e a esperança’.⁸⁶⁵ Sobrino apresenta uma análise do dinamismo do ato de fé cristológico e diz que depois da ressurreição, os discípulos têm uma fé nova que passou pela prova da crise (a cruz) e se viu confrontada com a confirmação da parte de Deus (a ressurreição).⁸⁶⁶ Jesus não só é reconhecido, mas conhecido em plenitude. Jesus pertence à realidade de Deus.⁸⁶⁷ Jesus está intimamente ligado à realidade e condição dos seres humanos, com o que se reafirmará que em verdade é um conosco e para nós, ou seja, sua realidade é

⁸⁵⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 344.

⁸⁵⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 13.

⁸⁶⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 14.

⁸⁶¹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 15.

⁸⁶² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 164.

⁸⁶³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 164.

⁸⁶⁴ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 170.

⁸⁶⁵ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 174-175.

⁸⁶⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 179.

⁸⁶⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 180.

expressa como realidade que é de Deus.⁸⁶⁸ Aqui se concretiza, portanto, a novidade radical do próprio Deus:

Deus, agora o Pai de Jesus, continua sendo o mistério último. Jesus, agora o Filho de Deus, é a expressão histórica do Pai. O espírito, agora o Espírito de Deus derramado na ressurreição, é o espírito de Jesus, a força de Deus interiorizada no crente e na comunidade para tornar real o seguimento de Jesus.⁸⁶⁹

3.2.3.e.

A modo de conclusão

Neste capítulo, considerou-se a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje. Demonstrou-se que o fator decisivo da articulação do seu pensamento está em conexão com a realidade latino-americana, com a qual, toda a sua teologia busca transformar. Ressaltou-se que suas reflexões suscitam questões sobre os seres humanos, sobre Deus e sobre a salvação e são conceituadas à luz da tradição bíblico-cristã, historiada fundamentalmente pela TdL, refletindo-as desde El Salvador. Viu-se como Sobrino apresenta Jesus Cristo, como a autêntica revelação de Deus na realidade de todas as pessoas, especialmente, das vítimas da história, abordando os temas fundamentais de sua teologia. Vislumbrou-se o anúncio do Reino de Deus como dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas, descrevendo as três vias que o caracterizam com mais proeminência: via nocional, via do destinatário e via da prática de Jesus. Ratificou-se que a Teologia de Jon Sobrino é impregnada pela ética de compaixão, justiça e solidariedade; possui no seu âmago a mística do re-encantamento no mundo das vítimas; e é sinal de profecia e Testemunho no despertar da inumanidade para as não-vítimas. Destacou-se, enfim, a teologia como *intellectus amoris* e o “Princípio Misericórdia”; a mística do povo crucificado, do seguimento, da cruz e do martírio; a profecia diante do clamor das vítimas que com ‘entranhas de misericórdia’ capta a reação de Deus e a capacidade para carregar a realidade. Percebeu-se também, a universalidade da opção pelas vítimas da história na Teologia de Jon Sobrino. A intenção foi admitir o Princípio Misericórdia como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da missão, assim como demonstrar que a opção

⁸⁶⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 181.

⁸⁶⁹ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p., 181-182.

pela vida das vítimas na diversidade, sob o impulso do Espírito de Ética, de Mística e de Profecia, conduz no humilde caminhar contribuindo para que os povos tenham vida. Após o desenvolvimento deste capítulo, nota-se que na teologia de Jon Sobrino, é perceptível a universalidade da opção pelas vítimas da história; é admissível o Princípio Misericórdia como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da Missão; e que a opção pelos pobres, pelas vítimas é a proposta do Evangelho para a superação da situação de pobreza e exclusão em El Salvador e no mundo da globalização. Nos pobres, nas vítimas deste mundo, irrompeu a realidade, irrompeu Deus, irrompeu o Mistério.

4

Utopia e profetismo desde a América Latina ao mundo da Globalização: a *Ética* e a *Compaixão-Opção* pelas vítimas da história

Não procures uma vida sem riscos e inativa, uma vida sem fadiga nem tensões. [...] Tu entrastes nesta vida não para seres ocioso e medroso, nem para evitares qualquer perigo que se apresente a ti, mas para te tornares mais esplendente passando por graves situações. Não devemos desejar uma vida plena de delícias e prazeres, ociosa e omissa...⁸⁷⁰

Num período crítico e pleno de esperança, as palavras de S. João Crisóstomo são animadoras e oportunas para todos. Aos que se comprometem seguir a missão de Jesus Cristo: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida plena” (Jo 10,10), este tempo solicita a responsabilidade para atingir um *kairós*⁸⁷¹ que nunca cessa e a coragem de enfrentar os riscos da realidade. E no que diz respeito a uma produção teológica ‘viva e vivificadora’⁸⁷² é exigido do teólogo e da teóloga, um banhar-se continuamente na experiência do Espírito vivificador, para sair daí gotejando, pois “o que dá a experiência da fé à razão da fé é o ‘frêmito da vida’” (BOFF, 1998, p. 152).

Neste sentido, “não podemos dispensar as fadigas da reflexão e do trabalho intelectual” (RAHNER, 1989, p. 5), pois à medida que se ruma as leituras e os debates, acende o interesse numa teologia para se viver a existência cristã com honestidade intelectual e honradez com o real, no nível do espírito teológico. Isto significa que “apreender a realidade e enfrentá-la” continua imprescindível. Importa recordar a estrutura formal da inteligência compreendida por Ignacio Ellacuría e reconstituída por Jon Sobrino, a qual se desdobra em três dimensões: “levar em consideração a realidade” (dimensão intelectual), “responsabilizar-se pela realidade” (dimensão ética), “encarregar-se da realidade” (dimensão praxica) e “deixar-se levar pela realidade” (dimensão da graça).⁸⁷³

⁸⁷⁰ CRISÓSTOMO, João. Homilia sobre o Salmo 124, 1,1, PG 55, col 356-359. Citado por ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e Eficácia. O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991, p., 271.

⁸⁷¹ MCKENZIE, John L. Tempo. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p., 917-918.

⁸⁷² BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p., 152. Recomendamos uma leitura aprofundada e meditada de todo o capítulo 6, p., 129-156.

⁸⁷³ SOBRINO Jon. *Fora dos Pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p., 17-42. Aqui: p., 18.

A dimensão ética que interessa é a ética-compaixão-opção pelas *vítimas da história*⁸⁷⁴ desde a América Latina ao mundo da Globalização. A ética no sentido de *solidariedade* na forma de *memória* que “se opõe à indiferença, ao esquecimento, à antipatia, e, de mais a mais, leva a superar a injustiça, que influencia dolorosamente no presente e surge repetidamente em novas formas” (HILPERT, 1993, p. 270).⁸⁷⁵ Esta ética-solidariedade requer um espírito atento à utopia e ao profetismo cristãos entrelaçados na busca de sentido que circunda a realidade. Articulamos a realidade como “totalidade plural, dinâmica e aberta”, tarefa primeira e fundamental da TdL que “consiste na busca e na identificação dos ‘sinais onde a presença salvífica de Deus se mostra e se esconde’” (JUNIOR, 2010, pp. 160-161).⁸⁷⁶

De fato, a ética é o caminho fundamental para um planeta mais equilibrado, com menos desajuste social, miséria e pobreza.⁸⁷⁷ Diante dos paradigmas atuais, questiona-se acerca da existência de uma crise de valores ou da carência de uma vivência autêntica da compaixão solidária de Deus. Questiona-se também, se recordar, refletir e revivificar a Compaixão-Opção pelas vítimas da história neste contexto prossegue pertinente e relevante. Esta parte abordará a ética e a compaixão solidária de Deus na esperança de mulheres e homens novos, refletirá a universalidade da misericórdia, do martírio e da mística de compaixão-opção e demonstrará a importância de recordar, refletir e revivificar a Compaixão-Opção pelas vítimas da história. Enfim, concluirá que a *Ética* e a *Compaixão* contribuem para uma espiritualidade mística, política, libertadora e solidária. Abaixo, as palavras contundentes da grande testemunha profética D. Hélder Câmara, continuam motivando uma produção teológica encarnada.

Não vos contenteis em serdes pesquisadores que dilaceram o dado teológico com pulso firme e mão fria. (...) Não gasteis o melhor de vosso tempo neste trabalho negativo. Tomai em vossas mãos algumas verdades sólidas e de tal modo elas vos

⁸⁷⁴ “[...] a realidade só é revelável na sua verdade, quando se olha a partir da perspectiva dos últimos, das vítimas. E o pensamento só pode ser verdadeiro quando se compromete com essa perspectiva e com a libertação das vítimas”. Cf. ZAMORA, José Antônio. A memória, uma categoria central no cristianismo. In: *IHU-Online/352*, São Leopoldo, 29 de novembro de 2010, p., 21-24. Aqui: p., 24.

⁸⁷⁵ HILPERT, Konrad. Ética Social/Solidariedade. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 262-275. Aqui: p., 270.

⁸⁷⁶ JUNIOR, Francisco de Aquino. *A Teologia como Intelecção do Reinado de Deus. O método da Teologia da Libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010, p., 159-211. Aqui: p., 160-161.

⁸⁷⁷ SIQUEIRA, Josafá Carlos de. A ética é o caminho fundamental. In: *PUC Urgente/1129*, 04-10 de Junho, 2012, p., 3.

possuam, se insiram em vós, sejam vosso sopro e vossa vida, que chegueis a ser alguém que no meio das dúvidas seja fé encarnada, audível, tangível.⁸⁷⁸

4.1

A ética e a compaixão solidária de Deus na esperança de mulheres e homens novos

No estágio de desidealização de si, pode emergir no ser humano a confiança e a cooperação. [...] É na desproporção entre a fragilidade do saber e a magnitude do fazer que reside a grandeza do ato de justiça.⁸⁷⁹

Os processos práticos de constituição dos sujeitos são processos históricos, sociais, processos de luta por chegar a ser sujeitos, por chegar a constituir-se como sujeitos em condições sociais e históricas dadas.⁸⁸⁰ A solidariedade atual carrega uma herança – a herança das esperanças e a herança dos fracassos, das mutilações, das destruições que têm sofrido os sujeitos no passado. É imprescindível focar na categórica fundamental da cultura judaico-cristã: a memória que é a “categoria crítica da cultura moderna, dos processos de constituição da subjetividade dos sujeitos e da liberdade”.⁸⁸¹ É imprescindível tornar o anúncio da justiça possível.⁸⁸² Aqui, o intuito é demonstrar que numa “cultura de amnésia”, a TdL prossegue como força ética e espiritual; a grandeza ética de sujeitos se revela na coragem de assumir riscos; e que a “memória que grita por justiça” se define como misericórdia-compaixão (*esplagknizomai*).

⁸⁷⁸ GRANDE SINAL, n. 8, outubro, 1970, p., 624. Apud. BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 142.

⁸⁷⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro. Figuras da Ética na ficção de Graham Greene e Phillip Dick*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p., 73. Jurandir Freire defende a relevância prática da obra de filósofos como Giorgio Agamben, Jacques Derrida e Slavoj Žižek; e concorda com os mesmos no que diz respeito à grandeza da ética. Ele afirma que a grandeza da ética está no fato da pessoa “correr o risco”, de ser continuamente levada a discernir quando é preciso fazer exceção àquilo que aceita como princípio básico de condução da sua vida. Sua tese é de que as preocupações éticas ainda existem e que as regras de conduta e os valores ainda são relevantes. É preciso insistir no conhecimento do que vem a ser: o ser humano e a realidade, pois qualquer ideia fixa sobre o que é o real e o que é o sujeito é destruída. Diante disso, resta a liberdade, a espontaneidade, o agir moral, a preocupação com o outro.

⁸⁸⁰ ZAMORA, José Antônio. A memória, uma categoria central no cristianismo. *Em: IHU-Online/352*, São Leopoldo, 29 de novembro de 2010, p., 21-24. Aqui: p., 21.

⁸⁸¹ ZAMORA, José Antônio. A memória, uma categoria central no cristianismo, p., 22.

⁸⁸² ZAMORA, José Antônio. A memória, uma categoria central no cristianismo, 23.

4.1.1.

A TdL como força ética e espiritual numa “cultura de amnésia”

O que a teologia tem a dizer a todos os seres humanos? Como uma teologia ‘com os olhos (abertos) voltados para o mundo’ (...) pode se haver ativamente com esse pluralismo sem omitir a questão da verdade e da autoridade e sem renunciar à convicção de que o cristianismo, também e justamente frente a esse pluralismo constitucional, tem algo a dizer a todos os seres humanos?⁸⁸³

Em pleno século XXI, este questionamento de Metz à Teologia, possui grande relevância. Nesta época acompanhada de um ‘pluralismo constitucional’, a tendência política é classificada com o conceito de “cultura da amnésia”.⁸⁸⁴

Uma teologia que se compreende como universal deve ter suas raízes fincadas no solo da tradição de um ‘monoteísmo reflexivo’ que abarca a paixão de Deus como a “compassibilidade que brota da compaixão de Deus, como a percepção que partilha da dor alheia, como uma menção e cuidado efetivo na dor do outro”.⁸⁸⁵

Considerando que a ética instaura uma mística de sofrimento, de compaixão, de misericórdia e de um conceito de unidade entre o amor de Deus e o amor ao próximo; abordaremos neste item a principal tarefa da TdL Latino-americana, a ética da vida como valor absoluto e a consciência de uma ética socioambiental no contexto atual da história.

4.1.1.a.

A principal tarefa atual da Teologia Latino-Americana da Libertação

Anunciar aos pobres deste mundo que Deus os ama⁸⁸⁶ e “assumir em sua própria atividade: *Intellectus gratiae* e *Intellectus amoris*”,⁸⁸⁷ para que em seu ‘núcleo essencial’, possa “ser sinteticamente chamada de *Intellectus fidei amore formatae* (a inteligência da fé informada pelo amor),” prossegue como tarefa da teologia. Pois, considerando o núcleo essencial do método teológico que consiste

⁸⁸³ METZ, J. B. Das Christentums. Im Pluralismus der Religionen und Kulturen, em Luzerner Universitätsreden 14 (2001) 3-14. Apud. HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? Em: Concilium/292, 2001/4. Em busca de valores universais, p., 60-78. Aqui: p., 61.

⁸⁸⁴ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade?, p., 60.

⁸⁸⁵ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade?, p.,61.

⁸⁸⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Petrópolis: Vozes, 1987, p., 14.

⁸⁸⁷ SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p., 80.

no confronto *Fé-Vida*, C. Boff afirma que o *Intellectus amoris* se compõe com o *Intellectus fidei*; pois se trata de um método dialético, consistindo na “mútua interpelação” (EN 29) entre os polos nos quais se dá um “círculo metodológico”⁸⁸⁸.

Diante das mudanças de paradigmas, a carência de uma intensa vivência da compaixão solidária de Deus ganha maior visibilidade. Cada vez mais, constatamos indivíduos e instituições que representam o Cristianismo, subtraindo ao sentido inevitavelmente prático da mensagem cristã e com facilidade, invalidando “a força de sua inteligibilidade”.⁸⁸⁹ O Cristianismo de Libertação segue se reconfigurando e insistindo na opção pela vida das grandes maiorias da humanidade, os pobres e as vítimas do sistema excludente, perverso, inimigo e negador do projeto de Deus na história.⁸⁹⁰ Deste modo, testemunha uma nova economia política globalizada, um novo sonho coletivo para a humanidade. Com atitude ética responsável, o Cristianismo de Libertação põe relevância na humanização, na cidadania, na justiça societária, no bem-estar humano e ecológico, no respeito às diferenças culturais, na reciprocidade e na complementaridade cultural.⁸⁹¹

Neste sentido, a nova práxis das Igrejas Cristãs continua sendo a solidariedade com os valores humanos ameaçados, pois conduz às posturas nas quais tem que fazer em concreto a opção em prol ou contra a fé. Na concretização do diálogo, a solidariedade é o caminho mais indicado.⁸⁹² A fé na promessa – enquanto esperança criadora e amor – diz respeito constante ao mundo em um sentido político social.⁸⁹³ Destaca-se a *opção pelos pobres* retomada com vigor neste século XXI⁸⁹⁴ a qual, à luz da lei natural, traduz um dos valores éticos mais básicos: a solidariedade efetiva com o que sofre e é afetado em sua vida digna.⁸⁹⁵

⁸⁸⁸ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 288.

⁸⁸⁹ METZ, J. Baptist. *La fede, nella storia e nella società*, pp. 160-161. Citato por GIBELLINI, Rosino. *A Teologia no século XX*. São Paulo, Loyola, 1998, p., 301-321. Aqui: p., 316.

⁸⁹⁰ BOFF, L. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p., 54.

⁸⁹¹ *Ibid.*, p., 56-57.

⁸⁹² METZ, J. B. El problema teológico de la incredulidade, Premissas para um diálogo com el ateísmo. In: *Ateísmo Contemporáneo*. V. IV. Ediciones Cristiandad, 1980, p., 83-101. Aqui: p., 102.

⁸⁹³ METZ, J. B. El problema teológico de la incredulidade, Premissas para um diálogo com el ateísmo, p., 101.

⁸⁹⁴ OLIVEIRA, Pedro A. R de. (Org.) *A opção pelos pobres no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁸⁹⁵ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus. *Em: OLIVEIRA, Pedro A. R de. (Org.) A opção pelos pobres no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011, p., 157-179. Aqui: p., 159.

A TdL é imprescindível para uma melhor credibilidade, visibilidade, identidade e dimensão profética da Igreja no mundo moderno,⁸⁹⁶ pois o futuro do cristianismo, pelo menos no Terceiro Mundo, está em grande medida ligado ao futuro da TdL que necessita de uma redefinição, de retomar a sua raiz fundadora e seus elementos constitutivos. A fidelidade a esta raiz é dúplice: uma experiência de Deus na opção preferencial pelos pobres e uma exigência de criatividade para responder aos novos desafios.⁸⁹⁷ Para recriá-la, necessita-se da fidelidade criativa à reforma da Igreja iniciada pelo Vaticano II, Medellín e Puebla com uma estratégia de crescimento, espiritualidade, santidade, testemunho e criatividade teológica.

4.1.1.b.

A ética da vida como valor absoluto

Vigora a definição constitutiva da TdL como espiritualidade de encontro com o Deus dos pobres na prática de libertação. Como espiritualidade de resistência no interior do sistema atual, a TdL apresenta a ética da vida como valor absoluto, do ser e do compartilhar que busca renovar o profetismo na Igreja e na sociedade. Vislumbra-se um profetismo que se apresente com formas mais apocalípticas, como resistência à dominação imperial. E almeja-se um profetismo no qual o testemunho, o martírio, a reconstrução da consciência, a memória histórica, a esperança e a visão de um mundo alternativo, sejam relevantes.

Como movimento profético, a TdL está presente na radicalização da opção preferencial pelos pobres, nos novos espaços da práxis de libertação na sociedade civil e nos movimentos sociais.⁸⁹⁸ Portanto, ela é fundamentalmente uma ética libertadora, na qual, a defesa da vida é um absoluto.⁸⁹⁹ Sua prática é a resistência ética e espiritual no interior de uma globalização excludente.⁹⁰⁰ Sua raiz e estrutura básica permanente é a opção preferencial pelos pobres. Na TdL, os pobres são

⁸⁹⁶ RICHARD, Pablo. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 37.

⁸⁹⁷ RICHARD, P. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*, p., 35.

⁸⁹⁸ RICHARD, P. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*, p., 50.

⁸⁹⁹ RICHARD, P. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*, p., 11.

⁹⁰⁰ RICHARD, P. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*, p., 12-13.

sujeitos do Reino de Deus na construção de uma sociedade alternativa.⁹⁰¹ Definida como uma teologia que nasce do encontro com o Deus dos pobres no interior de uma prática de libertação, nutre sua espiritualidade vivida na oração, na mística, na arte, no canto, na poesia, e, sobretudo no testemunho, que muitas vezes conduziu ao martírio.⁹⁰²

4.1.1.c.

A consciência de uma ética socioambiental

O cenário atual conduz à reflexão sobre a questão ética as tendências da discussão ecológica,⁹⁰³ que se dá em quatro formas de realização da ecologia: ambiental, social, mental e integral. O primeiro sinal visível que caracteriza a crise global é o fenômeno da desigualdade social, pobreza e miséria de um lado e riqueza e acumulação de outro.⁹⁰⁴ Muitas são as críticas que denunciam as causas dessa situação.⁹⁰⁵ Os movimentos de libertação dos oprimidos constatam que este modelo social gera desenvolvimento econômico, produzindo exploração social nacional e internacional.⁹⁰⁶ Os grupos pacifistas e da não-violência ativa criticam que o tipo de sociedade de desenvolvimento desigual produz muita violência e conflitos de classe, de etnias, de gênero e de religião.⁹⁰⁷ Os movimentos ecológicos averiguam que estas sociedades produzem riqueza e simultaneamente, degradação ambiental.⁹⁰⁸

O atual sistema social é antiecológico e gerador de miséria.⁹⁰⁹ Daí a necessidade de uma adequada ecologia social que saiba articular a justiça social com a justiça ecológica:⁹¹⁰ Neste contexto, emerge a consciência de uma ética socioambiental,⁹¹¹ uma nova consciência planetária da responsabilidade para com o destino comum de todos os seres,⁹¹² bem como de uma reflexão que compreenda

⁹⁰¹ RICHARD, P. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*, p., 25.

⁹⁰² RICHARD, P. *Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006 p., 26-27.

⁹⁰³ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p., 11.

⁹⁰⁴ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 21.

⁹⁰⁵ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 22.

⁹⁰⁶ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 23.

⁹⁰⁷ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 24.

⁹⁰⁸ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 25.

⁹⁰⁹ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 31.

⁹¹⁰ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 28.

⁹¹¹ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 34-35.

⁹¹² BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 37.

o planeta como um grande sacramento de Deus, lugar da criatividade responsável do ser humano e morada de todos os seres criados no Amor.⁹¹³ Este desafio concorre à coragem de assumir riscos. Eis a grandeza ética.

4.1.2

Grandeza da ética: coragem de assumir riscos

Este item pretende focalizar mulheres e homens que se servem das ideias de justiça e amor herdadas da religiosidade judaico-cristã e da ética leiga democrática para saber quando cumprir normas ou quando praticar exceção.⁹¹⁴ Em destaque, a grandeza da ética do ser humano que se revela na coragem de assumir riscos com aptidão para encarar a *ingenuidade impiedosa*⁹¹⁵ e precaver-se da *candura irrefletida*;⁹¹⁶ *agir eticamente*⁹¹⁷ enfrentando a *pavorosa máscara do mal*⁹¹⁸ e *atuar com ética e amor*, ou seja, com justiça e responsabilidade em relação ao próximo.⁹¹⁹ E diante da convicção de que a única realidade verdadeiramente humana é *a atitude ética diante do outro*,⁹²⁰ a saída é agir com *empatia e compassividade*.⁹²¹

4.1.2.a.

Encarar a *ingenuidade impiedosa* e precaver-se da *candura irrefletida*

Ética não existe sem justiça; justiça não existe sem fé e fé só existe na dúvida.⁹²²

A frase acima é a tese de Green Greene, cujas obras possuem como centro gravitacional, a ideia de justiça judaico-cristã, na qual se estabelece uma justiça atenta ao mundo, à realidade das pessoas e das coisas.⁹²³ Dizer que ‘ética não existe

⁹¹³ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*, p., 39.

⁹¹⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro. Figuras da ética na ficção de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p., 23. O Autor faz um percurso por pensadores de várias inclinações teóricas que valorizam o legado espiritual judaico-cristão no terreno da ética e tentam extrair das duas grandes doutrinas religiosas ocidentais um critério universal capaz de discriminar o ético e o não ético nas condutas humanas.

⁹¹⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 58.

⁹¹⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 58.

⁹¹⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 72-73.

⁹¹⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 91.

⁹¹⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 105.

⁹²⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 136.

⁹²¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 188-216.

⁹²² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 43.

⁹²³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 56.

sem justiça', significa que exercer a justiça é encarar um dos grandes vícios morais, a *ingenuidade impiedosa*, que é infensa à reprovação de descaso e desconhece o que é gratuidade, Compassividade ou respeito ao outro,⁹²⁴ bem como, precaver-se da *candura irrefletida* que pode ser a mais depuradora perversidade.⁹²⁵ Afirma-se que 'justiça não existe sem fé e fé só existe na dúvida'. Importa não confundir fé com crença.⁹²⁶ Melhor dizendo, o sujeito da dúvida tem fé porque atravessou o desfiladeiro de perda das crenças,⁹²⁷ pois viver na órbita da crença significa esvaziar o ato ético de sua dignidade.⁹²⁸ A fé, mesmo descrente, está sempre comprometida com a fé do outro.⁹²⁹ Portanto, ter fé é não desistir de imputar ao Outro o ônus de dar sentido moral à vida. Enquanto a crença é uma experiência direta de contato com a ilusão da certeza, a fé é o efeito retroativo do investimento gratuito na fé do Outro.⁹³⁰ A seguir, o desafio para agir eticamente dando sentido à vida.

4.1.2.b.

Agir eticamente diante da *pavorosa máscara do mal*

Dúvida é o que nos faz reconhecer a dignidade do outro, pois só a igualdade diante da dúvida nos define como seres capazes de agir eticamente.⁹³¹

Insistir na vida significa atribuir a algum Outro a vontade de agir com justiça e de dar sentido à própria existência.⁹³² O ser humano que encontra sentido na vida está condenado à fé no advento da justiça.⁹³³ Ele pode prosseguir com a dúvida, porque esta o aproxima mais dos outros seres humanos do que as crenças rotineiras. A distinção emocional entre aquilo em que se crê e aquilo que se é não é dificulta a capacidade de entender e de lidar do ser humano, pois ele é, em grande parte, aquilo em que acredita. Mas, tratando-se de justiça, a distinção é crucial.⁹³⁴ Quem duvida não perde a fé e, dificilmente, teme as dúvidas do outro. Ao admitir a contingência de sua crença, o ser humano admite que ela possa ser refutada ou transformada ao

⁹²⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 58.

⁹²⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 58.

⁹²⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 64.

⁹²⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 64.

⁹²⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 64.

⁹²⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 65.

⁹³⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 67.

⁹³¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 73.

⁹³² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 68.

⁹³³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 69.

⁹³⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 71.

longo do tempo.⁹³⁵ E no estágio de desidealização de si, pode emergir a confiança e a cooperação. A fé que suporta a prova da dúvida é a fé de mulheres e homens que aceitam a condição de falta. A dúvida ajuda-lhes a reconhecer a dignidade do outro e, na igualdade diante dela, se definem como seres capazes de agir eticamente. Na desproporção entre a fragilidade do saber e a magnitude do fazer, reside a grandeza do ato de justiça.⁹³⁶ E enquanto se duvida tendo fé, faz intervir a ética do amor. Assim como a justiça, a ética do amor é uma ética de riscos. Todavia, a forma de agir é orientada por outras coordenadas.⁹³⁷

Constata-se o sofrimento como sintoma de neurose num mundo maciçamente profano ou então, emotivamente religioso.⁹³⁸ Percebe-se que a religião foi privatizada pelo individualismo sentimental.⁹³⁹ O que ainda estimula a imaginação ética é a ideia judaico-cristã de justiça.⁹⁴⁰ A justiça é o termômetro usado para julgar o que há de certo ou errado no governo dos sujeitos.⁹⁴¹ A justiça é a verdadeira encarnação do Bem antes da prisão em sistemas doutrinários⁹⁴² e encontra o grande obstáculo na condição humana.⁹⁴³

Três das acepções da literatura de Greene, onde o amor se relaciona à justiça como moldura e conteúdo, são relevantes para a questão ética: ‘amor como compassividade’; ‘amor como identificação ao sofrimento do outro’; ‘amor como dádiva e amor como perdão’.⁹⁴⁴ Justiça e amor são disposições e atos ambulantes. O amor é um passaporte para o Bem, mas sem disciplina, pode se tornar uma ‘pavorosa máscara do mal’. Muitas vezes, o amor condicional é a expressão mais requintada da maldade, assim como o amor incondicional pode esconder um enorme ódio à vida do próximo.⁹⁴⁵

Esta reflexão sobre o amor desdobra-se em três grandes eixos. Primeiro, o *amor condicional* é mostrado na fugacidade de sua existência ou na violência exorbitante de seus pleitos.⁹⁴⁶ Segundo, o que está em questão é o *amor*

⁹³⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 72.

⁹³⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 73.

⁹³⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 81.

⁹³⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 83.

⁹³⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 83.

⁹⁴⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 84.

⁹⁴¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 84-85.

⁹⁴² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 85.

⁹⁴³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 85.

⁹⁴⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 90.

⁹⁴⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 91.

⁹⁴⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 91

incondicional, aquele submetido às regras que o agente divino ou humano se dá, a despeito da recompensa que possa obter.⁹⁴⁷ Terceiro, o mais intrincado e atraente, a questão concerne à ‘possível conciliação dos dois tipos de amor’.⁹⁴⁸ Os três tipos de conflitos amorosos combinam-se das mais diversas maneiras e reforça-se a noção de fé no amor, assim como havia feito com a ideia de fé na justiça.⁹⁴⁹ É preciso, de antemão, a ética como justiça e o amor como responsabilidade com o outro.

4.1.2.c.

Agir com justiça e responsabilidade para com o próximo

Só existe amor justo quando há sensibilidade ao ponto de vista do outro. Entretanto, o ponto de vista do outro “inexoravelmente surge no caminho como um inocente assassinado”.⁹⁵⁰ Esta tese concerne ao cumprimento de promessas ao amor como justiça; à ética como responsabilidade para com o outro.⁹⁵¹

O “inocente assassinado” é, no cânone cristão, a máxima expressão da renúncia a si em favor do outro; uma metáfora viva do dever moral elevado à extrema perfeição.⁹⁵² O amor incondicional respeita a singularidade do outro, é solícito em relação às suas tristezas e alegrias, mas é indiferente à peculiaridade do seu anseio desejante, pulsional.⁹⁵³ Aqui, o ser humano é colocado face a face com as incertezas da emoção e do agir.⁹⁵⁴ A fé está na base do amor.⁹⁵⁵ Na ética do amor, a fé subjaz às crenças amorosas, que uma vez percebida, tem algo de inquietante.⁹⁵⁶ Faceta quase inumana da dimensão incondicional do amor, é a experiência do perdão.⁹⁵⁷ O amor incondicional se manifesta como perdão⁹⁵⁸ e nas relações humanas, “a generosidade e os laços de afeição valem mil verdades”.⁹⁵⁹

⁹⁴⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 92.

⁹⁴⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 92.

⁹⁴⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 92.

⁹⁵⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 105.

⁹⁵¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 105.

⁹⁵² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 105.

⁹⁵³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 106.

⁹⁵⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 107.

⁹⁵⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 119.

⁹⁵⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 119.

⁹⁵⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 122.

⁹⁵⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 122.

⁹⁵⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 124.

4.1.2.d.

Ética e realidade: Real é o amor

Na distinção entre o ser humano e a máquina, está em jogo a liberdade; e na distinção entre o ser humano e o sujeito moral, está em jogo a ética.⁹⁶⁰ Tal questão rege a verdadeira natureza da realidade e do sujeito. Conclui-se que a única realidade verdadeiramente humana é a atitude ética diante do outro.⁹⁶¹ De acordo com Jurandir Freire, Phillip Dick compartilha a aspiração messiânica de redenção com Derrida, nas ideias de justiça e amor traduzidas em seu vocabulário pela noção de ‘empatia’; com Agamben, na defesa da existência de uma comunidade sem pré-requisitos do sujeito no seu *ethos*; e com Zizek, na valorização do ato ético como ruptura com os códigos legais e morais rotineiros.⁹⁶²

A contribuição de Dick para o nosso tempo, é sua convicção de “humanismo pós-moderno” que reitera a fé na liberdade, na justiça e na compassividade. Mediante *ucronias* e *distopias* como “parábolas do presente”, ele mostra que tudo que é sólido desmancha no ar, exceto a ética. Já nos mundos distópicos, o direito à vida, ao amor, à liberdade, à dignidade, à justiça, à sanidade mental, etc. é reafirmado apesar das realidades destroçadas pela crueldade, indiferença, ganância e vaidade dos agentes responsáveis pela destruição.⁹⁶³ Ao desconstruir a percepção acrítica da realidade como ideologia, como fantasia subjetiva e como caos, Dick ataca a falta de escrúpulos dos meios de comunicação de massa, em especial da publicidade comercial, nas democracias liberais capitalistas.⁹⁶⁴

Vale dizer, na raiz da realidade ideológica, encontra-se a marca das fantasias de indivíduos que projetam na vida coletiva desejos e impulsos conscientes ou inconscientes.⁹⁶⁵ A realidade como caos refere-se, explicitamente, ao tempo. Reter a joia do tesouro ético implica despojar a religiosidade dos adereços rituais, dogmáticos e legalísticos.⁹⁶⁶ A retidão ética é dada pela graça do amor ao outro⁹⁶⁷ e o ato autêntico se revela pelo grau de empatia e Compassividade.

⁹⁶⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 136.

⁹⁶¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 136.

⁹⁶² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 137.

⁹⁶³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 144.

⁹⁶⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 152.

⁹⁶⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 163.

⁹⁶⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 182.

⁹⁶⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 184.

4.1.2.e.

Agir com empatia e Compassividade

A liberdade e a empatia são concebíveis pela razão.⁹⁶⁸ Liberdade significa agir de modo criativo, em resposta às interpelações, obstáculo ou desafios que o mundo apresenta. Aqui, o ponto de vista do outro é um requisito compulsório do equilíbrio psicológico e da vida moral.⁹⁶⁹ Sem ação livre não há futuro.⁹⁷⁰ Neste sentido, deve haver uma relação entre memória, percepção e liberdade de agir eticamente.⁹⁷¹ Perceber a realidade significa explorar um cotidiano sempre redescoberto. A memória é um fator crucial ao sucesso de futuras ações.⁹⁷² Agir livremente significa preferir e fazer sobressair algo num pano de fundo de escolhas prévias retidas na memória e remanejadas pelo adendo de novas ações.⁹⁷³ Portanto, agir moralmente, requer a prática de princípios simples, ao alcance dos sujeitos de boa vontade.⁹⁷⁴

O sujeito humano é o sujeito resistente, o antiandroide, o desviante ético. Em nome do cuidado para com o outro, supera o instinto de sobrevivência⁹⁷⁵ e sua prontidão para a solidariedade é excelência humana.⁹⁷⁶ O que move o sujeito ético é o sentido da ‘cáritas’ da lei incodificável que se aplica a todos e defende a solidariedade para com o indivíduo concreto contra a lealdade a princípios abstratos.⁹⁷⁷ A espontaneidade solidária que o sujeito ético deseja salvaguardar é patrimônio moral da condição humana.⁹⁷⁸ O sujeito ético desviante é aquele capaz de “pequenos atos de coragem” e “pequenos gestos de bondade”.⁹⁷⁹ Este, pelo fato de pôr em cheque as regras dominantes, redefine a “normalidade” dos estilos de vida não em função dos conteúdos racionais ou legais, mas de seu coeficiente de empatia.⁹⁸⁰

⁹⁶⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 188.

⁹⁶⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 191.

⁹⁷⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 196.

⁹⁷¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 196-197.

⁹⁷² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 197.

⁹⁷³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 200.

⁹⁷⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 201-202.

⁹⁷⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 204.

⁹⁷⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 206.

⁹⁷⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 207.

⁹⁷⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 208.

⁹⁷⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 209.

⁹⁸⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 209.

O bem na ética de Dick é insuficiente, carente e dependente. Dessa fragilidade nasce sua maior força, a da benevolência. A Ética da Compassividade é fundada na empatia. A benevolência é um regime de troca fundado na empatia, que é a capacidade de apreender o outro, não do exterior, mas do interior.⁹⁸¹ Apreender o outro do interior significa compreender e agir no sentido de auxiliá-lo; significa entender empaticamente o outro, se identificar com ele; e em nome do respeito e da solidariedade, desviar-se dos próprios interesses.⁹⁸² Com a ideia de empatia, Dick amplia o rol dos que são reconhecidos como seres humanos e são convocados a passar da estreita moral paroquial para a grande moral da humanidade, de mãos dadas com os humilhados, despossuídos, desfilados e irreconhecidos.⁹⁸³ A Ética da Compassividade concretiza-se no ato kenótico, cuja fusão se encontra no cerne da misericórdia-compaixão, “memória que grita por justiça”. É o que veremos a seguir.

4.1.3

A Revelação como um risco tremendo: *Incompletude* divina e humana

O sujeito do amor é ‘para sempre incompleto’. Nisso está sua virtude, que, aliás, é correlata à ‘incompletude divina’. O sujeito cristão é incompleto porque o Deus Cristão também o é. Esta é uma hipótese de Zizek. A seu respeito, ele diz:

É a espera pela chegada do Messias que nos obriga a adotar uma posição passiva, ao passo que a chegada do Messias funciona como um sinal despoletador de atividade. [...] Para dizer as coisas em termos lacanianos, neste caso o grande Outro é a humanidade e não os deuses. O próprio Deus fez uma aposta pascaliana: ao morrer na cruz, realizou um gesto arriscado sem garantia quanto ao resultado final. [...] Longe de pôr o último ponto nos “is”, o acto divino representa antes a abertura para um Novo Começo, cabe à humanidade mostrar-se à altura, decidir do seu significado, fazer qualquer coisa dele. [...] A fórmula “O Messias chegou” mostra que a Revelação é um risco tremendo. [...] Deus se arriscou a pôr tudo em jogo, [...] ao expor-se à contingência da existência [...] Em termos teológicos, isso significa que nós, homens, não podemos repousar-nos contando com a ajuda de Deus: pelo contrário, somos nós que devemos ajudar a Deus.⁹⁸⁴

A concepção do ato em Zizek é radical, original e criativa. Ele elege o Cristianismo como matriz epistêmica do ato verdadeiro e, sob esse prisma, defende e se compromete com a tese de que até o advento do Cristianismo foi impossível

⁹⁸¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 211.

⁹⁸² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 213.

⁹⁸³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 216.

⁹⁸⁴ ZIZEK, Slavoj. *A marioneta e o anão - o cristianismo entre perversão e subversão*. Lisboa, Relógio D’Água Editores, 2006, p., 166-167.

agir de modo ético.⁹⁸⁵ Deus se expõe... A *kenosis* de Deus se traduz como rebaixamento, fragilidade, impotência, incompletude.

Neste sentido, compreende o ato como um tipo de ação cujo principal efeito é desvelar/desmontar a engrenagem das fantasias que sustentam os regimes ideológicos e a organização ego-imaginária do sujeito.⁹⁸⁶ ‘Onde houver um ato autêntico, há ética; onde há ética, há ato autêntico’. Ou seja, o *ato*, se realizado plenamente, coincide com a *ética*. Destarte, *ato* e *ato ético*, em sua terminologia, são termos semanticamente equivalentes. É nesse ponto que o *messianismo* contribui para o seu pensamento.⁹⁸⁷

Zizek utiliza as fontes religiosas do Judaísmo e o Cristianismo como um modelo formal de rompimento com um universo cultural ou ideológico.⁹⁸⁸ Ao citá-las, recorre a fatos históricos exclusivamente como avalista lógico-empírico de suas teses leigas sobre o sujeito, a realidade ideológica e o ato verdadeiramente ético. E propõe uma ética do ato sem parentesco com as tradicionais noções de ética da filosofia, da teologia, da política, do direito, etc., pois não existe “uma ética” que seja o termômetro da “eticidade” dos atos concretos e inautênticos.⁹⁸⁹

No que tange ao *ato*, três elementos são essenciais: *ato* como expressão mundana, empírica, subjetiva da conduta ética; como gesto incalculável e infundido, ou seja, sem garantias racionais de adequação; e como gesto subjetivo, mas não necessariamente consciente reflexivo ou proporcional, em suas consequências, à intenção do sujeito.⁹⁹⁰ A ética do ato é definida de forma epistemicamente neutra, isto é, formalmente independente de conteúdos empíricos particulares, as características do ato verdadeiro. A primeira característica do ato é a necessária dimensão universal implícita em seu conteúdo contingente. Além das referências Hegeliana e Lacaniana, inspira-se na opinião de Badiou sobre o singular/universal, que também toma o Cristianismo como exemplo.⁹⁹¹ A segunda característica do ato é provocar a disjunção, a separação do indivíduo de sua comunidade orgânica.⁹⁹²

⁹⁸⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 357.

⁹⁸⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 338.

⁹⁸⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 338.

⁹⁸⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 338.

⁹⁸⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 338.

⁹⁹⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 371.

⁹⁹¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 338-339.

⁹⁹² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 343.

A terceira característica do ato é a natureza traumática de sua irrupção no mundo fenomênico.⁹⁹³ No ato, algo emerge – intervém do nada, algo tem lugar sem que se possa explicar como sendo o resultado de uma cadeia precedente. O ato perturba o equilíbrio, pelo fato de privilegiar “unilateralmente” algum aspecto do Todo indiferenciado sobre todos os outros aspectos.⁹⁹⁴ O interesse pelo *messianismo* se deve ao impacto desse corte abrupto no curso das situações ideológicas. O nome do gesto messiânico de rompimento é Evento ou Corte cujo sinônimo psicanalítico é trauma. O ato ético é sempre traumático. E o trauma tanto introduz a singularidade/individualidade na simultaneidade indiferente; tanto permite a instauração do tempo histórico/simbolizável através do Evento/Corte; bem como, da visibilidade à violência enterrada nas origens de qualquer ordem política, econômica, religiosa ou cultural.⁹⁹⁵

A quarta característica do ato é a de marcar a existência de um resto traumatizante e rebelde à inscrição na Lei, ou seja, a violência fundadora.⁹⁹⁶ Recordar-se a epístola de São Paulo aos Romanos para realçar o fato de que o amor como caridade permite deixar para trás “a implicação mútua da Lei e do pecado”. O objetivo da aposta cristã, é produzir “um corte no nó górdio do ciclo vicioso da Lei e sua fundação transgressora” (COSTA, 2010, pp. 347-348).⁹⁹⁷ No ato ético cristão, o que é decisivo é o Amor, a Ágape. O Amor Cristão é uma raridade, uma obra em permanente andamento, pois algo maior e mais radical é exigido. O Cristianismo exige o ato de ódio/amor para ser fiel a seus princípios.⁹⁹⁸ No amor cristão, o sujeito renuncia à Lei, mas também ao gozo do objeto sublime.⁹⁹⁹ O sujeito do amor é “para sempre incompleto”. O sujeito cristão é incompleto porque o Deus cristão também o é.¹⁰⁰⁰ Aqui, o grande Outro é a humanidade.¹⁰⁰¹ Portanto, é preciso perceber o próximo em sua humanidade única, isto é, ver a “pessoa humana real” por trás dos papéis sociais, de seus mandatos e máscaras ideológicas.¹⁰⁰² Ao analisar a frase paulina “Se alguém está em Cristo, é nova

⁹⁹³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 345.

⁹⁹⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 345-346.

⁹⁹⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 346.

⁹⁹⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 347.

⁹⁹⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 347-348.

⁹⁹⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 348.

⁹⁹⁹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 349.

¹⁰⁰⁰ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 349.

¹⁰⁰¹ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 351.

¹⁰⁰² COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 348.

criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova”, Zizek diz que o termo “realidade nova” é revelador. Portanto, assinala o gesto de sublimação, do apagamento dos traços do passado e do novo começo de um ponto zero.¹⁰⁰³

A quarta característica do ato diz respeito à tese da incompletude de Deus e do ser humano. Nesta tese, Zizek obtém três resultados. Primeiro, reduz o amor ao cumprimento de um imperativo ontológico, isto é, o ato amoroso é manifestação obrigatória da criatura humana e da entidade divina em suas respectivas condições de incompletude. O mal e o pecado residem na inação, na incapacidade de correr risco. Segundo imanentiza a transcendência, fazendo da “humanidade” a autora do sentido que o sujeito e o mundo podem ter. A incompletude é uma plena “humanização” do sujeito e da divindade. Terceiro, a ideia de obrigação ontológica exige de qualquer vínculo com o “humanismo compassivo”, com a responsabilidade Derrideana-Levinasiana para com o outro.¹⁰⁰⁴ A força-fraqueza de Deus é um mero preenchimento dos requisitos lógicos para que um ato seja ético.¹⁰⁰⁵

A quinta característica do ato é seu estatuto infundado. É a dimensão do nascimento do gesto. Momento no qual o sujeito, de fato, age. Qualquer que seja a intensidade do ato de ruptura como universo de normas precedentes, o fundamental é que o ato dispensa causas e razões que justifiquem racionalmente o acontecimento.¹⁰⁰⁶ O ato é um gesto incalculável, sem fins utilitários. Além do mais, é desprovido de qualquer traço de voluntarismo psicológico.¹⁰⁰⁷ O ato à maneira de Lacan, tem o caráter de gratuidade motivacional e de neutralidade em relação à bondade.¹⁰⁰⁸ É o ato que permite cortar o nó górdio do entrelaçamento do Bem e do Mal, do mal que reside de maneira reflexiva no olho de quem percebe pelo olhar. O mal é a incapacidade de agir.

¹⁰⁰³ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 348-349.

¹⁰⁰⁴ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 352.

¹⁰⁰⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 353.

¹⁰⁰⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 353.

¹⁰⁰⁷ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 354.

¹⁰⁰⁸ COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro*, p., 354.

4.1.3.a

Misericórdia-Compaixão (*esplagknizomai*): Uma “memória que grita por justiça”

Deus se revela ao ser humano como amor, *agapé* (1 Jo 4,8), isso implica que Ele se faz conhecer pelo amor conhece-se a Deus amando-o e amando seu próximo. O amor para com Deus só tem sentido se se traduz no amor do próximo, que é a pedra de toque da justiça. Na tradição judaico-cristã, a justiça (*mishpat*) unida à equidade (*çedâqâh*) caracterizam Deus, “nome de misericórdia” (cf. Am 5,24). Aqui, a justiça obriga a cuidar e fazer a opção particularmente com os pequenos, as viúvas, os órfãos, os estrangeiros, os trabalhadores, os pobres (Cf. Am 5,7-13; 8,4-8; Mq 6,9-14).

A título de crítica do liberalismo selvagem, a ideia de “opção preferencial pelos pobres” que entrou no ensinamento católico oficial, possui um valor duradouro. Fazer a opção preferencial pelos pobres significa agir com misericórdia. Esta emana do ser humano *misericos*, aquele cujo coração reage diante da miséria do outro. A misericórdia remete a uma compaixão fundamental, à benevolência compreensiva de um Deus que “sabe de que massa somos feitos” (Sl 103,14) e que se mostra sempre prestes à clemência, ao perdão e à solidariedade.

Em Jesus Cristo, Deus se revela como Misericórdia-Compaixão e convoca o ser humano ao seguimento no dinamismo de uma fé “místico-política”, que se concretiza na solidariedade com o sofrimento alheio. A atualidade promulga o discernimento da busca de sentido como resgate da utopia e do profetismo, da prática da *misericórdia-compaixão-opção* pelas vítimas da história, da urgência em recordar o Pacto das Catacumbas.

4.1.3.b

O *Sentido* como resgate da Utopia e do Profetismo

A realidade convoca o ser humano a embeber-se das raízes proféticas e messiânicas da Tradição Bíblica e deixar-se impregnar pelo Reino de Deus que é, simultaneamente, promessa e compromisso. A profecia é carisma e, como tal, rompe as barreiras do sexo, da cultura, das classes, das religiões, da idade. Enfim,

todas as barreiras.¹⁰⁰⁹ Esta constatação permite-nos seguir uma direção teológica que conduzirá à Teologia da esperança de J. Mootmann que retoma as propostas utópicas da Filosofia da esperança de Bloch; à Teologia política de J. B. Metz e D. Sölle; bem como, à Teologia da libertação latino-americana que são representantes qualificados da dimensão do êxodo e da utopia do reino que deve se transformar em história.¹⁰¹⁰

Urge o retorno ao caráter escatológico do Cristianismo, da mensagem de Jesus, da pregação do Reino. Estes são os critérios referenciais para iluminar os dias atuais.¹⁰¹¹ O anúncio profético de Jesus refere-se ao Reino de Deus, ou seja, é libertação do reino da dominação, da injustiça, da opressão. Com este anúncio, Ele veio para inaugurar um mundo novo, uma “realidade nova”.¹⁰¹² Por isso, em pouco tempo foi condenado à morte. Assim ocorre com os profetas que se atrevem a levantar a voz para criticar o sistema de dominação em nome da religião.¹⁰¹³ Após Jesus, suscitaram novos profetas e apareceram em todas as épocas da história da Igreja. Onde predomina o Deus dos Evangelhos, os pobres terão um lugar privilegiado.¹⁰¹⁴ No Evangelho de Marcos, o mais antigo, revela-se uma profecia, uma obra de defesa do verdadeiro Jesus. Nesta, o autor dá-se conta de que já se estava mudando a mensagem de Jesus reintegrando o Judaísmo. E ao perceber o perigo, recorda o que Jesus realmente proferiu e realizou com todo o rigor o distanciamento da religião judaica. Este Evangelho explicita claramente que a mensagem do Reino é para os pobres, os pecadores, os oprimidos. Os Evangelhos posteriores seguiram o caminho assim aberto, atentos ao contexto e ambiente em que foi escrito.¹⁰¹⁵

¹⁰⁰⁹ SICRE, José Luis. Profetismo. In: FLORISTÁN, C. Samanes; TAMAYO-ACOSTA, J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p., 654-663. Aqui, p., 655.

¹⁰¹⁰ GINBERNATI, José Antônio. Utopia. In: FLORISTÁN, C. Samanes; TAMAYO-ACOSTA, J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p., 869-873. Aqui: p., 873.

¹⁰¹¹ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *A opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011, p., 181-201. Aqui: p., 183.

¹⁰¹² COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, p., 184.

¹⁰¹³ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, p., 185-186.

¹⁰¹⁴ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, p., 186.

¹⁰¹⁵ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, p., 187.

4.1.3.c

A misericórdia-compaixão-opção pelas vítimas da história

Há uma intrínseca relação entre a “opção pelos pobres” e a misericórdia de Deus.¹⁰¹⁶ A solidariedade concreta com os pobres é a condição prévia para colocar-se no seguimento de Jesus, que só é possível com o amor de Deus, o Espírito, a Graça incriada que cria no ser humano o amor, a compaixão que conduz a acolhida às necessidades dos outros, à solidariedade concreta com os pobres. Portanto, colocar-se no seguimento de Jesus é ater-se no seguimento do Amor misericordioso de Deus.¹⁰¹⁷

Deus ama os necessitados de um modo próprio pela sua situação de carência. Em Jesus de Nazaré, Ele os busca e identifica-se com eles. Este amor é revelado na solidariedade concreta com os pobres e na acolhida em deixar-se “mover pela compaixão”. Destarte, a compaixão se inscreve na humanidade mesma. Na fé, os cristãos encontram elementos fundamentais sobre a especial relação entre Deus e os pobres que devem sobre determinar o agir solidário, a caminhada em direção dos pobres e a incondicional tomada de posição a favor dos irmãos “mais pequenos”.¹⁰¹⁸

4.1.3.d

Recordar com urgência o “Pacto da Catacumbas”

A realidade atual convoca urgentemente à memória do testemunho e da ação profética dos quarenta Padres Conciliares, entre todos, D. Helder Câmara, que destacaram e assumiram radicalmente o tema ‘pobreza’. Eles participavam do Concílio Vaticano II e se reuniram após uma celebração eucarística nas Catacumbas de Santa Domitila, em 16 de novembro de 1965, onde firmaram seu compromisso com os pobres e um modo de vida simples. O documento conhecido como *Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre*, proclama uma vertente do espírito do Concílio. O mesmo espírito conduziu um número significativo de padres e religiosas a viver em meios populares, compartilhando condições de moradia com

¹⁰¹⁶ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 161.

¹⁰¹⁷ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 170-173.

¹⁰¹⁸ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 177.

os pobres, “testemunhando o sofrimento cotidiano dos marginalizados e explorados”.¹⁰¹⁹

O termo “opção pelos pobres” constitui-se um dos pontos centrais da Igreja latino-americana e da TdL.¹⁰²⁰ Admitida nos documentos do episcopado latino-americano, de Medellín a Aparecida, possui dois significados particulares: o primeiro é o da mudança de lugar social; o segundo, indissociável do primeiro, é o de que tal opção conduza a criar condições para que o pobre seja o sujeito das necessárias transformações sociais, bem como um sujeito eclesial pleno. Importa, portanto, colocar-se ao lado dos pobres na caminhada e nas lutas.¹⁰²¹

O Papa João Paulo II legitimou o uso da expressão “opção preferencial pelos pobres” em suas últimas encíclicas sociais [*Sollicitudo Rei Socialis*, n. 42; *Centesimus Annus*, n. 57].¹⁰²² Tal legitimação encerrou a polêmica em torno da chamada “opção pelos pobres” ou “opção preferencial pelos pobres” que se faz a partir da fé.¹⁰²³ O Magistério da Igreja e a grande tradição teológica sempre acentuaram a relação entre o conteúdo ético da fé cristã e a lei natural.¹⁰²⁴ Na fé, encontra novas motivações que conduzem a uma permanente opção pelos pobres; e razão da mesma humanidade e no caso dos cristãos, também por causa da fé, todos são convocados à solidariedade com os mesmos.¹⁰²⁵ Em concreto, a uma compaixão que se traduz como “perigosa recordação”.

4.1.3.e

A importância central do *co-sentir* para a *ação* e para a *fé*

A justiça remete à compaixão que abriga em si uma “perigosa recordação”, pois se enraíza na universalidade do sofrimento,¹⁰²⁶ constitui uma atenção misericordiosa da parte de Deus aos seres humanos e da parte destes para com os seus próximos, e recorda o cuidado de Deus na experiência do êxodo, a fé na ressurreição de Cristo, a esperança da redenção. Compaixão é sentir junto com

¹⁰¹⁹ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 158.

¹⁰²⁰ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 157.

¹⁰²¹ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 158-159.

¹⁰²² ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 159.

¹⁰²³ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 159.

¹⁰²⁴ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 160.

¹⁰²⁵ ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p., 160.

¹⁰²⁶ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? Em: Concílium/292, 2001/4. Em busca de valores universais, p., 60-78. Aqui: p., 62.

quem está sofrendo e participar em seu sofrimento. Este é o elemento central do amor ao próximo.¹⁰²⁷

O tema da *misericórdia-compaixão-opção* remete às quatro teses de J. B. Metz: a razão anamnética; o universalismo negativo, como o conceito que se contrapõe a um universalismo de dominação; a escatologia como tempo limitado, e a razão anamnética como ortopráxis.¹⁰²⁸ A primeira tese é a razão anamnética, definida como “perigosa recordação”, que no “*zkr*” hebraico, liga a memória ao impulso ético e é tanto um conceito ético quanto um conceito profético político.¹⁰²⁹ Este conceito se opõe à “amnésia cultural”¹⁰³⁰ e se concretiza na memória de Cristo como *memória passionis* (memória da paixão).¹⁰³¹ A segunda tese é o universalismo negativo como o conceito que se contrapõe a um universalismo de dominação.¹⁰³² A terceira tese é a escatologia teológica. Como teologia do “tempo limitado”, espera, mais impaciente do que pacientemente, diante do sofrimento dos seres humanos concretos, a ruptura na história, a ruptura do presente com a história, uma história que se prolonga como história de injustiça e sofrimento.¹⁰³³ A quarta tese é, novamente, a razão anamnética, pois o que fundamenta a fé é a ortopráxis (o agir corretamente). A ortopráxis, no sentido de uma teologia da memória do sofrimento do outro, significa – na mesma linha que a determina também a Teologia da Libertação – a busca da justiça, uma justiça que se baseia na compaixão.¹⁰³⁴

A respeito do co-sentir, dois campos temáticos caracterizam a discussão histórica: a disputa a respeito de sua origem e a história do debate ético em torno da compaixão que representa uma disputa em torno do valor e status da mesma.¹⁰³⁵ Os éticos concordam que co-sentir, empatia ou mesmo compaixão podem ser aprofundados pela formação e educação.¹⁰³⁶ A postura do co-sentir é determinada com a ajuda de elementos constitutivos tais como: a identificação com o sofredor,¹⁰³⁷ o cuidado (sorge) para com o bem do outro,¹⁰³⁸ uma “humanidade

¹⁰²⁷ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 63.

¹⁰²⁸ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 63.

¹⁰²⁹ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 63.

¹⁰³⁰ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 64.

¹⁰³¹ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 64.

¹⁰³² HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 65.

¹⁰³³ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 66.

¹⁰³⁴ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 66.

¹⁰³⁵ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 68.

¹⁰³⁶ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 68.

¹⁰³⁷ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 71.

¹⁰³⁸ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 71.

partilhada” que produz o co-sentir e o obriga à convicção de que entre o ser humano e o outro que sofre há uma harmonia.¹⁰³⁹ É, também, uma atitude de percepção, de atenção cuidadosa e identificação, mediada pela imaginação, com alguém cuja integridade física ou psíquica está ameaçada, atitude de cuidado pelo bem do outro e de criação de um caráter comum fundamental que institui comunidade.¹⁰⁴⁰

A tradição bíblica é um meio que nos propicia a experiência, especialmente religiosa e ética, da responsabilidade e dedicação, uma experiência reflexiva que expõe a importância central do co-sentir para a ação e para a fé.¹⁰⁴¹ Na postura ética do co-sentir, o crente sabe-se fortalecido pela experiência religiosa formada pela experiência da ação salvífica de Deus, mediada historicamente, ou pelo menos pela experiência de justiça e misericórdia divinas.¹⁰⁴² A experiência religiosa não acrescenta nada à experiência ética como tal, mas para a identidade da pessoa que se abandona nessa experiência, ela é uma convicção que, nesse caso, não poderá ser separada da experiência ética.

Mas o co-sentir não se restringe ao âmbito da ação. Ele permanece atento, inclusive onde as violações e os atos de transgressão não repousam numa ação humana nem podem ser suspensos pela ação.¹⁰⁴³ Há co-sentir quando o agir chega ao seu limite. O co-sentir poderá tornar-se fecundo para uma teoria da justiça. Pois a base da justiça é a igualdade universal do sujeito moral que é cunhado na convergência de direitos e deveres. Justiça toma o outro modo da igualdade compreendida de modo formativo, e com isso como o “outro universalizado”.¹⁰⁴⁴ Co-sentir é “o outro da justiça”, que se manifesta na própria justiça.

O co-sentir adequado ao outro, busca sincronizar o movimento de apoio e o soerguimento.¹⁰⁴⁵ O “soerguer” é o aspecto prático, é a justiça que institui igualdade onde não faltava. Esse é o ponto alto da parábola do misericordioso samaritano, o protótipo neotestamentário para o co-sentir adequado que alimenta a emoção e guia a ação em direção ao sofredor.

A “participação no sofrimento do outro, participação atenta, que busca reconhecer pela percepção”, mostra ser um constituinte da estrutura comum do

¹⁰³⁹ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 72.

¹⁰⁴⁰ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 73.

¹⁰⁴¹ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 73.

¹⁰⁴² HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 73.

¹⁰⁴³ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 75.

¹⁰⁴⁴ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 76.

¹⁰⁴⁵ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 77.

cuidado, uma postura pastoral, que precisa da própria de formação e exercício. Por isso, a teologia deve forçar Deus para o diálogo, deve colocar a questão do sofrimento, confrontá-lo com a “nação de lamentos”, como Deus interpela o ser humano a sair de sua injustiça.¹⁰⁴⁶

4.1.3.f

A modo de conclusão

O item que abordamos acima ratifica a importância da ética e da compaixão solidária na esperança de mulheres e homens novos. Tal reflexão foi norteadada pelo questionamento se, de fato, há uma crise de valores ou falta uma vivência autêntica da compaixão solidária de Deus. Diante dos paradigmas atuais, percebemos que continua pertinente e relevante *recordar, refletir e revivificar* a compaixão-opção pelas vítimas da história. Neste percurso, insistimos em nos deixar impregnar pelas palavras de D. Hélder Câmara enquanto nos entranhamos numa Teologia encarnada e definida como “recordação perigosa”, *memória passionis*, com o intuito de apalpar as “verdades sólidas” do Verbo da Vida, de tal modo que elas nos fascinem e se insiram em nós, sejam nosso sopro e nossa vida, para que de fato cheguemos “a ser alguém que no meio das dúvidas seja fé encarnada, audível, tangível”.

Para que o trabalho prossiga com valor, destacamos a tese da incompletude de Deus e do Ser Humano apresentada por Slavoj Žižek, que vem interpelando nosso labor teológico. A incompletude é uma plena “humanização” do sujeito e da divindade e a força-fraqueza de Deus é um mero preenchimento dos requisitos lógicos para que um ato seja ético. A grande lição é que o sujeito do amor é “para sempre incompleto”. O sujeito cristão é incompleto, porque o Deus cristão também o é. Aqui, o grande Outro é a humanidade. Portanto, o gesto deve ser sempre de ‘novo começo de um ponto zero’.

¹⁰⁴⁶ HAKER, Hille. “Compaixão” como um programa universal de cristandade? p., 78.

4.2

A compaixão solidária de Deus na esperança de Mulheres e Homens Novos

Queremos perguntar-nos por Deus, por sua relação com o sofrimento, e ver se isto é bom ou mal, mas tudo isso na perspectiva das próprias vítimas, a partir da “autoridade dos sofredores”, embora não possamos garantir que captemos adequadamente essa perspectiva.¹⁰⁴⁷

O tema de nossa reflexão versa *A Compaixão Solidária de Deus na Esperança das Mulheres*. A finalidade é contemplar a Teologia de Gênero e Hermenêutica Feminina na América Latina que, afinada com a Teologia da Libertação, almeja um perfil epistemológico suficientemente caracterizado. A linguagem em relação ao Deus sofredor compartilha criticamente das condições que desonram a mulher, e, na realidade, todos os seres humanos e todas as criaturas vivas. Além do mais, falar da compaixão solidária de Deus à luz de sua *kenosis* conduz-nos a um entendimento que promove a Espiritualidade da Solidariedade e a Práxis da Esperança. Este é o símbolo mais fecundo e crítico da Teologia Feminista.

Cientes de que a Teologia Cristã existe para o serviço à vida de fé,¹⁰⁴⁸ é concluída no aprendizado amoroso e libertador dela,¹⁰⁴⁹ e tem como desígnio “conhecer para amar e amar para praticar”.¹⁰⁵⁰ Nossa atitude é inclinar-nos amorosa e solidariamente diante de todas as vidas que clamam por Vida, especialmente, perante as sociedades do Sul do mundo, que carecem “da tematização libertadora da fé” para poderem vivê-la eficazmente e, na perspectiva do Evangelho, libertarem-se do contexto de opressão,¹⁰⁵¹ pois a grandeza da Teologia está em intuir que a civilização encontra-se enferma e necessita ser humanizada e admitir a existência dos males físicos, morais e espirituais, pessoais e estruturais e, por detrás destes, o mal, enigma maior. Além disso, a Teologia também aprecia a existência dos bens, e do Bem, Mistério Maior.¹⁰⁵²

¹⁰⁴⁷ SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000., p., 402.

¹⁰⁴⁸ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., Página 390.

¹⁰⁴⁹ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 401.

¹⁰⁵⁰ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 403. Segundo C. Boff, tal formulação sintetiza as três correntes que discutem o objetivo da teologia: a Tomista, a Franciscana e a da Teologia da Libertação.

¹⁰⁵¹ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 417.

¹⁰⁵² SOBRINO, Jon. *Humanizar uma civilización enferma*. Em: *Concflium*/329, fevereiro/2009, p., 79.

Ao dialogarmos com o Mistério Maior que, desde sempre, nos seduz e fascina, confrontamo-nos com novos paradigmas e desafios¹⁰⁵³ que nos solicitam uma postura lúcida¹⁰⁵⁴ e empenhada para com as vítimas e aqui, para com a esperança das mulheres. Deste modo, será valiosa uma produção teológica que, por sua vez, seja profética, evangélica, querigmática, misericordiosa e impregnada de esperança.¹⁰⁵⁵ O ponto de partida deve ser a proclamação da liberdade do Espírito para que se propicie a formação do ser humano integrado, bem como a constatação de que a relação com o Deus Ressuscitado Crucificado liberta a liberdade das pessoas, capacitando-as para a solidariedade e o reconhecimento na alteridade.

Deste modo, integrando-se na evolução de um diálogo crítico, a Teologia Feminista apresenta um grande aporte para a reformulação da linguagem em relação a “*Aquela que É*”, no que diz respeito ao dinamismo do relacionamento trinitário e igual da essência da Vida. A porta de entrada é o *phatos* divino e o sofrimento do mundo.¹⁰⁵⁶

Eis a estrutura metodológica de nossa exposição. Primeiro, apresentaremos uma breve contextualização da Teologia Feminista, admitindo sua relação com o modelo particular da TdL. Em seguida, abordaremos a metodologia da Teologia Feminista e sua análise da linguagem em relação a Deus, considerando que a solidariedade de Deus, revela-se em uma compaixão superabundante na perspectiva das mulheres. E, finalmente, acenaremos para a relevância da Teologia Feminista da Libertação hoje, sinalizando a promoção da Espiritualidade da Solidariedade e a Práxis da Esperança no sentido de fortalecê-la e intensificá-la para o bem de todos os seres humanos e criaturas vivas.

¹⁰⁵³ TRIGO, Pedro. *Desafios para a Teologia da América Latina*. Disponível em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/ler_conteudo.asp?id=917. Publicado em: 16/09/2010. Acessado em: 28 de setembro de 2011.

¹⁰⁵⁴ LIBÂNIO, João Batista. *Quatro cenários para a Fé no contexto atual da Teologia Latino Americana*. Disponível em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/ler_conteudo.asp?id=917. Publicado em: 16/09/2010. Acessado em: 28 de setembro de 2011.

¹⁰⁵⁵ BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

¹⁰⁵⁶ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é: o mistério de Deus no tratado teológico feminista*. Petrópolis: Vozes, 1995, p., 348-385. Aqui, p., 348.

4.2.1

Breve contextualização da Teologia Feminista da Libertação

Este capítulo contextualizará a Teologia Feminista da Libertação. Primeiro, dar-se-á um destaque ao modelo particular da TdL, mesmo que resumidamente, pois a Teologia Feminista encontra-se afinada com ela. O intuito é confirmar que a linguagem em relação à solidariedade de Deus com a cruz de Jesus e com todos os que sofrem diz respeito ao método da TdL, principalmente porque o sofrimento é um modo de ser de Deus que é Amor.

4.2.1.a.

Uma Teologia radical e integral

Articulada em nível mundial, a TdL¹⁰⁵⁷ é uma teologia radical e integral. Radical, porque na raiz do seu método, reside “o compromisso concreto com o pobre real, vivido espiritualmente como um ver a Deus no pobre e ao pobre em Deus”.¹⁰⁵⁸ Integral, porque dá uma ênfase particular à dimensão social da fé. Enquanto memória, na igreja e na esfera teológica em particular, da exigência constitutiva do Cristianismo, que é a evangélica preferência pelos pobres; e enquanto realça essa exigência em contextos sociais e históricos específicos, como na periferia da sociedade e do mundo, a TdL mantém-se distinta.¹⁰⁵⁹

4.2.1.b.

Uma Teologia que privilegia as vítimas da história

A TdL é uma teologia específica, pela dimensão que privilegia; e teologia integral, pela sua referência ao Plano Total da Salvação. Neste sentido, aborda questões teológicas explicitando seu potencial libertador, bem como de questões sociais, ajustando-as sempre sob a ótica estimuladora e crítica da fé.¹⁰⁶⁰ Seu gênero literário lança luzes nos caminhos e descaminhos da história.¹⁰⁶¹ E além de

¹⁰⁵⁷ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 637. Neste livro, que exhibe o “*órganon*” da produção teológica, Clodovis Boff, apresenta na parte II, questões complementares acerca do método teológico. Entre elas, destacamos o capítulo 22, que trata dos modelos históricos da prática teológica, inclusive, o modelo particular da Teologia da Libertação.

¹⁰⁵⁸ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 638.

¹⁰⁵⁹ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 638.

¹⁰⁶⁰ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 638.

¹⁰⁶¹ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 639.

convocar todas as pessoas à tarefa libertadora, privilegia os pobres “como seus interlocutores e destinatários especiais, na medida em que são sujeitos protagônicos de sua própria libertação”;¹⁰⁶² abaliza à práxis da fé e desperta as Comunidades Cristãs ao compromisso de justiça, acompanhando-as de modo estimulante e crítico.¹⁰⁶³ Em suma, a TdL é uma teologia que convoca seus teóricos, a constituírem-se como pessoas integradas, solícitas, comprometidas e solidárias com a caminhada e a esperança das vítimas da história, considerando seu lugar teológico e teologal.

4.2.1.c.

Origem histórica em dois cenários: mundo protestante e mundo católico

A evolução histórica da Teologia Feminista sugere dois cenários. No mundo protestante, assiste-se um grupo de mulheres norte-americanas, lideradas por Elizabeth C. Stanton, reunidas para reler e interpretar as passagens da Bíblia relativas à mulher, à luz da nova consciência do universo feminino.¹⁰⁶⁴ Neste contexto, surge a *Woman's Bible*, publicada em duas partes (1895 e 1898), que sinaliza uma nova consciência da mulher. Este evento cultural e, simultaneamente, eclesial da realização da Bíblia da Mulher, é o irromper de um longo processo que nas décadas de 60 e 70 do século próximo passado, ao lado do nascimento das teologias da libertação, conduziria à elaboração do projeto de uma teologia feminista.¹⁰⁶⁵ No mundo católico, destaca-se a década de 1956 a 1965, quando as principais correntes do protestantismo admitem mulheres ao pastorado. Neste contexto, “um grupo de mulheres, lideradas por Gertrud Heinzelmann”, dirigiram-se publicamente aos padres do Concílio Vaticano II com um livro-manifesto *Não estamos mais dispostas a ficar caladas!* (1965).¹⁰⁶⁶ Tal problemática ampliou-se nos anos pós-conciliares. A partir daí, desenvolveu-se um novo tipo de reflexão teológica, primeiramente nos Estados Unidos e no Norte da Europa, seguindo-se nos países latinos e de Terceiro Mundo, vindo a ser nomeada de Teologia Feminista (*Feminist Theology*), “cuja fase de formação pode ser situada entre 1968-1975, em

¹⁰⁶² BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 639.

¹⁰⁶³ BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*, p., 639.

¹⁰⁶⁴ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p., 415.

¹⁰⁶⁵ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 415.

¹⁰⁶⁶ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 416.

período simultâneo à teologia americana da libertação e à teologia negra norte-americana” (GIBELINI, 1998, p., 417).

4.2.1.d.

O desígnio da Teologia Feminista e sua metodologia

A Teologia Feminista contribui para a dimensão inacabada da teologia, cujo referencial é uma autêntica teologia da integralidade.¹⁰⁶⁷ Caracterizada como uma teologia contextualizada e fragmentada, compartilha as histórias de experiências, seguindo-se à formulação da experiência de Deus. Em sua fragmentariedade, conseguiu compor um fenômeno teológico relevante.¹⁰⁶⁸ E igualmente às Teologias da Libertação, assume a mesma estrutura, considerando-se e articulando-se como “ato segundo”. Sua reflexão pressupõe um compromisso e uma militância nos movimentos de emancipação da mulher como “ato primeiro”. E neste sentido, atua teologicamente em uma constante correlação de ação e reflexão. Por utilizar uma metodologia baseada numa nova relação entre teologia e prática, considera-se como uma contribuição crítica para uma teologia da integralidade.¹⁰⁶⁹ E é uma teologia da libertação das mulheres, porque elaborada e praticada por mulheres militantes no movimento de libertação da mulher.¹⁰⁷⁰

4.2.1.e.

Uma contribuição para a teologia da integralidade

Além de pôr-se na linha profética da tradição cristã e representar uma contribuição crítica para uma teologia da integralidade, a Teologia feminista abarca áreas de reflexão, particularmente animadas e intensas no campo da teologia bíblica, histórica e dogmática, bem como das questões éticas e eclesiológicas. Para ela, a sororidade, significa “estar-junto das mulheres para um caminho de libertação, para uma Igreja que seja comunidade de mulheres e de homens e para uma prática da reciprocidade”¹⁰⁷¹

¹⁰⁶⁷ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998 p., 419.

¹⁰⁶⁸ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 419.

¹⁰⁶⁹ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 421.

¹⁰⁷⁰ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 421.

¹⁰⁷¹ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 427.

Comprova-se que, somente a partir de uma pesquisa histórica integral, pode-se elaborar uma antropologia em termos de integralidade.¹⁰⁷²

A análise de gênero requer um estudo histórico completo. Gênero pode ser tomado em sentido biológico (equivalente a sexo/gênero masculino e feminino), bem como, em sentido sociológico, e então indica o *significado* que assumem a mulher e o homem em determinada situação histórica e cultural.¹⁰⁷³ Vale dizer, a análise de gênero introduziu uma nova metodologia que estuda o contexto histórico, social, político, cultural e religioso, o qual define o “ser homem” e o “ser mulher” em determinado contexto social.¹⁰⁷⁴

4.2.1.f.

Uma teologia que recupera a *feminilidade de Deus*

A Teologia Feminista suscita questões que interessam a pontos centrais da teologia sistemática: a doutrina sobre Deus, a cristologia, a mariologia, a eclesiologia e a ética.¹⁰⁷⁵ Em relação à doutrina sobre Deus, questiona acerca do símbolo de Deus Pai como um símbolo patriarcal e procura corrigir e integrar a linguagem religiosa sexista mais integral e universal para dar expressão à Transcendência. Neste sentido, fala-se de “recuperação da *feminilidade de Deus*”.¹⁰⁷⁶ Teólogos como Rahner e Moltmann têm contribuído também, na via da despatriarcalização do conceito de Deus Pai.¹⁰⁷⁷ Para Rahner, em uma sociedade matriarcal, a expressão ‘Deus é Mãe’ adquiriria sua atualidade e acabaria por se impor.¹⁰⁷⁸ Para Moltmann, a Teologia Feminista recupera um autêntico discurso libertador a respeito de Deus.¹⁰⁷⁹

No âmbito da cristologia, por meio de pesquisas bíblicas e históricas, esquematiza uma cristologia profética, recupera a mensagem e a práxis de Jesus.¹⁰⁸⁰ Na mariologia, percorre o caminho mais sóbrio e bíblico, procurando readquirir as linhas de uma mariologia profética, “que vê em Maria a mulher aberta ao Espírito,

¹⁰⁷² GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p., 435.

¹⁰⁷³ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 435.

¹⁰⁷⁴ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 435.

¹⁰⁷⁵ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 435.

¹⁰⁷⁶ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 436.

¹⁰⁷⁷ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 437.

¹⁰⁷⁸ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 438.

¹⁰⁷⁹ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 438.

¹⁰⁸⁰ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 440.

a qual pronuncia seu sim a *Deus* e se exprime no *Magnificat*, interpretado – na linha da teologia da libertação – como canto de libertação”.¹⁰⁸¹ Trata-se de uma linha de reflexão mariológica adotada também pela teologia ecumênica.¹⁰⁸²

No que diz respeito à ordenação da mulher, visa uma teologia (e uma prática) da inclusão, pois admite a vocação batismal como um chamado para um “discipulado de iguais”, redefinindo a figura da liderança das comunidades cristãs.¹⁰⁸³ No campo da ética, procura redefinir a relação antropológico-ética entre homem e mulher e propõe o modelo antropológico da reciprocidade na diferença, segundo o qual todo ser humano possui, embora com modalidades próprias, uma plena e equivalente natureza e personalidade humanas.¹⁰⁸⁴ Aqui, ela propõe também, as linhas de uma ‘teologia ecológica da natureza’.¹⁰⁸⁵

À luz da retomada do tema próprio de uma doutrina bíblica da criação, a Teologia Feminista compartilha com os recentes rumos da Teologia Política que, com Jürgen Moltmann, desenvolveu uma doutrina ecológica da criação. Trata-se de uma concepção ‘comunional’, de um pensamento integrante, que une as diversas abordagens do real, que conhece para participar, que conduz a uma consciência ecológica, de acordo com a qual a natureza é “*oikos*, casa, habitação para o ser humano” (GIBELINI, 1998, p. 445).¹⁰⁸⁶ Enfim, além de tentar articular seu discurso no protesto e na crítica, a Teologia Feminista o articula na pesquisa histórica e na construção teológica positiva.¹⁰⁸⁷ Tendo percorrido a contextualização da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista, apresentaremos a seguir, o tratado crítico de Deus e a releitura da compaixão superabundante de Deus à luz de sua *kénosis*.

4.2.2

Aquela que É: o tratado crítico de Deus e releitura do sofrimento de Deus à luz da Teologia Feminista

Este item versa a metodologia da Teologia Feminista e sua análise da linguagem em relação a Deus, segundo E. Johnson¹⁰⁸⁸. Também contemplará a

¹⁰⁸¹ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 441-442.

¹⁰⁸² GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 441.

¹⁰⁸³ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 442.

¹⁰⁸⁴ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 443.

¹⁰⁸⁵ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 444.

¹⁰⁸⁶ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 445.

¹⁰⁸⁷ GIBELINI, R. *A Teologia do Século XX*, p., 445.

¹⁰⁸⁸ Elizabeth Johnson é autora do muito aclamado *Aquela que É: O Mistério de Deus no Trabalho Teológico Feminino* (Vozes, 1995), assim como de *Nossa Verdadeira Irmã: Teologia de Maria na*

solidariedade de Deus na perspectiva das mulheres, que em sua ação quenótica, revela uma compaixão superabundante.

4.2.2.a

Um olhar sob as *lentes da promoção feminina*

A teologia cristã da libertação feminina é a reflexão sobre o mistério religioso a partir de uma posição que faz uma opção a priori para a promoção humana da mulher.¹⁰⁸⁹ A teologia cristã sempre se analisou como esforço da *fides quaerens intellectum*, a fé em busca do entendimento, buscando um discernimento mais profundo do sentido do Evangelho e uma melhor compreensão da vida humana e de todo o universo, à luz da benevolência do mistério divino. O impacto da modernidade e da pós-modernidade nos últimos séculos, tornou a linguagem cristã em relação a Deus um tanto problemática. Tanto no empenho clássico como no da libertação, a teologia é uma disciplina da linguagem que avança e retrocede, movendo-se em espiral em torno da vida e da fé, dentro do contexto cultural de um determinado tempo e lugar. Contudo, a Teologia Feminista deu a sua resposta, produzindo uma nova linguagem criativo-hermenêutica dialogando com os antigos textos, numa perspectiva contemporânea.¹⁰⁹⁰

4.2.2.b

Um olhar para outras formas de linguagem sobre Deus

Em resposta às deficiências do *teísmo*, conceito ou ideia que afasta o Deus uno do conhecimento da Trindade de Deus, considerando-o em ‘si mesmo’,

Comunhão dos Santos (Loyola, 2003). Também, é autora da edição nº. 51 dos *Cadernos Teologia Pública*, publicados pelo IHU. Hoje, Elizabeth Johnson é professora emérita de teologia da Fordham University, universidade confiada à Companhia de Jesus. De suas publicações mais recentes, destacam-se: *She Who is: the Mystery of God in feminist theological discourse*. New York: Crossroad, 1992. Publicação em português: *Aquela que É: O Mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995; *Dangerous Memories: A Mosaic of Mary in Scripture*. New York: Continuum International Pub., 2004; *Truly Our Sister: A Theology of Mary in the Communion of Saints*. New York: Continuum International Pub., 2003. Publicação em português: *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2006 e *Quest for the Living God: Mapping Frontiers in the Theology of God*. New York: Continuum Publishers International, 2007. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br>. “Quem é Elizabeth A. Johnson?” 31/03/2011. Acessado em: 07 de setembro de 2011.

¹⁰⁸⁹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é: o mistério de Deus no tratado teológico feminista*. Petrópolis: Vozes, 1995, p., 37.

¹⁰⁹⁰ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 39.

separado de qualquer *kenosis*, encarnação, autocomunicação na graça, surgiram outras formas de linguagem que suscitaram um tratado sobre o Deus libertador, o Deus encarnado, o Deus que se relaciona com as criaturas, o Deus sofredor, o Deus que é futuro e o Deus desconhecido e oculto do Mistério.¹⁰⁹¹ E na conjuntura histórica, denominada *Interseção*, a linguagem em relação a Deus foi reformulada com o objetivo de ser-lhe incluído “um relacionamento intrínseco com o mundo, uma aliança com a promoção humana, uma solicitude de libertação em relação aos pobres e a um mistério maior”.¹⁰⁹² Aqui, a Teologia Feminista suscita uma “nova linguagem em relação ao mistério de Deus à luz da perspectiva da mulher e da sua crítica específica do sexismo” tanto da tradição clássica como dos mais reconstrutivos esforços já desenvolvidos.¹⁰⁹³ Mas, à medida que a teologia responde “à sua tradição de exclusividade, à luz da experiência da ‘outra metade’ da raça humana”,¹⁰⁹⁴ a revolução no conceito de Deus transforma-se em novas e insuspeitas profundezas.¹⁰⁹⁵

4.2.2.c

Um olhar ao sentido profético

As mulheres que seguem a Teologia Feminista comungam de um aspecto importante da situação social comum entre elas: a linguagem delas soa a partir das margens da tradição androcêntrica dominante.¹⁰⁹⁶ Trata-se de um lugar de desvalorização sistemática. Estar situada à margem significa ser inferior, passar despercebida, não ter importância.

O sentido profético da Teologia Feminista está em ouvir e falar sobre toda ordem sócio simbólica que ela observa à luz da sua localização liminar, questionando as normas, os termos e as práticas do centro. Sua linguagem visa a resistência e a transformação de todo o projeto. Ela adverte que a sociedade e a Igreja estão impregnadas de sexismo,¹⁰⁹⁷ o qual manifesta-se através de estruturas sociais, nas atitudes e na ação pessoal, entrelaçadas no domínio público e particular.

¹⁰⁹¹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 39.

¹⁰⁹² JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 39.

¹⁰⁹³ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 43.

¹⁰⁹⁴ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 44.

¹⁰⁹⁵ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 44.

¹⁰⁹⁶ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 44.

¹⁰⁹⁷ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 45.

As estruturas sociais sexistas denominam-se como patriarcado¹⁰⁹⁸ e uma de suas formas mais fortes é o patriarcado religioso, que se considera divinamente estabelecido.¹⁰⁹⁹ Aqui, o preconceito contra a humanidade da mulher é intrínseco às estruturas religiosas herdadas e aos paradigmas de raciocínio decididamente concretizados.¹¹⁰⁰ Portanto, a mulher ocupa um lugar marginal na vida oficial da Igreja.¹¹⁰¹

4.2.2.d

Um olhar para o método

A Teologia Feminista apela para a experiência da mulher¹¹⁰² e envolve-se em três tarefas inter-relacionadas: analisa com critério as opressões herdadas; busca uma sabedoria alternativa e a história que ficou suprimida; e arrisca novas interpretações de tradição, na troca de ideias sobre a vida da mulher.¹¹⁰³ Ao analisar com critério as opressões herdadas, admite que a tarefa da desmontagem desmascara a dinâmica oculta da dominação na linguagem, nos costumes, na memória, na história, nos textos sagrados, na ética, no simbolismo, na teologia e no ritual da tradição cristã.¹¹⁰⁴ Ao buscar a sabedoria ignorada, suprimida ou alternativa, tem-se a possibilidade de desvendar temas teológicos adormecidos e a história relegada em segundo plano, que irão contribuir para um futuro pleno de personalidade para a mulher, onde resgata-se a sua palavra.¹¹⁰⁵ E ao arriscar novas interpretações de tradição, à luz de sua crítica e nos lampejos das alternativas, amplia um trabalho de reconstrução, procura novas articulações das suas normas e dos seus métodos e encara sob novo ângulo, os símbolos e as práticas cristãs que justifiquem o desenvolvimento pleno da humanidade da mulher, como uma chave para um novo conjunto.¹¹⁰⁶

¹⁰⁹⁸ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 45.

¹⁰⁹⁹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 46.

¹¹⁰⁰ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 48.

¹¹⁰¹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 50.

¹¹⁰² JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 54.

¹¹⁰³ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 54.

¹¹⁰⁴ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 54.

¹¹⁰⁵ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 55.

¹¹⁰⁶ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 55-56.

4.2.2.e

Um olhar para o critério e a finalidade

A emancipação da mulher para o pleno desenvolvimento humano é a pedra de toque para pôr à prova a verdade e a falsidade, a adequação e a inadequação, a coerência e a incoerência das assertivas teológicas e das estruturas religiosas. A diferença deste princípio na Teologia Feminista em relação ao princípio da Teologia clássica da “*imago Dei*”, está no sentido de que ele é “reivindicado pela mulher como princípio que se aplica a ela mesma”.¹¹⁰⁷ A finalidade da Teologia Feminista é transformar as estruturas injustas e os sistemas dos símbolos distorcidos, para que o surgimento de uma nova comunidade na Igreja e na sociedade seja possível. Vale dizer, uma comunidade libertadora de todas as mulheres e de todos os homens caracterizados pela reciprocidade uns com os outros e pela harmonia com o planeta Terra.¹¹⁰⁸

4.2.2.f.

Um olhar para o modelo e para a linguagem em relação a Deus

O modelo é inclusivo e a meta é transformar o próprio sistema existente, pois o esforço em situar a experiência feminina no centro da pesquisa e a luta para a transformação dos símbolos e dos sistemas opressores provocam uma mudança no paradigma intelectual.¹¹⁰⁹ A análise teológica feminista concorda que a linguagem exclusiva, literal e patriarcal em relação a Deus é opressora e idólatra, porque abona as estruturas sociais de dominação/subordinação e a visão androcêntrica do mundo hostil à dignidade humana legítima e igual da mulher. E, simultaneamente, restringe o Mistério de Deus. Ambos os efeitos integram um sistema complexo.¹¹¹⁰

¹¹⁰⁷ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 56-57.

¹¹⁰⁸ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 58.

¹¹⁰⁹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 59.

¹¹¹⁰ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 70.

4.2.3

Releitura da *kenosis* de Deus à luz da Teologia Feminista

4.2.3.a.

Deus é afetado pelo sofrimento das vítimas

De forma intensa e agressiva, o sofrimento radical atinge milhões de pessoas em todo mundo. Afetado pelo sofrimento das vítimas, Deus é digno do amor e do louvor humano.¹¹¹¹

No movimento mais criativo do século XX, destacam-se aqueles que refletem *pathos* divino. Abraham Herschel, ao estudar as Escrituras judaicas, traz uma nova luz ao discernimento profético do Deus Bíblico do *pathos*, o Deus sofredor.¹¹¹² A Teologia Protestante, à luz da cruz, fala do envolvimento genuíno do Deus trinitário nas angústias da história e afirma que a cruz revela que Deus se encontra justamente no meio deste sofrimento e compartilha do mesmo de uma forma que conduz à salvação.¹¹¹³ Em Deus, toda esta tragédia se transforma em vida, segundo o modelo da morte e da ressurreição de Jesus Cristo.¹¹¹⁴

A Teologia Católica toma a encarnação como exemplo, rompendo com a impassibilidade em razão do aspecto *kenótico* do Verbo que se fez carne. Assim o faz com a sensibilidade expressa pelo Segundo Concílio de Constantinopla, de 553: “Nosso Senhor Jesus Cristo, crucificado na carne, era verdadeiro Deus, Senhor da Glória e um da Trindade”. A união pessoal da natureza divina e da natureza humana em Cristo é tão profunda que a cruz pertence ao ser humano de Jesus, bem como à pessoa do *Logos* divino.¹¹¹⁵ Na Teologia da Libertação Latino-americana, os teólogos incitados pela miséria de milhões de pessoas oprimidas pela pobreza e pela violência, afirmam que Deus age em solidariedade com a cruz de Jesus, bem como com todos os que sofrem. Jon Sobrino propõe o sofrimento como um modo de ser de Deus, argumentando que isto é simplesmente uma interpretação concreta da intuição bíblica de que Deus é Amor.¹¹¹⁶

¹¹¹¹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 353.

¹¹¹² JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 353.

¹¹¹³ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 354.

¹¹¹⁴ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 354.

¹¹¹⁵ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 355.

¹¹¹⁶ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 356.

4.2.3.b.

Crítica ao símbolo religioso do Deus sofredor

Ao analisar os pensadores acima, E. Johnson diz que, segundo eles, a capacidade divina para o sofrimento é uma expressão sumamente característica da liberdade divina ativa no poder do amor.¹¹¹⁷ Este é o momento propício para uma crítica. De acordo com Johnson, o atributo clássico de impassibilidade abaliza para o Mistério de Deus. E, à luz da sensibilidade religiosa atual, torna-se acessível aqui, uma redefinição criativa. Tratando-se de uma palavra teológica na perspectiva da experiência feminina, acrescenta mais um dado elucidativo.¹¹¹⁸

Para Johnson, a afirmação da liberdade divina determina uma linguagem em relação a Deus com o machista requintado, indiferente e insensível em face do sofrimento humano.¹¹¹⁹ E mesmo considerado como ideal ético de liberdade, o atributo de impassibilidade é falho quando comparado com a verdade reconhecida na experiência viva característica da mulher.¹¹²⁰ O argumento acerca do sofrimento de Deus como “um valor em si mesmo”, ou que revele um Deus “fraco e impotente”, trai a ação da mulher em prol da igualdade e da humanidade plena,¹¹²¹ pois o modo de se relacionar, característico da mulher em sua existência no mundo, exige um conceito diferente de Deus em meio ao sofrimento. A ênfase dada ao sofrimento impotente de Deus é particularmente perigosa, quando relacionado com a mulher.

A imagem de um Deus ‘impotente e sofredor’ é perigosa para a humanidade autêntica da mulher e deve-se opor uma resistência tenaz à mesma,¹¹²² diz Johnson. Segundo ela, é necessário romper com o sistema androcêntrico do poder que se impõe versos a vitimização e pensar em outras categorias em relação ao poder, à dor e ao seu entrelaçamento profundo na experiência humana. Principalmente, porque o conteúdo da vida feminina contribui para uma nova realização do poder do Deus sofredor, bem como, a linguagem em relação a este Deus sofredor possibilita a promoção da plena e igual humanidade da mulher.¹¹²³

¹¹¹⁸ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 356.

¹¹¹⁹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 357.

¹¹²⁰ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 357.

¹¹²¹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 358.

¹¹²² JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 359.

¹¹²³ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 359.

4.2.3.c.

Mulheres, imagens do Crucificado

Ao examinar a capacidade dos símbolos gerados pela experiência de dor para evocar o Mistério de Deus, Johnson assegura que, de fato, a mulher é *imago Dei*. Inclusive, cita exemplos tais como: as dores do parto e da geração dos filhos, a punição a que incorre a mulher por ter escolhido livremente atos de justiça, a dor e o pesar que sente com o mal que aflige os outros e a consciência da destruição causada pela degradação pessoal.¹¹²⁴ O lugar constitutivo do envolvimento divino no sofrimento do mundo é a cruz. O Mistério de Deus se manifesta na própria escuridão: Cristo Crucificado, a Sabedoria e o Poder de Deus.¹¹²⁵

O símbolo cristológico do sofrimento atuante de Deus em Cristo torna-se historicamente abrangente, abarcando a vida de sofrimento das mulheres e dos homens de todas as épocas da história. O corpo do Cristo sofredor inclui os corpos das mulheres violentadas e denegridas.¹¹²⁶ Considera-se a essência de Deus estabelecida no dinamismo dos relacionamentos pessoais e do ato que é amor.¹¹²⁷ O sofrimento pode ser concebido ontologicamente como uma expressão do ser divino, na medida em que ele é um ato livremente comprometido como consequência da preocupação para com os outros. A analogia pessoal torna possível interpretar o sofrimento divino como um ato de amor do Deus-Sophia que transborda livremente em misericórdia.¹¹²⁸

4.2.3.d.

O amor está vinculado ao sofrimento em Deus

À luz da valorização feminista da mutualidade como excelência moral, o amor vincula realmente o sofrimento em Deus. A linguagem em relação ao Deus sofredor que ama em solidariedade com o mundo em conflitos, a linguagem em relação ao sofrimento da Sagrada Sabedoria com e em prol do mundo, aponta para um ato de liberdade do amor deliberada e generosamente compartilhado de acordo

¹¹²⁴ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 360.

¹¹²⁵ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 373.

¹¹²⁶ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 373.

¹¹²⁷ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 375.

¹¹²⁸ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 375.

com a sua própria integridade. Como síntese do amor misericordioso, o símbolo do sofrimento divino aparece como a suprema excelência.¹¹²⁹

Esta linguagem tem uma afinidade toda especial com a experiência do Espírito, denominada amor mútuo, amor que procede, dom livremente dado e amigo do mundo. O significado desta linguagem inclui o Deus Triúno no relacionamento com o mundo. Portanto, o Mistério de Deus está solidário com aqueles que sofrem. Na desolação do sofrimento, a presença da misericórdia divina, como companheira na dor, transforma o sofrimento, trazendo um consolo e um conforto inexplicável.¹¹³⁰

4.2.3.e.

A comunhão, fonte de energia e solidariedade

A comunhão é uma fonte profunda de energia para a própria cura do sofrimento. A consciência de que Deus não nos abandona, faz toda a diferença. A linguagem em relação ao sofrimento de Deus fortalece a responsabilidade humana em face do sofrimento do próximo.¹¹³¹ O Deus sofredor orienta o ideal humano para a solidariedade compassiva. A lógica do símbolo revela que o amor misericordioso de Deus luta contra as forças da destruição, estar em aliança com Ele, convoca uma práxis semelhante. A vivência da atitude solidária de ver o mundo com sensibilidade fortalece a ação em prol daqueles que sofrem. Principalmente, em situações de sofrimento generalizado em face das injustiças, este símbolo revela que Deus se encontra ao lado dos oprimidos, como um desafio aos opressores, sejam eles indivíduos isolados ou estruturas.¹¹³²

4.2.3.f.

A solidariedade de Deus aponta para o futuro de esperança

A linguagem em relação ao Deus sofredor aponta para o futuro. Aqui, surge uma energia que resiste ao desespero.¹¹³³ A cruz e a ressurreição escandalizam e não podem ser reconciliadas teoricamente. Este episódio aprofunda ainda mais um

¹¹²⁹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 377.

¹¹³⁰ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 378.

¹¹³¹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 379.

¹¹³² JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 379.

¹¹³³ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 380.

mistério de como a solidariedade de Deus para com o mundo sofredor traz um futuro de esperança até mesmo para os mais desamparados. O Deus sofredor aponta para o mistério real do Deus trinitário como um aliado contra o sofrimento e incentiva a comunidade para a prática do amor que corresponde a este mesmo mistério. A presença viva de Deus, mesmo quando vislumbrada através das trevas, como se fosse a sua ausência, oferece novas possibilidades internas da própria situação em que se vive. Somente um Deus sofredor é que pode ajudar. O Deus clemente, interpretado numa analogia com a experiência de racionalidade e de solicitude da mulher, poderá ajudar, suscitando o consolo, a ação humana responsável e a esperança contra toda a esperança, num mundo marcado pelo sofrimento e pelo mal radical.¹¹³⁴

4.2.3.g.

A perspectiva da libertação feminista

A linguagem em relação ao Deus sofredor à luz da perspectiva da libertação feminista ocasiona a reformulação do conceito de onipotência. Busca-se, portanto, integrar o poder e o amor compassivo, considerando o amor como forma em que se manifesta o poder divino.¹¹³⁵ O poder que emana da mulher é o poder-com-alguém.¹¹³⁶ A compaixão é um poder que fortalece uma eficácia, uma firmeza lúcida e possui uma eficácia de transformação.¹¹³⁷

Deus-Sophia, “Aquele que É”, está em solidariedade com todos os que sofrem como um mistério de fortalecimento. Com indignação moral, com solicitude para com as criaturas desalentadas e como simpatia que pede justiça, o poder do amor misericordioso de Deus se insere na dor e no sofrimento do mundo para transformá-lo.¹¹³⁸ A forma de linguagem em relação ao Deus sofredor dentro da teologia feminista está intimamente associada ao que as mulheres articulam como múltiplos entrelaçamentos da sua própria experiência, e tem capacidade de despertar a compaixão, a responsabilidade e a esperança humana.¹¹³⁹

¹¹³⁴ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquele que é*, p., 381.

¹¹³⁵ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquele que é*, p., 381.

¹¹³⁶ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquele que é*, p., 382.

¹¹³⁷ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquele que é*, p., 383.

¹¹³⁸ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquele que é*, p., 383.

¹¹³⁹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquele que é*, p., 384.

4.2.3. h.

Um Deus comprometido com o *humanum*

Somente quando situada cuidadosa e consistentemente dentro do contexto de um Deus que está absolutamente comprometido com o *humanum*, cuja glória é a plenitude da vida dos seres humanos, principalmente das mulheres, este símbolo do ‘Deus sofredor’ exerce o seu poder de fortalecimento das criaturas. Aqui, representa o poder do amor sofredor para resistir e para renovar a vida.¹¹⁴⁰ A linguagem em relação ao *Deus-Sophia* sofredor com o seu poder compassivo e onipotente serve de aliado na resistência e de fonte de esperança. Entretanto, essa linguagem assim procede sob a norma da escuridão e das palavras fragmentadas.¹¹⁴¹ A seguir, veremos a relevância e a pertinência da Teologia Feminista na atualidade.

4.2.4.

A Compaixão Solidária de Deus na Esperança das Mulheres

Neste item, acenaremos para a relevância da Teologia Feminista da Libertação hoje, sinalizando-a como Teologia que promove uma Espiritualidade de Solidariedade e uma Práxis de Esperança, no sentido de fortalecê-la e intensificá-la para o bem de todos os seres humanos e criaturas vivas.

4.2.4.a.

O evento Jesus de Nazaré

Percebemos que no cenário da reflexão teológica contemporânea, a Teologia Feminista da Libertação, junto a suas teologias irmãs, é convocada ao diálogo, tendo como figura referencial o evento Jesus de Nazaré, cuja mensagem evangélica toca a todos os povos, religiões e culturas, no profundo respeito às diferenças que são sagradas e irrevogáveis.¹¹⁴² Mulheres e Homens, na reciprocidade, querem hoje, anunciar esta mensagem pelo desejo irremovível de compartilhar com os outros o amor profundo por Jesus e seu Reino: um amor que tomou conta do coração e trasbordou para todo canto.¹¹⁴³ E, nesta história que continua sendo palco da incessante comunicação do

¹¹⁴⁰ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 384.

¹¹⁴¹ JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é*, p., 385.

¹¹⁴² TEIXEIRA, Faustino. *Jesus de Nazaré, um fascínio duradouro*. Em: IHU-ONLINE, Edição 248, São Leopoldo, 17 de dezembro de 2007, p., 5. Acessada em: 10 de setembro de 2011.

¹¹⁴³ TEIXEIRA, Faustino. *Jesus de Nazaré, um fascínio duradouro*, p., 5.

mistério gratuito de Deus, encontramos em Jesus o caminho de acesso ao Mistério maior. Jesus é percebido como alguém que envia ao mistério de Deus, conduzindo-nos a novos horizontes relacionais.

4.2.4.b.

Jesus Cristo, ponte que conduz Deus e o mundo

Jesus é a ponte que conduz Deus e o mundo através da encarnação (Deus se torna um com a carne do mundo) e da ressurreição (a carne do mundo é impregnada com a vida de Deus no Cristo ressuscitado). O peculiar da reflexão hermenêutica sobre Jesus Cristo, é que a Igreja e a sociedade devem ser transformadas para tratar as mulheres como pessoas humanas plenamente adultas.¹¹⁴⁴ A Teologia Feminista favorece a possibilidade de experimentar outras formas do discurso sobre Deus. É possível falar sobre Ele em termos masculinos e femininos, bem como em termos animais e cósmicos.¹¹⁴⁵ A reflexão cristológica favorece uma melhor elaboração da noção do divino que registre a diversidade, pois a verdade sobre Deus é mais bem servida usando uma ampla diversidade de imagens. Jesus deu aqui um excelente exemplo: suas parábolas mostram uma grande imaginação, nomeando e falando sobre Deus de múltiplas maneiras.¹¹⁴⁶

A Teologia Feminista considera o empenho por uma libertação atendo-se à dupla natureza do Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus e, desta forma, ao acento posto em sua morte e ressurreição ‘para nós’, pois este é o clamor do próprio Deus contra as injustiças e contra a própria morte.¹¹⁴⁷ A Teologia Feminista Latino-Americana que tem valorizado a ressurreição insiste que a antropologia feminista principie do corpo social, comunitário, cultural. Vale dizer, o corpo todo deve ser realçado, pois o Cristo ressuscitado suscita “energia” para as mulheres (*empowerment*).¹¹⁴⁸

¹¹⁴⁴ JONHSON, Elizabeth A. *Jesus e as imagens sobre Deus: para além do masculino e do feminino*. Em: IHU-ONLINE, Edição 248, São Leopoldo, 17 de dezembro de 2007, p., 22. Acessado em: 10 de setembro de 2011, p., 23.

¹¹⁴⁵ JONHSON, Elizabeth A. *Jesus e as imagens sobre Deus: para além do masculino e do feminino*. Em: IHU-ONLINE, Edição 248, São Leopoldo, 17 de dezembro de 2007, p., 22. Acessado em: 10 de setembro de 2011, p., 23.

¹¹⁴⁶ Ibidem.

¹¹⁴⁷ PARMENTIER, Elisabeth. Feminismo e retorno ao Jesus histórico. Em: IHU-ONLINE, Edição 248, São Leopoldo, 17 de dezembro de 2007, p., 27. Acessado em: 10 de setembro de 2011.

¹¹⁴⁸ PARMENTIER, Elisabeth. Feminismo e retorno ao Jesus histórico, p., 28.

4.2.4.c.

Reflexão de Gênero

Acerca das contribuições cristológicas dadas pelos estudos de gênero, importa declarar que Jesus é uma pessoa humana e possui uma relação única e singular com Deus.¹¹⁴⁹ Esta afirmação torna possível a experiência de vê-lo morto e experimentá-lo ressuscitado e vivo em nosso meio, para proclamar que Ele é o Filho de Deus e Deus mesmo.¹¹⁵⁰

A reflexão de gênero reflete que todo conhecimento elaborado é situado, tanto no contexto histórico e cultural onde se vive quanto no gênero ao qual pertencemos. O fato de ser mulher, bem como ter consciência disso, permite repensar teologicamente na perspectiva da mulher. Dizer ‘Deus Pai’ expressa pensar e falar num Deus que também é Mãe. A geração eterna do Filho pelo Pai é tão plena e perfeita que num único Filho resplandece toda ternura materna e todo vigor paterno de seu amor.¹¹⁵¹ Portanto, as pesquisas sobre o Jesus histórico trazem um aspecto relevante, pois abordam o Mistério de Jesus Cristo à luz da história, da humanidade, a partir de baixo, em um movimento ascendente. Há, neste sentido, um vínculo entre a cristologia e a soteriologia, o Mistério de Cristo e nossa salvação.¹¹⁵²

4.2.4.d.

Em Jesus Cristo, o Amor de Deus inclui “tudo e todos”

O que caracteriza o messianismo de Jesus é o fato de sentir-se eleito e enviado para realizar uma missão divina particular e obedecer estritamente ao chamado de Deus.¹¹⁵³ Jesus mostra que seu messianismo está relacionado com o serviço a Deus.¹¹⁵⁴ O amor de Deus pela humanidade flui da economia trinitária e é inclusivo. Neste sentido, inclui todos, especialmente o pobre ou os pequenos deste mundo; as vítimas e os crucificados da história.

A Teologia Feminista da Libertação continua pertinente e relevante. Após um século, encontra-se madura, e nela há um debate vivo sobre a importância respectiva

¹¹⁴⁹ BINGEMER, Maria Clara L. O rosto feminino de Deus. *Em: IHU-ONLINE*, Edição 248, São Leopoldo, 17 de dezembro de 2007, p., 29. Acessada em: 10 de setembro de 2011.

¹¹⁵⁰ BINGEMER, Maria Clara L. *O rosto feminino de Deus*, p., 29.

¹¹⁵¹ BINGEMER, Maria Clara L. *O rosto feminino de Deus*, p., 30.

¹¹⁵² BINGEMER, Maria Clara L. *O rosto feminino de Deus*, p., 31.

¹¹⁵³ BINGEMER, Maria Clara L. *O rosto feminino de Deus*, p., 32.

¹¹⁵⁴ BINGEMER, Maria Clara L. *O rosto feminino de Deus*, p., 33.

a ser dada à razão e à experiência, assim como às tradições das Igrejas.¹¹⁵⁵ A reflexão na perspectiva da Mulher é de grande interesse para a Teologia da Libertação; para o esclarecimento do sentido das doutrinas e dos símbolos vinculados a Maria, mãe de Jesus. Sua relevância está no intuito de renovar as diferentes disciplinas teológicas de tal modo que a Igreja seja uma instituição na qual, mulheres e homens possam se reconciliar e enriquecer-se mutuamente com suas diferenças.¹¹⁵⁶

4.2.4.e.

A modo de conclusão

Urge um entendimento que promova a Espiritualidade da Solidariedade e a Práxis da Esperança. Ao considerar “A Compaixão Solidária de Deus na Esperança das Mulheres”, nossa finalidade foi contemplar a Teologia de Gênero e Hermenêutica Feminina na América Latina que, ao lado da Teologia da Libertação, ressalta a linguagem em relação ao Deus sofredor e compartilha criticamente das condições que desonram a mulher e, na realidade, de todos os seres humanos e de todas as criaturas vivas. O trabalho pretendeu articular a compaixão solidária de Deus à luz do sofrimento e conduziu-nos a um entendimento que promove a Espiritualidade da Solidariedade e a Práxis da Esperança. Confirmou-se que a Compaixão Divina transbordante é o símbolo mais fecundo e crítico da Teologia Feminista.

A Teologia Feminista é uma teologia crítica da libertação que almeja cooperar com a salvação e a integração de todas as vítimas do atual sistema androcêntrico e capitalista cruel. E, igualmente, na transformação das estruturas de Igreja através de uma teologia mais integral. Abordando a teologia de Jon Sobrino na perspectiva das vítimas, percebemos o quanto esta valoriza e integra a esperança das mulheres. cremos ser de suma importância que nós, teólogos e teólogas que integramos as sociedades do Sul do Mundo, prossigamos na reflexão teológica de gênero. Inclusive, atendo-se nas suas dimensões antropológicas, cristológicas e

¹¹⁵⁵ LOADES, Ann. Mulher. Em: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas-Edições Loyola, 2004., p., 1209.

¹¹⁵⁶ LOADES, Ann. Mulher. Em: *Dicionário crítico de teologia*, p., 1209.

pneumatológicas. Desta forma, nossa produção teológica terá um caráter mais libertador e coerente com a realidade e o contexto em que vivemos.

Perante a conjuntura eclesial e socioeconômica na qual nos encontramos, os desafios são diversos. Precisamos resgatar a coragem e desafiarmo-nos a um maior aprofundamento nas pesquisas já feitas, para avançar na reflexão, pois, se estamos cientes de que a Teologia na perspectiva de gênero contribui para defender e proteger a dignidade da mulher e age conjuntamente com a Teologia da Libertação na defesa das vítimas da globalização, vale a pena mantermos a mente e o coração despertados, intensificando o “amor ao estudo, o senso do mistério e o compromisso com o povo”.¹¹⁵⁷

Portanto, que nossa produção teológica se amplie em favor da justiça para incluir os seres humanos que sofrem e os sistemas de vida, bem como outras espécies.¹¹⁵⁸ E, em Jesus Cristo, possamos resgatar uma linguagem sobre o Deus da Comunhão que gera energia, solidariedade compassiva, esperança e sensibilidade para mulheres e homens. Uma linguagem teológica que nos fortaleça na complementariedade e na responsabilidade humana em face ao sofrimento do próximo. Uma linguagem que revele o Mistério de Deus solidário com as vítimas da história. Enfim, uma linguagem teológica que revele o amor misericordioso de *Deus-Sophia* e convoque-nos a uma práxis semelhante de gerar Vida e Vida plena.

4.2.5

Maria no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos: Uma esperança ecumênica

Ouve ó Pai Santo esta oração, Glória do Teu Filho é a União.

Nossa reflexão teológica pretende demonstrar que o estudo em perspectiva ecumênica sobre a figura de Maria em relação à salvação de Jesus Cristo, *Maria e a Salvação em Cristo: uma perspectiva ecumênica* comprovou a relevância do diálogo ecumênico e certificou que neste não se pretende eliminar todas as diferenças, mas assegurar que as que permanecem são consoantes com um consenso fundamental no que diz respeito à fé apostólica e, por isso, legítimas e toleráveis. E

¹¹⁵⁷ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p., 525.

¹¹⁵⁸ JOHNSON, Elisabeth A. *O Deus Vivo em perspectiva Cósmica*. In: Cadernos Teologia Pública, IHU (Instituto Humanitas Unisinos) – UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Ano VII, Nº 51, 2010, p., 9.

mais, que a reconciliação considerada sob o prisma da Oração de Comunhão do Filho com o Pai no Espírito “Para que todos sejam um, como nós somos unidos”, é um processo que nos integra na dinâmica da caminhada que conduz à plena comunhão na fé, no culto sacramental e numa vida eclesial estruturada. A leitura dos documentos *Maria: Graça e Esperança em Cristo*¹¹⁵⁹ e *Maria no Desígnio de Deus e a Comunhão dos Santos*,¹¹⁶⁰ articulada com textos afins, atuais e relevantes,¹¹⁶¹ possibilitaram-nos uma melhor construção de conhecimento e socialização em grupo, permitindo-nos a tecer com esmero, uma reflexão pertinente ao cenário eclesial atual. Sendo assim, esta reflexão contemplará Maria no Mistério da obra salvífica em razão de sua proximidade com o Filho de Deus que se tornará seu filho e na Comunhão dos Santos da Igreja Peregrina e Celeste, onde a vemos incluída como ‘a irmã dos que creem’. O intuito é destacar a Pessoa de Maria como testemunha e manifestação do Mistério da Encarnação e da Universalidade da Redenção.

A estrutura metodológica aqui proposta segue a dinâmica do ‘ver, julgar e agir’. Primeiro, uma demonstração da realidade com seus desafios. Em seguida, as luzes da Bíblia e da Tradição Cristã que nos conduzem à compreensão da Pessoa de Maria no Mistério Salvífico de Deus e na Comunhão dos Santos. Terceiro, a reconfiguração e ressignificação da Pessoa de Maria na perspectiva ecumênica. Concluiremos, destacando a relevância e a pertinência deste tema, numa Igreja de Comunhão que se propõe misericordiosa, solidária, mística e profética, bem como

¹¹⁵⁹ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. *Maria: Graça e Esperança em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

¹¹⁶⁰ GRUPO DE DOMBES. *Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos*. Aparecida: Santuário, 2010.

¹¹⁶¹ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004 (especialmente nos estudos bíblicos). BOFF, C. *Mariologia Social*. São Paulo, Paulus, 2006. BONATTI, Pe. Mário. *Maria Mãe dos Cristãos – A devoção à Mãe de Jesus explicada a católicos e evangélicos com base na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2006. BRUNI, Giancarlo. *Mariologia ecumênica*. Approci, Documenti, Prospective. Bologna: EDB, 2009, p., 155-165 (sobre o dogma da Imaculada em perspectiva ortodoxa). JOHNSON, Elizabeth. A. *Nossa verdadeira irmã*. Teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006, p., 151-174 (perspectiva histórica). KHATLAB, Roberto. *Maria no Islã*. São Paulo: Ave Maria, 2003. LUTERO, Martín. *El Magnificat*. Traducido y comentado (1520-1521) Texto de la Traducción Reina Valera 1865, de las Sociedades Bíblicas Unidas. Em português: LUTERO, M. *O louvor de Maria (O Magnificat)*. São Leopoldo: sinodal, 1999. MACQUARRIE, John. *Maria para todos os cristãos*. São Paulo, Loyola, 2006. MOINGT, J. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008, p., 531-574 (reflexão sistemática sobre a Encarnação, “O Verbo de se fez carne”). MOSCHETTA, Jean-Marc. *Concebido del Espírito Santo*. Selecciones de Teologia (compilação do texto francês: MOSCHETTA, Jean-Marc. *Conçu du Saint Esprit*. Nouvelle Revue Théologique 125 (2003) 555-573 (sobre a virgindade de Maria). RUIZ DE GOPEGUI, Juan A. “Teologia Mariana e diálogo ecumênico”. *Convergência*, setembro 2007, n. 405 (excelente síntese de teologia mariana).

de prosseguir no dinamismo de ‘ir e vir’ do Círculo Fraternal da Vida que integra ‘tudo e todos’ no Mistério de Amor.

4.2.5.a.

Demonstração da realidade e seus desafios

Para que todos sejam um, como sou Um em Ti, ó Pai.

A realidade que nos circunda é apresentada em cenários distintos. Aqui, nosso olhar teológico-pastoral volta-se para o cenário eclesial atual no que diz respeito à Pessoa de Maria e como ela é aclamada. Ciente de que cada vez mais nos confrontamos com uma pluralidade de teologias e com cenários eclesiais diversos, creio que é urgente uma Teologia Mariana na Perspectiva Cristã (Ortodoxa, Protestante, Católica) para firmarmos-nos na Fé, caminharmos na Esperança e praticarmos o Amor à causa do Reino de Deus Prometido, anunciando-o desde já em nossa história, numa postura de reverência à alteridade.

Para não me expandir, apresentarei um dos episódios reais que testemunho continuamente na caminhada pastoral-eclesial. E assim o farei, sob o prisma do princípio ‘respeito’, pois acredito que tudo o que vemos, apalpamos, testemunhamos e compartilhamos da Realidade da Vida devemos anunciar numa postura de acolhida crítica e autocrítica, porque a nossa comunhão é Comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo (1Jo 1,4). Também, porque concordo que Jesus de Nazaré nos introduz na história de maneira mais adequada, se nos capacita a vivê-la de maneira mais humana, a desempenhar-nos para sermos para os outros, a caminhar com esperança para um futuro absoluto, desconhecido, misterioso e utópico. Enfim, a caminhar com Deus e para Deus¹¹⁶² no dinamismo do serviço amor-doação, da solidariedade e da compaixão.

Por ocasião do dia 27 de setembro de 2011, participei da Romaria a Aparecida-SP junto com todos os fiéis de nossa Igreja Católica da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Lá, mantive-me integrada com os fiéis e, simultaneamente, relativizando tudo o que assistia. Primeiro, meu olhar voltou-se para as pessoas que lá estavam. Pessoas humildes, sedentas de Deus, cada uma carregando a sua própria história, com sofrimentos, mas com esperança. Pensei: “A própria Igreja do Rio de

¹¹⁶² SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 487.

Janeiro, aqui se encontra na sua diversidade, assiduidade e fragilidade”. *Diversidade*, porque ali estava e integrava uma Igreja desde a periferia ao centro, desde os pobres aos ricos, desde os iletrados aos letrados, desde os laicos aos clérigos, enfim, uma Igreja com cenários diversos. *Assiduidade*, porque todos, inclusive eu, lá estávamos para celebrar a Eucaristia em comunhão e participação. *Fragilidade*, e aqui entra a minha percepção, porque cada pessoa ali se encontrava com a sua formação e tradição religiosa; umas, a meu ver, capengas; outras, interpelantes. Mas todas instigavam minha fé.

De antemão, intrigou-me o número incontável de pessoas com seus aparelhos digitais (celulares e máquinas fotográficas) que incomodavam o silêncio, a concentração, a oração. Intensificou-me o sentimento de repulsa ao comércio que se utiliza do espírito devocional das pessoas, induzindo-as a um exagerado devocionismo; o que implica um melhor esclarecimento e conhecimento sobre Maria, Mãe de Jesus e nossa Irmã. Também pensei que a ‘fé dos humildes’ deve ser valorizada e que é urgente ater-se com zelo para que essa fé seja integrada no Mistério de Cristo e na Comunhão dos Santos.

Este episódio ajudou-me a configurar melhor a concepção de aceitação e não aceitação das subjetividades, ou seja, das posturas de acolhida e fechamento inerentes à nossa condição histórica e que estão sempre presentes no dinamismo dos relacionamentos interpessoais. Percebo que é importante determo-nos na subjetividade das pessoas e considerá-las em todas as suas dimensões e situações (social, econômica, estrutural, religiosa, psicológica, etc.). Desta forma, contribuiremos em favorecer um melhor convívio dialogal com o que nos é diferente, bem como anunciarmos que todas as pessoas são impregnadas pelo dom da Graça que liberta sua liberdade e as torna Pessoas Integradas, Imagens e Semelhanças da Comunidade Trinitária.

Deste modo, cooperam as luzes que as Sagradas Escrituras e a Tradição nos oferecem para uma melhor reflexão do Mistério que abraça tudo e todos. É o que trataremos a seguir, apresentando uma síntese do documento do Grupo de Dombes *Maria no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos*.

4.2.5.b.

Maria, no Desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos

O documento do Grupo de Dombes, *Maria no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos*, termina com um capítulo intitulado *Para a conversão das Igrejas*, que deveria ser lido por católicos e evangélicos como expressão do que a obediente serva da Palavra diria hoje às Igrejas. O Grupo de Dombes declara que é com confiança e expectativa de reações que a continuidade do trabalho será considerada num diálogo frutuoso com os leitores. Por isso, sua finalidade é suscitar outras reflexões e compartilhar de uma evolução de nossas Igrejas para uma atitude pacificada. Com uma estrutura metodológica enfatiza o processo de conversão em todo o tempo, para que a postura seja receptiva.

O documento *Maria no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos* é apresentado em duas partes. A primeira trata de uma leitura ecumênica da História e da Escritura. A segunda parte trata das questões controversas e a conversão das Igrejas. A primeira parte, intitulada *Leitura Ecumênica da História e da Escritura*, abrange os dois primeiros capítulos. O primeiro capítulo, enriquecido pelos testemunhos da história e uma leitura comum da Escritura sobre Maria, esclarece o seu lugar na tradição do primeiro milênio que é comum aos cristãos. E, em seguida, de que maneira ela se tornou o lugar de uma divergência crescente desde o tempo da Reforma. Ao exprimir tudo o que une numa mesma confissão de fé em que Maria encontra o lugar que lhe compete na economia cristã da salvação, o segundo capítulo é ilustrado pelo quadro dos três artigos do Credo para apresentar Maria como criatura do Pai, a exemplo de todas as criaturas, como a mãe do Filho vindo a se encarnar em nosso mundo e como aquela que, presente na oração da comunidade de Pentecostes, pertence pelo Espírito à comunhão dos Santos que é a Igreja. Aqui, os testemunhos da Escritura concernentes a Maria.

A segunda parte, intitulada *Questões Controversas e a Conversão das Igrejas*, abrange os dois últimos capítulos. No terceiro capítulo, são abordados os quatro principais pontos de divergência entre os cristãos: Maria “cooperou” ou não para a nossa salvação? Maria permaneceu sempre virgem ou teve filhos, irmãos e irmãs de Jesus? O que são dogmas definidos do lado católico, a Imaculada Conceição e a Assunção? É legítimo invocar Maria na oração para pedir sua intercessão junto de

Deus? E no quarto capítulo, é proposto às Igrejas, algumas balizas de conversão confessional de que Maria não seja mais um obstáculo entre cristãos.

Deste insigne Documento, destacamos o segundo capítulo, que trata sobre o testemunho da Escritura e a confissão de fé. A exposição de três artigos do Símbolo de Fé estrutura a reflexão doutrinal sobre Maria e que concernem à Trindade e sua manifestação na economia da salvação, cujo ápice é o evento Jesus Cristo. Voltamo-nos para o mistério de Jesus Cristo que “tomou carne da Virgem Maria e se fez homem”. O enfoque é dado ao itinerário humano de Jesus Cristo, o Filho de Deus, vindo “para nós homens e para nossa salvação”. Este artigo menciona Maria como sua mãe.

É importante confirmarmos que Maria, *virgem, mãe, serva, discípula e irmã*, precede-nos na fé no Verbo encarnado. E como Igreja, reorientarmo-nos para a nossa origem e fundamento: Jesus Cristo, Filho do Deus Vivo feito homem por obra do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria.

Como Igreja, voltemo-nos ao “Mistério da *Encarnação do Filho de Deus*”¹¹⁶³ e o desvendemos pleno de sentido! Sob este prisma, contemplemos a postura de entrega do ser humano a Deus, assumindo a condição de servo. O ‘sim’ da entrega a Deus é atitude de fé e de amor, porque acolhe a Palavra no encantamento da doação. Contemplemos tal postura, na Mulher plena de graça: *Maria*. Mulher realizada e apaixonada pela realidade sua e de seu povo, pela realidade da humanidade e do mundo; e mais, pela Realidade de Deus. Apaixonada pela realidade de Deus, Maria torna o chão de sua própria história e da história da humanidade, real, magnífico, majestoso, concretizando o próprio sentido e significado da palavra ‘realidade’.

A Realidade é Deus e sua Mensagem. Acolhendo-a, Maria demonstra o ápice de sua adesão ao Mistério de Deus e ato de entrega total, dando a sua resposta: “Eu sou a serva do Senhor. Faça-se tudo a mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,38). A resposta de Maria é Palavra que está perto de nós, nos lábios, no coração e na vida do Povo de Deus. A Palavra de Maria é Palavra que vem de Deus (cf. Lc 1,35). E o

¹¹⁶³ OLIVEIRA, Ana Márcia S. de. *O Sim da Entrega a Deus. Adesão ao Mistério da Encarnação*. Monografia de Bacharel em Teologia orientada pela professora Dr^a Lina Boff. PUC-RJ, 20 de novembro de 1999. Achamos pertinente e relevante apresentar Maria na perspectiva ecumênica à luz do que já refletimos outrora, pois desde o início da leitura do documento do Grupo de Dombes, percebemos uma reflexão comum, especialmente, no que diz respeito ao Testemunho da Escritura e a Confissão de Fé.

Deus Trino que fala agindo em Maria, é Deus-Pai, o Servo, doando o seu Filho ao mundo; é Deus-Filho, o Servo, gerado no seio de Maria, para dar Vida ao mundo; é Deus-Espírito Santo, o Servo, plasmando e edificando em Maria, a Vida em Plenitude, que será doada a toda humanidade, “ontem, hoje e sempre” (cf. Hb 13,8). A resposta de Maria é Sabedoria de vida, é Mistério revelado aos “pobres de Iahweh”. É o Mistério do Reino de Deus entranhado no coração e no ser de Maria Mulher, Serva de Iahweh, Mãe de Deus e nossa mãe. A seguir, refletiremos sobre a pessoa de Maria na Esperança Ecumênica.

4.2.5.c.

Reconfiguração da Pessoa de Maria na Esperança Ecumênica

Eis aqui os teus servos Senhor. Que a Graça de Deus cresça em nós sem cessar. E de Ti, nosso Pai, vem o Espírito Santo de Amor pra gerar e formar Cristo em nós.”¹¹⁶⁴

O refrão acima, muita cantado nas Celebrações e presente na vida das pessoas que comungam do Mistério de Deus e de sua atuação salvífico-libertadora, nos ajudará a delinear Maria no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos. Dois eixos, duas entradas que se cruzam. Um eixo vertical e outro horizontal e a partir dos pontos estratégicos destes, uma circunferência. Aqui, vislumbra-se a Virgem situada no mistério da obra salvífica em razão de sua proximidade com o Filho de Deus que se tornará seu filho, ou seja, ‘Maria no desígnio de Deus’. Também se contempla Maria situada na Igreja Peregrina e Celeste, na companhia dos santos de todos os lugares e de todos os tempos, que são os crentes, ou seja, ‘Maria na Comunhão dos Santos’.

Discípulas e discípulos de Cristo, cresceremos na compreensão e realização de nossa missão na medida em que nos espelhemos na serva do Senhor que soube acolher em total docilidade a Palavra feita carne em Jesus Cristo, como dom absolutamente gratuito. Como teólogas e teólogos católicos, precisamos reencontrar a autêntica Teologia Mariana, integrada no Mistério do Cristo e da Igreja. Como teólogas e teólogos evangélicos, é preciso discernir o que pode ser válido nas atitudes populares com relação a Maria e tratar de compreendê-las como expressão da vivência da comunhão e da solidariedade fraterna entre os cristãos,

¹¹⁶⁴ NAVARRO. Dom Carlos Alberto E. G. “Quando Teu Pai Revelou o Segredo a Maria”. Composição e música.

“os santos” das cartas paulinas, que certamente não pode ser anulada pela morte, sob pena de esvaziar a eficácia salvadora de Cristo.

Concebemos, portanto, uma ampla ciranda fraterna de pessoas a caminho, numa marcha dançante e paciente, cada uma buscando a integração do ser com a certeza de que na dependência recíproca, todas alcançarão a transformação “por Cristo, com Cristo, e em Cristo”. Nesta ciranda, que é comunhão de pessoas, com o coração e os olhares umas nas outras, e onde os passos seguem o mesmo ritmo, encontra-se Maria, Discípula e Irmã nossa.

No “ir e vir” do ‘Discipulado de Iguais’, todos nós, irmanados no seguimento de Jesus, integramos a Comunhão. E conduzidos pela Palavra, Luz Consagrada, fixamos nosso olhar no Mistério Pascal, memorial da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, onde fortalecemos nossa Esperança. Esta é a revelação da única Igreja, Peregrina e Celeste, porque em Jesus Cristo, o Crucificado Ressuscitado, ‘Deus em si mesmo’ (Trindade Imanente) revela-se em seu agir salvífico e amoroso (Trindade Econômica). Deus em sua Transcendência revela-se Imanente e em sua Imanência, revela-se Transcendente. Enfim, uma Igreja, Comunidade de Pessoas de mãos dadas com Cristo, com Maria e todas as testemunhas, santos e santas a caminho. Enfim, sejamos todos, cristãos, discípulos missionários, um discipulado de Irmãs e Irmãos numa Igreja de Comunhão, nos reverenciando mutuamente, porque espelhos da Comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, compreendendo esta realidade como autocomunicação de Deus ao ser humano por mediação de Jesus Cristo, na doação do Espírito Santo.

4.2.5.d.

A modo de conclusão

Como fica forte e audaz ante as adversidades da vida, a pessoa que faz a experiência de amor materno e sororal!¹¹⁶⁵

Ressaltamos aqui, a relevância e a pertinência do estudo feito numa perspectiva ecumênica. Afirmamos que numa Igreja de Comunhão, a saída é dialogarmos, respeitando-nos mutuamente, pois nesta única Igreja peregrina e celeste, somos convocados a assumir uma postura misericordiosa, solidária, mística

¹¹⁶⁵ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. Frase inspirada na frase de Freud: "Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada." Publicada no Facebook em 12 de novembro de 2020.

e profética,¹¹⁶⁶ assim como prosseguir no dinamismo de ‘ir e vir’ do Círculo Fraternal da Vida que integra ‘tudo e todos’ no Mistério de Amor.

Maria é a primeira testemunha da verdade maravilhosa, que atua plenamente, mediante as ‘obras e os ensinamentos’ (Cf. At 1,1) do seu Filho. E, definitivamente, mediante a sua Cruz e Ressurreição. Juntamente com ela, todos nós, filhos e filhas no Filho, somos chamados a testemunhar o Mistério do Amor (cf. 1 Jo 1-4; 4, 7-21), aderindo com fé o Filho, Jesus Cristo, amando-nos uns aos outros na doação e no serviço solidário (cf. 1 Jo 3,23.16-18; Jo 13,15.34). É sob este prisma, que a seguir, suscitaremos algumas esperanças para que possamos confirmar a atuação e a universalidade da Solidariedade encarnada, sob a qual continuamos recebendo de sua plenitude, Graça sobre Graça (cf. Jo 1, 14.16).

Considerar Maria no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos implica continuarmos caminhando na Esperança e nos desafiarmos ao discernimento, ao testemunho e ao desempenho profético evangelizador e mesmo martirial. É convite para manifestarmos no hoje da Revelação, o Mistério do Amor, através de nossa realização como mulheres e homens novos, permeados do divino em todas as dimensões e entranhados na participação plena do projeto do Reino. E assumindo nossa identidade como Igreja, contemplamos a santidade misteriosa de Maria, imitando a sua caridade e cumprindo a vontade do Pai na escuta da palavra de Deus, fielmente recebida (cf. LG 64); também vislumbramos o futuro numa perspectiva pneumatológica, que visa a universalidade e a continuidade histórico-salvífica.

Neste sentido, retomamos a Ciranda Fraternal da Vida nesta Igreja Peregrina e Celeste, onde delineamos a nossa integração no desígnio de Deus e na Comunhão dos Santos, de mãos dadas com Cristo e com Maria. E, com os olhos fixos no Mistério que nos doa a fé, a esperança e o amor, apontamos algumas perspectivas na caminhada ecumênica.

No hoje da Revelação, unidos à Mulher de coração pobre e solidária (cf. Lc 1, 26. 52-55; 2,19) somos enviados a vivenciar relações sociais e realimentar nossa esperança em Jesus Cristo, ouvindo, acolhendo, guardando no coração e praticando sua Palavra.

Unidos à Serva do Senhor (cf. Lc 1,38.48), somos enviados a renovar o nosso “sim” com coração agradecido por tudo de bom que Deus realiza em nosso meio e

¹¹⁶⁶ BOFF, C. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

por meio de nós, empenhando-nos para lutar pela solidariedade e pela cidadania, construindo, desde já, o Reino projetado por Deus.

Unidos à Mãe de Deus e nossa mãe (cf. Lc 1,43; Jo 9,26-27), somos enviados a cultivar a ternura, a intuição, a acolhida, a capacidade de zelar pela vida ameaçada. Somos chamados a nos deixarmos impregnar pelo amor maternal, demonstrando afeto e cuidado para com todos, principalmente, uma intensa compaixão e acolhida radical para com a Criação ferida e ameaçada de destruição.

Unidos à Missionária por excelência (cf. Lc 1, 39; At 1,14), somos enviados a anunciar valores e experiências que testemunhem o cultivo de uma espiritualidade encarnada na Palavra de Deus e na Eucaristia, nas celebrações dos mistérios de Deus, na vida comunitária e no serviço ao mundo.

Unidos à Mulher ícone do Mistério (cf. Lc 1,26-55), somos enviados a nos impregnar pela vida de Jesus Cristo, assumindo com Ele a condição de servo de todos (cf. Mt 20,28), numa atitude de abertura e de diálogo (cf. Jo 3,1ss; 4,8ss) anunciando a Boa Nova do Reino (cf. Mc 1,15; Lc 4,18-21), vivendo em íntima comunhão com o Pai e com todos os discípulos e discípulas (cf. Jo 14, 8-31), com eles e elas celebrando a ação de graças e de louvar ao Pai (cf. Lc 22, 14-20).

Unidos à Mulher do povo (cf. Lc 1,26.54; 2,4-5.16-17; Mt 2,1.11), somos enviados a cultivar e fortalecer nossa esperança, desenvolvendo uma atitude de criatividade e coragem para propor novos caminhos, abrindo-nos para uma atitude de hospitalidade ao outro, em especial, de quem pertence a tradições religiosas e culturais diferentes, bem como a todas as pessoas em sua individualidade única e irrepetível.

Unidos à Mãe da Esperança Prometida (cf. Lc 2, 34-35; Jo 2,1-12; 19,25; Ap 12), somos enviados a testemunhar a esperança e o potencial revolucionário da fé, imbuindo-nos do Amor de Deus-Pai, que encontrou sua expressão mais alta nas atitudes de Jesus para com os pobres, aflitos e pecadores, para com os crucificados desta terra, amando-os como os preferidos de Deus; e com eles, lutando e resistindo contra a sedução do sistema, mesmo que isso nos custe o “sim” ao martírio, porque cônscios de que já vislumbramos o Reino que há de vir (cf. At 7, 56.59).

Afirmamos que a plenitude do Amor de Deus, como realização humana, ocorre verdadeiramente na adesão ao Mistério Trinitário; e da continuação da missão do Filho na missão do Espírito Santo. Maria está inserida neste Mistério.

Deus-Pai a escolheu para uma missão única na história da Salvação: ser Mãe do Salvador esperado.

Oxalá, possamos entrar na dinâmica que esta Mulher realizada suscita na história: Vida Nova para todas as pessoas de Boa Vontade! Importa apenas auscultarmos o coração da humanidade, ansioso para fazer eclodir a manifestação dos filhos e filhas (cf. Rm 8, 19.21) que, conhecendo o mistério da vontade de Deus-Pai (cf. Ef 1,9), concretizam no Filho (cf. Gl 3,26), a admoestação maternal: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). E movidos pelo Espírito, no “ir e vir” do dinamismo da história, renove-se em nós o princípio encarnacional num ato de fé radical.

4.3

Recordar, refletir e revivificar a compaixão-opção pelas vítimas da história

Não vos contenteis em serdes pesquisadores que dilaceram o dado teológico com pulso firme e mão fria. (...) Não gasteis o melhor de vosso tempo neste trabalho negativo. Tomai em vossas mãos algumas verdades sólidas e de tal modo elas vos possuam, se insiram em vós, sejam vosso sopro e vossa vida, que chegueis a ser alguém que no meio das dúvidas seja fé encarnada, audível, tangível.¹¹⁶⁷

Ato corajoso é deixar-se impregnar pelas palavras de um dos “santos padres da América Latina”,¹¹⁶⁸ enquanto nos entranhamos numa teologia encarnada e definida como “recordação perigosa” com o intuito de apalpar as “verdades sólidas” do Verbo da Vida. Consideramos as fadigas da reflexão e do trabalho intelectual,¹¹⁶⁹ pois na medida em que se ruma as leituras e os debates, acende o interesse numa teologia para se viver a existência cristã com honestidade intelectual e honradez com o real, no nível do espírito teológico. No que diz respeito a uma produção teológica ‘viva e vivificadora’, é exigido do teólogo e da teóloga, um banhar-se continuamente na experiência do Espírito vivificador, para sair daí gotejando,

¹¹⁶⁷ DOM HELDER CÂMARA. *Em: GRANDE SINAL*, n. 8, outubro, 1970, pág. 624. Apud. BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 142. CIRANO, Marcos. *Os caminhos de dom Hélder*. Perseguições e censura. Recife: Guararapes, 1983.

¹¹⁶⁸ Dom Hélder Câmara, um homem totalmente apaixonado pela sua missão e inteiramente aberto aos outros de qualquer religião ou cultura. Um profeta, mas também um místico e um poeta; portavoza dos pobres de nossa Nação. Profeta identificado com as esperanças do povo que encarnou aos olhos do mundo a resistência aos regimes políticos autoritários e arbitrários da América Latina. COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p., 203-243. Aqui: p., 224-228.

¹¹⁶⁹ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1989, p., 5.

ciente de que, “o que dá a experiência da fé à razão da fé é o ‘frêmito da vida’”.¹¹⁷⁰ Tal postura solicita o testemunho de uma fé encarnada, audível, tangível perante o mal, a crueldade e a violência. Analisaremos aqui, a “utopia e profetismo desde a América Latina ao mundo da Globalização” que integra a quarta parte de nosso trabalho doutoral.

A reflexão sobre a importância da ética e da compaixão solidária na esperança de mulheres e homens novos nos confronta com a crise de valores. Percebemos que este mundo em constante transformação, requer de nós um espírito atento à utopia e ao profetismo cristão entrelaçado na busca de sentido¹¹⁷¹ que circunda a realidade.¹¹⁷² O cenário ecoa um clamor evidente. Os problemas de estagnação do modelo de sociedade atual multiplicam insatisfações, frustrações pessoais e coletivas, servindo de argumento para a repressão institucionalizada que faz com que as vítimas reais sejam novamente violentadas.¹¹⁷³

Sob o prisma de que a ética é o caminho fundamental para um planeta mais equilibrado, com menos desajuste social, miséria e pobreza,¹¹⁷⁴ focalizaremos a ética-compaixão-opção¹¹⁷⁵ pelas vítimas da história¹¹⁷⁶ e confirmaremos que recordar, refletir e revivificar a compaixão-opção pelas mesmas prossegue pertinente e relevante.

¹¹⁷⁰ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 152. Recomendamos uma leitura aprofundada e meditada de todo o capítulo 6, p., 129-156.

¹¹⁷¹ Numa cultura pluralista, crítica e niilista, a questão do sentido exige clareza para caminhar consciente do destino dos próprios passos. Pois, “o coração humano pede luz e vive de luz”. BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje* (parte crítico-analítica), v. 1. São Paulo: Paulus, 2014, p., 8.

¹¹⁷² A tarefa primeira e fundamental da TdL “consiste na busca e na identificação dos ‘sinais onde a presença salvífica de Deus se mostra e se esconde’”. Falamos de realidade como “totalidade plural, dinâmica e aberta”. JUNIOR, Francisco de Aquino. *A Teologia como Intelecção do Reinado de Deus. O método da Teologia da Libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010, p., 159-211. Aqui, p., 160-161.

¹¹⁷³ ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014. Neste livro, Slavoj Zizek, em vez de confrontar diretamente a violência, propõe seis visões marginais sobre ela. Afirma que a única abordagem adequada do tema de que trata este livro será aquela que nos permita elaborar variações sobre a violência mantida a uma distância respeitosa em relação às vítimas.

¹¹⁷⁴ SIQUEIRA, Josafá Carlos de. A ética é o caminho fundamental. *Em: PUC Urgente/1129*, 04-10 de Junho, 2012, p., 3.

¹¹⁷⁵ Ética no sentido de *solidariedade* na forma de *memória* que “se opõe à indiferença, ao esquecimento, à antipatia, e, de mais a mais, leva a superar a injustiça, que influencia dolorosamente no presente e surge repetidamente em novas formas”. HILPERT, Konrad. *Ética Social/Solidariedade. Em: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 262-275. Aqui, p., 270.

¹¹⁷⁶ “[...] a realidade só é revelável na sua verdade, quando se olha a partir da perspectiva dos últimos, das vítimas. E o pensamento só pode ser verdadeiro quando se compromete com essa perspectiva e com a libertação das vítimas”. ZAMORA, José Antônio. A memória, uma categoria central no cristianismo. *Em: IHU-Online/352*, São Leopoldo, 29 de novembro de 2010, p., 21-24. Aqui, p., 24.

4.3.1. Protestar é declarar amor às vítimas

É imprescindível ‘aprender a realidade e enfrentá-la’ considerando-a (dimensão intelectual), responsabilizando-se por ela (dimensão ética), encarregando-se dela (dimensão praxica), deixando-se conduzir por sua ação (dimensão da graça) para, em seguida, refleti-la, meditá-la e contemplá-la (dimensão mistagógica).¹¹⁷⁷

A realidade jorra algo novo: o desejo ardente de esperança e libertação provocada pela cultura secularizada. Trata-se de um fenômeno que vem revelando faces de visibilidade que desafiam a fé, a religião e a teologia de maneira fecunda e vital¹¹⁷⁸ e que vem provocando a reconfiguração e ressignificação da religião e suas instituições.¹¹⁷⁹ Um fenômeno dinâmico, próprio das sociedades modernas e que se constitui em forma paradoxal de pensar o religioso¹¹⁸⁰ frente à ‘secularização, violência e idolatria’.¹¹⁸¹ Neste sentido, a teologia insurge para reconfigurar a própria composição das humanidades em geral. Sua presença humilde, discreta e influente, já é percebida na filosofia, na ciência política, na literatura, na história, na psicanálise e, em particular, na teoria crítica.¹¹⁸² Como não se deixar surpreender pelo impacto deste retorno?

Na América Latina, a Teologia da Libertação, bem como as demais teologias contextuais, aprendeu a receber conceitos e a interagir com as ciências sociais.¹¹⁸³ Nas condições de compreensão dos textos, a teologia tem acolhido como grandes colaboradoras, a história e a arqueologia na área bíblica. Também tem buscado a

¹¹⁷⁷ SOBRINO Jon. *Fora dos Pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p., 17-42. Aqui, p. 18. Estrutura formal da inteligência compreendida por Ignacio Ellacuría com acréscimos da experiência e intuição de Jon Sobrino e nossa.

¹¹⁷⁸ BINGEMER, M. C. Secularização e experiência de Deus. *Em: ANDRADE, P. F. C. de; BINGEMER, M. Clara (Orgs). Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, p., 105-138. Aqui: p., 108.

¹¹⁷⁹ ANDRADE, Paulo Fernando C. de. Possibilidades da relação entre fé e política em uma era secular. *Em: ANDRADE, P. F. C. de; BINGEMER, M. Clara (Orgs). Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, p., 53-76. Aqui: p., 53.

¹¹⁸⁰ PANASIEWICZ, Roberlei. Secularização: o fim da religião? *Em: ANDRADE, P. F. C. de; BINGEMER, M. Clara (Orgs). Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, p., 9-26. Aqui: p., 9.

¹¹⁸¹ CAVANAUGH, William T. Secularização, violência e idolatria. *Em: ANDRADE, P. F. C. de; BINGEMER, M. Clara (Orgs). Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, p., 27-51.

¹¹⁸² ZIZEK, Slavoj; MILBANK, John. *A monstrosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* São Paulo: Três Estrelas, 2014.

¹¹⁸³ HAMMES, Érico. Possibilidades de diálogo entre teologia e ciência. *In: IHU-Online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Nº 404, Ano XII, 05.10.2012. Acessada em: 26/06/2014.

psicologia e a psicanálise para contribuírem significativamente em sua reconstrução.

Nossa reflexão teológica busca a psicanálise como aporte. Deste modo, abarcamos a possibilidade de diálogo e articulação em *Teologia e Psicanálise*, considerando e respeitando suas singularidades. Tanto uma quanto a outra, correspondem a dois métodos distintos; suas perspectivas ou projetos não são os mesmos, seus léxicos são específicos, etc.¹¹⁸⁴ Compreendemos a psicanálise como um procedimento direcionado para o autoconhecimento e a estabilização para a cura do ser humano que ultrapassa amplamente a crítica de Freud à religião.¹¹⁸⁵ Com a postura competente da teologia, manteremos uma atitude de reserva no modo de abordar a crítica da religião proposta por Freud.

4.3.1.a.

Recordar um ato político como bem-estar na cultura

Um dos componentes ideológicos presentes no Brasil é o mito da cordialidade.¹¹⁸⁶ Porém, no reverso da imagem de um “povo pacífico e ordeiro”, revela-se uma “sociedade de classes, machista e homofóbica, autoritária, violenta, vestida, calada, desigual”.¹¹⁸⁷ De repente, nossa vista clareou! A irrupção violenta das massas nas ruas do Brasil, em 2013, rompeu a película ideológica e nos lançou no ‘deserto do real’.¹¹⁸⁸ Fatos inesperados e potentes ocorridos, colocaram a nação brasileira em suspenso e alterou sua agenda de debates. Fomos surpreendidos pelas manifestações nas ruas. Diz-se que houve um verdadeiro mal-estar nas ruas. Mas, não terá sido o contrário? Será que não poderíamos afirmar que houve, de fato, um verdadeiro bem-estar nas ruas? Um momento de autenticidade, coragem e capacidade de irromper o silêncio e a inércia? Um verdadeiro ato político que tornou possível o impossível? Em todos os centros urbanos do país, alastravam-se manifestações rizomáticas, ou seja, sem um centro organizador e irradiador. Irrompeu a busca de visibilidade, de reconhecimento político, social e cultural; a

¹¹⁸⁴ CAUSSE, Jean-Daniel. *Em*: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/-teologia-e-psicanalise-e-uma-travessia-do-cristianismo>. 15 de outubro de 2013. Acessado em 26/06/2014.

¹¹⁸⁵ ZIRKER, Hans. A crítica de Freud à religião. *Em*: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Edição 207, 04 de dezembro de 2006, p., 3-6. Aqui: p., 4-5.

¹¹⁸⁶ IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo (Posfácio). *Em*: ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 201, p., 171-189; Aqui: p., 171.

¹¹⁸⁷ IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo, p., 172.

¹¹⁸⁸ IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo, p., 172.

luta das massas pelo reconhecimento à diversidade nas condições e opções de gênero, assim como raciais e étnicas. E à luz da questão social, causou admiração o protesto crescente de milhares a expressar ressentimento, indignação pelo não acesso, ou acesso restrito, a serviços como saúde, educação, saneamento, moradia, transporte público. “O ano de 2013 será lembrado daqui a algumas décadas como até hoje são os anos de 1984 [Diretas Já] e 1992 [Impeachment]”.¹¹⁸⁹

Pergunta-se acerca da violência nas manifestações. Entre as inúmeras análises sobre a mesma, destaca-se que a violência, além de ser expressão de causas mais profundas, proclama outra forma de violência, mais invisível e brutal em sua cotidianidade.¹¹⁹⁰ Torna-se evidente que em suas diferentes formas, sua raiz se encontra nas relações sociais de produção e nas formas de propriedade que fundamentam a sociabilidade do capital.¹¹⁹¹ Vale dizer, “a construção ideológica sobre a violência é ela própria uma violência, mesmo e principalmente quando se expressa em seu contrário”.¹¹⁹² Freud já afirmava que o ser humano conta com uma cota considerável de tendência agressiva no seu dote de impulsos.¹¹⁹³ Aprofundaremos a este respeito, no item a seguir, onde enfocaremos a crueldade humana.

4.3.1.b.

Refletir a crueldade humana como fonte do prazer

Tenho a mais pacífica das índoles. Meus desejos são: uma modesta choupana, um teto de palha, mas boa cama, boa comida, leite e manteiga bem frescos, flores diante da janela, algumas belas árvores diante da porta e, se o bom Deus quiser me fazer inteiramente feliz, me deixará experimentar a alegria de ver seis ou sete de meus inimigos pendurados nessas árvores. Diante de suas mortes, lhes perdorei com o coração enternecido toda a maldade que cometeram contra mim em vida - sim, deve-se perdoar seus inimigos, mas não antes que sejam enforcados.¹¹⁹⁴

Este escrito de Heinrich Heine chama a atenção acerca do perdão aos inimigos. Ele inicia de forma suave, alegre, até que pode expressar, ao final, sua fantasia agressiva, cruel, comum nos seres humanos. Ao citá-lo em nota,¹¹⁹⁵ no

¹¹⁸⁹ CEPAT. CONJUNTURA DA SEMANA. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/cepat-conjuntura-da-semana-especial-2013-um-ano-surpreendente>. Acesso em: 06 janeiro de 2014.

¹¹⁹⁰ IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo, p., 178.

¹¹⁹¹ IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo, p., 179.

¹¹⁹² IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo, p., 184.

¹¹⁹³ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2013, p., 123.

¹¹⁹⁴ HEINE, Heinrich. *Pensamentos e Lampejos*. Citado por FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre, RS, L&PM, 2013, p., 122.

¹¹⁹⁵ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*, p., 122.

quinto capítulo do livro *O mal-estar na cultura*,¹¹⁹⁶ Freud ironiza nossa caridade. É imperativo refletir a crueldade, a maldade, a violência desde a psicanálise. É indispensável conscientizar-se que estes não se praticam somente para o outro de forma sádica, mas a si mesmo de forma masoquista e melancólica. No ser humano, há conflitos de ambivalência, quando o amor e o ódio são dirigidos à mesma pessoa. Tanto fazemos o bem ao outro como o mal. O que a psicanálise tem a dizer de nossas intenções, de nossos desejos, de nossos anseios? Ao pensarmos que estamos na condição de bons, simples, vitimados; não estamos simultaneamente, agindo com maldade, arrogância, agressividade e nos comportando como verdadeiros atrozés?

Sigmund Freud¹¹⁹⁷ conceitualizou o ‘mal-estar’ em uma obra chave para o tema do mal, especialmente na modernidade. Neste livro, escrito em 1929, Freud afirma que o trabalho psicanalítico tem demonstrado frustrações da vida sexual o que os chamados neuróticos não toleram, pois em seus sintomas, criam para si satisfações substitutivas, as quais produzem sofrimento por si mesmas ou se tornam fontes de sofrimento ao lhes causar dificuldades com o mundo circundante e com a sociedade. Enquanto o último fato é facilmente compreensível, o primeiro nos propõe um novo enigma. E acrescenta que a cultura exige ainda outros sacrifícios além da satisfação sexual.¹¹⁹⁸ Aqui, a inclinação agressiva é uma disposição pulsional autônoma originária do ser humano. Ele destaca que, sob circunstâncias propícias, quando não estão ausentes as forças anímicas contrárias que inibem a agressão cruel, cai a máscara dos seres humanos como bestas selvagens.

¹¹⁹⁶ O livro *O mal-estar na cultura*, de Sigmund Freud, foi considerado proveniente da categoria de escritos freudianos qualificados de sociológicos ou antropológicos. Jacques Lacan, no seminário do ano de 1959-1960, dedicado à ética da psicanálise, falou dele como um “livro essencial”, no qual Freud realizara “a síntese de sua experiência” e discorrera sobre a tragédia da condição humana. Peter Gay, por seu turno, estima que *O mal-estar na cultura* é o texto “mais sombrio” de Freud, aquele em que se aborda sem disfarce e no tom mais grave a questão da “miséria humana”, à qual a crise econômica, a quebra da bolsa de Nova York, ocorrida dias antes de Freud entregar o manuscrito a seu editor, e ascensão do partido hitlerista na Alemanha conferem toda a sua amplitude. Cf. ROUDINESCO, Elisabeth. *O mal-estar na cultura*. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p., 490.

¹¹⁹⁷ A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível para consulta no link <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título “Quer entender a modernidade? Freud explica”. Disponível em: <http://bit.ly/ihuem16>.

¹¹⁹⁸ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2013, p., 117.

Ao situar o amor no centro da experiência psicanalítica, Freud introduz uma nova ética que confirmará “O mal-estar na cultura”:¹¹⁹⁹ o próximo pode ser um objeto sexual, satisfazer nele sua agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, impor-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo.¹²⁰⁰ Ressalta que tudo isso é possível graças à pulsão destrutiva, decorrente da pulsão de morte.¹²⁰¹ Daí o motivo de que a cultura insista em impor limites aos impulsos agressivos do ser humano, para deter sua manifestação através de formações psíquicas reativas.¹²⁰² Aqui, Freud confirma sem hesitação, a antiga constatação feita por Hobbes (1588-1679): *Homo homini lúpus* (O homem é o lobo do homem) e questiona: “Quem, a partir de todas as experiências da vida e da história, terá coragem de contestar essa máxima?”¹²⁰³

A luta e a competição das atividades humanas são imprescindíveis.¹²⁰⁴ É preciso levar em conta a agressividade e a crueldade inerentes ao gênero humano, dimensões estas cuja permanência é demonstrada tanto pela história quanto pela atualidade. É o exame da dimensão da agressividade, da hostilidade e da crueldade que constitui o eixo central da sequência da reflexão de Freud.¹²⁰⁵ Inerente à natureza humana, a agressividade é fonte de prazer e, como tal, complementar ao amor. Ao fundamentar teoricamente a dimensão da agressividade, Freud chama atenção para a teoria das pulsões. A pulsão (al. *Trieb*) é um termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. A partir de 1905, este termo é empregado por Sigmund Freud, tornando-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do ser humano.¹²⁰⁶ Freud analisa a natureza do mal-estar com o auxílio da dualidade pulsional forjada anteriormente em sua obra *Mais-além do princípio do prazer*, a dualidade que opõe amor e ódio, Eros e morte. Esses confrontos pulsionais imperam tanto na vida inconsciente do indivíduo quanto em sua vida

¹¹⁹⁹ VILTARD, M. Amor. In: *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p., 27-35. Aqui: p., 27.

¹²⁰⁰ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2013, p., 124.

¹²⁰¹ SLAVUTSKY, Abrão. Humor como fuga da crueldade no século XX. Em: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Nº 438, Ano XIV, 24/03/2014, p., 38-43. Aqui: p., 38.

¹²⁰² FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*, p., 125.

¹²⁰³ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*, p., 124.

¹²⁰⁴ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*, p., 126.

¹²⁰⁵ ROUDINESCO, Elisabeth. *O mal-estar na cultura*. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p., 491.

¹²⁰⁶ ROUDINESCO, E. *Pulsão*. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p., 62.

social. “Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso o desenvolvimento cultural pode ser caracterizado sucintamente como a luta da espécie humana pela vida”.¹²⁰⁷

As teses de Freud desenvolvidas por *O mal-estar na cultura*, concluem que a repetição do ciclo que vai da frustração à agressão, da agressão à culpa, da culpa à proibição e à frustração levaria a humanidade, um dia, “a um estado de tensão intolerável”.¹²⁰⁸ A violência é um dos motivos da hostilidade de cada ser humano contra todos e de todos contra cada ser humano. A palavra de ordem é: “teme o teu próximo como a ti mesmo!”. Uma análise crítica e paciente permite perceber o falso sentimento de urgência que domina o discurso humanitário da esquerda liberal a respeito da violência, bem como de todos os discursos de teor semelhante.¹²⁰⁹ Cada vez mais, o direito de não ser assediado, tem-se afirmado como direito humano central na sociedade capitalista tardia.¹²¹⁰ E é o direito a permanecer a uma distância segura dos outros.¹²¹¹

Atualmente, a tolerância liberal perante os outros, o respeito pela alteridade e a abertura a ela, é contrabalançada por um medo obsessivo de assédios. O outro está muito bem, mas só na medida em que sua presença não seja intrusiva, na medida em que esse outro não seja realmente outro.¹²¹² Fala-se de uma inquietante perspectiva em ação: a proximidade (do sujeito torturado) que desperta simpatia e torna a tortura inaceitável, não é a mera proximidade física da vítima, mas, a um nível fundamental, a proximidade do próximo, com toda a carga judaico-cristã e freudiana que pesa sobre o termo.¹²¹³

Ao insistirem na natureza problemática da injunção judaico-cristã fundamental (“ama o teu próximo”), Freud e Lacan afirmam uma tese poderosa sobre a incompatibilidade entre o próximo e a própria dimensão de universalidade. O que resiste à universalidade é a dimensão propriamente inumana do próximo.¹²¹⁴ Lacan sustenta que a ética da psicanálise é a do amor ao próximo. Ele considera que, ao criar o que talvez seja o único mito moderno, “Totem e tabu”, ao

¹²⁰⁷ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*, p., 142.

¹²⁰⁸ KAUFMANN, Pierre. Psicanálise e Política. In: *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p., 705-707. Aqui: p., 707.

¹²⁰⁹ ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014, p., 45.

¹²¹⁰ ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*, p., 46.

¹²¹¹ ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*, p., 47.

¹²¹² ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*, p., 46.

¹²¹³ ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*, p., 48.

¹²¹⁴ ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*, p., 56.

desenvolver assim o mito do assassinio do pai, Freud se colocou num tempo em que Deus está morto, o que modifica radicalmente o problema do mal. A experiência analítica conduz Freud a recuar ante esse mandamento do amor ao próximo porque ele sabe que “o ódio segue, como sua sombra, todo amor por esse próximo que é também o que nos é mais estranho” (VILTARD, 1996, p. 30).

4.3.1.c.

A modo de conclusão: revivificar a teologia para curar as feridas das vítimas

Neste mundo global, empobrecido e violento, urge uma teologia libertadora, impregnada de toques do Evangelho; uma teologia configurada que se motive, dinamize, inove e capacite a ser uma teologia pública no sentido bem amplo de dizer palavra de esperança e de salvação da parte de Deus. Uma teologia atenta aos problemas da cultura atual, ultrapassando as fronteiras mais difíceis. Enfim, uma teologia que dialogue com as várias disciplinas, sempre mantendo sua postura quenótica. O intuito é interpretar como sinais dos tempos, os processos de libertação da ancestral injustiça que submete povos inteiros à nova escravidão do capitalismo cruel. Portanto, à luz da opção de diálogo com o mundo moderno, postularemos a necessidade de seguir Cristo no coração do mundo, segundo as inovadoras experiências de *kénosis* de muitos cristãos em ambiente operário, do mundo urbano nascente e das culturas. Insistiremos em seguir os passos dos artesãos da teologia. Rogamos, então, que em nosso fazer teológico, sejamos rigorosos, profundos, próximos das comunidades inseridas no mundo e que possamos doar nossa vida pelos pobres. Prosseguimos com a coragem de enfrentar os riscos com esperança para atingir um *kairós*¹²¹⁵ que nunca cessa, assumindo o seguimento da missão de Jesus Cristo: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida plena” (Jo 10,10). Deixamos irromper, portanto, as palavras oportunas de S. João Crisóstomo que ecoam insistentes:

Não procures uma vida sem riscos e inativa, uma vida sem fadiga nem tensões. [...] Tu entrastes nesta vida não para seres ociosa e medrosa, nem para evitares qualquer perigo que se apresente a ti, mas para te tornares mais esplendente passando por

¹²¹⁵ MCKENZIE, John L. Tempo. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p., 917-918.

graves situações. Não devemos desejar uma vida plena de delícias e prazeres, ociosa e omissa...¹²¹⁶

4.3.2

Universalidade da Misericórdia, do Martírio e da Compaixão-Opção

4.3.2.a.

O irromper de uma nova conjuntura eclesial: A autorevelação de Deus no testemunho das Comunidades

A teologia busca o “valor” da verdade da fé que torna relevante a fé cristã e escuta as tradições cristãs para a solução dos atuais problemas mundiais e humanos. Enquanto reflexão sistemática da fé, a dogmática contribui para que a verdade salvífica e curativa de Deus seja conhecida pelas pessoas. É um desafio benéfico daquilo que em cada caso é considerado plausível, prioritário e urgente,¹²¹⁷ pois representa a verdade cristã como verdade de Deus e quer tornar as pessoas livres e verdadeiras. Além disso, ressalta que as pessoas têm por missão entender a verdade de Deus e, crendo, cheguem à sua verdade e sejam libertas para a liberdade (cf. Gl 5,1).¹²¹⁸ A Palavra de Deus é a primeira norma que a dogmática estabelece como critério de validade de todo discurso sobre Deus. As normas da dogmática – primordialmente a Sagrada Escritura como *norma normans non normata*, mas também as “verdades da Revelação” interpretadas na doutrina de fé da Igreja como *normae normatae* – são testemunho situacional normativo de como a Palavra de Deus encontrou fé e atuou na comunidade dos que creem e de como ela foi expressa pelos fiéis crentes e estabelecida como normal. A dogmática orienta-se por essas normas “mais próximas” que expressam a palavra de Deus. E tenta entender, com base nessas normas, como é que Deus se manifesta verbalmente – em sua autorevelação, no testemunho das comunidades.¹²¹⁹

¹²¹⁶ CRISÓSTOMO, João. Homilia sobre o Salmo 124, 1,1, PG 55, col 356-359. Apud. ANDRADE, Paulo F. Carneiro de. *Fé e Eficácia. O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991, p., 271.

¹²¹⁷ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos. Em: SCHNEIDER, Theodor (Org.) *Manual de Dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 9-49.

¹²¹⁸ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 10

¹²¹⁹ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 17-18.

Deus se revela na pessoa de Jesus Cristo, no qual o *Logos* se tornou pessoa humana. Comunica-se através da mensagem da vida, da morte, da consumação da vida, seu testemunho de vida e de palavra.¹²²⁰ Revela-se por meio do Espírito, que abre as pessoas para a verdade do *Logos*, tornando-as corpo de Cristo, presença visível do Cristo exaltado na comunidade dos que nele creem. O testemunho da comunidade é resposta inspirada pelo Espírito, à palavra da essência de Deus em Jesus Cristo, resposta em todas as dimensões espirituais e humanas da vida: testemunho de palavra e vida.¹²²¹ A Escritura Sagrada, como norma de todo discurso adequado sobre Deus, não pode ser relativizada.¹²²² De geração em geração, a Igreja transmite a palavra da essência de Deus que lhe é verbalizada, prometida no *Logos* e é acessada pelo pneuma: Deus lhe transmite seu *Logos* no Espírito Santo, atualizando a Tradição na comunidade dos crentes e para o “mundo”, a verdade da sua verbalização/promessa de si.¹²²³ A dogmática expressa a verdade da salvação de Deus como o mistério da Sua autocomunicação a se realizar na história. Deus é mistério de salvação e se revela como mistério da autocomunicação, como verdade da salvação, como a verdade e confiabilidade que se promete às pessoas para a salvação delas.¹²²⁴

4.3.2.b.

Os sinais de uma Igreja Pobre e para os Pobres: A Revelação de Deus e sua dimensão sócio-comunitária

Urge preservar a identidade da fé cristã em Deus. Urge mostrar sua relevância por meio de uma ligação viva entre experiência testemunhada de Deus, questionamento e indagação atuais.¹²²⁵ O trino Deus se abre em nossa história como aquele que é: Pai, Filho e Espírito.¹²²⁶ A Revelação de Deus tem uma dimensão sócio-comunitária. O discurso sobre o povo de Deus sempre é um discurso a respeito da atuação de Deus junto a todos os povos. Eclesiologia é uma forma de

¹²²⁰ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 19.

¹²²¹ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 21.

¹²²² WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 23.

¹²²³ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 25-26.

¹²²⁴ WERBICK, Jürgen. Prolegômenos, p., 44.

¹²²⁵ SÄTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus. *Em*: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 53-113.

¹²²⁶ SÄTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 55.

soteriologia.¹²²⁷ Foi principalmente a exegese de motivação feminista que chamou a atenção para o fato de que na Compaixão e na disposição para o perdão transparecerem traços maternos em Javé. O termo hebraico para “*Compaixão*” (*rahamim*) é o plural do termo hebraico para “colo materno”: somente a compaixão maternal de Javé é que possibilita nova vida – antes da resipiscência humana.¹²²⁸ Deus evidencia-se como a condição possibilitadora da liberdade humana, do compromisso moral, do amor solidário e da confiança em que a realidade tenha sentido, que a própria existência, apesar de toda a ameaça de morte, tenha sentido.¹²²⁹

4.3.2.c.

A evangélica opção preferencial pelos pobres e vítimas da história: eixo dinamizador do diálogo inter-religioso

4.3.2.c.1.

Deus se revela como Misericórdia

Desde as primeiras páginas da Bíblia judeu-cristã, reluz um horizonte cósmico-universal: Javé, o Deus de Israel, é o criador e salvador de todos os homens.¹²³⁰ A pesquisa exegética revela amplo consenso de que nos livros do Antigo Testamento encontram-se somente bem poucos enunciados sobre a criação redigidos no período anterior ao exílio babilônico, portanto, antes do século VI a.C.¹²³¹ O enunciado teológico central da proto-história javista é que Javé, apesar de todas as perturbações da ordem da criação provocadas pelo homem, sempre de novo mostra Misericórdia e não executa sua sentença pronunciada reiteradas vezes explicitamente.¹²³² No exílio babilônico, numa época de provação extrema da fé em Javé, o Deutero-Isaías despertou em Israel nova confiança em Javé, anunciando-o como Deus único, criador de todos os homens e povos, que dirige todos os destinos do mundo. Nesta época, as expressões “Javé nos escolheu”, “Javé nos criou” e “Javé nos salvará” se tornaram sinônimas. Nesta forma refletida, a temática da criação

¹²²⁷ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 72

¹²²⁸ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 72.

¹²²⁹ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 97.

¹²³⁰ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 114-215.

¹²³¹ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 119.

¹²³² SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 122.

alcançou relevância teológica central em Israel.¹²³³ Em última análise, porém, é o próprio Deus que mantém sua criação, cumprindo eternamente sua promessa de aliança.¹²³⁴ Em Jesus Cristo a Palavra de Deus, sua vontade e seu poder, o próprio Deus se fez homem. A sabedoria de Deus, “o resplendor da luz eterna, o espelho nítido do poder de Deus, a imagem de sua perfeição” (Sb 7,26), tem, segundo o testemunho bíblico, acesso à vontade criadora de Deus e parte em sua ação criadora (cf. Sb 8,4), variedade, beleza e ordem da coisa criada são obra sua. O Espírito de Deus age como doador e preservador da vida. “No princípio”, o Espírito de Deus paira sobre as águas do mar primitivo. A renovação do ser humano e da terra acontece no poder do Espírito (cf. Ez 36; Sl 104). O Espírito de Deus ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos (cf. Rm 8,11; 1Pd 3,18). O transcendente Deus Vivo defronta-se com sua criação em sua sabedoria, sua palavra e seu espírito, cria-a, intervém nela e, dessa maneira, está intimamente próximo, de modo permanente, de tudo que é criado.¹²³⁵ Na teologia contemporânea, percebe-se a crescente tendência de associar-se ao lamento e à tristeza dos atingidos. Em sua solidariedade com os sofredores e com os ameaçados pela morte na vida, os cristãos sabem que se encontram em comunhão com Deus que, em Jesus Cristo, redimiou todos os absurdos, aceitando-os, e os tornou para o bem.¹²³⁶ Crer em Deus, o Criador de toda realidade, significa confiar no testemunho bíblico da automanifestação de Deus, segundo o qual tudo que é tem sua origem no Deus vivo e está chamado à eterna comunhão com ele.¹²³⁷

4.3.2.c.2.

Jesus Cristo, Amor Incondicional de Deus

“Cristologia” significa literalmente “doutrina ou discurso acerca de (Jesus) Cristo”. *Christos* corresponde à tradução para o grego do termo hebraico *mashiah* (o Ungido [de Deus]). Quem diz “Jesus Cristo” com seriedade confessa: Jesus é o Ungido de Deus, o portador da salvação (Filho de Deus, Salvador, Libertador, etc.), com os quais se tentou, tanto no passado quanto no presente, expressar quem Jesus

¹²³³ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 125-126.

¹²³⁴ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER Theodor. Doutrina sobre Deus, p., 128.

¹²³⁵ SATTTLER, Dorothea. SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da Criação. Em: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000. p., 114-215. Aqui: p., 146.

¹²³⁶ SATTTLER, Dorothea. SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da Criação, p., 199.

¹²³⁷ SATTTLER, Dorothea. SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da Criação, p., 213.

é e o que ele significa para nós. A pergunta primordial da cristologia é: “Quem é este, afinal?” (Mc 4,41).¹²³⁸ Quem quer reencontrar o Crucificado deve ouvir a mensagem e procurá-lo na comunhão daqueles que o seguem, “aquele que vai adiante” (Mc 16,7b).¹²³⁹ Mais antiga do que todas as narrativas pascais é a convicção cristã primitiva unânime de que Jesus crucificado foi ressuscitado e exaltado, encontrou-se com seus discípulos, os chamou para serem testemunhas e lhes prometeu sua presença permanente.¹²⁴⁰ Com base na revelação pascal, o Jesus que prega, torna-se o conteúdo pregado do Evangelho. A cristologia surge a partir do encontro com o Jesus terreno – mas não como tal (isto é, passado), e sim como o exaltado e presente de maneira nova no Espírito.¹²⁴¹ Quando os evangelhos narram quem era outrora o Jesus terreno, que pregava e era crucificado, proclamam, com isso, ao mesmo tempo, quem é ele agora – como Cristo e *kyrios* Ressurreto, que foi anunciado e se faz presente. É ele que assim se torna presente para nós, nos olha e fala a nós.¹²⁴² As diversas afirmações cristológicas têm sua função no conjunto da narrativa. Portanto, a cristologia do Evangelho de Marcos é narrativa. Antes, “é a história de Jesus Cristo que diz quem ele é”.¹²⁴³ Marcos esboça uma cristologia do “preceder” (E. Schweizer): Jesus vai na frente – curando, servindo, sofrendo, entregando sua vida por todos, ressuscitando – e abre o caminho para que todas as pessoas que querem segui-lo encontrem, por meio dele, o caminho para a vida verdadeira.¹²⁴⁴ Assim, a esperança dos judeus e o anseio de redenção dos gentios encontram igualmente seu cumprimento inesperado no amor de Jesus à humanidade, sobretudo em seu amor às pessoas pecadoras e pobres ou na consideração que ele dá às mulheres (Lc 8,1-3; 10,38-42; 23,27-31; 1,39-56; 2,36-38; 7,36-50).¹²⁴⁵ Com sua cristologia sapiencial (sem recorrer ainda à ideia de uma sabedoria preexistente), Mateus afirma, de maneira autônoma, que em Jesus de Nazaré o próprio Deus se encontra com os seres humanos, que Jesus é o “Emanuel”,

¹²³⁸ KESSLER, Hans. Cristologia. Em: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 219-400.

¹²³⁹ KESSLER, Hans. Cristologia p., 261.

¹²⁴⁰ KESSLER, Hans. Cristologia. Em SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 219-400. Aqui: p., 262

¹²⁴¹ KESSLER, Hans. Cristologia p., 265.

¹²⁴² KESSLER, Hans. Cristologia p., 273.

¹²⁴³ KESSLER, Hans. Cristologia p., 274.

¹²⁴⁴ KESSLER, Hans. Cristologia p., 276.

¹²⁴⁵ KESSLER, Hans. Cristologia p., 277.

isto é, “Deus conosco” (Mt 1,23).¹²⁴⁶ O Evangelho de João junta as duas coisas: história narrada de Jesus e cristologia da preexistência.¹²⁴⁷

4.3.2.c.3.

Traços básicos das Cristologias da libertação

Os teólogos da libertação defendem uma cristologia situacional (não abstrata) que tome o Jesus terreno concreto como ponto de partida e leve a sério o transcurso de toda a sua história conflituosa (não a-histórica e apolítica), relacional (que entenda Jesus a partir de sua relação com Deus e seu reino) e eclesial. A divindade de Jesus não deve ser abstraída de sua humanidade concreta e de sua prática determinada. Quem se envolve com o ser humano Jesus e o segue, aceita-O como o Cristo, Filho de Deus e Senhor (Mt 7,21-23). Aceita-O como aquele que é mais do que nós podemos realizar ao segui-lo, ou seja, em nossa prática vivida de fé. A eclesialidade de uma cristologia não pode ser reduzida às declarações eclesiais e dogmáticas sobre Cristo. Ela também significa que se veja Cristo a partir da vida concreta de uma comunidade determinada e vice-versa. Por isso, a história da cristologia não deve ser interrompida arbitrariamente.¹²⁴⁸ Para a Cristologia da Libertação são fundamentais:

A mensagem de Jesus acerca do abrangente Reino de Deus e de sua solicitude preferencial para com os pequenos e pobres; sua prática de amor libertadora; a exigência de conversão justamente também das pessoas de posse e dominantes; o sofrimento e a morte de Jesus como consequência do pecado e do engajamento pelos sofrendores e como “preço a pagar pela libertação de Deus”; a ressurreição como “irrupção antecipada da libertação definitiva”, e como estímulo para o discipulado, que também implica luta por mais justiça; a presença de Cristo no espírito nas comunidades (principalmente dos pobres).¹²⁴⁹

Trata-se de uma Cristologia a partir da perspectiva dos pobres: uma cristologia a partir de baixo em sentido bem radical, que compreende uma cristologia igualmente radical a partir de cima (cf., p. ex., 2Cor 8,9). Ela se baseia na troca colocada em andamento com a vinda e a *kenosis* de Cristo e visa sua

¹²⁴⁶ KESSLER, Hans. Cristologia p., 278.

¹²⁴⁷ KESSLER, Hans. Cristologia p., 287.

¹²⁴⁸ KESSLER, Hans. Cristologia p., 342.

¹²⁴⁹ KESSLER, Hans. Cristologia p., 342.

realização global. Por isso ela também é apelo e desafio aos europeus e norte-americanos, que são co-participantes da miséria da América Latina.¹²⁵⁰

4.3.2.c.4.

O Cristo negro: enfoques da cristologia africana negra

A concepção de vida dos africanos negros nas culturas tribais da África negra traz uma concepção religiosa-mística e antropocêntrica da vida que ocupa um lugar central. O Ser Supremo (Deus) possui a vida em plenitude, dá força vital e todas as coisas necessárias para a vida. A vida provém de Deus, mas é mediada pelos ancestrais (fundadores do clã, heróis, pais falecidos), secundariamente também por seus representantes terrenos (rei ou chefe, anciãos, pai de família); e mais: todos os membros do clã exercem, à semelhança de tubos que se comunicam, uma influência mútua de intensificação ou diminuição da vida. A comunidade é o elemento sustentador.¹²⁵¹ Na comunidade, os ancestrais ocupam o primeiro lugar. Pelo fato de terem passado pela morte e estarem mais próximos da fonte da vida, são mais poderosos do que as pessoas na terra. Só os bons ancestrais, que viveram exemplarmente, podem assumir o papel de mediação da vida: ajudar os seus a obter saúde, fecundidade, sucesso e vida realizada. Por conseguinte, em todos os acontecimentos importantes da vida se retoma a ligação com os ancestrais.¹²⁵² Nesse mundo vital relacionado com a comunidade do clã e seus ancestrais, Jesus Cristo é literalmente um estranho: ele veio tarde e de fora da comunidade do clã, e até de fora da África negra. Em que se baseia sua pretensão de ser a verdadeira mediação entre mim e a vida ou Deus? Para que Jesus Cristo não permaneça em enigma até mesmo para as pessoas batizadas, ele precisa criar raízes, encarnar-se nesse mundo e “tornar-se, ele próprio, africano” (João Paulo II, 1980).¹²⁵³

O enfoque mais significativo provavelmente é o da teologia dos ancestrais: Jesus Cristo como o ancestral por excelência ou o “proto-ancestral” (Bénézet Bujo; Charles Nyamiti). Isso quer dizer que Jesus Cristo, em sua vida e morte de serviço

¹²⁵⁰ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 342.

¹²⁵¹ KESSLER, Hans. *Cristologia*. Em: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000 p., 219-400. Aqui: p., 342.

¹²⁵² KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 343.

¹²⁵³ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 343.

e cura, além de realizar de maneira perfeita o ideal de vida dos ancestrais tementes a Deus, ao mesmo tempo o transcende e consume. Depois de ter falado muitas vezes através dos ancestrais, Deus fala por meio de seu Filho (Hb 1,1s), o primogênito de toda a criação e primogênito dentre os mortos (Cl 1,15.18), o proto-ancestral universal. Ele torna-se modelo e verdadeiro mediador da vida, porque ele entregou sua vida por outros. Deus Pai o coroou pela ressurreição e fez dele o verdadeiro doador da vida (1Cor 15,45). Por meio dele, Deus presenteia a vida em plenitude (Jo 10,10; 17,2). Como os ancestrais, Cristo nutre continuamente a vida dos crentes através de sua palavra e do pão eucarístico. Seu amor (que também não é limitado pelas fronteiras do clã) deve guiá-los. E todos os seus sacrifícios e orações precisam desde então passar por Ele. Por isso é preciso contar a respeito dele a outras pessoas, dar continuidade à sua solidariedade com os fracos e desprezados (também contra tradições ancestrais petrificadas), para que a vida seja possibilitada e fecunda.¹²⁵⁴

Outro enfoque, mais popular, entende Jesus a partir do modelo do chefe [ou cacique] como Filho e enviado do chefe (Filho de Deus). Ou como “chefe” generoso e reconciliador dos seres humanos é o que ocorre o perigo de atribuir a Jesus Cristo uma autoridade que não foi adquirida pelo caminho da humildade e do sofrimento. Por isso, ela necessita de uma definição mais precisa.¹²⁵⁵ Outros, por sua vez, entendem Jesus Cristo, a partir dos ritos de iniciação, como “mestre da iniciação” (A. Tianma Sanom, Engelbert Mveng e outros). Através de sua vida, sofrimento e ressurreição, Jesus percorreu a iniciação consumada e definitiva e nos preparou o caminho. Assim, Ele nos inicia na verdadeira humanidade ao nos fazer entender os valores supremos (amor a Deus e ao próximo, entre outros) mediante símbolos familiares (árvore da cruz, água do batismo, pão e refeição, etc.).¹²⁵⁶

O modelo dos curados (pessoa que cura) baseia-se nas ações curativas de Jesus e reporta-se à atuação terapêutica de curadores africanos. Contudo, só com base em experiências ao menos incipientes de erguimento e cura Jesus Cristo pode exibir o semblante de curador. Ele assume o semblante do libertador onde cristãos africanos negros – oprimidos por brancos (África do Sul), árabes (Sudão meridional) ou ditadores nacionais – lutam em conjunto por justiça e libertação.¹²⁵⁷

¹²⁵⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 343.

¹²⁵⁵ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 343.

¹²⁵⁶ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 343.

¹²⁵⁷ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 344.

De modo geral, é certo que Jesus torna-se para os africanos negros e ancestrais doador de vida por excelência, o chefe por excelência, o verdadeiro mestre da iniciação, o curador e libertador não simplesmente porque teólogos o tenham declarado como tal, mas sim porque ele lhes possibilita vida nova. Cristo é descoberto através da vida auxiliadora e libertadora de suas testemunhas.¹²⁵⁸

4.3.2.c.5.

Recepção de Cristo e cristologias no contexto indiano

Na Ásia, o Cristianismo representa uma minoria que chegou tarde e até hoje é pequena. Por isso, o encontro com as grandes religiões, sobretudo com o Hinduísmo e o Budismo, coloca a Cristologia diante da pergunta bem radical: é Jesus Cristo o único caminho para a salvação?¹²⁵⁹ O conceito coletivo “Hinduísmo” compreende muitas religiões. Comum a elas é uma orientação básica de caráter monístico-cósmico: tendencialmente toda a realidade plural não é encarada como diversidade real, e sim como concretização, peculiar em cada caso, do divino universal-uno (*Brahman*). A história – e, junto com ela, aquilo que é único, individual e pessoal – só tem pouca importância ou até significado apenas negativo (estar preso na cadeia de reencarnações). O *atman* (o si-próprio mais íntimo do ser humano) é profundamente um com o *Brahman*, mas sem que o ser humano saiba e realize isso e, justamente nisso reside sua desgraça. Por isso, é preciso deixar toda dualidade atrás de si, não gerar mais carma (vinculação a ações e suas consequências) e, mediante conhecimento espiritual, tomar consciência da unidade última do si próprio mais íntimo (*atman*) com o universal-uno (*Brahman*).¹²⁶⁰

Como toda uma série de pensadores hinduístas, também hoje muitos hindus apreciam a pessoa de Jesus por causa de sua vida exemplar e sua doutrina ética (Sermão do Monte), e o veneram como um dos maiores mestres ou profetas da humanidade. Aí é preciso distinguir dois modos de ver Jesus Cristo: 1. No hinduísmo popular das massas, fortemente determinado pelo teísmo, existe a fé na encarnação (*avatar*). Em cada época de crise, o Deus universal aparece em forma de um ser humano para eliminar o mal e despertar a bondade no coração das pessoas. Nesse sentido, Buda, Jesus, Maomé e todas as outras figuras religiosas

¹²⁵⁸ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 344.

¹²⁵⁹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 344.

¹²⁶⁰ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 345.

importantes são reconhecidas como *avatares*. 2. Na corrente vedântico-monística do hinduísmo, o objetivo é realizar a não-dualidade (*advaita*) ou identidade de *atman* e *brahman*. A maioria dos intelectuais hinduístas veem Jesus advaiticamente como um ser humano que realizou de modo exemplar sua identidade com o divino. Por isso ele é um grande líder espiritual (*guru*). Em ambos os enfoques se rejeita inequivocamente uma singularidade de Jesus Cristo. Parece absurdo supor uma encarnação real de Deus: ela significaria degeneração e recaída nos grilhões do histórico-particular. Importante é, antes, o Cristo divino meta-histórico, universal. Ele não deve ser identificado com o Jesus histórico, pois sua corporificação não se limita a Jesus. Esse Cristo eterno parece ser uma espécie de princípio geral de Cristo: para toda pessoa é possível tornar-se Cristo. Por isso se gosta de interpretar o nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus alegoricamente, como estágios da vida espiritual de todo ser humano. A salvação é mediada pelo Cristo terno, não por algo que Jesus tenha feito na história.¹²⁶¹

Em que medida podem padrões de compreensão e motivos hinduístas ser assumidos por uma teologia cristã sem que ocorra uma simples adaptação de Jesus Cristo às estruturas de plausibilidade já existentes, sem que, portanto, estas sejam apenas confirmadas e o cerne da fé em Cristo seja abandonado? Os atuais enfoques da cristologia indiana caminham em duas direções: 1. Elaboração de uma cristologia metafísica em diálogo com a filosofia e religiosidade indianas: por meio da noção de preexistência e do *Logos*, é possível conceber a presença de Deus em toda a realidade mundana. Deus se revela em todas as religiões e coisas terrenas. Em sua encarnação, Cristo realiza, definitivamente, o destino do ser humano e restabelece a unidade do cosmo – passando pela cruz e ressurreição, isto é, como presente de Deus. Todas as contradições e polaridades da existência e da história humanas encontram uma reconciliação redentora, não-dualista (*advítica*) em Jesus Cristo. Ele é a realização sacramental da presença de Deus junto ao ser humano. Onde quer que a salvação de Deus esteja presente, o *Logos*-Cristo universal está presente. Sua singularidade histórica em Jesus (com seu amor abnegadamente sofrido) está relacionada com todos, sendo, portanto, oni-inclusiva, não exclusiva (cf. D. Simon Amalorpavadass, Mathew Vekathanam e outros); 2. Confrontação Cristológica com a realidade da Índia atual (cristologia dos párias e da libertação):

¹²⁶¹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 345.

o ponto de partida é a situação existente de discriminação e exploração dos *dalit*, das castas inferiores e membros da população tribal, a miséria social e a opressão política. O protesto de Jesus contra a injustiça e sua relação com Deus estão no centro: Jesus Cristo é aquele que, a partir de sua experiência de Deus, identifica-se com os pobres, inaugura, como servo de Deus que sofre solidariamente, o reino de Deus através da morte e ressurreição e possibilita uma prática de vida libertadora análoga (Felix Wilfred e outros).¹²⁶²

4.3.2.c.6.

Recepção de Jesus e enfoques cristológicos no contexto chinês

A cultura chinesa distingue-se com clareza da indiana (acentuadamente pessimista em relação ao mundo e com interesse espiritual e místico). Embora também nela haja uma orientação cósmica, em seu traço básico (não só confucionista), a mentalidade chinesa é otimista em relação ao mundo, antropocêntrica e pragmática: seu interesse principal é o ser humano e sua vida harmoniosa na terra, na família e numa sociedade que funcione. A religião é profundamente voltada para este mundo e ética. As religiões são vistas como substancialmente iguais, contanto que ajudem o ser humano a atingir seu ideal ético. Por isso diversas correntes religiosas (confucionismo, taoísmo e budismo mahaiana) podem confluír para formar uma nova unidade. A multiplicidade de religiões se deve apenas ao fato de que a divindade suprema enviou Confúcio, Lao-tsé, Buda, Cristo, Maomé em situações diferentes e com mensagens diversas em cada caso, mas que contém, todas elas, a verdade ética, uma e igual. Jesus Cristo torna-se um entre outros. O que interessa nele é, sobretudo, sua doutrina ética (e sua irradiação espontânea de amor). Teólogos chineses tentam se opor a essa recepção niveladora de Jesus.

O presbiteriano Choan-Seng Song (*1829) está convicto de que aquilo que a China precisa de Jesus não é, em primeiro lugar, uma doutrina ética, mas justamente, aquilo que falta ou é fraco na própria China: aquela proximidade de Deus e para com Deus que se torna visível na vida de Jesus e pode ser experimentada sem cessar no Espírito do Senhor exaltado e vivo. Daí poderia resultar uma profunda reorientação da vida (ser despertado da satisfação e auto-

¹²⁶² KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 345-346.

suficiência harmonísticas, percepção das desarmonias e do pecado do mundo, engajamento em favor da justiça social, etc.). Seria notável o fato de que os chineses caracterizam a forma suprema de amor humano (o de uma mãe, por exemplo) de “amor dolorido”, mas que em sua experiência religiosa, o “céu” ou “governante supremo” não seja capaz de um amor acompanhado de dor e que entregue a si mesmo. Jesus Cristo é o “amor dolorido de Deus em figura humana”, o amor atuante, que está disposto a redimir. A China ainda teria pela frente o encontro decisivo com a reconciliação e redenção em Jesus Cristo.¹²⁶³ O teólogo católico A. B. Chang Ch’um-shen retoma elementos do diagrama do mundo de um filósofo chinês moderno (não-cristão) e vê fundamentada em Jesus Cristo a unidade de céu (Deus) e terra. Ele chama o ser humano autêntico ou “celeste”, que tem o céu ou o tao por origem e fonte, e está ligado participativamente com todas as coisas sob o céu, apoia a produção de vida e a tudo repleta com sua influência vital. O início do bem é apresentado por Cristo, e seu crescimento depende da ação humana. A vida de Cristo no mundo impele e flui continuamente; ela enche com sua bondade a humanidade inteira e a leva a uma comunhão cada vez maior.¹²⁶⁴

4.3.2.c.7.

Tarefa e método: orientação hermenêutica fundamental

É preciso perceber no “embaixo” da história do ser humano Jesus, o próprio Deus que se volta para nós e se comunica a partir de seu “em cima”. O Deus de Jesus Cristo e sua redenção não podem ser conhecidos de outra maneira senão naquilo que aconteceu aqui “embaixo”, na história humana de Jesus.¹²⁶⁵ A Cristologia a partir de baixo é abarcada e fundamentada em termos de conteúdo (em termos teo-lógicos) pela Cristologia a partir de cima, porém, é só aquela que dá a esta seu conteúdo e sua determinação concretos. A Cristologia a partir de cima esboça o marco abrangente de compreensão que reluz no “embaixo” da própria história de Jesus, que é o único marco no qual essa história pode ser percebida em sua verdadeira (teo)lógica e coerência interior como acontecimento do auto-

¹²⁶³ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 346-347.

¹²⁶⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 346-347.

¹²⁶⁵ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 348.

esvaziamento amoroso e da autocomunicação substancial de Deus aos seres humanos.¹²⁶⁶

Cristologia como explicação do significado próprio da história de Jesus Cristo – a história humana de Jesus Cristo é o referencial de todas as afirmações cristológicas. A cristologia nutre-se de uma raiz ao mesmo tempo dupla e uma: da experiência com o Jesus terreno e da experiência pascal como nova experiência (com essa experiência). O evento pascal levou os primeiros discípulos – e, no novo horizonte de experiência por Ele inaugurado, leva até hoje pessoas crentes – à convicção de que o Jesus crucificado e morto está, a partir de Deus, vivo e presente. Portanto, que Ele foi ressuscitado, que, com isso, sua atuação pré-pascal foi legitimada (mais ainda: consumada) por Deus. Que Jesus, portanto, é realmente o mensageiro definitivo de Deus: o Messias de Deus, o Senhor permanente de sua Igreja, o Filho enviado por Deus, etc.¹²⁶⁷ Porque se crê no Jesus terreno e crucificado como Senhor exaltado é que se narra como história de um ser vivo a história passada (até a mensagem pascal) daquele que está vivamente presente.¹²⁶⁸

A Cristologia não deve perder de vista os acontecimentos concretos da história humana de Jesus.¹²⁶⁹ Por isso, em toda Cristologia é preciso, primeiramente, presentificar de forma narrativa essa história e – no contexto do vivo e diversificado processo de fé e de interpretação do Povo de Deus – meditá-la de forma crente, antes que um enfoque sistemático procure reconstituir de forma raciocinante e destacar de forma coerente o que se manifestou nessa história.¹²⁷⁰ A teologia mais recente voltou a perceber que é justamente na peculiaridade da pessoa de Jesus e em sua história que se fundamenta e está dado seu significado soteriológico. Este, é intrínseco à própria pessoa e história de Jesus. Jesus é o redentor e a redenção “objetiva” justamente através de seu ser relacional e criador de relação (esta é a questão Cristológica básica), e a redenção “subjativa” consiste em ser incluído, em ter parte em seu ser. A Cristologia, portanto, é em si mesma o lugar da soteriologia.¹²⁷¹ Só na pessoa e história de Jesus se revela o que serve realmente à salvação dos seres humanos, em que sentido Ele é o portador universal

¹²⁶⁶ KESSLER, Hans. Cristologia p., 348.

¹²⁶⁷ KESSLER, Hans. Cristologia p., 348-349.

¹²⁶⁸ KESSLER, Hans. Cristologia p., 349.

¹²⁶⁹ KESSLER, Hans. Cristologia p., 350.

¹²⁷⁰ KESSLER, Hans. Cristologia p., 350.

¹²⁷¹ KESSLER, Hans. Cristologia p., 350.

da salvação e o redentor universal. Ele é o constantemente também contra e para além de toda expectativa humana.¹²⁷² Jesus Cristo é precursor, condutor, salvador e libertador. Esta é a perspectiva dos Evangelhos sinóticos, que, à luz da fé pascal, percebem a história humana da atuação e do destino (paixão e ressurreição) de Jesus como caminho do Messias. Isto é, como ação de Deus e promessa redentora de sua proximidade. Enfoca-se todo o caminho (esquema do caminho) de Jesus Cristo. Através desse caminho, Jesus Cristo é o “condutor para a vida” (At 3,15; cf. 5,30s; Hb 2,10), que nos precedeu, nos abre caminho para Deus e uns para os outros e nos conduz – passando por toda fadiga e sofrimento – para a vida da ressurreição. Como presente, Ele permanece atuante de modo curativo quando sua história passada é narrada e ouvida: Ele nos olha e nos dirige a palavra e, de repente, nós mesmos também aparecemos nas histórias dos Evangelhos como pobres a serem curados ou já curados ou então como pessoas que se voltam para os pobres. Os motivos soteriológico dominantes aqui são: proximidade de Deus, relação, perdão, cura, livramento (libertação) e futura entrada na vida plena do senhorio de Deus.¹²⁷³ O enfoque centrado na paixão revela o *Crucificado Ressurreto* como paradigma da fé. Neste modelo, a vida terrena de Jesus se concentra na cruz (*teologia crucis*) que forma uma unidade com a ressurreição e só revela seu significado a partir desta. A cruz torna-se o elemento distintivo por excelência da história terrena de Jesus, o Messias crucificado. Ela significa a *kenosis* extrema do Filho de Deus para dentro de nossa situação miserável: o próprio Deus nos reconcilia consigo e nos liberta dos poderes escravizantes (pecado, lei, morte) para a liberdade de uma nova vida. Os motivos soteriológico dominantes aqui são: reconciliação, justificação (perdão) e esperança de salvação futura.¹²⁷⁴ A posição frente à mensagem da cruz permanece, de fato, uma pedra de toque para verificar se cremos em Jesus Cristo ou se arranjamos um portador de salvação de acordo com nossos próprios desejos e modismos.¹²⁷⁵

No enfoque encarnatório, a encarnação do Filho de Deus é revelação e comunicação divina. Aqui, a história humana de Jesus é vista como meio e forma de realização do Filho eterno de Deus nela atuante. Jesus é a epifania e o sinal eficaz

¹²⁷² KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 351.

¹²⁷³ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 352.

¹²⁷⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 352.

¹²⁷⁵ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 353.

(sacramento pessoal) do amor de Deus que perdoa os pecados e presenteia a vida. Os motivos soteriológico dominantes são: revelação de sua glória, participação nela e, por conseguinte, na vida imperecível (superação da morte), a experiência de imanência (“permaneeci em mim, e eu permanecerei em vós”).¹²⁷⁶

A atuação de Jesus é teocêntrica, isto é, inteiramente direcionada para Deus e o advento de sua bondade neste mundo. Toda iniciativa, portanto, parte de Deus. Existe um profundo nexos interior entre o relacionamento de Jesus com Deus, sua mensagem do despontar do senhorio (da bondade) de Deus e a conexão desta com sua própria atuação, portanto, com sua pretensão missionária: em sua relação orante com Deus (seu relacionamento de “Filho” com o “Pai”), Jesus experimentou a solicitude radicalmente bondosa e a proximidade de Deus. Ele as experimentou em si como destinadas não apenas a Ele, mas a todas as pessoas. Assim, Ele mesmo colocou-se inteiramente a serviço delas e aprendeu a compreender-se como portador e mediador desta proximidade de Deus. Jesus é o ser humano inteiramente voltado para Deus, que se tornou inesquecível e modelar por sua confiança em Deus.¹²⁷⁷

Na existência humana de Jesus o enunciado essencial interior do próprio Deus (o *Logos* eterno e Filho) pôde – mediado por seu relacionamento íntimo com Deus (Pai) – ganhar forma histórica.¹²⁷⁸ A afirmação acerca da ausência de pecado em Jesus significa que Ele não viveu em contradição destrutiva à verdadeira essência do ser humano. Nele manifestou-se, antes, o verdadeiro ser humano, correspondente a Deus, no qual se realizou inteiramente o destino criatural do ser humano de, enquanto imagem (Gn 1,27), retratar humanamente o jeito de ser de Deus.¹²⁷⁹ Portanto, a Escritura atesta a existência de um não-saber, limites do conhecimento, crises, processos de aprendizagem e progressos no conhecimento por parte de Jesus. Ela não impede que se suponha a existência de um desenvolvimento psicológico do conhecimento de Jesus.¹²⁸⁰

Se a existência humana de Jesus deve ser entendida como a existência do Filho eterno de Deus enviado ao mundo, então, podem, perfeitamente, atribuir ao Filho eterno de Deus em sua ação na história terrena de Jesus intenções e metas

¹²⁷⁶ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 353.

¹²⁷⁷ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 357.

¹²⁷⁸ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 359.

¹²⁷⁹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 359-360.

¹²⁸⁰ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 361.

(como a redenção do mundo) das quais Jesus não estava consciente em sua realidade humana, mas para as quais estava existencialmente aberto.¹²⁸¹ Jesus mostra que isso pode ser diferente: que é possível o puro amor solidário que não se deixa romper por nada.¹²⁸² Jesus não é apenas testemunha, mas sim, o evento do amor incondicional de Deus. Ele aproxima Deus e sua salvação: por meio dele, eles chegam aos outros. Os efeitos libertadores, curativos e reconciliadores que partem dele não são apenas indicações simbólicas da salvação futura de Deus, mas um início – pequeno como um grão de mostarda, porém perceptível – dessa salvação e, justamente desta maneira, promessa da salvação abrangente e plena.¹²⁸³

O cerne soteriológico da atuação de Jesus consiste em dar às pessoas que com elas se envolvem participação em seu próprio relacionamento com Deus e, assim, comunhão com Deus, na qual consiste, no fundo, a salvação e da qual ela já resulta no presente.¹²⁸⁴ Só nessa confiança em Deus o profundo medo é superado e o ser humano é curado a partir da raiz.¹²⁸⁵ Ter comunhão com Deus significa, também, participar do movimento do amor de Deus.¹²⁸⁶ O caminho de Jesus da solicitude irrestrita de amor e auxílio com os humilhados e proscritos suscita o protesto das pessoas que vivem (sua vida errada) da humilhação e proscrição de outras.¹²⁸⁷ A cruz de Jesus é uma ação dos seres humanos que se fecham contra Deus.¹²⁸⁸ À luz da ressurreição (só a esta luz), a cruz torna-se sinal da vontade salvífica inquebrantável de Deus.¹²⁸⁹ O que estava em pauta em termos teológicos era o destino do senhorio de Deus (expulso junto com Jesus), o advento da bondade (rejeitada) de Deus na situação de fechamento e perdição.¹²⁹⁰ Entretanto, Jesus nunca desistiu da pretensão de congregar escatologicamente todo o Israel (o que deveria continuar na congregação do mundo dos povos) para o bom senhorio de Deus. Sua recusa de dar-se por satisfeito com soluções menos perigosas e sua vontade resoluta de manter aberta – mesmo que em privação e solidão vicárias – para todos a salvação da comunhão com Deus e uns com os outros fizeram com que

¹²⁸¹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 362.

¹²⁸² KESSLER, Hans. *Cristologia*, p., 363.

¹²⁸³ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 364.

¹²⁸⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 364.

¹²⁸⁵ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 364.

¹²⁸⁶ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 368.

¹²⁸⁷ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 370.

¹²⁸⁸ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 371.

¹²⁸⁹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 372.

¹²⁹⁰ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 373.

Ele não só fosse ao encontro da iminente morte violenta de modo consciente e não-violento, mas também a entendesse como serviço extremo para a vinda da bondade de Deus (também para seus inimigos), como morte por muitos.¹²⁹¹ Em radical amor ao inimigo, Jesus toma sobre si a hostilidade mortífera que o transforma em vítima passiva e faz frente a ela com esse amor, para a superar e desfazer de maneira redentora.¹²⁹²

Na morte de Jesus Deus, respeitando a liberdade do outro, mantém, mesmo ao ser rejeitado, a oferta de seu amor que busca os pecadores como auto-oferta (auto-entrega) e procura conseguir nossa aceitação: é o Deus solidário conosco até o extremo e, com isso, aliado conosco num pacto novo e eterno.¹²⁹³ Na paixão de Jesus, acontece a solidarização realmente quenótica (que se auto-esvazia) e não apenas docética (aparente) de Jesus e, nela, do Filho de Deus com os sofredores e pecadores.¹²⁹⁴ Nesse sentido, a morte de Jesus significa uma “representação afixadora”, que não dispensa as pessoas representadas da própria entrega a Deus, por exemplo, mas, pelo contrário, a possibilita, que, portanto, “abarca perpetuamente o relacionamento da humanidade com Deus”.¹²⁹⁵ A morte e ressurreição de Jesus são redentoras porque, na mais profunda disjunção entre Deus e o mundo, Deus se implanta irrevogavelmente e se comunica ao mundo criando relação.¹²⁹⁶ O acontecimento da reconciliação tem sua origem e seu centro na vida e na morte de Jesus, porém, abarca todo o processo, daí proveniente, de renovação da comunhão rompida dos seres humanos com Deus e entre si.¹²⁹⁷

O amor de Deus, porém, não permitiu que a vida de Jesus fosse subjugada pela morte e que Jesus fosse arrancado da comunhão de Deus. Assim, o ser humano Jesus foi amparado pela ação ressuscitadora do Pai ao morrer (e no próprio momento de estar morto), de modo que em sua morte, Ele não caiu no nada, mas foi acolhido na vida eterna de Deus e conservado como pessoa (como ele mesmo) justamente ao receber a vida nova, da ressurreição.¹²⁹⁸ A ressurreição de Jesus é a palavra inviolável da autpromessa de Deus, a irrupção irrevogável da solicitude

¹²⁹¹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 374.

¹²⁹² KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 375.

¹²⁹³ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 376.

¹²⁹⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 379.

¹²⁹⁵ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 380.

¹²⁹⁶ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 382.

¹²⁹⁷ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 382.

¹²⁹⁸ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 383.

redentora do próprio Deus para com o mundo que se alheou dele e de outro modo estaria perdido.¹²⁹⁹ Se a ressurreição representa a salvação e a consumação de Jesus, ela também é a confirmação divina de sua história terrena.¹³⁰⁰ Em sua existência humana, em seu sofrimento e morte pelos outros, Jesus foi o ser humano conforme o auto-esvaziamento de Deus. Por isso, Ele foi levantado do abismo da morte e elevado definitivamente para a comunhão de Deus: a ressurreição e a exaltação são a entrada também da humanidade de Jesus Cristo na glória do Pai, que o Filho eterno já possuía antes da criação do mundo (Jo 17,5).¹³⁰¹ Ele permanece para sempre o que foi outrora: aquele que nos prepara um lugar junto a Deus (Jo 14,2s) e a autopromessa ou autocomunicação de Deus a nós em pessoa, o sacramento pessoal em que Deus nos estende a si mesmo e convida: “Toma-me e te redime” (Anselmo).¹³⁰²

4.3.2.c.8.

A encarnação do Filho de Deus, início da humanização do ser humano: Deus se faz o ser humano que nos torna mais humanos

A maneira da presença e solicitude do Cristo exaltado é o *Pneuma*; e a experiência de sua presença é uma experiência no *Pneuma*.¹³⁰³ Toda a história após a cruz e a ressurreição também pode ser compreendida como uma história da luta do Exaltado contra a miséria existente na criação: “Jesus estará em agonia até o fim do mundo” (B. Pascal, *Pensées*, fragmento 553), em luta com a morte e com todos os que promovem as atividades da morte.¹³⁰⁴ Jesus é Deus inteiramente conosco (o Emanuel): com isto, está dito tudo o que é cristologicamente decisivo.¹³⁰⁵ Ao vir, Ele próprio, até nós, Deus se cria esse ser humano novo.¹³⁰⁶ A afirmação acerca da encarnação refere-se à totalidade de sua história terrena, não só a seu início.¹³⁰⁷ A encarnação do Filho de Deus é o início da humanização do ser humano: Deus se faz o ser humano que nos torna mais humanos.¹³⁰⁸ A obra do Espírito Santo é a

¹²⁹⁹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 384-385.

¹³⁰⁰ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 386.

¹³⁰¹ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 387.

¹³⁰² KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 387.

¹³⁰³ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 388.

¹³⁰⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 389.

¹³⁰⁵ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 391.

¹³⁰⁶ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 391.

¹³⁰⁷ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 393.

¹³⁰⁸ KESSLER, Hans. *Cristologia* p., 395.

presentificação, continuação e consumação da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo.¹³⁰⁹

Em contextos teologicamente significativos *ruah* refere-se à força vital dinâmica (criativa). Por isso uma elaboração sistemático-teológica dos textos do AT pode orientar-se pelo fio condutor “Espírito e vida”.¹³¹⁰ Em perigo extremo, sua *ruah* afasta a aflição ao se apoderar de indivíduos e capacitar o Povo a resistir de maneira coesa aos inimigos (cf. 1Sm 11,7). Embora ao mesmo tempo se ponham em evidência capacidades humanas extraordinárias, em última análise é o Espírito divino que presenteia o carisma dos líderes.¹³¹¹ Assim como a palavra profética e o Espírito divino que a inspira, também a palavra criadora e a *ruah* criadora de Javé são interligadas desde o exílio. Na literatura sapiencial, por fim, a Palavra, o Espírito e a Sabedoria aparecem intercambiamente numa função criadora (cf. Eclo 24; Sb 7,22; 9,1).¹³¹² A *ruah* é a potência de vida presenteada por Deus em sua solicitude para com o ser humano.¹³¹³ Abrir-se, voltar-se a outrem, travar relações—estes elementos do conceito “teo-antropológico” *ruah* tem, do ponto de vista da Teologia da Criação e da Aliança, consequências para a convivência humana.¹³¹⁴

O alvo da dádiva do Espírito é a nova comunhão. Ezequiel 36 sobrepuja ainda a promessa da nova aliança feita em Jr 31, 31-34 pelo fato de que aqui o próprio Espírito aparece como dádiva salvífica.¹³¹⁵ Também aqui o tornar justo por parte de Deus visa a justiça entre os seres humanos, a integridade de suas relações.¹³¹⁶ Em três passagens (Is 63,1-11; Sl 51,13) se depara no AT o termo composto “Espírito Santo”. Aí se visa qualificar o Espírito divino como santo, distinguindo-o do espírito humano e, assim, expressar a soberania indisponível da atuação do Espírito divino.¹³¹⁷ No que diz respeito ao relacionamento da *ruah* de Deus com os seres humanos, o discurso acerca do “Espírito Santo” significa, em segundo lugar, que o Espírito sai de sua transcendência para livrar e renovar os seres humanos, que sua santidade está direcionada para a salvação, cura e santificação.¹³¹⁸

¹³⁰⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia. Em: SCHNEIDER, Theodor (Org.). Manual de Dogmática. Volume I.* Petrópolis: Vozes, 2000, p., 403- 497.

¹³¹⁰ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 410.

¹³¹¹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 411.

¹³¹² HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 414-415.

¹³¹³ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 415.

¹³¹⁴ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 415.

¹³¹⁵ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 416-417.

¹³¹⁶ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 417.

¹³¹⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 418.

¹³¹⁸ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 418.

No AT a *ruah* de Javé é a força criadora de Deus que presenteia e mantém a vida, que atua no cosmo, intervém de maneira salvadora na história e promete vida nova e definitiva para o indivíduo na comunidade.¹³¹⁹ O “pecado contra o Espírito Santo” consiste, portanto, na rejeição da missão de Jesus e na negação de sua autoridade espiritual; quem nega a esta blasfema contra o Espírito de Deus.¹³²⁰ Em virtude de sua existência pneumática, o Crucificado Ressurreto atua no Espírito em relação aos seus, e por Cristo, eles experimentam no Espírito, a presença viva de Deus.¹³²¹ O ser humano torna-se justo unicamente pela fé, isto é, com base na ação graciosa de Deus, a qual culmina na cruz e ressurreição de Jesus Cristo, sua existência é determinada por isso já agora e – sob o signo da cruz – permanentemente.¹³²²

Existindo a partir do poder do Espírito Santo, Jesus, como profeta escatológico, servo de Deus e messias repleto do Espírito, proclama e realiza o senhorio régio de Deus. Confirmado por sua ressurreição e exaltação no Espírito, ele próprio torna-se *Pneuma* doador de vida. O Espírito Santo testemunha a verdade dessa revelação do Pai no Filho, ele atua nos proclamadores e realiza a fé. Por meio dele, os crentes recebem um novo fundamento de vida, ao qual devem corresponder através de uma vida a partir do Espírito na comunhão dos crentes e no testemunho missionário.¹³²³ Em última análise, isso não é uma possibilidade humana, e sim, força vital presenteada por Deus, a qual, desde a revelação em Jesus Cristo, recebe um nome como Espírito do Pai e do Filho.¹³²⁴ Da ordem de batizar resultam a comunhão (*koinonia*) inseparável de Pai, Filho e Espírito, sua equiparação e igual dignidade. Percebemos o Espírito a partir de seus efeitos, mas sua essência, assim como a de Deus de modo geral, permanece abscondita, razão pela qual a percepção obtida assume a forma de louvor.¹³²⁵

Lutero (+1546) supera a teologia da graça agostiniana-medieval em termos personalistas. Ele entende o Espírito Santo não como força sobrenatural, idêntica ao amor, presente no ser humano, mas rigorosamente como frente-a-frente pessoas que cria a fé e só pode ser aceito na fé. A salvação operada *extra me*, operada

¹³¹⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 419.

¹³²⁰ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 420.

¹³²¹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 422.

¹³²² HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 425.

¹³²³ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 442.

¹³²⁴ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 442.

¹³²⁵ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 450.

unicamente por Deus em Jesus Cristo como único mediador, torna-se um *pro me* no Espírito Santo. O encontro comunicador da salvação com o Espírito de Deus acontece por meio da palavra da pregação, e acontece de tal maneira que na palavra externa (da letra, da lei) atua a palavra interna (do evangelho, da graça). Na Pneumatologia se juntam, portanto, os axiomas básicos da Reforma: *solo Deo, solo Christo, sola fide, sola gratia, solo verbo* (somente Deus, somente Cristo, somente a fé, a graça, a palavra). A Pneumatologia permanece vinculada à Cristologia, e a existência espiritual realiza-se no seguimento do Deus abscondido que se revela na cruz.¹³²⁶ O pneumatólogo entre os reformadores é, sem dúvida, João Calvino (+1564), que tematiza a mediação universal no Espírito Santo expressamente na soteriologia e eclesiologia.¹³²⁷ Para uma Pneumatologia que tem apreço pelas experiências do Espírito em sua multiplicidade, movimentos espiritualistas representam as necessárias correntes contrárias às correntes eclesiais e teológicas principais junto com suas petrificações e déficits pneumatológicos.¹³²⁸ A atuação do Espírito é reservada – desconsiderando sua presença na alma individual – ao magistério hierárquico, praticamente não se pode mais falar da existência de uma eclesiologia pneumatológica.¹³²⁹

O panorama histórico põe a descoberto uma série de razões do relativo esquecimento do Espírito na teologia (católica) da primeira metade do século XX. Um tratamento bastante formalista dos processões e relações intratrinitária, uma doutrina da graça preponderantemente presa no vocabulário tradicional, a completa ausência da dimensão pneumatológica na doutrina da criação e na escatologia. Desconsiderando o *topos* dos sete dons do Espírito, também na vida de oração e de fé o Espírito Santo não se destaca muito.¹³³⁰ No contexto da temática eclesiológica, proposta como legado do Vaticano I, ocorre, em confrontação crítica com textos preparatórios, mediante contato com teólogos orientais e com base na inclusão da teologia renovada em termos bíblicos e patrísticos, uma tematização múltipla da dimensão pneumática da Igreja, embora não se possa falar da existência de uma sistemática abrangente.¹³³¹ Os impulsos dados pelo concílio produzem muitos

¹³²⁶ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 468.

¹³²⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 469.

¹³²⁸ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 470.

¹³²⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 471.

¹³³⁰ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 472.

¹³³¹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 472.

frutos na reflexão teológica e reforma prática.¹³³² Uma teologia contextualizada não deverá perder essa situação de vista. Da mesma maneira, aquilo que se faz necessário em termos pastorais e catequéticos para que se dê espaço à atuação do Espírito, não pode abrir mão de uma sólida Pneumatologia ou teologia pneumatologicamente dimensionada.¹³³³

4.3.2.c.9.

Tarefas da Pneumatologia hoje: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5:5)

Os movimentos de renovação dos anos 60 do século XX, em especial o Concílio Vaticano II, bem como o movimento ecumênico e o carismático, contribuíram decisivamente para superar o esquecimento (parcial) do Espírito na teologia (ocidental).¹³³⁴ Aqui, apresentamos três tipos de pensamento pneumatológico: Karl Barth (+1968), Paul Tillich (+1965), Heribert Mühlen (*1927).¹³³⁵ Karl Barth representa o tipo de pensamento pneumatológico orientado pela Teologia da Revelação. Nesta perspectiva, o Espírito Santo é definido como “possibilidade e realidade subjetivas da revelação”.¹³³⁶ Paul Tillich representa o tipo de pensamento pneumatológico orientado pela filosofia da religião. No caso dele, o ângulo de visão muda pelo fato de o espírito, como dimensão vital, tornar-se a categoria central: “A proposição de que Deus é Espírito significa que a vida como espírito é o símbolo oníabrangente da vida divina” (P. Tillich, *Theologie*, vol. 1, 288).¹³³⁷ E Heribert Mühlen revela em seus trabalhos, o tipo entusiástico de pensamento pneumatológico. Teólogo dogmático católico, Heribert Mühlen possui um enfoque teológico-trinitário original. Ele define o Espírito Santo a partir da categoria ontológica central da relação. Ou seja, o Espírito Santo como “nós”, como a pessoa uma em duas pessoas (Pai e Filho) ou em muitas pessoas (na “aliança da Graça”, na Igreja). Mühlen desenvolve sua Pneumatologia em grau crescente a partir das experiências do Espírito feitas e testemunhadas nesse movimento.¹³³⁸ Face à considerável necessidade, ainda existente, de recuperar terreno em muitos

¹³³² HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 473.

¹³³³ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 473.

¹³³⁴ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 474.

¹³³⁵ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 474-476.

¹³³⁶ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 474.

¹³³⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 474

¹³³⁸ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 475.

campos de trabalho da teologia do Espírito, não admira que tenhamos, na melhor das hipóteses, esboços de uma teologia pneumatológica global e que só poucos teólogos apresentem teologias do Espírito Santo sistematicamente elaboradas.¹³³⁹

A Pneumatologia sistemática pode orientar-se por essa estrutura básica do Espírito e do amor: ser-a-partir-de-si e ser/estar-com-o-outro. É preciso desdobrar, então, tanto com vistas à vida intratrinitária quanto à revelação histórico-salvífica, o que significa a confissão do Espírito da vida, da verdade e da liberdade. É com razão que na história da teologia Rm 5,5 tornou-se a proposição central da Pneumatologia e da doutrina da Graça: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.¹³⁴⁰ O Espírito Santo é o acontecimento do encontro amoroso, o espaço para dentro do qual o Pai e o Filho ultrapassam a si mesmos, e vincula para formas unidade em amor. Neste sentido, o espírito e o amor são, como características da vida divina, ao mesmo tempo, as características específicas do Espírito Santo.¹³⁴¹

As funções histórico-salvíficas do Espírito Santo como Espírito da vida, da verdade e da liberdade são desdobramentos de seu peculiar ser-pessoa. Elas estão fundamentadas em sua função intratrinitária como espaço de vida, verdade e liberdade para dentro do qual as pessoas divinas se ultrapassam e no qual elas sempre já são/estão consigo no outro.¹³⁴² No espírito da vida e da verdade, que é o amor de Deus em pessoa que nos apreende, nos dá espaço em liberdade e nos congrega para formarmos uma unidade em comunhão, nós não só recebemos um dom, mas o próprio doador está presente em nós e em nosso meio. O que o Pai fez no Filho por nós, por causa de nossa salvação, está aí no Espírito santificador e curativo; ele é o advento de Deus entre nós, o próprio Deus como dom. A teologia da Graça deve tematizar que o recebimento, a própria aceitação é possibilitada, mais uma vez, pelo Espírito.¹³⁴³

Em nossos dias, mais do que nunca, é importante o discernimento dos espíritos. Que sinais vitais são sinais do Espírito Santo vivificador? Que vida nova é vida conforme o Espírito? Do testemunho bíblico resultam alguns critérios: 1. A vida do ser humano e a de toda a criação deve-se à atuação vivificadora do Espírito

¹³³⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 476.

¹³⁴⁰ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 477.

¹³⁴¹ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 481.

¹³⁴² HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 485.

¹³⁴³ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 485.

divino, o respeito pelo que tem vida é, por conseguinte, uma postura profundamente espiritual; 2. Viver a partir do Espírito significa dar espaço a outra vida, respeitá-la e promover sua liberdade; 3. Vida conforme o Espírito é vida em relação, isso pressupõe disposição para o êxtase, para sair de si a fim de encontrar a si mesmo no outro e com ele; 4. Viver a partir do Espírito Santo de Deus significa desligar-se de toda segurança falsa, a saber, firmada no próprio pode tornar-se livre para o presente da vida verdadeira e verdadeiramente libertadora. Ao mesmo tempo, vida a partir do Espírito de Deus significa a solidariedade santificadora e curativa com toda criatura oprimida, explorada, escravizada.¹³⁴⁴

4.3.2.c.10.

A doutrina da Graça: Graça é a criadora chegada do eterno amor de Deus no centro do eu do ser humano

Numa dogmática que concede à Pneumatologia um tratado próprio, a doutrina da Graça encontra seu lugar como que naturalmente: ela sucede à exposição da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo para atingir a pessoa humana por meio do Espírito Santo, precedendo a eclesiologia e a doutrina dos sacramentos.¹³⁴⁵ Apesar de toda a sua soberania, Javé se revela como Deus que ama Israel, que está apaixonado e até enlouquecido por Israel. O lado afetivo da experiência veterotestamentária da graça é ressaltado por aquele termo muitas vezes associado com *hanan*, que é *rahamim* (compaixão maternal), derivado de *reham* (colo materno). Como expressão do imerecido amor de Deus, ele designa, ao mesmo tempo, laços originais entre Deus e ser humano, abrigo, empatia e simpatia.¹³⁴⁶ A permanente inclinação do Deus disposto à aliança – a palavra hebraica que pode ser considerada equivalente do nosso termo central “graça” é *hesed*. Esse termo apresenta amplitude de significação comparável ao verbo *hanan* (afeição, amabilidade, benevolência, solidariedade, bondade, graça), podendo, igualmente, estar mais definido pelo contexto. Geralmente, a Septuaginta traduz *hesed* por *éleos* (compaixão, piedade). Entra aqui o fato de que a inclinação de Deus para com o ser humano, muitas vezes, se mostra como afastar-se da sua ira e voltar-se para aquele

¹³⁴⁴ HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia*, p., 489.

¹³⁴⁵ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça. Em: SCHNEIDER, T.; HILBERATH, B. J. *Manual de dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 13-49.

¹³⁴⁶ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 16.

que por sua vez dele se afastou (Os 11). *Hesed* por isso muitas vezes aparece ligada a *rahamim*, mas também com ‘*emet* (fidelidade)’: na movimentada história de amor com Israel, Javé permanece fiel para consigo mesmo, sua afeição benevolente é de natureza tão fundamental a ponto de suportar mesmo a infidelidade do povo.¹³⁴⁷

Graça designa um comportamento fundamental e essencial de Deus que visa o bem da pessoa inteira, referindo-se, em primeiro lugar, ao povo de Israel, ali, porém, proporcionando ajuda e socorro ao indivíduo. Ao longo da história de amor entre Javé e seu povo, fortalece-se o traço individualizante (o indivíduo é agraciado em meio ao povo infiel), salientando-se o duplo aspecto da atuação graciosa de Deus (salvar e cumprir, ou sanar e santificar).¹³⁴⁸ Se, no tocante à própria conduta, as pessoas, o próprio Israel, povo de Javé, tinham que contar com a possibilidade de que Deus abandonasse definitivamente sua criatura infiel, a experiência do Cristo Jesus e do Espírito Santo/Sanador mostrou que isto é uma impossibilidade. Nunca mais Deus há de retirar seu gracioso ‘sim’ a todas as pessoas, sua bondade e graça (*hesed*) reinam definitivamente até a eternidade (Sl 126). Nunca mais a proclamação do ano da graça será substituída pelo anúncio do dia da vingança (cf. Lc 4,19 com Is 61,2).¹³⁴⁹

Todos os que no Espírito Santo experimentam a graciosa dedicação de Deus e professam que, sem qualquer direito próprio, por pura graça, foram justificados perante Deus em Jesus Cristo, resgatados da escravidão e acolhidos como filhas e filhos do Pai, o Espírito reúne na comunhão da graça que é a Comunidade-Igreja, para cuja edificação Ele concede seus dons da graça.¹³⁵⁰ Graça designa a relação entre Deus e ser humano.¹³⁵¹ Graça é a criadora chegada do eterno amor de Deus no centro do eu do ser humano. Dentro da limitação em sua natureza, o ser humano é arrancado e elevado para a comunhão de vida com Deus, ao mesmo tempo em que é equipado com as capacidades que lhe tornam possível e até fácil e óbvio: da graça ‘fluem’ fé, esperança e amor” (O.H. Pesch/A. Peters. Einführung, 89).¹³⁵² A contribuição do ser humano para sua salvação depende totalmente da Graça de Deus. Para o ser humano a graça santificadora é em primeiro lugar e concretamente

¹³⁴⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 16.

¹³⁴⁸ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 17

¹³⁴⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 18.

¹³⁵⁰ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 19.

¹³⁵¹ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 28.

¹³⁵² HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 29.

graça justificadora. A contribuição do livre-arbítrio deve ser pensada como ação de liberdade concedida, liberta, de modo que: “o meu ato livre, decidido e responsável, de dedicação a Deus e de largar o pecado é, em absoluta identidade, ao mesmo tempo e totalmente efetuado por Deus como forma de justificação em realização e realizada” (O.H. Pesch/A. Peters. *Einführung*, 102.).¹³⁵³

A tarefa que sempre volta a desafiar a Teologia da Graça é definir a relação entre ser humano e Deus, graça e liberdade, graça e natureza de modo tal que se evitem dois extremos. Por um lado, a Graça não pode ser colocada como naturalmente necessária ou como se ela fosse dívida para com a natureza – às custas da liberdade de Deus tanto quanto do ser humano. Por outro lado, a Graça não pode ser desvinculada da natureza a tal ponto de praticamente não mais se poder falar em termos empíricos do ser humano como destinatário da atuação graciosa de Deus.¹³⁵⁴

Com os reformadores, o Tridentino concorda em que os seres humanos não podem redimir-se a si próprios. Diferente dos reformadores, é a avaliação do Concílio sobre a relação da redenção/justificação causada por Cristo com a constituição humana concreta.¹³⁵⁵ Contra as tendências (semi) pelagianas, o “obrismo” na prática religiosa e contra os abusos na administração sacramental da graça beatífica exclusiva pela instituição Igreja, os reformadores enfatizam, no tocante à possibilidade de salvação do ser humano, a causalidade total e até exclusiva de Deus: exclusivamente Deus – pelos méritos de Cristo – dedicados e atuantes no Espírito Santo. Os cristãos devem ser livrados de falsa segurança e falso temor, receber em crente confiança em Deus a justiça de Cristo, para assim – sendo pecadores e justificados ao mesmo tempo – agir na fé com o fruto do Espírito.

O Concílio de Trento tem em comum com os reformadores a convicção da incapacidade de auto-redenção e da exclusiva veiculação da salvação por Jesus Cristo. Tudo que o ser humano pode fazer no âmbito da fé é causado e suportado pela graça precedente, despertadora e auxiliadora. Distanciamentos em relação a posições reformadoras (efetivamente defendidas ou apenas hipotéticas ou temidas) ocorrem, por sua vez, por razões pastorais tão fortes quanto do lado dos reformadores. Assim, o Concílio teme uma redução da vida de fé ao mero aceitar, acreditar na justificação, um solapamento do esforço ao longo de todo o processo

¹³⁵³ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 30-31.

¹³⁵⁴ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 32.

¹³⁵⁵ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 34.

de fé, a perda de experiências da graça como justificação e santificação. Por isso, salienta-se a força atuante da graça a transformar o ser humano a partir de dentro (sem que se destaquem como normativos os conceitos de *habitus* e *qualitas*).¹³⁵⁶

Quanto à situação teológica de hoje, duas constatações são reveladoras: em primeiro lugar, o fato de o papa Paulo V (1605-1621) negar-se a condenar qualquer uma das duas correntes, proibindo as facções em disputa a censura recíproca; em segundo lugar, a percepção de, na teologia moderna, a graça não mais ser entendida com naturalidade como afeição de Deus, a qual provocaria a atividade no livre-arbítrio no interior da pessoa. Agora predomina o modelo da concorrência, segundo o qual Deus teria que ser relegado ao segundo plano, colocando-se restrições à sua atuação, para que a liberdade do ser humano possa desenvolver-se.¹³⁵⁷ A tarefa da dogmática de hoje será, então, deixar claro, no horizonte de sua experiência e com os recursos conceituais disponíveis, que a “graça” se refere a um processo relacional, a inclinação graciosa de Deus para o ser humano, a qual capacita a pessoa à vida verdadeiramente humana. Tarefa perene da reflexão crente são as questões referentes à relação entre liberdade humana e graça divina, entre a liberdade aceita na fé, libertada para si, e a atuação libertadora, bem como a relação entre vontade salvífica geral e a multiplicidade de caminhos da fé.¹³⁵⁸

Deus nada deve ao ser humano, mas Ele deve a si mesmo que assuma a sua criatura; Deus tem para consigo mesmo – enquanto essência do amor, da justiça e da misericórdia – a dívida de ser fiel consigo mesmo. A própria criação do ser humano (do mundo) constitui atuação livre e graciosa de Deus pela qual é inaugurada e colocada a pedra fundamental da história de amor de Deus para com o ser humano.¹³⁵⁹ O fundamental termo teológico “graça” quer dizer que Deus se volta para o ser humano (culminâncias histórico-salvíficas: humanização e envio do Espírito), sendo que este é aberto, transformado, reorientado e preenchido com a vida no encontro com Deus.¹³⁶⁰

Nos diálogos e estudos teológicos, delineia-se uma percepção que está à espera da sua confirmação eclesiástica oficial: as condenações doutrinárias do século XVI hoje não mais precisam ter efeito de dividir a Igreja. Livres de mal-entendidos,

¹³⁵⁶ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 36-37.

¹³⁵⁷ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 37-38.

¹³⁵⁸ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 39.

¹³⁵⁹ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 42.

¹³⁶⁰ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 42.

as diferentes abordagens podem ser consideradas como concordantes em sua preocupação básica, enriquecendo-se e corrigindo-se reciprocamente em suas diferentes ênfases. No centro, encontra-se a confissão do Deus triúno que, em livre amor, volta-se a todos para a sua salvação, justificando-os e levantando-os e, em seu santo e santificador Espírito, quer capacitar a uma vida verdadeiramente humana. A inclinação graciosa de Deus liberta a pessoa humana da necessidade de se auto-justificar, o que pode levar à ilusão de inocência ou ao desespero. Toda atuação humana repousa na aceitação da graça justificadora e recriadora, seu caráter é fundamentalmente de resposta.¹³⁶¹

4.3.2.c.11.

A Igreja é a missão de Deus para o serviço em prol da conciliação da humanidade

A Igreja, enquanto sacramento do amor de Deus, continua sendo uma comunhão de pessoas, uma instituição humana que fica muito a dever à sua incumbência divina.¹³⁶² Uma eclesiologia que faça justiça à atualidade e ao futuro deve, portanto, ser desenvolvida, em primeiro lugar, dentro do diálogo interdenominacional, isto é, o serviço da unidade a ser reconquistada entre as Igrejas e comunidades cristãs dentro da Igreja; em segundo lugar, no diálogo judeu-cristão, isto é, a serviço da reconciliação do antigo e do novo povo de Deus; e finalmente, em terceiro lugar, no diálogo inter-religioso e intercultural, isto é, a serviço da unidade da fé em Deus em meio à diversidade das culturas.¹³⁶³

A caminhada da Igreja latino-americana rumo a uma abrangente práxis de fé libertadora mostra que a Igreja somente volta a adquirir a sua identidade como povo de Deus na medida em que ela se torna “Igreja do povo” ou “Igreja dos pobres”, isto é, quando o povo oprimido deixa de ser mero objeto da atenção eclesial, mas passa a ser ele próprio sujeito histórico da fé libertadora.¹³⁶⁴ Enquanto Povo de Deus, a Igreja se entende como a comunhão dos crentes chamada pela indisponível liberdade do amor de Deus de entre os enredamentos do pecado, e vocacionada para

¹³⁶¹ HILBERATH, Bernd Jochen. Doutrina da Graça, p., 45.

¹³⁶² WIEDENHOFER, Siegfried. Eclesiologia. Em: SCHNEIDER, T.; HILBERATH, B. J. *Manual de dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 50-142.

¹³⁶³ WIEDENHOFER, Siegfried. Eclesiologia, p., 52-53.

¹³⁶⁴ WIEDENHOFER, Siegfried. Eclesiologia, p., 85.

o serviço em prol da conciliação da humanidade.¹³⁶⁵ A Igreja é comunhão íntima com Cristo. Isto porque a Igreja é o povo que crê em Cristo, que está batizado no nome de Cristo e que vive a partir do corpo eucarístico de Cristo que, no batismo e na celebração da Eucaristia, se torna ele próprio corpo de Cristo.¹³⁶⁶

Enquanto templo do Espírito Santo, a Igreja é a comunidade escatológica de salvação, marcada pela abertura, liberalidade e por diversificados dons, a qual em meio a esta história já testemunha e assinala a atuação criadora do Espírito de Deus.¹³⁶⁷ No plano da história, bem como na perspectiva da consumação, Igreja e Reino de Deus devem ser, ao mesmo tempo, identificados e distinguidos. A provisoriedade e instrumentalidade da Igreja é tão importante quanto sua identidade embrionária e sinalizadora com o Reino de Deus.¹³⁶⁸

A Igreja enquanto comunhão dos crentes a representar e testemunhar o amor trinitário de Deus, é uma comunhão na qual as pessoas, por força do Espírito de Cristo, estão definidas não mais pela sua oposição, mas por seu convívio e sua solidariedade, chegando, assim, a uma nova comunhão de fé, esperança, amor, celebração, oração, sofrimento e atuação.¹³⁶⁹ A Igreja é o início da reconciliação da humanidade, da incondicional aceitação por Deus em Jesus Cristo e no Espírito Santo. E ela é a missão de Deus para o serviço em prol da conciliação da humanidade.¹³⁷⁰

A confissão da “comunhão dos santos” e a veneração dos santos (no sentimento de união com eles, na sua rememoração cultural, na imitação e no pedido de intercessão) são importante expressão do caráter escatológico e social da Igreja.¹³⁷¹ A apostolicidade da Igreja refere-se àquela identidade dos atos eclesiais básicos (*martyria, leitourgia, diakonia*) garantida pela vinculação com as primeiras testemunhas apostólicas da Revelação de Deus em Jesus Cristo. Essa vinculação é incumbência perene da Igreja.¹³⁷² A apostolicidade da Igreja significa também aquela identidade da Igreja que está prometida à Igreja através da veiculação apostólica do Espírito de Cristo.¹³⁷³ A apostolicidade especial da Igreja consiste nas

¹³⁶⁵ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 90.

¹³⁶⁶ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 90.

¹³⁶⁷ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 92.

¹³⁶⁸ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 92.

¹³⁶⁹ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 107.

¹³⁷⁰ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 107.

¹³⁷¹ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 116.

¹³⁷² WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 123.

¹³⁷³ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 123.

funções interdependentes da Escritura Sagrada, da Tradição da fé (particularmente da regra da fé e do credo) e do ministério episcopal.¹³⁷⁴ No ministério episcopal, a responsabilidade pela continuidade da Tradição apostólica e por sua vitalidade eclesial, bem como por sua atualidade, está institucionalizado de modo especial, sacramental e representativo.¹³⁷⁵

O lugar primordial da experiência de fé e da transmissão da fé neste segundo nível de Igreja é, portanto, a liturgia. Na exaltação conjunta dos grandes atos de Deus, no ouvir conjunto da Palavra de Deus, na realização conjunta dos atos simbólicos sagrados, em oração e canto conjuntos e no compartilhar da confissão a comunidade reunida, composta de muitas famílias e grupos, de representantes de profissões, camadas sociais e opiniões políticas diversas, volta a ser reunida como Povo de Deus na esfera pública desta reunião, povo este que, em renovada esperança, vai ao encontro do Senhor e, ao mesmo tempo, na resposta da confissão, se compromete a fazer, na própria prática de vida, um depoimento a respeito daquilo que ela experimentou no culto, ou seja, que o amor de Deus que despertou Jesus dentre os mortos já está em vias de fazer surgir um novo mundo.¹³⁷⁶

Na vida litúrgica da comunidade e na decoração iconográfica do interior das Igrejas, cristãos católicos se deparam constantemente, de variadas maneiras, com a figura feminina que, em todos os séculos da era cristã, ensejou também a reflexão teológica: a imagem da mãe de Jesus, Maria de Nazaré.¹³⁷⁷ É tarefa da reflexão mariológica atual relacionar, em perspectiva ecumênica consciente, a tradição bíblica e histórica de um discurso de fé sobre a mãe de Jesus com as perguntas e preocupações das pessoas relevantes hoje.¹³⁷⁸ A localização eclesiológica da reflexão mariológica, preferida pelo Concílio, também foi assumida no presente compêndio. No entanto, a já mencionada multiplicidade de possíveis associações teológicas de enunciados mariológicos exige que se tomem em consideração os diferentes contextos teológicos, nos quais a confissão mariológica transmite sentido.¹³⁷⁹

¹³⁷⁴ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 124.

¹³⁷⁵ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 125.

¹³⁷⁶ WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*, p., 132.

¹³⁷⁷ MÜLLER, Alois. SATTTLER, Dorothea. *Mariologia*. In: SCHNEIDER, T.; HILBERATH, B. J. *Manual de dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 143-170.

¹³⁷⁸ MÜLLER, Alois. SATTTLER, Dorothea. *Mariologia*, p., 144.

¹³⁷⁹ MÜLLER, Alois. SATTTLER, Dorothea. *Mariologia*, p., 145.

4.3.2.c.12.

Sacramentos, fontes de vida

Sacramentos são manifestações de vida da Igreja. Por essa razão, são tratados em conexão com a eclesiologia. Sacramentos fazem parte da área da *leitourgia*.¹³⁸⁰ Com “pensamento sacramental”, se quer expressar a convicção de que a história de Deus com os homens acontece em eventos, em atos e encontros historicamente constatáveis: esses se tornam sinais da proximidade de Deus. Neles, Deus se “mostra: aos homens, e neles se aproxima deles, transformando-os”.¹³⁸¹ A convicção de que a eficiência do Sacramento se fundamenta no agir de Deus, é expressa na Escolástica com a fórmula que diz que os sacramentos são eficientes *ex opere operato* (por força do rito executado) e não apenas *ex opere operantes* (por força daquele que executa o sacramento).¹³⁸² Quem atua no sacramento é Deus, respectivamente Jesus Cristo. Desse modo, o sacramento adquire certa objetividade: já antes do fator subjetivo – da fé e da sinceridade dos seres humanos que efetuam o sacramento – a graça de Deus está seguramente presente. O diálogo ecumênico inspirou a teologia católica a repensar a relação da *Palavra-Sacramento*. Somente por essa ocasião, o lado católico também começou a elaborar uma Teologia da Palavra.¹³⁸³ Os sacramentos podem ser descritos como as celebrações centrais da Igreja. “Celebração” encerra os elementos “símbolo”, “palavra” e “atividade lúdica”. Como celebrações realizadas corporalmente, eles são sinais de um mundo redimido.¹³⁸⁴

A Teologia dos Sacramentos baseia-se tanto na palavra quanto no símbolo. Ambos os princípios são conciliáveis. Também o discurso é símbolo real, sinal realizador.¹³⁸⁵ Sacramentos são celebrações da Igreja. Neles, a comunidade se constitui como reunião em nome de Cristo, como comunhão comemorativa presentificadora e comunhão da esperança antecipadora do futuro, como Povo de Deus que anuncia o Evangelho e representa a nova vida simbolicamente. No

¹³⁸⁰ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos. Em: SCHNEIDER, T.; HILBERATH, B. J. *Manual de dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 171-338.

¹³⁸¹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 174.

¹³⁸² NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 183.

¹³⁸³ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 190.

¹³⁸⁴ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 191.

¹³⁸⁵ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 195.

entanto, a Igreja não celebra a si mesma, e, sim, a história à qual ela se deve, e a esperança que a move.¹³⁸⁶

Batismo e Eucaristia são os sacramentos principais da Igreja (*sacramenta maiora*).¹³⁸⁷ Batismo pressupõe a fé. Por outro lado, a fé da pessoa batizada vive da experiência do batismo e do Espírito de Deus concedido no batismo.¹³⁸⁸ Portanto, o Espírito de Deus, além de ser dom concedido no batismo, Ele mesmo é dinâmico e espaço do evento batismal. O Espírito de Deus sustenta, envolve e permeia o evento do mesmo modo como preenche e move a comunidade e a cada crente individualmente.¹³⁸⁹ Tal como a eclesiologia, também a teologia batismal está orientada acentuadamente em sentido pneumatológico-escatológico. Batismo é a passagem para a sociedade iluminada e movida pelo Espírito de Deus daqueles que assumiram compromisso com a vida do mundo vindouro.¹³⁹⁰ Agora está em primeiro plano não tanto o aspecto pneumatológico-escatológico, e, sim, o aspecto cristológico. Isso se evidencia no fato de agora Rm 6,1-11 se tornar o texto bíblico básico na instrução batismal: batismo significa participação no mistério da Paixão de Cristo.¹³⁹¹

A Eucaristia é o segundo sacramento principal depois do Batismo. Como reunião em nome de Jesus a ser celebrada sempre nova e sinal realizador de sua vinda sempre nova, constitui o centro da vida sacramental da Igreja e, simultaneamente, a representação simbólica mais clara do mistério cristão.¹³⁹² A última ceia é, portanto, ceia de despedida em perspectiva escatológica, sinal de esperança em face da ruína.¹³⁹³ O ambiente da ceia eucarística é a reunião da comunidade.¹³⁹⁴ O que importa é que a reunião seja um reunir-se autêntico.¹³⁹⁵ Pão e vinho são sinais concentrados do ‘cear’; o cear é sinal realizador da comunhão comunitária.¹³⁹⁶ Corpo de Cristo é, sobretudo, uma realidade pessoa-dinâmica: comunhão com Cristo na comunhão entre os fiéis, realizada simbolicamente no

¹³⁸⁶ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 197.

¹³⁸⁷ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 205-338.

¹³⁸⁸ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 212.

¹³⁸⁹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 214.

¹³⁹⁰ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 218.

¹³⁹¹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 219.

¹³⁹² NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 241.

¹³⁹³ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 246.

¹³⁹⁴ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 247.

¹³⁹⁵ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 249.

¹³⁹⁶ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 249.

partir do pão e no compartilhar do cálice.¹³⁹⁷ A palavra do “sangue da aliança” remete à aliança do Sinai selada com o sangue dos animais abatidos (Ex 24,8) e sua celebração anual no culto do templo de Jerusalém. Com isso, revela proximidade com a tradição sacerdotal. A palavra da “nova aliança”, porém, tem seu lugar na tradição escatológico-profética.¹³⁹⁸ A ceia é celebrada como sinal de sua entrega em amor, por meio da qual se tornou vulnerável e se entregou até o extremo.¹³⁹⁹

A Celebração Eucarística é a memória realizadora da ressurreição do Crucificado.¹⁴⁰⁰ Os limites permanecem fluentes. Isso sublinha a inter-relação entre a Celebração Eucarística e a comunicação comunitária.¹⁴⁰¹ No encontro de pessoas, na reunião da comunidade convocada pelos discípulos, no partir do pão o Jesus crucificado se faz presente vivo na experiência das pessoas reunidas, elas o reconhecem como o verdadeiro hospedeiro, como o que convida, congrega, que as transforma e as envolve em sua missão.¹⁴⁰² Como a ceia em Israel e como a última ceia de Jesus, também a Ceia do Senhor celebrada pelos cristãos é sinal escatológico.¹⁴⁰³ A comunhão eucarística na ceia é, como o ceiar de Jesus, lugar da reconciliação.¹⁴⁰⁴ A confissão do Logos feito homem, o amor que se encarna no engajamento concreto e a celebração corporal do sacramento são três aspectos inseparáveis.¹⁴⁰⁵ A Eucaristia é a celebração central da Igreja que celebra a história a que ela se deve, a esperança que a anima, a vinda do Senhor, por meio da qual ela se deixa transformar. No entanto, nessa celebração ela representa, ao mesmo tempo, o que ela é ou o que ela deveria ser: uma comunidade que dá testemunho de Jesus Cristo e do reino de Deus por ele anunciado, que tenta viver esse testemunho no serviço ao próximo e que representa simbolicamente, na celebração da liturgia, ambas as coisas – o testemunho da palavra e o testemunho da ação.¹⁴⁰⁶

A celebração litúrgica da reconciliação vive da prática de reconciliação do dia-a-dia na comunidade (do contrário fica sem conteúdo), e profundidade religiosa da reconciliação cotidiana (o fato de que Deus age também ali) é expressa nos sinais

¹³⁹⁷ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 250.

¹³⁹⁸ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 250.

¹³⁹⁹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 251.

¹⁴⁰⁰ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 252.

¹⁴⁰¹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 252.

¹⁴⁰² NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 252.

¹⁴⁰³ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 252.

¹⁴⁰⁴ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 253.

¹⁴⁰⁵ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 254.

¹⁴⁰⁶ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 270.

litúrgicos.¹⁴⁰⁷ O sacramento da penitência é sinal realizador do juízo divino da graça para a reconciliação do pecador na comunhão da Igreja.¹⁴⁰⁸ O sacramento pode ser chamado de “juízo” na medida em que confronta o penitente com a verdade de sua vida.¹⁴⁰⁹ O sentido da unção dos enfermos pode, portanto, ser resumido da seguinte forma: numa situação, na qual o ser humano experimenta a ameaça fundamental a sua vida em seu próprio corpo, oração e unção da comunhão eclesial se tornam sinal realizador da proximidade de Deus, que salva e fortalece a vida. Desse modo a Igreja cumpre sua missão de, no discipulado de Jesus, que se dedicou especialmente aos enfermos, anunciar o evangelho da salvação de Deus próxima.¹⁴¹⁰ Matrimônio cristão é sinal realizador de aceitação em amor para uma comunhão de vida abrangente. Nele se realiza a amorosa aceitação de Deus para com seu povo e de Jesus Cristo para com a Igreja.¹⁴¹¹

4.3.2.c.13.

Escatologia

A fé na *parusia* significa que em termos futuros, virá o dia em que Cristo reinará. Virá o mundo anunciado por ele e que ele mesmo já iniciou com sua vida, o Reino de Deus; e em tempo presente, podemos e devemos contar diariamente com o encontro com Cristo, embora aparentemente o curso da história continue intocado, no desafio concreto do amor ao próximo, na reunião em seu nome, na celebração da Eucaristia.¹⁴¹²

O elemento específico da teologia neotestamentária do juízo é a afirmação de que o juiz vindouro é Jesus Cristo. Em seu julgamento, a história do mundo será decidida, por fim, conforme o seu agrado. O futuro pertencerá àquele mundo que ele anunciou e praticou, ao reino de Deus como Jesus o compreendeu e mostrou. Também significa que a pregação e a prática da vida de Jesus são o critério decisivo para o juízo e, portanto, o critério decisivo sobre o comportamento ético que significa vida bem-sucedida ou fracassada (cf. Mt 25, 31-46). O fato de Cristo ser

¹⁴⁰⁷ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 294.

¹⁴⁰⁸ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 296.

¹⁴⁰⁹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 296.

¹⁴¹⁰ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 308.

¹⁴¹¹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 333.

¹⁴¹² NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 348.

o juiz, coloca, por fim, toda a fé nas *eschata* e todo o comportamento cristão numa perspectiva de esperança. O juiz é o mesmo que, como diz o Livro de Atos num resumo do Evangelho, “andou por toda parte, fez o bem e curou os que se encontravam no poder do diabo” (At 10,38) e que no Evangelho segundo João diz a respeito de si mesmo: “Não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo” (Jo 12,47).¹⁴¹³

A escatologia mais recente é mais cristocêntrica: a figura de morte e ressurreição de Jesus se torna modelo de uma possível morte do mundo e salvação desse mesmo mundo por Deus. O modelo de Jesus, porém, inspira ao engajamento pelo reino de Deus no presente *éon*.¹⁴¹⁴ Por um lado, a linguagem figurativa é concreta e, por isso, capaz de fazer a relação com experiências e expectativas da atualidade. Por outro lado, a linguagem figurativa significa certa abertura: as figuras podem transfigurar-se em outras, transcender a si mesmas; as expectativas podem ampliar-se sem que se perdesse a continuidade da história da esperança e da promessa.¹⁴¹⁵ Na situação de extrema opressão e perseguição, a fé na fidelidade e no poder de Deus se torna esperança de ressurreição e vida nova, eterna.¹⁴¹⁶

A ressurreição de Jesus é esperança em primeiro lugar para as vítimas da história. Deus ressuscitou um crucificado e a partir de então há esperança para os crucificados¹⁴¹⁷. A esperança que se deve refazer hoje é uma esperança no poder de Deus contra a injustiça que produz vítimas.¹⁴¹⁸

A fé na ressurreição escatológica dos mortos é consequência da fé na fidelidade e no poder de Deus.¹⁴¹⁹ O tema central da pregação de Jesus é, portanto, o anúncio do reino de Deus que começa e se torna efetivo aqui e agora. Insistimos na vida dos pobres como núcleo central do reino. Reino de Deus é a vida justa dos pobres aberta sempre a um “mais”.¹⁴²⁰ O reino de Deus é o escatológico, paradoxalmente, sendo o protológico, o ideal “mínimo” de Deus expresso em sua criação. Na perspectiva do “mistério” de Deus, a vida justa dos pobres nos introduz

¹⁴¹³ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 350.

¹⁴¹⁴ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 369

¹⁴¹⁵ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 371.

¹⁴¹⁶ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 380-381.

¹⁴¹⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis, Vozes, 2000, p., 71.

¹⁴¹⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis, Vozes, 2000, p., 70.

¹⁴¹⁹ NOCKE, Franz-Josef. Doutrina Geral dos Sacramentos, p., 383.

¹⁴²⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador. A história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis, Vozes, 1996, p., 105-201.

eficazmente num Deus que é bom, misericordioso, compassivo e age libertando. Uma forma poderosa de afirmar o mistério de Deus, de deixar Deus ser Deus.¹⁴²¹ Esse Jesus, que centra sua vida no anúncio e construção do reino de Deus aos pobres, que mostra para eles misericórdia última, que para defender as vítimas deste mundo, que através de tudo isso se põe diante de Deus e põe Deus diante de nós, esse Jesus é libertação e boa notícia para os pobres e para todo aquele que quiser ser humano neste mundo.¹⁴²²

A libertação da morte é um momento nessa pregação.¹⁴²³ A ressurreição tem a ver com o mundo, aprofunda relações, é consumadora de história, “corporal”.¹⁴²⁴ Ressuscitamento do corpo significa que o ser humano todo, com toda a sua biografia, com todas as suas relações com outros, tem um futuro, e que na consumação do ser humano também é consumado um pedaço de mundo.¹⁴²⁵ Na morte, morre o homem todo, não apenas uma parte dele. No ponto mais profundo de sua destruição, o ser humano cai nas mãos de Deus e é ressuscitado para nova vida.¹⁴²⁶

4.3.2.c.14.

Em Jesus Cristo, Deus se tornou “um de nós”

A doutrina do Deus triúno evidencia o elemento cristão decisivo e diferenciador, “um paradoxo na margem da doutrina da fé”.¹⁴²⁷ Deus se revela ao ser humano como o autor de sua salvação; como o Deus do qual se pode falar em termos concretos somente quando se fala dele como Deus para os seres humanos. A doutrina do Deus triúno reflete as condições sob as quais se pode falar do Filho e do Espírito Santo como do próprio Deus; ela reata a cristologia e a Pneumatologia à doutrina de Deus e entende-as como concreções da doutrina de Deus.¹⁴²⁸ A fórmula batismal triádica em Mt 28, 19 é o resumo válido da verdade salvífica da

¹⁴²¹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador. A história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis, Vozes, 1996, p., 200.

¹⁴²² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador. A história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis, Vozes, 1996, p., 391.

¹⁴²³ NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*, p., 384.

¹⁴²⁴ NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*, p., 406

¹⁴²⁵ NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*, p., 406.

¹⁴²⁶ NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*, p., 410.

¹⁴²⁷ WERBICK, Jürgen. *Doutrina da Trindade*. Em: SCHNEIDER, T.; HILBERATH, B. J. *Manual de dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000, p., 429- 528.

¹⁴²⁸ WERBICK, Jürgen. *Doutrina da Trindade*, p., 430.

fé, experimentada na realização da conversão e proclamada no ato do batismo, certamente também resumo da catequese batismal que leva ao batismo e visa credo batismal.¹⁴²⁹ Na prática sacramental-litúrgica, na doxologia e na oração, Pai, Filho e Espírito Santo são mencionados juntos e, desse modo, também relacionados um com o outro. Dessas realizações litúrgicas parte, então, a necessidade de articular de modo teologicamente adequado a integração do Filho e do Espírito Santo com Deus, ou seja, a divindade do filho e do Espírito Santo.¹⁴³⁰

A economia das missões corresponde à autocomunicação “eterno” intradivina; por isso, acontece nela a auto-revelação de Deus, respectivamente, o contrário: a auto-revelação de Deus é um evento interpessoal e, assim, Deus se revela nela como o em-si tripessoal: como o Pai, que é um com o Filho, que se entrega a ele, que se identifica com ele sem reservas e plenamente (ressuscitando-o dentre os mortos – no Espírito); como Filho que – no espírito – se entrega totalmente ao Pai e vive para que se faça a vontade dele, que é aquela resposta completa à auto-entrega do Pai, com a qual os homens – possuídos do Espírito – podem concordar; como o Espírito Santo que permite que o Pai esteja com o Filho, e o Filho com o Pai, que envolve os crentes nesse evento relacional divino e que, justamente assim, faz com que cheguem a si mesmos.¹⁴³¹

Deus é amor. No Filho, nosso irmão Jesus Cristo, Ele se tornou “um de nós”. E, desse modo, se aproximou de nós como o criador e reconciliador poder do amor. O poder do amor se revelou poderoso, superior ao pecado e à morte, visto que o Pai não deixou seu Filho na morte que lhe foi causada pelos pecados, e, sim, o tornou a revelação de sua invencível vividade divina. Em Jesus Cristo – em sua pregação, em sua vida e morte, em seu Ressuscitamento dentre os mortos – revelou-se que Deus é (todo) poderoso no amor, para a salvação dos homens. Ele compartilha a vida dos homens, sua miséria e sua morte e, no Espírito Santo, lhes concede parte de sua vida indestrutível. No Espírito Santo, Ele quer estar vivo e ser poderoso entre os homens, fortalecer seu amor e aperfeiçoá-los em seu amor. No Filho, nosso irmão Jesus Cristo, e no Espírito Santo, que nos liberta do pecado e do poder da morte para o amor, Deus revela seu mais íntimo: a comunhão de amor, que une Pai e Filho entre si e com o (respectivamente no) Espírito Santo e que – no Espírito Santo –

¹⁴²⁹ WERBICK, Jürgen. Doutrina da Trindade, p., 437.

¹⁴³⁰ WERBICK, Jürgen. Doutrina da Trindade, p., 438.

¹⁴³¹ WERBICK, Jürgen. Doutrina da Trindade, p., 504.

quer incluir os homens para sua salvação.¹⁴³² Quando a *oikonomia* da autocomunicação de Deus tiver chegado ao seu alvo, Deus será revelado definitivamente assim como ele é em si – em sua glória – como parceiro do homem infinitamente capaz de relacionar-se, ao qual escolheu para participar de sua glória.¹⁴³³

4.3.2.c.15.

Proposta universal do Cristianismo: *olhos e ouvidos* abertos para um Cristianismo da Compaixão

O Cristianismo se concebeu desde o início como uma religião universal, como uma religião que se dirige a todos os homens e, nesse sentido, se apresenta com uma pretensão de missão universal. Como se concebe e se comporta esse Cristianismo hoje, nestes tempos de globalização?¹⁴³⁴ Metz questiona à luz de uma teologia “com o rosto voltado para o mundo”, ou seja, como uma bem apreendida “teologia política”. Aqui, o que importa é a convicção de que o Cristianismo também e, especialmente hoje, tenha alguma coisa a dizer a todos, mulheres e homens, em nossa Casa Comum.¹⁴³⁵

Afirmamos que quem faz teologia, quem procura falar de Deus, também deverá sempre mais falar de mulheres e homens que, além de ser seu próprio experimento, sua própria objetivação, é fundamentalmente, sua própria memória. Mulheres e homens que se tornam conhecíveis tanto nos seus próprios genes, quanto em seus próprios rostos. À força, a teologia obtém uma importante distinção no conceito racional do processo de globalização: a distinção entre racionalidade técnica e racionalidade anamnética.¹⁴³⁶ Metz apresenta dois fundamentos bíblico-teológicos: 1. Monoteísmo sensível à dor; 2. Responsabilidade, sensível à dor, em relação ao mundo.

No que diz respeito ao “monoteísmo sensível à dor”, recordamos os tempos da globalização e de seu pluralismo constitucional com a “difícil universalidade” da memória bíblica de Deus, pois o princípio monoteístico das tradições bíblicas é

¹⁴³² WERBICK, Jürgen. Doutrina da Trindade, p., 505.

¹⁴³³ WERBICK, Jürgen. Doutrina da Trindade, p., 509.

¹⁴³⁴ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização. Em: GIBELLINI, R. *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida: Santuário, 2005, p., 353.

¹⁴³⁵ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 353.

¹⁴³⁶ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 355.

um princípio universalíssimo. Deus é somente “o meu” Deus, mesmo que se pode ser “o teu” Deus, ele é somente “o nosso” Deus. Neste sentido, só pode ser o Deus de todos.¹⁴³⁷ O Cristianismo é um discurso sobre Deus que pode universalizar-se somente enfrentando a questão da dor, a *memória passionis*, a ideia da dor, em particular da dor dos outros – até a dor dos inimigos. Esse discurso sobre Deus é universal. E só é importante para todos, mulheres e homens, se em seu núcleo é um discurso sobre Deus sensível à dor do outro.¹⁴³⁸ Trata-se de evocar e exigir os traços do monoteísmo sensível à dor nas tradições de todas as três grandes religiões monoteísticas – nos hebreus, nos cristãos e nos muçulmanos.¹⁴³⁹ Certamente, todas as religiões monoteísticas são marcadas por sua tradição histórica em relação ao axioma fundamental do monoteísmo bíblico, segundo o qual a memória de Deus está ligada à ideia da dor do outro. E não são hoje precisamente as próprias religiões monoteísticas que continuamente se encontram com essa ideia da dor do outro e assim despertam ou estabilizam situações de ódio e de violência?¹⁴⁴⁰

No que diz respeito ao “fundamento da responsabilidade, sensível à dor, em relação ao mundo”, as tradições bíblicas do discurso sobre Deus e as histórias neotestamentárias de Jesus conhecem uma iniludível figura de responsabilidade global. Portanto, o universalismo dessa responsabilidade está orientado, primariamente, para o universalismo do sofrimento presente no mundo. O primeiro olhar de Jesus está voltado para a dor dos outros. Destarte, o Cristianismo teve início como uma comunidade da memória e da narração no seguimento de Jesus, cujo primeiro olhar estava voltado para a dor dos outros.¹⁴⁴¹ Essa sensibilidade para com a dor dos outros marca o “novo estilo de vida” de Jesus. Essa sensibilidade para com a dor é a expressão daquele amor compreendido por Jesus quando falava – de resto, plenamente na linha de sua herança hebraica – indivisível unidade do amor de Deus e do próximo: paixão de Deus como compaixão (*Mitleidenschaft*).¹⁴⁴²

Há uma compaixão que brota da paixão de Deus, porque o Cristianismo, já muito cedo encontrou grandes dificuldades com a aqui acenada sensibilidade elementar para a dor, própria de sua mensagem. O problema que inquieta

¹⁴³⁷ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 356.

¹⁴³⁸ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 357.

¹⁴³⁹ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 357.

¹⁴⁴⁰ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 357.

¹⁴⁴¹ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 358.

¹⁴⁴² METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 358.

profundamente as tradições bíblicas da justiça para com os sofredores inocentes foi até muito rapidamente transformado e convertido no problema da redenção dos réprobos. Para esse problema, a ação salvífica de Cristo. O Cristianismo se transformou de religião primariamente sensível à dor em religião primariamente sensível ao pecado. O primeiro olhar não estava mais voltado para a dor da criatura, mas para sua culpa. Isso, porém, não paralisava a sensibilidade elementar para a dor dos outros nem obscurecia a visão bíblica da grande justiça de Deus, que, de qualquer modo, para Jesus teria devido valer para qualquer forma de fome e de sede?¹⁴⁴³

A sensibilidade para com a dor é própria da mensagem cristã e de seu discurso sobre Deus.¹⁴⁴⁴ Essa sensibilidade elementar para a dor – e o fato de que o primeiro olhar de Jesus fosse voltado para a dor dos outros. Retornamos à palavra estrangeira “compaixão” (*compassion*) como palavra-chave para o programa universal do Cristianismo na época da globalização e de seu pluralismo constitucional dos mundos religiosos. Compreendemos essa compaixão como sofrimento-com, como partícipe percepção da dor do outro, como pensamento ativo do sofrimento dos outros, como tentativa de se ver e se avaliar com os olhos dos outros, dos outros sofredores.¹⁴⁴⁵

A compaixão como programa universal do Cristianismo em tempos de globalização seria primeira, como inspiração para uma nova política de paz. Precisamos perceber a dor alheia e tê-la presente no próprio agir. Este é o pressuposto incondicionado de qualquer futura política de paz.

Para a situação no Oriente Próximo, por exemplo, para a relação entre Israel e os palestinos, continuo a não conhecer outro caminho que aquele que Rabin e Arafat queriam percorrer, quando em 1993, em Washington, pela primeira vez, apertaram-se as mãos, e asseguraram-se reciprocamente não querer, no futuro, olhar só a própria dor, mas estar prontos a não esquecer e a levar em consideração, em sua política, também os sofrimentos dos outros, os sofrimentos de todos que eram até então seus inimigos. Essa atitude foi o princípio de uma política da paz com base na memória passionais, com base na ideia da dor alheia. Que teria acontecido na ex-Iugoslávia se as populações locais _ cristãs ou muçulmanas _ tivessem agido segundo esse imperativo da compaixão? Se elas, portanto, em seus conflitos étnicos tivessem se recordado não só dos próprios sofrimentos, mas também dos sofrimentos dos outros, das dores daqueles que até então tinham seus inimigos? Que teria acontecido com as guerras civis em outras regiões da Europa, se os cristãos não tivessem continuamente

¹⁴⁴³ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 358.

¹⁴⁴⁴ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 358.

¹⁴⁴⁵ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 359.

traído essa compaixão? E, somente, se também entre nós cresce uma cultura política inspirada por esta compaixão, cresce a perspectiva de que teremos uma paisagem cultural florescente, uma paisagem de paz.¹⁴⁴⁶

O segundo ponto de vista é que essa compaixão possa valer como promoção de uma nova política de reconhecimento. Nas situações políticas globais, pode hoje tratar-se não da relação de um *partner* do discurso com o outro, mas essencialmente, da relação de uns com os outros ameaçados e excluídos. Portanto, também da relação com as vítimas da globalização. O que de fato, supera a lógica das relações de mercado, é o reconhecimento de relações assimétricas. Somente o voltar-se de uns para os outros, excluídos e esquecidos rompem o poder da pura lógica de mercado.¹⁴⁴⁷

Além disso, essa compaixão pode conduzir à agudeza da memória humana em geral. Essa compaixão protesta contra um pragmatismo político que se destacou da memória de dor e, portanto, foi-se cegando moralmente sempre mais. É uma resistência contra o esquecimento da liberdade moderna.

Que sucederia, de fato, se um dia os homens pudessem se defender com a arma do esquecimento contra a infelicidade do mundo? Se pudessem construir sua felicidade só sobre o impiedoso esquecimento das vítimas, portanto, sobre uma cultura de amnésia, em que o tempo curasse todas as feridas? De que, então, se nutriria a revolta contra a dor inocente e injusta presente no mundo? Que coisa inspiraria, então, a atenção da dor alheia e a visão de uma nova maior justiça? Quem se salvaria de uma fata coletiva de sentimento e de apatia?¹⁴⁴⁸

A compaixão fornece um importante critério no atual debate biopolítico e bioético. A imagem do ser humano, dada aqui pela compaixão, mostra-nos um ser humano vulnerável desde suas raízes. Sob esse prisma, tornemos evidente algo da energia, tocando e compenetrando o mundo do Cristianismo, que, em suas raízes bíblicas, se exprime na compaixão.¹⁴⁴⁹

Diante da nova situação mundial, acenamos a dois atuais âmbitos problemáticos. Trata-se do problema de um *ethos* global e do problema de uma *ecumene* da compaixão nessas situações globalizadas. Sob o prisma teológico e político-religioso, um *ethos* global se radica no incondicionado reconhecimento de uma autoridade, que certamente pode ser interpelada também em todas as grandes

¹⁴⁴⁶ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 359.

¹⁴⁴⁷ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 360.

¹⁴⁴⁸ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 360.

¹⁴⁴⁹ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 360.

religiões e culturas da humanidade no reconhecimento da autoridade dos sofredores. Essa autoridade dos sofredores é uma autoridade “fraca”.¹⁴⁵⁰ Mas é a única autoridade universal que resta em nossas situações globalizadas. Neste sentido, é uma autoridade “forte”, enquanto não é iludível nem religiosamente nem culturalmente. O reconhecimento dessa autoridade se deixa formular também como o critério que é atingível por todos, Mulheres e Homens de todas as religiões e culturas. Este reconhecimento pode orientar o discurso religioso e cultural em conjunturas globalizadas. Portanto, como máxima para um *ethos* globalizado, vale perceber que “a dor alheia é a condição indispensável para qualquer pretensão moral universal”.¹⁴⁵¹

O segundo âmbito problemático é o problema de uma “*ecumene* da compaixão”. Para que o processo de globalização não leve à banalização cultural e moral, o núcleo religioso das culturas da humanidade não pode, especialmente hoje, ser descuidado. Atualmente, todas as grandes religiões da humanidade estão concentradas em torno do problema do sofrimento. O tema do “sofrimento” pode constituir a base para uma colisão das religiões em vista da salvação e da promoção da compaixão social e política de nosso mundo – em comum oposição às causas do sofrimento injusto e inocente, mas também à fria alternativa de uma sociedade mundial, em que “o homem” desaparece sempre mais nos sistemas vazios de humanidade, da economia, da técnica e de sua tecnologia cultural e informativa. A “*ecumene* da compaixão” é um evento religioso e político. Portanto, é possível sustentar nestes tempos de globalização, uma política mundial consciente, mediante a memória da paixão acumulada das religiões da humanidade no “sentido da compaixão”, no sentido da participante “percepção da dor alheia”.¹⁴⁵²

A questão “como se relacionam duas formas clássicas dessa mística das religiões com a dor alheia?” determina o discurso religioso mundial atual. Trata-se das tradições bíblicamente monoteístas, trata-se da “mística da dor” nas tradições do Extremo Oriente, em particular budistas, que nesse meio tempo conquistaram sempre mais seguidores, também no mundo pós-moderno do Ocidente, no mundo depois da proclamada “morte de Deus”.¹⁴⁵³

¹⁴⁵⁰ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 361.

¹⁴⁵¹ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 361.

¹⁴⁵² METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 361-362.

¹⁴⁵³ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 362.

A mística das tradições bíblicamente monoteísticas é, em seu núcleo, uma mística do rosto. Respectivamente uma mística cósmica da unidade. Seu imperativo categórico soa: vigiar, ter os olhos abertos! Jesus ensinou uma mística dos olhos abertos, uma mística do dever incondicionado de ver a dor alheia. Além disso, em suas parábolas, ele levou em conta dificuldades criaturas dos homens, de seus narcisismos inatos. Jesus os caracterizou enquanto pessoas que veem e, ao mesmo tempo, não veem. Enquanto possível há uma angústia elementar diante do ver, diante do olhar exato, diante daquele olhar que nos enreda inextricavelmente naquilo que é visto e não se deixa passar de maneira inocente? “Olhe – e saiba!” Aqui está ancorada aquela clara responsabilidade do eu, que se chama “consciência” cristã; e o que chamamos a “voz” dessa consciência é nossa reação à tribulação mediante o rosto estranho dos sofredores. Por essa consciência manifesta-se a autoridade de Deus que julga na autoridade dos sofredores, naquela única autoridade sob a qual Jesus, em sua famosa parábola do juízo de Mt 25, colocou toda a história da humanidade: Mt 25, 37-40.¹⁴⁵⁴

A Igreja está sob essa autoridade dos sofredores. E a teologia adquire sua liberdade crítica no espaço da memória da Igreja exatamente porque interroga continuamente a memória de Deus representada pela Igreja, se e até onde essa memória se torna a coletiva *memória passionis*, a ideia do sofrimento alheio, se e até onde a memória dogmática da Igreja não se distanciou mais da memória dos homens, que clama ao céu.¹⁴⁵⁵

A Igreja é considerada a mais antiga instituição global. Hoje ela está a caminho para a igreja mundial culturalmente policêntrica. Essa “globalização da Igreja” só terá sucesso se todas as suas tentativas de inculturação, todos os seus experimentos de implantação do evangelho nos mundos culturais estrangeiros continuam guiados pelo espírito de compaixão, que diante do pluralismo dos mundos culturais e religiosos torna reconhecível a autoridade dos sofredores como claro critério de qualquer diálogo cultural e religioso, de qualquer inculturação e de qualquer cultura política. Assim, somente assim a igreja com suas tentativas de inculturação pode evitar a sempre nova realização de uma luta das culturas.¹⁴⁵⁶

A compaixão descrita é a primeira provocação da mensagem de Jesus. Esse Cristianismo da Compaixão é uma provocação exagerada – como justamente o Cristianismo em geral, como o Seguimento, como Deus. E hoje, há ouvidos abertos para um Cristianismo da Compaixão, da acrescida sensibilidade para a dor alheia?¹⁴⁵⁷ A compaixão quer ser adaptada a todos, como uma virtude cotidiana, uma virtude-base dos cristãos, sem a qual o alto tom das proclamações eclesiais sobre a globalização ressoaria com carter de normatividade sem consequências. Por

¹⁴⁵⁴ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 363.

¹⁴⁵⁵ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 363.

¹⁴⁵⁶ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 363.

¹⁴⁵⁷ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 364.

isso, prestamos atenção aos sinais do mundo de nossa vida, aos traços de um durável sentimento, de uma impávida disponibilidade de modo a não evitar a dor dos outros. Diante do processo de globalização, nós, cristãos hoje, somos chamados a testemunhar, em primeiro lugar, a compaixão como expressão de filiação divina.¹⁴⁵⁸

O que sucederia se nós, cristãs e cristãos, em nossos distintos mundos de vida, ousássemos essa experiência da compaixão, de forma modesta, mas sempre nova, incansável, e assim afinal, chegássemos a uma *ecumene* da compaixão entre todos os cristãos? Não seria essa uma nova luz projetada sobre nossa terra, sobre este mundo globalizado e, contudo, tão dolorosamente dilacerado?¹⁴⁵⁹

4.3.2.c.16.

Onde está a Profecia?

Há profetas e profetisas, mulheres e homens, que não entram oficialmente na história. A profecia está no meio de nós. Eu vejo uma multidão de jovens que se desafiam a esta experiência e são imbuídos do Espírito de Deus e toda a sua Graça.

Após esta Pandemia que assola toda a comunidade mundial neste século XXI, surgirão jovens profetisas e profetas que se desafiarão a seguir Jesus Pobre numa Igreja dos pobres e para os pobres. “Este é o desafio: Jesus que tinha todos os títulos para ser rico, tornou-se pobre – realmente pobre e não como se fosse encenação”.¹⁴⁶⁰ Os jovens profetas serão livres, porque caminharão com os pobres sem dependência das Instituições Religiosas e do Estado, porque “ainda é entre os pobres que se pode encontrar mais liberdade”.¹⁴⁶¹ Os profetas são pessoas livres. Profetas e Profetisas totalmente dedicadas à sua missão, totalmente consagradas à vida das vidas e totalmente independentes dos poderes humanos. Profetas e Profetisas foram e são pessoas totalmente resilientes, místicas e contemplativas. Muitas vezes perseguidas pelos poderosos da sociedade e autoridades da Igreja. Quando martirizadas, tornaram-se testemunhas do Vivente e revelaram sua liberdade como a expressão autêntica de sua missão. Profetas e Profetisas livres, porque assumiram todos os riscos. Seu testemunho foi autêntico e venceram situações quase intransponíveis.

No Cristianismo, a profecia é constante. Revela e ressoa de forma eloquente ou discreta. A profecia é iniciativa do Espírito. É o Espírito que conduz, que suscita,

¹⁴⁵⁸ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 364.

¹⁴⁵⁹ METZ, Johann Baptist. Proposta de programa universal do cristianismo, p., 364.

¹⁴⁶⁰ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p., 286.

¹⁴⁶¹ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 286.

que interpela. É preciso uma mística dos sentidos para olhar, escutar e seguir atentamente os sinais. Pois há diversidade de dons. E há o dom do Amor, doado inteiramente a todos pelo Espírito que nos foi dado. Portanto, requer-se uma postura de entrega, de silêncio e de aceitação. Requer uma postura meditativa, alerta, presente.

O Espírito sabe quem são os profetas e profetisas hoje. O Espírito nos conduzirá a *Mulheres e Homens Novos* que confiam na sua capacidade de agir com liberdade. O Espírito nos conduzirá a *Mulheres e Homens Novos* inteiramente receptivos ao espírito profético. E sua mensagem será de novo, a mensagem da liberdade: “Coragem! Tomem posições! Enfrentem os poderosos!” E sua mensagem será humilde, consciente da própria imperfeição, mas convicta de que Deus, o Transcendente, chama para a liberdade.¹⁴⁶² Estas pessoas imbuídas do carisma profético são o autêntico testemunho para o mundo de hoje. Elas se revelam corajosas e se expõem à reação de autoridades ou de poderes da sociedade humana. Elas enfrentam fundamentalismos e anunciam a criatividade, a novidade. Elas sabem dialogar com a diversidade e acolher as diferenças. Elas anunciam a misericórdia e a compaixão, porque já se convenceram que a novidade do Evangelho é amar. E que amor é um ato revolucionário, tal como canta a canção:

O Amor é um ato revolucionário que vive amando, dando Amor e sendo amado. Colhendo o que lhe é oferecido. E a si mesmo se coloca ofertado. Se este está nu, veste o manto sagrado. E ao que ama o infinito faz vestido. De deuses, deuses sim é o mais querido. Mesmo no escuro, seu sentir é iluminado. O Amor é um ato revolucionário. Por estados e religiões temido. Quem pelo amor é pertencido. A si governa e só a ele é confessado. Quem ama ao andar cria sua estrada. Em seu volver as planícies prazerosas. E no cume das montanhas alterosas. Toca em gozo a rosa viva imaculada. Não serás jamais pelo mal tocado. Seu eu profundo não é nunca profanado. Só mesmo o tolo nega do amor o apostolado. E a seus apóstolos diz que vivem em pecado. O Amor é um ato revolucionário. A besta humana torna em anjo apascentado. Em amoroso afia o espírito mais irado. O corpo e a alma um no outro todo e tudo. Quem ama fala ao mundo mesmo mudo. Seu pulso é a pulsação do universo em dança. Nas inquietações da guerra insana a paz alcança. Quem traz a lança do amor e seu escudo.¹⁴⁶³

Mulheres e Homens Novos sabem que a profecia é um ato revolucionário, porque ela é suscitada por um grande amor às causas da vida. E todos sabem que a

¹⁴⁶² COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 284.

¹⁴⁶³ Composição e música de Chico César. *O Amor É Um Ato Revolucionário* part. Luis Carlini · 2017.

profecia é testemunho do evangelho para o mundo. Inevitavelmente, a profecia é testemunho para a Igreja. Por isso, todos queremos a conversão da Igreja, porque

Diante da atual evolução da sociedade humana, com a primazia da economia e do dinheiro, com a extraordinária desigualdade entre os povos, com o pensamento único veiculado por meios de comunicação, concentrados nas mãos de alguns poucos grupos, impressiona o silêncio da Igreja.¹⁴⁶⁴

Por que Silêncio? Por que há a radical concentração dos poderes na Cúria romana? Por que nenhum papa consegue reformar a Cúria? Por que nenhum papa conseguiu iniciar um processo de descentralização desejado pelo Concílio Vaticano II? Por que a instituição é mais forte do que as pessoas? Profetas e Profetisas são pessoas que amam a vida e suas causas. Profetas e Profetisas são pessoas que confiam no trabalho de tantas gerações para melhorar a vida e glorificar esse trabalho realizado com muitos sofrimentos, cansaço e perseverança. Profetas e Profetisas são pessoas que reconhecem o valor da emancipação das pessoas numa sociedade de fraternidade dentro de estruturas sociais democráticas – sobretudo a emancipação das mulheres, das crianças e dos povos dominados. Profetas e Profetisas reconhecem o valor extraordinário das invenções tecnológicas que tornaram a vida humana mais livre da dependência das condições naturais, mais capaz de agir no mundo. Profetas e Profetisas reconhecem essa nova etapa da humanidade como advento do pensamento científico que penetra em todas as áreas do saber e a aceita. Profetas e Profetisas reconhecem a força do Espírito de Deus, que conduz a humanidade.

Profetas e Profetisas reconhecem na base das transformações da condição humana o efeito do avanço do espírito de liberdade e lembram que onde está a liberdade, aí está o Espírito de Deus. Profetas e Profetisas reconhecem a importância da participação da mensagem do evangelho na evolução da humanidade. Profetas e Profetisas recordam que a conquista da liberdade é a mensagem básica do Cristianismo, já que essa força de liberdade entrou no mundo por ele e reconhecem a presença de Deus nesse imenso esforço da humanidade para uma humanização crescente. Profetas e Profetisas encorajam a evolução da humanidade e professam que as forças de vida sempre estão presentes, em primeiro lugar entre os pobres. Por isso tem esperança e apelam para essa força dos pobres,

¹⁴⁶⁴ CALVEZ, Jean-Yves. *Les silences de la doctrine sociale catholique*. Paris: Les éditions de l'Atelier, 1999. Apud.: COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p., 281.

apesar de todas as derrotas e refazem a esperança quando as aparências do mundo insistem destruí-la. Profetas e Profetisas valorizam e mostram todo tipo de gratuidade que existe -apesar das regras dominantes na sociedade atual.¹⁴⁶⁵

A missão da profecia atual consiste em despertar, fortalecer e animar os povos silenciados.¹⁴⁶⁶ Desde Medellín, a América Latina mudou. E nesta perspectiva, Profetas e Profetisas atuais dão o seu testemunho de modo distinto. É preciso sensibilidade para perceber como a profecia vai se configurando e como a mesma tem repercussão de acordo com a realidade e o contexto onde atuam os Profetas e as Profetisas. O mais importante é que reforcem a confiança dos pobres em si mesmos; reforcem a confiança na presença de Jesus no meio deles e neles; reforcem a confiança na força do Espírito Santo, que fala e falará por meio deles e que prossigam mantendo sempre viva a memória de Jesus e o anúncio da sua presença ativa neles que são e agem como pessoas pobres, otimistas e resilientes, revelando o autêntico retrato da profecia hoje.¹⁴⁶⁷ E qual será o retrato da profecia e das testemunhas? Quais são os grandes ideais e os caminhos concretos para todos que queremos construir um mundo mais justo e fraterno nas nossas relações cotidianas, na vida social, na política e nas instituições?

¹⁴⁶⁵ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 279.

¹⁴⁶⁶ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 272.

¹⁴⁶⁷ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 267.

5 Conclusão geral

Esta Tese de Doutorado, cujo tema abordou “A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética da Teologia de Jon Sobrino” foi estruturada em três partes, acompanhada de uma introdução e uma conclusão, ambas, gerais. E conforme explicamos na introdução, acrescentamos dois excursos. A primeira parte contemplou a realidade impregnada do Mistério de Deus, destacando o cenário atual da Teologia da Libertação Latino-Americana e suas interpelações. Em seus três capítulos, refletimos a Teologia da Libertação Latino-Americana e seus desafios na contemporaneidade (1.1); a atualização do método da Teologia da Libertação Latino-Americana (1.2); e a ação quenótica (*kenosis*) do Mártir Jesus de Nazaré e dos Mártires Jesuânicos de ontem, hoje e sempre (1.3). A segunda parte revelou o Deus da Compaixão que se inclina sobre as vítimas, focalizando a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje. Foi apresentada em três capítulos. O primeiro trouxe destaques da CELAM, desde Medellín a Aparecida pontuando a postura missionária ética, mística e profética da Igreja dos pobres (2.1); o segundo destacou a teologia como *Intellectus amoris*, *Intellectus misericordiae* (2.2); o terceiro apresentou potencialidades e limites na obra teológica de Jon Sobrino (2.3). A terceira parte, também em três capítulos, apresentou a utopia e o profetismo desde a América Latina ao mundo da Globalização, focando na ética e na compaixão-opção pelas vítimas da história. O primeiro manifestou a compaixão solidária de Deus na esperança de Mulheres e Homens novos (3.1); o segundo recordou, refletiu e revivificou a compaixão-opção pelas vítimas da história (3.2); o terceiro abordou a universalidade do Martírio, da Misericórdia e da Compaixão-Opção numa Igreja Pobre e para os Pobres (3.3). Ressaltamos que nossa conclusão geral será coroada com dois excursos. Um sobre a recepção do tema da Misericórdia e da evangélica opção pelos pobres sob o Pontificado do Papa Francisco em suas Exortações Apostólicas e Encíclicas; e outro sobre o dinamismo de minha trajetória de vida, cujo item versará que as palavras hão de ser como “emendas de ouro”, porque o verdadeiro Espírito de Misericórdia é o Espírito de Deus!

Os conceitos que nortearam a evolução desta tese foram: Misericórdia, Compaixão-Opção pelas vítimas da história, Realidade, Testemunho (Ética,

Mística, Profecia, Política, Sabedoria, Mistagogia), Teologia da Libertação, Igreja pobre para os pobres. Confirmamos, portanto, que as vítimas da história são o sinal dos tempos, a realidade cruel, diante da qual precisamos ter “olhos novos para ver a verdade da realidade”, ouvidos atentos para escutar a verdade dos seres humanos; os sentidos aguçados para auscultar a verdade de Deus e coragem profética para reagir com um coração cheio de misericórdia.

Através do testemunho de Jon Sobrino, chegamos a Ellacuría, reitor da UCA, discípulo de Rahner e Zubiri, colaborador próximo deste e editor de algumas de suas obras. Também filósofo e teólogo da libertação, cientista social e um motor da teoria crítica dos direitos humanos, quatro dimensões difíceis de encontrar e harmonizar em uma única pessoa, mas, neste caso, coexistiram não sem conflitos internos e externos, e desenvolveram-se com lucidez intelectual e coerência vital. "Inverter a história, subvertê-la e jogá-la em outra direção", "curar a civilização doentia", "superar a civilização do capital", evitar um resultado fatídico e fatal", "baixar os crucificados da cruz" (essas são suas expressões) foram os desafios aos quais ele queria responder com palavra e escrita, compromisso político e experiência religiosa. Ellacuría pagou por isso com a vida dele. Jon Sobrino escreveu páginas de leitura necessária sobre a "Ellacuría Esquecida", na qual ele recupera três pensamentos teológicos fundamentais dele: o povo crucificado; trabalhar para uma civilização da pobreza, superando a civilização do capital; a historização de Deus na vida de suas testemunhas, que Ellacuría cunhou com um aforismo memorável “com o Monsenhor Romero, Deus passou pela história”. Ellacuría entende a Teologia da Libertação como uma teologia histórica do grito à injustiça, estabelece uma articulação correta entre teologia e ciências sociais e assume o compromisso com a transformação da realidade histórica a partir de análises políticas e de seu papel como mediador em conflitos. São três aspectos desenvolvidos por José Sols Lucia. O teólogo austríaco Sebastian Pittl recupera a primeira ideia destacada por Sobrino e a interpreta teologicamente: a realidade histórica dos povos crucificados como um lugar hermenêutico e social da teologia. Ele também faz uma leitura da concepção ellacuriana da espiritualidade baseada na história a partir da escolha dos empobrecidos. O resultado é uma teologia pós-idealista cujo método não é o transcendental de seus professores, mas a historização dos conceitos teológicos e o ponto de partida, a prática histórica. A teologia de Ellacuría tem um forte componente ético-profético. Pode-se dizer que, para o teólogo espanhol-

salvadorenho, a ética é a primeira teologia. Ele profetizou a manifestação público-crítica da ética, a esperança ativa o caminho para caminhar e utopia o horizonte para a construção de outro mundo possível. Hoje, 31 anos após seu assassinato, sua atuação continua viva e ativa em suas obras, muitas delas publicadas. Em 1990 e 1991, dois de seus principais livros apareceram: *Mysterium liberationis. Conceitos fundamentais de teologia da libertação* (Trotta), dos quais é editor junto com seu parceiro Jon Sobrino, então a melhor e mais completa visão desta corrente teológica latino-americana, e filosofia da realidade *histórica* – editado por seu colaborador Antonio González –, cujo fio comum é a filosofia de Zubiri, mas recriado e aberto a outras correntes como Hegel e Marx, lidos criticamente. Faz parte de um projeto mais ambicioso trabalhado desde a década de 1970 e foi truncado com assassinato. Posteriormente, a UCA publicou seus *Escritos Políticos*, em 3 volumes, em 1991; *Escritos Filosóficos*, em 3 volumes, em 1996, 1999, 2001; *Escritos Universitários*, em 1999; *Escritos Teológicos*, em 4 volumes, em 2000-2004.¹⁴⁶⁸

Nos trinta e um anos desde o assassinato de Ignacio Ellacuría, estudos, monografias, teses de doutorado, congressos, palestras, pesquisas, cursos monográficos, círculos de estudo, cadeiras universitárias com seu nome têm sido continuamente seguidas, demonstrando a “autenticidade” de sua vida e a criatividade e validade de seu pensamento nos diferentes campos do conhecimento e do trabalho humano: política, religião, direitos humanos, universidade, ciências sociais, filosofia, teologia, ética, etc. O que descobrimos com a publicação de seus escritos e estudos sobre sua figura é que Ellacuría tinha excelentes professores: Rahner em teologia, Zubiri em filosofia, Monsenhor Romero na espiritualidade e compromisso libertador, e discípulos como Jon Sobrino, colega na UCA e professor em Cristologia. Com eles, ele aprendeu a pensar e agir alternadamente. Mas seu discipulado não era escolar, mas criativo, porque, inspirado por seus professores, desenvolveu seu próprio pensamento e ele próprio se tornou um professor, se por isso entendemos não apenas aquele que dá aulas de mestrado na sala de aula, mas, na expressão de Kant aplicada ao professor de filosofia, aquele que ensina a pensar. Ela era parte do pensamento de seus professores, mas ela não fica neles; avança,

¹⁴⁶⁸ TAMAYO, Juan José. Ignacio Ellacuría: "Reverta a história, subverta-a e lance-a em outra direção". Disponível em: <https://amerindiaenlared.org/contenido/18405/ignacio-ellacuria--revertir-la-historia-subvertirla-y-lanzarla-en-otra-direccion/>. Publicado em 19 de novembro de 2020. Acessado em: 26/11/2020.

vai além, interpreta-os no novo contexto e transforma-os em grande parte. Sua relação com eles é, portanto, dialógica, de colaboração mútua e influência. Seus trabalhos provam isso e estudos sobre ele confirmam isso.¹⁴⁶⁹

Aprendemos que Profetas e Profetisas acolhem a Palavra de Deus com a missão de comunicá-la aos Irmãos e às Irmãs. E Deus pronuncia Sua Palavra no testemunho e nas palavras, bem como no silêncio orante, no serviço fraterno e na resiliência de suas testemunhas místicas e proféticas que falam em primeiro lugar, por sua atuação na realidade da história. Cada testemunha depende naturalmente da sua cultura, da tradição profética e da sua própria particularidade.¹⁴⁷⁰ Ao falar ao Profeta e à Profetisa, Deus lhe mostra o pobre – seja na sua miséria, na sua humilhação pelos poderosos, ou no seu grito de desespero. E assim o faz, escolhendo e preparando algumas pessoas para expressar a sua Palavra. As pessoas que aceitam essa vocação, são aquelas que olham para o pobre e reconhecem a imagem de Jesus. Há também uma tradição monástica que coloca a experiência de Deus numa interiorização cada vez mais centralizada do sujeito, numa atitude de atenção ao próprio coração. Após várias etapas, chega-se um momento em que a pessoa está tão esvaziada de si mesma que consegue ter contato com Deus. E realiza-se um encontro indescritível. Trata-se de uma tradição mística que tem a sua origem nos primeiros monges dos séculos III e IV. Na história, sempre houve místicos e místicas que foram também Profetas e Profetisas, tal qual São Bernardo ou Santa Catarina de Sena.¹⁴⁷¹

Há cristãs e cristãos que se encontram verdadeiramente com Deus no pobre. Ao vivenciar tal experiência, estas pessoas ficam iluminadas pela presença de Deus. Através do encontro com o pobre, sentem-se interpeladas por Deus, pelo Transcendente. Recordemos a experiência de São Francisco de Assis, de Santa Clara de Assis, de Santa Luísa de Marillac, de São Vicente de Paulo, de Santa Irmã Dulce dos Pobres, de Pe. Julio Lancelotti e tantas outras testemunhas. O encontro com Deus é decisivo na vocação deles. Deus é uma força de atração.¹⁴⁷² O encontro com Ele se faz pelo encontro aparentemente casual com o pobre que se manifesta em forma de apelo. Um apelo irresistível que transforma a pessoa, conferindo-lhe

¹⁴⁶⁹ Ibidem.

¹⁴⁷⁰ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p., 245.

¹⁴⁷¹ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 246.

¹⁴⁷² COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 247.

uma nova personalidade, dando uma nova orientação à sua vida. Uma espécie de iluminação que mostra uma visão diferente do mundo e dos seres humanos. Um apelo que pede compaixão, atenção, aproximação por parte de quem recebeu uma mensagem que vai transformar-lhe a vida.

Profetas e Profetisas denunciam a indiferença da Igreja frente a miséria e da pobreza. Profetas e Profetisas anunciam e sempre anunciarão que Deus veio viver na terra como pobre e continua mostrando-se nos pobres. Profetas e Profetisas anunciam que Ele veio proclamar um Reino de Justiça e de Compaixão. Aqui na América Latina, tivemos uma geração de Profetas e Profetisas que se expressaram em Medellín, em Puebla, em Santo Domingo, em Aparecida.

O verdadeiro Deus é o que quer a vida dos pobres pela justiça e pela compaixão.¹⁴⁷³ Ele continua se revelando nos pobres. É necessário reavivar e recordar o Pacto das Catacumbas. É indispensável que todas as pessoas que confessam a fé em Jesus Cristo reassumam um compromisso para viver na pobreza. É imperativo anunciar o Deus Amor que se expressa na compaixão pelos pobres, na vocação de libertação dos pobres. Profetas e Profetisas solicitam e anunciam um mundo diferente, no qual os pobres sejam aceitos, reconhecidos e formem parte da comunidade. Profetas e Profetisas pedem um mundo em que todas as pessoas se sintam solidárias e assumam os problemas de todos. Eles confiam na força da Palavra de Deus. Profetas e Profetisas não convertem toda a Igreja e Sociedade, mas a Palavra que eles proclamam é eficaz. Em todos os séculos, o grito profético será o mesmo e sempre atualizado: retornar ao Evangelho de Jesus.¹⁴⁷⁴

A Igreja necessita de Mulheres e Homens novos, Profetas e Profetisas. A Igreja necessita de autênticas testemunhas. A Igreja necessita de Teólogas e Teólogos que saboreiam a Palavra da Vida, que perscrutam os Textos Sagrados e experienciam a realidade carregada de Mistério e Graça. A autenticidade da Profecia hoje se revela na capacidade de mostrar onde está a justiça e a injustiça, onde estão os pobres e como estão clamando. Profetas e Profetisas são pessoas perfeitamente equilibradas, seguras de si mesmas, conscientes das dificuldades de sua tarefa, mas confiantes na força de Deus que se manifesta nos fracos.¹⁴⁷⁵ São

¹⁴⁷³ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 250.

¹⁴⁷⁴ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 251.

¹⁴⁷⁵ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p., 255.

pessoa místicas, impregnadas do Espírito vivificador, que se sentem enviadas a prosseguir.

Não será a “Igreja em saída” repleta do Espírito, que promoverá Teólogas e Teólogos a um autêntico compromisso em seus ministérios? A que somos chamados? Haverá uma busca comum para Teólogas e Teólogos? Conseguiremos ser testemunhas anfitriãs receptivas neste século, nas religiões e em suas instituições que lentamente se reconfiguram? Conseguiremos ser testemunhas das “feridas expostas” do Crucificado-Ressuscitado? Prosseguiremos no discipulado missionário de “curadores feridos”? Insistiremos em ser anfitriões misericordiosos e hóspedes generosos numa “Igreja samaritana”? E se todos insistirmos numa busca comum? O que as testemunhas artesãs da teologia do século XX e XXI nos dizem hoje? Auscultamos e percebemos a essência que pulula nas entrelinhas de seus textos?

Atenção a este texto testemunhal de Victor Codina, um dos artesãos da teologia da libertação latinoamericana:

Todo dia 16 de novembro comemoramos os seis jesuítas Ignacio Ellacuría, Ignacio Martínez Baró, Segundo Montes, Amando López, Juan Pablo Moreno e Joaquín López y López, membros da Universidad Centroamericana (UCA) Simeón Cañas de San Salvador, que foram mortos pelo exército salvadoreño; junto com eles, Julia Alba e sua filha Celina Ramos, que trabalhava na comunidade, também foram eliminadas, para que não houvesse testemunhas do massacre. Era 1989. Sua morte teve um enorme impacto internacional, revelou para onde a grande ajuda dos EUA ao Governo e ao Exército do Salvador estava indo, e sem dúvida este sangrento assassinato levou ao Tratado de Paz, depois de vários anos de luta civil e mais de 70.000 mortos. Conheci Ellacuría e Montes quando estudamos teologia em Innsbruck. Em 1986, em visita de Ellacuría, Reitor da UCA, a Cochabamba, na Bolívia, onde residia, me convidou para dar um semestre de aulas na UCA. Lá conheci o resto dos meus colegas e pude ver de perto sua total dedicação ao trabalho pela fé e justiça em El Salvador, seguindo o exemplo do Monsenhor Romero martirizado em 1980. Não visitei o Salvador novamente até 2008, 24 anos depois, para uma reunião de teólogos. No Museu dos Mártires vi que o livro de Jürgen Moltmann, *O Deus Crucificado* tinha sido manchado com o sangue de um dos mártires, executado em seu quarto. Outros camaradas foram mortos no jardim. O jardineiro, Dom Obdulio, marido de Alba e pai de Celina, plantou 8 rosas vermelhas no gramado do jardim. E quando entrei na capela do Centro Monsenhor Romero para nosso encontro teológico, vi que todos os meus antigos companheiros estavam enterrados na parede à esquerda. Chocante! Você não pode fazer teologia fora das vítimas. O teólogo alemão Martin Maier disse a Moltmann que seu livro sobre o Deus crucificado havia sido encharcado no sangue de um dos mártires. Moltmann foi expressamente ao Salvador e ao chegar ao jardim verde das 8 rosas vermelhas, ajoelhou-se e orou silenciosamente por uma hora. 31 anos deste martírio se passaram, sua memória subversiva continua nos chocando. Mas talvez, hoje, no meio da pandemia do vírus corona, entendamos melhor a mensagem que Ignacio Ellacuría, como porta-voz de todo o grupo da UCA, havia feito em seu tempo. Muitas das

expressões de Ellacuría, que anos atrás pareciam ser exageros e fantasias utópicas, hoje, em meio ao caos e colapso da saúde, tecnologia, trabalho, econômica, política, ecológica e religiosa hoje, parecem luminosas e esperançosas para nós. Alegar que devemos "inverter a história, subvertê-la e lançá-la em outra direção", como disse Ellacuría ao receber o prêmio Alfonso Comín na Câmara Municipal de Barcelona, em 6 de novembro de 1989, 10 dias antes de sua morte, então parecia uma retórica exagerada. Hoje, em meio à pandemia, tudo entra em colapso e há o perigo de querer voltar à "normalidade do antes", essas palavras abrem um caminho de esperança: a história de hoje gerou morte, destruição da natureza e exclusão da maioria da humanidade. Não podemos permanecer os mesmos, não chegamos ao fim da história, a sobrevivência da humanidade está em jogo, devemos reverter o curso da história. Mas Ellacuría não se limita à denúncia, oferece uma pista positiva, escolha preferencial para os pobres e ajudando a construir uma civilização de trabalho e sobriedade compartilhada, tudo a partir da inspiração da fé cristã. Hoje isso implica uma vida simples, longe do consumo e exploração da terra, mas compartilhada entre todos, sem a exclusividade de poucos, sem marginalizar ou descartar a maior parte da humanidade. Para Ellacuría tudo isso faz parte do projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré. Certamente Ellacuría e seus companheiros mártires se sintonizariam com o estilo evangélico da Igreja na saída e samaritano, pobre e pobre, que Francisco propõe hoje. Esta poderia ser a mensagem dos mártires do Salvador para o nosso tempo pandêmico: não querer voltar ao "normal" de antes, mas aproveitar a oportunidade para mudar o curso econômico, social, político, ecológico e religioso de nossa história. Outro mundo é possível e urgente, sóbrio e compartilhado. Talvez, para entender melhor tudo isso, pudéssemos nos ajoelhar espiritualmente por um tempo no jardim verde da casa dos mártires, enquanto silenciosamente contemplamos as 8 rosas vermelhas que Dom Obdulio plantou.¹⁴⁷⁶

Já nos encontramos na segunda década do século XXI. Desde o século passado, vislumbro-me teóloga, sempre atenta à realidade e solícita aos clamores da vida das vidas. Tenho percorrido por caminhos nas baixadas e planícies, nos sertões e agrestes, nos serrados e fronteiras, nos centros e periferias, em regiões rurais e urbanas, “entre o luxo e o lixo”. Olho para trás e percebo que muito caminhei e que tenho muito a caminhar. Quanto mais caminho, mais vejo estradas. No entanto, fixo meu olhar no horizonte, consciente onde pisam os meus pés, onde os meus olhos veem e meus ouvidos ouvem, onde minhas mãos apalpam e sentem da Palavra da Vida, atenta ao tempo e aos “sinais dos tempos”. Mas é no universo que se chama “hoje” que me encontro. Percebo que são nas buscas comuns e nos riscos compartilhados que novas ideias nascem, que novas visões se revelam e novas estradas se tornam visíveis. Isso se chama “experiência”. Todavia, não é a experiência gerada pela esperança, âncora da fé, que fomenta em nós o amor ativo

¹⁴⁷⁶ CODINA, Victor. *O que os seis mártires jesuítas do Salvador nos diriam hoje?* Em: Ameríndia (amerindiaenlared.org). Publicado em 16 de novembro de 2020. Acessado em 26/11/2020.

e dinâmico que nos possibilita “avançar na convicção de que a plena libertação da humanidade ainda está por vir”?¹⁴⁷⁷

Oxalá, este século XXI seja permeado de Teólogas e Teólogos, de todas as tradições religiosas, cujo ministério seja a simplicidade, traduzida como autenticidade. Um “ministério autêntico” que gere “testemunhas articuladas de Cristo”, porque são nas “estradas”, nos caminhos percorridos, que se configuram as “testemunhas”, especialmente, quando elas se colocam numa solidária disposição aos outros, tornando-se receptivas, cientes do lugar onde se situam e das vidas que defendem. Oxalá, sejamos Teólogas e Teólogos, autênticas testemunhas da hospitalidade e anfitriões receptivos, cuja atitude cotidiana, seja de reverência e acolhida, de permissão que outros entrem em nossas vidas, que nos aproximemos e criemos laços de amizade social e solidariedade universal. Oxalá, sejamos Teólogas e Teólogos, testemunhas místicas e proféticas impregnadas da realidade. Sejamos testemunhas anfitriãs imbuídas do Espírito, que mesmo com todos os riscos nas estradas, estejamos profundamente solícitas aos “sinais” e atentas às “feridas abertas” nossas e de todas as vidas que encontramos e nos confrontamos. Afinal, não é a “hospitalidade” que torna nossa própria “condição ferida” disponível para todas as vidas como uma “fonte de cura”?¹⁴⁷⁸ Não são as implicações dessa atitude que nos tornam visíveis em meio à invisibilidade? E aqui, para Teólogas e Teólogos cristãos: não será com uma postura autêntica e testemunhal, tal qual a de Cristo, que nossas reflexões serão acolhidas e saciarão a sede dos sedentos no caminho? Não estaremos conduzidos e conduzindo àquele que diz: “Quem tiver sede, venha a mim e beba. E do seio de quem crê em mim, hão de brotar torrentes de água viva. Jorrando sempre, sem jamais ter fim” (Jo 7,37-39).

Desejamos ser Teólogas e Teólogos no século XXI, testemunhas das “feridas expostas” do Crucificado-Ressuscitado? Porque “anunciar que o Libertador está entre os pobres, que as feridas são sinais de esperança e que hoje é o dia da libertação é um passo que muito poucos podem dar” (NOUWEN, 2020, p. 125). Porque não é fácil seguir o Crucificado-Ressuscitado. E mais, seguir o Cristo no “hoje” e “aqui mesmo, onde nos encontramos”.¹⁴⁷⁹ Sabemos que “seguir Cristo,

¹⁴⁷⁷ NOUWEN, Henri. *O curador ferido: ministério na sociedade contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2020, p., 128.

¹⁴⁷⁸ NOUWEN, Henri. *O curador ferido: ministério na sociedade contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 127.

¹⁴⁷⁹ NOUWEN, Henri. *O curador ferido: ministério na sociedade contemporânea*, p., 126.

significa viver nossa própria vida tão autenticamente quanto Cristo viveu a dele” (NOUWEN, 2020, p. 127). E se nos deixarmos conduzir pela Palavra que convoca hoje? E se nos deixarmos ser desafiados “hoje” pela “Parábola Viva” do vivente? É preciso escutar e acolher com atitude de reverência. É preciso crer que podemos ser sinais de esperança na vida das pessoas e das criaturas. Estamos preparados para agir como criadores no caminho, sem medo de “expor” nossas feridas?

Este século necessita urgentemente de Teólogas e Teólogos, “testemunhas da Esperança”, relicários da “Água viva” e do “Pão vivo”. Seremos corajosos e audazes para expor nossas feridas abertas? Estamos cientes de que carregamos em nós, a fonte da nossa própria busca? E se avançarmos no ministério da escuta, do cuidado, sob o dinamismo de uma “Igreja samaritana” comprometida com os “feridos no caminho”? E porque não propagarmos em nossa Casa Comum, que a Igreja Cristã, ela mesma, traz em seu cerne, as “feridas expostas” do Ressuscitado-Crucificado? E se propagarmos que esta mesma Igreja, em sua fragilidade se deixa “quebrar”, se deixa despir em “suas imperfeições”, por ser uma “obra inacabada” sempre necessitada de reconfiguração?

Afirmar-nos como uma “curadora ferida”, um “curador ferido”, requer experiência, fidelidade, simplicidade, resiliência e humildade. Prosseguir no itinerário do Ressuscitado-Crucificado, requer reconhecimento de que “a cura precisa ocorrer hoje” e em meio às “nossas feridas”. Necessitamos reconhecer que somente conseguiremos ser “curadores feridos” quando nos percebermos “espelhos” dos mesmos. Já não haverá pressa. No caminho, “curadores feridos” caminham devagar, levam um sorriso sereno no rosto e ungem as próprias feridas enquanto zelam das “feridas alheias”, enquanto se sentem guardiãs das “vítimas da história”.

E quanto a sermos “anfitriões misericordiosos” e/ou “hóspedes generosos” neste século XXI? Henri Nouwen (2020) diz que “a palavra hospitalidade se encaixa melhor na condição humana da solidão, bem como, porque tem raízes muito profundas na tradição judaico-cristã” (p. 117). Zygmunt Baumann, ao abordar a problemática das migrações em seu livro *Estranhos à nossa porta*, questiona: “Como conviver – viver em paz – num planeta congestionado, que está atingindo o limite de sua capacidade de ocupação?”¹⁴⁸⁰

¹⁴⁸⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p., 73.

Baumann recorda Kant, que no seu Terceiro Artigo definitivo para a paz perpétua (explicitado como “o direito cosmopolita deve limitar-se às condições da hospitalidade universal”. Aqui, Kant afirma que a Hospitalidade é uma “questão de filantropia”, mas de direito. Hospitalidade significa o direito que tem um estrangeiro de não ser tratado de forma hostil pelo fato de estar em território alheio.¹⁴⁸¹ Kant reivindica, portanto, “um direito de se associar”. Kant reivindica o “princípio da hospitalidade mútua”. Neste sentido, a possibilidade e a perspectiva da paz universal.¹⁴⁸²

Sabemos que há inúmeras palavras para expressar a ideia de cura: “cuidado”, “compaixão”, “compreensão”, “perdão”, “companheirismo”, “comunidade”. Retornando ao mundo bíblico, em sua tradição judaico-cristã, vemos que “no deserto, a hospitalidade é uma necessidade de “sobrevivência”. A hospitalidade é direito de todos e converge para a convivência de paz entre anfitrião e hóspede.¹⁴⁸³ A hospitalidade “envolve uma reconciliação”. Acolhido, o hóspede se torna sagrado e é protegido de todos os perigos. Oxalá, sejamos Teólogas e Teólogos, “testemunhas anfitriãs e hóspedes” enquanto peregrinamos nesta nossa Casa Comum. Sejamos testemunhas do Sagrado em nós. E que deixemos transbordar nossa generosidade a todos que encontrarmos no caminho e a todos que também vem a nós. Que sejam nossos “espelhos” de hospitalidade generosa, Matriarcas e Patriarcas (Abraão, Sarah, Agar, Raquel, Isaac, Rebeca, Lia, Jacó, Dina, José, Josué, Moisés, Miriam etc.), Profetas e Profetisas (Miquéias, Débora, Amós, Jeremias, Daniel, Isaías, etc.). O que as futuras gerações dirão a nosso respeito, se realmente nos manifestamos tal qual anfitriões incansáveis e entusiastas, prontos a celebrar nossos hóspedes com partilha de comida e bebida farta? Que nos importemos a tal ponto de protegê-los e arriscar nossas vidas (cf. Gn 19:1.8; Jz 19:16-24; Gn 24:23ss; 1Sm 9:22ss; Jo 31:32). A nós, Teólogas e Teólogos que refletimos uma teologia na perspectiva das vítimas da história, na ótica dos “povos crucificados”, do “pobre sofredor”, dos “refugiados itinerantes”, é dado um grande compromisso, o de contribuir na reconfiguração de uma “Igreja pobre e para os pobres”, de uma “Igreja samaritana, de uma “Igreja da hospitalidade”, de uma “Igreja com feridas expostas” porque imbuída do Espírito e dinamismo do

¹⁴⁸¹ BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*, p., 79.

¹⁴⁸² BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*, p., 74.

¹⁴⁸³ MACKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p., 429.

Crucificado-Ressuscitado. Neste sentido, a importância de retomarmos como atitude fundamental a virtude da hospitalidade que tanto é elogiada nos Escritos Sagrados do Novo Testamento (Rm 12:13; 1Tm 3:2; Tt 1:18; Hb 13:2; 1Pd 4:9). Aqui, a hospitalidade é enumerada entre as obras de caridade pelas quais seremos julgados (Mt 25:35ss).

Oxalá, sejamos conhecidos como Teólogas e Teólogos no discernimento atento e na prática comum da hospitalidade. E, tal qual a obra de Jesus, das testemunhas, apóstolas e apóstolos da Igreja primitiva sejamos discípulos missionários. E tal qual, Jesus, sejamos “hóspedes itinerantes” (cf. Lc 7:36ss; 9:51ss; 10:38ss; 14:1ss; 19:5ss. Conferir também, Mc 1:29ss; 2:15ss; 14:3ss). E tal qual o nosso Deus, sejamos “hóspedes generosos” e “anfitriões misericordiosos” sempre atentos e acolhedores.

Nossa Casa Comum necessita de Teólogas e Teólogos imersos na realidade do povo, com “cheiro de povo” e de rua. Nossa “Terra ferida” necessita de Teólogas e Teólogos cuja reflexões, sejam como “azeite e vinho” se derramando sobre as “feridas da humanidade”. E se nos compreendermos como “testemunhas” que iniciam o dia com a disposição de chorar com aqueles que choram, rir com aqueles que riem? E por que não tornamos nossas experiências dolorosas e alegres disponíveis como fontes de sabedoria, inteligência, compreensão e profecia?

Necessitamos de uma reflexão teológica consequente com os tempos atuais. Quando fazemos a experiência de “honradez com o real”, de “cumplicidade com os pobres”, de “defesa das causas dos que sofrem”, de vivenciar a “dor das perdas” no chão da realidade deste sistema capitalista cruel, podemos, de fato, nos confirmar como “testemunhas da Libertação”. Não seria esta uma confirmação batismal e ministerial? Não seria este o selo de uma preciosa virtude teológica? Compreendemos de fato, que na realidade desta Casa Comum habita o Mistério da Realidade? Estamos prontos a sermos “testemunhas místicas” de olhos, ouvidos e corações antenados ao mundo para perceber suas adversidades, sentir seus clamores, sofrimentos e conflitos?

Sabemos que há dois modos de produzir teologia: desde os textos da Escritura, da Tradição; e desde as testemunhas que narram sua experiência de Deus, convertendo em carne os conceitos e categorias que os textos elaboram e

interpretam. Ambos se encontram em contínuo círculo hermenêutico.¹⁴⁸⁴ Hoje, a teologia mais escutada é aquela que emerge da narrativa testemunhal. Portanto, “fazer teologia a partir das testemunhas” revela “credibilidade”. São as “testemunhas” que detém, em maior profundidade, o “conhecimento do Mistério de Deus que se revelou em Jesus Cristo. São as “testemunhas” que através de “seus corpos e suas vidas” tornam Jesus Cristo presente no meio do mundo.¹⁴⁸⁵ Uma testemunha é uma pessoa dilacerada, mortificada em sua carne e seu espírito. Nela, há algo de incômodo, embaraçoso, perturbador. Nela, habita o Mistério que fundamenta a condição humana, pois “experimentou o Absoluto e fez dessa experiência o princípio norteador de sua vida”.¹⁴⁸⁶ Vulnerável, exposta e entregue ao mundo e aos outros em total disponibilidade, a testemunha e sua narrativa se infiltram na volatilidade e na efemeridade do mundo, fazendo da verdade sua biografia, sua história de vida e expondo-se à ousadia de reinventar-se. Neste sentido, atesta aquilo que um ser humano viu, ouviu, tocou com suas próprias mãos e que constituiu uma experiência fundante. .¹⁴⁸⁷

Nestes anos em que testemunhamos uma série de eventos destruidores, nos surpreendemos peregrinando, num “ir e vir” sem sossego, imersos numa causa, sedentos de justiça, incansáveis na busca pela paz, pela fraternidade e amizade social em meio às diversas Culturas, Tradições Religiosas e suas Instituições em nossa Casa Comum, prosseguimos “sonhando perigosamente”¹⁴⁸⁸ E quando formos surpreendidos por catástrofes, importa estarmos cientes de que estas coisas ocorrem em toda parte. Neste ano, o mundo inteiro foi surpreendido pela Pandemia Covid-19. O que devemos fazer diante de cada acontecimento? Devemos “observá-lo pacientemente”. Devemos manter a mente aberta e “vigiar”¹⁴⁸⁹:

Ficai de sobreaviso, vigiai, pois não sabeis quando será o momento. É como um homem que parte de viagem: deixou sua casa, confiou a autoridade a seus servos, a cada um, sua tarefa, e deu ao porteiro ordem de vigiar. Vigiai, pois, porque não sabeis quando vai chegar o senhor da casa, se à tarde ou no meio da noite, ao cantar do galo ou de manhã, à meia-noite, ao canto do galo, ou de manhã, para que vindo de repente não vos encontre dormindo. E o que vos digo, digo a todos: vigiai!”¹⁴⁹⁰

¹⁴⁸⁴ BINGEMER, Maria Clara. *O Mistério e o Mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p., 308.

¹⁴⁸⁵ BINGEMER, M. C. *O Mistério e o Mundo*, p., 309-310.

¹⁴⁸⁶ BINGEMER, M. C. *O Mistério e o Mundo*, p., 310.

¹⁴⁸⁷ BINGEMER, M. C. *O Mistério e o Mundo*, p., 310.

¹⁴⁸⁸ ZIZEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Boitempo, 2012.

¹⁴⁸⁹ ZIZEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*, p., 133.

¹⁴⁹⁰ TEB-Tradução Ecumênica da Bíblia. Marcos 13: 33-37. Cf. tb. Mt 24:42; 25:13-15; Lc 12:36-38; 19:12-13. Para o evangelista Marcos, este ensinamento que foi ministrado a alguns discípulos, é

Vigiemos! A realidade nos surpreende em todo o tempo. É na atenção consciente da realidade presente que tornamos visíveis a honestidade intelectual, a “honradez como o real”, bem como o dinamismo do encontro com o outro que produz esperança, generosidade e alegria. Não podemos aceitar a inumanidade. E com todas as Comunidades cristãs, assumirmos o “princípio misericórdia”. A Teologia da Misericórdia é uma teologia de reação. Aqui, a “misericórdia” é compreendida para além dos “atos de misericórdia”. Trata-se de um movimento no qual “o sofrimento alheio é interiorizado”, levando-o a uma “reação”, cujo motivo, é o fato de “haver um ferido no caminho”. Vale dizer: são os “pobres”, os “crucificados”, as “vítimas da história” que têm contra si todos os poderes do mundo, as oligarquias, multinacionais, forças armadas, governos, partidos políticos, universidades, e até mesmo, as religiões e suas instituições. Portanto, é imprescindível que neste século XXI e nos séculos vindouros, haja mais Teólogas e Teólogos que se deixem despertar do sono cruel da “inumanidade”, que tenham coragem de despertar, mesmo que seja com “dor” e “angústia”. Que em meio às “trevas” da “noite escura”, vislumbrem a Luz da Luz. Que se deixem impregnar pelo “mistério de Deus”, pelo Espírito de Amor e se manifestem em sua “liberdade libertada”, receptivos à Graça transformadora que nos renova em cada momento. Teólogas e Teólogos assíduos e comprometidos com toda a teologia bíblica, litúrgica, sacramental e missionária do Concílio Vaticano II. Que se mostrem prontos ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Que em todo o tempo, carreguem na memória do corpo e da mente, que Cristo, o Crucificado-Ressuscitado, é Jesus de Nazaré. E estejam sempre com os “sentidos aguçados” para encontra-lo e reencontrá-lo continuamente “em tudo e em todos” os que se encontram “feridos” no caminho. E que tenham como princípio evangelizador, o “princípio misericórdia”. A misericórdia significa doação humana e cristã, para o povo crucificado. A misericórdia é absolutamente necessária num mundo que faz todo o possível para ocultar o sofrimento e evitar que o humano seja definido a partir da “reação a esse sofrimento”.

Bendita a fé de uma Igreja regida pelo “princípio misericórdia”, porque será uma fé no Deus dos feridos no caminho, no Deus das vítimas.¹⁴⁹¹ Bendita a liturgia dessa Igreja, porque celebrará a vida dos sem-vida, a ressurreição de um crucificado. Bendita a teologia desta Igreja, porque será *intellectus misericordiae (justitiae, liberationis)*, que é, primordialmente, a Teologia da Libertação. Bendita a doutrina e a prática social desta Igreja, porque se empenhará, teórica e praticamente, em oferecer e transitar caminhos eficazes de justiça.¹⁴⁹² Como a aurora, surgirá e prosperará em torno dos feridos no caminho, dos povos crucificados, os quais, como o Crucificado, atraem tudo para si. Nomeada desde a América Latina como “Igreja dos pobres”, esta Igreja da misericórdia servirá de inspiração para as demais Igrejas ao redor do mundo.¹⁴⁹³ Bendita esta Igreja verdadeira que “se parece com Jesus”, porque chega a “ser carne real na história real”, anunciando a boa notícia do Reino de Deus, carregando o pecado do mundo. Bendita esta Igreja que ressuscita continuamente, tendo e dando vida, esperança e alegria a todos.

O “princípio misericórdia” é o princípio fundamental da atuação de Deus e de Jesus e deve ser também da Igreja, pois, na origem no processo salvífico, como “ação amorosa de Deus, lá estava a misericórdia. Um Deus misericordioso se revela vendo, ouvindo, sentindo, conhecendo e saindo de si para ir ao encontro de seu povo para libertá-lo de toda escravidão: “Vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, conheço seus sofrimentos, por isso desci para libertá-lo” (Ex 3:7 ss). Aqui se inicia o movimento libertador: “Deus escuta os clamores de um “povo sofredor” e só por este motivo se decide a empreender a “ação libertadora”. Uma “ação de amor”, nomeada “misericórdia”. Portanto, a “misericórdia é uma *re-ação*” do “sofrimento alheio” interiorizado”, que chegou até às entranhas e ao próprio coração O “sofrimento alheio interiorizado” é o princípio da “reação misericordiosa”. A misericórdia se transforma em “princípio configurador” de toda a “ação de Deus”. Ela está na origem, permanece como fundamental em todo o Antigo Testamento (a parcialidade de Deus para com as vítimas pelo simples fato de serem vítimas, a defesa ativa que faz delas o seu

¹⁴⁹¹ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p., 55. Título original: *El principio-misericórdia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados*.

¹⁴⁹² SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 55.

¹⁴⁹³ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p.,56.

desígnio libertador para com elas). Destarte, afirmamos que no princípio absoluto histórico-salvífico está a misericórdia que se mantém constante no processo salvífico de Deus.¹⁴⁹⁴

A misericórdia segundo Jesus, é a misericórdia primigênia de Deus. Ela aparece “historizada” na prática e na mensagem de Jesus. Portanto, o *misereor super turbas*, além de configurar toda a vida e a missão de Jesus e provocar seu destino, é também o que configura sua visão de Deus e do ser humano. Para mostrar “o que é o ser humano cabal”, Jesus contou a “Parábola do Bom Samaritano”. E após todo o “momento solene”, ele revela que esse ser humano cabal é aquele que viu um ferido no caminho, re-agiu e o ajudou de toda maneira que pôde.¹⁴⁹⁵ O “ser humano cabal” interioriza em suas entranhas o sofrimento alheio de tal modo que esse sofrimento interiorizado se torna parte dele e se converte em “princípio interno, primeiro e último, de sua atuação.”¹⁴⁹⁶ A misericórdia com “re-ação” torna-se a “ação fundamental do homem cabal”. A misericórdia define diretamente o ser humano. Para Jesus, ser um ser humano é reagir com misericórdia. Ela é fundamental e define o ser humano, Cristo e Deus. A misericórdia é o amor prático que surge perante o sofrimento alheio injustamente infligido para erradicá-lo. Sem misericórdia não há humanidade nem divindade.

Atentos aos evangelistas, percebemos que eles mostram que a “realidade histórica” está configurada pela “antimisericórdia ativa” que fere e causa morte aos seres humanos e ameaça e causa morte também aos que se regem pelo “princípio misericórdia”.¹⁴⁹⁷ A “misericórdia é misericórdia que chega a ser apesar e contra a antimisericórdia”.¹⁴⁹⁸ Quem vive segundo o “princípio misericórdia” realiza o mais profundo do ser humano, torna-se semelhante a Jesus – o *homo verus* do dogma e ao Pai Celestial. O desejo de Jesus é que os seres humanos sejam felizes e se sintam amados. O símbolo dessa felicidade consiste na partilha da vida, na “mesa compartilhada”. Portanto, enquanto peregrinarmos na história e não vermos a “grande mesa fraternal do Reino de Deus”, urge exercer a misericórdia.¹⁴⁹⁹

¹⁴⁹⁴ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 38.

¹⁴⁹⁵ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 39.

¹⁴⁹⁶ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 40.

¹⁴⁹⁷ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 43.

¹⁴⁹⁸ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 44.

¹⁴⁹⁹ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 44.

Uma leitura orante dos evangelhos, nos permite perceber que o sofrimento das maiorias, dos pobres, dos fracos, dos privados de dignidade sempre aparece como “pano de fundo” da atuação de Jesus, e diante deles se lhe comovem as entranhas. E são essas “entranhas comovidas” que configuram tudo o que Ele é: seu saber, seu esperar, seu agir e seu celebrar. Aqui, a esperança de Jesus é a esperança dos pobres que não tem esperança e aos quais anuncia o Reino de Deus. A práxis de Jesus é a “favor dos pequenos e dos oprimidos” (milagres, curas, expulsão de demônios, acolhida dos pecadores...).¹⁵⁰⁰ A teoria social de Jesus está guiada pelo princípio de que “é preciso erradicar o sofrimento em massa e injusto”. Sua alegria é “júbilo pessoal” quando os pequenos compreendem. Sua celebração é “sentar-se à mesa com os marginalizados”. Sua visão de Deus, é de um Deus “defensor dos pequenos” e “misericordioso com os pobres”. A oração por antonomásia, o “Pai Nosso”, é para aqueles que convida a chamar Deus de “Pai”.¹⁵⁰¹

O “princípio misericórdia” dá forma a todas as dimensões do ser humano. Também em Jesus e em seu Deus. Para Jesus, a misericórdia está na origem do divino e do humano. Deus se rege, e os humanos devem reger-se de acordo com este princípio em que está sujeito todo o reino. Em Mt 25, as pessoas que exercitam a misericórdia, se salvam. Aqui, o Deus de Jesus se revela como quem reage com misericórdia ao clamor dos oprimidos e, por isso, a vida dos seres humanos se decide em virtude da reação a esse clamor.¹⁵⁰²

O “princípio misericórdia” deve atuar na Igreja. E a Igreja, enquanto Igreja, deve estar impregnada da misericórdia e agir como “boa samaritana”. Como o “princípio misericórdia” dá forma e figura à Igreja? Como des-centralizar a Igreja? Qual é o lugar da Igreja? É o exercício da misericórdia que coloca a Igreja “fora de si mesma” e num lugar bem preciso: “ali onde se encontram os clamores das vidas (seres humanos, natureza, a terra ferida). O lugar da Igreja é “o ferido no caminho”. O lugar da Igreja é o “outro”, a alteridade mais radical do sofrimento alheio, sobretudo quando é em massa, cruel e injusto.¹⁵⁰³ Haverá humanização da Igreja, quando ela se perceber desde o exterior, desde “o caminho” em que se encontra o ferido.¹⁵⁰⁴ Quando a Igreja sai de si mesma para ir ao caminho, no qual se encontram

¹⁵⁰⁰ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 45.

¹⁵⁰¹ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 45.

¹⁵⁰² SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 46.

¹⁵⁰³ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 47.

¹⁵⁰⁴ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 48.

os feridos, ela realmente se des-centraliza, e assim se assemelha com Jesus que ofereceu aos pobres o Reino de Deus e sacudiu a todos, lançando-os à construção destes reinos. No mais, quem descentraliza a Igreja, quem se converte no outro (e radicalmente outro) para a Igreja é “o ferido no caminho”. Quando a Igreja “reage com misericórdia”, ela se se des-centraliza.¹⁵⁰⁵

Em cada Igreja local há feridas específicas, tanto físicas como espirituais, e todas elas devem ser curadas e vendadas. A maior ferida, porém, é a pobreza que se alastra ao redor do mundo. Esta é uma ferida fundamental e expressa que quem está ferida é a própria criação de Deus. Uma Igreja local que testemunhe estar impregnada e regida pelo “princípio misericórdia”, se inclinará a curar essa “ferida mundial” questionando-se acaso “uma parte da raiz desse “sem sentido”, do “mal-estar da cultura”, não provém, consciente ou inconscientemente da corresponsabilidade em ter gerado um planeta mormente ferido pela pobreza e pela indignidade.¹⁵⁰⁶

Todos estamos cientes do quão difícil é para as religiões e suas instituições, agir e ‘re-agir’ com misericórdia. Mais difícil ainda é manter a misericórdia, principalmente, quando se trata de defender “a pessoa ferida no caminho” e enfrentar seus “salteadores”,¹⁵⁰⁷ porque no mundo em que vivemos,

São aplaudidas ou toleradas “obras de misericórdia”, mas não se tolera uma Igreja configurada pelo “princípio misericórdia”, o qual a leve a denunciar os salteadores que produzem vítimas, a desmascarar a mentira com que cobrem a opressão e a animar as vítimas a se libertarem deles. Em outras palavras: os salteadores do mundo antimisericórdia toleram que feridas sejam curadas, mas não que o ferido seja verdadeiramente sarado nem que se lute para que ele não torne a cair em suas mãos.¹⁵⁰⁸

Deixar-se reger pelo “princípio misericórdia”, implica à religião e suas instituições, serem ameaçadas, atacadas e perseguidas. Hoje, em todas as realidades, e de modo especial, nas instituições religiosas, é imprescindível que nos deixemos reger por este “princípio”, optando por “manter a misericórdia como o primeiro e o último: se por isso correm-se riscos ou não, e quais riscos e quantos”.¹⁵⁰⁹ E no que diz respeito às Igrejas Cristãs, deixar-se configurar por este

¹⁵⁰⁵ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 49.

¹⁵⁰⁶ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 51.

¹⁵⁰⁷ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 51-52.

¹⁵⁰⁸ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 52.

¹⁵⁰⁹ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 53.

“princípio misericórdia”, conduz a mostrar “misericórdia com ultimidade”, que se faz na presença daquilo que se age contra. Tal atitude implica às suas lideranças, vivenciar “dolorosos conflitos intraeclesiais” e arriscar prestígios eclesiais, fama, cargos e até a própria vida. Estes riscos enfrentaram vários “Padres da Igreja” de confissão cristã católica na América Latina: Dom Helder Câmara, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, Dom Aloísio Lorscheider, Dom Ivo Lorscheider, Dom Fernando Ariztia, Dom Luis Vallejos, Dom José Darmmert, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Oscar Romero, Dom Henrique Angelelli, Dom Juan Girardi, Dom Carlos Horacio Ponce de Leon, Dom Leônidas Proaño, Dom Sergio Méndes Arceo, Dom Manuel Larrain Errázuriz, Pe. Alberto Hurtado, etc. Mesmo lhes custando a própria vida, prosseguiram fiéis ao Evangelho e às causas da Vida. Dentre estes, também recordamos todas as Mulheres e Homens, “testemunhas” em nossa “Pátria Grande” que levaram a sério, a “ultimidade” da misericórdia, agiram como “samaritanos”, como “pessoas misericordiosas”. Hoje em dia, a palavra “samaritano” soa bem, exatamente porque Jesus chamou assim ao “homem misericordioso”;

Mas lembremo-nos de que naquele tempo soava muito mal, e exatamente por isso Jesus a usou, para enfatizar a supremacia da misericórdia sobre quaisquer concepções religiosas e para atacar os religiosos sem misericórdia. Isso continua acontecendo. Os que praticam a misericórdia não desejada pelos “salteadores” são hoje chamados de tudo. Na América Latina são chamados – sejam ou não – “subversivos”, “comunistas”, “liberacionistas” ... e até são mortos por isso. A Igreja da misericórdia deve, portanto, estar disposta a perder a fama no mundo da antimisericórdia; deve estar disposta a ser “boa”, mesmo que por isso a chamem “samaritana”.¹⁵¹⁰

Destarte, sob o prisma da Religião Cristã, uma “Igreja da Misericórdia” se revela como autêntica Igreja de Jesus, quando regida pelo “princípio misericórdia”. Sua fé é uma fé no “Deus dos feridos no caminho”, no “Deus das vítimas”. Sua liturgia “celebra a vida dos sem-vida”, a ressurreição de um crucificado. Sua teologia é *intellectus misericordiae*, (*justitiae, liberationis*), e assim é a Teologia da Libertação. Sua doutrina e sua prática social se empenha teórica e praticamente, em oferecer e transitar “caminhos eficazes de justiça”. Seu ecumenismo e diálogo inter-religioso se realizam e prosperam, porque tudo isso ocorre ao redor dos “feridos no caminho”, dos “Povos crucificados”, os quais, como o Crucificado-Ressuscitado,

¹⁵¹⁰ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 55.

atraem tudo para si. Uma Igreja que se permite conduzir pelo “princípio misericórdia”, constitui tudo o que é eclesial.¹⁵¹¹

Resumindo: uma Igreja que se deixa gerir pelo “princípio misericórdia”, reafirma a “opção pelos pobres”. Portanto, “Igreja da Misericórdia” é também “Igreja dos pobres”. Uma Igreja da Misericórdia é uma Igreja que sente alegria e se revela alegre. É uma Igreja que comunica “*in actu* que seu anúncio, por palavra e obra” é *eu-aggelion*, boa notícia e autêntica fonte de alegria, “porque declarada em sua ‘carta magna’ das bem-aventuranças e, dentre elas, a da misericórdia. No tempo que se chama “hoje”, a Igreja da Misericórdia se revela em “honradez com o real” e com credibilidade. E, portanto, é uma Igreja consequente, coerente, crível.

Entre os cansados da fé, os agnósticos e os descrentes, essa Igreja tornará pelo menos respeitável o nome de Deus, e este não será blasfemado pelo que a Igreja faz. Entre os pobres deste mundo essa Igreja suscitará aceitação e agradecimento.¹⁵¹²

A misericórdia consequente é “nota” da verdadeira Igreja de Jesus, porque ela “se faz notar no mundo de hoje”; porque ela se revela e age sob o impulso do Espírito do Crucificado-Ressuscitado; porque ela se revela “como Deus manda”.¹⁵¹³ Seu mandamento é Amor-Misericórdia, é Opção-Compaixão pelas vítimas da história, pelas vítimas feridas no caminho. Seu mandamento é que estejamos lá, onde o Messias está: “Entre os pobres, enfaixando suas feridas somente uma de cada vez, sempre preparado para o momento em que poderão precisar dele” (NOUWEM, 2020, p. 108).

Seu mandamento é que O reconheçamos como um “curador ferido” em nós. Igualmente, cuidemos de nossas próprias feridas e, ao mesmo tempo, estejamos “preparados para curar as feridas” dos outros e, especialmente, das vítimas da história, dos “feridos no caminho”. Desta forma, uma Igreja da Misericórdia é aquela que sempre se deixa renovar e revigorar pelo Libertador que “chega hoje” e “está à porta e bate”:

O Rabino Yoshua bem Levi encontrou o Profeta Elias enquanto este se encontrava na entrada da caverna do Rabino Simeron bem Yohai... Perguntou a Elias: “Quando o Messias virá?” Elias respondeu: “Vá perguntar a Ele você mesmo”. “Onde Ele está?” “Está nos portões da cidade”. “Como vou reconhecê-lo?” “Ele está entre os pobres cobertos de feridas. Os outros desenfaixam todas as suas feridas ao mesmo tempo e depois as enfaixam de novo. Mas Ele desenfaixa um de cada vez e a enfaixa de novo, dizendo a si mesmo: “Talvez precisem de mim. Se assim for, devo estar

¹⁵¹¹ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 55-56.

¹⁵¹² SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 57.

¹⁵¹³ SOBRINO, Jon. *A misericórdia*, p., 58.

sempre pronto para não me atrasar nem um momento”. O Rabino Yoshua bem Levi foi até o Messias e lhe disse: “A paz esteja convosco, meu mestre e professor”. O Messias respondeu: “A paz esteja contigo, filho de Levi”. O Rabino perguntou: “Quando o mestre virá?” “Hoje”, ele respondeu. O Rabino Yoshua voltou até onde estava Elias, que perguntou: “O que ele lhe disse?” “Ele me enganou porque disse ‘Hoje eu virei’, e não veio”. Elias disse: “Isso é o que ele lhe disse: ‘Hoje, se você ouvir sua voz’”.¹⁵¹⁴

5.1

Excurso: a recepção do tema da Misericórdia e da evangélica opção pelos pobres no Pontificado de Francisco

5.1.a.

Mysterium Misericordiae: Papa Francisco e a atualidade do “evento Medellín”

Sinto uma intensa alegria neste momento. Ciente dos obstáculos que vivenciei, houve momentos em que pensei não conseguir retomar este trabalho com a mesma precisão, pois algumas partes preciosas destes textos foram levados de mim, ‘da noite para o dia’. No entanto, percebo que apesar de tudo o que aconteceu, a ‘intuição’ e a ‘intenção’ continuam muito presentes e latentes. Este tempo de pandemia, além de ‘reeditar feridas não curadas’, também revitaliza nosso espírito. Tudo é questão de ‘revertermos’ as situações da vida, mesmo ainda nos sentindo ‘feridos’, ‘destruídos’. O ‘sentido’ continua vivo. De fato, nada trará de volta o que perdemos, mas podemos concluir o que foi deixado inacabado. Rezo para que este ‘escurso’ fique melhor do que aquele que foi produzido anteriormente: com maestria e entusiasmo, pois nos anos de 2013 a 2015, enquanto produzíamos nosso trabalho, nos submetemos ao primeiro exame de qualificação. Nesta ocasião, recebemos a bolsa fomento “Faperj-Aluna nota 10”. Acolhemos a motivação para escrever sobre “a recepção da misericórdia e da opção preferencial pelos pobres no pontificado do Papa Francisco”. As notícias do Vatican News e outros sites confiáveis que chegavam a todo vapor, nos inspiravam.

¹⁵¹⁴ TALMUDE. *Tractate Sanhedrin*, folio 98^a. Apud: NOUWEM, Henri. *O curador ferido*, p., 108 e 125.

Hoje, temos uma variedades de fontes, inúmeras opções de artigos em revistas e livros: as belas palavras do Papa Francisco, bem como suas ações e seus gestos impregnados de ‘testemunho’, ‘sabedoria’, ‘mística’ ‘profecia’. Suas exortações, suas encíclicas e mais, sua simplicidade e ternura criativas. Ele próprio, nos presenteando com esta ‘vertente temática’, cujo fio condutor é a ação do Espírito que age em tudo e em todos, com brisa renovadora da aurora que ‘sopra’ em nós precioso oráculo:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor". Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4,18-21).

No ano de 2013, testemunhamos o irromper de um novo ciclo, tanto no contexto sociopolítico e econômico, assim como no contexto eclesial. Todos os olhos e ouvidos se encontravam ‘atentos’ a cada pronunciamento de Papa Francisco. As notícias chegavam a nós como o ‘pulular da primavera’ na Igreja e no Mundo. Em 26 de novembro de 2013, ao ler o ‘ELFARO.NET’, publicava notícias acerca do ‘atual Pontificado do Papa Francisco’. Naquela ocasião, movida por uma autoconfiança, destacamos alguns pontos relevantes e acenamos com gratidão:

Graças! Graças! Graças! Os clamores do Papa Francisco, Bispo de Roma, são os nossos clamores. Ele adverte contra a violência gerada pela pobreza e implora: ‘liberdade religiosa’ para os cristãos no Oriente Médio; ‘fidelidade’ e ‘encontro’ contínuo com a Pessoa de Jesus Cristo; ‘conversão’ do papado; uma saudável ‘descentralização’ da Igreja (e suas Instituições); maior ‘responsabilidade’ dos leigos; colegialidade; convida a religiosos e sacerdotes a não temerem "romper os esquemas" e evitar transmitir “uma multidão de doutrinas que tentam impor a força da insistência”; uma grande ‘Reforma na Igreja’: de um modelo burocrático e doutrinário a uma Igreja "missionária", “alegre”, “aberta” aos leigos e aos jovens. Nosso ‘Bispo de Roma’ quer uma instituição que dê ‘prioridade aos pobres e denuncie o sistema econômico vigente no mundo’. Amigos e Amigas! Confesso que amei! Tem tudo a ver com a minha tese de doutorado. Nunca temi! Agora, já não tenho mais nada a temer. Que Deus me abençoe nesta jornada. Prosseguirei no ‘Caminho’ com este meu jeito de ser, alegre, animada, entusiasta, plena de ‘Esperança’ e muito ‘Ardor Missionário’. Graças! Graças! Graças! Graças ao Papa Francisco! Graças ao Senhor! Graças ao Espírito de Cristo que nos interpela e nos anima!¹⁵¹⁵

¹⁵¹⁵ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Os clamores do Papa Francisco, Bispo de Roma, são nossos clamores*. Publicado no Facebook em 27 de novembro de 2013. Acessado em 27/11/2020.

Escrevemos este escurso com uma postura de receptividade e atitude reverente a tudo o que diz respeito à atuação do Papa Francisco. Aqui, as palavras não de ser como ‘estrelas’ no firmamento, como ‘ouro’ em ‘vasos de argila’, como ‘raios de luz’ iluminando o recôndito de nosso ser, bem como, de toda a terra e sua ‘natureza ferida’. Somos vinculados uns aos outros pelo ‘amor’ e pela ‘dor’. O Espírito que fala às Igrejas, é capaz de nos explicar sobre o surgimento de tantas dificuldades nestas décadas de processo da recepção criativa e fecunda das intuições teológicas e pastorais emanadas do Concílio Ecumêncio Vaticano II (1962-1965). Estamos às portas dos 60 anos deste evento que tornou nossa Igreja latino-americana uma “Igreja fonte”: o “evento Medellín”. O Espírito de Deus nos permite perceber e considerar o testemunho de serviço e a busca de fidelidade a Cristo e seu evangelho, em profunda sintonia como o espírito conciliar (Vaticano II para o mundo, Medellín para a América Latina). Vale dizer, o ministério do Papa Francisco torna presente e atualizado o compromisso da Igreja latino-americana, firmado há mais de cinco décadas em Medellín. Em sua *Exortação Apostólica Evangelii gaudium* (EG), Papa Francisco convida a todos “a uma etapa evangelizadora” caracterizada pela alegria de evangelizar (EG, n. 1,9-13). Papa Francisco conclama que sejamos pessoas audazes e criativas na tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das próprias comunidades (Cf. EG, n. 33). Medellín também foi impregnado pelo Espírito que impulsionou a Igreja latinoamericana a assumir o mandato missionário desde um autêntico encontro com Jesus: “Ide e fazei que todos os povos sejam meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19-20). Papa Francisco convida a assumir este mandato (EG, n. 1).

Sabemos que o Vaticano II e a situação latino-americana, na qual aconteceu Medellín, nos induziram a buscar novas formas de promoção da justiça, em fidelidade ao evangelho, bem como pela reflexão teológica deste compromisso. Portanto, afirmamos que só há Teologia Latino-Americana autêntica, quando se promove a libertação dos pobres e oprimidos, quando toma partido pelos pobres latino-americanos e quando interage com eles em seu esforço pelo resgate da vida. Neste sentido, uma verdadeira Teologia da Libertação. O evento “Medellín” deu

asas a um processo de renovação eclesial, em termos de opção preferencial pelos pobres, confirmada por Bento XVI na abertura da Conferência de Aparecida, ao afirmar magistralmente que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós para enriquecer-nos com sua pobreza”.

Com a eleição do Papa Francisco, a questão da Igreja dos pobres irrompeu vigorosamente no Magistério supremo da Igreja.

Francisco reafirma a opção preferencial pelos pobres em seu sentido originário, o qual se encontra em Lercaro, no Pacto das Catacumbas, em Medellín e na práxis latinoamericana posterior. Uma opção estruturadora para a Igreja que, sendo o sacramento de Cristo pobre, Messias e Juiz escatológico, é a Igreja de todos, enviada para a salvação do mundo, e pode ser a Igreja dos Pobres.¹⁵¹⁶

A questão dos pobres constitui um mistério que se fundamenta no próprio Mistério da Encarnação. O processo kenótico inclui o fato de que o Verbo não assume qualquer carne (*sarx*) humana, mas a carne do pobre, e este fato não é indiferente. Os pobres possuem um lugar especial na economia salvífica. Definitivamente, o que salva sempre é conformar-se a Cristo pobre, crucificado e perseguido. Aplicando eclesiologicamente estas duas características de Jesus, a saber, Messias dos pobres e Messias pobre, afirmamos que a Igreja, enquanto depositária da missão messiânica de Jesus, a Igreja é prolongamento do Mistério da *Kénosis* do Verbo, e só pode ser, a Igreja dos pobres, de dois modos: como Igreja pobre, destinada aos pobres, enviada para a salvação dos pobres. Por esta razão, a Igreja dos pobres é o tema geral e a síntese de todo o Concílio.¹⁵¹⁷ Com a atuação do Papa Francisco, a ‘opção preferencial pelos pobres’ ganhou novo alento e vigor. Francisco coloca os pobres como centro de suas orientações pastorais. Porque os pobres estão no centro do Evangelho, estão no coração do Evangelho. Se tirarmos “os pobres do Evangelho”, jamais compreenderemos a mensagem completa de Jesus Cristo”. Portanto, o que caracteriza o estilo do Papa Francisco, é a realização dos gestos extraordinários que concretizam a solidariedade “em e com a Igreja dos pobres”.¹⁵¹⁸

¹⁵¹⁶ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Opción por los pobres em el magisterio. Pensamiento social católico desde el Vaticano II hasta la Conferencia de Aparecida*. Em: Concilium/361, Junio 2015, p., 401.

¹⁵¹⁷ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Opción por los pobres em el magisterio*, p., 395-396.

¹⁵¹⁸ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Opción por los pobres em el magisterio*, p., 368.

Sabemos que os documentos prévios de Medellín, escritos por bispos atentos à realidade e autênticos Padres da Igreja, prepararam, alimentaram e determinaram as Conclusões de Medellín, impulsionando um novo vigor profético na Igreja latino-americana. Sabemos o quanto “sementes férteis” de Medellín contribuíram no processo de conversão e no florescimentos de diversas iniciativas pastorais em toda a América. Com todas estas convicções, prosseguimos com simplicidade e imbuídos de uma mística dos sentidos esculpida pelo Espírito que continuamente, “faz novas todas as coisas” e age “em tudo e em todos”. Victor Codina nos recorda que como réplica do compêndio teológico elaborado na Europa após o Vaticano II, foi publicado o *Mysterium Salutis*; na América Latina, *Mysterium Liberationis*, como se teologicamente significasse que a salvação na América Latina implica primeiramente a libertação da pobreza e injustiça e que o primeiro sinal da libertação escatológica que o Senhor nos traz é, na América Latina, o pão, o teto, a obra e a terra para todos.¹⁵¹⁹ O mesmo, lança um desafio às novas gerações de teólogos e teólogas da América Latina:

Perguntamos agora se não poderíamos incluir todo a novidade positiva do *Mysterium Liberationis* em um novo compêndio chamado *Mysterium Misericordiae*, uma vez que a raiz última da reflexão teológica de TdL é o *intellectus misericordiae* (J. Sobrino) e a teologia de a libertação é fundamentalmente uma teologia da misericórdia, isto é, uma comoção nas entranhas diante do surdo brado do pobre, como o choque de Jesus antes do sofrimento do povo, a cujo clamor e sofrimento ele deseja responder de uma inteligência cordial e cativante, cheio de amor e misericórdia. Se a misericórdia é o atributo divino mais adequado para designar o mistério amoroso do Pai (cf. KASPER, 2014), se Jesus é o rosto da misericórdia do Pai, *Misericordiae vultus*, como Francisco nos lembra, se o Espírito é quem nos comunica. E desperta essa misericórdia, a TdL pode muito bem ser considerada um momento de *Mysterium misericordiae*.¹⁵²⁰

O essencial é que, em nossa teologia, não deixemos de lado ‘a fé dos pobres’, porque constitui um verdadeiro lugar teológico. Oxalá, o Espírito de Jesus de Nazaré renove continuamente nossa Igreja em seu dinamismo de “saída para as periferias”. Afirmamos que é em meio às resistências e oposições que o Evangelho, sempre de novo, e a partir das galiléias da vida, revela seu vigor e seu poder salvífico-libertador, constituindo-se como Boa Notícia para os pobres, marginalizados, sofredores e vítimas da história. E com toda a sua força, avança

¹⁵¹⁹ CODINA, V. Nuevos desafios de la Teología de la Liberación. *Em: Perspectiva Teológica*, v. 48, n. 2, maio/agosto 2016, p., 229-243. Aqui: p., 241-242.

¹⁵²⁰ CODINA, V. Nuevos desafios de la Teología de la Liberación, p., 242.

semeando e “fermentando o mundo com o dinamismo do reinado de Deus”.¹⁵²¹ Inúmeros são os desafios teológico-pastorais com os quais somos confrontados em nossa missão evangelizadora. Assumir esses desafios na Comunidade Eclesial nos permite perceber onde e como o Espírito de Deus nos conduz. Primeiro, trata-se de um desafio teológico-pastoral, isto é, um desafio que diz respeito tanto ao modo concreto de viver a fé, organizar a comunidade eclesial e dinamizar a ação pastoral-evangelizadora (dimensão prática), quanto à reflexão teológica sobre a fé, a Igreja e sua missão no mundo (dimensão teórica).¹⁵²²

Também, trata-se de assumir um desafio estritamente teologal-teológico, isto é, um desafio prático-teórico que diz respeito à identidade mais profunda da Igreja em estrutura social (comunidade com seus carismas e ministérios) e em sua missão fundamental (sinal e instrumento do reinado de Deus no mundo).¹⁵²³ Trata-se de um desafio que “exige paciência, determinação e criatividade”. Um desafio que implica um dinamismo em que o “tempo é superior ao espaço”, isto é, um dinamismo que se ocupa “mais com iniciar processos do que possuir espaços” (EG, n. 223).¹⁵²⁴

Estamos cientes de que o dinamismo eclesial é força impulsionadora do Espírito de Jesus Cristo que renova, inova e reconfigura toda a Igreja? É urgente nos impregnarmos deste vigor e criatividade, que é o dinamismo desencadeado pelo Concílio Vaticano II e sua recepção em Medellín; e agora, com o Papa Francisco, pois ele tem insistido em sua centralidade na missão da Igreja, concretizando-o em nosso atual contexto histórico, identificando os grandes problemas e desafios que se impõem à missão da Igreja e se constituem como uma verdadeira agenda teológico-pastoral: periferias sociais e existenciais; cuidado com a Casa Comum; cultura de solidariedade; importância dos movimentos populares.¹⁵²⁵

O atual pontificado de Francisco é, em grande parte, herdeiro da tradição espiritual e pastoral latino-americana. O seu sonho de uma Igreja pobre e dos pobres, expansiva, de portas abertas, hospital de campanha, de pastores que cheiram

¹⁵²¹ AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais. *Em: Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 41-58. Aqui: p., 55.

¹⁵²² AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais. *In: Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 41-58. Aqui: p., 54-55.

¹⁵²³ AQUINO JUNIOR, F. de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco, p., 55.

¹⁵²⁴ AQUINO JUNIOR, F. de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco, p., 55.

¹⁵²⁵ AQUINO JUNIOR, F. de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco, p., 52.

a ovelhas... faz parte deste movimento que surge desde Medellín. O processo de discernimento que se iniciou nas *Apresentações* e nas *Conclusões* de Medellín deve continuar, o discernimento deve continuar hoje. Como está a Igreja latino-americana hoje em dia? Em todo caso, continua válida a confissão de fé pronunciada no final da Mensagem aos povos da América Latina: “Temos fé: em Deus, nos homens, nos valores e no futuro da América Latina” (II Conferência, p. 37).¹⁵²⁶

Para a história da Igreja latino-americana, a Conferência de Medellín é um marco indelével. Com Medellín, inicia-se a história da Igreja Latino-Americana, com tudo o que isso implica cultural, social, eclesial e teologicamente. A Conferência de Medellín é constitutiva da nossa autocompreensão de Igreja e de missão. Suas grandes intuições profundamente enraizadas no Evangelho de Jesus Cristo, continuarão orientando os passos e as opções pastorais desta nossa Igreja.¹⁵²⁷ Aqui, assinalamos a atualidade desta Conferência na perspectiva de continuidade com o Concílio Vaticano II e com o impulso que a Igreja tem recebido no pontificado do Papa Francisco, sob três aspectos abrangentes: eclesial, antropológico-pastoral e profético.¹⁵²⁸

No que diz respeito à eclesiologia, o desejo de Medellín é de que a Igreja Povo de Deus (LG, n. 9-17) seja também a Igreja pobre e dos pobres e, assim, uma Igreja de todos. Da mesma forma, Papa Francisco insiste na necessidade de uma Igreja simples, despojada, humilde, mais livre, mais leve, mais disponível, mais em sintonia com o Cristo pobre com os pobres e mais atenta aos desafios e possibilidades dos novos tempos. Em Medellín, já havia uma preocupação com o clero: “Exortamos os sacerdotes a darem, também, testemunho de pobreza e desprendimento dos bens materiais como o fazem tantos, particularmente, em regiões rurais e em bairros pobres” (Medellín, 14,15). Papa Francisco convoca a todo o clero, uma maior sensibilidade para com os pobres e interesse pela problemática social. Em relação à opção pelo ser humano e sua dignidade (GS, n. 3-4; 12-22), Medellín concluiu que esta opção deve nos conduzir, de modo mais concreto, à opção preferencial pelos pobres. “A promoção humana será a

¹⁵²⁶ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín. Em: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 59-76. Aqui: p., 74-75.

¹⁵²⁷ SUREKI, Luiz Carlos. Medellín: 50 anos... História, Memória, Promessa. Em: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 11-17. Aqui: p., 11-12.

¹⁵²⁸ SUREKI, Luiz Carlos. Medellín: 50 anos... História, Memória, Promessa, p., 15.

perspectiva de nossa ação em favor do pobre, reespeitado em sua dignidade pessoal e ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo” (Medellín 14,40). Em seu pontificado, Papa Francisco nos convoca à opção pelos pobres radicada na fé cristológica. E esta configuração da Igreja deve ganhar visibilidade no testemunho de uma “Igreja samaritana” que se preocupa em “cuidar das feridas”; no testemunho de uma fé cristã como caminho, “em saída” ao encontro da comunitariedade, da convivialidade, da comensalidade, da fraternidade universal. Medellín, também possui um caráter profético no que diz respeito à diaconia histórica da Igreja. Melhor dizendo, ao seu serviço ao mundo (GS, n. 42), à sua contribuição para o progresso e o desenvolvimento humano e social (GS, n. 43). Aqui, a diaconia se concretiza na denúncia da injustiça e da opressão. A missão evangelizadora tem seu testemunho profético na opção pelos pobres, na opção pelas vítimas da história; bem como, no martírio, no compromisso, na cruz, na dor, no conflito, nas “cicatrices expostas”.¹⁵²⁹

Partir da realidade do povo pobre e crente, escutar seu clamor, discernir os sinais dos tempos e assumir uma série de opções pastorais: eis o motivo no qual Medellín constitui uma recepção criativa do Vaticano II para América Latina e o surgimento de uma Igreja pobre, missionária e pascal.¹⁵³⁰ Com certeza, Paulo VI percebeu que o Vaticano II havia sido um Concílio predominantemente europeu, tanto pelos bispos que o lideraram como pelos seus teólogos peritos. Os bispos de América Latina constituíram a chamada “maioria silenciosa”. Alguns se manifestaram no final do Concílio e fora da aula conciliar, sob liderança de Dom Helder Câmara e Manuel Larraín, no chamado *Pacto das Catacumbas de Santa Domitila*. Por isto e para socializar o Vaticano II, Paulo VI convocou reuniões dos Conselhos Episcopais de América Latina (Medellín 1968), África (Kampala 1969) e Ásia (Manila 1970).¹⁵³¹ Para poder valorizar a importância de Medellín, a Segunda Conferência do Episcopado Latinoamericano, recordemos a Primeira Conferência celebrada no Rio de Janeiro em 1955, sob o pontificado de Pio XII, o qual havia publicado em 1950 a encíclica *Humani Generis* contra a *Nouvelle Théologie*. O Papa Paulo VI, preocupado sobretudo, pelo tema doutrinal, desejava

¹⁵²⁹ SUREKI, Luiz Carlos. Medellín: 50 anos... História, Memória, Promessa, p., 16.

¹⁵³⁰ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín. *Em: Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 59-76.

¹⁵³¹ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 60.

manter incólume a fé do povo de América Latina dos riscos da teologia europeia e os perigos que segundo ele, ameaçavam o povo católico latino americano: o comunismo e o protestantismo. Neste sentido, solicitava que as Igrejas ocidentais enviassem missionários à América Latina. No Rio de Janeiro foi criado o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) que havia de julgar um papel muito importante na Igreja de América Latina e concretamente na convocação das Conferências de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).¹⁵³²

Entre as conferências que ocorreram no Rio de Janeiro, Brasil, e em Medellín, Colômbia, situa-se o grande evento do Concílio Vaticano II. Mas Medellín foi muito mais que uma mera socialização e aplicação do Vaticano II na América Latina. Medellín foi uma releitura criativa do Concílio Vaticano II, desde um continente pobre e profundamente religioso. Medellín foi uma recepção original; foi uma passagem do Senhor pela América Latina; foi um autêntico *kairós*. Em Medellín publicaram-se as *Ponencias* que precederam e acompanharam a Assembleia. Ordinariamente, se conhecem e comentam as *Conclusões* 1968 (Segunda Conferência II, p. 14-284), mas não as suas *Apresentações* (Segunda Conferência I, pp. 9-269) que formam parte do processo e da publicação da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, sobre a Igreja na atual transformação de América Latina à luz do Concílio. Sem dúvida, estas *Apresentações* de Medellín não somente oferecem o marco teológico e pastoral de Medellín, bem como que nos ajudam a interpretar suas *Conclusões* e a contemplar o futuro. As *Ponencias* de Medellín preparam, acompanham e iluminam este novo processo eclesial.¹⁵³³

Os autores das *Apresentações* estão diante de um difícil discernimento. Por uma parte, se falam frente ao peso de uma tradição centenária em América Latina no social e no religioso: discriminação social e imobilidade religiosa, uma fé tradicional muito dualista e ritual, com pouca evangelização e grande ignorância, com estruturas eclesiais pesadas e obsoletas. A nível eclesial, o Vaticano II vislumbrou uma autêntica revolução, tanto no seio da Igreja, *Lumen Gentium* (LG), como na relação com a sociedade moderna, *Gaudium et Spes* (GS). A sinodalidade e colegialidade, o sentido da fé do povo de Deus, os carismas, o ecumenismo, o diálogo religioso, os sinais dos tempos, o diálogo com a sociedade moderna e a

¹⁵³² CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 60.

¹⁵³³ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 60-61.

legítima autonomia das realidades terrenas, a liberdade de consciência, a democracia e a justiça, marcam uma nova situação socio-elesial.¹⁵³⁴

As *Apresentações* dos bispos latino-americanos nos oferecem um amplo panorama da problemática social e pastoral de América Latina em 1968 e nos ajudam a compreender o espírito e os documentos de Medellín. Enumeremos estas *Apresentações*: Mons. Marcos McGrath, bispo de Santiago de Veragua, Panamá: Os sinais dos tempos na América Latina (Segunda Conferência I, págs. 75-100); Mons. Eduardo Pironio, secretário da Segunda Conferência e Secretário Geral do CELAM: Interpretação cristã dos sinais dos tempos hoje na América Latina (Segunda Conferência, I, págs. 103-122); Mons. Eugenio de Araújo Sales, administrador apostólico de Salvador, Bahia (Brasil): A Igreja na América Latina e a Promoção Humana (Segunda Conferência I, págs. 125-144); Mons. Samuel Ruíz, Bispo de San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México: A Evangelização na América Latina (Segunda Conferência I, págs. 147-172); Mons. Luís Eduardo Henriquez, bispo Auxiliar de Caracas: Pastoral de Massas e pastoral de elites (Segunda Conferência I, págs. 175-228); Mons. Pablo Muñoz Veja, arcebispo de Quito: Unidade visível da Igreja e coordenação pastoral (Segunda Conferência I, págs. 231-247); Mons. Leónidas E. Proaño, Bispo de Riobamba: Coordenação pastoral (Segunda Conferência I, págs. 251-269).¹⁵³⁵ Alguns destes Bispos integram aqueles que Comblin nomeia “os Santos Padres da Igreja” e mais concretamente, Santos Padres da Igreja dos pobres.¹⁵³⁶

Sem dúvida, as *Apresentações* são de Bispos com clara orientação pastoral, conhecedores profundos da realidade latino-americana, bem como daquele momento histórico, com citações de teólogos católicos como Y. Congar, D. Chenu, J. Daniélou, H. de Lubac, K. Rahner, E. Schillebeeckx, U. von Balthasar, J. Alfaro, H. Fries, J. B. Metz, A. Alvarez Bolado, R. Marlé, F. Roustang... de pastoralistas como D. Grasso, S. Galilea, R. Poblete, M. Marzal, C. Floristán, F. Houtart, A. Godin... E também de teólogos evangélicos como D. Bonhoeffer, Robinson, H. Cox e dos teólogos da morte de Deus... Codina destaca as linhas de força emergentes

¹⁵³⁴ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 61.

¹⁵³⁵ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 62.

¹⁵³⁶ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 63.

que se desprendem como constantes de todas elas, linhas que logo reaparecem nas Conclusões de Medellín.¹⁵³⁷

Paulo VI teve grande influência e importância para o evento Medellín. Enquanto condutor do Concílio Vaticano II, publicou sua primeira encíclica *Ecclesiam Suam* (ES), de 1964, sobre a importância do diálogo na Igreja. No dia 26 de março de 1967, publicou sua encíclica social sobre o desenvolvimento dos povos, *Populorum Progressio* (PP), um ano antes da inauguração de Medellín (24 de agosto de 1968), influenciou positivamente tanto nas *Ponencias* como nas Conclusões de Medellín. É importante estarmos atentos à questão a seguir: “Ele se deu conta de que o tema da Igreja dos Pobres que João XXII havia anunciado, não havia sido assumido pelo Vaticano II e que somente havia alusões em LG, n. 8 e GS, n. 1”? Na *Populorum Progressio*, Paulo VI afirma que em suas viagens anteriores à América Latina (1960) e à África (1962) havia se confrontado com os lastimosos problemas que afligem a continentes cheios de vida e de esperança (PP, n. 4). E no início de sua encíclica afirma que “hoje o fato mais importante de que todos devem tomar consciência é que a questão social tem tomado uma dimensão mundial” (PP, n. 3).¹⁵³⁸

É importante focarmos na recepção criativa do Vaticano II em Medellín. Sua novidade foi a de abordar a eclesiologia do Vaticano II desde a *Gaudium Spes* GS e o Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad Gentes (AG). Ou seja, as Apresentações partem dos “sinais dos tempos”, tema central em GS n. 4, 11. 44, com o intuito de descobrir e interpretar os sinais dos tempos de América Latina, à luz do Evangelho, conscientes de que o Espírito do Senhor é o que dirige a história a sua consumação final (GS, n. 11). As Conclusões de Medellín partem de promoção humana: a justiça, a paz, a família, a demografia, a educação e a juventude de América Latina (Segunda Conferência II, pp. 1-5). Aqui, “trata-se de escutar a voz de Deus através do clamor dos pobres”. Pela primeira vez, põe-se em prática o método latino-americano de ver-julgar-agir que será utilizado nos documentos das restantes Conferências latino-americanas, com exceção da Conferência de Santo Domingo. Este partir de *Gaudium Spes* (GS), a Constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo, faz justiça a este “documento estrela” do Vaticano II, segundo os desejos de João XXIII. Também intui com clarividência

¹⁵³⁷ CODINA, Víctor. Las Ponencias de Medellín, p., 63.

¹⁵³⁸ CODINA, Víctor. Las Ponencias de Medellín, p., 63.

que o maior aporte do Vaticano II à Igreja e à teologia, foi perceber que Deus atua em nossa história; que o Reino de Deus inicia já aqui; que a escatologia e a salvação têm uma dimensão presente; que a salvação incide em nosso mundo. Medellín, portanto, passa da 1ª Ilustração moderna europeia à 2ª Ilustração, sensível ao social, à justiça e aos pobres. Como vemos, a ponencia de Eduardo Pironio aprofunda teologicamente os sinais dos tempos. A plenitude dos tempos que se realiza em Cristo e no Espírito, se prolonga na Igreja e se converte para América Latina em um tempo favorável, deia de salvação (2Cor 6,2), numa tomada de consciência da miséria material e espiritual e de necessidade de ser libertada desta situação de pecado (2Tes 2,7). Portanto, a Igreja é sinal de salvação universal, sinal de que o Reino já tem chegado a nós e é instrumento de salvação para todos os homens e sua história, para todos os povos; e inclui a criação, buscando o pleno desenvolvimento de todos os valores humanos, a criação de um homem novo. Os sinais dos tempos possuem uma dimensão escatológica; o Reino chega e pela força do Espírito elimina o mal. O resultado é a comunhão com Deus e com o mundo, o amor a Deus e a solidariedade humana.¹⁵³⁹ A missão de evangelizar e a urgência do social na América Latina, constitui um potente sinal dos tempos para a Igreja latino-americana, sempre sob o impulso do Espírito. Todas as *Apresentações* estão impregnadas pelo tema dos *sinais dos tempos* como *leitmotiv* o *ritornelo* contínuo. Isto constitui a maior originalidade de Medellín e sua maior contribuição à recepção do Vaticano II a nível de toda a Igreja. Sabemos também que o escutar e discernir os sinais dos tempos em América Latina à luz do Evangelho conduz a uma atitude de solidariedade com os pobres. Em ordem a um desenvolvimento e uma promoção humana integral como fruto de sua missão salvadora, já que a salvação em América Latina abarca a libertação de Mulheres e Homens. Mas vale acentuar que a ponencia de Leónidas Proaño é a mais lúcida e profética sobre o tema dos pobres. Falando da Pastoral organizada da Igreja, enfatiza a articulação da missão, a edificação do Corpo de Cristo. Há que descobrir a irrupção de Deus na história e na geografia, discernir os sinais dos tempos com uma atitude de fidelidade e de solidariedade com os pobres, seguindo o exemplo de Jesus (Lc 4, 18-21).

Os bispos de América Latina que no Vaticano II tiveram uma atuação um tanto precária, agora, ao escutar o clamor do povo pobre, se tornam profetas defensores

¹⁵³⁹ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 66-67.

corajosos da justiça e da libertação. Descobrem Deus adentrando na história, descobrem o pascal em cada acontecimento, a ação pascal da Igreja no hoje e aqui do mundo. São pastores ternos e compassivos que sentem comovidos o coração e as entranhas, como Jesus diante da miséria do povo e por isso se tornam compassivos e misericordiosos com os seus pobres. Desta compaixão surgirá o *intellectus misericordiae* típico da teologia latinoamericana. Os bispos podiam prever que esta defesa dos pobres e da justiça levaria à perseguição, até ao martírio (Romero, Angelleli, Gerardi ...) e muitas vezes a uma certa marginalização eclesial (Proaño, Samue Ruíz, Casaldáliga, Arns, Helder Camera, Pironio ...)?¹⁵⁴⁰

Os autores dos diversos jornais vão à Palavra, ao evangelho, ao querigma, ao Jesus de Nazaré que passou pelo mundo fazendo o bem, às bem-aventuranças, ao programa do Reino, um Reino que já começa aqui, à parábola do julgamento final onde seremos examinados sobre nosso amor e sensibilidade para com os pobres. Mantém-se o equilíbrio e a tensão entre o “já se” e o “ainda não”, entre horizontalidade e verticalidade, entre liturgia e profecia, entre carisma e instituição eclesial, entre retorno às fontes e *aggiornamento*, entre fé e religião, entre o compromisso e a contemplação, entre o trabalho com os líderes e a predileção pelos pobres, entre a história e a escatologia, entre o progresso econômico e o progresso integral que inclui o progresso humano e espiritual, a mudança das estruturas sociais e eclesiais sem rupturas ou violências. Desta forma, são fiéis ao Vaticano II e ao povo pobre e religioso de América Latina. Os bispos trazem uma novidade para a Igreja e não se limitam a repetir o que é dito em outros ambientes eclesiais europeus e ocidentais.¹⁵⁴¹ Eis os aspectos mais significativos das *Apresentações* de Medellín. São características que, posteriormente, são assumidas, reproduzidas e aprofundadas nas Conclusões de Medellín:

1. Partindo da realidade: Não partimos do mistério trinitário, como no LG (n. 1), mas da realidade concreta e dramática da América Latina, uma realidade em situação de Êxodo. Curiosamente, LG (n. 2) quando fala do Povo de Deus não faz menção ao Êxodo, enquanto em Medellín é um tema recorrente. Este afastamento da realidade fará parte do método teológico e pastoral da América Latina, que será utilizado nas demais Conferências Gerais do Episcopado. Não é um olhar puramente sociológico, mas um olhar crente sobre a realidade, que então, iluminada pela Palavra, desperta o compromisso social e pastoral. 2. Conscientizar a realidade da mudança na América Latina, especificando assim para a América Latina o que GS (n. 5-10) afirma sobre o processo de mudança no mundo de hoje. Essa consciência de mudança em Medellín é uma constante que se repete em vários temas. 3. Realismo face à pobreza e ao clamor dos surdos que se eleva do povo: "Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte" (Segunda Conferência II, p. 14,2). 4. Capacidade de discernir os sinais dos

¹⁵⁴⁰ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 68.

¹⁵⁴¹ CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 72.

tempos a partir da atual situação histórica da pobreza na América Latina. Não há diálogo com o rico, secular, culto e desenvolvido, mas com o povo reduzido a não pessoa, pobre, marginalizado, com a vida em perigo. Lentamente, passamos do tema do progresso, desenvolvido por Paulo VI na *Populorum Progressio* (PP), ao da libertação. Não se trata apenas de povos subdesenvolvidos, mas da dependência e opressão dos países ricos do Norte. Isso seguirá para as conclusões: “Esta evangelização deve ser relacionada com os “sinais dos tempos”. Não pode ser atemporal nem a-histórica. Com efeito, os “sinais dos tempos”, observados em nosso continente sobretudo na área social, constituem um “dato teológico” e interpelação de Deus. (Segunda Conferência II, p. 7,13). 5. Este discernimento teologicamente se fundamenta a partir da exclusão de todo dualismo e dicotomia. Esta convicção das Apresentações se repete nas Conclusões: “Sem cair em confusões ou em identificações simplistas, deve-se expressar sempre a unidade profunda que existe entre o plano divino de salvação, realizado em Cristo, e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a história humana; entre a Igreja povo de Deus, e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência do homem; entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos” (Segunda Conferência II, p. 8,4). E também: “A superação da dicotomia entre a Igreja e o Mundo e a necessidade de maior presença da fé nos valores temporais exigem a adoção de novas formas de espiritualidade, segundo as orientações do Vaticano II”. (Segunda Conferência II, p. 11,6). América Latina assume desde os pobres, a dimensão histórica da revelação e da fé que o Vaticano II havia formulado. 7. Surge uma nova imagem de Igreja, que as Conclusões formularam de forma breve e profunda: “Que se apresente cada vez mais nítido na América Latina o rosto da Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens” (Segunda Conferência II, p. 5,15^a). Esta nova forma de Igreja é a Igreja dos pobres com a qual sonhou João XXIII, mas que o Vaticano II não conseguiu expressar. É a Igreja que sonharam os signatários do Pacto das Catacumbas de Roma. É a Igreja que em Puebla (n. 1134-1165) fará a opção preferencial pelos pobres. 8. Surge uma Igreja com estruturas comunitárias e pastorais próximas dos pobres e entre eles. O que as Apresentações sugeriram está claramente expresso nas Conclusões: as comunidades de base como núcleo primeiro e fundamental, centro de evangelização e fator de promoção e desenvolvimento humano (II Conferência II, p. 15,10). a exigência de uma vida religiosa inserida entre os pobres (Segunda Conferência II, p. 14,16), a valorização positiva da pastoral popular (Segunda Conferência II, p. 6). 9. Uma nova teologia libertadora latino-americana está surgindo, justamente da emergência dos pobres na sociedade e na Igreja, uma teologia cujo fundamento último não é sociológico, filosófico ou político, mas sim evangélico: o seguimento de Jesus na Projeto do Reino e a luta pela justiça do evangelho. Esta teologia faz parte das teologias do Sul que supõem uma mudança de paradigma no que diz respeito à teologia moderna e à razão ocidental, hegemônica, capitalista, sexista e colonial, teologia que ao longo dos anos foi se desenvolvendo e enriquecendo). 10. Encontramo-nos partindo de Medellín antes de um evento tão novo, profético e estelar na Igreja da América Latina do final dos anos 1960 ao final dos anos 1980, que não tem outra explicação senão uma surpreendente e nova irrupção do Espírito na América Latina, que quebra os padrões e paradigmas causais históricos e lógicos usuais: a experiência de um novo Pentecostes. Deus passou pela América Latina. E isso não acontece no mundo ocidental rico e progressista, mas no Sul, da pobreza das profundezas da história, de bispos que poucos anos antes eram maioria tímida e silenciosa no Vaticano II. De Medellín temos uma Igreja com bispos que são verdadeiros Santos Padres da Igreja dos pobres, comunidades de base, ministros próximos ao povo, vida religiosa inserida entre os pobres, leigos comprometidos com a sociedade e a Igreja, numerosos mártires pelo Reino. Isso confirma um fato da tradição bíblica e eclesial: que o Espírito do Senhor atua de baixo, desde o caos da

criação, de Nazaré e Calvário, através da fertilidade das mulheres estéreis, a libertação do Egito e do exílio de uma pequena e depreciada cidade. É um Espírito kenótico, que sempre gera vida a partir do caos e da morte, sempre surpreende e gera novidades.¹⁵⁴²

5.1.b.

Perspectivas teológico-pastorais do Papa Francisco

Papa Francisco tem retomado com vigor e criatividade, o dinamismo eclesial desencadeado pelo Concílio Vaticano II e sua recepção em Medellín. Neste sentido, insiste em sua centralidade na missão da Igreja e concretiza tal dinamismo em nosso atual contexto histórico, identificando os grandes problemas e desafios que se impõem à missão da Igreja e se constituem como uma verdadeira agenda teológico-pastoral: periferias sociais e existenciais; cuidado com a casa comum; cultura da solidariedade; importância dos movimentos populares.¹⁵⁴³ No que diz respeito às periferias sociais, Papa Francisco insiste na necessidade e urgência de um processo de renovação eclesial através de um movimento permanente da “saída” (dinamismo missionário) para as “periferias sociais e existenciais de nosso tempo (Evangelho do reinado de Deus aos pobres, marginalizados e sofredores). Ou seja, uma “saída para as periferias” e uma saída para “anunciar com palavras e ações” a misericórdia de Deus que é o “coração pulsante do Evangelho” (Francisco, 2015^a, nº 12). E quando fala de “periferias”, Papa Francisco se refere tanto às “periferias sociais” (situações de pobreza, marginalização e injustiça às mais diversas), quanto de “periferias existenciais” (as mais diversas formas de sofrimento humano).¹⁵⁴⁴

O evento “Medellín” chamou atenção para a dimensão institucional estrutural da pobreza, desigualdade e opressão na América Latina. Medellín denunciou “estruturas injustas” e a “violência institucional”, anunciou a necessidade de “novas e renovadas estruturas”, desencadeou um dinamismo teológico-pastoral que levou a sério a dimensão sociotransformadora da fé. Papa Francisco retoma essa dimensão socioestrutural da pobreza e marginalização, mas a articula com a dimensão existencial do sofrimento humano. Daí a necessidade de se enfrentar tanto com as

¹⁵⁴² CODINA, Victor. Las Ponencias de Medellín, p., 72-74.

¹⁵⁴³ AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais. *Em: Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 41-58. Aqui: p., 52.

¹⁵⁴⁴ AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín, p., 52.

estruturas que produzem pobreza, desigualdade e marginalização (compromisso com a transformação da sociedade), quanto com as situações existenciais de sofrimento (proximidade, consolo e alento às pessoas em seus sofrimentos). Aqui, se concretiza a afirmação de que “a opção preferencial pelos pobres, possui uma ‘dimensão estrutural’ quanto uma ‘dimensão existencial’”.

Torna-se urgente o cuidado da Casa Comum e, portanto, a importância de ouvir com misericórdia os gritos, os gemidos da terra ferida e dos pobres, das vítimas da história. Sabemos que a problemática ambiental está vinculada à problemática do sofrimento humano. Ela é uma das suas dimensões fundamentais. A problemática ambiental assume dimensões e proporções cada vez mais assustadoras. Neste contexto e em sintonia com o movimento ecológico mundial, Papa Francisco convoca a todas as pessoas, comunidades e instituições a ouvirem os gritos, clamores e gemidos que irrompem com todo vigor (Francisco, 2015b, nº 49,53,117) e lança um “convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta” (Francisco, 2015b, nº 14). Critica toda forma de “antropocentrismo despótico” (Francisco, 2015,68) e de “biocentrismo” cínico (Francisco, 2015b, nº 118). E propõe uma Ecologia Integral que possui como um de seus eixos fundamentais a “relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta” (Francisco, 2015b, nº 16). Insiste que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (Francisco, 2015b, nº 49). A Encíclica *Laudato Si'*, uma das mais importantes e mais impactantes encíclicas sociais da Igreja, além de tratar de um dos grandes problemas de nosso tempo (problema ambiental), também aponta uma perspectiva nova de tratar esses problemas socioambientais (ecologia integral). Papa Francisco prossegue em seu Pontificado, com o intuito de alargar os horizontes da própria luta pela justiça e das formas ou dos meios de sua realização histórica.¹⁵⁴⁵

O mais importante é sermos capazes de nos compadecermos ao ouvir os clamores alheios. Daí a necessidade e urgência de uma “cultura da solidariedade”. Aqui se destaca a sensibilidade do Papa Francisco à dimensão cultural da vida por compreender que é aqui que se cultivam e se reproduzem os grandes valores e as

¹⁵⁴⁵ AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín, p., 52.

grandes convicções que legitimam os dinamismos e as estruturas sociais e/ou que mobilizam forças e processos sociais para sua transformação. Nele, solidariedade “significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade”. Em Francisco, solidariedade “supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (Francisco 2013, nº 188) e que enfrente e supere a “cultura do descartável” (Francisco, 2013, nº 53), o “ideal egoísta” e a “globalização da indiferença” que se desenvolveram e se impuseram em nosso mundo, tornando-nos “incapazes de nos compadecermos dos clamores alheios” e de responsabilizarmos-nos diante de suas necessidades. Portanto, é importante nos responsabilizarmos com as necessidades e sofrimentos alheios (Francisco, 2013, nº 54,67). Vale dizer, a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens. A solidariedade tem muito a ver com “convicções” e “práticas”.

Papa Francisco também insiste na importância fundamental dos movimentos populares, no enfrentamento dos grandes problemas de nosso tempo e na construção de alternativas “a partir de baixo” que antecipem e desencadeiem processos de construção de um novo mundo. Seus encontros mundiais com representantes de movimentos populares (28/10/2014; 09/06/2015, 05/11/2016), revelam que Francisco se preocupa e se interessa pelas grandes problemáticas socioambientais do mundo atual. Francisco se atenta e zela pelas pessoas que se encorajam para transformar essa situação e se dedicam ao cuidado da casa comum. Francisco também se interessa pelos processos sociais que estes agentes transformadores suscitam e desenvolvem ao redor do mundo.¹⁵⁴⁶ Revelam também, que Francisco possui uma percepção aguçada da “diversidade teológica” ou do caráter espiritual dos problemas e das organizações e lutas populares. Nesses encontros, ao se referir aos Movimentos Populares (Francisco, 2015c; 2015d; 2016a), afirma que eles tem os “pés na lama e as mãos na carne” e tem “cheiro” de bairro, de povo e de luta, que são portadores de uma “torrente de energia moral que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum”; que “expressam a necessidade urgente de revitalizar as nossas democracias”; que são “semeadores de mudança”, de uma “mudança redentora”; que com eles “sente-se o

¹⁵⁴⁶ AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín, p., 54.

vento da promessa que reacende a esperança de um mundo melhor”; e que eles são “como uma bênção para a humanidade”. Eis a importância primordial e fundamental dos Movimentos Populares na sociedade e para a própria missão da Igreja no mundo.¹⁵⁴⁷

5.1.c.

Fratelli tutti: uma forma de vida com sabor do evangelho

Todos temos “grandes ideais”, mas necessitamos de “caminhos concretos” para construirmos um mundo mais justo e fraterno nas nossas relações cotidianas, na vida social, na política, nas religiões e suas instituições. E neste tempo de pandemia da Covid-19, que se apresenta para o nosso ‘despertar’, Papa Francisco nos presenteia com a “Encíclica Social *Fratelli tutti*”:

As páginas seguintes não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas detêm-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos. Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade.¹⁵⁴⁸

Francisco toma o seu título das “Admoestações” de São Francisco de Assis, o qual utilizava essas palavras “para se dirigir a todos os irmãos e irmãs e lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho”:

«FRATELLI TUTTI»: escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um AMOR que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si». Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita.¹⁵⁴⁹

A Encíclica *Fratelli tutti*, do Papa Francisco, foi apresentada e divulgada no dia 4 de outubro de 2020, após ser assinada no dia 3 de outubro de 2020 no túmulo de São Francisco, em Assis. *Fratelli tutti* é dedicada à fraternidade e à amizade

¹⁵⁴⁷ AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín, p., 54.

¹⁵⁴⁸ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. Parágrafo 6.

¹⁵⁴⁹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 1.

social, valores imprescindíveis para restaurar a esperança e o impulso a uma humanidade ferida também pela pandemia da Covid-19. Uma encíclica que extrai o seu nome das palavras escritas por São Francisco. A encíclica tem como objetivo promover uma aspiração mundial à fraternidade e à amizade social. No pano de fundo, há a pandemia da Covid-19 que “irrompeu de forma inesperada quando Francisco escrevia esta carta”. A emergência sanitária global mostrou que “ninguém se salva sozinho” e que chegou realmente o momento de “sonhar como uma única humanidade”, na qual somos “todos irmãos”.¹⁵⁵⁰

No primeiro de oito capítulos, intitulado *As sombras dum mundo fechado*, o documento debruça-se sobre as muitas distorções da época contemporânea: a manipulação e a deformação de conceitos como democracia, liberdade, justiça; o egoísmo e a falta de interesse pelo bem comum; a prevalência de uma lógica de mercado baseada no lucro e na cultura do descarte; o desemprego, o racismo, a pobreza; a desigualdade de direitos e as suas aberrações como a escravatura, o tráfico de pessoas, as mulheres subjugadas e depois forçadas a abortar, o tráfico de órgãos.¹⁵⁵¹ Estes são problemas globais que requerem ações globais, sublinha o Papa, assinalando também contra uma “cultura de muros” que favorece a proliferação de máfias, alimentadas pelo medo e pela solidão.¹⁵⁵² Em tempos de “noites escuras”, a Encíclica *Fratelli tutti* chega como uma das estrelas do firmamento a anunciar um arquétipo luminoso, o do bom samaritano, a quem é dedicado o segundo capítulo, *Um estranho no caminho*. Neste capítulo, Papa Francisco abaliza que, numa sociedade doente que vira as costas à dor e é “analfabeta” no cuidado dos mais frágeis e vulneráveis,¹⁵⁵³ somos todos convocados a estar próximos uns dos outros,¹⁵⁵⁴ ultrapassando preconceitos e interesses pessoais. De fato, somos todos corresponsáveis na construção de uma sociedade que saiba resgatar, congregar, integrar e erguer aqueles que sofrem.¹⁵⁵⁵ Papa Francisco diz que o amor constrói pontes e nós “somos feitos para o amor”,¹⁵⁵⁶

¹⁵⁵⁰ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 7-8.

¹⁵⁵¹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 10-24.

¹⁵⁵² PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 27-28.

¹⁵⁵³ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 64-65.

¹⁵⁵⁴ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 81.

¹⁵⁵⁵ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 77.

¹⁵⁵⁶ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 88.

exorta particularmente os cristãos a reconhecerem Cristo no rosto de cada pessoa “ferida no caminho”.¹⁵⁵⁷

O princípio da capacidade de amar segundo “uma dimensão universal”¹⁵⁵⁸ é retomado no terceiro capítulo. Aqui, Papa Francisco anuncia que é imprescindível “pensar e gerar um mundo aberto”. Também exorta cada um de nós a “sair de si mesmo” para encontrar nos outros “um acrescentamento de ser”,¹⁵⁵⁹ abrindo-nos ao próximo segundo o dinamismo da caridade que nos faz tender para a “comunhão universal”.¹⁵⁶⁰ Afinal, a estatura espiritual da vida humana é medida pelo amor que nos leva a procurar o melhor para a vida do outro.¹⁵⁶¹ O sentido da solidariedade e da fraternidade nasce nas famílias que devem ser protegidas e respeitadas na sua “missão educativa primária e imprescindível”.¹⁵⁶² Papa Francisco proclama que o ‘direito a viver com dignidade’ não pode ser negado a ninguém. E uma vez que os direitos são sem fronteiras, todos devem ser integrados, independentemente do local onde nasceram.¹⁵⁶³ Sob este prisma, Francisco recorda também que é preciso pensar numa “ética das relações internacionais”,¹⁵⁶⁴ porque cada país é também do estrangeiro e os bens do território não podem ser negados àqueles que têm necessidade e vêm de outro lugar. O direito natural à propriedade privada será, portanto, secundário em relação ao princípio do destino universal dos bens criados.¹⁵⁶⁵ Papa Francisco coloca uma ênfase específica na questão da dívida externa: embora se mantenha o princípio de que toda a dívida legitimamente contraída deve ser paga, espera-se que isto não comprometa o crescimento e a subsistência dos países mais pobres.¹⁵⁶⁶

Ao tema das migrações é, ao invés, dedicado em parte o segundo e todo o quarto capítulo, um coração aberto ao mundo inteiro: com as suas “vidas dilaceradas”,¹⁵⁶⁷ em fuga das guerras, perseguições, catástrofes naturais, traficantes sem escrúpulos, arrancados das suas comunidades de origem, os migrantes devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. Nos países destinatários, o justo

¹⁵⁵⁷ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 85.

¹⁵⁵⁸ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 83.

¹⁵⁵⁹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 88.

¹⁵⁶⁰ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 95.

¹⁵⁶¹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 92-93.

¹⁵⁶² PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 114.

¹⁵⁶³ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 121.

¹⁵⁶⁴ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 126.

¹⁵⁶⁵ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 120.

¹⁵⁶⁶ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 126.

¹⁵⁶⁷ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 37.

equilíbrio será entre a proteção dos direitos dos cidadãos e a garantia de acolhimento e assistência aos migrantes.¹⁵⁶⁸ Especificamente, Francisco assinala algumas “respostas indispensáveis”, especialmente para aqueles que fogem de “graves crises humanitárias”: incrementar e simplificar a concessão de vistos; abrir corredores humanitários; oferecer alojamento, segurança e serviços essenciais; oferecer possibilidade de trabalho e formação; favorecer a reunificação familiar; proteger os menores; garantir a liberdade religiosa. O que é necessário acima de tudo – lê-se no documento –, é uma legislação (*governance*) global para as migrações que inicie projetos a longo prazo, indo além das emergências individuais, em nome de um desenvolvimento solidário de todos os povos.¹⁵⁶⁹

Acerca do tema do quinto capítulo, intitulado *A política melhor*, ou seja, uma política que represente uma das configurações mais preciosas da caridade, porque está ao serviço do bem comum, do bem viver pessoal e comunitário¹⁵⁷⁰ e conhece a importância do Povo, percebido como uma categoria aberta, disponível ao confronto e ao diálogo.¹⁵⁷¹ Aqui, Francisco indica o populismo que se contrapõe ao “populismo” que ignora a legitimidade da noção de “povo”, atraindo consensos a fim de instrumentalizar ao serviço do seu projeto pessoal.¹⁵⁷² Francisco afirma que a melhor política é aquela que protege o trabalho, “uma dimensão indispensável da vida social” e assegura que cada trabalhador apresente a possibilidade de desenvolver as suas próprias capacidades.¹⁵⁷³ A verdadeira estratégia contra a pobreza visa a promoção da vida na perspectiva da solidariedade e da subsidiariedade.¹⁵⁷⁴ A política tem uma tarefa, e esta é descobrir uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais, tais como a exclusão social; tráfico de órgãos, e tecidos humanos, armas e drogas; exploração sexual; trabalho escravo; terrorismo e crime organizado. Aqui, Papa Francisco solicita que sejam eliminados, definitivamente, o tráfico de seres humanos, que é uma “vergonha para a humanidade”; bem como a fome, porque é “criminosa”, pois a alimentação é “um direito inalienável”.¹⁵⁷⁵ A política da qual há necessidade,

¹⁵⁶⁸ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 38-40.

¹⁵⁶⁹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 129-132.

¹⁵⁷⁰ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 180.

¹⁵⁷¹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 160.

¹⁵⁷² PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 159.

¹⁵⁷³ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 162.

¹⁵⁷⁴ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 187.

¹⁵⁷⁵ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 188-189.

ênfatiza ainda Francisco, é aquela centrada na dignidade humana e que não está sujeita à finança porque “o mercado por si só, não resolve tudo”: os “estragos” provocados pela especulação financeira mostraram-no.¹⁵⁷⁶ Assumem, portanto, particular relevância os movimentos populares: verdadeiros “torrentes de energia moral”, devem ser envolvidos na sociedade, de uma forma coordenada. Desta forma – afirma o Papa –, pode-se passar de uma política “para” os pobres para uma política “com” e “dos” pobres.¹⁵⁷⁷ Outro desejo presente na Encíclica diz respeito à reforma da ONU: perante o predomínio da dimensão econômica, de fato, a tarefa das Nações Unidas será dar uma real concretização ao conceito de “família de nações”, trabalhando para o bem comum, a erradicação da pobreza e a proteção dos direitos humanos. Recorrendo incansavelmente à “negociação, aos mediadores e à arbitragem” – afirma o documento pontifício – a ONU deve promover a força da lei sobre a lei da força.¹⁵⁷⁸

Do sexto capítulo, *Diálogo e amizade social*, emerge também o conceito de vida como “a arte do encontro” com todos, também com as periferias do mundo e com os povos originais, porque “de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo”.¹⁵⁷⁹ Particular, então, a referência do Papa ao “milagre da amabilidade”, uma atitude a ser recuperada porque é “uma estrela na escuridão” e uma “libertação da crueldade, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída” que prevalecem em época contemporânea.¹⁵⁸⁰

Reflete sobre o valor e a promoção da paz, o sétimo capítulo, intitulado *Percursos dum novo encontro*, no qual o Papa sublinha que a paz é “proativa” e visa formar uma sociedade baseada no serviço aos outros e na busca da reconciliação e do desenvolvimento mútuo. A paz é uma “arte” em que cada um deve desempenhar o seu papel e cuja tarefa nunca terminam.¹⁵⁸¹ Ligado à paz está o perdão: devemos amar todos sem exceção – lê-se na Encíclica –, mas amar um opressor significa ajudá-lo a mudar e não permitir que ele continue a oprimir o seu próximo.¹⁵⁸² Perdão não significa impunidade, mas justiça e memória, porque perdoar não significa esquecer, mas renunciar à força destrutiva do mal e da

¹⁵⁷⁶ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 168.

¹⁵⁷⁷ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 169.

¹⁵⁷⁸ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 173-175.

¹⁵⁷⁹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 215.

¹⁵⁸⁰ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 222-224.

¹⁵⁸¹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 227-232.

¹⁵⁸² PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 241-242.

vingança. Nunca esquecer “horrores” como a *Shoah*, os bombardeamentos atômicos em Hiroshima e Nagasaki, perseguições e massacres étnicos – exorta o Papa – devem ser sempre recordados, novamente, para não nos anestesiarmos e manterem viva a chama da consciência coletiva. E também é importante fazer memória do bem.¹⁵⁸³ Parte do sétimo capítulo se detém, então, sobre a guerra: “uma ameaça constante”, que representa a “negação de todos os direitos”, “o fracasso da política e da humanidade”, “a vergonhosa rendição às forças do mal”. Além disso, devido às armas nucleares, químicas e biológicas que afetam muitos civis inocentes, hoje já não podemos pensar, como no passado, numa possível “guerra justa”, mas temos de reafirmar fortemente: “Nunca mais a guerra!” A eliminação total das armas nucleares é “um imperativo moral e humanitário”; em vez disso – sugere o Papa –, com o dinheiro do armamento, deveria ser criado um Fundo Mundial para acabar de vez com a fome.¹⁵⁸⁴

Francisco expressa uma posição igualmente clara sobre a pena de morte: é inadmissível e deve ser abolida em todo o mundo. “O homicida não perde a sua dignidade pessoal – escreve o Papa – e o próprio Deus Se constitui seu garante”.¹⁵⁸⁵ Ao mesmo tempo, a necessidade de respeitar “a sacralidade da vida”¹⁵⁸⁶ é reafirmada onde “partes da humanidade parecem sacrificáveis”, tais como os nascituros, os pobres, os deficientes, os idosos.¹⁵⁸⁷

No oitavo e último capítulo, o Pontífice detém-se sobre *Religiões ao serviço da fraternidade no mundo* e reitera que o terrorismo não se deve à religião, mas a interpretações erradas de textos religiosos, bem como a políticas de fome, pobreza, injustiça e opressão.¹⁵⁸⁸ Um caminho de paz entre as religiões é, portanto, possível; por isso, é necessário garantir a liberdade religiosa, direito humano fundamental para todos os crentes.¹⁵⁸⁹ Uma reflexão, em particular, a Encíclica faz sobre o papel da Igreja: ela não relega a sua missão à esfera privada e, embora não fazendo política, não renuncia à dimensão política da existência, à atenção ao bem comum e à preocupação pelo desenvolvimento humano integral, segundo os princípios

¹⁵⁸³ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 246-252.

¹⁵⁸⁴ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 255-262.

¹⁵⁸⁵ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 263-269.

¹⁵⁸⁶ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 283.

¹⁵⁸⁷ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 18.

¹⁵⁸⁸ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 282-283.

¹⁵⁸⁹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 279.

evangélicos.¹⁵⁹⁰ Na conclusão da *Fratelli Tutti*, Francisco cita o *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, assinado por ele mesmo em 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi, junto com o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib: desta pedra miliar do diálogo inter-religioso, o Pontífice retoma o apelo para que, em nome da fraternidade humana, o diálogo seja adotado como caminho, a colaboração comum como conduta, e o conhecimento mútuo como método e critério.¹⁵⁹¹

5.2

Excurso: As palavras não de ser como “emendas de ouro”, porque o verdadeiro Espírito de Misericórdia é o Espírito de Deus

5.2.a. As palavras não de ser como “emendas de ouro”

Comparo este trabalho de Doutorado com a arte milenar do Kintsugi.¹⁵⁹² Esta técnica ancestral, descoberta no século XV no Japão, consiste em reparar um objeto quebrado, realçando com ouro suas linhas de fissura, em vez de disfarçá-las. A filosofia do Kintsugi remete-nos à simbólica prática da cura e da resiliência. Tratado, depois celebrado, o vaso quebrado assume seu passado, tornando-se, paradoxalmente, mais resistente, belo e valioso do que antes do trauma.¹⁵⁹³ Essa metáfora, desenrolada como um fio condutor, traz nova luz a cada etapa de todo processo de cura, seja de uma ferida física ou emocional.¹⁵⁹⁴ A cultura japonesa¹⁵⁹⁵ valoriza muito as marcas de desgaste que testemunham o uso de um objeto e sua serventia. Num contexto dominado por consumismo e obsolescência programada, insisto em recompor e reconstruir este trabalho, esculpindo-me. Por isso, ele possui um valor incalculável e incomensurável.¹⁵⁹⁶

¹⁵⁹⁰ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafos 276-278.

¹⁵⁹¹ PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, parágrafo 285.

¹⁵⁹² SANTINI, Célini. *Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição*. São Paulo: Planeta, 2019.

¹⁵⁹³ ELOLA, Joseba. Programado para estragar. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/13/tecnologia/1507894455_001314.html. Acessado em: 21 de setembro de 2020.

¹⁵⁹⁴ SANTINI, Célini. *Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição*. São Paulo: Planeta, 2019, p., 10.

¹⁵⁹⁵ Sobre Cultura Japonesa: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_do_Jap%C3%A3o. Acessado em 21 de setembro de 2020.

¹⁵⁹⁶ REBÓN, Marta. *Kintsugi: a beleza das cicatrizes da vida*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/01/eps/1512125016_071172.html. Acessado em: 21 de setembro de 2020.

Na cultura japonesa, um vaso se torna especial após ter sido quebrado e submetido a condições extremas, ter suas partes unidas novamente com ouro. Tal restauração torna-se especial e eleva o valor do objeto em si. Restaurado, ganha um novo visual. Torna-se único! Aqui, resplandece a filosofia da aceitação do que foi forjado pela vida, que sobreviveu aos desafios e renasceu após uma provação mais intensa, que lhe deixou marcas. Ela nos ajuda a lidar com a ideia das perdas e da melhoria por meio da provação e da determinação de dar a volta por cima, renascer das cinzas, prosseguir, apesar das cicatrizes que herdamos da vida. Pois “a aceitação do inaceitável é a maior fonte de graças do mundo”.¹⁵⁹⁷

A arte *Kintsugi* expressa a ideia de aceitação da mudança como uma realidade presente entre os aspectos da vida humana e da valorização da experiência e do trabalho realizado.¹⁵⁹⁸ Ingressar no Mestrado e depois no Doutorado em Teologia não foi fácil! Houve muitos obstáculos e desafios.¹⁵⁹⁹ Portanto, opto em percorrer um caminho que me mostra a beleza das cicatrizes adquiridas nas lutas cotidianas.¹⁶⁰⁰ Hoje me percebo forte ante adversidades quase intransponíveis.¹⁶⁰¹ Prossigo e tomo consciência da realidade. Afirmo que o rosto humano de Deus se configura nas vítimas deste mundo e mantenho esta postura de atenção e humildade perante o mistério do sofrimento.¹⁶⁰² Em consequência desta afirmação, a vida me presenteia com cicatrizes tão valiosas que as revelo no brilho de meus olhos,¹⁶⁰³ na força de minhas mãos, em meus pés livres e firmes,¹⁶⁰⁴ no ânimo de meu coração,¹⁶⁰⁵ no movimento de meu corpo que dança a dor, a entrega, a confiança, a esperança e a gratidão num testemunho profético, político e sábio.¹⁶⁰⁶

¹⁵⁹⁷ TOLLE, Eckhart. *A voz da serenidade*. Lisboa: Ed. Pergaminho, p., 77-78

¹⁵⁹⁸ UEDA, Edgar. *Kintsugi: o poder de dar a volta por cima*. Porto Alegre: Citadel, 2018.

¹⁵⁹⁹ ZIZEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, 2011.

¹⁶⁰⁰ NHAT HANH. Thich. *Sem lama não há lótus: a arte de transformar o sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 2016.

¹⁶⁰¹ NHAT HANH. Thich. *Medo: sabedoria indispensável para transpor a tempestade*. Petrópolis: Vozes, 2015.

¹⁶⁰² BINGEMER, Maria Clara. *El sufrimiento de Dios em algunas teologías contemporâneas*. Disponível em: Concílium/366, Junio, 2016, p., 87. Recomendo a leitura de todos os ensaios que integram o tema monográfico “Sufrimiento y Dios” neste editorial. O intuito destes ensaios é abordar os paradoxos do sofrimento, bem como as experiências da solidariedade em que o próprio Deus está inserido e que sustentam a dignidade e a alegria de viver.

¹⁶⁰³ SCHROER, Silvia. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p., 231-256.

¹⁶⁰⁴ SCHROER, Silvia. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p., 59-76.

¹⁶⁰⁵ LAGACHE, Sylvie. *Respirando a vida: iniciação para um trabalho de integração corpo-espírito*. São Paulo: Paulinas, 2004.

¹⁶⁰⁶ BINGEMER, Maria Clara; CASARELLA, Peter (Orgs). *Testemunho: profecia, política e sabedoria*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2017.

Hoje eu me defino como uma artesã da teologia testemunhal, mística e profética.¹⁶⁰⁷ Prossigo restaurando a essência do vaso quebrado com o ouro da fidelidade.¹⁶⁰⁸ Aqui, em sua realidade dinâmica e criativa, se revela como “adesão a um desígnio de amor” que se desdobra dia após dia em modalidades inéditas, desígnio procurado com obstinação, apesar dos obstáculos e dos erros eventuais. Porque sei e creio que o testemunho abre novos horizontes para a reflexão teológica. Aqui, a fidelidade é relação viva e dinâmica, colóquio no qual se dizem sempre as mesmas coisas, mas feitas sempre novas pelo amor. Sou uma teóloga com “feridas” expostas,¹⁶⁰⁹ e avanço devagar, atenta à realidade, no “aqui e agora”.¹⁶¹⁰ Percebo quão valiosos são a experiência e o conhecimento adquiridos em minha vida, que tornou a restauração deste trabalho muito especial. Neste percurso, acrescento conhecimentos teóricos e experiência no chão da realidade da vida. Precioso é seu valor, porque proporciona um lugar teológico que torna sua restauração tão especial. O novo “eu” que renasce dos desafios enfrentados, atribui um visual especial e diferenciado. Junto com este Trabalho, trago minha própria história na história das vítimas; trago minhas cicatrizes e feridas internas como troféus de ouro. Repito: sou uma teóloga com “feridas” expostas. Eu me glorio por elas e pretendo embelezá-las para que sejam uma celebração constante de minha vida cotidiana.¹⁶¹¹ Celebração dos pequenos e grandes erros cometidos e da possibilidade que tenho de aprender e reaprender à medida que avanço no caminho do conhecimento teológico como artesã e aprendiz sempre atenta à voz dos “Grandes Mestres”.¹⁶¹²

Pe. Antônio Vieira, no Sermão da sexagésima, proferido em 1655, na Capela Real em Lisboa,¹⁶¹³ afirma que “as palavras hão de ser como estrelas”. Nesse sermão, ele se inspira na Parábola do Semeador para revelar a eficácia que uma

¹⁶⁰⁷ BINGEMER, Maria Clara. CASARELLA, Peter. Testemunho: Profecia, Política e Sabedoria. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2017, p., 9.

¹⁶⁰⁸ CIARDI, Fábio. Fidelidade. In: Dicionário de Mística. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 423-424.

¹⁶⁰⁹ NOUWEN, Henri. O curador ferido: ministério da sociedade contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2020.

¹⁶¹⁰ TOLLE, Eckhart. O poder do agora. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

¹⁶¹¹ COMTE-SPONVILLE, André. Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes, 1995. BOFF, Leonardo. Princípio de compaixão e cuidado. Petrópolis: Vozes, 2000. BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível, vol. II: convivência, respeito, tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006. BOFF, Leonardo. Direitos do coração: como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015.

¹⁶¹² BOFF, Clodovis. Teoria do Método Teológico. Petrópolis: Vozes, 1998, p., 13-24. Aqui, p., 15.

¹⁶¹³ VIEIRA, Pe. Antônio. Sermões Escolhidos. São Paulo: FTD, 2017. Páginas 45-73. Aqui, p., 57-58. Sermão da Sexagésima. Em: <https://issuu.com/editoraftd/docs/sermoescolhidospadreantoniovieira>. Publicado em: 24 de março de 2020. Acessado em: 11 de outubro de 2020.

pregação possui, quando acompanhada de teoria e prática. Ou seja, a pregação só é eficaz “se efetivada através de três ‘instrumentos’: ‘a luz’ (a iluminação da Graça de Deus), que só chegaria ao público através do ‘espelho’ (o pregador intermediário necessário para chegar a Deus), e os ‘olhos’ (o entendimento/conhecimento desses ouvintes)”. Vieira fala da importância de estilo da pregação. Segundo ele, “o estilo há de ser muito fácil e muito natural”. Com isso, alega o “estilo do mais antigo pregador que houve no mundo”. Citando Salmos atribuídos a Davi, completa: “Os céus publicam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 18,2). Aqui, o céu é o pregador mais antigo. E, portanto, além de possuir sermões e palavras, possui também, ouvidos: “Não há linguagem nem idioma em que não sejam entendidas as suas vozes” (Sl 18,4). Vieira afirma: “As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas”. E compara o estilo de pregar do céu com o estilo que Cristo ensinou na terra. Ele conclui que os dois estilos concentram em semear: a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas; “as estrelas permanecendo na sua ordem” (Jz 5,20). Ordem que influencia e entusiasma. Neste sentido, todos “devemos aprender do céu o estilo da disposição, e também, o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas”. O mais importante? Que todos compreendam.

Pelas experiências de resiliência e cura, de libertação e aceitação, de autoconhecimento e paciência que adquiri por meio deste trabalho, por sua recomposição e reconfiguração, digo que as palavras hão de ser como emendas de ouro em vasos de argila. Asseguro que ‘estrelas’, ‘ouro’ e ‘vasos’ possuem profundo valor simbólico ou figurado no ambiente que circunda o mundo bíblico (Antigo Oriente, antiguidade clássica), o Antigo e o Novo Testamento e os escritos dos Padres da Igreja, a liturgia e a arte cristã. Portanto, sirvo-me deles para revestir minha linguagem com as cores dos símbolos bíblicos.

Na tenda do céu, as estrelas¹⁶¹⁴ parecem estar próximas de Deus. Na tenda do céu, as estrelas são profetisas, testemunhas e missionárias. Sob o fulgor do firmamento, reconhecemos o Mistério. No Egito Antigo, as estrelas eram cognominadas “comitiva de Osíris”. Na religião assírio-babilônica, estrelas revelam poderes divinos. Na Mesopotâmia, encontramos pela primeira vez, a doutrina do

¹⁶¹⁴ LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993, p., 95-97; 168-169.

paralelismo dos eventos celestes e os terrenos. No céu noturno, as estrelas testemunham a majestade do Criador e o firmamento, a obra de suas mãos: Ele conta o número das estrelas e chama cada uma por seu nome (Sl 147,4). Cheios de alegria, os luzeiros do firmamento brilham “para aquele que os fez (Br 3,35). Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos (Sl 19,1). Louvai ao Senhor. Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento do seu poder” (Sl 150,1). E ouviu-se uma voz vinda do firmamento, que estava por cima das suas cabeças; parando-os, abaixavam as suas asas (Ez 1,25). Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente (Dn 12,3). E sobre as cabeças dos seres vivos havia uma semelhança de firmamento, com a aparência de cristal terrível, estendido por cima, sobre as suas cabeças (Ez 1,22). Depois olhei, e eis que no firmamento, que estava por cima da cabeça dos querubins, apareceu sobre eles uma como pedra de safira, semelhante a forma de um trono (Ez 10,1). E debaixo do firmamento estavam as suas asas direitas uma em direção à outra; cada um tinha duas, que lhe cobriam o corpo de um lado; e cada um tinha outras duas asas, que os cobriam do outro lado (Ez 1,23). E por cima do firmamento, que estava por cima das suas cabeças, havia algo semelhante a um trono que parecia de pedra de safira; e sobre esta espécie de trono havia uma figura semelhante à de um homem, na parte de cima, sobre ele (Ez 1,26). As estrelas tornam-se imagem da beleza celeste, ornando “brilantemente as alturas do Senhor” (Eccl 43,9). Deus revela-se ao patriarca Abraão como símbolo da Promessa: “Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar. Assim será a tua posteridade” (Gn 15,6). No sonho de José (Gn 37,9), as doze estrelas são provavelmente sinais do zodíaco como símbolo das doze tribos de Israel; José seria, então, a décima segunda estrela. As estrelas do céu lutam, como combatentes pelo direito divino, contra o general Sísera (Jz 24,17). Adverte-se expressamente aos israelitas: “Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los” (Dt 4,19). A entrada de Cristo no mundo terreno é mostrada aos três magos do Oriente por uma estrela (Mt 2,2). Como súplica do cosmo, João viu sete estrelas na mão direita do Filho do Homem (Ap 1,20), e as sete Igrejas, por sua vez, simbolizam a Igreja universal. De modo muito geral, as estrelas são imagens para dizer a harmonia cósmica criada por Deus, tal como se manifesta ao homem no ciclo do zodíaco; com a coroa de doze estrelas na cabeça,

refere-se ao zodíaco, à mulher apocalíptica (Ap 12,1). As estrelas podem, enfim, ser imagem do juízo divino, como quando o Apocalipse fala da grande estrela, de nome “Absinto”, que caiu do céu como facho aceso (Ap 8,10s). A uma estrela caída do céu “entregue a chave do poço do Abismo”, deste subiram gafanhotos, à semelhança de cavalos, que causaram prejuízos aos homens que não tinham o selo de Deus em suas festas (Ap 9,1-12). Na primeira carta aos Coríntios (15,41s), Paulo faz uma comparação com os eleitos: o sol, a lua e as estrelas não têm o mesmo brilho, “e até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos”. Na plástica dos sarcófagos da Antiguidade cristã, estrelas cunhadas em lâmpadas e gemas significam a felicidade eterna. Na arte, a estrela de sete pontas serve com frequência como símbolo mariano; os dois ângulos que então a entrecortam indicam o papel mediador de Maria entre o céu e a terra. A estrela que indica Cristo (a estrela de Natal) tem oito pontas e, em sua quaternidade, é já indicação da cruz. A estrela, que conduziu os três reis magos, aparece em imagens medievais diversamente personificada como anjo das estrelas.

Especial atenção entre os astros encontrou a estrela da manhã, que anuncia a luz do sol que sempre volta a superar a escuridão da noite. Entre os egípcios, tornou-se ela símbolo de horo, portador da salvação. Na Babilônia, a estrela da manhã era considerada como sócia masculino e guerreiro de Ishtar, cujo lado feminino era dado pelo brilho da estrela da tarde. Os luzeiros do céu obedecem à lei do Criador e, juntamente com todos os filhos de Deus, exulta de alegria “as aclamações dos astros da manhã” (Sl 38,7). Houve um, porém, que se quis igualar a Deus. Era Lúcifer; “como caíste do céu, ó estrela d’alva, filho da aurora”. Em sentido figurado, também o rei de Babilônia era um filho da aurora, que quis assentar-se “na montanha dos deuses” (Is 14,12). A estrela da manhã escatológica é Cristo. Pedro lembra aos fiéis a palavra profética: “como uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em vossos corações” (2Pd 1,19). O próprio Filho do Homem apresenta-se como realização de todas as promessas: “Eu sou o rebento da estirpe de Davi, a brilhante Estrela da Manhã” (Ap 22,16). De acordo com Ambrósio, Cristo é chamado com razão de Estrela da manhã; “assim como essa, ao nascer de manhã faz o mundo fulgurar, também Cristo, quando ele veio à terra, faz sua face iluminar de modo perfeito”. Com a exclamação “Ave, maria stella” (“Eu te saúdo, estrela do mar”), o hino da Igreja louva a Mãe de Deus, que está ao lado dos homens a apontar o caminho. Uma vez que ela, na existência

corporal, precede ao Sol Cristo como a aurora precede à luz do sol, ela é chamada de estrela da manhã na ladainha de Nossa Senhora.

O ‘ouro’¹⁶¹⁵ pautava-se com o sol no pensamento analógico do Oriente. Do faraó, o filho do deus solar Re, é nomeado “a montanha de ouro, que irradia por toda a terra”. O nascer do dia tem o valor do ouro. A hora da manhã tem ouro na boca. A raridade do metal, a sua inoxidabilidade e o seu brilho fizeram dele símbolos da luz celeste. De acordo com os fragmentos mitológicos de Ulgarit, a casa celeste de Baal é coberta de ouro e prata. O ouro era o metal relacionado com Enlil, o deus principal sumério. Na Índia antiga, o ouro era referência à imortalidade. A arca da aliança, feita de madeira de Acácia, estava coberta de ouro por dentro e por fora; sobre o propiciatório dourado, foram feitos “dois querubins lavrados com cinzel” (Ex 25,10-18).

O templo de Salomão irradiava como casa de Deus com o brilho do ouro; “ele revestiu de ouro o templo todo” (1Rs 6,20-30). Na verdade, o ouro não é divino, mas pode ser símbolo do Altíssimo. “Se o onipotente é teu ouro e tesouro e o consideras como prata do maior valor, então encontrarás teu prazer no Altíssimo e poderás erguer tua face para Deus” (Jó 22,25s). Escritos sapienciais afirmam que mais importante do que o ouro é a disciplina; e mais valioso do que ouro puro é o conhecimento (cf. Pr 8,10). A profecia messiânica de Isaías proclama que serão trazidos para o Senhor ouro e incenso e os homens “alegres anunciarão os portentos do Senhor” (60,6). O ouro indica o que é terreno e transitório (At 17,29; 1Pd 7,18).

Do ponto de vista do valor histórico-salvífico, os metais preciosos não passam de bens passageiros. Pois, muito mais valioso que ouro purificado no fogo é a fé em Cristo (1 Pd 1,7). Na primeira carta aos Coríntios (3,12), menciona-se o ouro entre os metais preciosos que um dia resistirão à prova de fogo do juízo. No fim dos tempos, o Filho do Homem portará uma coroa de ouro na cabeça (Ap 14,14). Representa-se, simbolicamente, a felicidade da nova vida pela cidade celeste “de ouro puro, semelhante a vidro límpido” (Ap 21,18). Nos Padres da Igreja, ouro é símbolo da realeza divina, assim também se interpreta o dom dos magos vindos do Oriente. Gregório Magno escreve, referindo-se à passagem de Mateus (2,11): “Também nós oferecemos ouro ao recém-nascido Senhor quando o reconhecemos

¹⁶¹⁵ LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993, p., 253-254.

por rei do universo”. O fundo cor de ouro das imagens e quadros medievais indica de maneira muito geral o que é supraterrâneo, o ser não visível e, de modo particular, a glorificação na nova Jerusalém. Também nas vestes e nos instrumentos litúrgicos, deve-se entender o ouro como reflexo da glória eterna.

O significado simbólico dos ‘vasos’¹⁶¹⁶ no mundo bíblico é diverso. De acordo com o material, forma e finalidade, o vaso de barro pode tornar-se figura da fragilidade, o cálice de ouro, expressão de dignidade régia. O vaso de barro é imagem da natureza terrena do homem e da mulher, bem como de sua dependência do Criador. “Senhor, Tu és o nosso Pai, nós somos a argila e Tu és o nosso oleiro, todos nós somos obras de Tuas mãos” (Is 64,7). Amiúde se chama a corporalidade do ser humano de vaso.¹⁶¹⁷ Em seus escritos, o Apóstolo Paulo sempre retomou o simbolismo do vaso: “O oleiro não pode formar da sua massa, seja um utensílio para uso nobre, seja outro para uso vil?” (Rm 9,21). Na segunda carta a Timóteo (2,20) se diz: “Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro, alguns para uso nobre, outros para uso vulgar. Aquele, pois, que se purificar destes erros será vaso nobre”.¹⁶¹⁸ Trazemos o brilho da luz do Evangelho como “tesouro em vasos de argila” (2Cor 4,7). Tesouro em vasos de argila, uma pessoa de fé, otimismo e resiliência, o traz nas mãos como entrega de si própria, do seu próprio eu.¹⁶¹⁹ Compreende que sua fé suporta situações quase intransponíveis, porque tem seu alicerce em Cristo e é mais valiosa que o ouro purificado no fogo. Tesouro em vasos de argila, uma pessoa de fé o traz com brilho no olhar. Porque “no rosto, os olhos são janelas abertas sobre o mundo, lâmpada que ilumina o corpo todo para enxergar o universo permeado de estrelas e penetrar os horizontes distantes”.¹⁶²⁰ Somos um vaso de argila carregando um tesouro (cf. 2Cor 4,7). Somos vasos frágeis, quebradiços, sujeitos a nos estilhaçarmos no primeiro embate. No entanto, o reconhecimento de nossas

¹⁶¹⁶ LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993, p., 95-96.

¹⁶¹⁷ LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993, p., 96-97

¹⁶¹⁸ LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993, p., 253-254.

¹⁶¹⁹ SCHROER, Silvia. Simbolismo do corpo na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2003, p., 195-230.; CELANO, Sandra. GUERRINI, Ivan Amaral. Mãos que tocam a alma: sugestões para uma educação transdisciplinar. São Paulo: TRIOM, 2008.

¹⁶²⁰ ROY, Ana. Tu me deste um corpo. São Paulo: Paulinas, 2000, p., 136.

fragilidades nos fortalece e possibilita sermos pessoas impregnadas do dom de Deus.¹⁶²¹

Afirmo que este Trabalho de Doutorado tem credibilidade. É valioso pela beleza e originalidade que adquiriu. Aqui, as palavras são “emendas de ouro”. Elas põem em relevo todos os reparos. A disposição do tema continua sendo útil e servirá de aporte para afirmar que independente do que ocorra em nossa vida, é possível prosseguir na fé em Jesus Cristo.¹⁶²² E é possível produzir uma teologia na perspectiva das vítimas,¹⁶²³ fazendo história na realidade das mesmas e sempre optando por elas.¹⁶²⁴ Asseguro que a obra é inacabada. Pois se o tema diz respeito às causas da Vida, esta, por si só, avança em contínuo processo de transformação: “Bem-aventurados os de espírito quebrado, pois através deles passa a luz”.¹⁶²⁵ Novamente, aprendo que fazer Teologia é uma “arte” configurada através do estudo, da imitação e da prática. Prossigo nos estudos, assimilando teoricamente as próprias leis da prática teológica e imitando o modo como os “artesãos e artesãs” da teologia praticam seu ofício. E ao reconstruir este Trabalho, tomo consciência de que no caminho e na reflexão teológica sob o prisma das vítimas, as lutas são eternas.¹⁶²⁶

No exercício teológico, adquire uma autêntica habilidade e uma sólida competência configuradas na força e determinação para recomeçar, reiniciar e reinventar. Pois, a meu ver, uma autêntica teologia cristã é produzida por pessoas que estejam impregnadas pelo Espírito do Vivente que “faz novas todas as coisas” (Apocalipse 21:5).¹⁶²⁷

A consciência das perdas, das quedas, das derrotas, me torna mais que vencedora. Porque a decisão de reunir meus pedaços e valorizar cada cicatriz, revela

¹⁶²¹ MOINGT, Joseph. O Homem que vinha de Deus. São Paulo: Loyola, 2008.

¹⁶²² SOBRINO, Jon. A Fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁶²³ SOBRINO, Jon. Jesus, o Libertador. A história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁶²⁴ PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. Opção pelos pobres. Petrópolis: Vozes, 1987. RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro A. (Org.) A opção pelos pobres no Século XXI. São Paulo: Paulinas, 2011.

¹⁶²⁵ AUDIARD, Michel. Apud: SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019. Paul Michel Audiard foi um roteirista e diretor de cinema francês, conhecido por seus diálogos espirituosos, irreverentes e cheios de gírias, que o tornaram uma figura proeminente no cenário cultural francês das décadas de 1960 e 1970. Ele era o pai do diretor de cinema francês Jacques Audiard. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Michel_Audiard. Acessado em: 21 de setembro de 2020.

¹⁶²⁶ AQUINO JUNIOR, Francisco de. A dimensão socioestrutural do Reinado de Deus: Escritos de Teologia Social. São Paulo: Paulinas, 2011.

¹⁶²⁷ AQUINO JUNIOR, Francisco de. Viver segundo o Espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento. São Paulo: Paulinas, 2014.

o quanto sou maior do que os problemas da vida: “Eu sou maior do que era antes. E sou melhor do que era ontem. Eu sou filha do Mistério e do Silêncio. Somente o tempo vai me revelar quem sou”.¹⁶²⁸ E por que não ousar Ser...?¹⁶²⁹ Aqui, reafirmo uma teologização calorosa e multifacetada no silêncio.¹⁶³⁰ Porque o silêncio intensifica a consciência e a sintoniza com a dimensão misteriosa do divino. O silêncio é lugar sagrado da escuta, onde Deus nos chama e nos envia. O silêncio teológico é uma fonte de comunicação e não tolera violência unidimensional. O silêncio contribui para o ser interior, para as alianças humanas, para a alegria da criação, para a admiração humilde da surpreendente revelação divina. A escuta silenciosa da Palavra transforma o ser humano, tem espírito ecumênico e inter-religioso, assume responsabilidades sociopolíticas e ambientais. Os eventos contemporâneos são relidos com base em recursos bíblicos, proféticos e eclesiais.

Mudanças importantes em nossa vida, sem dúvida exigem muita coragem, determinação e empenho. É urgente auscultar e experienciar o silêncio amoroso de Deus.¹⁶³¹ É necessário crer no Vivente,¹⁶³² no Deus vivo e verdadeiro.¹⁶³³ É imprescindível olhar para as “feridas expostas” do Crucificado-Ressuscitado¹⁶³⁴ e enxergar nelas¹⁶³⁵ a Luz da Luz que quer entrar e habitar em nós. Porque “se o teológico foi marginalizado na era da modernidade secular ocidental, agora ele voltou com toda a força”.¹⁶³⁶ Aqui se encaixa a afirmação do poeta, jurista e teólogo persa Rumi:¹⁶³⁷ “A ferida é por onde a luz entra em você”.

Inspiro-me na ideia do Kintsugi para ganhar coragem e iniciar uma nova etapa de minha vida. Sei que me mantendo a caminho, terei outros obstáculos, outras

¹⁶²⁸ NASCIMENTO, Milton. BLACK. Dani. Maior. Composição: Dani Black. Música: Milton Nascimento. Álbum: Dilúvio. 2015.

¹⁶²⁹ ZIZEK Slavoj. O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política. São Paulo: Boitempo, 2016, p., 329-412.

¹⁶³⁰ PAINADATH, Sebastian. La fuerza transformadora del silencio contemplativo. Em: Concilium/363, novembro, 2015, p., 35-46. Recomendo a leitura de todos os ensaios desta edição que abordam o tema monográfico “Silêncio”. Aqui, internalizamos e redescobrimos itinerários e conteúdo do silêncio no mundo de hoje.

¹⁶³¹ EVDOKIMOV, Paul. O silêncio amoroso de Deus. São Paulo: Editora Santuário, 2007.

¹⁶³² SCHILLEBEECKX, Edward. Jesus, a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008.

¹⁶³³ LADARIA, Luis F. O Deus Vivo e Verdadeiro: O Mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

¹⁶³⁴ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. O Jesus Histórico. Um Manual. São Paulo: Loyola, 2002. PAGOLA, José Antonio. Jesus: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.

¹⁶³⁵ ZIZEK, Slavoj. A visão em paralaxe. São Paulo: Boitempo, 2008.

¹⁶³⁶ ZIZEK, Slavoj; MILBANK, John. A monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética? São Paulo: Três Estrelas, 2014, p., 7.

¹⁶³⁷ Sobre Rumi, conferir: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jalaladim_Maom%C3%A9_Rumi. Acessado em: 20 de setembro de 2020.

quedas, outras derrotas. Mas há um diferencial aqui, pois caso isso ocorra, sempre poderei me restaurar com o ouro da coragem, da força e do amor, dons valiosos do Espírito que continuamente me capacita, anima e revigora. Porque ponho a minha alma nisso, escrevo e proclamo da maneira como sinto a teologia.¹⁶³⁸ E cada vez mais descubro que a simplicidade é a realização máxima para tornar-me uma teóloga com potencial evangelizador e libertador da espiritualidade popular dos pobres.¹⁶³⁹ A simplicidade é virtude unida à verdade. Os simples de coração são transformados pela luz da Verdade que liberta de todo condicionamento ou distorção.

A simplicidade interior perante Deus e a própria consciência torna a pessoa humana mais aberta ao diálogo com todos, mais respeitosa das opiniões alheias e mais amante da verdade objetiva, verdade essa inscrita no íntimo da consciência e revelada totalmente em Cristo, nosso Salvador.¹⁶⁴⁰

Através deste Trabalho de Doutorado, tecido com empenho e dedicação, adquiri muitos conhecimentos na área de Teoria Teológica e em vários âmbitos das Ciências Humanas. Entretanto, o maior ensinamento ocorreu no chão da realidade das vítimas,¹⁶⁴¹ onde se situa meu lugar teológico. E reler o que escrevi à luz da própria experiência, habilita-me ao exercício de autoconhecimento.¹⁶⁴²

Todas as vezes que leio um livro ou um dicionário com verbetes teológicos, inclino-me com reverência a cada autor.¹⁶⁴³ Procuo discernir as leituras e averiguar quais os lugares teológicos em que foram escritos. Também reflito acerca da utilidade e da repercussão que esta leitura faz em minha vida. Porque, para aprender a consolidar o aprendido, é necessária uma atitude receptiva; é preciso tempo para se adquirir uma sensibilidade especial e uma fortaleza emocional extraordinária.

No primeiro quadriênio do doutorado, tive muita pressa para escrever este Trabalho. Minha meta era defender em tempo hábil e com sucesso. No entanto,

¹⁶³⁸ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

¹⁶³⁹ SCANNONE, Juan Carlos. A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.

¹⁶⁴⁰ DE CEA, Emetério. Simplicidade. In: Dicionário de Mística. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 877-878.

¹⁶⁴¹ ZIZEK Slavoj. Vivendo no fim dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2012.

¹⁶⁴² NHAT HAHN, Thich. O milagre da atenção plena: uma introdução à prática da meditação. Petrópolis: Vozes, 2018

¹⁶⁴³ ZIZEK Slavoj. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

esqueci um fator essencial e primordial: a capacidade para discernir que na vida nem tudo vem como a gente quer e almeja. Faltou-me clareza para perceber que a realidade é muito mais cruel e dolorosa do que aquela que eu refletia.¹⁶⁴⁴ Faltou-me compreender que enquanto eu me concentrava e focava todas as minhas forças neste trabalho, a própria realidade onde ele se desenvolvia, se rebelava contra mim. Várias foram as lutas. Algumas, consegui suportar. Outras, conseguiram me derrotar. Faltou-me consciência de que além de meu trabalho e eu, a realidade repercutia, ardia e doía.¹⁶⁴⁵

Diante da realidade da vida, é imprescindível conviver com a adversidade e a dor. Reconstruir a vida e, com ela, um Trabalho de Doutorado, é um processo complexo que passa por diversas fases, pois no momento em que sofremos um golpe que nos sacode e nos quebra em mil pedaços, é difícil ver os fatos com clareza. Ficamos incapazes de pensar. Apenas vemos a dor cobrir nossa vida e nosso ser. Nos expandimos para nosso passado e nosso futuro. Nossa atenção torna parcial e distorcida. Tentamos olhar para a frente, para o futuro e não enxergamos mais que solidão, medo, caos e tristeza. Olhamos para trás e não entendemos nada. E, no meio de tanto desespero, esquecemos de olhar para o lado, para ver se há alguém em quem confiarmos, alguém em quem nos apoiarmos. Inspirando e expirando, recordamos que somos amados. E que o amor nos torna fortes.

Kintsugi é a arte de recompor a vida. A noção das “perdas traumáticas” possibilita a recuperação do domínio da própria vida, das emoções, do sentir e do fazer. Adquirimos autoconfiança. Aprendemos a reconstruir e recompor a vida numa postura de aceitação, de acolhida e disposição. Encontramos a força motriz e o impulso que permitem iniciar e reiniciar a recomposição da vida. Interiorizando e meditando, resgatamos o “amor primeiro”. E o passo que damos vai em direção ao silêncio. Somos artífices de nossa vida. Importa contemplar em toda a sua plenitude aquilo que doeu para identificar a magnitude do dano. A qualquer momento, podemos impor uma guinada em nossa vida, a virada que desejamos, a que sonhamos, a que necessitamos. E para conseguirmos isso, devemos começar reconstruindo nossa vida, nosso sofrimento e nosso presente. Compreender o que aconteceu e aprender com o ocorrido.

¹⁶⁴⁴ ZIZEK Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real! Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.

¹⁶⁴⁵ ZIZEK Slavoj. O amor impiedoso (ou sobre a crença). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Nestes tempos de pandemia que assola a Terra, nossa Casa Comum tão ferida, tenho me inspirado na filosofia do Kintsugi. E ao longo de todo o processo de cura terapêutica e reescrita para recuperar este precioso trabalho, aprecio sua unidade e todo o seu brilho. As pessoas mais sensíveis e que leem as entrelinhas verão que adornei textos com ouro de silêncio, de meditação, de testemunho presentes cada dia.¹⁶⁴⁶ O silêncio nos permite a comunhão com Deus e com seu Mistério.¹⁶⁴⁷ Para São Gregório Magno, o silêncio é a “casa do místico”; e para o místico, Deus é o “Senhor do silêncio”.¹⁶⁴⁸

Não é à toa que o Kintsugi se inscreve no pensamento japonês do *wabi sabi*. *Wabi* significa “humildade face os fenômenos naturais”. *Sabi*, significa o que sentimos face ao trabalho do tempo ou dos seres humanos, incentivando-nos a reconhecer a beleza que reside nas coisas simples, imperfeitas ou atípicas. Quando acolhemos o *Wabi Sabi*, estamos na contracorrente dos modelos padronizados e artificiais modernos. *Wabi Sabi* nos convoca à contemplação e ao desprendimento com relação à perfeição. *Wabi Sabi* ressalta o caráter irreversível do tempo que passa e o aspecto efêmero de todas as coisas, incitando-nos a apreciar a humilde beleza das coisas simples, patinadas pelos anos e pelas provações.

Meu percurso na reconstrução deste trabalho possui um simbolismo forte, pautado na resiliência, na aceitação, no entusiasmo e no otimismo. A arte ajuda a viver. O Kintsugi, esta arte de sublimar as feridas, ajudou-me a transcender as provações. Às vezes, a ferida é física (a bateria do notebook que queima ou o notebook com todo o seu trabalho pronto que levam, um acidente de carro, uma mastectomia, uma doença, amputação, deficiência, velhice, queimadura, agressão, etc.) ou emocional (rompimento de amizade ou amoroso, divórcio, luto, depressão, perda do emprego, perda de familiares, abandono, alvo de boato, infância dolorosa, inveja, a saída de uma instituição religiosa, um assassinato trágico na família, etc.).

Na vida, há imprevistos, um movimento em falso, um choque, a queda. É preciso aceitar e dar a volta por cima para juntar os cacos. É preciso decidir e optar para se dar uma segunda chance e uma segunda vida ao trabalho, em vez de

¹⁶⁴⁶ LUBAC, Henri de. Budismo y Cristianismo. Salamanca-España: Ediciones Sígueme, 2006.; HART, William. Meditação Vipassana: a arte de viver segundo S. N. GOENKA. Rio de Janeiro: Dhamma Livros, 1987.

¹⁶⁴⁷ BINGEMER, Maria Clara; CASARELLA, Peter (Organizadores). Testemunho: profecia, política e sabedoria. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2017.

¹⁶⁴⁸ BALDINI, Massimo. Silêncio. Em Dicionário de Mística. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 968-970.

descartá-lo. O trabalho teológico estava quase pronto. Eu estava tão empolgada em concluir que acabei pulando etapas. Não reparei o passo a passo. É preciso ser criativa e ousar diferente. Por isso, procuro concentrar-me e representar mentalmente o trabalho reparado em todo o seu esplendor. Tenho considerado cada etapa que retorno a escrever como um novo ciclo. E com ele, procuro resplandecer. Asseguro que tem me ajudado a cuidar das feridas, a transformar linhas de fissura em linhas de força e os cacos de minha vida em estilhaços de riso.

Cada vez que releio este trabalho, me ilumino. Parece que cada item, cada parágrafo, cada frase, cada palavra, ganham vida. Exclamo: “Está magnífico!” Michel Houellebecq¹⁶⁴⁹ dizia que “são os métodos que utilizamos que determinam o valor de uma causa”. A técnica do Kintsugi¹⁶⁵⁰ nos ensina a reparar passo a passo e por etapas. Após explorar, experimentar e exercitar a realidade, iniciar as etapas com consciência atenta.

Neste sentido, diante dos danos, vamos à primeira etapa: sentir, aceitar, decidir, escolher, imaginar, visualizar. Sentir um imprevisto, um movimento em falso, um choque, a queda...; aceitar a realidade, dar a volta por cima e juntar os cacos; decidir, dando-se uma segunda chance e uma segunda vida ao objeto em vez de jogá-lo fora; escolher e estudar as diferentes técnicas de reparo existentes; imaginar com criatividade ousando pensar diferente; visualizar e concentrar representando mentalmente o objeto reparado em todo o seu esplendor. Neste tempo, meditar.¹⁶⁵¹

Na segunda etapa, reconstruir cuidadosamente. Daí a importância de preparar, reconstituir, transformar, juntar, preencher, associar. Preparar, limpando os pedaços do objeto, reunindo todas as ferramentas e protegendo-se; reconstituir observando e montando o “quebra-cabeça” para preparar o reparo; transformar convertendo o veneno em antídoto; juntar preparando e aplicando; preencher, se acaso faltar uma

¹⁶⁴⁹ Sobre Michel Houellebecq: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Houellebecq. Apud: SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 15.

¹⁶⁵⁰ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 15-19.

¹⁶⁵¹ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 14-19.

peça; associar inspirando-se e preenchendo o vazio de maneira original. Neste tempo, meditar.¹⁶⁵²

Na terceira etapa, ser paciente e, aos poucos, remover, manter, respirar, depositar, limpar, deixar. Remover, raspando a matéria supérflua com uma ferramenta e limpando com essência; manter, fixando as peças no lugar; respirar, pois a laca é viva; depositar o objeto e conservá-lo; limpar, a cada etapa, os instrumentos e arrumando cuidadosamente seu material para a próxima vez; deixar e esperar pacientemente entre sete e catorze dias. Neste tempo, meditar.¹⁶⁵³

Na quarta etapa, reparar atentamente e lixar, tocar, aplicar, concentrar-se, acrescentar, reanimar. Lixar o objeto, limpando os vestígios; toque, certificando-se de sua superfície e linhas de fissura; aplicar, passando com esmero, sobre todas as cicatrizes; concentrar-se, respirando regularmente; acrescentar, dando polimento na superfície; reanimar, percebendo as cicatrizes cobertas e protegidas.¹⁶⁵⁴

Na quinta etapa, revelar e, desta forma, iluminar, recuperar, desvelar, proteger, personalizar, resplandecer. Iluminar, colocando o pó de ouro num pincel ou num tubo de aplicação e salpicando-o delicadamente sobre a laca ainda viscosa (sem tocá-la, pois, ainda está fresca). Recuperar, com a ajuda do pincel, juntando o pó de ouro excedente e guardando-o para sua próxima criação. Em seguida, colocar novamente o objeto dentro da caixa (muto) para deixá-lo secar e endurecer de dois a três dias. Desvelar o excesso de pó de ouro, revelando as cicatrizes douradas; uma vez seca a laca, passe uma bola de algodão de seda para retirar o excesso de pó de ouro e revelar estas cicatrizes douradas. Proteger, passando novamente uma fina camada de laca protetora para estabilizar o ouro, que você calafetará delicadamente cinco minutos depois. Deixar secar novamente, por 24 horas. Personalizar, adotando a ferramenta mais adequada e com a qual você “conversará” melhor para polir o ouro. Alguns mestres Kintsugi utilizam uma pedra de ágata, outros de marfim, dentes de peixe, uma pedra de hematita etc. Resplandecer, dando um polimento ao objeto com uma mistura de óleo e pó de ouro, utilizando o polidor que tiver escolhido para fazer o ouro cintilar. Neste tempo, meditar.

¹⁶⁵² SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 24.

¹⁶⁵³ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 30.

¹⁶⁵⁴ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 35.

Na sexta etapa, o sublime. E aqui, a importância de observar, admirar, contemplar, sentir, assumir, expor. Observar, tomando certa distância e contemplando o objeto reparado e sublimado em toda sua unidade, exibindo nobremente suas cicatrizes de ouro. Admirar, notando como o objeto quebrado reencarnou numa obra de arte preciosa, única e inestimável. Contemplar, lembrando-se da história que esse objeto carrega em suas cicatrizes. Sentir que a laca endureceu ao secar; sentir como o objeto está ainda mais sólido do que antes do reparo. Assumir, aceitando com orgulho a imperfeição. O objeto fica ainda mais bonito e precioso depois de quebrado e reparado. Exponha-o, apresentando sua criação aos amigos. Contar sua história para inspirar os outros e transmitir a ideia de que é possível reparar-se. Cuidar de suas feridas, transformando suas linhas de fissura em linhas de força. Tornar-se um vaso iluminado com cicatrizes de ouro.

Seja qual for a experiência que vivenciamos, seja ela física ou psicológica, nossa impressão é de que ela é insuperável. Os acontecimentos que vivenciamos, deixam-nos em carne viva: como uma ferida aberta, revelam suas fissuras, suas fragilidades, alcançando recessos antigos de nossa alma. Mas também daqui, extraímos uma força insuspeita para nos reconstruirmos numa versão melhor para nós mesmos. O sofrimento precisa ser expressado para ser superado: se reconhecemos a existência da dor, se permitirmos que ela se exprima, ela poderá, então, se exteriorizar, depois debandar.

Tudo o que somos e produzimos com amor pelas causas da vida, revela-se como uma joia que merece ser reparada com ouro. Pois, quando optamos reparar o que quebrou, não apenas reconhecemos seu valor, como o aumentamos, desenvolvendo uma afeição ainda mais profunda pelo objeto. Porque “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.¹⁶⁵⁵

A arte do Kintsugi é a de trabalhar sobre os vazios a preencher, tratar a peça quebrada de maneira respeitosa e harmoniosa. Às vezes, faltam pedaços e é necessário recriá-los pacientemente. Ao recompor este Trabalho, precisei de tempo, pois os traumas das perdas vêm sempre à tona. Aos poucos, adquirei autonomia para escolher estratégias, tais como, celebrar minhas perdas: a perda de entes queridos, a não realização de meus sonhos, o luto, etc. Tudo isso, exercitando

¹⁶⁵⁵ Sobre LAVOISIER Antoine-Laurent, Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Antoine_Lavoisier. Apud: SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição, p., 73.

a paciência e a aceitação. E neste exercício, tenho feito a distinção entre o supérfluo e o essencial. Aos poucos, identifico o que é importante, o que é prioridade em minha vida. E aqui, a perseverança realiza as grandes obras. A arte do Kintsugi está presente para nos lembrar que o mais importante é o caminho que estamos percorrendo. Da mesma forma que a espera faz parte do processo de cura do objeto, na vida também devemos aprender a ter paciência para melhor cicatrizar. A importância de “dar-se tempo”. A importância de assumir uma postura humilde face a passagem do tempo. “Para curar efetivamente, até o fundo da alma, é preciso lembrar que não tocamos numa cicatriz recém-cicatrizada cedo demais, sob pena de vê-la reabrir e talvez até infeccionar”.

Após a espera, chega finalmente o momento tão aguardado. Aquele em que salpicamos o ouro sobre as linhas de fissura. E tudo o que vemos, é ouro escorrendo sobre as cicatrizes. Nas entrelinhas das frases e na exposição das palavras, a paciência, a resiliência e a aceitação se revelam como o ouro purificado pelo fogo. Símbolo forte, o ouro representa a pureza, a perfeição, o precioso, a luz. Após vivenciar várias etapas de cura, todos os esforços e progressos, sinto-me pronta para resplandecer com simplicidade. Porque junto ao Trabalho, acompanha o meu Ser. Tanto um como o outro receberam um cuidado especial. Neles foram recolocados ouro, luz e vida. Aprendo que o importante é presente em cada dia. Aprendo que é admirável cuidar de minhas feridas e salpico-lhes ouro, recupero minha leveza e meu brilho, reintroduzo o riso no meu cotidiano. Transformo minhas feridas em risadas, reato com meu mestre interior, passo mais tempo com minha criança interior, pois “os momentos preciosos são o ouro da nossa vida”.

A arte do Kintsugi é um lazer exigente. Pode ser praticada com qualquer metal: ouro, prata, cobre, latão, etc. Mas é de fato o ouro que seduz, pois é carregado de um simbolismo milenar, sendo venerado pela maioria das civilizações do mundo como o metal mais precioso, padrão de valor para todas as trocas. O ouro é muito precioso e caro, se o executarmos nas regras da arte, com ouro verdadeiro. Suas virtudes físicas explicam um pouco isso: inalterável, inoxidável, não alérgico, excelente condutor térmico e elétrico, facilmente lustrável, é também dúctil e maleável: podemos transformá-lo com facilidade, seja num cabo com a espessura

de um fio de cabelo ou numa folha tão fina (1/10.000 avo de milímetro) que chega a ser translúcida. Mas sua aura vai muito além de suas propriedades.¹⁶⁵⁶

Luminoso, o ouro tem o brilho do sol. De origem cósmica, sagrado, até mesmo divinizado, representa o conhecimento absoluto, a pureza, a espiritualidade e a perfeição. Portanto, façamos o ouro brilhar. É nossa vez de resplandecer. De, finalmente, existir. Este é o momento-chave, aquele em que a nossa aparência exterior reflete nossos progressos interiores. É hora de nos reerguermos e assumirmos nosso brilho, nossa luz.

No silêncio e na solidão, nós observamos melhor. Neste sentido, para acolher o ano de 2020, presenteei-me com um retiro de dez dias de meditação Vipassana.¹⁶⁵⁷ Em fevereiro, fomos surpreendidos pela pandemia que aflige o planeta. Penso: “Isso também passará”. Tomo consciência de que “a pandemia reedita feridas não curadas” e me comprometo em cuidá-las com carinho e atenção. À medida que cuido do meu interior, intensifica o desejo de concluir este Trabalho e apresentá-lo. A prática da consciência plena e da meditação Vipassana se integram com a sua reconfiguração. Destarte, vivo com intensidade e com consciência de que prossigo inimitável.

O que ocorreu comigo e meu Trabalho de Doutorado, suscitou muitas lágrimas, muita dor. Tive ajuda terapêutica, mas eu também me ajudei. Guardei e meditei todos os fatos no mais profundo de meu coração. Inspirei-me no precioso cântico de Maria, o Magnificat, e esculpi as palavras em compaixão e misericórdia. Em Maria, “sábua mistagoga”, Deus uno e trino fez nela “grandes coisas” (Lc 1,49): o mistério salvífico da Encarnação do Verbo e a graça de uma fé exemplar e indefectível.¹⁶⁵⁸ Por isso afirmo que as palavras hão de ser como o ouro purificado na chama viva do Deus Amor, Santo, Poderoso e Misericordioso que exalta os humildes (Cf. Lc 14, 11; 18,14):

Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador; porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque me fez grandes coisas

¹⁶⁵⁶ SANTINI, Célini. *Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição*. São Paulo: Planeta, 2019, p., 85.

¹⁶⁵⁷ LUBAC, Henri de. *Budismo y Cristianismo*. Salamanca-España: Ediciones Sígueme, 2006. Cf. HART, William. *Meditação Vipassana: a arte de viver segundo S. N. GOENKA*. Rio de Janeiro: Dhamma Livros, 1987.

¹⁶⁵⁸ DE FIORES, Stefano. Maria. Em: *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 662-671.

o Poderoso; e santo é seu nome. E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem. Com o seu braço agiu valorosamente; dissipou os soberbos no pensamento de seus corações. Depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, E despediu vazios os ricos. Auxiliou a Israel seu servo, recordando-se da sua misericórdia; como falou a nossos pais, para com Abraão e a sua posteridade, para sempre (Lc 1,46-55).

Este cântico é a expressão máxima da misericórdia e compassividade de Deus transbordando como tesouro precioso em vasos de argila, modelados com ouro em pó. Grãos de ouro em pó que seguem banhando o Universo e a Terra com as partículas dos luminares mais brilhantes, as estrelas.

Comparando a arte de escrever, propagar e proclamar com a arte do Kintsugi, adiciono a arte de esculpir uma escultura. A escultura é um domínio em que os acidentes são, às vezes, inevitáveis. Um golpe de buril mal aplicado, um choque inesperado, um cinzel que escorrega, e vem o drama: tudo deve ser refeito! Quantas obras primas desapareceram assim? O artista deve jogar com as veias ocultas da pedra, sua maciez ou sua dureza. François-Auguste-René Rodin, considerado o pai da escultura moderna, gostava de jogar com essas dificuldades do seu trabalho. Ele é conhecido por ter regularmente integrado à sua arte uma parte do acaso, estimulando acidentes no âmago de seu processo criativo e não hesitando em expô-los ou distorcê-los. Por exemplo, a uma de suas alunas que quebrara uma escultura, ele disse: “Enxugue as lágrimas, querida, e deixe-me mostrar-lhe que o que sobrou é suficiente para você exprimir sua intenção. [...] Convém aprender a se apropriar do acidente e transformá-lo em silêncio”.¹⁶⁵⁹

No silêncio consciente, os vazios são preenchidos, as feridas são tratadas, cicatrizadas e revestidas de ouro. Daí a importância de aproveitar as oportunidades da vida e retirar-se, a fim de nos encontrarmos face a nós mesmos, com aceitação, com simplicidade e autenticidade. A vida e as feridas que sofremos sempre nos oferecem uma segunda chance. Os tempos de silêncio e meditação atenta nos possibilitam avaliar progressos e todo o caminho percorrido. Também nos possibilitam fincar as bases de nossa nova vida. Neste tempo, tenho transformado estes momentos num compromisso cotidiano irrevogável.

Fiódor Dostoiévski, dizia que a verdadeira dor, aquela que nos faz sofrer profundamente, torna o ser humano incosequente mais sério e constante: “Até

¹⁶⁵⁹ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 216.

mesmo os pobres de espírito ficam inteligentes após uma grande dor”.¹⁶⁶⁰ As cicatrizes mostram o caminho que percorremos. Testemunhas de nossas experiências e de nosso passado, elas revelam e dizem que vivemos e sobrevivemos. Trata-se de lembrar e celebrar para utilizar como ponto de apoio rumo a um novo ciclo.¹⁶⁶¹ As provações nos enrijecem e fortalecem. “O mundo quebra os indivíduos. Mais tarde, alguns ficam mais fortes no lugar da fratura”.¹⁶⁶² O importante é assumir as imperfeições. Este é o paradoxo do Kintsugi: é sua imperfeição que lhe confere valor. Curado pelo ouro, expondo suas cicatrizes. Sua preciosidade é tanto maior quanto mais fraturas ele conservar em sua memória. São as fragilidades que desvelam nossa humanidade. Nelas reside nossa força.¹⁶⁶³ O Kintsugi¹⁶⁶⁴ nos ensina a assumir essa nova nobreza de sentirmo-nos perfeitamente imperfeitos. Pois são as imperfeições que, paradoxalmente, conferem valor às coisas e às pessoas, imprimindo-lhes uma alma extra. Não é o que sentimos quando interiorizamos os Salmos? Não nos sentimos tal qual o salmista ao celebrar e agradecer a fidelidade e lealdade de Deus, solicitando que se mantenha completando sua obra inacabada?¹⁶⁶⁵

Eu te celebro de todo o meu coração, diante dos deuses eu te canto. Eu me prosterno em direção do teu templo santo e celebro o teu nome, por causa da tua fidelidade e da tua lealdade, pois fizeste promessas maiores que teu renome. No dia em que chamei e em que me respondeste, estimulaste as minhas forças. Que todos os reis da terra te celebrem, Senhor, pois ouviram as promessas da tua boca. Que cantem nos caminhos do Senhor: “Grande é a glória do Senhor! Por mais alto que seja o Senhor, ele vê o mais humilde e reconhece de longe o orgulhoso.” Se eu caminhar em plena aflição, tu me fazes reviver tu avanças tua mão contra os meus

¹⁶⁶⁰ Sobre DOSTOIÊVSKI, Fiódor: <https://educacao.uol.com.br/biografias/fiodor-dostoievski.htm>. Apud: SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 221.

¹⁶⁶¹ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 221.

¹⁶⁶² HEMINGWAY, Ernest. Citado em SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 225.

¹⁶⁶³ SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019, p., 232.

¹⁶⁶⁴ NAVARRO, Tomás. Kintsugi: a arte japonesa de aceitar suas imperfeições e encontrar a felicidade. São Paulo: Benvirá, 2019.

¹⁶⁶⁵ ZIZEK, Slavoj. A Marioneta e o Anão: o Cristianismo entre perversão e subversão. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

adversários, e a tua destra me torna vencedor. Ó Senhor, tua fidelidade é para sempre! Não abandones as obras de tuas mãos! (Sl 138,1-8)

De fato, este Trabalho é o “Kintsugi de meu renascimento”. Ele tornou-se símbolo de criatividade. Transmite uma mensagem de esperança, um aviso de que as coisas podem efetivamente ser reparadas. Aprendi a aceitar os acontecimentos trágicos, a tomar consciência da beleza de minhas imperfeições e de meu percurso de vida. Ao resgatar a “essência”, aprendo a olhar e assumir a realidade com ternura. Uma ternura definida como “força, sinal de maturidade e vigor interior”.¹⁶⁶⁶ Ternura que desabrocha somente em um coração livre, capaz de ofertar e receber amor”. Aprendi que palavras curam e não de ser ouro na minha vida e na vida de todas as pessoas. Aqui se encaixa a frase de Albert Einstein: “A criatividade é contagiante. Espalhe-a”.¹⁶⁶⁷

Destarte, trago estes tesouros em vasos de argila. Talvez eles venham a se quebrar acidentalmente. Mas para se tornarem ainda mais preciosos, depois de cicatrizados com o ouro. Portanto, consciente de que tenho direito e que conseguirei empreender uma nova vida, recomeço mantendo estes tesouros sempre presentes:

Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, E a paciência a experiência, e a experiência a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rom 5,1-5).

5.2.b. O verdadeiro Espírito de Misericórdia é o Espírito de Deus

Por isso, importa esforçar-nos por enternecer os nossos corações e nos tornar sensíveis aos sofrimentos e às misérias do próximo, e pedir a Deus que nos comunique o verdadeiro Espírito de Misericórdia, que é o próprio Espírito de Deus.¹⁶⁶⁸

¹⁶⁶⁶ ROCCHETTA, Carlos. Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir. São Paulo: Paulus, 2002, p., 9.

¹⁶⁶⁷ EINSTEIN, Albert. Apud: SANTINI, Célini. Kintsugi: a arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo, Planeta, 2019, p., 237.

¹⁶⁶⁸ SÃO VICENTE DE PAULO. *Sobre o Espírito de Compaixão e de Misericórdia*. Tomo XI. Colóquio 152, p., 349.

É preciso prosseguir fixando o olhar e o coração no “relato de Deus”: as vítimas da história. Aqui retomo a frase motivadora que tem me acompanhado em todas as etapas deste trabalho. É a frase do Pe. Antônio Vieira, quando ele diz que “as palavras hão de ser como estrelas”. Faço alusão à técnica japonesa do *Kintsugi* e confirmo que “as palavras hão de ser como ouro”. Encontramo-nos escrevendo e salvando com agilidade para não perder cada grão deste “ouro” que à medida que o tempo passa, torna-se precioso ao coração e à memória como compaixão-opção pelas vítimas da história.

Encontramo-nos no século XXI, ano de 2020, tempo de Pandemia da Covid-19. Tantas coisas (pequenas tragédias) já ocorreram nestes meses. Perdas materiais que afetam nosso cotidiano. No entanto, podemos usufruir deste “Evento Pandemia” em oração e evoluir um pouco mais no autoconhecimento¹⁶⁶⁹ e na espiritualidade. Podemos praticar algumas técnicas, *Mindfulness*¹⁶⁷⁰ e *Vipassana* que, aos poucos, tornam-se hábitos em nossa vida, pois proporcionam bem-estar físico, emocional, espiritual. *Mindfulness* significa atenção plena. Uma meditação consciente da realidade. A própria respiração é atenção plena. Aqui, praticamos meditação em todo o tempo. Enquanto andamos, quando estamos de pé, deitada, sentada, trabalhando, lavando as mãos, lavando os pratos, varrendo o chão, bebendo uma xícara de chá, conversando com amigas e amigos através das redes sociais, escrevendo, etc. Ou seja, colocando a devida importância naquilo que realizamos. Aqui, cada ato é conduzido em estado de atenção plena. Cada ato é um rito, uma cerimônia.¹⁶⁷¹ *Vipassana* significa a percepção que permite tomada de consciência ou *insight*, em *páli*.¹⁶⁷²

¹⁶⁶⁹ LELOUP, Jean-Yves. *Caminhos da realização: dos medos do eu ao mergulho no Ser*. Petrópolis: Vozes, 1996. LELOUP, Jean-Yves. *Carência e plenitude: elementos para uma memória do essencial*. Petrópolis: Vozes, 2001. BENSaid, Catherine; LELOUP, Jean-Yves. *O essencial no amor: as diferentes faces da experiência amorosa*. Petrópolis: Vozes, 2006.

¹⁶⁷⁰ WILLIAMS, Mark. *Atenção plena*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015. Ver também: SILVERTON, Sarah. *A revolução Mindfulness: um guia para praticar atenção plena e se libertar da ansiedade e do estresse*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018. FRIARY, Vítor. *Mindfulness para crianças: estratégias da Terapia Cognitiva baseada em Mindfulness (MBCT) – manual ilustrativo para pais, educadores, psicólogos e psiquiatras*. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018. SHAMASAH, ALDINA. *Mindfulness para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. BARROS, Lúcia. *Mindfulness em família: como desenvolver a Presença Plena e ensinar a seus filhos valores que podem transformar o mundo*. São Paulo: Fontanar, 2019. HARRIS, Dan. *Meditação para céticos e ansiosos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. ODIER, Daniel. *Abra as portas da felicidade: 19 meditações para você viver de forma autêntica e plena*. São Paulo: Cultrix, 2019.

¹⁶⁷¹ NHAT HANH, Thich. *O milagre da atenção plena. Uma introdução à prática da meditação*. Petrópolis: Vozes, 2018, p., 40-41.

¹⁶⁷² HART, William. *Meditação Vipassana: A arte de viver segundo S. N. Goenka*. Rio de Janeiro: Dhamma Livros, 2019, p., 14.

Da mesma forma, uma leitura orante e meditativa, um contato mais intenso e contextualizado com os Textos Sagrados, nos esculpem e fortalecem nossa mística e espiritualidade para apreendermos e aceitarmos a realidade. Por isso, neste momento, à medida que toco nas teclas do computador, tomando consciência de cada frase que se configura em minha mente, o discernimento e a sabedoria prosseguem enquanto inspiro e expiro. As palavras vão se amoldando ao que que é essencial. Sinto entusiasmo, como chama acesa a iluminar, pois enquanto aqui no Brasil muitos dormem, trabalho como os trabalhadores da primeira hora, na madrugada. No entanto, percebendo-me neste mundo globalizado, conecto-me com todos os trabalhadores também da segunda, terceira, quarta e última hora, pois em cada realidade desta nossa Casa Comum, há um momento significativo para todos os trabalhadores, para todos que insistem em *semear*.

Nesta jornada de reconfiguração deste Trabalho, muitas vezes desanimei, prostrei e me levantei. E como a Palavra que me desperta em cada manhã e em cada momento, há uma chama dentro de mim, reacendendo o “amor primeiro” e a convicção de que conseguirei concluir este ciclo. Retomo um registro que fiz e encontrei recentemente entre os arquivos que vou guardando na memória do computador. Um desses, acrescento aqui, pois ele faz parte desta realidade que vivencio:

Hoje, 05 de setembro de 2019, exatamente às 04h40, acordei com frio e intrigada com o sonho que tive com Mainha (+ 1993) e Painho (+2003). Se não tivesse me levantado apressadamente, para escrever o que meu pai me pedia no sonho, não teria percebido que chove muito e não pensaria nas pessoas que se encontram mendigando pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Especialmente, aquelas que dormem embaixo dos viadutos. Nestas ocasiões, sempre recorro do tema de uma reflexão do Teólogo Gustavo Gutierrez que empodera esta realidade não virtual, mas essencialmente cruel, a qual, mesmo silenciosamente, ecoa como um clamor estridente ao redor do mundo neste tempo de “economia planetária”. “Onde dormirão os pobres? _ Uma reflexão que nos interpela até o momento: Será mesmo que neste “mundo da revolução tecnológica e da informática, da ‘globalização’ da economia, do neoliberalismo e do pretense pós-modernismo”, há lugar para os que hoje são pobres e marginalizados? Há lugar para os refugiados? Há lugar para as vítimas da história “que buscam libertar-se de uma condição inumana que esmaga sua condição de pessoas e filhos de Deus?”¹⁶⁷³ Ao tomar a minha xícara de chocolate quente que aos poucos, me aquece, retomo à memória do sonho que me impeliu a despertar tão cedo. No mesmo, Painho dizia para eu escrever sobre o motivo pelo qual ainda não concluí minha tese. Eu respondi que não precisava; que o Departamento de Teologia já sabia de todos os motivos; que este assunto era muito pessoal; que eu já havia feito terapia e me conformado com a realidade vivenciada, com toda a experiência de dor e de perdas; que já retomei o Doutorado e aguardo o tempo propício para defender. No

¹⁶⁷³ GUTIERREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003, p., 8.

entanto, ele puxava meus pés e insistia para levantar-me e que escrevesse o principal. Eu olhei para ele e perguntei: “Que principal?”. Neste momento, vi lágrimas em seus olhos. E com um olhar de amor persistia: “Minha filha, escreve sobre a sua insistência em nascer”. Novamente, ele pronunciava as mesmas palavras que desde criança pronunciou: “Minha filha, você é forte. Você é uma guerreira. Você é determinada e eu muito lhe admiro pela sua força. Quando você nasceu, a alegria foi tanta que soltei fogos de artifício!”. Na verdade, as palavras, eu já sei de cor, porque sempre as escutei dele. Intrigada, me questiono com o teor da voz dele que confirma uma história que tomei conhecimento pela minha Mãe, quando completei meus 19 anos de idade em janeiro de 1986. E aqui: fatos da realidade de minha história pessoal: Nesta ocasião, retornando do Rio de Janeiro, onde havia passado um ano de experiência e formação na Congregação das Irmãs Franciscanas de Dillingen, conhecendo a realidade periférica de São João de Meriti e Duque de Caxias na Baixada Fluminense, confirmei com meus Pais e toda a Família que havia decidido continuar nesta missão junto aos pobres. Lembro-me que eles não queriam e fizeram de tudo para eu desistir. Mas como eu insisti, Mainha disse que eu, morando distante deles, deveria saber algo muito importante que tinha a ver com a minha vida. Neste diálogo, ela pontuou que havia sido orientada pelos seus compadres Pe. José Gumercindo e Irmã Theosete, fundadores das Congregações dos Irmãos Joseleitos de Cristo e das Irmãs do Divino Mestre, que me contassem esse fato quando eu estivesse maior de idade. Os mesmos, me acompanharam nos tempos de estudos. Deles e dos demais Professores, recebia continuamente um elogio que confirmava o meu jeito de ser: “Ana Márcia, você é entusiasta, determinada, corajosa, guerreira!”. Então Mainha me chamou a sós e iniciou este diálogo. Disse que eu deveria saber para poder agir e reagir em situações na qual eu me sentisse “desamparada”. Na hora não entendi. Mas quando ela foi desenrolando este novelo dos fatos de minha vida desde quando estava no seu ventre, fui escutando atentamente. Ela me contou que no oitavo mês de sua gestação, passou por uma situação de muito sofrimento. Ela já havia engravidado sete vezes. E havia perdido cinco filhos. Antes de mim, ela pariu gêmeas. Portanto, eu era a oitava gestação dela e nono bebê. _ Mainha sempre escrevia os nomes de todos os Filhos na ordem e que aqui pretendo descrever incluindo-me. Sendo que todos os vivos receberão um asterisco e os que faleceram, uma cruz : Eliane Santana de Oliveira+, Carlos Ernani Santana de Oliveira+, Maria Estela Santana de Oliveira+, Normândia Nery Santana de Oliveira*, Bergson Aldane Santana de Oliveira* Denis Brian Santana de Oliveira+, Maria das Graças Santana de Oliveira+, Maria da Conceição Santana de Oliveira+, Ana Márcia Santana de Oliveira*, Rosana Santana de Oliveira*, Diana Santana de Oliveira+, Clériston Santana de Oliveira*, Marcos Fabiano Santana de Oliveira*, Maria Cláudia Santana de Oliveira+, Leila Santana de Oliveira*, Lívia Santana de Oliveira*, Mário Henrique Santana de Oliveira+. Naquela ocasião, quando Mainha concluiu esta história, ela mesma declarou que eu lembrasse que fui uma guerreira ao querer nascer: “Agora você entende porque a Dona Júlia, a parteira, sempre lhe abraçava e dizia que você é uma guerreira? Veja, minha filha, a decisão de sua vida!” Cresci escutando de meus Pais que os sonhos nos revelam algo de nosso subconsciente e que era importante sempre relatá-los. O sonho tem a ver com o meu nascimento.

A única maneira de fazer um bom trabalho é amando o que fazemos. O importante é não nos desesperarmos. Mas nos mantermos firmes na fé e na fidelidade de nosso coração. O desafio é levantarmo-nos e recomeçarmos sempre de novo, porque nada é impossível para todas as pessoas que praticam o silêncio e a contemplação; que celebram a Palavra com todas as forças de seu coração.

O silêncio, a solidão, a reflexão e a meditação sensibilizam nosso coração e afloram a memória de tal forma que de repente, nós recordamos eventos da vida. Portanto, comecei a escrever fatos importantes ocorridos em minha vida. Não sei o motivo, mas hoje lembrei-me de algo que fez encantar-me comigo mesma e achar-me corajosa. Em 1993, Frei Estêvão Othembreit, guardião da Província Imaculada Conceição dos Frades Menores, convidou a Ir. Beatriz Semiano, coordenadora provincial da minha fraternidade, para animar uma celebração de um retiro de frades no Convento Santo Antônio no Rio de Janeiro. Ela disse que tinha um compromisso e não poderia ir. Então tocou o sininho no refeitório e perguntou às Irmãs quem gostaria de ir. Deixei que alguém mais velha e mais experiente que eu o fizesse. Mas, ninguém quis. Então, coloquei-me disponível. Lembro-me que estava sentada na mesa das Irmãs alemãs, as mais idosas. Estava defronte a Irmã Cláudia, que me presenteou com um sorriso e disse-me: “Márcia, prepara esta celebração com muito carinho. E, se precisar que eu ilustre algum cartaz, farei com muito gosto”. Iniciava-se o “Ano Franciscariano”, ou seja, a motivação era “Celebrar com Clara e Francisco”. Eu, com meu jeito de ser, alegre, entusiasta, celebrativa, espontânea, comunicativa, participativa, etc., preparei a celebração com o intuito de convocar a participação de todos os presentes. Na verdade, não sabia quem seriam as pessoas. Sabia somente, que seriam alguns frades daquela província. Os únicos frades que estariam ali e que eu conhecia de vista, eram o Frei Estêvão e o Frei Vitório Mazzuco. Preparei! E o fiz nos moldes e no estilo das celebrações do CEBI e das CEBs. Pois esta experiência, foi-me proporcionada no convívio com o povo das Comunidades de Base desde o ano de 1985. Animei-me! Irmã Cláudia fez um lindo cartaz, que transformei num jogo de "quebra-cabeça" para que os pedaços fossem distribuídos a cada participante. Partindo do prisma de que celebrar era desatar a língua de dar graças a Deus junto aos irmãos, visualizei todos partilhando, cantando e celebrando. Os frades estavam em silêncio e oração durante cinco dias. Eu sempre acreditei que o silêncio gera a palavra e gera transformando. Portanto, idealizei cada momento da celebração que convocava partilha de frases, gestos, movimentos, abraços, etc. Confesso que em nenhum momento tive receio e quis voltar atrás. Prossegui! Chegou o dia! Lá fui eu com muita simplicidade, disposição, com todo o meu entusiasmo que não se esgota, velas, gravuras, cartaz, cânticos, etc., tudo preparado com muita dedicação. Peguei o trem em Duque de Caxias até a Central. E depois, o metrô até o largo da Carioca. Era a primeira vez e creio que tenha sido a única, que eu entrava naquele enorme Convento! Lá, o guardião me atendeu. Frei Vitório e Frei Estêvão me acolheram com alegria. Conduziram-me a uma sala com os frades sentados. (Eu havia pedido que a distribuição das cadeiras fosse em forma de círculo). Eles me apresentaram aos demais. E lembro-me que o Frei Vitório com seu jeito meigo e cortês falou: "Irmã Ana Márcia, você é muito bem-vinda ao nosso meio! Sinta-se como Clara rodeada de Franciscos. Estamos preparados para celebrar! Sinta-se acolhida!". Bem a estas palavras, eu, realmente, senti-me bem e em paz comigo mesma e com os demais. O meu sentimento naquele instante, era celebrar. Iniciei, dirigi a palavra a todos, olhando-os ao redor. Expliquei os momentos da celebração. Frei Vitório me ajudou a distribuir as gravuras e os pedaços do quebra-cabeça. Convoquei alguém para proclamar a Palavra e a todos para partilhar. Deu-se início à celebração! Lembro-me que o primeiro momento, era justamente celebrar a realidade com Clara e Francisco. Havia levado gravuras e distribuído no centro para motivar os fatos. Custou um pouco! Os dois frades que me acolheram o fizeram. Mas, e os outros? Ali eu pensei: "Nossa! Será que eles não estão acostumados com este tipo de celebração? Será que fiz bem?". Mas, o mais idoso do grupo e com dificuldade de andar, foi até o centro e pediu para alguém pegar a gravura escolhida. Bem, a partir deste momento, a celebração fluiu. Resultado, todos participaram! É claro que, a forma como preparei, distribuindo pedaços do quebra-cabeça para cada um, forçou um pouco a barra, pois no final de todos os momentos, o cartaz tinha que estar formado, trazendo nele, as figuras de Clara e Francisco. Quem havia recebido,

teria que agir, pronunciar ao menos uma palavra e movimentar-se até o centro. Todos participaram. Fiquei feliz! Atingi os objetivos! Celebrei com muita alegria! E após a celebração, no refeitório, tomando o café da tarde com os frades, Frei Alberto Bekäuser, se apresentou e exclamou: “Parabéns, Irmã! Você fez filósofos e teólogos falarem na celebração! Parabéns!”. Gente! Eu sabia apenas que eram os frades. E pensei: “Meu Deus! Até então, tenho animado celebrações para pessoas nas CEBs, nos lugares mais simples. Como eu tive coragem de conduzir uma celebração para os professores e escritores de filosofia e teologia? Gente que eu só conhecia através dos livros que lia! Ainda bem que eu só soube agora. Já passou!”. Mas, alegrei-me muito, pois percebi que a humanidade, a ternura e a simplicidade perpassam nos corações de quem está atento aos sinais e os acolhe. E percebi também, que é a Palavra em nós que gera e partilha a palavra, os gestos, a vida... Um ano depois, alguns destes teólogos foram meus professores no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis. Recordar é viver.¹⁶⁷⁴

Hoje recordo que ao escolher refletir a Teologia na perspectiva dos pobres, das vítimas deste mundo, sofri críticas e preconceitos de vários colegas, amigos, estudantes e professores do Curso de Pós-Graduação em Teologia que afirmavam não haver pobres e que esta reflexão havia sido sucesso na América Latina nos anos 80, mas neste século XXI, justamente nos anos de 2009 a 2013, seria uma reflexão muito aquém da realidade, pois os tempos mudaram e não havia mais pobres no Brasil e nem no mundo. E todos insistiam que os tempos eram outros.

Eu não me conformei. É claro que eu estava retornando à Universidade dez anos depois da conclusão do curso de graduação em Teologia, que foi em 1999. Numa década, muita coisa havia mudado no contexto eclesial da América Latina e do mundo. O cenário era outro. As reflexões teológicas eram outras. Mas eu passei esta década imbuída de textos teológicos da Revista Concilium e muito envolvida numa dinâmica pastoral de reflexão bíblica e ecumênica. Acompanhava as reflexões teológicas de Teólogos do Terceiro Mundo. Insisti que esta realidade era latente. Inclusive, quando apresentei meu projeto de doutorado, mesmo desafiada com todos os tipos de questionamentos que os colegas disparavam, consegui manter-me com todos os argumentos e justificativas possíveis. Agora recordo aquele cenário como se estivesse diante de uma Assembleia onde todos estavam contra mim, mas eu estava a meu favor e em favor de todas as vítimas de um sistema capitalista cruel. E pude provar a todos, o quanto eu conseguia argumentar que a Teologia Cristã deve ser refletida sempre à luz do memorial da vida, paixão, morte

¹⁶⁷⁴ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Celebrar Clara e Francisco com filósofos e teólogos*. Rio de Janeiro-RJ. Escrito e publicado no Facebook no dia 11 de dezembro de 2014.

e ressurreição de Jesus Cristo. E que, independente do tema e do contexto, o *meu olhar* como teóloga deveria pautar sob a perspectiva dos que estão à margem. E que, mesmo que eles não estivessem tão sensíveis a esta ótica, eu estive, eu estava, eu estou, porque desde sempre, pautei a minha vida e missão sob o fio que perpassa a tradição bíblica do Êxodo, dos Profetas, da Sabedoria, da vida de Jesus de Nazaré, dos textos das primeiras Comunidades Cristãs, do percurso da História de uma Igreja e de uma Teologia que faz história, que se constrói e reconstrói sob o impulso do mesmo Espírito que nos interpela a olhar sempre para as margens, para os pobres e mais necessitados. Penso que é importante estarmos receptivos aos “sinais dos tempos”, aos eventos históricos. E mais importante ainda, em função da tarefa do anúncio do Reino de Deus e do discurso sobre a fé, refletir à luz do Evangelho e, a partir da opção preferencial pelos pobres. Que, de fato, é uma questão medular na teologia da libertação.

O próprio Gustavo Gutierrez já demonstrava profunda preocupação acerca desta questão. Ele cita uma breve passagem do livro do Êxodo, que entre as prescrições que Moisés recebe de Iahweh para serem transmitidas ao seu povo “está a de preocupar-se com o lugar em que dormirão aqueles que não tem onde abrigar-se” (cf. Ex 22:26). E prossegue confirmando que o texto nos convoca sempre de novo e que continua em jogo neste momento, no “hoje” de nossa vida: “Onde vão dormir os pobres no mundo que está por vir e que, de certo modo, já deu seus próprios passos? Que será dos preferidos de Deus no tempo que vem?”¹⁶⁷⁵ Uma preocupação latente do autor, cuja reflexão original data o ano de 1996. Já aqui, ele afirmava que se tratava de “uma séria questão relativa à solidariedade e à atenção que devemos ter aos outros”. Uma preocupação tão relevante que em nota, cita E. Hobsbawm, o qual, já em 1992 alertava a todos que o século XXI já havia iniciado.¹⁶⁷⁶

Confirmamos que a fé é uma graça e que acolhê-la, é seguir os passos de Jesus, pondo em prática seus ensinamentos e dando continuidade à sua proclamação do Reino. Confirmamos que no ponto de partida de toda teologia está o ato de fé. E que a tarefa teológica é uma vocação suscitada e exercida no interior da comunidade

¹⁶⁷⁵ Gutierrez, G. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003, p., 8.

¹⁶⁷⁶ HOBBSAWM, E. *Towards the Millennium. In: Age of Extremes.* Londres: 1994, p., 555-585. Apud. GUTIERREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003, p., 7.

eclesial a serviço da missão evangelizadora da Igreja.¹⁶⁷⁷ Teologia, portanto, é falar sobre Deus com uma fé entusiasta. E autenticamente falando, “Deus é o primeiro e último tema da linguagem teológica”.¹⁶⁷⁸ A reflexão teológica é um serviço à vida da humanidade. Portanto, é imprescindível que nos interessem “os sofrimentos e as angústias, as alegrias e esperanças das pessoas de hoje, bem como a atual situação da tarefa evangelizadora da Igreja, mais do que o presente e o futuro de determinada teologia”.¹⁶⁷⁹

A respeito da Teologia da Libertação, confirmamos que ela surge num lugar e num momento precisos, buscando responder a situações históricas mutáveis por natureza, situações que desafiam e, ao mesmo tempo, abrem novos caminhos para a tarefa evangelizadora da Igreja.¹⁶⁸⁰ Neste sentido, a contribuição fundamental da reflexão presente na Igreja da América Latina gira em torno da “opção preferencial pelos pobres”, a qual é radicalmente evangélica, constituindo extraordinário critério para a efetivação de uma triagem nos incontidos eventos e correntes de pensamento dos nossos dias. Nesta perspectiva, a proposta de João XXIII promulgada em 14 de setembro de 1962, para a “Igreja de todos e especialmente, Igreja dos pobres” encontrou na América Latina terra fértil.¹⁶⁸¹ Medellín incorporou essa distinção com autoridade. Esse enfoque inspirou o compromisso e a reflexão das comunidades cristãs. Em Puebla será enfatizada a “opção preferencial pelos pobres”. Na conferência de Santo Domingo, essa opção deverá nos inspirar “para toda ação evangelizadora comunitária e pessoa” (SD n. 178). A opção preferencial pelos pobres retoma e recorda uma penetrante linha bíblica que sempre esteve presente no mundo cristão. Ela abre caminho e se encontra no magistério eclesiástico universal. Em várias ocasiões, João Paulo II se refere a esta opção. Por exemplo, na encíclica *Centesimus Annus*, diz que, “relendo-se” *Rerum Novarum* à luz de realidades contemporâneas, observa-se que a opção pelos pobres é “um excelente testemunho da continuidade, no interior da Igreja, daquilo que agora recebe o nome de opção preferencial pelos pobres. Opção que na *Sollicitudo rei socialis* é definida como uma “forma especial de primazia no exercício da caridade

¹⁶⁷⁷ GUTIERREZ, G. *Onde dormirão os pobres?*, p., 9.

¹⁶⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma. Teológica*, I q. 1 a. 7. Apud. GUTIERREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003 p., 9.

¹⁶⁷⁹ GUTIERREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* p., 12.

¹⁶⁸⁰ GUTIERREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* p., 12.

¹⁶⁸¹ GUTIERREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* p., 13.

cristã (n. 42)” (C.A. n. 11). E na carta *Tertio Millenium*, pergunta-se: “Como não enfatizar de maneira mais determinada a opção preferencial da Igreja pelos pobres e marginalizados?” (n. 51). Este enfoque é fecundo. A opção preferencial pelos pobres é central, porque na base dessa opção está a gratuidade do amor de Deus. Esse é o fundamento último da “preferência”. O termo “preferência” recusa toda exclusividade e destaca aqueles que devem ser os primeiros _ não os únicos _ em nossa solidariedade.

Abaixo, algo que escrevi no meu memorial a ser entregue ao Departamento de Teologia na Puc-RJ para ingressar no mestrado e doutorado:

Ciente de que “todo pensamento se acha situado em algum lugar e nasce de algum interesse; tem uma perspectiva, um lugar de onde e um para onde, um para que e um para quem”, a escolha do tema das vítimas (do pobre, dos povos crucificados) como lugar teológico, surgiu de várias experiências. Primeiramente, de uma experiência pessoal com Jesus Cristo no encontro com as vítimas da seca de 1984, no sertão da Bahia e no encontro com as vítimas da miséria e da violência na Baixada Fluminense em 1985. Aqui se deu o despertar da vocação para a missão no serviço à causa do Reino de Deus como Religiosa Consagrada. No discernimento desta escolha, contribuíram também: o interesse pela reflexão comunitária, orante e encarnada da Palavra de Deus, o estudo de teologia, o serviço em assessorias de formação cristã nos Colégios, nas Paróquias e nas CEBs; a participação no CEBI, no Curso do Rio, promovido pelo Iser Assessoria e nos vários cursos ecumênicos de formação pastoral. Especialmente os CLLTs (Cursos para Lideranças Leigas em Treinamento) motivados pela Redconosur e pela Oikosnet, os quais despertaram um maior compromisso e honradez com o real diante das vítimas da história. Segundo, surgiu da conjuntura sociocultural e religiosa atual que interpela a perceber qual o Amor que impulsiona as lideranças religiosas na solidariedade e compaixão para com as pessoas mais necessitadas, possibilitando a convivência na diversidade. Tudo isso, tendo sempre em vista a realidade. Pois confirmo que “honrar a realidade” é dar ouvido, afinar a sensibilidade, estar atento aos sinais que os pobres emitem desde o reverso da grande História. L. C. Susin considera que esta seja a lição mais original de Jon Sobrino, a forma mais profunda de entender, de aprender da realidade: “deixar-se levar pela realidade”, dimensão de discipulado e de graça. Deus nos convoca sempre a optar pelas vítimas deste mundo. Nesta reflexão, a expressão “opção preferencial pelos pobres” será substituída por “opção pelas vítimas deste mundo” com o propósito de seguir o pensamento de Jon Sobrino. Ele mesmo comenta: “Dito com simplicidade, e nas palavras de Ignacio Ellacuría, quanto à mudança de época, à ‘realidade’ em que vivemos: continuo pensando que muda ‘a forma de crucificação’, mas o principal sinal dos tempos sempre é ‘o povo ‘crucificado’. Noto que se transforma a linguagem. Antes se falava de ‘pobres’. Eu, pessoalmente, fiz anos que falei de ‘vítimas’. Agora se fala de ‘excluídos’. (...) Eu creio que a realidade mais real continua sendo a extrema dificuldade de sobreviver para a maioria e a proximidade da morte lenta com a pobreza e a indignidade. É interessante afinar o conceito, expressando em novas linguagens, mas seria grave trivializar o comum a todos eles, o nudum factum do sofrimento humano generalizado, infligido por seres humanos”. As vítimas deste mundo é lugar de onde falamos. Eis a perspectiva parcial, concreta e interessada. Tudo é estabelecido pela revelação de Deus e também pela realidade do mundo atual, embora isto sempre se decida dentro de um círculo hermenêutico. Vivemos num contexto em que se difunde um ambiente psicossocial, cultural e filosófico, que na hora da verdade, não dá um lugar central às vítimas como tais, de modo que estas continuem sendo “o grande

relato” aos olhos de Deus. Portanto, acolher o chamado de Deus é fazer uma experiência grávida de sentido e permeada de Mistério. Principalmente, neste contexto de vítimas (povos crucificados, pobres), que remetem ao silêncio repleto de uma Palavra que expressa solidariedade e compaixão: “Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores” (Ex 3,7). A finalidade é reafirmar que muitos homens e mulheres são os privilegiados de Jesus pelo fato de serem pobres. Desta forma, amplia-se o olhar para os novos rostos de vítimas na realidade Latino Americana e Caribenha que emergem da globalização. E com a convicção de que “fazer teologia a partir de testemunhas enriquece e aprofunda a teologia de textos”, o ensejo é registrar e aclamar “A Compassividade e a Misericórdia de Deus. Uma dimensão ético-místico-profética na Teologia de Jon Sobrino”. Restaurar as vítimas na história é uma categoria essencial neste teólogo. As vítimas deste mundo são o lugar de onde brota sua teologia e, ao mesmo tempo, os seus destinatários privilegiados. Diante da realidade cruel, elas sinalizam de que precisamos ter “olhos novos para ver a verdade da realidade, a verdade dos seres humanos; a verdade de Deus; e coragem para reagir com um coração repleto de misericórdia”. Em uma de suas obras, *A Fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*, (Vozes, 2001), Sobrino afirma que as expressões “as vítimas deste mundo” ou “os povos crucificados”, são sinônimos da palavra “pobre”, mas que querem resgatar a dramaticidade atual do mundo da pobreza e a responsabilidade histórica diante dela. Ele enuncia que algo está mudando na humanidade e que existe uma maior preocupação por elas, pois trazem luz à teologia para que os conteúdos possam ser vistos adequadamente. Vale dizer, “a perspectiva das vítimas ajuda a conhecer melhor a Jesus Cristo, que conhecido, ajuda a conhecê-las e, sobretudo, a trabalhar em sua defesa”.

Desde o ano de 2009, empenhei-me nesta temática, insistindo na pertinência e relevância da mesma. Na ocasião, eu era a única entre os meus colegas de mestrado em teologia na Puc-RJ a pensar no ‘legado dos pobres e das vítimas deste mundo’. Ninguém queria trabalhar este tema teológico! Tampouco utilizando as obras de Jon Sobrino. Compreensível! O contexto eclesiológico, social e econômico era outro. Alguns colegas trabalharam autores latino-americanos, mas não com o foco no tema teológico “pobre”. E de repente, o Espírito de Deus soprou! Papa Francisco ampliou, configurou e convidou a toda Igreja e todas as pessoas de Boa Vontade a uma autêntica mística do olhar e do sentir, do sair do si e ir ao encontro dos pobres nas margens e periferias. Eis uma atitude corajosa, confiante e de muitos riscos!

Nos olhos dos pobres, no rosto do mundo, eu vejo Francisco perdido de amor. É índio, operário, é negro, é latino, jovem, mulher, lavrador e menor... Falar em missão, conduz a concentrar-me na esperança das vítimas deste mundo e na promessa de resgatá-las à luz da ética, da mística e da profecia. Tais são os valores supremos a serem compartilhados em nossos dias, pois a realidade suscita uma responsabilidade ética. Creio que precisamos mais e mais, centrarmos-nos no Mistério da presença misericordiosa de Deus na história das vítimas e na experiência cristã como solidariedade efetiva com as mesmas. Desejo reavivar o testemunho desta opção, porque nossa Igreja “é morada dos povos irmãos e casa dos pobres” (Documento de Aparecida 8, 188, 272), e deve ser “Igreja samaritana” (DA 26,176). Sinto que é

chegada a hora de exercer um pacto ético-libertador que revele dimensões evangelizadoras e compromisso social, pois comprovo que a situação de extrema pobreza generalizada é, hoje, o Rosto do Cristo Sofredor. Por que concentrar-me na esperança das vítimas à luz da Misericórdia e da Compaixão? Por que esta escolha como lugar teológico? Confesso que é uma escolha que vem de longe. Surgiu de uma experiência pessoal com Jesus Cristo no encontro com as vítimas da seca nos anos de 1983 e 1984, no Sertão da Bahia, no Sertão de Canudos, pois minha cidade situava-se nesta região. E depois, a partir de 1985, no encontro com as vítimas da miséria e da violência na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. O contexto real no qual vivo, desafia-me. É aqui que Deus me convoca! Acolher seu chamado é fazer uma experiência grávida de sentido e permeada de Mistério. Na meditação, por Cristo, com Cristo e em Cristo, contemplo os rostos das comunidades indígenas e afro-americanas, das mulheres excluídas em todos os sentidos, dos jovens, dos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal, dos meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual, das crianças vítimas do aborto. Enfim, de milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e passam fome. Fixo meu olhar nos dependentes das drogas, nas pessoas com limitações físicas, nos portadores e vítimas de enfermidades graves, nos sequestrados, nas vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; nos anciãos excluídos do sistema produtivo, nos presos, nos excluídos explorados, supérfluos e descartáveis (Cf. DA 65). Assisto a mobilidade humana por todo o Planeta, em busca de alternativas de sobrevivência, bem como, o crescimento de uma subclasse excluída, sintoma do sistema universal do capitalismo global tardio que se mascara com sua ideologia hegemônica, a tolerância multicultural que nada mais é do que uma forma de racismo denegada, invertida, autorreferencial, um racismo com distância. Reafirmo que muitos homens e mulheres são os privilegiados de Jesus pelo fato de serem pobres. Sou e estou convicta de que "fazer teologia a partir de testemunhas enriquece e aprofunda a teologia de textos" (SOBRINO, 2008, pp.12-13). Asseguro que continua urgente refletir na perspectiva das vítimas da história, porque nelas se dá a irrupção do Rosto de Deus, o Seu inclinar-se aos fracos e pequenos deste mundo. As vítimas da história, por seus valores, são sacramentos de Deus e presença de Jesus Cristo entre nós e trazem consigo uma poderosa luz: "ajudam-nos a conhecer melhor a Jesus Cristo, que conhecido, ajuda a conhecê-las e, sobretudo, a trabalhar em sua defesa" (SOBRINO, 2000, p. 19). Portanto, a missão que proponho à mim mesma e a todos, é que continuamente nos reconfiguremos, mantendo-nos a caminho, no seguimento de Jesus Cristo. E no mesmo, desenvolvamos uma mística configurada pela compaixão e pela misericórdia com um amor e uma práxis de anunciadores e ressuscitadores da Esperança para que todos os Povos tenham Vida. É preciso fixar o olhar e o coração no "relato de Deus": as vítimas da história.¹⁶⁸²

Quando nos damos conta de que, como pessoas, somos profundamente ouvidas, compreendidas que recebemos apoio, que somos abraçadas por outras que vem ao nosso encontro com o intuito de ajudar, ser presença, nossos olhos ficam marejados de lágrimas. A melhor atitude é a de gratidão e de reverência. Também, aquela atitude de solidariedade para com a dor alheia. Agradecemos e choramos de

¹⁶⁸² OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Fixar o olhar no rosto do Cristo sofredor á luz da compaixão e da misericórdia*. Rio de Janeiro, escrito e publicado no Facebook em 13 de dezembro de 2013. Acessado em 21 de outubro de 2020.

alegria. Exclamamos: “Graças a Deus, alguém me ouve. Há alguém que sabe o que significa estar na minha própria pele”:

Onde dormirão os pobres? Quando chove na Cidade, eu me lembro do Sertão! Nesta noite chuvosa, inquieto está meu coração! A mente que não mente só sabe questionar: E agora? Chove lá fora? Faz frio? Inquieto está o mar? E aqueles que não conseguirão chegar em suas casas? E os que tem sede e fome? E os que não terão onde reclinar a cabeça? E os 'Sem Casas'? Se me angustio? Se choro? Aprendi a chorar silenciosamente, mas as lágrimas caem insistentes. E se eu lhes disser que soluço e murmuro escondidamente? E se eu lhes disser que o grito é ensurdecedor, mas ecoa interiormente? Quem socorrerá os pobres? Onde dormirão os pobres? Como estarão os pobres? Quem nos enviará aos pobres? Minha memória retorna aos momentos de infância! Doce infância! Nossos piqueniques em Família e com Amigos no Buraco do Vento, em Tucano! A alegria das Crianças! Recordo a Gruta que nos melhores momentos, nos acolhia e reunia! Recordo a Gruta que nos aguardava com nossa Mãe amorosa. Recordo a Gruta com esteiras de palha estendidas, com fartura de comida e bebida! Recordo a Gruta que guarda as memórias dos momentos de partilha, de amor e muito humor! Recordo a Gruta que guarda as canções de ninar que nossa Mãe cantava: "A rosa vermelha é do bem querer. A rosa vermelha e branca hei de amar até morrer!" Recordo a Gruta que guarda as gargalhadas e o humor de nosso Pai contando suas piadas! Recordo a Gruta que retorna como memória viva e me convida a saudar Grutas ao redor do Mundo! E no reencontro com a gruta de meu Ser, contemplo a chuva e exclamo: Bem vinda, Irmã Chuva! Escutem Grutas, ventres da Mãe Terra! Como seriam vocês na cidade? Seria possível grutas entre muros suntuosos? Seria possível grutas confortáveis e acolhedoras? Seria possível grutas feitas para os viandantes? Seria possível grutas aconchegando os trabalhadores, os peregrinos, os refugiados, os pobres, os animais abandonados? Seria possível? O que não é possível e é inconcebível, é que em momentos de crise se esbanjem dinheiro com armas, com banquetes, com deboches e holofotes abafando a dor e o luto dos pobres mais pobres!...¹⁶⁸³

Meditar é voltar-se ao Mistério Pascal do Cristo. Meditar é humanizar-se. Não é esta a postura de uma pessoa orante? “O Senhor aperfeiçoará o que me toca; a tua benignidade, ó Senhor, dura para sempre; não desampares as obras das tuas mãos” (Salmos 138,8). E se sempre escolhermos focalizar o lado melhor, mais bonito, mais luminoso e vibrante da vida? E se recordarmos sempre de nossos projetos da infância e da adolescência? O que descobriríamos de tão valioso? Qual é a nossa inspiração quando olhamos uma criança? Quais são os sentimentos que ela nos inspira? Afirmamos que é um sentimento de ternura por tudo o que ela representa e um sentimento de respeito pelo que ela possa vir a ser. Provavelmente, desejamos que ela cresça, mas que jamais deixe parte da sua criança interior desaparecer

¹⁶⁸³ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Onde dormirão os pobres?* Insight na madrugada, Rio de Janeiro-RJ, escrito e publicado no Facebook no dia 15 de maio de 2020. Acessado em 21 de outubro de 2020.

totalmente, para que a alegria seja como fonte transbordante. Persistir na alegria é ter êxito na vida.

O essencial é dar sentido à vida. Eis uma Vida de Amor e Misericórdia para recordar: Quando criança e adolescente, vivi no Sertão de Tocós, Sertão de Canudos. Por aquelas bandas, as pessoas tinham um jeito original de responder quando lhes perguntavam: “Como vai?” – A resposta era sempre a mesma: “Pela Misericórdia e Graça de Deus, eu vou bem”; “Com a Misericórdia e a Graça de Deus, a gente passa bem, graças a Deus!”. Ou ainda: “Com a Graça e a Misericórdia de Deus, nós vamos levando”. Eu ficava intrigada. Percebia que essa linguagem era pertinente, especialmente, entre as pessoas mais simples. Em casa, quando meus irmãos e eu discutíamos escutava tanto de Painho quanto Mainha: “Por misericórdia, não briguem”; “Por misericórdia, se perdoem”. Lembro que eu custava perdoar. Então Mainha dizia: “Ana Márcia, minha filha, tenha misericórdia! Perdoe!” Minha Mãe era plena de ternura! O seu olhar no meu, se enchia de compaixão. Aqueles olhos azuis repletos de amor, carinho, aconchego, sorriso meigo e abraço afetuoso, jamais esquecerei! Inclusive, faço questão de recordar para a vida atual ficar mais leve. Hoje, ao refletir sobre o tema teológico da Misericórdia e Compaixão de Deus pelas vítimas deste mundo, sinto o quanto esta prática em nosso meio é urgente, é relevante! Percebo o quanto é necessário recomeçar sempre e ter a coragem de olhar nos olhos das pessoas, torná-las visíveis, reconhecidas, amadas, tal qual o sentimento que eu experienciava de meus Pais e também, de meus Irmãos. A contar desde meus irmãos mais velhos até os mais novos. Cada vez que retorno a eles, em meus poucos dias de férias, quando lhes reencontro, percebo o quanto me são valiosos! E muito mais pelo carinho, pelos abraços, pela presença amorosa que faço questão de aproveitar cada momento! Eles não sabem que nos momentos difíceis, é esta fotografia pupilar e coronária que me envolve e na qual, me apego como uma pequena criança no colo da mãe e/ou do pai. No nosso caso, nossos pais eram extremamente carinhosos. E isso eu tenho sentido cada vez mais forte, em todos os irmãos e sobrinhos que fazem de tudo e o impossível, para me ver melhor. Neste tempo de Pandemia, a distância nos tornou mais próximos. A necessidade de estarmos juntos uns dos outros, nos permitem perceber que o mais importante, é o que somos uns para os outros. Se percebermos que a vida é passageira e breve, e que daqui só levamos e deixamos o BEM que realizamos uns aos outros, uns pelos outros e para os outros, a vida ganha sentido. Então, vale a pena viver! O que vale de verdade, é aquela contínua saudação amorosa no WhatsApp, aquela mensagem de voz afetuosa, aquele telefonema inesperado, aquela chamada de vídeo compartilhada entre Irmãos e Sobrinhos que nos permitem dar graças a Deus, louvar sua Misericórdia, sua Bondade e seu Amor! Louvar a Fidelidade de Deus que permanece por toda a eternidade. Guardo carinhosamente, aquele momento em que todos, mesmo com nossas divergências, somos capazes de nos desarmarmos de todo orgulho e nos revestirmos de humildade, compaixão, zelo, mansidão, simplicidade, ternura e afeição para nos abraçarmos com Amor! Como é valioso nos manifestar revelando todo AMOR que transborda com ardor e sabor superando toda dor!¹⁶⁸⁴

Recordo que vivenciei um momento doloroso. Foi quando este Trabalho estava em sua etapa conclusiva. No entanto, por volta das duas últimas semanas do mês de abril de 2015, ocorreram várias situações de desastres e desgastes por eu

¹⁶⁸⁴ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *O essencial é dar sentido à vida*. Para homenagear o Mirante do Cruzeiro em Tucano-BA. Escrito e publicado no Facebook em 16 de maio de 2020. Acessado em 21 de outubro de 2021.

não aceitar nem compactuar com atitudes insanas de milicianos num dos bairros da zona oeste do Rio de Janeiro. Primeiro, eles quebraram o vidro de minha janela, por eu não aceitar o sistema de TV que controlam. Depois, destruíram o roteador da internet que eu utilizava, o que fez com que queimasse a bateria de meu notebook. Em seguida, esfaquearam um jovem travesti na porta de meu apartamento. Alguns amigos deduziram que o jovem correu para me pedir socorro. No entanto, eu estava dormindo com um ventilador ligado e isso impedia que escutasse qualquer barulho que vinha de fora. No outro dia, ao abrir a porta, o tapete de entrada estava banhado de sangue. Sai a perguntar sobre a origem daquele sangue e o silêncio era total. Uma vizinha me aconselhou que seria melhor que parasse de questionar. À noite, quando retornei da Puc-RJ, soube por ela mesma, o que havia ocorrido. Novamente, fui aconselhada a prosseguir sem comentar este episódio. Mais adiante, após ter prorrogado meu doutorado, e com um notebook novo, ter adiantado meu trabalho, sofri outro desastre. Desta vez, eles entraram em meu apartamento, reviraram todas as minhas roupas, derrubaram a maior parte de meus livros no chão, levaram meu notebook com HD externo e pen drives. Colocaram a culpa num jovem que morava no prédio. Levaram-no e espancaram-no por três dias. Depois, trouxeram-no para eu questioná-lo acerca do paradeiro do notebook. Representaram diante de mim e do povo, que estavam em minha defesa. Mas eu bem sabia que tudo aquilo era uma farsa. Após este incidente, sumiram com o jovem e o notebook.

Produzir Teologia na perspectiva das vítimas (do sistema cruel, de todos os preconceitos, etc.) sob o prisma de "uma Igreja pobre para os pobres", vivendo e assumindo a realidade dos pobres, convivendo como pobre e com os pobres, torna-se cada vez mais, desafiante, muito exigente e provocador. Especialmente, quando você não demonstra, não revela 'status social' e já não mais possui o "status eclesial"; quando você está consciente de que pode ir além, mas sente-se impossibilitada por não ter recursos; quando você já fez de tudo e muito para concluir um texto, um trabalho árduo de "dias e noites" em vigília para entregar em tempo hábil e perdeu. Melhor, roubaram, levaram. E vem aquele sentimento de revolta e indignação, porque você fez de tudo e muito, mas as circunstâncias da realidade lhe afetaram e lhe fez vítima no mundo das vítimas. Quando você esquece de si mesma, do compromisso da produção teórica, porque a práxis é mais urgente, a Vida clama, a labuta é tamanha... Entretanto, viver assim nos dias atuais, é "libertador"! E mais um dia 'prossigo' convicta de que sou "plena do Dom"¹⁶⁸⁵

¹⁶⁸⁵OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Produzir teologia na perspectiva das vítimas: Um desabafo*. Publicado no Facebook em 27 de novembro de 2015. Acessado em 27/11/2020.

A saída é sempre recomeçar do zero. Após tantas perdas traumáticas, a primeira tentativa, cuidar da vida, cuidar do coração. E uma das formas de vivenciar o amor ao próximo, é agir com misericórdia e compaixão promovendo vida pelas vidas. Também me reinventei na atitude de doar sangue, doar órgãos. Afirmo que doar sangue é um ato de amor ao próximo. Ao realizar esse gesto, nos tornamos mais reverentes à vida. Podemos dar esperança de vida e de saúde para quem mais precisa: pai, mãe, irmão, amigo ou mesmo uma pessoa que nunca vimos, independente de gênero, etnia, classe social, etc. Não importa quem será o beneficiado, mas sim, que outras pessoas terão novas oportunidades, novas chances de recomeçar a própria vida. Portanto, melhor do que fazer a doação uma vez, é tornar esse gesto um compromisso, tornando-nos doadores frequentes. Os estoques dos bancos de sangue de todo o país precisam estar constantemente abastecidos para atender tanto quem estiver em situação de emergência (após um acidente, por exemplo), quanto para quem necessita de sangue com frequência (pacientes internados ou em tratamento de longo período) e ainda para cirurgias. A meu ver, doar sangue é um gesto solidário e testemunhal, pois desta forma, estamos também doando e salvando vidas. Penso que é muito importante cada pessoa cuidar de sua saúde física, mental, espiritual e social. Cuidar da vida é um bem pessoal e comunitário. Sou doadora de sangue desde o ano de 2003. Nesta ocasião, meu pai, Eurico Nunes de Oliveira, foi internado no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF-UFRJ), conhecido como Hospital do Fundão. Ele estava em acompanhamento médico em Salvador, devido a um problema no fígado. Foi diagnosticado com Hepatite C crônica e tinha sido enviado para o Rio de Janeiro a consultas médicas para aguardar na fila de transplante do fígado. A assistente social me convidou a doar sangue. A partir deste dia, tornei esse gesto um compromisso frequente: três ou quatro vezes ao ano. Lugares onde tenho feito a doação de sangue no Rio de Janeiro-RJ: Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF-UFRJ): 2003-2009; (Hospital São Francisco na Providência de Deus): Hemolad - 2010-2016; (INC) Instituto Nacional de Cardiologia - Hemorio – 2017-2021; SUS de Itatiba-SP 2022 até o momento. Também já me declarei doadora de órgãos, de medula óssea e cartilagem. Mesmo que meu pai não tenha conseguido um doador e morreu aguardando, talvez eu possa algum dia conceder este alento a alguém que necessita.

No que diz respeito à prática da compaixão para com todos os que sofrem, percebo o quanto já tenho evoluído. A prática de *Mindfulness* tem me ajudado a manter-me consciente da realidade. Sou de Tucano, Bahia! Sou do Sertão de Canudos, Sertão de Tocós! Sou nordestina no corpo, na alma, no sangue e no coração! Recordo sempre uma frase que painho repetia: “Minha Filha, eu creio na sua determinação. Voe longe, mas lembre-se sempre de suas raízes. Lembre-se de sua Família, de seu Povo, do Sertão. Lembre-se que você é guerreira e tem coração!”. Hoje eu lembro mais do que nunca. Sou Nordeste, sou destinada a retomar sempre meu Norte, meu destino, minha primeira intuição. No Sertão, Templo Familiar, sinto-me plena! Desde o amanhecer, mergulho em meu “Eu”, navego no olhar de nosso Deus e contemplo o silêncio do Mandacaru. Mandacaru é sentinela do Nordeste e poesia do Sertão. Mandacaru do meu Sertão me ensina a resistir toda dor. Também me ensina a ser reverente na cor, no tom, no ritmo e no balanço que a vida desperta e me alcança. Por tudo, dou Graças! Graças ao que passou! Graças ao que virá! E, especialmente, Graças ao momento presente!

Sou Flor do Sertão que resistiu e resiste. Entre as Flores da Caatinga, eu nasci! Flor do Sertão que resistiu, assim sou eu! Sou Ana Márcia Santana de Oliveira, filha do Eurico e da Ana! Sou Flor do Sertão que nasceu e cresceu em Tucano-Bahia entre as Flores da Caatinga! Sou Flor do Sertão de Canudos! Sou Flor do Sertão de Tocós! Sou Flor de Cacto, resistente e forte! Sou Flor do Mandacaru, sentinela do Nordeste! Sou tal qual o Mandacaru, poesia do Sertão, com braços erguidos, sempre em silêncio orante, atenção consciente e oração contemplativa! Entre Flores da Caatinga, eu nasci! Entre odores e flores eu nasci! Entre urinas e fezes, nasci! Entre dores e rumores, nasci! Entre lágrimas e risos, nasci! Entre fogos e tambores, nasci! Entre pandeiros e atabaques, nasci! Entre festas e danças, nasci! Em água morna com Flor de Alfazema brava, fui banhada. Com abraços e beijos, perfumada! Com amor e carinho, abraçada! Durante quarenta dias, requeijão com mel, pirão de galinha caipira e capão, minha mãe saboreava e me amamentava! Flor do Sertão eu sou! Me tornei forte e corajosa, resistente e determinada, porque me senti muito amada! Ao redor de muitas tias e tios, meus avós, primos, amigos vizinhos e irmãos amados, eu nasci e cresci! Todos me chamavam: "Marcinha"! Mas a parteira "Dona Júlia!", filha de combatentes da Guerra de Canudos que me ajudou a sair do ventre de minha mãe, me chamava de "Guerreira"! Segundo Dona Júlia, a Parteira, eu lutei muito para nascer! Tal qual as Flores da Caatinga do Sertão, eu resisti! Flor da Resistência, me conheci desde então! Pouco a pouco, fui crescendo e no silêncio, percebendo, que algo em mim foi acontecendo! A vida libertada e apressada, me despertou com o sol da manhã na alvorada! A vida me disse animada: Desperte! Tu és Flor grávida de sementes! Corre a semear! Desperte! Tu és luz e como uma tocha, reluz! Desperte teus sentidos para a realidade, para a vida, para a dor, para a morte, para os sonhos e fracassos! Desperte e aguarde a esperança que te aguarda! Desperte! Escute o silêncio com reverência e acolha como dom! Desperte e avance na estrada do Sol que ilumina teus passos! Desperte e contemple a força, a coragem, a resistência, a determinação e a gratidão que emergem de teu coração! Desperte e celebre

o amor intenso que pulsa em teu ser! Desperte e recorde que tu és a vida que floresce mesmo em tempos de seca! Desperte e prossiga semeando as sementes em todos os campos, em todas as estradas, em todas as jornadas, entre flores e espinhos, entre pedras e pedregulhos, em toda a terra! Desperte e recorde que a diversidade é a plenitude da eternidade! Desperte e prossiga sendo esta Flor que resiste e persiste!¹⁶⁸⁶

Quando olho para trás e vejo todos os desafios que enfrentei, agradeço o dom da fé, da determinação e da coragem que Deus me presenteou e até aqui, me sustentou. Talvez ainda não esteja preparada para escrever todos os fatos que me ocorreram desde o período que iniciei o Curso de Doutorado. Apenas sei que hoje eu me contemplo no espelho e proclamo o *Magnificat* de Ana, de Maria, cântico de tantas Mulheres que simplesmente, desejam afirmar que o Deus da Vida e de todos os Nomes, se revela em nós e por meio de nós. Afirmamos que o Deus de todos os Nomes olha a Casa Comum, sua humanidade ferida, contempla nossa humildade, abençoando. Proclamamos que Ele fez, faz e fará maravilhas nos corações de todas as pessoas que reacendem a chama da fé em cada momento de suas vidas. Afirmamos que a Bondade de Nosso Misericordioso Deus é eterna. Sua Misericórdia, seu Amor e Compassividade se renovam em todo o tempo, em tudo e em todos. E se eu lhes disser que dez anos tem sentido, significado e relevância? E se eu disser que já não tenho vergonha e medo de que enquanto todos os meus colegas defendiam suas teses, eu ficava para trás? Porque eu não compreendia os motivos dos fatos que estava vivenciando. Mas compreendia perfeitamente que era conduzida pelo Espírito de Deus e pela Palavra Viva do Evangelho. E sempre me senti em solicitude entre a Cruz e a Luz!

Estamos no Século XXI! Há uma Humanidade ética? Há uma Humanidade mística? Há uma Humanidade profética? Os Tempos são críticos. Urge a Poesia! Urge a Mística! Urge a Profecia! Ainda é possível perceber o sentido espiritual e profundo das coisas? É possível ver além das fendas da Mão Crucificada-Ressuscitada o Novo que vem? Deus, onde estás? Mortes! Revoltas! Silêncios! Silêncio ao redor do Mundo! Silêncio nas metrópoles! Silêncio nas cidades! Silêncio nos campos! Silêncio nas aldeias! Deus, onde estás? Silêncio em nós, interior e exteriormente! O que escutar e auscultar, quando a Mãe Terra silencia? Quem honrará a Mãe Morte, parteira da Vida? Quem se calará para escutar e auscultar as dores e os clamores das vítimas? Daremos sentido ao silêncio das pessoas? Daremos sentido ao silêncio da Mãe Terra? Daremos sentido ao silêncio do Transcendente? Deus, onde estás? Sob a sombra luminosa, conseguimos auscultar o grito do Inocente, o Vivente? Deus,

¹⁶⁸⁶ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Flor do Sertão que resistiu e resiste*. Inspiração no crepúsculo. Escrito e publicado no Facebook no dia 13 de julho de 2020.

onde estás? O que significa Teu Silêncio ó Deus? O que significa Teu Silêncio na história das vítimas? Significa inexistência na existência de Tua Transcendência? Significa a insistência de solidariedades na realidade de Tua Imanência? Os perversos conseguirão silenciar o Deus da Vida nas vidas? Resistimos! A Palavra é gerada de novo! Cremos e afirmamos: "Aquele que É e Está, vive, existe!" Deus, onde estás? Reencontramos o Vivente presente onde se encontram as vítimas da história? E nos rostos das vítimas desta pandemia, conseguimos captar o temor que se revela no olhar? Sobre as 'máscaras de proteção', captamos um olhar de derrota ou um olhar de vitória; um olhar de impotência ou um olhar de resistência? Neste momento, a Mãe Terra acolhe e abraça corpos trespassados de feridas abertas com seringas, de órgãos afetados e pulmões que pararam de respirar, e de clamar com soberania... Deus, onde estás? Confiantes, buscamos resistir! Exilados, como prosseguir? Com atenção consciente, inspiramos, expiramos, respiramos, meditamos! Aspiramos uma revolução pessoal! Aspiramos uma revolução espiritual! Aspiramos uma revolução social! Reverenciamos a Mãe Terra que acolhe as vítimas que adormecem? Cremos nas sementes que germinarão, nos frutos que ressurgirão destas flores que fenecem? Testemunhamos o crepúsculo das vidas sofridas? Há tristeza? Há pranto? Há dor? Há clamor? Escutemos, Povos da Terra! Escutemos os gritos das vítimas! É um grito ensurdecido? Deus, onde estás? Conseguimos perceber que Interior e exteriormente, nossa sede espiritual é intensa? Conseguimos perceber quão profunda é a sede de Infinito, de Transcendência, de Amor à Vida, de praticar o Bem Viver? Deus, onde estás? Deus está na Prece Comum? Deus é o Carisma na Comunidade? Deus está nas Tradições Religiosas unidas em jejum e em oração? Deus está de mãos dadas com os Povos da Terra testemunhando a Comunhão? Deus, onde estás? Visível é a mística do olhar? Visível é a mística do sentir compaixão? Visível é o cuidado com a vida de cada Irmã, de cada Irmão? Visível é o zelo do próximo para o com o próximo sem alento, sem teto, sem chão? Deus, onde estás? Povos da Terra! Há uma mística entre a Cruz e a Luz? A Cruz continua escândalo e loucura? Acolhemos a Cruz como expressão exata das verdades de fé na história? Acolhemos a Luz que nos desperta? Acolhemos a Luz que ilumina nossa Esperança, âncora da Fé? Cruz e Luz nos impelem a prosseguir num Caminho que dá sentido ao Sentido? Compreendemos que a Verdade crucificada e ressuscitada revela Cruz e Luz? Deus, onde estás? Confirmamos que quanto mais elevada e direita a vertical da transcendência, mais ela se enraíza na horizontal da imanência? Desejamos ser receptáculos e testemunhas do Transcendente nesta tão Sagrada Realidade Imanente? Cremos que o Espírito de Deus soprará de novo e gerará a unidade e a epifania de um Povo Novo? Caminharemos nas profundidades misteriosas do Transcendente que às vezes, se retira e se encerra no silêncio de Seu Amor Sofredor? Deus, onde estás? Veremos, sentiremos compaixão e cuidaremos das feridas abertas das vítimas da história? Contemplaremos a realidade onde nossos olhos veem, nossos ouvidos ouvem e nossas mãos apalpam da Verdade crucificada e ressuscitada? Estaremos atentas e atentos aos sussurros do Transcendente e de Seu Sopro Libertador? Acolheremos o Mendicante de Amor no recôndito de nosso Ser para aí habitar e gerar Amor? Prosseguiremos com a certeza de que as sombras da Cruz acentuam a Luz? Prosseguiremos confiantes de que entre a Cruz e a Luz, Misericórdia e Bondade se renovarão e se eternizarão em novos círculos, ciclos da Vida que gera Vida? Revestidos de Misericórdia e Bondade, abriremos novos caminhos onde Palavra e Silêncio se reencontram e balbuciam: Deus É! Deus Está! Sua Novidade é amar!¹⁶⁸⁷

¹⁶⁸⁷ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *Entre a Cruz e a Luz*. Insight na alvorada, Rio de Janeiro-RJ, escrito e publicado no Facebook no dia 17 de maio de 2020. Acessado no dia 21 de outubro de 2020.

Quando nos introduzimos no fascinante caminho do ‘conhecimento do Amor e do amor ao Conhecimento’, resgatamos a sabedoria perene dos pais de uma Igreja Viva dos primeiros séculos do Cristianismo. E percebemos quão valioso é este caminho. Uma maravilhosa arte de viver, um exercício espiritual muito além da mera especulação, visando a transformação, a comunhão e a transparência. Penso que nosso mundo contemporâneo necessita e está muito sedento de testemunhas contemplativas, curadores feridos cujo ministério seja a lição do testemunho. O “Evento Pandemia” nos conduziu àqueles Terapeutas,¹⁶⁸⁸ os Padres da Igreja de ontem e de hoje¹⁶⁸⁹ que cuidavam e cuidam da saúde da alma, nos vinculando ao Sopro da Vida. Verdadeiros Pais e Mães da Igreja que nos convocam a retomar a “mística do Reino”, a reconfigurar uma Igreja com rosto e sangue afro-ameríndio, a experienciar uma Igreja verdadeiramente missionária e pascal, a assumir uma Igreja pobre e despojada, em serviço à libertação de toda a humanidade e de cada ser humano. E se compreendermos que ainda é tempo e que é possível reconfigurarmos uma Igreja extremamente consagrada ao evangelho da justiça e da libertação? E se compreendermos que é importante nos reinventarmos cada dia, nos animarmos mutuamente e prosseguirmos unidos nas pegadas da simplicidade, da humildade, do zelo pela vida, da resiliência e da mistagogia?

E SE COMPREENDERMOS...?

E se compreendermos que Deus não cessa de narrar-se na História e com as vítimas da história? E se compreendermos que Deus se autogera no Amor? E se compreendermos que o Deus escondido é o Deus revelado na face dos mais pobres, dos que mais sofrem? E se compreendermos que Deus se esconde e se revela continuamente em nós e através de nós? E se compreendermos que Deus se esconde e se revela mediante a Cruz e a Luz? E se compreendermos que Deus se esconde e se revela no caos, nas tragédias, nas pandemias, no trauma, no sofrimento, na dor, na ira, na raiva, na morte, no vazio, no nada? E se compreendermos que tudo o que vemos, ouvimos e apalpamos do Mistério da Vida, é Deus Amor gerando em nós o ardor? E se compreendermos que esta é a hora de vivermos em harmonia com o mais recôndito de nosso Ser? E se compreendermos que o Deus Amor, sofre e chora a nossa dor? E se compreendermos que em nosso Ser, Deus clama: "Onde está o Amor?" E se compreendermos que o Deus Amor está presente em nosso sentir compaixão e doar perdão? E se compreendermos que emergir neste Amor é empreender uma aventura espiritual num deixar-se acolher pela Mãe Misericórdia? E se compreendermos que a experiência da Misericórdia de Deus é uma experiência de Amor num curar feridas, num cuidar das vítimas sofridas? E se compreendermos que Deus se revela em nosso amor e bondade, em nossa força e coragem, em nossa

¹⁶⁸⁸ LELOUP, Jean-Yves. *Introdução aos “verdadeiros filósofos”: os Padres Gregos: um continente esquecido do pensamento ocidental*. Petrópolis: Vozes, 2003.

¹⁶⁸⁹ CASALDÁLIGA, Pedro. *Quando os dias fazem pensar: memória, ideário, compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2007.

alegria e felicidade, em nossa libertação e liberdade libertada? E se compreendermos que o Deus Amor nos convida a discernir e prosseguir com simplicidade, com resiliência, com humor, com zelo, com aceitação, com mansidão, com resignação, com humildade? E se compreendermos que caminhar em humildade com o Deus Amor é se revestir do Direito, da Justiça e da Coragem? E se compreendermos que diante e adiante de nós, o Deus Amor abre um futuro com Promessas e desafios para vivermos a Unidade e a Comunhão? E se compreendermos que olhar este futuro, requer enraizarmos numa Tradição viva e tecida em redes de solidariedade com o fervor da caridade? E se compreendermos que este é o tempo que nos é dado e doado para reavivarmos em nós, o Amor, o Caminho, a Verdade e a Vida? E se compreendermos...?¹⁶⁹⁰

Para Gregório de Nissa, “a solidariedade com o pobre é lei de Deus, não um mero conselho”.¹⁶⁹¹ Já Santo Agostinho nos convoca a promovermos a Paz exercendo a Justiça: “Justiça é ajudar aos necessitados. Exercei a justiça e terás a paz!”¹⁶⁹² São Basílio elege a pessoa bem-aventurada: “Feliz aquele que põe acima de todos os tesouros do mundo a ordem de Jesus: ‘Vai, vende o que tens e dá aos pobres’”.¹⁶⁹³ São Jerônimo alerta que “as riquezas são injustas porque são fruto da miséria dos outros”.¹⁶⁹⁴ Ele procura nos convencer de que “Jesus não nasceu no lugar sagrado do Templo, onde o ouro, as pedras preciosas e a prata reluziam; ele nasceu numa estrebaria, para reerguer os que jazem no meio do esterco”.¹⁶⁹⁵ São João Crisóstomo adverte e questiona: “Como tu, rico, que acumulaste tua riqueza pisando sobre o pobre, ainda tens a coragem de entrar na Igreja?”¹⁶⁹⁶ São Clemente de Alexandria nos adverte: “Vós, homens ricos, usais penicos de prata. Vós, mulheres ricas e estúpidas, atirais fezes em objetos de prata. Sois idiotas e orgulhosos até no defecar”.¹⁶⁹⁷ Por que não permanecermos atentos aos ensinamentos dos Evangelistas e Apóstolos, dos Padres da Igreja dos primeiros tempos? Como seria o mundo se cada pessoa que confessa ser seguidora de Jesus Cristo ficasse mais atenta às palavras de São Basílio Magno? Meditemos em suas palavras:

Aquele que despoja um homem de suas vestes recebe o nome de saqueador. E aquele que, podendo fazê-lo, não veste a nudez do mendigo, merece por acaso outro nome? Ao faminto pertence o pão que você retém. Ao homem nu, o manto que você guarda

¹⁶⁹⁰ OLIVEIRA, Ana Márcia Santana de. *E se compreendermos? Insight na alvorada*. Escrito e publicado no Facebook em 12 de maio de 2020. Acessado em 21 de outubro de 2020.

¹⁶⁹¹ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, p., 335-385.

¹⁶⁹² SANTO AGOSTINHO, p., 354-430.

¹⁶⁹³ SÃO BASÍLIO, p., 330-379.

¹⁶⁹⁴ SÃO JERÔNIMO, p., 331-419.

¹⁶⁹⁵ SÃO JERÔNIMO, p., 331-419; Homilia sobre o Natal.

¹⁶⁹⁶ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, p., 344-407.

¹⁶⁹⁷ SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA, p., 150-214.

até nos seus cofres. Ao que anda descalço, o calçado que apodrece em sua casa. Ao miserável, o dinheiro que você guarda escondido.¹⁶⁹⁸

E ainda, por que não assumimos uma postura atenta às palavras proféticas de São Basílio? Palavras místico-proféticas, meditadas e pronunciadas à luz do Evangelho de Mateus 25:

O pão que para ti sobra é o pão do faminto. A roupa que guardas mofando é a roupa de quem está nu. Os sapatos que não usas são os sapatos dos que andam descalços. O dinheiro que escondes é o dinheiro do pobre. As obras de caridade que não praticas são outras tantas injustiças que cometes. Quem acumula mais que o necessário pratica crime.¹⁶⁹⁹

E por que não reconhecemos Jesus Cristo no pobre? O que nos impede tal postura? Por que honramos a Cristo no Pão Eucarístico e o desprezamos nos pobres crucificados, nas vítimas da história? Fruto do testemunho e da profecia, as palavras de São João Crisóstomo nos interpelam:

Queres honrar o Corpo de Cristo? Então não O desprezes nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres no templo com vestes de seda, enquanto O abandonas lá fora ao frio e à nudez. Aquele que disse: «Isto é o meu Corpo» (Mt 26,26), e o realizou ao dizê-lo, é o mesmo que disse: «Porque tive fome e não Me destes de comer» (Cf Mt 25, 35); e também: «Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a Mim que o deixastes de fazer» (Mt 25,42.45). Aqui, o Corpo de Cristo não necessita de vestes, mas de almas puras; além, necessita de muitos desvelos. [...] Deus não precisa de vasos de ouro, mas de almas que sejam de ouro. Não vos digo isto para vos impedir de fazer doações religiosas, mas defendo que simultaneamente, e mesmo antes, se deve dar esmola. [...] Que proveito resulta de a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se Ele morre de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto, e depois adornarás o seu altar com o que sobrar. Fazes um cálice de ouro e não dás «um copo de água fresca» (Mt 10,42)? [...] Pensa que se trata de Cristo, que é Ele que parte errante, estrangeiro, sem abrigo; e tu, que não O acolheste, ornamentas a calçada, as paredes e os capitéis das colunas, prendes com correntes de prata as lamparinas, e a Ele, que está preso com grilhões no cárcere, nem sequer vais visitá-Lo? [...] Não te digo isto para te impedir de tal generosidade, mas exorto-te a que a acompanhes ou a faças preceder de outros atos de beneficência. [...] Por conseguinte, enquanto adornas a casa do Senhor, não deixes o teu irmão na miséria, pois ele é um templo e de todos o mais precioso.¹⁷⁰⁰

Da mesma forma, nos interpela São Gregório de Nazianzo:

¹⁶⁹⁸ SÃO BASÍLIO MAGNO, +379 (Homília 6, 6-8).

¹⁶⁹⁹ SÃO BASÍLIO, 330-379; Comentário a Mateus 25,31-46.

¹⁷⁰⁰ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO (c. 345-407), presbítero de Antioquia, bispo de Constantinopla, doutor da Igreja. Homílias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 50, 3-4.

Vocês acham que a humanidade para com o próximo não é necessidade, mas um ato opcional? Que não é uma lei, mas apenas um conselho? Eu mesmo desejaria que assim fosse e assim eu passaria a pensar. Mas temo o lado esquerdo, os cabritos e as imprecações do Juiz (cf. Mt 25, 31-46). Isso mesmo: não foi porque roubaram, cometeram sacrilégios ou adulteraram, nem porque cometeram qualquer outro ato proibido que esses pecadores foram condenados. Foi porque não cuidaram de Cristo na pessoa dos pobres.¹⁷⁰¹

Sabemos e não cumprimos. Sabemos que a Terra é a nossa Casa Comum. Sabemos que ela pertence a todos. Então vamos abraçar as causas da vida, da partilha, da solidariedade e do compromisso, sempre atentos aos clamores dos Irmãos aflitos, sofredores, refugiados. Denunciemos as práticas perversas daqueles que agem com egoísmo. Denunciemos os usurpadores da Terra:

Nabot não foi o único pobre assassinado. Todo dia um Nabot cai ao solo; todo dia um Nabot é assassinado... Tu não estás dando ao pobre o que é teu, mas lhe devolves o que é dele. Pois o que é comum e foi dado a todos, tu o estás usurpando sozinho. A terra pertence a todos e não apenas aos ricos. Infelizmente, são pouquíssimos os que podem usufruir a terra.¹⁷⁰²

Com São Clemente de Alexandria, proclamemos que “o uso dos bens é determinado pela necessidade, que pode ser satisfeita com muito pouco”. Proclamemos que “Deus nos deu a possibilidade do uso, mas apenas dentro dos limites do necessário”. Não podemos aceitar que em pleno século XXI, ainda exista tanta desigualdade. E, portanto, que continua sendo “um absurdo que apenas uns poucos vivam entre delícias, enquanto muitos se acham na miséria”.¹⁷⁰³ Denunciemos a desigualdade social, a ganância e as atitudes mesquinhas daqueles que acumulam bens e prosseguem explorando o órfão, a viúva, o estrangeiro:

Tu, que revestes tua cama de prata e de ouro o teu cavalo, se te pedirem conta e explicações de tanta riqueza, que razão alegarás? Quando tu já estiveres morto, as pessoas que passarem diante de teu palácio, vendo o tamanho e o luxo, dirão ao seu vizinho: ‘ao preço de quantas lágrimas foi edificado este palácio? De quantos órfãos deixados nus? De quantas viúvas injustiçadas? De quantos operários espoliados de seu salário?’ Sim, nem morto escaparás das acusações.¹⁷⁰⁴

Denunciemos aqueles que se enveredam nos caminhos das injustiças sociais e que acumulam riquezas para si. Pratiquemos a metanóia e lembremo-nos todos que, ao praticarmos a partilha, a misericórdia e a compaixão para com todas as

¹⁷⁰¹ SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, +390 (Homilia 24 sobre o amor aos pobres).

¹⁷⁰² SANTO AMBRÓSIO, 339-397; Comentário a 1Reis 21.

¹⁷⁰³ SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA, +215 (O pedagogo).

¹⁷⁰⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, 344-407; Comentário ao Salmo 49).

vítimas da história, estamos e estaremos devolvendo todos os bens que lhes pertencem, de direito:

Aqueles que não compartilham o que receberam causam cruelmente a morte de seus próximos, porque todos os dias matam todos os que morrem de pobreza, negando-lhes socorro e apenas acumulando riquezas para si próprios. Quando damos aos pobres algo de que necessitam, não estamos dando o que é nosso, mas estamos desenvolvendo o que lhes pertence. Estamos pagando uma dívida de justiça, e não realizando uma obra de misericórdia.¹⁷⁰⁵

Como pagar uma “dívida de justiça”? E se nomearmos “política de misericórdia”, no estilo que Papa Francisco propõe na *Fratelli Tutti*? E se concretizarmos um mundo melhor, nos unindo, cada pessoa na sua realidade, e praticando uma das formas mais preciosas da caridade a serviço do bem comum?¹⁷⁰⁶ Será possível conhecermos a importância do Povo, entendido como uma categoria aberta, disponível ao confronto e ao diálogo? Qual seria a chance de vivenciarmos “aqui e agora” o populismo indicado por Francisco?¹⁷⁰⁷

Oxalá, todas as nações assumam uma “política de misericórdia” centrada na dignidade humana! Oxalá, os movimentos populares, autênticas “torrentes de energia moral”, ressurgam com criatividade envolvidos na sociedade, de uma forma coordenada, tal qual uma dança *sirtaki* que integra a todos num amplo círculo fraterno;¹⁷⁰⁸ a fim de que possamos exercer uma política “com” e “dos” pobres.¹⁷⁰⁹ Destarte, nos empenharemos todos nas causas do bem comum, da erradicação da pobreza e a proteção dos direitos humanos.¹⁷¹⁰ Além disso, na concretização do Reino das Vidas pelas Vidas.

¹⁷⁰⁵ SÃO GREGÓRIO MAGNO, +604 (Regra Pastoral).

¹⁷⁰⁶ FRANCISCO. *Fratelli Tutti – Todos irmãos: sobre a fraternidade e a amizade social*. (Carta Encíclica do Santo Padre Francisco), São Paulo, Loyola, 2020, parágrafo 180.

¹⁷⁰⁷ FRANCISCO. *Fratelli Tutti – Todos irmãos: sobre a fraternidade e a amizade social*. Parágrafo 159.

¹⁷⁰⁸ *Sirtaki* (σιρτάκι) é uma dança popular de origem grega, criada em 1964 no filme *Zorba, o grego*. Não é uma dança tradicional grega, mas uma mistura de ritmos lentos e rápidos da dança folclórica grega *hasapiko*. A dança e a música (por Míkis Theodorakis) é também chamada de "Zorba's dance". O nome sirtáki vem da palavra grega *syrtos*, um nome comum de um grupo cretano. Conferir em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sirtaki>.

¹⁷⁰⁹ FRANCISCO. *Fratelli Tutti – Todos irmãos: sobre a fraternidade e a amizade social*. Parágrafos 168-169.

¹⁷¹⁰ FRANCISCO. *Fratelli Tutti – Todos irmãos: sobre a fraternidade e a amizade social*. Parágrafos 173-175.

6

Referências Bibliográficas

6.1.

Bibliografia de Jon Sobrino

SOBRINO, Jon. **A Misericórdia**. Petrópolis: Vozes, 2020.

SOBRINO, Jon. Cincuenta años para um futuro Cristiano y humano. Em: **Concilium/364**, 2016/2, p., 75-91.

SOBRINO, Jon. A santidade primordial. Em: **Concilium/351**, 2013/3, pp.40-51.

SOBRINO, Jon. O fundamental de todo ministério. Serviço aos pobres e vítimas num mundo Norte-Sul. **Concilium/334**, 2010/1, p., 11-23.

SOBRINO, Jon. Dom Romero e tu: Carta de Jon Sobrino a Ignacio Ellacuría. Publicada no sítio **Religión Digital**, 27-10-2009. Tradução de **Moisés Sbardelotto**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em 25 de novembro de 2009.

SOBRINO, Jon. Los mártires de La UCA. Exigencia y gracia. **Revista Latinoamericana de Teología/78**, Septiembre-Diciembre, 2009, p., 227-239.

SOBRINO, Jon. Com Dom Romero Deus passou por El Salvador. **Concilium/333**, 2009/5, p., 85-95.

SOBRINO, Jon. Humanizar una civilizacion enferma. **Concilium/329** – Febrero, 2009, p., 79-89.

SOBRINO, Jon. O Reino de Deus e Jesus: compaixão, mesa compartilhada. **Concilium/326**, 2008/3, p., 71-81.

SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópicos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOBRINO, Jon. A causa dos mártires. *In*: FORCANO, B. - LALLANA, E. - CONCEPCIÓN, J. M. - CEREZO, M. **Pedro Casaldáliga: as causas que imprimem sentido à sua vida - Retrato de uma personalidade**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008, p., 129-150.

SOBRINO, Jon. **Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SOBRINO, Jon. El Theos de la teo-logía ante el Foro Social Mundial. **Revista Latinoamericana de Teología/71**, Mayo-agosto, 2007, p., 211-224.

SOBRINO, Jon. Extra pauperes, nulla salus. Pequeno ensayo utópico-profético. **Revista Latinoamericana de Teologia/69**, Septiembre-Diciembre, 2006, p., 219-261.

SOBRINO, Jon. La centralidade del Reino de Dios anunciado por Jesús. **Revista Latinoamericana de Teologia. /68**, Mayo-agosto, 2006, p., 135-160.

SOBRINO, Jon. “El Pueblo crucificado” y “la civilización de la pobreza”. “El hacer-se cargo de la realidad” *de Ignacio Ellacuría*. **Revista Latinoamericana de Teologia/66**, Septiembre-Diciembre, 2005, p., 209-228.

SOBRINO, Jon. Diante da Ressurreição de um crucificado – uma esperança e um modo de viver. **Concilium/318**, 2006/5, p., 96-107.

SOBRINO, Jon. Jesus y la justicia. Reflexiones para occidente. **Revista Latinoamericana de Teologia/62**, Mayo-agosto, 2004, p., 179-198.

SOBRINO, Jon. Nosso mundo. Crueldade e compaixão. *In*: **Concilium/299**, 2003/1, p., 12-21.

SOBRINO, Jon. La utopia de los pobres y el Reino de Dios. **Revista Latinoamericana de Teologia/56**, Mayo-agosto, 2002, p., 145-170.

SOBRINO, Jon. Redenção da globalização: as vítimas. **Concilium/293**, 2001/5, p., 114-124.

SOBRINO, Jon. Redención de la barbárie y el terrorismo. **Revista Latinoamericana de Teologia/52**, Enero-Abril, 2001, p., 211-234.

SOBRINO, Jon. Reflexión-meditación Cristiana sobre el terremoto. **Revista Latinoamericana de Teologia/52**, Enero-Abril, 2001, p., 77-102.

SOBRINO, Jon. Teologia e Realidade. *In*: SUSIN, Luis Carlos (org.) **Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia**. Petrópolis: Vozes, 2001, p., 277-309.

SOBRINO, Jon. Universalização da solidariedade e da esperança. “A marcha pela paz”. Butembo, Congo, 24 de fevereiro a 4 de março de 2001. **Concilium/293**, 2001/5, p., 125- 128.

SOBRINO, Jon. WILFRED, Félix. (Editorial) As razões para o retorno deste tema. **Concilium/293**, 2001/5, p., 9-13.

SOBRINO, Jon. Jesuscristo liberador. **Lectura histórico teológica de Jesús de Nazaré**. San Salvador: UCA Editores, 2000, 4ª edición, 455p.

SOBRINO, Jon. Teologia desde La realidad. *In*: SUSIN, L. C. (Org.) **O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2000, p., 63-68.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRINO, Jon. Los mártires jesuânicos em el tercer mundo. **Revista Latinoamericana de Teologia/48**, Septiembre-Diciembre, 1999, p., 237-255.

SOBRINO, Jon. Deus. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C. & TAMAYO-ACOSTA, J.J. (orgs.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p., 173-182.

SOBRINO, Jon. Identidade cristã. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C. & TAMAYO-ACOSTA, J.J. (orgs.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p., 342-354.

SOBRINO, Jon. Seguimento de Jesus. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C. & TAMAYO-ACOSTA, J.J. (orgs.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p., 771-775.

SOBRINO, Jon. Opção pelos pobres. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C. & TAMAYO-ACOSTA, J.J. (orgs.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999. p., 528-540.

SOBRINO, Jon. Um Jubileu total “Dar esperança aos pobres e deles recebê-la”. **Concilium/283**, 1999/5, p., 149-161.

SOBRINO, Jon. Vida Religiosa. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C. & TAMAYO-ACOSTA, J.J. (orgs.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p., 881-887.

SOBRINO, Jon. “O ressuscitado é o crucificado”. Ameríndia (org.). **Globalizar a esperança**. São Paulo: Paulinas, 1998, p., 63-78.

SOBRINO, Jon. A violência da injustiça. **Concilium/272**, 1997/4, p., 65-74.

SOBRINO, Jon. **Jesus, o Libertador: I - A História de Jesus de Nazaré**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOBRINO, Jon. Reflexiones sobre la evangelización em la actualidad. **Revista Latinoamericana de Teologia/39**, Septiembre-Diciembre, 1996, p., 281-305.

SOBRINO, Jon. La teologia y el “principio liberación”. **Revista Latinoamericana de Teologia/35**, Mayo-agosto, 1995, p., 115-140.

SOBRINO, Jon. La pascua de Jesús y la revelación de Dios desde la perspectiva las víctimas. **Revista Latinoamericana de Teologia/34**, Enero-abril, 1995, p., 79-91.

SOBRINO, Jon. **O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOBRINO, Jon. Apuntes para uma espiritualidade em tempos de violência. Reflexiones desde la experiência salvadorenha. **Revista Latinoamericana de Teologia/29**, mayo-agosto, 1993, p., 189-208.

SOBRINO, Jon. Aniquilação do outro. Memória das vítimas. Reflexão profético-utópica. **Concilium/245**, 1993/1, p., 133-144.

SOBRINO, Jon. De una teología sólo de la liberación a una teología del martírio. **Revista Latinoamericana de Teologia/28**, Enero-abril, 1993, p., 27-48.

SOBRINO, Jon. **Que Cristo se descobre na América Latina: Nova espiritualidade**. Grande Sinal, Petrópolis, Ano XLVII, 624-640, 1993/5.

SOBRINO, Jon. Messias e messianismos. Reflexões a partir de El Salvador. **Concilium/245**, 1993/1, p., 133-144.

SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992.

SOBRINO, Jon. **Os seis jesuítas mártires de El Salvador. Depoimento de Jon Sobrino**. São Paulo: Loyola, 1990.

SOBRINO, Jon. Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. À memória de Ignacio Ellacuría. **Concilium/232**, 1990/6, p., 117-127.

SOBRINO, Jon. Como fazer teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana. **Perspectiva Teológica/55**, set/dez, 1989, p., 285-303.

SOBRINO, Jon. **Compañeros de Jesus. El asesinato-martirio de los jesuítas salvadoreños**. Santander-Espanha: Editorial Sal Terrae, 1989.

SOBRINO, Jon. **Oscar Romero. Profeta e mártir da libertação**. São Paulo: Loyola, 1988.

SOBRINO, Jon. A injusta e violenta pobreza na América Latina. **Concilium/215**, 1988, p., 60-65.

SOBRINO, Jon. América Latina, lugar de pecado e de perdão. **Concilium/204**, 1986/2, p., 46-58.

SOBRINO, Jon. **Liberación com espírito. Apuntes para uma nueva espiritualidade**. San Salvador: UCA Editores, 1985.

SOBRINO, Jon. A “autoridade doutrinal” do Povo de Deus na América Latina. *In*: **Concilium/200**, 1985/4, p., 60-68.

SOBRINO, Jon. **Jesus na América Latina: Seu significado para a fé e a cristologia**. São Paulo/Petrópolis: Loyola/Vozes, 1985.

SOBRINO, Jon. Perfil de uma santidade política. **Concilium/183**, 1983/3, pp. 25-33.

SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOBRINO, Jon. **Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia**. São Paulo: Loyola, 1982.

SOBRINO, Jon. A fé de um povo oprimido no Filho de Deus. **Concilium/173**, 1982/3, p., 35-43.

SOBRINO, Jon. **A oração de Jesus e do Cristão**. São Paulo: Loyola, 1981.

SOBRINO, Jon. Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. **Concilium/150**, 1979/10, p., 18-27.

SOBRINO, Jon. O seguimento de Jesus como discernimento cristão. **Concilium/139**, 1978.9, p., 17-27.

6.2.

Dicionários

EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.

ELLACURIÁ, Ignacio; SOBRINO, Jon. **Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la teología de la liberación (Tomo 1)**. El Salvador: Talleres Gráficos UCA, 1992.

ELLACURIÁ, Ignacio; SOBRINO, Jon. **Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la teología de la liberación (Tomo 2)**. El Salvador: Talleres Gráficos UCA, 1992.

ELLACURIÁ, Ignacio; SOBRINO, Jon. **Historicidad de la salvación Cristiana**. In: **Escritos Teológicos**. Tomo I. San Salvador: UCA, 2000. Páginas 535-596.

FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1989.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

L. BORIELLO, E; CARUANA, M. R; DEL GENIO, N. Suffi (orgs.). **Dicionário de mística**. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2003.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas/Edições Loyola, 2004.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolo bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993.

MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

PEDRO Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMANES, Casiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

SUESS, Paulo. **Dicionário da Evangelii gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do evangelho -, do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no Mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2015.

XABIER PIKAZA, O. de M.; NEREO SILANES, O.SS.T. **Dicionário teológico: o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998.

6.3

Bibliografia de outros autores

AGOSTINHO, Santo. **A Graça (I)**. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **A Graça (II)**. São Paulo: Paulus, 1999.

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994

ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio do Vaticano II**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio do Vaticano II**. Vol. II: A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intersessão (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis: Vozes, 1999.

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

AMADO, Joel Portela; AGOSTINI, Leonardo F. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. **Fé e Eficácia. O uso da sociologia na teologia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1991.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A crise da modernidade e as possibilidades de uma nova militância cristã. *In*: SUSIN, Luiz Carlos. **Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia**. Petrópolis: Vozes, 2001. Páginas 213-224.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. **Possibilidades da Relação Fé e Política em uma Era Secular**. Texto apresentado no Seminário Internacional “Secularização e Novos Desafios” no dia 19 de outubro de 2011, páginas 1-18.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Opción por los pobres em el magistério. Pensamiento social católico desde el Vaticano II hasta la Conferencia de Aparecida. Em: **CONCILIUM. La globalización y la Iglesia de los pobres**. N. 361/Junio -2015, páginas 31-41.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **A teologia como intelecção do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría**. Inaugural Dissertation zur Erlangung der theologischen Doktorwürde an der Katholisch-Theologischen Fakultät der Westfälischen Wilhelms—Universität Münster in Westfalen. Dezembro, 2008, página 251.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **A teologia como intelecção do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría**. São Paulo: Loyola, 2010.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **A dimensão socioestrutural do Reinado de Deus: Escritos de Teologia Social**. São Paulo: Paulinas, 2011.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **Teoria teológica: Práxis teologal sobre o método da Teologia da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2012.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **Viver segundo o espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento**. São Paulo: Paulinas, 2014.

AQUINO JUNIOR, Francisco de.; MAIER, M; CARDENAL, R. (Orgs). **A civilização da pobreza: o legado de Ignacio Ellacuría para o mundo de hoje**. São Paulo: Paulinas, 2014.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. 50 Anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais. *In: Perspectiva Teológica/2018*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, pp. 41-58.

ARAYA, Victorio. **El Dios de los pobres: El Misterio de Dios em la TdL**. San José: DEI, 1985. Páginas 48-54.

BALDINI, Massimo. Silêncio. Em: **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003. Páginas 968-970.

BARROS, Lúcia. **Mindfulness em família: como desenvolver a Presença Plena e ensinar a seus filhos valores que podem transformar o mundo**. São Paulo: Fontanar, 2019.

BENSAID, Catherine; LELOUP, Jean-Yves. **O essencial no amor: as diferentes faces da experiência amorosa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BERTHERAT, Thérèse. BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência e si**. 19^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BINGEMER, Maria Clara L. (org.). **Testemunhas do Século XX: Mounier, Weil e Silone**. Rio de Janeiro: Uapê/Editora PUC-Rio, 2007.

BINGEMER, Maria Clara L. **Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso**. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2008.

BINGEMER, Maria Clara L.; ANDRADE, Paulo Fernando C. (orgs.). **Secularização: novos desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

BINGEMER, Maria Clara L. **O Mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

_____. El sufrimiento de Dios em algunas teologías contemporâneas. Disponível em: **Concílium/366**, Junho, 2016, p., 87.

_____; CASARELLA, Peter (Orgs). **Testemunho: profecia, política e sabedoria**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2017.

BOFF, Clodovis. **Teologia e Prática**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Vol. II: convivência, respeito, tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOFF, Leonardo. Prólogo. Descer da cruz os pobres. *In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, 9-10.

BOFF, Leonardo. **Direitos do coração: como reverdecer o deserto**. São Paulo: Paulus, 2015.

BOFF, Lina. **Mariologia: interpelações para a vida e para a fé**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOFF, Lina. **Da esperança à vida plena em Cristo - Vivendo as realidades que entrevemos**. Juiz de Fora: Editar Editora Associada, 2010.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2002.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. O compromisso de descer da cruz os pobres. *In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. (Comissão Teológica Internacional, Associação Ecumênica de Teólogos do

Terceiro Mundo / José Maria VIGIL, org.). São Paulo: Paulinas, 2007, 37-47.

BRAVO, Arturo. **O estilo pedagógico do Mestre Jesus**. São Paulo: Paulus, 2007.

BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosário (orgs.). **A Teologia da Libertação em perspectiva**. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Quando os dias fazem pensar: memória, ideário, compromisso**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura)**. Vol. 2. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

CATALFO, Carlos Eduardo. A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino. *In*: SOARES, Afonso M. L. **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 55-90.

CAVADA, Miguel. **El corazón de Monseñor Romero**. San Salvador: Centro Monseñor Romero, 2010.

CELANO, Sandra. GUERRINI, Ivan Amaral. **Mãos que tocam a alma: sugestões para uma educação transdisciplinar**. São Paulo: TRIOM, 2008.

CHÂTELET, François. **Hegel**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1995.

CHIERA, Renato. **Presença: contribuições para uma educação de inclusão**. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2008.

CIARDI, Fábio. Fidelidade. *In*: **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 423-424.

CIMADAMORE, Alberto D.; CATTANI, Antonio David. (Coord.). **Producción de pobreza y desigualdad em América Latina**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2008.

CODINA, Victor. Nuevos desafios de la Teología de la Liberación. *In*: **Perspectiva Teológica**. Vol. 48, n. 2, maio/agosto 2016, pp. 229-243.

_____. Las Ponencias de Medellín. *In*: **Perspectiva Teológica/2018**. Belo Horizonte, v. 50, n. 1, janeiro/abril 2018, p., 59-76.

COMBLIN, José. **Reflexões sobre a Notificação enviada a Jon Sobrino**. *In*: **Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 80-88.

COMBLIN, José. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CORMIE, Lee. O Jesus da história, os cristãos da fé e a esperança de que outro mundo é possível. *In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 94-106.

COSTA, Jurandir F. **O ponto de vista do outro: Figuras de ética na ficção de Graham Greene e Phillip K. Dick**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DANIEL-ROPS, Henri. **A igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 2014.

DE CEA, Emetério. Simplicidade. *In: Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 877-878.

DE FIORES, Stefano. Maria. *In: Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p., 662-671.

DENARDI, Marcos Rogério. **“O outro crucificado” e “o olhar do outro”:** um estudo comparativo entre Jon Sobrino e Emmanuel Lévinas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PUC-RS, 2006. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org>. Acessado em 28 de dezembro de 2010.

DIAS, Adriano. **Mártires da Baixada. Uma história de sangue e esperança**. Disponível em: <http://www.comcausa.org.br/martiresdabaixada>. Acessado em 14 de março de 2010.

DÜRCKEIHM, Karlfried Graf. **Em busca do mestre interior: o ser humano como mestre, discípulo e caminho**. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELOLA, Joseba. *Programado para estragar*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/13/tecnologia/1507894455_001314.html. Acessado em: 21 de setembro de 2020.

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica**. Petrópolis: Vozes, 1978.

EVDOKIMOV, Paul. **O silêncio amoroso de Deus**. São Paulo: Editora Santuário, 2007.

FAUS, José Ignacio González. Mística de La compasión: mística de ojos abiertos. Proporciones sobre La mística jesuánica. *In: Revista Latinoamericana de Teologia*. Mayo-agosto/1999, Año XVI. Páginas 135-150.

FEYNMAN, Richard. **Sobe as leis da física**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2012.

FINK, Bruce. **Sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FIORAVANRI, Celina. **O poder dos salmos: como usar a força dos salmos para favorecer a cura, o trabalho, os relacionamentos e outras graças**. São Paulo: Pensamento, 2009.

FISICHELLA, Rino. *Martírio*. In: **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis/Aparecida, Vozes/Santuário, 1994, p., 568-577.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FORMOSO GALARRAGA, ANA MARIA. **A Teologia da Ressurreição em Jon Sobrino**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PUC-RS, 2005.

FRIARY, Vítor. **Mindfulness para crianças: estratégias da Terapia Cognitiva baseada em Mindfulness (MBCT) – manual ilustrativo para pais, educadores, psicólogos e psiquiatras**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018.

FRIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu: agumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FUX, Maria. **Dançaterapia**. São Paulo: Summus, 1988.

GESCHÉ, Adolphe. **O mal**. São Paulo: Paulinas, 2003.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 1998.

GIBELLINI, Rosino. **Perspectiva teológicas para o século XXI**. Aparecida: Editora Santuário, 2005.

GOGOLA, Zdzislaw. **La vida que nasce del martírio; los misioneros franciscanos conventuales em Perú**. Palencia: Ediciones Cálamo, 2006.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMNONATTO, Vera Ivanise (orgs.). **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GONZÁLEZ, Antonio. **Trinidad y liberación: La teología trinitária considerada desde la perspectiva de la TdL**. San Salvador: UCA, 1994, p., 75-82.

GONZALÉZ FAUS, José Ignacio. **Mística de la compasión: mística de ojos abiertos. Proporciones sobre la mística jesuánica**. In: **Revista Latinoamericana de Teología**. Mayo-Agosto/1999, Año XVI, p., 135-150.

GRACIA, Diego; ZUBIRI, Xavier. In: **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p., 1054-1057.

GROSSI, Getúlio Mota. **Um místico da Missão, Vicente de Paulo**. Belo Horizonte-MG: O Lutador, 2016.

GUERRA, Santiago. **Mística**. In: **Dicionário teológico: o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p., 574-586.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Onde dormirão os pobres?**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Francisco me lembra o Papa João XXIII**. Disponível em: <http://ihu.unisinos.br>. Publicado em: 11 de setembro de 2013. Acessado em: 11 de setembro de 2013.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Os preferidos de Deus**. Disponível em: <http://ihu.unisinos.br>. Publicado em: 05 de setembro. Acessado em: 11 de setembro de 2013.

GUZMÁN, María Dolores López. **Desafíos del perdón después de Auschwitz: Reflexiones de Jankeélévitch desde la Shoa**. Madrid: San Pablo, 2010.

HAERING, Bernard. **Moral y religion em uma perspectiva Cristiana**. In: **El Ateísmo Contemporáneo**. Vol. IV. Ediciones Cristiandade: Madrid, 1973, p., 216-217.

HAIGHT, Roger. **O futuro da Cristologia**. São Paulo: Paulinas, 2008.

HAMMES, Érico João. **Filii in Filio. A Divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em J. Sobrino**. Roma, PUG, 1995. Dissertatio ad doctoratum in Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregorianae.

HARRIS, Dan. **Meditação para céticos e ansiosos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

HARRIS, Sam. **Carta a uma nação cristã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ODIER, Daniel. **Abra as portas da felicidade: 19 meditações para você viver de forma autêntica e plena**. São Paulo: Cultrix, 2019.

HART, William. **Meditação Vipassana: a arte de viver segundo S. N. GOENKA**. Rio de Janeiro: Dhamma Livros, 1987.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito: PARTE 1**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1992.

HILPERT, Konrad. Ética social/Solidariedade. *In: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 262-271.

HOBSBAWM, E. Towards the Millennium. *In: Age of Extremes*. Londres: 1994. Páginas 555-585. Citado em Gutierrez, G. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003, p., 7.

IRARRÁZVAL, Diego. Provocação cristológica. *In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 180-183.

JOSAPHAT, Carlos. **Vaticano II: A Igreja aposta no Amor Universal**. São Paulo: Paulinas, 2013.

KASPER, Walter. **Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã**. Portugal: Ed. Lucerna, 2015.

KNITTER, Paul F. **Introdução às Teologias das Religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.

KRAISCH, Gilberto. **Jesus e o anúncio do Reino de Deus na teologia de Jon Sobrino: A perspectiva das vítimas e o compromisso de descer da cruz os povos crucificados**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faje, Belo Horizonte, 2008.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns**. Campinas: Verus Editora, 2004.

LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro: o místico a Trindade**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LAGACHE, Sylvie. **Respirando a vida: iniciação para u trabalho de integração corpo-espírito**. São Paulo: Paulinas, 2004.

LANG, Bernhard. Profecia. *In: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 722-728.

LELOUP, Jean-Yves. **Introdução aos “verdadeiros filósofos”: os Padres Gregos: um continente esquecido do pensamento ocidental.** Petrópolis: Vozes, 2003.

LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da realização: dos medos do eu ao mergulho no Ser.** Petrópolis: Vozes, 1996.

LIBANIO, J. B. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LIBANIO, J. B. **Carência e plenitude: elementos para uma memória do essencial.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIBANIO, J. B. **Introdução à Teologia Fundamental.** São Paulo: Paulus, 2014.

LIBANIO, J. B. **Conferências gerais do episcopado latino-americano: do Rio de Janeiro a Aparecida.** São Paulo: Paulus, 2007,

LIBANIO, J. B. **Qual o futuro do Cristianismo?.** São Paulo: Paulus, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, Geraldo. **Gaudium et Spes: texto e comentário.** São Paulo: Paulinas, 2011.

LUBAC, Henri de. **Budismo y Cristianismo.** Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos.** São Paulo: Paulus, 1993.

MARTINI, Cardeal Carlo M.; SPORSCHILL, Georg. **Diálogos noturnos em Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2008.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético.** São Paulo: Paulinas, 1989.

MATTOS, Theóphilo Antônio da Rocha. **O Reino de Deus, sua centralidade na obra teológica de Jon Sobrino.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1995.

MEDEIROS, Alexandre. A violência como rotina. **Revista Época**, n. 67. pp. 60-63, agosto. 1999.

METZ, J. B. "Teología europea y teología de la liberación". Em COMBLIM, J. GONZÁLEZ-FAUS, J.I. SOBRINO, J. (eds.). **Cambio social y pensamiento Cristiano em América Latina**. Madrid, 1993. Página 268.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MIETH, Dietmar. Mística. *In: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p., 489-494.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo: A doutrina da Graça**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MIRANDA, Mario de França. **Igreja e sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MOINGT, Joseph. **O homem que vinha de Deus**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. Santo André: Academia Cristã, 2014.

_____. **Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **O espírito da vida: uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Pobre para os pobres: a missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MÜLLER, Gerhard Ludwig.; GUTIÉRREZ, Gustavo. **Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MUÑOZ, Ronaldo. **A notificação a Jon Sobrino. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 214-218.

NARANJO SALAZAR. Gabriel. **São Vicente de Paulo e a antropologia do pobre**. Caraça-MG: Editora SSVP, 2000.

NASCIMENTO, Milton. BLACK. Dani. *Maior*. Composição: Dani Black. Música: Milton Nascimento. Álbum: Dilúvio. 2015.

NAVARRO, Tomás. **Kintsugi: a arte japonesa de aceitar suas imperfeições e encontrar a felicidade**. São Paulo: Benvirá, 2019.

NHAT HANH. Thich. *Medo: sabedoria indispensável para transpor a tempestade*. Petrópolis: Vozes, 2015.

NHAT HANH. Thich. **Sem lama não há lótus: a arte de transformar o sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 2016.

NHAT HANH. Thich. **O milagre da atenção plena: uma introdução à prática da meditação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

NOUWEN, Henri. **O curador ferido: ministério da sociedade contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2020.

OKURE, T.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. Repensar o martírio. **Concilium/299**, 2003/1, p., 7-11.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Os clamores do Papa Francisco, Bispo de Roma, são nossos clamores**. Publicado no Facebook em 27 de novembro de 2013. Acessado em 27 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Celebrar Clara e Francisco com filósofos e teólogos. Rio de Janeiro-RJ**. Escrito e publicado no Facebook no dia 11 de dezembro de 2014. Acessado em 27 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Fixar o olhar no rosto do Cristo sofredor á luz da compaixão e da misericórdia**. Rio de Janeiro, escrito e publicado no Facebook em 13 de dezembro de 2013. Acessado em 21 de outubro de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Onde dormirão os pobres?** Insight na madrugada, Rio de Janeiro-RJ, escrito e publicado no Facebook no dia 15 de maio de 2020. Acessado em 21 de outubro de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **O essencial é dar sentido à vida**. Para homenagear o Mirante do Cruzeiro em Tucano-BA. Escrito e publicado no Facebook em 16 de maio de 2020. Acessado em 21 de outubro de 2021.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Produzir teologia na perspectiva das vítimas: Um desabafo**. Publicado no Facebook em 27 de novembro de 2015. Acessado em 27 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Flor do Sertão que resistiu e resiste**. Inspiração no crepúsculo. Escrito e publicado no Facebook no dia 13 de julho de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **Entre a Cruz e a Luz**. Insight na alvorada, Rio de Janeiro-RJ, escrito e publicado no Facebook no dia 17 de maio de 2020. Acessado no dia 21 de outubro de 2020.

OLIVEIRA, Ana Márcia S. **E se compreendermos?** Insight na alvorada. Escrito e publicado no Facebook em 12 de maio de 2020. Acessado em 21 de outubro de 2020.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. (Org.). **A opção pelos pobres no Século XXI.** São Paulo: Paulinas, 2011.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. **A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla.** Em: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, set./dez. 2019, pp. 1479-1502.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus: aproximação histórica.** Petrópolis: Vozes, 2010. 651p.

PAINADATH, Sebastian. La fuerza transformadora del silencio contemplativo. Em: **Concilium/363**, novembro, 2015, p., 35-46.

PALACIO, Carlos. Uma cristologia suspeita? Alguns pressupostos para um debate teológico. **Perspectiva teológica/66**, 1993, p., 181-196.

PANNENBERG, Wolfhart. **Fé e Realidade.** São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

PATRÍCIO, Zélia; GONÇALVES FILHO, Tarcizo. **Comunicação e consciência do corpo: toques para dançar a vida.** São Paulo: Paulinas, 1998.

PAULINO, Francisco de Aquino. **A teologia como inteligência do reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría.** Inaugural-Dissertation zur Erlangung der theologischen Doktorwürde na der Katholisch-Theologischen Fakultät der Westfälischen Wilhelms-Universität Münster in Westfalen. Dezembro, 2008.

PAULINO, Francisco de Aquino. A teologia como "intellectus amoris". A propósito da crítica de Clodovis Boff a Jon Sobrino. *In: REB/274*, Abril-Junho 2009, 388-415.

PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins.** Aparecida: Santuário, 1993.

PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino. **Deus na filosofia do século XX.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PERIN, Ângelo Avelino. **A teologia de Jon Sobrino a partir do princípio misericórdia.** Dissertação de Mestrado apresentada à Faje, Belo Horizonte, 2007.

PESENTI, G. G. Mistagogia. *In: Dicionário de Mística.* São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2003, p., 702-703.

PIMENTEL, Spensy. **Mães da Baixada Fluminense lutam para vítimas não serem culpadas por violência**. Disponível em: www.agenciabrasil.gov.br. Acessado em 27 de abril de 2010.

PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. **Opção pelos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1987.

QUEIROZ, Márcio Roberto Alves de. **Nossa História**. Cf. Panfleto da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada. Paróquia São Simão, Diocese de Nova Iguaçu, 1998. Conferir em <http://www.youtube.com/watch?v=J8c4B7jwMXc>. Criado em 21/06/2007. Acessado em 03 de Maio de 2011.

RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 1989.

RAVA, E. C. Mártir. *In*: **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2003, p., 680-681.

RAMPON, Ivanir Antonio. **O caminho espiritual de Dom Helder Câmara**. São Paulo: Paulinas, 2013.

REBÓN, Marta. **Kintsugi: a beleza das cicatrizes da vida**. Conferir em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/01/eps/1512125016_071172.html. Acessado em: 21 de setembro de 2020.

RETAMALES, Santiago Silva. **Discípulo de Jesus e discipulado segundo a obra de São Lucas**. São Paulo: Paulinas, 2005

RETAMALES, Santiago Silva. **Os discípulos de Jesus: Relatos e imagens da vocação e missão na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2007.

RESTERPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RICHARD, Pablo. **Força Ética e espiritual da Teologia da Libertação no contexto atual da globalização**. São Paulo: Paulinas, 2006.

RICHARD, Pablo. Em qual Jesus a Igreja crê? *In*: **Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 237-243.

ROCCHETTA, Carlos. **Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir**. São Paulo: Paulus, 2002.

ROY, Ana. **Tu me deste um corpo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SANDER, Luis Marcos. **Jesus, o libertador: a cristologia da libertação de Leonardo Boff**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1986.

SÃO VICENTE DE PAULO. **Sobre o Espírito de Compaixão e de Misericórdia**. Tomo XI. Colóquio 152, p., 349.

SCAGLIA, Felice (org.). **La teologia scomoda. II “caso Sobrino”**. Molfeta, Edizioni La meridiana, 2008, 90p.

SCANNONE, Juan Carlos. **A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus: A história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. **Simbolismo do Corpo na bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCUDELER, Luiz Gonzaga. **Doutrina social da Igreja e o Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2014.

SECUNDO, Juan Luis. **O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SHAMASAH, ALDINA. **Mindfulness para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SICRE, José Luis. Profetismo. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO-ACOSTA J. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p., 654-663.

SILVERTON, Sarah. **A revolução Mindfulness: um guia para praticar atenção plena e se libertar da ansiedade e do estresse**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

SOARES, Afonso Maria Ligório (org). **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOLS, José. **Teologia do martírio**. *In*: **Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2007, p., 297-303.

SOUZA ALVES, José Cláudio. **Dos barões do extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, RJ, APPH, CLIO, 2003.

STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (orgs.). **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. 318p.

SUNG, Jung Mo. Sujeito e defesa da vida das vítimas. *In*: Luiz Carlos SUSIN. **Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia**. Petrópolis: Vozes, 2001. p., 225-247.

SUNG, Jung Mo. El pobre después de la teología de la liberación. *Em*: **Concilium/361** junho 2015, p., 79-90.

SUREKI, Luiz Carlos. Medellín: 50 anos... História, Memória, Promessa. *In*: **Perspectiva Teológica/2018**, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p., 11-17.

SUSIN, L. C. O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja. *In*: **Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2007. p., 322-329.

SUSIN, L. C. A Boa-Notícia aos pobres: um critério de identidade cristã. *In*: SOARES, Afonso M. L. **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 157-177.

SUSIN, L. C. Teologia: hermenêutica para um futuro comum. *Em*: **Concilium/364**, febrero, 2016, p., 51-62.

TAMAYO, Juan José. Teologia para outro mundo é possível. *In*: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo: Paulinas, 2006, p., 437-453.

TAMAYO-ACOSTA J. Teologias da Libertação. *In*: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO-ACOSTA J. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p., 820-827.

TAVARES, Sinivaldo S. **A Cruz de Jesus e o sofrimento no mundo: A contribuição da Teologia da Libertação latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVARES, Sinivaldo S. O martírio cristão: expressão da misericórdia consequente. *In*: SOARES, Afonso M. L. **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009, p., 121-153.

TEIXEIRA, Faustino. O Jesus de Pagola. Ihu On-Line. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos/336**, Ano X, (06.07.2010).

THEISSEN, Gerd. **Sociología do Movimento de Jesus**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus Histórico: um manual**. São Paulo: Edições Loyola, 2002

TRASFERETTI, José; Gonçalves, Paulo Sérgio L. (orgs). **Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TOLLE, Eckhart. **A voz da serenidade**. Lisboa: Ed. Pergaminho, 2013, p., 77-78.

TOLLE, Eckhart. **O poder do agora**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

TRIGO, Pedro. **Desafios para a Teologia da América Latina**. Em: http://www.faculdadejesuita.edu.br/ler_conteudo.asp?id=917. Publicado em: 16/09/2010. Acessado em: 28 de setembro de 2011.

UEDA, Edgar. **Kintsugi: o poder de dar a volta por cima**. Porto Alegre: Citadel, 2018.

VIEIRA, Pe. Antônio. **Sermões Escolhidos**. São Paulo: FTD, 2017, p., 45-73.

VIGIL, José María (org.). **Bajar de la cruz a los pobres: Cristología de la Liberación**. Comisión Teológica Internacional de la ASETT, Asociación Ecueménica de Teólogos/as del Tercer Mundo (EATWOT, Ecumenical Association of Third World Theologians). 2007, segunda edición. Disponível em: <http://www.scribd.com>. Acessado em: 15 de Janeiro de 2011.

VIGIL, José María (org.). **Baixar da Cruz os pobres: Cristologia da Libertação**. Comissão Teológica Internacional da ASETT (Associação Ecuemênica de Teólogos do Terceiro Mundo). São Paulo: Paulinas, 2009.

VITALI, Alberto. **Oscar Romero: mártir da esperança**. São Paulo: Paulinas, 2015.

WILLIAMS, Mark. **Atenção plena**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

WRIGHT, Scott. **Oscar Romero e a comunhão dos santos: biografia**. São Paulo: Paulus, 2011.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real! cinco Ensaio sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ZIZEK, Slavoj. **A Marioneta e o Anão – O Cristianismo entre a Perversão e Subversão**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: sies reflexões laterais**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

ZIZEK, Slavoj. **O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

6.4.

Fontes de informação eletrônica

<http://www.agenciabrasil.gov.br>.

[http:// www.comcausa.org.br.martiresdabaixada](http://www.comcausa.org.br/martiresdabaixada)

<http://www.cebi.org.br>

[http:// www.fao.org](http://www.fao.org)

<https://www.ihu.unisinos.br>

<http://www.iserassessoria.org.br>

<http://www.oikosnet.org>.

<http://www.paroquiasaosimao.org>.

<http://www.redconosur.com>.

http://www.retreatcenternetwork.org/about_us/oikosnet.shtml

<http://www.servicioskoinonia.org>.

<http://www.teologia-contemporanea.blogspot.com/2008/02/jurgen-moltmann-1926.html>.

<http://www.youtube.com/watch?v=J8c4B7jwMXc>.

[http:// www.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona](http://www.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona)

http://www.wikipedia.org/wiki/EI_Salvador.

6.5. Jornais

Jornal do Brasil. **Tema do dia**. Sábado, 20 de junho de 2009, A2 e A3.

LESSA, Hévio. **Páscoa de Fé e de esperança**. Disponível em: Jornal O DIA. Segunda-feira, 9 de abril de 2007, Geral 03.

LESSA, Hévio. **A fé que supera a tragédia**. Disponível em: Jornal O DIA. Domingo, 8 de abril de 2007, Geral 10-11.

LESSA, Hévio. **Uma esperança contra o crime**. *In*: Jornal O DIA. Domingo, 8 de abril de 2007, Geral 11.

LESSA, Hévio. **Atraída pela esperança**. *In*: Jornal O DIA. Quarta-feira, 11 de abril de 2007, Geral 07.

FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). **Um bilhão de famintos no mundo**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2009, Páginas A2 e A3.

FAO. **SOFI 2021: Relatório da ONU destaca impactos da pandemia no aumento da fome no mundo**. Conferir em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1415747/>. Publicado em 12 de julho de 2021. Acessado em 13 de julho de 2021.

6.6. Documentos da Igreja

BENTO XVI. **Carta Encíclica: CARITAS IN VERITAE**. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal: VERBUM DOMINI**. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. Brasília- Brasil, São Paulo-SP, CNBB, Paulus, Paulinas, 2008.

CNBB. **Evangelização e missão profética da Igreja: novos desafios**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Vaticano II: (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

FRANCISCO. **Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum (Carta Encíclica).** São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

FRANCISCO. **Amoris Laetitia. A alegria do amor. Sobre o amor na família. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal).** São Paulo: Paulus/Loyola, 2016.

FRANCISCO. **Fratelli Tutti – Todos irmãos: sobre a fraternidade e a amizade social (Carta Encíclica do Santo Padre Francisco).** São Paulo: Loyola, 2020

JOÃO XXIII. **Carta Encíclica: MATER ET MAGISTRA – Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã.** 13 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

JOÃO XXIII. **Carta Encíclica: PACEM IN TERRIS.** 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica: CENTESIMUS ANNUS.** 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica: Trabalho humano –“LABOREM EXERCENS” 90º aniversário da RERUM NOVARUM.** 14ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica: FIVES IN MISERICORDIA (a misericórdia divina).** 9ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica: Solicitude Social.** 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

LEÃO XII. **Carta Encíclica: RERUM NOVARUM.** 18ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica sobre Jesus Cristo Redentor: “TAMETSI FUTURA”.** São Paulo: Paulinas, 2005.

PAULO VI. **Carta Encíclica: POPULORUM PROGRESSO.** 14ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

PAULO VI. **Carta Apostólica: OCTOGESIMA ADVENIENS.** 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011

PIO XI. **Carta Encíclica: Quadragésimo Anno.** 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.